



ACORDO
COM
LIM
BABACA

SÉRIE BABACAS DE TERNO | 1

READLISSA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

ACORDO COM UM BABACA

SÉRIE BABACAS DE TERNO | 1

READLISSA



Copyright © 2022

Todos os direitos reservados

Acordo com um babaca 1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, personagens, lugares ou fatos terá sido uma mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes - tangíveis ou intangíveis - sem prévia autorização da autora. A

violação dos direitos autorais é crime, estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Diretora Editorial: Simone Souza

Coordenadora: Bianca Albuquerque

Revisão ortográfica: Luísa Bruno, Ana Carolina e Simone Souza

Projeto gráfico: Heloísa Batistini

(ficha catalográfica)

NOTA DA AUTORA

Escrevo para te trazer uma realidade diferente da sua, que pode te cansar ao longo do dia. Mas é preciso lembrar que a autora não concorda com falas machistas e homofóbicas que podem ocorrer durante esta leitura.

O livro apresenta gatilhos que podem ou não trazer desconforto ao leitor, como: violência física e verbal, crises de pânico, tentativa de homicídio e estupro.

DEDICATÓRIA

Para os amantes de clichê e amigos do bom humor.

O casamento é a única guerra em que você dorme com inimigo. E, no caso, eu estava apaixonada pelo meu.

CAPÍTULO 01

Lisa Morris

“Todos os garotos bons vão para o céu, mas os garotos maus trazem o céu até você”.

Onde está? Onde está? Onde está?

Eu não acho que mereço isso logo pela manhã.

Definitivamente nasci com um toque especial para os deuses, e não pense que isso é uma coisa boa. Oh, não é, não no meu caso.

Afinal, quem é que perde a chave do apartamento dentro do próprio apartamento? Eu, Lisa Morris. Deveria ganhar um prêmio.

Faz cinco minutos que estou procurando desesperadamente por essa bendita e, para piorar, estou atrasada para os meus intermináveis compromissos. Depois de mais cinco minutos, encontro a maldita chave que estava atrás do sofá, escondida, e eu não faço ideia do porquê de ela ter parado lá.

Tenho que me lembrar de comprar um potinho para guardá-la, não é a primeira vez que isso acontece.

Olho-me no espelho, ajeitando meu cabelo preto com os dedos, e logo em seguida passo um pouco de maquiagem para disfarçar essa cara de zumbi em mim, um pouco de lápis de olho, que ajuda a destacar meus olhos azuis, e bum! De volta ao rosto de alguém saudável.

Depois de rolar pela minha cama para vestir a saia preta social e pensar em ir só de sutiã, porque seria

mais rápido, eu estou pronta com os saltos sempre presentes na minha vida rotineira. Eles me ajudam a pelo menos disfarçar a minha altura, que é um pouco baixa. E, droga, eu odeio.

Depois de aprovar a minha roupa, eu saio do apartamento às pressas. Deixo o café pronto para Emily, minha colega de quarto e minha melhor amiga, dividimos o apartamento há alguns meses, e hoje não me vejo sem ela. Pego um táxi, pois, pelo horário, esperar um ônibus demorará muito mais, certo? Não, chego vinte e cinco minutos atrasada. Que merda. Demorou mais do que pensei.

Corro para o elevador e subo para o último andar, o mesmo do meu querido chefe, quero dizer, o meu chefe babaca, porque é isso que ele é. Seu nome é Dylan Venturelli, tem vinte e nove anos, é presidente da Technology Company, uma das maiores empresas de tecnologia de Nova York e é o CEO bilionário mais cobiçado pelas mulheres, de acordo com as revistas e os sites.

Eca.

Dylan é um tremendo babaca. Por que eu digo isso? Pelo simples fato dele me tratar como um ser insignificante, que só serve para anotar no caderninho e buscar café na copa. Eu devia cuspir nessa merda, mas toda vez Deus toca no meu ombro e pede para eu não o fazer.

Eu não sou apenas uma secretária, tenho conhecimentos além disso, o que, com certeza, surpreenderia Dylan, mas ele nunca tentou me dar abertura para tal ato. E por mais que eu tenha pensado em me demitir, os deuses sabem o quanto eu não posso. Preciso desse emprego e, além do mais, ele é o meu chefe. Ser demitida agora não está em meus planos.

Chego na pequena sala jogando minha bolsa em cima da mesa, onde pego alguns documentos e os reviso

rapidamente, depois separo alguns para levar ao Sr. Venturelli, para ele assinar antes das nove da manhã, já que tem uma reunião nesse horário. É aquele tipo de reunião que demora uma vida. “Ele precisa assinar isso agora”, contesto quando olho para o relógio pontuando 8:59 da manhã.

MERDA!

Estou de saída, quase correndo para a porta, quando esbarro em alguém e acabo caindo no chão com o choque inesperado.

— Mas que droga! — falo, talvez, alto demais.

Tento pegar os papéis do chão, mas são muitos. Quando consigo pegá-los, olho finalmente para cima e vejo quem está me encarando da cabeça aos pés, quero dizer, somente as minhas pernas. Dylan as observa, já que infelizmente ficaram à mostra por conta da saia, que subiu. Senti minhas bochechas esquentarem na mesma hora.

Ele sobe o olhar pelo meu tronco que, aliás, está coberto pela blusa. Desisti de vir só de sutiã.

Concentre-se, Lisa.

Levanto-me com um pouco de dificuldade e nada do babaca me ajudar. Já de pé, eu consigo observá-lo melhor. Ele está com o terno preto habitual e a blusa social branca, que tinha uma gravata preta sustentada na gola, seus sapatos perfeitamente engraxados e cabelo negro um pouco bagunçado, mas que fica ótimo nele. Seus olhos verdes intensos agora estão focados nos meus. Sua boca rosa e carnuda deveria ser um pecado capital. Seu maxilar é estupidamente esculpido, dando-lhe mais charme. Dylan é simplesmente divino, mas não deixa de ser um arrogante e um idiota por isso.

Como diria minha amiga: “Beleza nunca será o suficiente”.

— Talvez eu esteja louco... — Você é louco — mas eu juro que vi uma mulher hoje mais cedo na sua

cadeira.

Levantei uma sobrancelha.

— Era você, senhorita Morris?

— Óbvio que não, quem estava na minha mesa?

— Olho para a minha sala meio preocupada com quem poderia estar aqui além de mim.

Olho para Dylan, que tinha cruzado os braços com um sorrisinho vitorioso, como se tivesse achado dez dólares na rua.

— Espera! — Ele finge surpresa. — Então significa que você não estava aqui mais cedo?

Filho da puta.

— Eu... bom... é...

— Gaguejar não vai adiantar, Lisa. — Caramba, me chamou pelo nome, ele está mesmo irritado.

— Sinto muito, eu juro que tentei...

Ele levanta uma mão, calando-me, e arrasta o braço para perto do rosto, onde possui um Rolex prateado mais caro do que uma casa. Fica olhando para o relógio e depois aponta para o da parede. Olho para ele e vejo perfeitamente quando o ponteiro marca nove horas em ponto. Faço uma cara de derrota antes de olhar para Dylan novamente.

— Parece que perdeu o prazo para me entregar isso e, conseqüentemente, eu perdi um cliente. Foi dito de maneira explícita que eu tinha que assinar isso antes da nove. Onde você estava? — Sua voz grossa arrepiava todo o meu corpo Cruzes.

— No ta...

— Não quero saber, tenho que ir para a reunião e você também está me atrasando para isso. — Ele põe as mãos dentro dos bolsos da calça. — Já que você foi a culpada, então você que resolva.

— Mas... como...?

Ele estava saindo, quando me encara novamente. Os olhos se demoram na minha saia mais

uma vez e eu acho que ele gosta dela. Vou dar de presente para ele no Natal.

— Ligue, pergunte, insista para entregarmos o contrato amanhã. Seja a minha secretária, senhorita Morris.

Ele ainda acena com ignorância antes de sumir da minha vista.

Droga.

Certo, não vou descontar todo o meu ódio nele. Além do mais, eu estou errada. Chegar atrasada é falta de profissionalismo, ainda mais quando você é a secretária particular de um CEO importante nos Estados Unidos. Maldito despertador.

Respiro fundo pensando em tudo e mais um pouco. Sou completamente capaz de resolver essa situação, nem que para isso eu persiga o cliente e prometa inúmeras coisas, como lavar o seu carro aos sábados ou passar o seu terno todos os dias.

Enquanto pensava que seria presa por perseguir alguém, levo os papéis para a sala, deixando tudo pronto para ele assinar amanhã cedo, já que não voltaria para a empresa hoje.



Eu tenho apenas duas pessoas na minha vida que são importantes para mim. Emily e Jon são meus dois melhores amigos, que eu amo e confio. Ambos me ajudaram muito na morte dos meus pais e eu sou muito grata por isso, porque foram os piores meses de toda a minha vida.

Apesar desse papo todo de amor e blá blá blá, nenhum dos dois quis me ajudar a bater na cara da

secretária do cliente de Dylan. Fico pendurada com ela no telefone por horas tentando convencê-la a passar a ligação para o seu chefe. Explico toda a situação, esperando que tivesse compaixão por uma colega de profissão, mas, na primeira oportunidade que teve, desligou na minha cara, mas antes falando que não passaria ligação nenhuma.

Mando-a para todos os lugares ruins possíveis e, no meu horário de almoço, vou até o cliente em sua empresa. Não sei como, mas passo pelos seguranças apenas jogando o meu charme. Posso ser perigosa quando quero. No andar do cliente, eu praticamente corro pelo saguão, encontrando-o na maior intimidade com a secretária. Tento até soar despercebida, mas largo a minha bolsa em choque, fazendo um barulho enorme, o que logicamente chama a atenção dos dois.

Ela, a vadia insensível, cora violentamente e o cliente de Dylan quase tem um mini derrame ao me ver parada assistindo os dois. Eles não estavam se beijando de fato, ou fazendo algo além disso, mas os toques mostravam uma intimidade além. Naquele momento eu soube que conseguiria o prazo para amanhã, porque a segunda coisa que noto é a aliança no dedo dela.

Se eles têm algo, ela vai convencer o cara a me escutar para não ser pega.

Nunca esquecerei o quanto abri um sorriso vitorioso com a situação. Talvez eu vá para o inferno, mas quem se importa?

E é exatamente isso que pergunto à Emily e Jon, que dão risadas, chocados, quando conto a eles tudo que aconteceu comigo hoje.

— Então você conseguiu o prazo para amanhã?

— Emy pergunta com uma cara super orgulhosa por eu ter sido uma vadia esperta e sortuda.

— Não só para amanhã, mas sim para quando eu quiser... e — Levanto um dedo — convenci-o a pagar três

por cento a mais no valor decidido.

— Caramba, garota! Você é fogo. — Jon bate palmas estalando os dedos em seguida. Ri alto, jogando a cabeça para trás.

Depois do expediente, marcamos de nos encontrarmos em um bar perto da empresa, nada demais, apenas para beber e conversar. Eles estão lindos, como sempre.

Jon está bem arrumado, cabelos penteados e sedosos. Às vezes tenho até inveja do seu cabelo, porque sempre que o vento bate neles, parece que se mexem em câmera lenta. Meu amigo, particularmente, é muito lindo, alto, tem olhos verdes, sobrancelha grossa, corpo musculoso e tudo mais. Os homens o amam, assim como ele ama homens.

Mas, em um universo diferente, eu super pegaria Jon se ele gostasse de mulher, obviamente.

— Eu estou tão ansiosa para contar ao Dylan que consegui, que meus dedos tremem de leve com a imagem. Quero até um aumento, porque ainda consegui três por cento acima do que ele ganharia.

— Isso, pede mesmo. Que o bilionário se vire. — Emy levanta sua taça de Mimosa para cima.

Emily Brooks sempre me diverte com o seu humor encrenqueiro e ácido. Ela é loira e tem lindos olhos castanhos, bem-vestida, como sempre, e é por isso que tem um dom para moda, já trabalha com isso sendo estilista. Tudo nela chama a atenção. Até a sua pele bronzeada está brilhando.

Acho até que aquilo é glitter.

— Emily, por que você está brilhando? — pergunto com o cenho franzido.

— Ah, isso... foi um acidente. — Ela faz aspas com o dedo. — No trabalho, a cobra da Suzana derramou em mim e tenho certeza de que foi de propósito. — Rio

da sua cara de deboche. — Eu deveria derrubar nela, e mesmo assim ela não brilharia mais do que eu.

— Certo... — Jon para de encarar Emy e me olha, fazendo um gesto de que ela estava louca.

Depois de ficarmos quase três horas no bar conversando, decidimos ir embora. Emily está sem o carro dela e eu não tenho um. Falaram-me que primeiro você tem que saber dirigir e ter uma carteira, então eu desisti do meu sonho de ser um novo personagem de GTA.

Jon nos leva em seu carro até o nosso apartamento e nos despedimos. Quando ele vai embora, eu vou direto para o meu quarto e tomo um longo banho. Escovo os dentes e dou boa noite para Emy, que está jogada no sofá assistindo American Horror Story. Ela é fanática por essa série. É um pouco assustadora e eu me cago toda vez que assisto, mas ela não precisa saber disso. Vou direto para cama e só me jogo, pegando no sono rapidamente.



Acordo desesperada, pensando já estar atrasada, mas graças a Deus eu não estou, ainda falta uma hora até o meu despertador tocar, por isso, durmo novamente, apenas para descansar os olhos.

Mas todos deveriam saber que isso muitas vezes não funciona.

— Lisa, acorde, você vai se atrasar DE NOVO.

Ouçó uma voz falar na minha direção e abro os olhos devagar, vendo Emily com uma xícara na mão que, pelo cheiro, denuncia ser café.

— Emily, mulher, ainda está cedo — falo sonolenta. — Ainda é 7:45 — digo olhando para o despertador. — AI, MEU DEUS, VOU ME ATRASAR!

Praticamente pulo da cama, quase derrubando o café de sua mão. Tenho que estar na empresa às 8:00 da manhã, e por isso decido que preciso ter controle do meu horário e da minha vida.

— Beba. — Emily estende a xícara de café, enquanto eu tiro a primeira roupa que vi do meu guarda-roupa.

— Depois. — Jogo uma camiseta para longe.

— Bebe logo, depois você não vai beber. — Emy me olha com uma cara de cachorro abandonado.

Ela está tentando me fazer comer algo, já que eu não tenho muito costume de comer pela manhã, mas se eu não o fizer, posso passar mal, como aconteceu uma vez. Lembro-me que o babaca estava na empresa e me viu pálida e doente, enquanto andava de um lado para o outro. Ele me mandou passar batom para ficar mais apresentável.

Idiota.

Pego a xícara da mão dela e dou umas duas goladas. Ela sorri satisfeita.

Faço uma careta em seguida e ela para de sorrir imediatamente.

— Estou tentando cuidar de você, ingrata, não faça essa careta! — Ela pega a xícara da minha mão.

— Você não precisa se preocupar com isso — falei, querendo jogar água na boca. Que café horrível!

Emy suspirou, fazendo uma expressão meiga.

— Lisa, você é minha melhor amiga. É claro que eu me preocupo com o seu bem-estar. — A expressão meiga some em seguida. — E também foi o primeiro café expresso que eu fiz na máquina nova, precisava de uma cobaia.

Emily sai do quarto, deixando-me chocada para trás.

Filha da mãe.

Arrumo-me rapidamente, colocando uma saia social e minha blusa branca de mangas, meu famoso uniforme padrão. Não passo maquiagem forte, apenas um batom bem fraquinho e calço o meu sapato alto preto. Vou para a cozinha, fazendo um coque formal no cabelo.

Como torradas que, graças a Deus, já vieram prontas e embaladas. Tem ovos e bacon, mas são os ovos e bacon da Emily. Minha amiga não é muito boa na cozinha.

Depois de escovar os dentes, eu saio do apartamento e pego outro táxi, já com peso na consciência por estar gastando dinheiro com isso. Preciso acordar mais cedo.

Depois de minutos, eu consigo chegar no horário, mas meu chefe ainda não chegou, o que foi triste, porque eu estou ansiosa para mostrar a minha capacidade a ele. Mas também fico intrigada, Dylan Venturelli é sempre tão pontual que me é até estranho ele não estar aqui. Certeza que está com alguma conquista por aí.

Depois de tratar alguns papéis e marcar algumas reuniões, ele chegou na empresa parecendo frustrado com algo, seu semblante não era dos melhores. Será que aconteceu alguma coisa? Fico pensativa por um tempo, até que ele me chama para a sua sala pelo telefone.

— Lisa. — Irritado de manhã cedo?

— Sim? — respondi após apertar o botão vermelho.

— Preciso de você aqui. Ah, e não chegue atrasada.

Ele desliga e eu reviro os olhos antes de me levantar da cadeira, segurando um bloquinho de notas

que eu ganhei em um consultório dentário.

Entro na sala sorrateiramente e ele está lindo, como sempre, o cabelo bagunçado, com o terno cinza modelado para o seu corpo, sapatos sociais pretos e seu cheiro em toda a maldita sala. Esse lugar não deveria ter um cheiro tão gostoso. Ele faz menção para me sentar, e assim o faço com o meu bloquinho em mãos.

— Senhor Venturelli, em que posso ser útil?

Ele está sentado em sua cadeira, mas se levanta, vindo para frente da mesa, até se encostar nela. Dylan cruza os braços, encarando-me em silêncio, e eu começo a ficar nervosa enquanto ele não diz nada. Quando eu digo que esse homem é louco, ninguém acredita.

Seus olhos vacilam para baixo, parando nas minhas pernas cruzadas. Ele suspira antes de desviar, apertando o maxilar quadrado. Franzo o cenho quando ele se levanta, caminhando para o outro lado.

Suas mãos entram no bolso da calça social antes dele começar a falar, olhando-me nos olhos novamente.

— Isso vai parecer loucura...

— O que aconteceu? — pergunto quando ele não termina.

— Suponho que você não tenha um namorado.

Levanto uma sobrancelha.

— Parece ter certeza disso... como sabe se eu tenho ou não?

— Apenas sei. — Ele deu de ombros.

Isso me irritou.

— Eu gostaria de saber os motivos, por favor.

Pedi claramente ofendida com o seu pressuposto. Ele está errado? Bom... não, mas meu ego foi levemente ferido.

— Claro. — Ele se aproxima devagar e eu faço de tudo para controlar o nervoso no estômago. — Você sai daqui tarde todas as noites. A maior parte do seu tempo é gasto comigo.

— Isso não significa nada.

— Você carrega o cartão de uma clínica de depilação há meses e nunca vai. Toda vez que te ligam, você desmarca inventando uma desculpa fajuta para não ir e, eu posso estar equivocado, mas você parece uma mulher vaidosa, coisa que fica mil vezes mais aparente quando está saindo com um cara.

Abro os lábios depois de engolir em seco. Já mencionei o quanto ele fica mais atraente estando tão perto? Bom, espero que não.

— E, além do mais, eu escuto quando você conversa com sua amiga através dessa parede. Ela está tentando te arrastar para o salão há dias e você devia ir. — Ele caminha para a sua cadeira em seguida, deixando-me de boca aberta.

Demoro alguns segundos para me recompor de todo esse papo de depilação e suspiro, olhando para o seu rosto concentrado no meu.

— O que você quer? — pergunto, lembrando-me porque estou aqui.

— Quero que você seja a minha noiva. — Ele simplesmente diz. Fico estática. — Fique calma...

Calma?!

Pisco várias vezes, tentando entender.

Tenho duas hipóteses para isso.

Primeiro: Ele pode estar fazendo uma piada de muito mal gosto.

Segundo: Sequestraram-no e colocaram outro no lugar.

— O quê? — pergunto encarando-o como se ele tivesse um seio no meio dos olhos.

Dylan suspira.

— Escute...

— Escutar? Você me inscreveu em algum tipo de programa de pegadinhas?!

— Minha família, meu pai especificamente, diz que eu preciso de uma noiva para me manter no posto de CEO, e uma boa imagem. Isso foi uma... ordem. E, para não perder isso, quero que você — Ele aponta para mim — seja a minha noiva por um pequeno tempo, por favor.

Por favor? Meu Deus, ele disse “por favor”?

Caio na gargalhada segundos depois, não consigo me segurar. Como ele pode dizer uma coisa clichê dessas e não esperar que eu me contorça no chão, rindo da sua cara? Fico quase cinco minutos rindo, até que ele finalmente me interrompe.

— Já acabou? — pergunta irritado.

— Oh... não, espera. — Levanto o dedo indicador pedindo para ele esperar e ri mais um pouco da sua careta furiosa para cima de mim. — Ok, agora sim.

— Pode parar com isso? Lisa, preste a atenção, eu sei que isso é super clichê e arcaico, mas eu preciso de uma noiva e eu só pensei em você. — Ele coça o queixo por baixo da barba rala. — O seu nome é o único, de mulher, que decorei.

Credo.

— Por que... mas por quê? — pergunto, recompondo-me.

Preciso de água, ou tequila.

— Porque você é perfeita para a história, todos vão acreditar que nos apaixonamos, porque você e eu vivemos juntos. Todos sempre me veem com você e já devem ter boatos de que tenhamos transado de qualquer maneira, não será tão difícil de acreditar.

Existe boatos sobre isso? Deus me livre.

— Boatos? Isso é ridículo — digo incrédula.

— Sei que precisa de algo, eu posso dar o que você quiser.

Semicerro os olhos.

Oh, interessante. Ele parece desesperado.

— O que eu quiser?

Dylan aperta o maxilar

— O que você quiser — ele reforça.

Sorri como uma diabinha.

— Quero passe livre no Starbucks.

— Feito.

— Não acabei.

Ele suspira, meio puto. Adorei isso.

— Quero que você me dê um bom dia alegre todas as manhãs.

— Você está carente, ou algo do tipo?

— Adeus.

Começo a levantar e ele sai da cadeira, quase que correndo para me impedir de ir embora. Sento-me de novo, com sua mão em meu ombro, e ele se apoia na mesa à minha frente, esperando-me terminar de falar.

— Quero que você me dê mais chances, quero fazer mais do que revisar contratos e te trazer café.

Dylan semicerra os olhos e fica em silêncio

— Posso te surpreender, senhor Venturelli.

Isso na minha voz saiu como se eu falasse com segundas intenções e até me assustei quando a sua saiu com a mesma entonação.

— Eu sei que sim. — Ele fica em silêncio, cruzando os braços.

— Também quero uma sala maior.

— Não, já chega.

— Não vou poder te ajudar, então. Espero que você ache outra Lisa idêntica a mim por aí.

Ele bufa como um touro e eu agradeço pelo seu pai já ter me visto antes e saber exatamente quem eu sou.

— Certo, eu posso te oferecer algo melhor. — Ele apoia as mãos na quina da mesa.

— Melhor do que uma sala maior que a sua, eu duvido.

— Sei que tem dívidas, eu as quito com algumas ligações. E, em troca, você é minha noiva bonitinha e simpática por alguns meses.

Eu fecho a cara. Como ele sabe dessas dívidas enormes do funeral e a do banco que ficaram para eu pagar depois da morte dos meus pais? Confesso que é muito dinheiro e levaria muito tempo para conseguir quitar, mas eu estou conseguido aos poucos. Mês passado, o banco me ligou ameaçando tirar o meu apartamento que, apesar de dividir com a Emily, está no meu nome. Desesperei-me e tive que arranjar dinheiro dos quintos dos infernos para pagar pelo menos a metade, mas ainda falta muito.

— Como você sabe sobre isso? — questiono-o.

— Eu apenas sei.

Esse homem sabe de tudo?

— Oh, você faz parte do time do James Bond e eu não sabia?

Ele me olha como se não soubesse do que eu estou falando e suspira, afrouxando a gravata, com os olhos em mim. Seu olhar sempre me desconcentra e eu não gosto disso.

— Preciso da sua resposta. Seja esperta, por favor.

Socar o seu rosto seria esperto.

— Sim ou não? — insiste.

— Mas é claro que não, pirou de vez, foi? — Ele me olha com uma sobrancelha levantada. — Eu estava brincando anteriormente.

— Você está muito confusa e surpresa sobre isso, totalmente compreensível. Pense e amanhã me dê a resposta.

Tocar no assunto dos meus pais sempre me deixa um pouco sem chão, é frustrante não poder controlar os meus sentimentos.

— Sobre... o contrato do cliente — digo quando o silêncio entre nós dois reina.

— Aquele que você fodeu?

Dei um sorrisinho falso.

Cretino.

— Os papéis estão assinados, só falta a sua assinatura. E ele vai comprar os produtos novos com um valor de três por cento acima do que você ofereceu.

Dylan automaticamente fica confuso com as minhas palavras e eu me levanto da cadeira, apontando para a sua gaveta. Ele a abre, tirando os papéis de lá, e passa os olhos ainda com a minha presença na sala. Suas sobrancelhas se levantam quando ele entende o que estou falando e rapidamente nos encaramos.

— Eu disse que te surpreenderia. — Com essa belíssima frase de efeito, eu caminho pela sala vendo um sorrisinho minúsculo aparecer nos seus lábios.

— Espero que me surpreenda com a sua resposta também, senhorita Morris.

Ignoro sua fala saindo dali e caminhando para a minha sala com as pernas levemente trêmulas.

***Depois do trabalho, vou direto para casa. Estou muito cansada, já que meu cérebro trabalhou em torno de Dylan Venturelli praticamente o dia todo. Não consigo parar de pensar na proposta, e quando penso em descartar a ideia por ser loucura, eu lembro que ter dívidas quitadas é o orgasmo para todo pobre.

Porra, isso pode ser uma ótima oportunidade.

Chego em casa colocando as minhas coisas no sofá e vejo Emily na cozinha fazendo o nosso jantar, enquanto tiro o blazer do corpo.

— E aí, mucura? — Emily e eu nos tratamos assim. É bem engraçado quando não estamos em um lugar público, recebendo olhares indignados e confusos.

— E aí, garota glitter? — Ela bufa. Tenho certeza de que ela está lembrando da mulher que jogou glitter

nela.

— Eu criei coragem e fui pegar as cartas no hall do prédio. Chegou correspondência para você, está aí em cima do balcão — ela diz.

Pego a correspondência e meu coração acelera quando percebo o brasão do banco na carta, abro-a rapidamente e passo meus olhos naquelas letras todas formais, concentrando-me no que importa. Quase tenho um treco quando entendo.

— EMILY! Porra, porra, porra! — Começo a andar de um lado para o outro, quando ela aparece com um chapéu de chef na cabeça, que não estava ali antes.

— O que foi? — Ela levanta a colher de pau como se fosse nos defender do vento.

— Você sabe de quando é essa correspondência?

— Não sei, não está escrito aí?

— DUAS SEMANAS!

Ela se assusta com o meu grito e eu me jogo no sofá, pondo as mãos no rosto.

— A carta é de duas semanas atrás, avisando que irão tomar nosso apartamento, Emy. Amanhã acaba o prazo!

Seria cômico se não fosse trágico. Por um momento eu penso que o Senhor Celestial estava do lado do meu chefe babaca, porque mandar uma coisa dessas no mesmo dia em que ele me propôs um noivado falso é sacanagem!

— Merda, eu devia ter pego essa correspondência antes. — Ela põe a mão na boca, tão nervosa quanto eu.

— Temos que pagar agora.

— Nossa, seu aumento foi tão bom assim? — Reviro os olhos com o deboche. — É muito dinheiro, você não tem tudo isso, acho que nem juntando nossas economias daremos conta de pagar.

— Eu sei, droga. — Passo a mão no rosto, frustrada. Novamente fico minutos pensativa sobre a proposta que me foi feita pela manhã.

Não seria loucura, certo? Sim, seria loucura.

Mas eu não posso morar na rua.

— Emy? — chamo e ela resmunga, triste, ao meu lado.

— Fala. Vai que Deus ouve.

— Preciso te falar sobre algo que talvez possa nos ajudar. — Ela me olha confusa.

Explico toda a situação para ela desde o início. Depois de explicado, ela me olha incrédula, intercalando com o sorriso safado dela.

— Você aceitou?

— Não.

— Mas pretende?

Mordi o lábio, olhando para os meus dedos. Dou de ombros.

— Lisa, tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

— Que conselho de merda é esse?!

— É o que eu posso te oferecer. Agradeça.

— Eu não posso aceitar, Emy. É um plano que provavelmente não vai dar certo.

— Provavelmente, mas é a sua única jogada para se livrar disso logo de vez. Se caso algo der errado, nós encontramos outro jeito. Eu posso dobrar no trabalho ou arranjar outro. Pense a respeito, e qualquer coisa eu estarei aqui — ela diz.

— Isso foi melhor, obrigada — digo.

Emily sabe ser madura as vezes.

— De nada, treinei no espelho.

Esquece o que eu pensei.

Não suporto dar razão para Emy, mas ela está certa, eu não posso correr risco de morar na rua com a minha melhor amiga e, além do mais, é só fingimento,

não preciso realmente me casar com o meu chefe arrogante.

— Certo, você tem razão.

— Obviamente — diz ela.

— Não posso pedir para você se matar de trabalhar para pagar uma dívida minha. — Respiro fundo. — Não tenho muito tempo, então terei de aceitar.

— Vai dar tudo certo. — Ela diz, alisando as minhas costas. — Será que você pode repetir a parte do "você tem razão"? Adoro como soa. — Reviro os olhos.

— Não. E agora eu vou tomar banho. — Levantei-me, indo em direção ao meu quarto, mas antes jogo uma almofada nela com força demais.

— Ai... caralho! — Ela grita com a mão na cabeça.

— Para ver se dá jeito nessa sua mente maluca. — Fecho a porta do meu quarto.

Quero nem ver a cara dele de satisfação amanhã, ou eu juro que vou bater nela todinha. Depois do banho, volto para a cozinha, janto com Emy e coloco meu despertador para tocar. Espero que esse bandido me acorde amanhã, caso contrário ele nunca mais apitará.

CAPÍTULO 02

Lisa Morris

“Eu estou bem na sua frente e você ainda está perdendo”

Estou tão nervosa, que acordo antes do meu despertador, já dá para perceber só por isso.

Estou criando coragem para falar para o meu chefe que eu aceito a sua proposta. Já estou pensando no que vou dizer: “Ah, oi, senhor Venturelli, eu aceito ser sua noiva de mentira e mentir para toda sua família e amigos”.

Super normal, coisas que fazemos no dia a dia.

Saio do meu quarto já arrumada. Hoje opto por uma calça jeans escura, uma blusa branca e um blazer da cor vermelha, que eu amo. Passei o meu batom vermelho da coragem e calço o meu salto alto.

Que seja o que os deuses quiserem.

— Nossa, você está linda. — Emy surge da cozinha do nada, assustando-me.

— Mas que porra, não me assusta assim, Emily.

— Desculpa. Está nervosa? Até passou o batom da coragem — ela diz se aproximando.

Vermelho sempre me deixa mais confiante.

— Pois é, eu estou nervosa. Ele precisa pagar metade hoje. Como vou abordá-lo sobre isso?

— Relaxa, é só falar logo de uma vez.

Fico olhando para ela. Acho que está muito cedo para jogar alguém pela janela. Seu Cláudio, o faxineiro,

ainda nem lavou a frente do prédio.

Afasto-me, indo pegar a minha bolsa, carteira e alguns documentos. Em seguida, dou um beijo na bochecha dela, que está parada me olhando.

— Tchau, Emily.

— Não vai comer algo?

— Não.

— Lisaaa — ela diz em tom de preocupação.

— Você não ouviu o meu primeiro tchau? — pergunto, fingindo estar confusa, e dou um sorriso de lado quando ela me mostra o dedo do meio.

Fecho a porta e vou rumo às ruas de Nova York. Não tomei café propositalmente, pois queria tomar algo do Starbucks. Faço meu pedido à uma loira simpática e saio para pegar um táxi. Agora que vou aceitar isso, não vou precisar pagar pelos meus cafezinhos gostosos.

Chego na empresa, passando pela recepcionista. Dando um bom dia baixo, subo para o último andar, enquanto esfregava meus dedos. Nervosismo é horrível. Como estava cedo, vou logo adiantando a papelada e preparando os papéis para a xerox.

Ligo a máquina que está na minha sala, mas ela não quer pegar de jeito nenhum.

Bato nela, para ver se funciona, mas ela não liga, bato de novo, dessa vez mais forte, porém nada acontece.

DROGAAAAA! Nada nesse inferno ajuda a minha ansiedade?

— Oi, Lisa — uma voz masculina diz e eu me viro para ver de quem se trata.

— Ah, oi, Gustavo. — Gustavo trabalha para o irmão de Dylan há dois anos. Nos meus primeiros dias, ele me ajudou a manter as coisas em ordem com o babaca.

— Nossa, também estou feliz em te ver.

Ele dá um sorriso debochado.

— Ai, Gustavo, me desculpe, é que eu estou com um problema com essa máquina estúpida, não quer funcionar.

— Quer que eu chame o cara da manutenção?

— Não, espera — digo com a mão levantada. — Vou fazê-la funcionar.

Depois de dizer isso, bato nela de novo com uma força que eu nem sabia que tinha, mas que ajudou a aliviar minha tensão um pouco. Por um momento, acho que vou quebrar a máquina se continuasse com isso, porém ela funcionou.

— AH! Finalmente! — Jogo-me na cadeira depois da máquina ligar.

Gustavo está de pé com um sorriso no canto da boca. Ele é alto, com o cabelo loiro e olhos castanhos, corpo musculoso, está vestido com um terno azul-claro e uma gravata cinza, ficando verdadeiramente atraente.

— Do que está rindo? — pergunto.

— De você — ele responde se aproximando

— Que bom que te agrado, Gustavo. — Levanto, indo para a máquina para manter uma distância saudável.

— E muito. — Fico sem graça com o seu comentário e dou um sorrisinho nervoso.

Gustavo tem uma fama na empresa de pegar todas as mulheres daqui e depois largá-las como se não fossem nada. Não quero ser uma delas. Tenho coisas mais importantes para pensar do que sexo fácil.

— Escute, Lisa, que tal irmos beber alguma coisa depois do trabalho, sabe, só para conversarmos?

Na hora que eu ia dizer “não”, a máquina desligou.

— Mas que droga, essa merda tá quebrada! — grito com raiva.

Gustavo tosse, como sinal para que eu respondesse a sua pergunta.

— Oh, n...

— Eu agradeceria se você não colocasse o prédio inteiro abaixo, senhorita Morris. — Dylan aparece na porta com o seu terno preto, que eu tanto acho sexy, e com sua barba por fazer. Seus olhos verdes estão irritados, eu o conheço bem a ponto de dizer que isso não é mau humor.

É pior.

— Desculpe, mas seria bom revisarmos isso — Aponto para a máquina, vendo que seus olhos estão em Gustavo —, senhor Venturelli!

Ele só me olha quando grito, para chamar a sua atenção.

— Compre com o cartão da empresa. — Ele simplesmente diz e olha para Gustavo. — O que faz aqui?

— Eu vim... hum... — Ele, infelizmente, gagueja e Dylan cruza os braços.

— Você é o cara da manutenção?

— Não, eu sou secretário do seu irmão. Eu vi você ontem... — Ele parecia indignado.

— Vejo pessoas todos os dias, não me culpe se eu não me lembrar de você. — Dylan me encara. — Na minha sala em trinta segundos.

Ele sai, deixando-nos, e eu suspiro alto.

— Ele é sempre assim? — Gustavo pergunta baixo.

— Às vezes pior, depende do dia. Às quartas ele fica mais mansinho, você pode vir nesse dia em específico — brinco e ele dá uma risada baixa antes de sair.

Pego o meu bloco de anotações, ajeito a minha blusa e vou para a sala dele o mais rápido possível. Bato na porta e escuto sua voz atrás dela.

— Entre.

— Senhor Venturelli? — Dylan está sentado, mexendo no seu MacBook, e em nenhum momento me

olha.

— Preciso dos papéis do contrato com a empresa Center Tech. Depois de passar pela minha revisão, vou te dizer quando marcar uma reunião com eles — ele diz, digitando algo copiosamente.

— O que aconteceu? — pergunto e logo depois me sinto uma atrevida quando ele me encara.

— O quê?

— Você parece mais irritado que o normal, perguntei se aconteceu algo. — Isso significa empatia, babaca, e curiosidade também.

— Na verdade, aconteceu. Tenho que fingir estar noivo e a única pessoa que pode ser, para mim, é você, mas até agora não tive uma resposta agradável saindo da sua boca.

Apertei o maxilar, irritada. Odeio como ele me tira do sério tão facilmente.

— Preciso usar a impressora — falo controlando-me para não pular em seu pescoço.

— Tem uma bem ali.

— Posso usar?

— Faça o que quiser.

— Ok.

— Ok — ele responde com o mesmo nível de irritação que eu.

Saio da sala e vou em direção a minha. Pego os papéis, voltando para lá segundos depois, fazendo meus saltos baterem no chão um pouco mais alto do que o normal. Vou direto para a impressora, evitando olhar para ele, e a ligo, fazendo o manuseio de sempre. Com o silêncio evidente, eu viro meu rosto por cima do ombro para vê-lo com os olhos no MacBook. Suspiro e isso o faz olhar em minha direção.

Desvio tão rápido que quase quebro o meu pescoço.

Faço uma careta, passando minha mão na nuca, e estalo o pescoço, hábito que sempre tive. Segundos depois, ouço sua cadeira ranger e olho para ele, que estava no mesmo lugar, mas dessa vez me encarando. Fico presa de uma forma tão forte, que acho ridículo não conseguir parar de olhar para ele, o que piora quando suas mãos abaixam a tela do MacBook e ele apenas se concentra na minha presença, como se soubesse que ficar me olhando dessa forma me faria tropeçar, como uma menininha desajeitada.

Encaro de volta, em silêncio, quando lembro que preciso falar sobre o pagamento de hoje. Aperto o maxilar antes de sair do meu lugar, caminhando para frente de sua mesa, quando ele se levanta, apoiando as mãos nela.

Parece que ele já sabe o que eu vou fazer, como se ler minha postura fosse a coisa mais fácil para ele.

— Diga-me a resposta agora.

— Eu quero todas as regalias de antes. Starbucks, “bons dias” alegres, trabalhos mais importantes, sapatos Louboutin...

— Isso não estava na lista.

— Está agora. — Dou um sorrisinho falso. — E a quitação das minhas dívidas.

Ele passa a língua nos lábios, concordando.

— Você terá tudo isso.

— Certo, então eu aceito.

Vejo o alívio em seus olhos e logo depois ele sorri para mim, como se a minha frase fosse a melhor coisa que ele escuta em anos. Dylan pede para me sentar, e eu encosto a minha bunda no acolchoado, pronta para discutir os termos.

— Tenho condições — falei.

— Nunca esperei menos de você.

Aperto os olhos e cruzo as pernas, tomando a sua atenção, mas ele logo desvia.

— A primeira é que fingirei ser sua noiva com família e amigos, não espere simpatia quando eu estiver sozinha com você, não vou te tocar em momento nenhum quando estiver somente nós dois.

Ele sorri de lado.

— Você dará conta. — É só o que ele diz.

— A segunda coisa é que não quero ter fama de traída pelo bilionário, então não se envolva com ninguém nesses meses.

Ele aperta a mandíbula e levanta as sobrancelhas, fechando os olhos, como se fazer isso fosse a pior coisa do mundo.

— Eu estou falando sério. — Capturo o seu olhar. — Não apareça com uma modelo diferente para cada dia da semana, enquanto eu carrego o título da futura senhora Venturelli por aí.

— Certo. — Ele levantou as mãos. — Posso fazer isso.

— A terceira é que... — Limpo a garganta — eu preciso pagar a metade da minha dívida hoje para que não me tirem o apartamento, estou de sobreaviso há muito tempo.

— Resolvo isso em alguns minutos, Lisa. Continue.

Oh, o quão incrível deve ser um riquinho para a sociedade? Acho que muito incrível.

— E a quarta é que eu não vou transar com você. Nem pensar.

Ele me encara por intermináveis segundos antes de sorrir de lado.

— Eu não tinha pensado nisso, senhorita Morris, mas fico feliz que essa ideia tenha passado pela sua cabeça.

Reviro os olhos.

— Você tem certeza? — Ele pergunta e eu levanto uma sobrancelha.

— Não acha que está sendo convencido demais?

— Acho muita coisa, mas não vou dizer para não te assustar.

Engulo em seco.

— Mas consigo imaginar você implorando — ele sussurra e eu arregalo os olhos antes de fingir que não escutei.

— Certo, tchau.

Levanto-me para ir embora, mas sua mão no ar me impede.

— Espere, tenho condições também.

— Como?

— Sente-se — ordena. Quase pergunto se ele quer a patinha também.

— Estou ouvindo — repito o que ele disse antes, e me sento novamente.

— Primeiro, quero que você pare de me chamar de senhor Venturelli. Quero ouvir Dylan saindo da sua boca. — Juro que minha respiração falhou.

—Tudo bem... Dylan, só isso?

— Anote neste papel tudo que for necessário da sua conta para eu depositar a quantia e você quitar as dívidas, irei depositar a primeira parte assim que me confirmar o valor certo.

— Certo. — Acenei, pegando o papel da sua mão.

— Você será apresentada essa semana, meus pais irão conhecê-la, então se faça de apaixonada por mim. Também não quero ter essa fama a qual se refere, então não se envolva com ninguém. Se quiser aceitar o convite do cara da manutenção, faça-o depois.

— O nome dele é Gustavo... você ouviu a nossa conversa? — pergunto com os olhos semicerrados.

— Sim — ele diz na maior cara lavada.

— Tudo bem, depois eu saio com ele, então — minto e ele me dá um sorriso falso. — Só isso?

— Não. Você vai sair comigo esta noite. — Isso não soou como um pedido e sim como uma ordem.

— Por qual motivo? — pergunto. — Um plausível.

— Ainda quero acertar umas coisas... é plausível suficiente para você?

— Estarei ocupada, sinto muito — minto de novo.

— Com o que, Lisa? — Sinto seu semblante mudar.

Não preciso dizer nada ao Dylan, mas eu tenho uma necessidade estranha de lhe contar as coisas mesmo não sendo do seu respectivo respeito.

Sei que não tenho nada para esta noite, a não ser o convite de Gustavo, mas não é como se eu fosse aceitar, de qualquer maneira, então eu dou a desculpa mais estúpida que já inventei.

— Vou comprar um potinho. — Quase coloco a mão na testa em reprovação.

Que merda foi essa?!

— Comprar o quê? — Ele franze o cenho.

— Um potinho, sabe, para as minhas chaves, porque eu sempre estou perdendo-as — digo nervosa.

Ele fica em silêncio, encarando-me, e por um momento eu penso que vai começar a rir, mas ele só pega a folha da minha mão.

— Irei com você — ele diz e eu arregalo os olhos.

— Não... não precisa.

Meu Deus, que ele não vá, que ele não vá, que ele não vá...

— Eu irei com você e depois vamos jantar — ele diz ríspido. — Agora você pode ir embora.

— Nossa, como eu sou sortuda — debocho e ele me encara, irritado, antes de eu correr para fora da sala.

Depois de guardar os papéis impressos, eu volto ao meu trabalho, que pareceu uma eternidade até o dia finalmente acabar. Olhei para o relógio, que marcava oito e meia da noite, e estou esperando-o sair da sua sala

para irmos comprar a porra do potinho. Não acredito que essa foi a única ideia que passou pela minha cabeça.

CAPÍTULO 03

Lisa Morris

“Você me faz brilhar, mas eu disfarço, não vou demonstrar”

Cá estou eu sentada na minha cadeira giratória, esperando meu chefe sair da sua sala para irmos a uma lojinha aqui perto e comprar o meu potinho de chaves.

Pensando com clareza, isso soa ridículo.

Giro a caneta na mão repetidamente, pensando que correr agora parece uma boa opção para mim, mas claro que isso não daria certo. Olho para a minha bolsa em cima da mesa e depois para a porta, contando os segundos prováveis para a minha fuga.

Foda-se.

Levanto-me da cadeira tão rápido, que tropeço ao pegar meu blazer vermelho apoiado nela. Visto como o Flash deveria vestir uma cueca, e agarro a minha bolsa, dando passos longos para fora. Olho para a sua sala, vendo a porta fechada, e dou um sorrisinho diabólico, tirando os saltos dos pés para não fazer barulho. Respiro fundo e dou passinhos meticulosos para o elevador. Clico no botão e dou pulinhos ansiosos.

— Lisa.

— Merda!

Viro-me com a voz grossa quase no canto do meu ouvido, e um gritinho sufocado sai dos meus lábios pelo susto. Os saltos que estão nas minhas mãos caem de forma tão rápida no chão, que nem consigo evitar

quando as agulhas vão direto para os sapatos sociais pretos. Arregalo os olhos, escutando Dylan falar um palavrão em italiano.

— *Figlio di puttana!*

Oh, meu Deus, não sei o que significa, mas fico impressionada com o sotaque sexy saindo dos seus lábios, tanto que fico estática vendo-o agarrar seu pé atingido, praticamente caindo no piso branco com toda a sua glória. Ele geme de olhos fechados, agachado no chão, e eu abro os lábios com a visão do seu rosto. Sei que não deveria ficar excitada, mas estranhamente fico.

— Porra, você quer me matar?

— Desculpe, você me assustou e... — Abaixei-me para tentar ajudá-lo de alguma forma.

— E achou uma ótima ideia tacar sapatos assassinos nos meus pés? — ele reclama, apertando seu pé por cima do sapato, e eu afasto suas mãos, fazendo uma massagem circular. Ele me encara de joelhos, percebendo que meu gesto não teria muito efeito. Dylan me afasta, subindo primeiro, e me vê agarrando meus sapatos em silêncio.

Seria errado demais falar que amava meus saltos por tê-lo feito sofrer?

Olho para cima, percebendo os olhos verdes me observando, então franzo o cenho quando ele levanta uma sobrancelha. Logo depois, percebo a posição desnecessária que me encontro e rapidamente subo também. Ficar de joelhos para esse babaca não é uma opção.

— O que você estava fazendo além de me dar uma sessão rápida de tortura?

— Eu estava... — *Fugindo* — indo procurar você.

— Indo procurar no seu apartamento? Porque parecia que você estava indo para lá. — Ele aponta para os meus saltos.

Abro os lábios para discordar, mas ele me cala apenas saindo da minha frente, indo chamar o elevador novamente. Atrás dele, eu calço os meus sapatos em silêncio e ajeito a bolsa no meu ombro, quando ele me encara por cima do ombro por questão de segundos antes de virar o rosto para frente.

— Que bom que calçou as suas bombas.

— Você vai chorar a noite toda?

— Eu devia te levar para a polícia.

— O dia que eu for presa, você pode me dar um tapa.

Ele apenas sorri antes de entrar no elevador, quando as portas se abriram para nós. Dizer que demora um século até chegar ao térreo é eufemismo, pois leva uma *eternidade*. Minha tensão está evidente ali dentro e eu sei que ele sabe. Estar em um lugar fechado com um homem que me intimida/irrita tanto, me desperta alguns desejos que eu mesma nem sabia que tinha. E aquele... som de gemido não sai do meu subconsciente. No momento, eu mesma quero tacar as *bombas* em meus pés.

Quando saímos dali, eu quase tropecei para fora, mas segui com o queixo levantado ao perceber que todos os olhares caíram sobre nós como chuva na terra, rápido e inevitável. Encolho-me, não gostando da atenção extrema que recebemos em poucos passos. Somente agora eu percebo o quanto os boatos que Dylan mencionou anteriormente acontecem.

Olhei para Dylan, que também está me observando.

— O que foi? — perguntei.

— Percebe agora sobre os boatos? Nossa história vai ser perfeita.

— Assim espero — sussurro.

Do lado de fora da empresa, nós chegamos em sua BMW preta, no estacionamento privado dele. Dylan

olha em volta, antes de abrir a porta do carro para eu entrar. Já no acolchoado do banco, vejo-o dando a volta. Ainda olhando ao redor, parecia inquieto, sentou-se ao meu lado. Não quis perguntar nada, então seguimos viagem.

Nos primeiros dez minutos, eu já tinha o dedo em cima do botão para abrir a janela e me jogar para fora dessa mini sessão de tortura. Tudo bem que eu fodi com o pé dele por alguns minutos, mas ele está fazendo pior e nem sabe. Tentei não olhar para as suas mãos no volante com o Rolex brilhando bem na minha cara. Os movimentos eram simplesmente... *perfeitos?* Como alguém pode se sentar ao seu lado e não admirar a forma como ele dirige? Logo depois me veio uma questão: Será que sou louca o suficiente para gostar dele dirigindo, ou apenas tenho fetiches por mãos?

— Para onde estamos indo? — ele pergunta, puxando-me do meu devaneio ridículo.

— À uma lojinha que vende essas coisas, é apenas dois quarteirões daqui. — Olho para fora do carro.

Vamos o caminho inteiro em silêncio e eu não me importo com isso. Aproveito a vista de Nova York e o cheiro gostoso que seu carro possui. Acho que, de todos os seus carros, esse deve ser o meu preferido, e *ele tem muitos*.

Aviso quando estávamos chegando e ele estaciona o veículo do outro lado da rua. Desço primeiro, atravessando com uma corridinha, deixando-o para me alcançar, não que ele precisasse de muito com suas pernas longas.

Quando entro, vejo um homem atrás do balcão lendo um jornal. Ele parece ter mais de cinquenta anos, o cabelo é grisalho e veste uma blusa de manga branca com uma calça jeans escura.

— Olá — cumprimento.

— Boa noite, mocinha. — Seu sorriso simpático apareceu.

Escutamos o barulho da porta se abrindo e, antes de olhar, sinto Dylan atrás de mim. Ele acena para o homem com a cabeça, que faz o mesmo, voltando novamente sua atenção para o jornal.

Caminho pela loja, olhando em volta. Passo pelas prateleiras, que estão muito bem-organizadas, com várias bugigangas e coisas para decoração de casas e jardins. Olho para trás, vendo Dylan analisar as coisas com o cenho franzido, provavelmente tentando entender para o que serve metade daquelas coisas. Sorri de lado.

Olho para o final das prateleiras à minha esquerda, achando o que eu queria.

— Aqui — digo, olhando para o potinho azul que está em minha mão.

— Deixe-me ver. — Dylan pega o objeto por menos de dois segundos e me devolve. — Está perfeito. Vamos, estou com fome.

— Oh, obrigada, sem sua ajuda eu não sei o que faria — debocho e ele revira os olhos.

— Você quer que eu pague isso?

— Não.

— Ótimo, eu não ia pagar mesmo.

Eu reviro os olhos, enquanto ele caminha para longe.

Já disse o quanto isso foi uma péssima ideia?

No caixa eu termino de pagar o potinho, que agora está em uma embalagem muito bonita, e então vamos para carro.

— Vamos jantar agora — ele diz e começa a dirigir novamente.

— Não estou com fome, pode me deixar em casa, por favor? — pergunto como quem não quer nada e ele me olha irritado, respirando fundo.

— Nós estamos indo jantar, Lisa — ele diz com a voz firme.

— Isso é sequestro, sabia? — Ele me olha como se me internar fosse a única opção. — Socorro! — Bato na janela do carro e ele agarra o meu braço com uma expressão hilária. Contive-me para não rir.

— Se fosse um sequestro, você saberia. E não bata no meu carro assim de novo se não quiser ir de ônibus. — Ele me olha com um sorrisinho falso.

Mando-lhe se foder mentalmente e fico em silêncio até chegar no restaurante.

Dylan entrega a chave para o manobrista, quando descemos do carro novamente, e eu admiro o lugar super movimentado. É simplesmente lindo. As janelas da entrada são de vidro e dão uma visão de dentro. Há dois lustres dourados pendurados no teto, um na entrada e outro no meio do restaurante, dando elegância e charme ao local.

Certo, apesar de toda essa beleza, qualquer um poderia nos ver do lado de fora.

Um garçom muito atencioso nos leva direto para uma mesa ao lado da janela, e eu vejo quando Dylan passa uma nota de dinheiro para ele como se fosse um aperto de mãos. Sento-me na cadeira preta de veludo com ele na minha frente, abrindo o único botão fechado do seu paletó preto.

— Algo para beber, senhor Venturelli?

— Você ingere bebida alcoólica? — Dylan me pergunta e depois balança a cabeça, voltando a olhar para o rapaz de smoking ao nosso lado. — Óbvio que sim. Nos traga um Merlot Château Ausone 2012.

Engasgo com o nome e passo as mãos no peito, acalmado-me. Eu nem consigo pensar no que faria primeiro se ganhasse o valor desse vinho, mas com certeza viajaria para Europa e ainda sobraria.

— Como tem certeza de que bebo?

— Nas festas da empresa você sempre está com um copo na mão e, a não ser que aquilo seja água, você deve adorar pegar um porre.

— Não sei o que me deixa mais impressionada: A ideia de pegar um porre, ou você ficar me observando durante as festas.

Ele abre a boca para falar algo, provavelmente inteligente e irônico, mas o garçom interrompe o seu momento de resposta. São servidas para nós duas taças de vinho e, apenas pelo cheiro, meu apetite aparece. Levo a borda da taça até os lábios, sentindo o gosto na ponta da língua antes de dar um pequeno gole. Instantaneamente, fecho os olhos, sentindo o meu corpo esquentar completamente.

É muito bom.

Abro os olhos devagar, sentindo-me observada.

Então olho para ele, que tinha parado a taça perto da boca, apenas me analisando em silêncio. Sua expressão parece de alguém que gosta do que vê e isso me intriga um pouco. Dylan desce os olhos da minha boca até o meu pescoço. Lentamente, e não sei como, sinto o meu corpo ficar mil vezes mais quente.

— Bom? — ele pergunta, encarando o meu busto. Segundos depois, seus olhos estão sob os meus.

— Delicioso. — Coloco a taça em cima da mesa e ele bebe alguns goles da sua antes de fazer o mesmo.

— Quería conversar comigo? Estou ouvindo — digo enquanto ele folheia o cardápio.

— Nada muito importante. — Seus dedos viram a página.

— Como é? — Ele me encara e põe o cardápio na mesa, apoiando os cotovelos ali.

— Sua dívida já foi quitada, transferi uma curta quantia hoje mais cedo, mas já paguei tudo que faltava.

Não escondi o meu rosto surpreso.

— Você já quitou tudo? Pensei que só me daria o resto no final da farsa. — Ele dá de ombros.

— Confio em você, senhorita Morris, sei que continuará me ajudando, seu coração é bom demais para não o fazer.

— Isso é...

— Mais alguém sabe sobre o nosso acordo? — Ele interrompe o meu agradecimento. Nem consigo acreditar que me livrei daquilo. Minha vontade é de pegar esses pãezinhos da mesa e jogá-los para cima, como se fossem confetes. — Lisa?

Levanto o rosto para olhar para ele e percebo que não conseguia parar de sorrir. Ele franze o cenho e olha para trás, como se o motivo da minha felicidade estivesse na mesa seguinte. Agarro a sua mão por cima da toalha da mesa e ele rapidamente levanta as duas sobancelhas com o toque surpresa.

— Você não entende o peso que tirou das minhas costas agora, senhor Venturelli.

Ele olha para a minha mão na sua e engole em seco, antes de se inclinar na mesa para me sussurrar algo.

— Você está quebrando a sua regra de não me tocar quando estivermos sozinhos.

Lembro-me disso e tiro a minha mão da sua, vendo o seu sorriso de lado super convencido. Cruzo os braços, encostando-me na cadeira, e ele olha para a vidraça por alguns minutos antes de me pedir para responder a sua pergunta anterior.

— Minha melhor amiga sabe, dividimos o apartamento, tive que contar.

— Emily, certo? — Ele ainda olha para a vidraça.

— Isso. Já falei dela antes?

— Não, mas você sempre chama o nome dela quando o seu celular toca. Consigo ouvir da minha sala.

— Oh, tinha me esquecido que você é um *fofoqueiro*.

— Não comente sobre o noivado falso com mais ninguém. — Ele me olha.

— Droga, já tinha mandado fazer as camisetas.

— Você é sempre tão chata desse jeito?

— Na mesma medida que você é arrogante.

— Eu vou tocar em você agora.

Levanto uma sobrancelha.

— O quê?

— Eu vou tocar no seu rosto, então não se assuste.

— Quantas taças de vinho você tomou?

— Merda, Lisa. Entra no jogo. — Só vejo sua mão vindo em minha direção, e ele primeiro toca no meu maxilar, mantendo-me no lugar, disfarçando o leve susto que tive, como ele sabia que eu teria. Não entendendo absolutamente nada, deixo que seus dedos corram pela minha bochecha, deixando o rastro firme do toque. Seu corpo está um pouco inclinado na mesa e seus olhos se fixam no meu rosto por alguns segundos. Enquanto sinto o toque quente vindo para baixo, o polegar passa pelo meu queixo, como se evitasse os meus lábios a todo custo, e eu mal consigo respirar com o olhar que me cerca.

— Há um fotógrafo do outro lado da rua — sussurra encarando a minha boca, e eu até tento virar o rosto para ver, mas ele não deixa, mantendo-me naquela posição. — Estava nos seguindo desde a empresa.

Ele me encara, vendo-me totalmente perdida em suas mãos, literalmente. Será que tomei vinho demais? Não é possível essa sensação ludibriada tomando conta de mim.

— O que quer que eu faça? — pergunto pondo minha mão em seu braço. Ele olha para lá e depois para mim, quando desvio o olhar para o músculo forte que

tem ali por baixo da roupa. Caramba, é bem mais duro do que imaginei.

— Um sorriso apaixonado seria ótimo.

— Você devia ter contratado a Meryl Streep.

— Apenas sorria.

Dou um sorriso falso e ele outro. Nesse meio tempo, sussurro o quanto queria estar em casa assistindo televisão e ele sussurra que eu era insuportável, mas olha, que merda, eu era a noiva dele. *Dylan que me agente.*

Nos afastamos quando ele percebeu que já era suficiente. Sua mão deixa de aquecer o meu rosto e a minha ao seu braço. Jogo meu cabelo para trás e respiro fundo, olhando para a vidraça discretamente e observando um homem olhar para a sua câmera enorme, como se selecionasse a foto que mais venderia. Suspiro, ajeitando-me na cadeira e pondo minhas mãos no colo com a postura retraída.

— Tudo bem?

Olho para ele.

— Sim, só tenho que me acostumar com isso, nada demais.

— Sei que pode ser estressante, mas no momento eu preciso disso, preciso sair com você em fotos. Prometo que não será por muito tempo.

Aceno com a cabeça.

— Acho que preciso saber mais coisas sobre você — digo.

O garçom se aproxima e nós fazemos o pedido para o jantar. Não demora tanto até ele se afastar novamente.

— Que coisas?

— Coisas pequenas, como... sua comida preferida, se tem alergia a algo, sua família. Creio que saber da sua família será importante.

— Não acho que isso seja necessário, você me conhece — ele diz.

— Eu sei o básico que ninguém quer saber, como, por exemplo, você nunca usa gravatas coloridas, nunca toma café preto e toda vez, antes de sair com uma das suas conquistas, você bagunça o cabelo achando que vai ficar mais sexy. — *E ele sempre fica.*

Dylan abre a boca, meio chocado.

— Vamos, não quero ser uma noiva patética que não sabe nada sobre você. — Acho que o convenci, porque ele assente.

— Você começa — diz.

— Bom, sou alérgica a amendoim e a minha comida preferida é tudo que envolver peixe.

— Amendoim? — Ele sorri. — Uau, clichê.

— Digamos que você é mais — ironizo e ele revira os olhos, pegando minha referência ao noivado falso. — Sua vez — falei.

— Sou alérgico a morangos, gosto de cordeiro, e não gosto de Gim.

— Qual é a sua cor preferida? — pergunto.

— Preto. — *Claro que é preto.* — A sua?

— Vermelho — respondo e ele concorda, balançando a cabeça. — Há algo mais que queira saber? — pergunto.

— Já sei o restante.

Levantei uma sobrancelha.

— Nossa, isso eu quero ouvir. — Apoio as mãos no rosto e os cotovelos na mesa, olhando fixamente para o seu rosto arrogante. Ele também se inclina e eu tento não vacilar no olhar.

— Você gosta de desenhos, na sua gaveta tem um caderno com joaninhas na frente, que você não sai sem. Me arrisco a dizer que foi um presente. — Pisquei algumas vezes. — Você usa saltos extremamente altos

para disfarçar a sua altura, e sinto em informar que não funcionam.

Reviro os olhos.

— Algo mais?

— Talvez... eu ainda não tenho certeza, mas sempre que você precisa lidar com algo estressante, usa essa cor nos lábios. E como vermelho é sua cor preferida, tudo se encaixa.

Aperto o maxilar. Odeio como Dylan é observador.

— Vamos mudar de tópico — digo, desviando o olhar do seu sorriso orgulhoso.

—Tudo bem — diz ele. — Onde foi o seu primeiro beijo?

— Por que você precisa saber disso?

— Tenho pais curiosos.

Não acreditei, mas, mesmo assim, respondi.

— Bom, foi embaixo da escada, na minha antiga escola. Eu tinha dezesseis anos na época, e o menino dezessete. E você?

— Antiga escola também, mas eu tinha onze anos e ela quatorze.

Por que não estou surpresa?

— Alguém sabe sobre o nosso acordo? — perguntei.

Ele passa o dedo no lábio inferior, em um movimento que me deixa desnorteada.

— Somente o meu irmão e Benta. — *Benta?*

— Ela é sua...? — pergunto confusa.

— Benta trabalha comigo na minha casa. Eu a conheço desde pequeno.

As comidas chegam a partir desse momento, e nós continuamos fazendo perguntas básicas sobre ambos. Em alguns momentos, sinto como se estivesse em um encontro, tem boa comida, boa música, alguns

sorrisos que eu não tinha ideia do porquê apareciam, e muita, muita, conversa.

Para quem pensou que Dylan fosse cem por cento desagradável, eu estava minimamente errada sobre a porcentagem. Era só noventa e nove por cento.

Ele me conta sobre a família inteira e é nítido o olhar amoroso que tem enquanto fala sobre os seus momentos preferidos. Também me conta sobre o seu irmão, vice-presidente da empresa, e outras duas pessoas, um primo e um amigo, que atualmente não estão em Nova York. Conto sobre o meu ciclo de amizades, que era pequeno e, de maneira muito rápida, sobre os meus pais. Realmente não quero entrar em detalhes.

— Acha que são informações suficientes para uma noite? — Ele quer saber antes de me ver rir de forma exagerada. Não sei por que, mas, de repente, tudo parecia mais engraçado.

— Acho, não aguento mais olhar para você — falo sorrindo, antes de pôr a taça na frente do rosto para cobri-lo. Dylan semicerra os olhos para mim e eu o imito antes de beber mais goles de vinho.

Olho para a bebida, desejando que ela se multiplicasse.

— Você bebeu vinho demais. — Ele me observa e se levanta em seguida, deixando-me sentada na cadeira. Vejo Dylan se afastando pelo restaurante e seco sua bunda bonita antes de pegar a garrafa do balde, lendo as letras estampadas ali. Logo desisto quando percebo que estou tonta.

Merda.

Olho em volta antes de fechar o vinho e guardá-lo na minha bolsa, parece-me uma boa ideia levar o resto comigo. Quando Dylan voltou, eu enfiava a garrafa lá dentro, com alguns palavrões baixos saindo da minha

boca. Levanto-me em seguida, com rapidez, apenas para me sentar de novo, quando minha vista enfraqueceu.

Uau, esse vinho é bom.

— Algum problema? — Ele debocha.

— Eu estou ótima. — Pego a água de cima da mesa e bebo tudo, com os olhos nele, que tinha o mesmo sorrisinho irritante de antes.

Dessa vez levanto devagar, e ele aponta com o braço para a saída. Caminho como a porra de uma modelo na passarela e está tudo perfeito, até eu chegar na saída, tropeçando no tapete vermelho. Seguro-me na porta para não dar de cara com ela e, ofegante, sinto uma mão nas minhas costas, guiando-me para fora.

— Não acredito que está bêbada — reclama ouvindo os meus risos.

— Eu não estou. Só... tonta. Vinho me deixa assim.

Do lado de fora, ele me firma no chão e ouço o barulho incessante do trânsito da cidade. Toco em seu ombro, fixando o olhar em sua gravata preta para focar a minha mente.

— Ainda não explica porque tomou três taças, uma atrás da outra. Você parece sempre nervosa, Lisa. — Encarei-o.

— Não sei se você sabe, mas os últimos dias foram totalmente estressantes para mim e um bom vinho sempre me ajuda, principalmente quando estou perto de você.

— Como? — Ele dá um passo para frente e o oxigênio quase acaba naquele momento.

Franzo o cenho, desviando o olhar.

O que eu acabei de falar? Céus.

— Nossa, estou tãããõ bêbada. — Coloco a mão na testa, fingindo. Ele revira os olhos antes de sair da minha frente, caminhando para o carro.

Corro atrás dele, quase caindo, mas corro. Em certo momento, eu tiro os saltos, porque não aguentaria atravessar a rua inteira na mesma velocidade que Dylan. Vai que ele me abandona para pegar um ônibus? Não duvido de nada que ele possa fazer.

Dou a volta no carro, rindo novamente, e balanço a cabeça, porque penso tê-lo ouvido rir de mim, mas provavelmente não. Abro a porta do carona e me jogo lá dentro. Enquanto ele coloca o cinto de segurança, amarro o meu cabelo em um coque e logo depois ouço o meu celular tocando. Abro os lábios, tirando a minha agenda de dentro.

— Segura para mim, por favor — peço e ele agarra a minha agenda.

Procuro o celular mais no fundo da bolsa, mas simplesmente não acho.

— Segura isso também. — Dou a ele minha bolsinha de maquiagem com estampa de unicórnio. Apenas ouço-o bufar e esboço um sorriso sem graça. — Droga, onde está?

— Infelizmente não está na sua mão.

— Está aqui em algum lugar.

Tiro a garrafa de vinho da bolsa e vejo o seu olhar chocado para ela antes de olhar para mim. Dylan vai falar alguma coisa, mas desiste, virando o rosto para o lado, como se falar algo não sanaria as suas dúvidas. Quando acho o meu celular, dou um gritinho em comemoração e, meio desengonçada, levo o aparelho até o ouvido.

— Alô, Mucura?

— Emily! — falo animada.

— Onde diabos você está? Já é quase meia-noite, estou preocupada, você nunca chega nesse horário.

— Relaxa, Emy. A vida é uma só.

Dylan me encara em silêncio.

— Quem é? Você pode devolver o celular para a minha amiga, por favor?

— Eu estou indo para casa, Dylan está comigo.

— O babaca?

Olho para ele, que levanta uma sobrancelha.

— Humm... não?

— Ora, é outro Dylan então, sua safada! — Emy ri. — Finalmente está tirando o atraso dessa teia de aranha que está se prolifer...

— Tchau, Emily.

Desligo a chamada tão rápido, que quase quebro o meu dedo. Engulo em seco, olhando para frente, e espero uma piadinha irônica aparecer, mas ele estava quieto encarando a minha bolsinha de unicórnio. Segundos depois, ele devolve as minhas coisas, ligando o carro para dar partida.

Em meio a uma conversa rápida, guio-lhe para o meu endereço e espero pacientemente ser entregue no meu apartamento, agora não mais ameaçado. Não consigo deixar de sorrir ao me lembrar disso, não vejo a hora de contar à Emily e comemorar com um filme de comédia romântica na Netflix, que nenhuma de nós duas gosta de verdade, mas é realmente confortável de assistir.

Vejo-o estacionando o carro na frente do meu prédio e sigo o seu rosto curioso olhando para todos os lados. Quando a sua inspeção acaba, ele me olha, tirando o cinto de segurança.

— Obrigada pelo jantar — digo, agradecida.

— Me lembre de não comprar vinho na próxima.

— Me lembre de comprar tapa-ouvidos para a nossa conversa.

— Tchau, Lisa. — Ele balança a mão, praticamente me expulsando do carro.

— Estava pensando. — Abro a porta. — Acho que você devia contratar um coro para cantar para mim no

trabalho, acho que todos entenderiam que você está apaixonado.

— Ou que apenas sou muito brega.

— Bom, nenhuma novidade até agora.

Ele me olha, suspirando.

— Não consigo entender porque ainda não saiu do meu carro.

— Pense na ideia, querido. Adeus.

— Ei. — Ele me chamou quando saí do carro. Encarei-o através da janela baixa. — Nenhum beijinho de despedida, baby?

— Como é? — Minha voz sai indignada.

— Qual é? Eu aproveito e tiro essas... teias de aranha proliferadas que você tem.

Abro a boca, chocada, e logo depois ouço sua risada patética. Dylan arrancou com o carro, deixando-me irritada para trás e, com os olhos arregalados, levanto o meu dedo do meio para ele, que se afastava pelas ruas, fazendo barulho com o motor potente da BMW.

CAPÍTULO 04

Dylan Venturelli

*“Me diz, por que meu coração queima desse
jeito?
Quando vejo seu rosto”*

Ainda não entendo essa minha fixação em pedir ajuda para idiotas.

Talvez a minha mãe tenha me ensinado tanto sobre empatia, que agora a adquiri apenas para tipos específicos de seres humanos, e esse tipo inclui o meu irmão.

— O que significa *Louboutin*? — pergunto ao Adam, que nem parecia estar no Planeta Terra.

— Com certeza não significa “*volte a dormir, maninho*” — ele resmunga e eu ponho uma mão na cintura, olhando para todas as lojas nesse shopping.

— Eu preciso comprar um desses. Onde tem?

— Nossa, quando será que o nosso pai mudou o meu cargo na empresa para ser o seu assistente pessoal?

Meu irmão é um idiota.

— Eu preciso de ajuda, ok? Seja útil.

— Me ligar para perguntar sobre *Louboutins* não estava nos meus planos para ser útil.

— Então você sabe o que é?

— Sei.

Ele fica em silêncio do outro lado da linha por pelo menos trinta segundos e eu reviro os olhos, puto.

— Diga, Adam!

Ele resmunga novamente e eu tenho a impressão de que acabei de acordá-lo mais uma vez. Adam é vice-presidente na Technology Company, mas ele trabalha mais fazendo viagens para o exterior, trazendo consigo sempre uma cartela enorme de investidores para a empresa no fim do mês.

Atualmente ele está no Japão, provavelmente na madrugada, lutando para ter algumas horas de sono, que estou tirando.

— Por acaso o Google saiu do ar em Nova York, ou o seu celular está programado para encher a porra do meu saco?

— Porra... o Google. — Sinto-me burro por não ter pensado nisso antes.

— São sapatos, Dylan. Por que quer saber disso?

— Lisa. — É só o que eu digo.

— Sua noiva? Oh, que fofo.

— Falsa, minha noiva *falsa*.

— Que você está comprando sapatos. Isso parece real para mim.

— Está na sua lista, ok?

— Lista? Que lindo! Daqui a pouco vão estar combinando as cores do novo apartamento.

— Vou desligar agora. — E assim o faço, guardando o celular no bolso de dentro do meu paletó. Volto a caminhar pelo shopping, agora já sabendo exatamente onde procurar. Passo reto por lojas femininas que não vendem sapatos.

Não sei porque estou aqui, com certeza poderia mandar outra pessoa fazer esse trabalho ridículo em menos de sessenta segundos, mas quem eu mandaria fazer isso é justamente a pessoa que vai ganhar a merda dos sapatos. E Lisa já está ocupada demais bebendo

vinho para relaxar e me mandando para o inferno mentalmente no seu dia de folga, que é hoje.

Dentro da loja de grife, eu desabotoo o meu paletó preto, olhando para todos aqueles sapatos, sem ter muita ideia do que procuro. Vou direto na atendente com uniforme preto e dourado, que abre um sorriso sugestivo, olhando para as minhas roupas e sapatos.

— Senhor, em que posso ajudá-lo? — Seu cabelo loiro cai um pouco na testa.

— Quero comprar os... hum... Louboutin. — Balancei a mão.

— Qual deles? Temos cores, formatos, tamanhos diferentes...

— Todos — interrompo-a e ela me olha sem entender. — Tenho um endereço para a entrega também.

— Só temos seis modelos de Christian Louboutin, senhor. — Seus olhos castanhos brilhavam.

— Certo, que seja. — Tiro de dentro do bolso um papelzinho branco com o endereço de Lisa e a numeração do seu pé. A mulher pega da minha mão, junto ao cartão, que também dou a ela, e caminha para trás da loja, indo efetuar o pagamento. Caminho para a vidraça, cruzando os braços, quando paro na frente, observando a movimentação do shopping.

Faltam poucos dias para o final de semana chegar e eu ainda não me sinto preparado para apresentar a Lisa. Eu preciso de mais dias para criar um vínculo mais forte com ela além de chefe e secretária, o que não é fácil. Não consigo passar muito tempo ao seu lado sem me estressar com as coisas irritantes que ela faz, como esfregar os dedos quando está ansiosa ou nervosa por algo, ou simplesmente sussurrar uma música inteira, crente de que ninguém está ouvindo, mas parece a porra de um show da Lady Gaga.

E a merda da boca esperta, porra, ela parece ter resposta para tudo.

Irritante.

Irritante.

Irritante.

Lisa é terrivelmente... linda. Esse elogio passa descontrolado pela minha cabeça, quando meus olhos param na loja de roupas na frente de onde eu estou. Vejo-a de pé na frente do enorme espelho com bordas douradas, analisando-se dentro do vestido apertado demais para não aparecer todas as suas curvas, o azul escuro e elegante cobre até a metade dos seus joelhos, com as costas nuas para quem quisesse ver. Quando ela vira de frente, parecendo falar com alguém, eu não consigo desviar o olhar dos seus seios bonitos.

Putá que pariu.

— Senhor. — Sinto alguém cutucar o meu braço, mas não estou tão empenhado em dar a minha atenção. Então, só aceito tudo que me deram e saio da loja andando como um idiota.

Estou tão concentrado no que não devo, que não consigo evitar esbarrar em alguém sem querer. Apenas ouço o choque, ajudando a mulher com cabelos castanhos a não ir para o chão. Do lado dela, um homem vestido com calças jeans e camisa polo branca solta um resmungo surpreso. Demora alguns segundos para as perguntas básicas sobre precaução e arrependimento surgirem.

— Você está bem? Sinto muito, não vi você — falo, focando-me nos dois, que fazem o mesmo comigo. De forma rápida, um sorriso grande aparece em ambos.

— Dylan! — Ela comemora e eu abro um sorriso minúsculo, reconhecendo o casal mais famoso de Nova York.

Isso pode parecer fútil e exagerado, mas todo casal na elite sonha, e até torce, para ser chamado para uma das festas que esses dois aqui dão.

— Marcus e Beatrice Nelson. — Cumprimento-os com um aperto de mãos. — Muito bom vê-los.

— Digo o mesmo, meu querido, faz tempo que não vejo um Venturelli. — Marcus aperta o meu ombro e eu dou um sorriso minúsculo, tentado ser simpático.

— Ele anda muito ocupado, amor. — Beatrice mexe os ombros, parecendo insinuar algo. — Acredito que sua namorada deseja muito a sua atenção.

Abro os lábios, sem saber muito o que dizer, então só balanço a cabeça concordando.

— Namorada? — Marcus me olha e tensiona a cabeça para o lado, parecendo surpreso.

— Como você não soube, querido? Está em toda banca de jornal na cidade.

Ótimo.

— Na verdade, ela é minha noiva, mas não oficializamos ainda — falo e Beatrice coloca as mãos na boca, sorrindo abertamente em seguida.

— Uau, isso é incrível! Meu pai vai adorar saber disso, ele vive falando que você é um incompetente até para arranjar uma mulher, imagine para negócios. — Ela comenta e eu abro um sorriso, mandando o pai dela para o inferno mentalmente.

— Bom, ele está errado. Por que não fala para ele me visitar na segunda para falarmos sobre negócios? — Não posso perder essa oportunidade, o velho é influente no meu ramo.

— Claro. — Ela piscou. — Com certeza ele vai.

— Então, Dylan. Qual é o nome da sua garota? — Marcus pergunta.

Minha garota... que coisa estranha.

— Ela se chama Lisa.

Beatrice se derrete ao lado do marido e piora quando falo que Morris é a minha secretária. Acho que nunca ouvi tanto a frase *“romance no escritório”* antes.

— Isso é tão bonito, amores no trabalho são tão perigosos e excitantes. — Ela sorri. — Mas também difíceis.

— Estou aprendendo isso — minto.

— Ela está aqui? — pergunta Beatrice.

— Sim... — Olho para a loja de antes e a vejo de pé em frente ao espelho, mas com um novo vestido — está comprando algumas coisas.

— Caralho... é ela? — Marcus pergunta olhando Lisa dos pés à cabeça, e logo depois recebe uma sobrelanceira levantada da esposa pela expressão impressionada. Ele dá um sorriso sem graça. — Fico feliz por você, Dylan.

Dou um sorriso forçado.

— Ela é linda, combina com você.

Franzo o cenho.

Combina comigo? Isso é a coisa mais ridícula que já ouvi.

— Ela parece feliz. Está mimando-a, não? — Beatrice juntou as mãos na frente do rosto.

— Na verdade, não. Não gosto de mimá-la muito — respondo e logo depois me arrependo quando a porra da atendente de antes para ao meu lado com dois homens atrás, segurando três caixas enormes, cada um com a logo da loja estampada.

— Senhor, você esqueceu a sua nota — ela diz e eu dou um sorriso sem graça, olhando para Marcus e Beatrice. — Os sapatos Louboutin estão saindo para a entrega agora, o nome do destinatário é Lisa Morris, correto?

— É... sim. — Agarro a nota de sua mão. Apertando o maxilar, guardo-a no bolso. — Na verdade, vou levar ao meu carro. Sei que ela não vai aguentar de ansiedade para vê-los.

Mentiroso do caralho.

— Claro, como desejar. — Ela sorri e vai até os dois homens para informar as mudanças. Viro para terminar de me envergonhar com os Nelson.

— Não está mimando, hein? — Beatrice levanta uma sobancelha.

— Isso? Ah, não é nada...

— Você tem que me mimar desse jeito, Marcus.
— Ela bate no braço do marido, que faz uma careta.

— Eu preciso ir, tenho que levá-la para almoçar
— menti, apontando para trás.

— Espera, o que acha de ir ao jantar que vamos dar amanhã à noite? — Ela convida e eu olho para Lisa, que já estava com uma peruca loira na cabeça, fingindo ser algum astro do rock, tocando uma guitarra imaginária e balançando a cabeça de um lado para o outro.

Meu Deus.

— É uma ótima ideia, querida. O que acha, Dylan? — Marcus chama a minha atenção e eu olho para baixo quando penso que isso pode ser uma boa oportunidade. É a nossa chance de aparecer, e o que pode ser melhor do que uma mansão cheia de casais fofos e ricos? É o teste certo.

— Isso seria ótimo, estaremos lá amanhã — confirmo a presença, arrancando um sorriso animado dos dois.

— Certo, nos veremos amanhã, estou ansiosa para conhecê-la — ela diz, dando-me um abraço rápido. Aperto a mão de Marcus antes de acompanhar o casal se afastando de mim.

Coloco as mãos dentro do bolso da calça e olho para baixo, fechando os olhos momentaneamente.

Putá merda, não acredito que acabei de confirmar minha ida a um jantar chato de casais!

Pergunto-me por que relacionamentos são tão caretas, é tão difícil não cair na rotina e ter todo aquele cuidado especial que pode ou não ter valido a pena no

final. É por isso que nunca tive e não tenho vontade. Não consigo achar uma razão simples para ter um.

— Eu já volto — falo para a atendente, que acena, então vou em direção à loja onde Lisa está, vendo-a com uma rosa vermelha nas mãos, parecendo fazer um discurso.

Perto o suficiente, vejo-a ficar de costas para mim, fazendo uma saudação antes de jogar a rosa para alguém, que só vejo que é a sua amiga quando estou perto o suficiente. Entro na loja, andando em sua direção, e só paro quando ela está a menos de um metro de distância. A amiga parece notar a minha presença, enquanto Lisa fala pelos cotovelos.

— Certo, estou cansada. Vamos, Emy? Minha calcinha já está na minha bunda com toda essa agitação — Lisa diz e eu aperto os lábios, tentando me manter sério. É melhor que Lisa me veja assim.

— Senhorita Morris — chamo-a e ela dá um pulo, de onde vira a mão para trás, pronta para bater em qualquer coisa em sua frente. Para não ser atingindo na cara, agarro o seu pulso, detendo-a e, por pura e única idiotice, puxo o seu corpo pequeno para perto do meu. Ela se choca comigo, soltando um gemido que, provavelmente, me assombrará por vários dias.

Encaro o seu rosto assustado, que vai relaxando ao me ver, mas o alívio não dura muito, porque ela parece entender que sou eu. Lisa me faz soltá-la e eu aperto o maxilar, passando o polegar por cima do lábio inferior, agora vendo aquele vestido rosa minúsculo no seu corpo.

— O que você...?

— Oh, meu Deus. — Olho para o lado e até me assusto ao ver Emily me encarando dos pés à cabeça, como se eu fosse um boneco de vitrine. Franzo o cenho quando ela dá uma volta em torno de mim, parando ao lado de Lisa.

— De onde esse cara saiu? De alguma revista masculina?

— Você já o viu antes, Emily.

— Mas não tão de perto. — A loira me olha novamente. — Se eu pedir para você assinar um papel, você assina? Pode valer uma grana daqui a alguns anos.

— Emily! — Lisa briga com ela, que já estava pegando uma caneta do bolso e eu dou um sorriso de lado. Tenho um amigo que gostaria dessa mulher.

— Lisa — chamo-a.

— O que é, *stalker*?

— Acho que você esquece que eu sou o seu chefe.

— Dentro da empresa. E como hoje é o meu dia de folg...

— Foda-se, preste a atenção. — Dei passos até parar mais perto das duas. — Vamos a um jantar amanhã à noite, passarei em seu apartamento às sete, então esteja pronta neste horário.

Ela fica me olhando sem dizer nada, assim como Emily.

Franzo o cenho e olho em volta para entender o silêncio.

— Você entendeu?

— Por que está aqui? — Ela faz uma expressão confusa.

Aperto o maxilar, irritado.

— Amanhã à noite, sete horas, esteja pronta. — Viro-me rapidamente e caminho para sair dali, mas logo paro e volto para perto dela quando me lembro de algo.

Ela está na mesma posição e Emily também.

— Vou deixar os Louboutin na portaria do seu prédio, me avise quando os receber — digo e ela acena lentamente com os lábios abertos. Por um momento, penso que ela não fala a minha língua.

— Você tem esse costume de aparecer do nada?
— Emily me pergunta.

— É um dom.

Pisco antes de me afastar definitivamente das duas e vou em direção aos dois homens e à mulher, que já parecia impaciente no meio deles, mas ela logo muda a expressão ao me ver atravessando o shopping.

Olho para as caixas enormes e balanço a cabeça, contrariado.

Maldita lista.

Lisa Morris

— *Emily, porra!*

— AAAAA!! — ela grita ao mesmo tempo em que corria com vários sapatos nas mãos pelo nosso apartamento. Eu estou quase a assassinando.

— Esses são os sapatos mais lindos que eu já vi!
— Ela para atrás do sofá e eu me apoio nos joelhos, totalmente ofegante pela correria.

Preciso fazer exercícios físicos.

— Me dê isso, Dylan deve estar chegando, e não existe ninguém mais pontual no mundo do que ele. — Aponto para ela, irritada.

— Vamos vender um e gastar no salão de beleza!
Nunca vi Emy tão animada.

— Não, já basta aquele Spa que fomos ontem, aquela depilação que tirou toda a minha alma e os vestidos mais caros que já comprei. — Ela revira os olhos.

— Você é noiva de um bilionário.

Levanto uma sobrancelha.

— Noiva falsa. Será que você escuta o que eu falo? — Olho-a, confusa.

— Estou dizendo que o babaca provavelmente pagaria algumas coisinhas se você exigisse, tipo um balão.

— Por que, caralhos, eu pediria *um balão*?

— Foi a primeira coisa que veio na minha cabeça, desculpa. — Ela começa a rir de si mesma, enquanto eu me aproximo, pegando o primeiro par que vejo em sua mão.

— Não vou pedir mais nada, principalmente um balão. — Sento-me no sofá, calçando os sapatos que provavelmente medem doze centímetros. Ele é prateado com pedrinhas brilhantes bem parecidas com diamantes, a sola vermelha, como a marca registrada que o sapato de grife tem.

— Certo. E quando você vai transar com ele?

Eu me levanto do sofá e caio nele de volta ao ouvir essa pergunta ridícula sair da sua boca. Olho-a, indignada.

— Bom... nunca?

Emy riu.

— Nunca diga nunca.

— Nesse caso eu digo... nem por uma vaga no paraíso.

Levanto-me do sofá, indo até o meu quarto para escovar o meu cabelo. Ela fica para trás, resmungando algo que eu não queria ouvir, mas meu espírito fofoqueiro acorda quando ela diz algo que, não sei porque, interessou-me tanto.

— Eu vi como ele olhou para você, pode me chamar de louca caso não haja uma certa curiosidade dele por você.

— Curiosidade? Tipo saber se eu beijo bem?

— Tipo saber a cor da sua lingerie, Lisa. — Ela revira os olhos.

Fico em silêncio por alguns segundos, olhando para ela, que tinha uma expressão sugestiva. Dou de ombros.

— Isso é pouco provável — digo e ela bufa, deixando os meus sapatos caírem em cima do tapete.

Ouvimos a campainha interromper o seu próximo chique e Emy fez um bico, contrariada. Ela aponta para mim, como se fosse me bater em outro momento. Antes dela abrir a porta, eu mostro o meu dedo do meio, ela repete o gesto, e em seguida dá um sorriso para a pessoa na sua frente.

— Dylan Venturelli! Nossa, você está atrasado. — Emy olha para o relógio imaginário no seu pulso.

— Isso é impossível. Onde ela está?

— Estou aqui. — Dou uma corridinha besta até parar ao lado de Emily, pegando seu olhar como um imã. Por um segundo, vejo seu rosto vacilar ao encarar o meu corpo no vestido de gola alta e totalmente justo nas curvas da minha cintura. Quando experimentei na loja, não estava tão sexy como está agora, mas eu deveria ter percebido, pela abertura, que deixa as costas nuas.

— Céus, estou indecente? — perguntei a ele, que parou de olhar para o vestido e me olhou nos olhos. Dylan limpa a garganta e nega.

— Está ok, senhorita Morris.

Ok? Ok.

— Você também está *ok* — digo, olhando para a camisa azul clara social com dois botões abertos e a calça preta de linho. Parece tão... sedosa. É linda. Seu cabelo está bem penteado e o cheiro melhor ainda. Sua barba rala está feita, deixando só o necessário para as mulheres se atraírem rapidamente. Dylan é tão bonito que dá raiva.

— Vamos, quanto mais rápido formos, mais rápido voltamos.

Ele sai da frente de nós duas, voltando a caminhada pelo corredor. Eu olho para Emily, que estava sorrindo como uma idiota.

— Muita, muita curiosidade.

— Vai lavar a louça, Emily!

Saio da sua frente, seguindo Dylan, que já apertava o botão do elevador. O caminho até o seu carro é feito em silêncio, e na maior parte do caminho até esse tal jantar, ele também não fala muito. Hoje mais cedo eu mal pude conversar com ele sobre isso, há tantas coisas para serem feitas, que falar sobre o nosso noivado falso não está na lista.

Pelo menos posso testar o meu cartão ilimitado da Starbucks que ele me deu. Droga, é um sonho no meu mundinho de caféina e bolinhos de trufas. Já para o meu pedido sobre chances mais sérias e oportunidades na empresa, ainda não tenho resposta. Talvez ele esteja me enrolando ou apenas procurando alguma responsabilidade boa para me dar, não sei de fato.

— Lisa.

Paro de olhar para a casa iluminada que paramos na frente, e o encaro.

— O quê?

— Talvez eu tenha que tocar em você em algum momento, nada muito íntimo.

— Ok — concordo.

— Para você não se assustar, eu falarei sempre uma palavra antes. — Ele tirou o cinto de segurança. — Uva.

— Uva? Que merda...

— Se achar o toque desnecessário, fale abacaxi.

— Qual é o seu lance com frutas?

— Diga-me a sua palavra.

Suspiro, olhando novamente para a mansão. É de fato uma casa bonita, não duvido que dentro seja um palácio.

— Morango — digo.

Ele faz uma careta.

— Sou alérgico.

— Melhor ainda.

Dylan me olha com tédio quando solto uma risadinha. Ele sai do carro e eu vou em seguida, tomando cuidado para o meu vestido curto não subir demais.

Caminho atrás dele, admirando a entrada do lugar. Logo depois vejo uma fonte cinzenta enorme com um anjinho no topo. Lembro-me das fontes dos séculos passados e algo me diz que essa é uma delas. A casa não era tão moderna, o que só fortaleceu o meu ponto. Talvez seja uma mansão antiga com vários segredos e acontecimentos chocantes. Gosto de pensar nessas coisas.

Bato nas costas de Dylan, sem perceber que ele para de andar. Ele me olha, então dou um sorriso sem graça, ficando ao seu lado na frente da porta.

— Beatrice e Marcus são o casal anfitrião — ele me informa.

— Há mais de um casal?

— Sim, todos que estão aí dentro são.

Franzo o cenho no mesmo segundo que a porta se abre para nós. Primeiro, vejo uma mulher de cabelos castanhos com pérolas grandes em volta do pescoço, um vestido branco tubinho a envolve perfeitamente, assim como o salto da mesma cor. Ao lado dela, um homem com a mesma cor de cabelo e olhos castanhos vestia uma camisa social verde-abacate e calça escura. Ambos são ridiculamente bonitos.

— Dylan! Fico tão feliz que tenha vindo — a mulher diz com um sorriso grande antes de olhar para mim. Seu sorriso aumenta. — Lisa.

— Sou eu. — Estendo a minha mão, recebendo um aperto forte. — Prazer.

— Sou Beatrice, esse é o meu marido, Marcus. — Ela aponta para o homem ao seu lado, que estende a mão para mim. Aperto-a com um sorriso.

— Fico feliz por conhecê-los — digo. Ela sorri, enquanto ele estava focado na minha boca.

— Que simpática! Vamos entrar. — Beatrice vibra em entusiasmo e nos convida para dentro. — Eu adorei essa cor de preto azulado em você, aliás.

Franzo o cenho.

— Há mais de uma cor nesse vestido? — sussurro para mim mesma.

Fico alguns segundos confusa, antes de olhar para o meu vestido e ver que Dylan faz o mesmo, tendo o mesmo pensamento que eu.

Continuamos andando, e quanto mais ando ali, mais fico encantada. É tudo tão dourado e clássico que é difícil não reparar. Como se a mansão fosse projetada com esse único propósito: Te fazer babar.

Ouvi o barulho de risadas e taças batendo. De repente, senti-me tensa ao lembrar que precisarei fingir algo durante uma noite inteira ao lado do meu chefe, que vai falar uma fruta toda vez que me tocar. Espero que essa farsa não dure muito.

No salão principal, vejo mais ou menos oito pessoas com sorrisos de orelha a orelha, todos parecem extremamente contentes por estarem ali e, para melhorar ou piorar, reconheço alguns rostos. Há casais famosos de Nova York circulando por aqui, não tão conhecidos como Barack e Michelle Obama, mas influentes.

Há sofás espalhados para quem quiser conversar e algumas barraquinhas, como se fosse um festival de cidade pequena, um bar improvisado no canto, com caixas de sons nas prateleiras, na parte de cima,

parecendo ligadas e prontas para transmitir o som que sairia do microfone no centro do espaço.

Olho para Dylan lentamente e sua expressão era a mesma que a minha.

— Que diabos é isso?

— Estou tão confuso quanto você — ele sussurra.

— A gincana dos casais vai começar, não esqueçam de preencher o formulário. Espero que ganhem. — Beatrice toca no meu braço antes de se afastar com o marido, ambos veem o meu sorriso nervoso, mas, por sorte, consigo disfarçar.

Com eles longe, paro de sorrir e olho para Dylan com a expressão séria.

— Eu estou caindo fora. — Aponto para a saída. — Agora. Tchau, tchau.

— Não, não. — Ele me impede, ficando em minha frente e eu bufo, cruzando os braços.

— Você passou dos limites, mocinho.

— Eu pensei que fosse só um jantar informal, como adultos fazem. Eu não sabia que teria... uma competição de casais. E você não pode ir agora.

— Observe.

— Lisa. — Ele levanta as mãos no meio de nós dois quando eu tento passar por ele.

— Isso é super arriscado, podem desconfiar, porque você e eu não temos a melhor direção para um relacionamento — falo.

— Mas temos dinâmica — diz. — Temos química.

— Só se for do seu cabelo.

Ele dá um passo para frente, ficando próximo o suficiente para me fazer prender a respiração. Tenho que levantar a cabeça para acompanhar o seu olhar passando pelo meu rosto de forma tão sedutora, que eu saio do Planeta Terra por alguns segundos. Quando ele chega nos meus lábios, tenho um mini derrame assim

que ele passou a língua nos dele. Dylan me vê ofegar e dá sorrisinho de lado.

— Está calor? Você parece quente. — Ele olha para a pele do meu pescoço e eu aperto o maxilar.

— Acho que o ar-condicionado está quebrado.

— Você sabe que não. E meu cabelo não tem química.

— Oh, você parece chateado.

— Eu ficaria se tivesse química, mas meu cabelo é sedoso desse jeito mesmo.

Ri baixo antes de desviar, quando alguém para do nosso lado. Uma mulher loira com um uniforme dourado e preto nos entrega dois ficheiros cheios de perguntas básicas sobre a minha pessoa. Acredito que o questionário de Dylan siga a mesma linha. Eles levam essa competição mesmo a sério.

— Preciso que respondam isso separados — a loira diz. No crachá em seu peito vejo que ela se chama Aline. — Pode vir comigo, senhor Venturelli.

— Claro. — Dylan para de olhar para o decote dela e dá um sorriso pequeno. — Vamos.

Ele nem me olha antes de sair e eu reviro os olhos pegando a caneta pendurada nas duas folhas. Caminho para o outro lado, observando as pessoas. Chego até o bar, sentando-me no banquinho vermelho e alto, apoio o questionário ali e começo a responder em silêncio, atenta às perguntas mais patéticas que já li.

Minutos depois, eu já considerava me trancar no banheiro até o final da festa e depois sair como se nada tivesse acontecido.

— Precisa de uma bebida — alguém afirma do meu lado. Eu levanto o rosto para encontrar Marcus com um copo de Whiskey na mão.

— Eu não...

— Bebe Whiskey? É, eu imaginei. Por isso trouxe isso. — Seu outro braço, que estava atrás, vem para

frente, revelando um drink avermelhado.

— O que é isso?

— Uma bebida nova, autoria do *barman*. — Ele acena para o rapaz não tão distante de nós dois.

Olho para o copo, procurando algum indício de que possa ter droga. Depois olho para ele, que dá um sorriso de lado.

— É mesmo boa? — perguntei.

— A melhor que você irá experimentar.

Semicerro os olhos.

— Beba. — Isso sai dos meus lábios como uma ordem. Marcus estranhamente parece gostar disso.

— Acha que eu colocaria algo aqui?

— Eu acho que não conheço você. — *Porra, eu deveria ser só a noiva simpática e não enfrentar o dono da festa.*

— É justo. — Ele leva o drink até os lábios, bebendo alguns goles, que desceram pela sua garganta. Logo depois, ele me entrega, passando a língua nos lábios para limpá-los. — Acho que você vai gostar.

Pego a bebida da sua mão e a cheiro antes de tomar alguns goles. Saboreio o drink e não me espanto tanto quando gosto. Adoro drinks.

— Eu disse que era bom. — Ele bate seu copo no meu.

— Sua festa está legal. Sempre faz isso com casais? — perguntei pegando as minhas folhas respondidas de cima do balcão.

— Beatrice gosta disso, adora apimentar a vida de alguns casais.

— Apimentar?

— Algumas dessas pessoas já têm o casamento fragilizado, às vezes é bom lembrar porque você ama alguém. E Bea faz exatamente isso.

— Fazendo esses jogos?

— Sim.

— E funciona?

— Mais do que você pensa, minha esposa é uma romântica incurável, então ela adora ver a empolgação dos casais e o sentimento de amor no ar. — Ele sorri. — É algo que somente ela teria capacidade para organizar e, acredite se quiser, há gente que já até ofereceu dinheiro para estar aqui.

— Uau, a mágica deve ser boa — brinco e ele dá uma risada baixa.

Bebo mais um gole da minha bebida, vendo-o fazer o mesmo. Afasto a taça dos lábios, percebendo seu olhar ali na mesma hora.

— Há algo... — Ele aponta para mim.

— O quê?

— Aqui — Ele mexe os dedos na própria boca.

Limpo na parte de baixo do meu lábio inferior e isso parece frustrá-lo.

— Não... é em cima... — Seus dedos se estendem na minha direção para me tocar e, antes mesmo que ele fizesse isso, sua mão para no ar pelo agarro rápido de alguém que para perto o suficiente para impedi-lo.

Olho para Dylan, que tinha o pulso de Marcus na mão, e pisco, vendo seu rosto sério demais.

— Eu assumo daqui — ele diz e eu levanto uma sobancelha.

— Claro, Dylan. — Marcus tira a mão dele de uma forma bruta e dá um sorriso de lado, como se o clima estranho não existisse.

Com o cenho levemente franzido, eu vejo o meu noivo falso pegar um guardanapo do balcão e olhar para mim.

— Vim pegar algo com *uva* no bar. — Ele diz antes de tocar no meu queixo, levantando meu rosto alguns centímetros. Todos os agentes da CIA riram do nosso código agora.

— Talvez vinho? — pergunto enquanto ele me limpa na frente do Marcus, que nos observa em silêncio.

— É uma boa opção, baby. — *Por que esse apelido sai tão sexy na voz dele? Parece que mistura todos os sotaques, é enlouquecedor.*

— A brincadeira já vai começar. Recomendo não estarem com tanto álcool no sangue — Marcus sugeriu.

— Vamos pensar nisso com certeza. — Dylan põe o guardanapo no balcão. — Mas, por enquanto, eu realmente gostaria de algo com uva.

Sinto seu braço passando em volta da minha cintura e me ajeito na cadeira, sentindo a mão grande e firme me rodear. Foi uma sensação boa, porém...

— Sério? Eu prefiro abacaxi — provoco saindo de cima do banco, automaticamente tirando sua mão de mim. Dylan me dá um sorriso falso.

— Certeza que não é morango?

— Acredita que sou alérgica?

— Não é nad... digo, eu não sabia. — Ele se conserta e eu dou um sorrisinho.

— Pois é, querido, mas se eu pudesse, tomava algo com morango. — Levanto minha mão dando dois tapinhas fracos em seu rosto, como se fosse um carinho, mas nós dois sabemos que não é.

— Acredita que eu também prefiro abacaxi agora? — Ele agarra a minha mão e me puxa para perto, colando minhas costas no seu peito. Controlo a minha respiração, sentindo a sua acima da minha cabeça.

— Nossa, de onde surgiu tantas frutas? — Marcus brinca e nós dois damos as risadas mais falsas do que bolsas de feira.

— Atenção, casais de Nova York! A brincadeira vai começar. — Beatrice chama a atenção de todos que estão ali, inclusive a nossa, de forma ligeira. Faço Dylan me soltar e logo depois belisco seu braço, arrancando um

resmungo irritado dele. — Lembrando que o casal vencedor vai ganhar dez mil dólares!

Engasgo com a própria saliva, chamando a atenção de Marcus e Dylan.

— Sem falar na noite romântica no melhor hotel da cidade! — Todos aplaudem Beatrice, que comemora pedindo mais palmas. — Vamos começar pelos questionários, é bem simples, pensem como um teste de afinidade. Cada um dos casais tem somente três chances, caso haja erros. Haverá juízes perto de vocês que vão checar as respostas e dar os pontos quando acertarem um sobre o outro. Temos cinco casais aqui e somente três vão passar para a segunda fase. Boa sorte!

— Parabéns, você me trouxe para os Jogos Vorazes da Elite — digo para Dylan, que não fala nada, apenas suspira, parecendo não entender a referência do filme.

— Não precisamos ganhar, Lisa.

— Certeza?

— Não, seria ótimo se ganharmos, daria mais credibilidade — ele sussurra para mim antes que Marcus se afaste para ir até a esposa.

— Por aqui. — A mesma loira de antes nos conduz para o outro cômodo, enquanto os outros casais fazem o mesmo. Na entrada, Dylan e eu recebemos uma plaquinha de número cinco e eu me seguro para não bater nele com isso. *Era para ser rápido, não era?*

CAPÍTULO 05

Lisa Morris

“Eu coloquei um feitiço em você”

Hm... Deus? Ah, oi. Sei que eu nunca fui a melhor pessoa do mundo, sei que sou ambiciosa e talvez... atrevida o suficiente para tirar quem estiver na minha frente, mas eu aprendi a ser assim com o tempo. Há certas situações da vida que você precisa assumir o controle, você pode sucumbir às suas fraquezas ou enfrentá-las, porque a escuridão nunca será uma opção para mim. Mas a real pergunta agora é... *fingir uma dor de barriga ou não?*

— Se acha que eu vou acreditar nessa sua balela, é melhor fingir um desmaio, vai parecer mais real.

Desfaço a minha cara de quem estava passando mal e apoio os meus cotovelos na mesa para falar com Dylan.

— Sabe o que eu gostaria de estar fazendo agora?

— Não me importo.

— Assistindo as Kardashians com um pote de geleia do lado.

— Como assim não seria estar comigo em uma competição de afinidade em uma mansão com gente desconhecida?! — Ele finge indignação e isso me faz sorrir de lado.

Passar mais tempo com Dylan significa conhecê-lo mais, saber como lida com coisas pequenas e como se

sai com as coisas grandes. Por exemplo, não nos conhecemos profundamente, mas ele está sentado na minha frente como se as perguntas que virão serão a coisa mais fácil que ele fará na vida inteira. Ele não parece nervoso ou ansioso, apenas... seguro de tudo que acontecerá e, porra, isso é atraente demais, até para ele.

Sem falar no seu humor que aparece de vez em quando. Sinto-o se soltar comigo, mas logo muda, ficando com a carranca de sempre.

— O que acha que é a segunda fase? — pergunto.

— Não sei, vou ligar para o Luigi e perguntar.

Reviro os olhos. Não acredito que ele acabou de fazer uma referência ao jogo de *videogame* da Super Nintendo.

— Ninguém gosta do Luigi, só do Mário.

— Nunca pensei que fosse ficar tão desapontado com você — ele lamenta.

— Vamos começar. — Um homem para ao nosso lado na mesa e encara as plaquinhas no meu peito e de Dylan. Ele se senta na cadeira vazia e se apresenta como o nosso juiz esta noite. — Vou fazer as perguntas e as respostas só precisam estar iguais ao questionário que responderam mais cedo. Se errarem, só terão três tentativas de conserto. É bem fácil.

— Você gosta de trabalhar aqui? Posso te oferecer um trabalho na minha empresa — Dylan oferece e o juiz levanta uma sobancelha.

— Não sou facilmente comprado, senhor Venturelli.

— Mais um motivo para vir trabalhar para mim — Dylan dá um sorriso arrogante. Quem o visse fazer isso, não entenderia que ele está brincando com o cara.

Ou não. Céus, isso foi uma péssima ideia.

— Foram feitas perguntas diferentes para ambos. São, no total, dez perguntas para cada um — ele avisa e

nós concordamos.

— Vamos lá — Dylan incentiva.

— Vou começar pelas damas — o juiz diz e eu suspiro, cruzando os braços.

— Pode mandar. — Esfrego as mãos.

— Candidata número cinco: O que o seu par costuma comer no café da manhã?

Olho para Dylan, que passa a língua nos lábios, esperando-me responder.

— Ele sempre come uma tigela do cereal Crunchy Nut, é o preferido dele — digo olhando para Dylan, que meneia a cabeça se mostrando impressionado. — É o mais crocante, é o que ele sempre diz.

Semana passada eu estava limpando a sua mesa, quando achei uma nota do supermercado embaixo da tecla no MacBook e, coincidentemente, eram cinco caixas de Crunchy Nut comprados no seu cartão pessoal. Com certeza era isso que ele comia toda manhã.

— Está correto. — O juiz diz e olho para Dylan. — Candidato número cinco: Qual é a mania mais recorrente que a sua parc...

— Fácil, ela sempre esfrega o dedo um no outro quando está nervosa, chateada ou ansiosa. — Ele corta o juiz. — É assim que eu reconheço seu humor pela manhã.

Uau, isso foi interessante.

Levanto uma sobancelha para ele, que dá de ombros, meio que se gabando.

Ora, eu posso jogar esse jogo também.

— Qual a mania mais irritante que o seu parceiro tem?

— Além da arrogância? Ele conta dinheiro a cada trinta minutos, como se os dólares fossem sair correndo da sua carteira.

— Alguém pode me roubar — ele justifica.

— Só se for a sua sombra. Você sempre anda escoltado.

— Está correto. — O juiz interrompe o nosso diálogo. — Cite três coisas que a sua parceira gosta.

Nessa pergunta, eu coloquei cinco respostas, porque era o que pedia. Espero que ele acerte.

— Sapatos. — Dylan levanta um dedo, e depois o outro. — Desenhar.

— Falta um — o homem exige.

— Kardashians — ele diz com um sorriso pequeno e eu semicerro os olhos.

Certo, ele foi esperto.

— Correto novamente. — O juiz me encara. — Uma coisa que ele gosta de fazer.

Eu pensei que isso seria difícil, mas me enganei.

— Toda sexta-feira ele come no restaurante chinês para pegar os biscoitinhos da sorte, então leva-os para casa e abre lá.

— Como você sabe disso? — Dylan me interroga, surpreso, e eu dou de ombros também me gabando.

Sei disso porque ele sempre sai mais cedo nas sextas-feiras e logo eu saio atrás, aproveitando o fato de sair do trabalho algumas horas antes. Sempre o sigo com o olhar até o restaurante chinês no final da nossa esquina. Até que um dia a minha curiosidade venceu e eu fui ao mesmo restaurante para vê-lo jantar sozinho e, no final, guardar os biscoitos no bolso. Eu sabia que não era a primeira vez que ele fazia isso.

— Está correto. — O juiz olha para nós dois de uma forma um pouco estranha e continua o questionário. Dylan e eu passamos os próximos dez minutos respondendo perguntas um do outro e, incrivelmente, acertando tudo. Até eu me surpreendi quando entendi que o conhecimento melhor do que imagino. Mas o que me deixou mesmo surpresa foi ele responder tudo sem ao menos hesitar, é como se tivesse um anjinho assoprando tudo em seu ouvido. Em certo ponto, cheguei a me perguntar qual de nós dois era mais observador.

— Ok, essa é difícil. — Ele aponta para nós dois com o entusiasmo a florado. Dylan apenas sorri para mim. — Quando e onde foi o primeiro beijo?

Travo no lugar.

Dylan abre os lábios se mexendo na cadeira e parecendo pensar em uma resposta bem elaborada. Essa pergunta foi feita no meu questionário e não tinha nenhuma maneira dele acertar essa. Nem com o anjinho em seu ombro assoprando a resposta.

— Hmh... foi... — Ele olha para a toalha da mesa e fecha os olhos por alguns segundos.

Porra, eu preciso dar alguma dica.

— É a última pergunta. Se errar, só terá mais três chances antes de serem eliminados — o juiz diz e Dylan me encara meio apavorado.

Olho em volta, vendo as cortinas penduradas na janela e, disfarçadamente, mexo minha cabeça para o lado. Como se fosse um código. Dylan segue minha dica e logo depois franze o cenho. Ele fica olhando por alguns segundos e depois dá um sorriso confuso.

— Em um acampamento? — Ele pergunta, incerto, e o juiz risca na sua prancheta.

— Mais duas chances, senhor Venturelli.

Ele se ajeita na cadeira, olhando para as cortinas de novo. Com o olhar do juiz sobre ele, aproveito quando Dylan me encara e faço uma casinha com mãos, soprando a resposta. Com os lábios, falo a palavra “início” sem emitir som e logo depois viro o rosto o mais rápido possível para ninguém nos pegar.

— Eu acho que já sei. — Dylan olha para ele, que pede a resposta. — Foi em uma tenda, no início do namoro. — Ele diz e eu discretamente dou um soco no ar, comemorando a resposta certa.

— Está... — Ele olha na prancheta e depois nos encara — correto. Parabéns, vocês gabaritaram. Estão na próxima fase.

Dylan comemora comigo, dando gritinhos e fazendo corações com as mãos. Realmente tínhamos passado para a próxima fase, o que prova que não somos um casal tão ruim assim.

Estava tudo perfeito, até vir a segunda fase.



— Eu não quero fazer isso — sussurro para Dylan, que estava ao meu lado. Eu simplesmente não podia ver nada com a venda nos olhos.

— Você tem uma boa pontaria, Lisa.

Mentiroso.

— Jogar bolinhas de papel no lixo e jogar dardos são coisas bem diferentes.

— Eu vou guiar você.

— Como você vai fazer isso?

— Você tem que acertar três dardos perto do meio, use a força e o senso de direção. Apenas me escute.

— Tem alguém olhando?

Ele ficou em silêncio por tempo demais, o que confirma que toda a merda do salão está olhando para nós dois.

— Não, claro que não.

— Mentiroso!

— Temos que ganhar essa para ir até a última fase. Foco. — Ele bateu uma palma.

— Você é bem competitivo, não?

— Pegue o primeiro dardo. — Ele coloca na minha mão e eu o levanto na altura do meu rosto. Dylan ajeita a minha pontaria e se aproxima, ficando mais perto. Sinto o calor do seu corpo quente aquecendo a lateral do meu,

e levanto mais o rosto ao sentir sua respiração no meu ouvido.

— Jogue reto e com força mediana, ele não está tão longe. — Sinto cócegas na nuca e essa venda em meus olhos faz todos os meus outros sentidos aguçarem. — Jogar mais para a esquerda será o suficiente para chegar perto do meio.

— Tem certeza?

— O objetivo da prova é ter confiança, então confie em mim.

— Certo.

Preparo-me, medindo a minha força, e mexo a pontaria mais um pouco para a esquerda. Quando o ouço mandar jogar, jogo o dardo, levando o corpo minimamente para frente. Escuto o barulho do que seria o dardo ficando preso e levanto a venda, vendo-o centímetros de distância da bolinha vermelha no centro. Abro os lábios chocada e olho para Dylan, que tinha um sorriso no rosto.

— Não acredito.

— E eu não acredito que duvidou de mim. — Ele me coloca na mesma posição, cobrindo os meus olhos de novo e eu sinto o segundo dardo ser posto na minha mão. Escuto passos e imagino que as pessoas se sentiram curiosas.

Jogo o segundo dardo e logo depois abaixo a venda. Abro um sorriso imenso quando o vejo perto do anterior e me viro, levantando os braços para cima com uma risada alegre saindo da minha garganta. Dylan levanta os polegares e eu bato palma, pronta para o último dardo.

— Pronta?

— Vamos vencer isso.

— É assim que se fala! — Ele vibra quando ponho a venda nos olhos.

Miro o dardo na mesma altura que os outros e sigo suas instruções em silêncio, apenas acenando. Sinto-o se afastar um pouco e escuto o burburinho ao meu redor, que se consistia em *“Não acredito que ela vai acertar”, “Essa é a noiva de Dylan? Esperava mais”, “Soube que acertaram todas as perguntas, até que formam um casal bonito”*.

Paro de prestar a atenção nisso e foco apenas na voz de Dylan, que dizia para relaxar e me concentrar. Faço exatamente isso e suspiro, preparando-me, como das outras vezes. Jogo o dardo com um pouco mais de força e ouço-o prendendo no alvo. Não tiro a venda, dessa vez esperando a reação das pessoas, mas não ouço nada. Confusa, tiro a venda dos olhos, encarando Dylan, que olhava para frente, com os lábios abertos, então sigo o seu olhar. Quando paro no dardo que acabara de jogar, nem acreditei quando o vi em cima do ponto vermelho. Eu joguei bem no centro, deixando todo mundo de boca aberta.

— Oh, meu Deus! — Comemoro jogando os braços para cima e Dylan me encara sorrindo.

— Ok, você é boa nisso.

— Eu sou incrível. — Comecei a rir dos aplausos que apareceram e, por puro impulso de felicidade, agarro os braços dele, dando-lhe um abraço entusiasmado. Dou pulinhos como se fosse uma criança e ele ri de mim, colocando os braços na minha cintura.

— Eu consegui! Quero um balão depois dessa. — Encaro os seus olhos. Nenhum de nós dois soltou o outro até então.

— Um balão? — Ele parece confuso.

— Longa história. — Começo a rir de novo e isso parece induzi-lo a fazer o mesmo. Os olhos verdes não saíram dos meus em momento nenhum e, por um segundo, senti como se toda a sua atenção fosse destinada apenas para mim. Seus braços me apertam

mais um pouco e eu vou parando de sorrir, encarando os lábios que se abrem ligeiramente ao encarar os meus.

De repente estávamos em uma bolha cor de rosa.

— Uau! — alguém grita do nosso lado e Dylan me solta, limpando a garganta. Dou um passo para trás, encarando Marcus e Beatrice. — Vocês foram incríveis, não foram, Bea?

— Foram. Por mim já dava o prêmio para vocês. — Ela dá uma risadinha travessa.

— Bom, vocês estão na última fase. A fase... apimentada. — Marcus pisca e eu fico extremamente confusa com o que quer que isso signifique.



— Essa é a fase em que vocês jogam entre si — Beatrice comunica, olhando para os três casais competidores. — É a fila de cantadas selvagens.

Cruzo os braços sobre o peito.

— O casal que tiver a cantada mais criativa um para o outro, vence a noite e leva todos os prêmios. — Marcus aponta para o lado esquerdo revelando uma mala transparente cheia de dólares e uma chave em forma de cartão dentro de um cubo de vidro, provavelmente a chave do melhor hotel da cidade.

— As cantadas precisam ser leves? — Um loiro ao meu lado pergunta. Reconheço ser Diego Patrick, dono de alguns tabloides de NY.

— Não, mas você faz se quiser — Marcus diz. — Como só há competidores que ganharam as outras fases nessa sala, Bea e eu vamos ser os juízes.

O cômodo em que estamos é diferente. O restante das pessoas está no salão principal bebendo e provavelmente se perguntando quem será o casal vencedor a sair pelas portas brancas. E, para a minha sorte, eu sou excelente em cantadas. Não canto ninguém, mas tenho um bom repertório.

— Os homens irão primeiro, Bea e eu vamos analisar. Lembre-se... é para ser divertido. — Marcus pisca para nós, arrancando alguns sorrisos. — Cada casal fica no X branco, por favor.

Há três desses no chão, um com uma distância favorável da outra. Dylan e eu fomos para a do meio e ficamos na frente do outro. Enquanto Beatrice e Marcus escutam o casal antes de nós, encaro o meu par, que tinha as mãos dentro dos bolsos da calça social e o rosto inquieto.

— Tudo bem? — pergunto.

— Não sou muito bom com cantadas.

Levanto uma sobrancelha.

— Como não? Você sempre está com mulheres aos seus pés.

— Não preciso conquistar ninguém com cantadas fajutas e ridículas.

— E o que você faz? — Ele me olha com uma sobrancelha erguida.

— Quer passar pela experiência, senhorita Morris?

— Nem pelos dez mil. — Ele abre um sorriso.

— Não consigo lembrar a última vez que cantei alguém assim. Oh, espere! — Ele fez uma expressão debochada. — Não estou na década de noventa.

— Você está reclamando demais, estou começando a achar que apenas é um cara de lábia fajuta. Aposto que chega nas mulheres já convidando-as para o seu apartamento.

— Eu não preciso convidar. — Ele dá um sorrisinho malicioso e eu reviro os olhos. — Mas você está errada.

— Hum... acho que não.

— Eu disse que não sou muito bom, não que sou ruim.

— Isso não fez o menor senti...

— Dylan e Lisa! — Beatrice está do nosso lado, junto ao Marcus, que me cumprimenta com a cabeça e apenas dá um sorriso falso para Dylan. Acho que a simpatia que os dois tinham, não existe mais. — Podemos começar?

— Claro — ele concorda.

— Eu gostaria de ir primeiro — peço e eles se encaram, esperando uma confirmação um do outro, antes de concordar com o meu pedido.

Olho para ele com um sorrisinho diabólico.

— Dylan... — Minha voz sai meiga e com deboche.

— Diga, querida — ele debocha junto comigo.

— Eu gostaria de te usar igual uso um óculos.

— E por que isso?

— Para pôr uma perna em cada orelha.

A cara que Dylan faz é tão memorável, que eu acho impossível de esquecer enquanto estiver andando por esse Planeta. Ele me olha como se a cura do câncer estivesse desenhada na minha testa. Beatrice e Marcus explodem em uma risada ao nosso lado. Coloco a mão na boca, tentando esconder o riso, e me aproximo de Dylan, ajeitando a gola da sua camisa. Ele não para de me olhar.

— Você está com a cor de um morango. — Desço as minhas mãos pelos seus ombros. — Parece ter gostado.

— Isso foi muito bom. — Bea aponta para nós antes de puxar o marido para o próximo casal. Aperto os lábios.

— Você é...

— Criativa? Concordo, você chega lá um dia.

— Que convencida. — Ele agarra as minhas mãos dos seus ombros e eu paro de sorrir lentamente para olhar para o seu corpo colando ao meu.

— Quer ouvir a minha?

— Ainda não é a sua vez.

— Eles não vão se importar. — Ele encara os meus lábios. — Está com medo de se chocar?

Levanto o queixo.

— De um cara com lábia fraca? Pode crer que não.

Dylan olha em volta antes de passar o braço pela minha cintura, puxando-me cada vez mais para perto.

— O que eu penso em fazer com você é um pecado, mas por isso eu aceito ir para o inferno. — Ele me aperta mais forte e eu engulo em seco quando seus lábios se aproximam do meu ouvido. — Quer saber por quê?

Fico em silêncio, não querendo admitir que estou curiosa.

— Porque cada minuto que se passa dentro dessa mansão, eu penso nos quartos que existem lá em cima e como seria fácil tirar esse vestido de você com os dentes. Então, se eu for para o inferno por algum pecado, será pela luxúria que corre em minhas veias quando olho para a sua bunda.

Acho que nunca fiquei tão intimidada antes por causa dele. Sua respiração está forte, o que me faz acreditar que lá no fundo esse é mesmo o seu desejo e vontade.

— Não se esqueça que você é a minha rainha, mas quem se ajoelha aqui é você. — Senti-o sorrir, e em seguida tirar todo o ar dos meus pulmões. Eu juro que senti minhas pernas ficando bambas a cada segundo.

Seu rosto próximo demais me faz olhar para os seus olhos como um imã, minha pele queima e eu odeio isso, odeio como Dylan me faz sentir vulnerável sem muito esforço. Meu corpo sempre parecia ter vontade própria perto dele.

— Temos os ganhadores! — Nós dois viramos para o lado para encarar Marcus entregando a maleta para o loiro que tinha perguntado sobre as cantadas antes. Bea parece contrariada, encarando-nos como se não concordasse com o que estava acontecendo. — Diego e Olivia Patrick são os ganhadores dessa semana!

O outro casal aplaude e eu me afasto de Dylan para fazer o mesmo. Ele me encara, passando o polegar no próprio lábio e eu desvio, não querendo olhar para ele agora. Ainda me sentia tonta demais para pensar.

— Obrigada por participarem, espero que tenham se divertido. — Bea chega perto de nós. — Marcus teve a palavra final dessa vez, ele atropelou um pouco.

— Notamos, ele nem chegou na minha vez — Dylan comenta e olha para Marcus, que sorri dando um abraço no casal vencedor.

— Ele está empolgado. — Bea vem até mim, dando-me um abraço. — Adorei conhecer você, podem ficar para a festa se quiserem.

— Isso parece óti...

— Na verdade, eu estou cansada. Podemos ir? — Olho para Dylan, que franze as sobrancelhas levemente ao me ouvir cortá-lo.

— Claro. — Ele acena. Eu me despeço de Bea e depois de Marcus com um aperto de mão. Minutos depois, nós já estamos dentro do carro vendo a noite de plantão. O caminho é feito em silêncio e eu não sei muito bem o que dizer para aliviar o clima tenso que está instalado. Aquelas coisas que ele disse... não saem da minha cabeça e eu não consigo lutar contra.

Só quando o carro parou, que percebi que estávamos na frente do meu prédio. Tiro o cinto de segurança e o encaro.

— Obrigada por me trazer.

Ele observa o meu rosto como se o estudasse, e depois acena com a cabeça.

— Boa noite, Lisa.

— Dylan...

— É melhor você entrar. — Ele olha para frente, quebrando o contato visual.

Suspiro antes de abrir a porta do carro e sair dali caminhando duro para o meu apartamento. Podia sentir o seu olhar na minha bunda e todas aquelas palavras voltarem com força, fazendo o meu coração acelerar.

Pela primeira vez em anos, eu acho que Emily Brooks possa estar certa, Dylan pode ter uma curiosidade tremenda sobre mim e isso estranhamente faz o meu coração acelerar e o meu ego subir.

CAPÍTULO 06

Lisa Morris

“Depois tire meu fôlego e nunca deixe ir”

Insuportável!

Dylan Venturelli é insuportável!

Como um ser humano tão bonito consegue ser tão irritante? Talvez o combustível da sua beleza não seja os cuidados pessoais e sim essa tamanha facilidade em ser um filho da puta quando acorda de manhã.

Seu mal humor está me matando lentamente enquanto eu penso que seria mais fácil pular em sua garganta e apertá-la.

— Você está prestando a atenção no que eu estou falando, ou ficou presa no seu mundinho de queijo?

Saio dos meus pensamentos homicidas e olho para ele, que está com as mãos apoiadas na minha mesa. Seu terno é somente composto pelas calças e camisa social pretas, marcando o corpo esculpido que ele possui.

— Estou prestando a atenção, continue.

— Preciso que atualize um contrato e faça uma apresentação breve no *Power Point*.

— Claro, para quando?

— Para agora, senhorita Morris.

Ele dá um sorrisinho patético antes de sair da minha sala. Com os lábios abertos, surpresa, levanto da cadeira e corro atrás dele da maneira mais rápida que posso. Perto o suficiente, começo o meu questionamento.

— Eu já tenho outras duas apresentações para fazer agora para você.

— Não há problema em fazer outra — ele diz olhando para o celular em sua mão. — Você é paga para isso, correto?

— Você não está me passando trabalho, está me punindo!

Falo alto e ele para de andar no espaço vazio, ficando de costas em uma distância de no mínimo cinco passos de mim. Dylan guarda o celular no bolso antes de se virar para me encarar.

— Por que eu estaria punindo você, senhorita Morris?

— Não é minha função entender a sua mente bipolar.

— Você pediu mais trabalho.

— Você sabe do que eu estava falando. Está me enchendo de coisas trabalhosas e inúteis como essa, você nunca usa *Power Point* em apresentações, sempre papéis!

— Eu faço o que eu quiser, eu sou o seu chefe! — Seu tom de voz está no mesmo nível irritado que o meu.

— Eu não fiz nada para merecer esse seu despejo de mal humor, senhor Venturelli.

— Faça o que eu mandei, não estou punindo ninguém.

— Eu não acredito nisso. — Ele está se virando para ir embora, quando eu não consigo controlar a minha boca. — Está irritado, porque não consegue ficar perto de mim e me enche dessas coisas sem necessidade por isso.

Ele levanta uma sobrancelha, dando passos duros em minha direção, e minha postura valente vacila alguns segundos quando vou para trás.

— Você quer um trabalho? Ok, darei a você. — Sua mão se fecha no meu braço e sou levada para o

sentindo contrário.

— Você está me tocando!

— Uva! Uva! Uva! — grita irritado e internamente eu luto para não rir.

Ele abre a porta da sua sala, que é ao lado da minha, e me solta quando estamos dentro do lugar. Dylan caminha até as prateleiras e eu olho para a vidraça, avistando dali o *Empire State* com o sol logo atrás, uma vista de tirar o fôlego. Movo o rosto para frente, encarando o meu chefe babaca que parece encontrar o que procura.

Ele caminha até pôr uma pasta amarela na minha mão.

— Cuide disso, são os papéis assinados pelo novo investidor da empresa. Estou te dando a oportunidade de lidar com uma coisa grande, não foda com isso.

Abro a pasta e folheio os papéis, lendo as informações contidas lá dentro.

— Quero que cuide do processo de investimento do novo produto de *software*, repasse tudo para o setor financeiro e faça um relatório especial para mim. Quero saber de qualquer coisa antes. — Olho para ele, provavelmente com um brilhinho nos olhos. — Preste a atenção em tudo, a vida organizacional da empresa é o que importa.

— Certo, terá isso em sua mesa na segunda-feira.

— Ótimo.

Ele anda até a sua cadeira, pegando o paletó preto e o vestindo. Hoje ele está sem a gravata, com os dois botões da camisa abertos, mostrando muito pouco do seu peito liso. Dylan ajusta a roupa, mexendo nas abotoadoras da manga, enquanto caminha na minha direção.

— Quando me enfrentar assim de novo, será demitida.

Ah, tá.

— Isso vai ser depois que eu largar você no altar?

— Primeiro que eu nunca entraria em uma igreja com você. — *Agora consigo ver o quanto consigo irritá-lo.*

Ele termina de se arrumar, pondo as mãos na frente do corpo, enquanto fica me olhando em silêncio. Semicerro os olhos e jogo o peso do corpo para a esquerda.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Por que acha que eu não consigo ficar perto de você?

— Eu só queria irritá-lo quando disse aquilo.

— Mentirosa.

Levanto o queixo.

— Acho que o motivo se relaciona a você querer arrancar o meu vestido com os dentes. — Ele pisca, abrindo os lábios, e eu faço uma expressão de quem está se deliciando. — Você mesmo disse isso ontem à noite.

— Era uma cantada.

— Muito ruim, por falar nisso. — *Mentindo de novo. Vou de tobogã para o inferno.*

— Não interessa, só eram palavras, não crie um mundinho fantasioso na sua cabeça.

Aperto o maxilar.

— Não criei.

— Que bom, mas caso não tenha ficado claro, eu não queria fazer nada daquilo. — Ele me vê derreter em irritação. — Eu não sinto nada quando estou com você, a não ser dor de cabeça.

Dou um sorriso de lado, querendo sair por cima.

— Obrigada, me livrou de um pesadelo. — Seguro-me para não mostrar o meu dedo do meio e rebolo, saindo da sua sala. O barulho alto dos meus sapatos novos me fazem recuperar a leoa que existe em mim e piso mais forte para ele poder ouvir. Logo depois,

sento-me na cadeira preta com o acolchoado listrado e repouso a pasta na minha mesa.

Ansiosa para começar, eu abro o objeto, separando alguns papéis e ligando o meu computador.

Demoram alguns minutos até eu ouvir os seus passos do lado de fora, vejo sua silhueta passando reto para o elevador e suspiro, encarando suas costas perfeitas por baixo daquele terno. Dylan para no elevador e clica no botão.

Viro o rosto para não ficar olhando para ele e giro uma caneta do dedo, tentando pensar em qualquer outra coisa que não seja ele parado ali gloriosamente com as mãos dentro do bolso, mas todo esse desejo se quebra quando sinto-o me observando pela porta aberta. Levanto a cabeça, parando os olhos no seu rosto, que me encara por cima do ombro. Ficamos por alguns segundos sem mudar a expressão.

Até que me levanto da cadeira e ando na minha sala, fazendo parecer que iria até ele. Dylan vira o rosto mais um pouco, como se quisesse acreditar que eu estou indo ao seu encontro, mas paro na entrada e agarro a maçaneta da porta, dando um sorrisinho antes de fechar com força e me tirando da sua vista.

Toma essa, Venturelli.



— Caramba! — Jon começa a bater palmas quando me vê saindo do quarto com o vestido que comprei especialmente para jantar com os pais do meu noivo *falso*.

— Gostou? — Dou uma voltinha, deixando-o admirar o azul cobalto cobrindo a minha pele.

— Nunca vi você tão sexy! — Ele finge rosnar, arrancando uma risada de mim. Coloco os saltos e me olho no espelho pequeno pendurado perto da porta. O batom vermelho não é tão forte, mas realça a minha pele. Meu cabelo está preso no alto em um coque bonito e elegante para a ocasião.

Eu caprichei dessa vez.

— Esse cara deve valer a pena, não? — Jon questiona e eu olho para ele, dando um sorriso pequeno.

— Acho que sim.

Não falei para o Jon que estava em um noivado falso com o Dylan. Primeiro que ele não acreditaria, toda vez que o encontro, reclamo o quanto o meu chefe é um cretino, então não tinha sentido eu aparecer noiva justo com ele. Segundo que ele tiraria satisfação com Dylan e poderia colocar algo em risco, como a verdade. Os dois são esquentados quando querem. Então, por enquanto, eu só disse que estava saindo com um cara, e tenho quase certeza que isso não vai durar muito, de qualquer maneira.

Não estou surpresa por ele não saber sobre isso ainda, há poucas matérias sobre o noivado e Jonathan odeia tabloides o suficiente para passar longe deles quando sente o cheiro. Sei que uma hora ou outra terei que contar, mas por enquanto vou deixar como está.

— Aqui vai a supernova, cuidado para não cegar os olhos com tanta beleza! — Ouvimos Emily gritar do quarto dela e logo depois avistamos a sua saída, pronta para matar qualquer um. Seu busto está coberto por uma blusa branca de alcinha e uma saia curta de couro, que revela as suas pernas bronzeadas. O sobretudo preto está com os botões abertos, deixando-nos ver parcialmente as curvas que o seu corpo tem.

— Estou pronta para subir e descer. — Ela literalmente faz isso, apoiando-se na quina da porta, e nós dois rimos da sua jogada de cabelo em seguida.

Emily vai encontrar um homem esta noite, um entre os vinte caras que babam por ela. Até hoje nunca encontrei uma mulher com tantos homens que beijam os seus pés. Ela nunca namora ou aparece com alguém à luz do dia. Quando interrogada, ela apenas diz: *“Eu não preciso disso, estou bem comigo mesma estando solteira aos vinte e três”*. Já eu, sou o contrário, adoraria me envolver com alguém, casar e construir uma família, mas ultimamente não venho tendo tempo para começar isso.

— Vocês duas estão tão gostosas que quase virei hétero. — Jon colocou a mão peito.

— Sem encontrar seu marido antes. Que desperdício! — Emy ajeita as botas de cano curto nos pés.

— Claro que não. Primeiro quero encontrar o meu marido e, se não der certo, eu recorro a vocês duas. Podemos ter um relacionamento juntos.

— Gostei disso, sempre quis pegar a Lisa. — Emy me olha maliciosa e eu franzo cenho. — A desculpa perfeita.

— Estou começando a achar que esse loiro na sua cabeça está derretendo o seu cérebro — digo pegando a minha bolsa pequena do sofá para checar o meu telefone.

— Vou trabalhar agora, vejo vocês em alguns dias. — Jon se levanta, indo abraçar a Emily, e ambos conversam por alguns segundos.

Jon trabalha como segurança noturno em uma rede de móveis um pouco afastada da cidade. Às vezes passamos dias sem vê-lo, já que o trabalho exige muito dele. Nossos horários não são muito compatíveis.

Desbloqueio o meu celular, vendo uma notificação de Dylan, e entro na conversa praticamente vazia. Nunca conversamos por mensagens, porque tudo que ele precisa, liga para pedi-lo. Na mensagem, ele diz que já está na frente do meu prédio esperando por mim.

Guardo o celular na bolsa e abraço Jon quando ele vem se despedir.

— Estou saindo, me desejam uma noite safada e sem bebês! — Emily joga beijinhos, abrindo a porta. Ainda estou abraçada com Jon. — Lisa, leve a sua chave, não sei que horas volto!

Sua voz sai abafada, porque ela praticamente fecha a porta no meio da frase. Também não entendo muito bem com a risada de Jon atrapalhando o meu entendimento.

— O que ela disse?

— Nada demais, é a Emily. — Ele me solta, deixando um beijo no topo da minha cabeça. — Bom encontro. Você sabe o número da polícia, certo?

— Céus, isso não vai ser necessário.

— Eu estar solteiro também não é necessário, mas olha que merda. — Ele abre a porta do meu apartamento. — Eu estou. — Sorri para ele antes de vê-lo ir embora.

Meu celular vibra e eu olho para a tela, vendo a notificação.

“Já deveria estar acostumado com esse seu hábito de atraso, me lembre de decorar nomes de mulheres além do seu no futuro”.

Reviro os olhos.

Meu celular começa a apitar freneticamente na minha mão e eu bufo, irritada, sabendo que ele só está fazendo isso para me irritar. Saio do apartamento quase xingando a parede com a frequência incessante de mensagens. Em seguida, mando Dylan para o inferno e corro para o elevador após ouvir a tranca da porta. O elevador até que chega rápido e, após ele desistir das mensagens, guardo o meu celular novamente na bolsinha.

Vejo o seu carro vermelho estacionado do outro lado e a marca do Porsche quando dou a volta pelo

veículo. Abro a porta para entrar e suspiro quando sinto o seu cheiro familiar tomando conta do meu cérebro. Coloco o cinto de segurança e só depois disso ele começa a dirigir.

— Oi — digo e olho para ele, que só encara as ruas. Aproveito para observar a camisa branca social e o seu cabelo molhado recém-saído do banho. Sua barba está perfeita, assim como suas sobrancelhas esculpidas. Olho mais para baixo, encontrando a calça social azul-escura. Seria mentiroso da minha parte dizer que não olhei para *lá* direto. Parece... grande. Balanço a cabeça e desvio dali rapidamente, apenas para encontrar os seus olhos me flagrando.

Coro como um tomate.

— Perdeu algo aqui, senhorita Morris?

— Não é como se tivesse muito para perder — provoco e ele dá um sorriso antes de pôr as duas mãos no volante.

— Como andam as suas pesquisas?

— Boas, já estou na metade. — Ele me encara na mesma hora e franze o cenho.

— Passou a madrugada fazendo?

— Sim, só tenho até amanhã para entregar.

— Céus, Lisa. Não precisa se matar também.

— Eu disse que queria mais responsabilidades, que poderia fazer mais.

Ele me olha nos olhos, mas não diz nada, voltando a prestar atenção nas ruas. Fomos em um silêncio até que confortável para a casa dos seus pais. Eu me sinto um pouco nervosa para tal evento, porém não o suficiente para mostrar ou ficar evidente em meu rosto. Seria difícil alguém perceber, apenas quem conhece o meu ritual do batom.

Não demora tanto até chegarmos e o meu queixo cair ao passarmos pelo portão preto. A mansão de dois andares é muito mais bonita do que a que visitamos

naquela competição de casais. Essa não é clássica ou me lembra os séculos passados, mas sim do quanto eu sou pobre. Tudo em volta dela grita luxo e dinheiro. Por um segundo, penso que há alguma barra de metal na porta que apita ao captar alguém sem dinheiro, igual aqueles do aeroporto, que detecta quando você está com algo perigoso no corpo.

— Lisa — Dylan me chama e eu percebo que ele está ao meu lado com a porta do carro aberta.

Saio do veículo olhando para a mansão e respiro fundo, preparando-me.

— Não precisa ficar nervosa, seja você mesma e só adicione que está em um relacionamento comigo.

— Você falando parece fácil.

— Sabemos muito um sobre o outro e agora sinto que te conheço mais um pouco. Ficaré tudo bem.

— Você tem razão, nada vai dar errado — digo e ele acena antes de começarmos a andar até a porta branca com uma maçaneta dourada.

— Só uma coisa. — Ele me encara passando a língua nos lábios.

— O quê? — pergunto apreensiva com a sua expressão.

— Esta noite você não será somente apresentada aos meus pais. — Junto as sobancelhas. — Eu fui avisado dez minutos atrás sobre isso.

— Como não?! — Olho para a porta. — O presidente dos Estados Unidos está aí dentro?!

— Hoje é a nossa festa de noivado — ele diz como se fosse a coisa mais normal do mundo. Apenas arregalo os olhos.

— O quê? — *Eu vou matar esse babaca.*

— Meus pais fizeram uma festa. Você não será apresentada somente a eles e sim para todos os nossos amigos esta noite. Há pessoas extremamente importantes aqui dentro, então prepare a sua parte atriz

e me impressione — ele diz e toca a campainha. E o papo de “*não fique nervosa*”? Onde ele enfiou?

Oh, meu Deus como eu odeio esse cara.

A porta abre e eu vejo uma mulher loira com um penteado para lá de elegante.

— Dylan. — Ela o abraça forte, com uma expressão amorosa.

Enquanto a minha exala irritação. *Droga, preciso me recompor.*

CAPÍTULO 07

Dylan Venturelli

“Você funciona um pouco diferente do que qualquer uma que eu já conheci”

— Você está tão bonito! — Minha mãe aperta as minhas bochechas e eu dou um sorrisinho sem graça, olhando para os seus olhos azuis-escuros parecidos com os de Adam, meu irmão.

— Com certeza herdei tudo de você — digo e ela ri alto, dando-me um tapa no rosto, que eu acho que deveria ser fraco. Minha mãe é toda bruta e pegou o meu pai de jeito trinta anos atrás.

— Estou feliz em vê-lo, mas não é você que eu quero perturbar. — Ela me solta e se vira para Lisa, que desmancha sua face irritada para um sorriso simpático.

— Mãe, esta é Lisa Morris, minha noiva. — Apresento as duas e rezo pelo melhor.

— Ela não é sua noiva — minha mãe nega, para a porra do meu desespero.

Tanto eu, quanto Lisa travamos no lugar com a expressão tão amedrontada, que posso nos comparar a adolescentes idiotas que roubam objetos do shopping e são pegos pelos seguranças. Se isso estivesse mesmo acontecendo, eu me jogaria aos pés da minha progenitora e pediria perdão.

— Ela ainda não tem um anel no dedo, o que está esperando?! — Minha mãe puxa a minha orelha e

nós dois damos risadas de puro alívio. Acho que quase tive um AVC.

— Estou cuidando disso — tranquilizo-a e ela vai até Lisa, dando o famoso abraço de urso.

— Me chamo Monica, querida. Seja bem-vinda. — Ela afasta Lisa, que está um pouco vermelha pela falta de ar do abraço. *Coitada*. — Minha nossa, você é linda. Meu filho seria um idiota se não enxergasse você.

— Acredita que eu penso o mesmo? — Lisa a faz rir alto e eu reviro os olhos.

— Fiquei triste por você não querer nos conhecer. Lisa franze o cenho e olha para mim.

Hum...

Talvez, *somente talvez*, eu possa ter dito que Lisa tinha problemas em conhecer novas pessoas e que todo esse assunto de conhecer meus pais a assustava para caralho. Tudo bem que a fiz passar por uma pessoa com problemas de se relacionar, mas qual é?! Eu precisava dar uma explicação sobre um noivado repentino, já que eu afirmei, com toda a minha certeza, de que estava me relacionando com alguém.

— Sim... desculpe a demora. — Lisa sorri.

— Ela está superando o medo dela, vai uma vez por semana naquelas casas que as pessoas se reúnem para conversar, tipo alcoólicos anônimos, sabe? — digo e ela me olha irritada enquanto minha mãe franze o cenho.

— Não sabia que era assim, querida.

— Ele está brincando, não pude vir antes porque fiquei receosa, você sabe como o Dylan é conhecido por aí... seria fácil criticarem a sua escolha de namorada. — Lisa suspira. — Certeza de que já há sites me chamando de interesseira. Não queria que pensassem o mesmo.

— Oh, não, querida. — Minha mãe a abraça de lado com puro conforto. — Nunca pensaria isso.

Elas entram na casa, abandonando-me. Dou um soco discreto no ar, comemorando que Lisa já está

conquistando um, só falta o outro.

E por falar nele.

Já na de sala de jantar, que devia ter no máximo umas cem pessoas sentadas em jogos de mesas espalhadas, eu vejo o meu pai se aproximando com uma taça de vinho branco na mão e um sorriso caloroso estampado. Ele está usando um terno escuro de cor amarronzada e o cabelo preto penteado para trás. Seus olhos pretos primeiro me avistam, depois visualizam a esposa agarrada em Lisa.

— Pai. — Ele me abraça apertado, dando dois tapinhas na minha cabeça e depois olha para ela. Acho que dos dois, meu pai seria o mais difícil de conquistar.

— Você deve ser Lisa Morris, certo? — Ele estende a mão e ela a aperta sorrindo.

— Olá, senhor Venturelli, bom revê-lo.

Creio que Lisa deva ter visto meu pai apenas duas vezes no tempo em que trabalha para mim. Quando a conheci, a presidência já estava em minhas mãos. E mesmo ela não tendo uma pós ou MBA, como é pedido pela empresa, eu a contratei do mesmo jeito, meu instinto simplesmente me mandou fazer e, no fundo, eu sei que Morris é muito mais brilhante do que todas as pessoas que entrevistei naquele dia.

— Pode me chamar de Gregório, querida. — Meu pai sorri de forma cordial e eu olho para Lisa, dando um suspiro aliviado. *Tudo está correndo bem.*

Não contendo o susto quando vejo alguém parando ao lado dela rápido demais. Lisa se assusta, assim como nós.

— O que você faz com a minha noiva, seu pervertido? — Encaro o rosto de Adam, que me olha como se eu realmente fosse um pervertido. Lisa está confusa, encarando-nos.

Eu olho para Adam, vendo o cabelo loiro como o de Monica e os olhos azuis divertidos. Ele é uns 2

centímetros mais baixo do que eu e sempre tirei vantagem disso no parque de diversões que íamos quando mais novos. Seu terno azul-claro veste o seu corpo perfeitamente e eu olho para a sua barba, que está por fazer, o que significa que ele deve ter chegado em Nova York recentemente.

— Saia daí, Adam. — Estranhamente não gosto de vê-lo perto demais dela.

Lanço um olhar nada bom para ele, que apenas dá um sorriso convencido, como se quisesse jogar algo na minha cara.

— Calma, não precisa me matar com esse olhar, relaxa. — Adam olha para Lisa e pega a mão dela, balançando para cima e para baixo. Lisa continua confusa com a minha família. — Olá, cunhada. Meu nome é Adam Venturelli, sou o irmão gostoso do seu noivo, que infelizmente você perdeu. Quem sabe daqui a alguns anos, quando você ficar entediada e quiser uma carne mais nova. Só tenho vinte e sete.

Adam pisca.

— Você é um idiota. — Tiro-o de perto dela, empurrando-o, e ele me empurra de volta até nos estapearmos. Sinto-me com oito anos de novo.

— Vocês já estão com quase trinta anos, parem com essa merda! — Meu pai dá um croque na cabeça de Adam e eu começo a rir, apenas para receber um tapa de Monica.

Lisa está com a boca aberta.

— Juro que sou o Venturelli mais gostoso. — Adam aponta para ela, que aperta os lábios, não querendo rir, e eu olho para ele antes de descer meu punho em seu braço direito com força. — Ai! Mas que porra, é brincadeira! — Ele alisa o próprio braço e eu dou um sorriso satisfeito.

Lisa nunca tinha visto o meu irmão de perto, Adam sempre trabalhou viajando pelo mundo e muito

raramente para em casa mais do que duas semanas. Toda vez que volta, nunca tem tempo de ir à empresa, porque prefere ficar conosco e se divertir em boates e bares. Adam é um cafajeste de primeira.

Monica chama Lisa para um canto e eu a deixo sozinha para que pratique mais a sua atuação. Enquanto isso, olho para o meu pai e meu irmão, que estão falando algo.

— Então... — chamo a atenção de Gregório — o que achou?

Ele olhou para Lisa e depois para mim.

— Ela parece ótima, é educada e extremamente simpática.

Ele não sabe nem da metade.

— E bonita. — Adam adiciona. Olho para ele, irritado. — Se eu ficasse em Nova York regularmente, você já teria a perdido.

Ele ri da minha expressão.

— Eu estou só brincando, mas que bom que sente ciúmes dela. — Ele dá um tapa no meu ombro.

— É a noiva dele, por que não sentiria ciúmes? — Meu pai levanta uma sobrancelha. Adam e eu apertamos os lábios. Sinto-me novamente com oito anos, quando ele e eu fazíamos algo errado dentro de casa.

— Sabe como Dylan é todo frio com sentimentos. Isso significa que ele não é uma rocha como suspeitávamos — ele diz. — Pode cancelar a ida dele para o hospício.

— Escutem, quero ter uma conversa com os dois em outro momento, agora não, porque é a noite do seu irmão e tem muita gente que quer conhecer a Lisa Morris. — Gregório me encara. — Ela está ficando famosa, Dylan.

— É verdade, estava chegando aqui e ouvi os anjinhos da fonte lá de fora comentando. — Adam usa o que ele tem de melhor: O sarcasmo.

— Eu estou falando sério, sua imagem já está mudando no mundo dos negócios graças a ela. — Ele toca no meu ombro. — Continue assim.

Aceno com a cabeça, dando um sorriso um pouquinho culpado por estar mentindo. Acho que nunca menti para o meu pai antes, além de sempre colocar a culpa no cachorro quando Adam se batia.

Meu pai se afasta quando alguém o chama e agora ficamos só Adam e eu.

— Comprou os Louboutin?

— Nem me fale desses sapatos. — Ele ri baixo.

— Como está indo?

— Prestes a ter um colapso.

— Oh! — Ele junta as mãos. — O amor...

— Você nunca se apaixonou, idiota.

— Isso não me impede de pensar. Também nunca transei com Jennifer Aniston e nem por isso...

Cruzo os braços e procuro Lisa com o olhar.

Certo, eu estou nervoso para caralho.

— Falou com o Peter essa semana? — ele pergunta.

— Não, ele está viajando.

— Isso eu sei, Einstein. Perguntei só porque ele não me responde.

— Você não vai chorar por isso, ou vai?

Olho para ele, que coloca a mão nos olhos e abaixa a cabeça.

Dramático.

— É tão difícil, sabe? — Adam faz uma expressão de choro. — Às vezes, no silêncio da noite...

— Ah, cala a boca.

— Você sempre atrapalha o meu momento ator, eu não gosto disso.

— E eu não gosto de você.

— Mentira, todos me amam.

Adam é tão iludido que às vezes me choca.

— Falei com o Nate ontem — ele comenta e eu o encaro.

Peter Ross e Nathaniel Venturelli cresceram conosco. Desde que me entendo por gente, eu sempre tive esses dois na minha vida, são os melhores amigos que alguém poderia ter, mas no momento estamos passando por uma época de separação. Junto com as responsabilidades, vieram cenários diferentes. Adam passa a maior parte do tempo viajando. Peter sempre está em Dubai ou em qualquer outro lugar que possa alavancar a sua empresa. Ele mora em Nova York, porém há meses quase não o vemos por aqui. Nate é um caso diferente, é o único de nós que decidiu ficar na Itália sem previsão de moradia nessa cidade. Mesmo com as nossas tentativas de trazê-lo para abrir outra empresa da família em Nova York, ele se nega, prefere comandar a central dos Venturelli na Itália.

— Como ele está?

— Continua rejeitando as minhas ligações, acredita?

— Óbvio que sim.

— Tive que ligar para a vice-presidente dele, falamos por alguns minutos sobre você e Peter. Ele disse que, assim que possível, virá nos visitar.

Aceno com a cabeça

— Certo, vou puxar Lisa para dar a ela o anel — digo a ele, que concorda.

— Se você amarelar, eu assumo o seu lugar e a levo comi... EU ESTOU BRINCANDO! — Ele grita quando eu ameaço dar outro soco no seu braço.

Saio de perto da sua áurea irritante e caminho pela enorme e exagerada sala de jantar, cumprimentando alguns convidados com apertos de mãos. Ali há pessoas que sempre falaram mal da minha conduta, mas que hoje estão aqui apenas com um

propósito para mim: De conseguir fisgar cada um com essa farsa.

Confesso que o gosto da vitória é ótimo.

Vejo Marcus e Beatrice no canto, acenando para mim. Faço o mesmo, vendo o pai dela me dando um aceno respeitoso com a cabeça. Nunca vou entender essa cabeça arcaica que alguns homens e mulheres possuem sobre casamento. É simplesmente patético, mas sozinho não consigo lutar contra.

Vejo minha mãe apresentando Lisa para algumas amigas dela e me aproximo o suficiente para ser notado por todas.

— Nossa, acabei de comer uma uva espetacular — digo para Lisa antes de passar meus dedos pela sua cintura, trazendo-a para perto. Ela dá um sorriso pequeno depois de engolir em seco.

— Será que há morangos? — ela pergunta me abraçando de lado. Sua cabeça se apoia no meu peito e eu juro que, se estivéssemos em um desenho animado, estaria saindo coraçãozinho das nossas cabeças.

— Não há frutas. — Monica acaba com o nosso código e nós dois damos uma risada sem graça. Cumprimento as amigas da minha mãe, sem soltar Lisa.

Odiaria admitir que gosto da minha mão em seu corpo, por isso não irei.

— Vamos nos sentar um pouco? — pergunto a ela, que concorda.

— Estamos muito felizes por você, querido. Espero ser convidada para o casamento. — *Nem fodendo.*

— Claro, senhora Miller. — Sorrio para a mulher de sessenta e quatro anos que sempre me olhou como se eu fosse uma televisão onde passava sua novela. Sempre deu em cima de mim discretamente, mas minha mãe nem sonha com uma coisa dessas.

Puxo Lisa pela cintura e nos levo para uma mesa no centro do lugar. Fazendo-a se sentar, pego uma taça de champanhe que passa na hora. Sento-me ao seu lado, dando a taça ela, que parecia... bem, eu acho que ela está quase transpirando.

— Me diga que não vai desmaiar.

— Me diga que não vou ser apresentada a mais ninguém, não aguento mais falar que me apaixonei por você, é uma tortura!

— Engraçadinha. — Aponto para a taça. — Beba.

— Quer me ver bêbada?

— Não, quero tirar possíveis boatos de que vou me casar com você porque está grávida, então é melhor beber. — Ela fica me olhando antes de colocar tudo para dentro como se fosse um copo de tequila e depois pega outra taça quando o rapaz de antes aparece.

Legal, agora todos sabem que minha noiva é alcoólatra.

— A senhora Miller tem uma quedinha por você.

— Você acha? — Faço-me de desentendido.

— Ela me disse isso.

Dou uma risada baixa e depois paro quando ela não ri comigo.

— Você está falando sério?

— Estou, ela quase me ameaçou com uma bengala. — Explodo em uma gargalhada ao seu lado e ela sorri em seguida, vendo-me relaxar mais um pouco.

— Nunca dei uma chance a ela.

— E nem vai, deixei explícito que você é meu. — Lisa bebe o restante do champanhe e depois me encara sorrindo. Vendo que eu não sorria como ela, para. — O quê? Quer que eu te divida com ela? Não vou te aceitar com cheiro de dentadura.

— Você é a mulher mais estranha que já conheci.

— Uau, não vejo a hora de ouvir os seus votos — ela debocha e eu me levanto, indo fazer o que vim fazer

aqui para depois dar o fora.

— Vou fazer o discurso, preste a atenção.

— Vai lá, *noivinho*.

Reviro os olhos discretamente e me locomovo pela sala de jantar, chegando no palco improvisado que Monica provavelmente insistiu em ter. A banda para com a música chata e eu pego o microfone do baterista, chamando a atenção de todos.

— Atenção, por favor.

Todos começam a olhar para mim e eu dou o meu melhor sorriso apaixonado, olhando para Lisa, como um idiota. Consigo até ouvi-la perguntando se eu estou passando mal.

— Quero agradecer a presença de todos esta noite e, claro... exaltar a mulher maravilhosa que a minha noiva é. — Aponto para ela, que sorri pondo as mãos no peito. *Somos dois grandes filhos da puta*. — Lisa Morris!

Ouçõ desde assobios, que com certeza eram de Adam, a aplausos fortes para ela. Meu pai tem razão, ela está se tornando famosa no nosso mundo.

— Como todos vocês já sabem, hoje é a minha festa de noivado — *Lisa não sabia* — com a mulher da minha vida. Desde a primeira vez que eu a vi, soube que ela seria a pessoa certa para mim. Tudo nela é apaixonante. Seu cheiro, seu jeito, seus olhos, sua personalidade que eu tanto amo. — Chamo-a para o centro e ela nega não uma, nem duas, mas sim três vezes. Quando percebe que não poderia fugir, levanta-se, meio desengonçada, e eu me seguro para não rir dela. Que tipo de noivo eu seria se fizesse isso na frente de todas essas pessoas? Por isso vou deixar para rir mais tarde.

— Venha aqui, baby. — Agarro seus dedos, mantendo o microfone perto da boca. — Você é tudo que eu preciso, Lisa.

Um garçom com uma roupa vermelha se aproxima de nós dois e eu dou o microfone para ele, pegando da bandeja prateada a caixinha da mesma cor da sua roupa.

Ajoelho-me na frente dela, que coloca as mãos na frente da boca, fingindo estar emocionada.

— Você aceita se casar comigo?

Ela tira as mãos da boca, vendo-me de joelhos e abre a boca para dar uma resposta, que simplesmente não sai. Lisa foi desfazendo a expressão de felicidade e eu aperto o maxilar, querendo saber o que diabos está acontecendo na sua cabeça agora para eu pegar e dar socos até sumir.

Aperto seus dedos com força e ela abre mais os lábios, vendo a minha expressão ficar irritada. Discretamente ela vira o rosto para encarar os meus pais no canto e o rosto apreensivo de Adam.

Porra!

— Não ande para trás, Lisa — sussurro para ela na frente de todas aquelas pessoas.

Ela passa a língua nos lábios e dá um sorriso pequeno, parecendo tonta. O garçom se aproxima, pondo o microfone perto da sua boca, parecendo impaciente, assim como eu.

— Sim, querido, eu aceito — ela diz em um segundo e, no outro, um barulho enorme de aplausos surge, fazendo-me respirar aliviado.

Coloco o anel em seu dedo anelar esquerdo, tentando não ficar puto, mas era impossível. Eu estou irritado. Não, furioso pela sua hesitação, que quase me matou na frente da família, dos amigos e conhecidos. Levanto-me olhando-a e exalando fúria. Ela sabe disso, porque aperta os lábios, pondo as mãos atrás do corpo.

— Isso foi lindo. — Monica me abraça por trás e eu recebo as felicitações sem tirar os olhos dela, até que não aguento mais.

— Vou levá-la para conhecer a estufa, voltamos em alguns minutos — digo a eles, que acenam como se pudessem pressupor o que íamos fazer, mas com certeza não seria nada do que estão pensando.

Agarro a mão de Lisa e descemos as escadinhas do palco. Andando reto pela sala, ouço-a resmungar atrás de mim, mas ignoro, trazendo-a para uma porta transparente, que daria diretamente na estufa da mansão. Faço com que ela entre primeiro e logo depois fecho a porta, vendo-a olhar para as rosas antes de me encarar.

— Não acredito que fez isso.

— Não foi porque eu quis.

— Você quase fodeu com tudo, Lisa!

— Eu já disse que...

— Foda-se o que você disse. — Sua expressão irritada aparece. — Sabe o quanto eu perderia se você tivesse falado *não*?

— Eu vi todas aquelas pessoas... seus pais achando que você está apaixonado, você não sente culpa?

— Eu sinto raiva, fúria. — Começo a andar até ela, que tem a cabeça erguida. — Eu poderia perder tudo por sua causa, porque você não tem capacidade de separar os seus sentimentos!

— Não jogue essa merda nos meus ombros! — Ela me empurra. — Nada disso seria necessário se você não fosse tão estúpido ao ponto de não conseguir uma namorada de verdade!

— Onde eu estava com a cabeça quando disse o seu nome? Você é simplesmente... — Bufei — você é a pior decisão que já tomei, Lisa Morris.

— E você é a pessoa mais idiota e ridícula que já pus os meus olhos. — Estamos tão pertos, que o seu perfume está me intoxicando. — Eu odeio você, Dylan.

Toda vez que você está perto de mim, eu quero agarrar o seu pescoço e torcer para te ouvir implorar para soltar.

— Você é maluca.

— Você é um psicopata de merda.

Sua respiração se junta com a minha, o fogo nos olhos é igual aos meus. Eu não sei se fico louco pela sua bravura ou pela sua postura dominante. Tenho quase o dobro do seu tamanho, mas isso não parece ser um empecilho para ela.

Ambos ofegantes pela discussão, sinto o meu sangue quente e peito doente para tocar nela, meus dedos formigam para cair na tentação de ter a minha secretária, que jurei a mim mesmo nunca tocar. A luta dentro de mim parece eterna. A cada maldito segundo que passa, eu luto para não perder o controle.

Até que ela abre a porra da boca.

— Aposto que quer tirar o meu vestido com os dentes.

E logo depois minhas mãos estão entrando no seu cabelo com tanta urgência, que com certeza vão ficar uma bagunça depois. Minha boca procura a dela com uma necessidade tão grande, que a escuto gemer de alívio assim que o beijo encaixa perfeitamente. Sinto seu cheiro mais forte, o gosto do champanhe dominando minha mente e me fazendo descer as mãos pelas suas costas por cima daquele vestido que tirou o meu fôlego desde a primeira vez que a vi nele.

Maldito.

Ela suspira na minha boca quando passo minha língua na sua com pura luxúria. Agarro sua cintura sem quebrar o beijo e a levo para o lado até apoiá-la na parede improvisada do lugar. Lisa geme quando coloco uma perna sua na minha cintura e, com a outra mão, aperto seu pescoço, deslizando os dedos pela sua pele quente como o inferno.

Merda.

Chupo o seu lábio, sentindo suas mãos nas minhas costas e encaro seu rosto antes de puxar o lábio inferior.

Ela abre os olhos, encarando-me, e eu faço o mesmo com o seu pescoço, sentindo a minha ereção pressionar a sua barriga. Ela ainda parece querer mais e Deus sabe como eu quero dar tudo a ela. Abaixo-me, cheirando o seu pescoço, e fecho os olhos me sentindo faminto.

Lisa se mexe sobre a ereção dolorida e eu agarro o seu maxilar, aproximando os meus lábios do seu. Ela sorri, pondo os dedos na gola da minha camisa.

— Sua inútil frase sobre não querer fazer nada comigo parece ainda mais inútil agora.

Eu não consigo falar, só sinto a dor latejante no meu pau.

Balanço a cabeça, pondo as minhas mãos no seu rosto e a puxo para a minha boca de novo. Há duas coisinhas pequenas no meu ombro naquele momento: A com senso, que me manda parar, porque isso vai prejudicar o nosso relacionamento e acordo, e a outra é a porra do tesão que ordena que eu me abaixe e coloque essa perna no meu ombro para enterrar o rosto ali no meio.

A cada suspiro que eu arranco dela, meu corpo implora para sentir o gosto que ela tem. É automático. E, porra, nunca fiquei tão excitado em todo os meus vinte e nove anos de vida.

— Você não sabe o quão ruim para mim é ter que olhar para a sua bunda e me perguntar se está de calcinha ou não. — Beijo o seu pescoço, passando a língua em sua pele, fazendo-a estremecer. — É uma tortura não saber a resposta.

Ela força a cabeça para trás, quando chego no decote e se contorce de leve ao sentir minha respiração em cima dos seus seios tão bonitos. Já sonhei em gozar

neles tantas vezes, que não posso contar. Lisa me encara enquanto desço mais um pouco, beijando sua barriga. Apoio a mão no seu peito antes de beijar sua coxa lisa e cheirosa.

— Dylan... — *Cristo*.

— Quer que eu pare?

— Você não disse a fruta dessa vez. — Tinha um sorriso pequeno nos seus lábios.

— Uva. — Beijo sua coxa novamente, arrastando os lábios para a parte interna. — Morango. — Chego mais perto com a boca e ela se mexe, olhando para cima. Dou um sorriso, aspirando o seu cheiro. — Falta alguma?

Seu peito sobe e desce. Eu subo os meus dedos pela outra perna, vendo a sua pele se arrepiar, até que fomos tirados daquela excitante realidade.

— Dylan?! — meu pai chama por mim assuntando Lisa, que põe as mãos nos meus ombros, afastando-me como se eu tivesse lepra. Levanto-me, pondo as mãos na boca para limpar o batom e ajeito a minha calça, tentando disfarçar o volume.

— Na estufa! — grito para ele.

Lisa sai caminhando de onde estava, vindo na minha direção, então a vejo se esconder atrás de mim, ajeitando-se igualmente. Pego um buquê de cima de uma mesa pequena e ponho na frente do meu pau bem na hora que meu pai aparece com um sorriso.

Nunca fiquei tão puto com ele.

— Desculpa interromper, o jantar já está servido, querem que você faça um brinde. — Ele tenta olhar para Lisa encolhida atrás de mim.

— Certo, estaremos lá.

— Ou podemos ir agora. — Lisa aparece ao meu lado perfeitamente arrumada, e eu franzo o cenho com tal habilidade. — Vamos, estou faminta.

Ela anda até ele com um sorriso e aceita quando lhe é oferecido o braço para guiá-la de volta. Vê-la sair

daqui me faz literalmente brochar. Minha ereção vai sumindo e eu respiro fundo, jogando o buquê de volta para a mesa. Já ciente da minha capacidade de aparecer em público, eu vou atrás, entrando na mansão ao mesmo tempo que passo os dedos na boca.

Sou cercado por convidados e falo com cada um. Faço a porra do brinde, recebendo aplausos, e procuro por ela, que não está em nenhum lugar. *Merda!* Vejo Adam dando em cima da filha de alguém e logo depois subir com ela para o andar de cima. Minha mãe está fofocando com as amigas e meu pai está sozinho, servindo-se com um prato de purê.

— Onde você está? — sussurro.

Acho que minhas preces são ouvidas, porque a vejo pegando uma taça de champanhe assim que o garçom sai da cozinha. Ela anda rapidamente para o seu esconderijo, que é quase atrás da cortina e olha em volta, não querendo ser pega, no caso por mim.

Caminho a passos rápidos para o lugar em que ela está e dobro a senhora Miller quando ela tenta falar comigo. Lisa percebe que eu estou me aproximando e simplesmente entra na cortina, como se isso fosse torná-la invisível.

Perto dela, coloco as mãos na cintura e levanto uma sobancelha.

— Eu posso ver o seu pé — falo e ela puxa o pé para dentro do esconderijo. — Saia daí, Lisa.

— Não, obrigada.

— Precisamos conversar.

Ela afasta a cortina e sai dali se aproximando de mim. Bebe todo o líquido da taça e a coloca na mesa ao nosso lado.

— Conversar? Fácil, eu estava drogada. — Ela abre os braços. — Nunca, nunquinha, jamais faria aquilo lúcida.

— E eu jamais tocaria em você se não estivesse.

— Aquilo não vai acontecer de novo. Se você queria a confirmação que tínhamos química, bom, nós temos. Fim do experimento.

— Eu não preciso confirmar nada. E você está certa, isso não vai acontecer de novo. Você só se aproveitou da minha fúria e me seduziu. — Logo em seguida, saio da sua frente ouvindo o seu “o quê?” desacreditado.

Ando rápido pela sala de jantar, ouvindo o barulhinho irritante do seu salto logo atrás de mim.

— Eu não acredito que você teve coragem de falar uma coisa dessas!

— Sai do meu pé, Lisa. Quero dizer, se você conseguir alcançá-lo.

— Filho da pu...

Viro-me antes que ela termine e agarro seu braço, colando o seu corpo no meu. Quando a puxo para mim, ela ofega e eu vejo outros casais se formando ao nosso redor, parecendo pensar que começaríamos uma dança. A música troca e eu coloco as mãos de Lisa nos meus ombros e minhas mãos na sua cintura. Olho para ela, vendo os olhos em uma tempestade, assim como os meus.

— Eu não sei o que eu faria se você terminasse essa frase. — Mexemo-nos no ritmo da música.

— Estou tão arrependida de não ter dado uma joelhada nas suas bolas. — Agarro as suas costas com força, sentindo o seu rosto ao lado do meu.

— Você estava ocupada se esfregando no meu pau.

— Cala a boca.

— Com certeza você estaria de boca aberta agora.

Escuto o seu choque antes de afastá-la e girar o seu corpo. Dou um sorriso para as pessoas próximas, que

não fazem ideia de que estou falando do meu pau para a minha secretária.

Ela volta para perto e deixa a cabeça ao lado da minha novamente.

— Eu já disse que te odeio?

— Eu notei — debocho.

— Corpo é uma coisa, sentimento é outra, não confunda.

— Está admitindo que seu corpo me quer?

— Estou falando que não agi por mim mesma, foi puro impulso seu e meu.

Isso é verdade, porém não consigo me arrepender.

— Não tocarei em você novamente.

— Obrigada.

Faço-a ir para baixo e me inclino sobre ela, passando a minha respiração de baixo para cima. Ela sente o calor saindo de mim, desde o seu decote até o rosto. Encaro-a nos olhos, descendo para os lábios vermelhos já sem o batom.

— A não ser que você peça, baby. — Ela me olha pelo atrevimento e eu sorri antes de puxá-la para cima. Solto-a, encerrando a dança e me afasto para ir ao banheiro.

Minha ereção está voltando.

CAPÍTULO 08

Lisa Morris

“Você não faz ideia de que é minha obsessão?”

— Você gosta de estufas, querida?

Nem mesmo nessa pergunta simples eu conseguia me concentrar para responder, nenhum dos meus parafusos parecem funcionar da maneira certa, não quando o toque recente dos seus lábios está vibrando na minha pele.

— Sim, muito. — *Principalmente quando o seu filho quer enfiar a cara na minha calcinha.*

— Que tal voltar aqui amanhã para me ajudar a cuidar das rosas?

— Hum... claro, não posso recusar uma coisa dessas. — *Bem que eu quero.*

— Ótimo, podemos almoçar todos juntos. — Ela agarra o braço do marido, que está ao seu lado.

A verdade é que Monica e Gregório são diferentes das pessoas que eu pensei que fossem e eu gostei muito disso.

— Seu anel é lindo — ela diz e eu levanto a mão para ver a pedra enorme de diamante na ponta. Não parecia, mas aquilo era pesado para cacete, no mesmo nível que era perfeito.

— Onde Dylan está? — Gregório me pergunta e eu abro os lábios sem ciência da resposta.

Ouvimos um barulho de porta perto da entrada da casa onde estávamos e eu olho para lá, vendo Dylan

sair de dentro de uma maneira desengonçada. Ele ajeita a camisa social e caminha até nós em poucos passos.

— O que estava fazendo? — sua mãe pergunta.

— O que se faz em um banheiro — Dylan responde.

— Sua noiva está cansada, leve-a para casa — Gregório diz e o filho acena sem olhar para mim.

— Até amanhã. — Monica me dá mais um abraço de urso e eu me despeço dos dois. Dylan e eu caminhamos para fora, indo até o seu Porsche estacionado. Ainda há convidados dentro da mansão, mas já fizemos presença, então podemos ir embora.

Entro no banco do carona e ele no do motorista.

— Como assim *até amanhã*?

— Sua mãe me convidou para almoçar.

— E você disse *sim*?

— Não, disse “*vai se catar*” em hebraico.

— Não cansa de ser irritante?

— Me leve para casa, não aguento mais ficar perto de você.

Ele revira os olhos e dá partida com o carro, tirando-nos daquele lugar que foi a minha mini prisão pessoal, um lugar que sempre ficará na minha memória.

— A notícia boa é que eles adoraram você — informa.

— Seus pais são ótimos, eu os adorei também.

Pego minha bolsa para procurar as minhas chaves, mas eu simplesmente não acho aquela merdinha. Mexo na minúscula bolsa, um pouco agoniada, tentando encontrar, porque é impossível que tenha se perdido aqui dentro, mas a tentativa é em vão.

Porra!

— Ainda bem que eu não sou essa bolsa. — Ele diz quando eu dou um soco no objeto. — O que aconteceu?

— Minhas chaves, elas não estão aqui.

— E? — Olho para ele, irritada.

— E aí, que sem elas, eu não entro no apartamento, gênio — digo, verificando a bolsa novamente.

— Sua amiga deve estar lá, não?

— Isso. — Pego o meu celular, morta de feliz, e disco o número de Emily, mas ela não atende em nenhum momento. — Droga, atende, sua loira safada.

Olho no relógio, vendo duas e meia da manhã. Nunca que ela me atenderia.

Entro na nossa conversa para saber se tinha algo e quase chuto o para-brisa ao ler aquilo.

“Mucura, sei que você ainda vai esquecer, então pegue sua chave, porque não voltarei para o apartamento, só há duas chaves agora, a minha e a sua, a extra do prédio eu perdi acidentalmente (não me mate) dentro no metrô. Lembre-me de fazer uma cópia na segunda para entregar ao síndico. Beijos, te amo.”

Depois de ler isso, solto um resmungo alto de frustração por não ter lido isso antes. Pelo horário, foi ao mesmo tempo em que Dylan me encheu de mensagens inúteis quando eu estava saindo do apartamento.

— Por que está me olhando como se quisesse me matar? — ele pergunta.

— Porque eu quero!

Ele me encara por alguns segundos.

— Supere, então.

Suspiro alto.

— Ela não está em casa?

— Não — respondi.

— Então você não tem para onde ir?

Balanço a cabeça, negando, e ele sorri de lado.

— Não se preocupe, conheço um abrigo ótimo aqui perto.

— Você é um idiota. — Ele ri da minha expressão.

— É brincadeira, vamos para o meu apartamento.

Congelo com essa possibilidade.

— Não precisa, existem hotéis.

— É temporada de St. Patrick na cidade, acha mesmo que vai conseguir um quarto?

Porra, tinha esquecido desse feriado.

— Estamos indo para o meu apartamento. — Seguro-me no painel do carro, quando ele freia com força na avenida vazia e dá meia-volta, acelerando radicalmente. Seguro no apoio perto da porta, enquanto ele faz o caminho para o lugar onde mora.



Abro os lábios, sentindo as gotas de água me atingindo e relaxo, jogando a cabeça para trás. Em seguida, meu corpo parece agradecer os jatos quentes de água, que surpreendentemente conseguem me fazer relaxar, o que não era uma tarefa fácil naquele momento. Estar no apartamento de Dylan me deixa nervosa por motivos que eu não sou capaz de compreender. Só de lembrar que ele está no quarto ao lado, faz minha bile subir e a pele do meu pescoço se arrepiar, provavelmente se lembrando dos meus lábios nele.

Considerava-me uma pessoa controlada durante anos da minha vida, e até agora não consigo entender como fui facilmente levada para o caminho do tesão que Dylan traçara ao colocar a boca na minha. Senti-me como um cachorrinho que segue o dono se ele jogar um pouco de petiscos no chão. Agora, com a cabeça mais fria, eu não evito pensar na cena que me fez esfregar

minha calcinha em seu quadril e repetir que aquilo não tinha sido uma boa ideia.

Não.

Não.

Não, péssima ideia.

Não.

Porém, não serei hipócrita de negar que adorei sentir cada minuto.

Ouçó uma batida forte vir de fora e olho em volta do banheiro do quarto de hóspedes. Dylan me trouxera direto para cá quando chegamos e eu não questionei nada até fechar a porta do quarto na cara dele, quase que fugindo.

— Lisa! — Ouçó outra batida, só que mais forte dessa vez.

Saio do box procurando por uma toalha, e nos primeiros segundos me desespero quando não acho nenhuma. Corro nua e molhada de um lado para o outro, escutando o Hulk lá fora quase quebrando a porta. Quando não acho nada, pego a toalhinha de rosto, que era a distância de um ombro para o outro. Enxugo-me um pouco, caminhando para fora do banheiro.

Cubro minha parte íntima, escondendo-me atrás da porta antes de abri-la minimamente, dando a ele apenas metade da visão do meu rosto. Quando o enxergo, meu queixo cai com a visão que estou tendo.

Seu braço está apoiado na quina da porta e um sorrisinho pequeno habita em seus lábios quando desço o olhar pela sua barriga livre de camisa, apenas para me deixar tonta com os gominhos definidos. Acho que até suspiro vendo os braços fortes se cruzando, evidenciando os músculos bonitos, o que deveria ser resultado de exercícios físicos. Quando encaro o “V” profundo na cintura, passo a língua nos lábios e inconscientemente desejo puxar sua calça de moletom para baixo e me

ajoelhar. Esses pensamentos são tão novos e apavorantes para mim.

— Acho que você perdeu o caminho para os meus olhos. — Escuto sua voz, mas estou afetada demais para responder.

Desgraçado, ele está assim de propósito.

— O que... hmu... o que... — *Cristo, não sei lidar com Dylan sem camisa.*

— Eu vim trazer toalhas, esqueci que não havia nesse quarto. — Só agora eu noto o pano branco e felpudo em sua mão. Pego sem abrir muito a porta e vejo a camisa social em sua outra mão. Meneio a cabeça. — Imaginei que não queria usar vestido.

— Quer que eu desfile com sua camisa pelo seu apartamento? *Ei, foi só um beijinho, não crie um mundinho fantasioso na sua cabeça* — provoco falando o que ele me falou uma vez.

Dylan deu um riso falso.

— Quero que não ande nua.

— Sei... — Olho para ele dos pés à cabeça, fazendo-o levantar a cabeça.

— Que olhar é esse? Quer me dizer alguma coisa?

— Você dorme sem camisa?

— Eu durmo do jeito que eu quero e ando até de cueca por aí, se quiser, você que está na minha casa.

— Não precisa ficar na defensiva.

— Se vista logo, imagino que esteja com fome.

Suspiro antes de concordar. Apesar do jantar ser para nós dois, esta noite eu mal toquei na comida, todo aquele papo de frutas e a língua na minha garganta me fizeram esquecer do meu apetite.

— Eu gostaria de comer algo.

— Desça em cinco minutos.

Ele sai da minha frente, mostrando-me a bunda apertada naquela calça moletom. Espremo os lábios

antes de fechar a porta para terminar o meu banho em paz.

Cerca de doze minutos e meio depois, eu estou descendo os degraus da escada e puxando a manga da camisa até os meus cotovelos. Não sinto cheiro de nada que possa me alimentar, e pelo silêncio ensurdecedor do apartamento até parece que estou sozinha nesse lugar enorme. O apartamento de Dylan é uma mescla de algo sofisticado e a batcaverna, tudo era muito escuro e mais bonito do que imaginei.

Até pensei em sair por aí procurando o traje do Batman.

Movo-me pela sala de estar intocada e olho em volta, totalmente perdida. Ando poucos centímetros antes de ouvir um barulho baixo vir do único cômodo que não é fechado por portas de madeiras finas. Em silêncio, vou até lá puxando a barra da camisa mais para baixo, mesmo que ela vá até os meus joelhos. Mentalmente agradeço por estar usando uma calcinha de renda que cobre até a metade da minha bunda.

Nota para o futuro: Sempre andar com uma calcinha extra na bolsa.

Na entrada, eu logo percebo que se tratava da cozinha com uma mesa de quatro lugares no meio. No canto direito, uma porta que provavelmente me levaria para a sala de jantar mais espetacular que eu colocaria os meus olhos. Ainda na cozinha, eu encaro o micro-ondas branco com a luz acesa enquanto algo gira lá dentro, o que eu espero que seja pizza.

Desvio o olhar para o lado direito, vendo a ilha da cozinha feita de mármore com três banquinhos altos a preenchendo. Dylan está em um desses banquinhos com o computador em sua frente, digitando algo que parecia ser e-mails. Aproximo-me dele lentamente, com os braços para trás e encaro seus ombros descendo para o sinal em forma de âncora que ele possui nas costas.

Uau, é lindo.

Espio por cima da sua cabeça, vendo que ele estava trabalhando... às três e quinze da manhã. Levanto ambas as sobrancelhas, confirmando que ele é um viciado em trabalho. Eu já estava abrindo a boca para falar isso, quando o micro-ondas começa a apitar copiosamente, assustando-nos. Dylan se levanta tão rápido do banquinho que se choca comigo com força suficiente para me machucar. Ele se assusta novamente comigo atrás dele e, de forma desajeitada, nossos pés se entrelaçaram naquele ridículo cenário de falta de equilíbrio. Ainda o escuto falando um palavrão antes de nós dois cairmos para o chão, praticamente em câmera lenta. Sinto o choque com o piso escuro e o barulho das suas mãos ao lado da minha cabeça para não me esmagar com o peso do seu corpo. Ofegante, eu abro os olhos devagar para ter certeza de que não morri esmagada enquanto o som irritante do micro-ondas soa.

Olho para Dylan vendo que minhas mãos estão agarradas na sua cintura e o seu peito sem camisa colado em mim, como uma figurinha. Quando encaro o seu rosto, vejo seu olhar no meu busto subindo pelos seios livres do sutiã, até parar na minha íris.

— Deus! Sai de cima de mim. — Apressamo-nos em sair daquela posição e eu o vejo correr até o aparelho que esquenta, desligando-o da tomada. Levanto-me em seguida, ajustando a camisa e pondo o meu cabelo solto para trás, para então voltar a respirar novamente. — Que merda foi essa? — pergunto.

— Foi você caindo no meu papo de novo, isso já está virando rotineiro. — Ele abre o micro-ondas, tirando as fatias de pizza, que imediatamente parecem deliciosas.

Aproximo-me como um cão farejador, e assisto enquanto ele põe o prato em cima do fogão elétrico de oito bocas. Paro ao seu lado, comendo o cantinho da

unha, tentando me controlar para não pegar o pedaço quente e queimar a boca.

— Céus, você parece faminta.

— Eu comeria você agora.

— Eu também — sussurra.

— O quê?

— Eu não disse nada. — Ele fala se afastando para se sentar no banquinho novamente.

Pego um pedaço da pizza, assoprando para não me queimar, e dou um gemido satisfeito quando coloco na boca, dando a maior mordida da minha vida. Depois de apreciar a melhor invenção do planeta, caminho timidamente para perto dele, que me encarava por alguns segundos antes de voltar o olhar para a tela do computador.

— Não está com fome?

— Isso é mais importante agora.

— O que é isso? — Sento-me ao seu lado, dando outra mordida na pizza.

— Você conhece os Mendoza?

— Sim, são da família de design, cheguei a ver esse nome em um portfólio na sua mesa sobre possíveis sócios.

— Estamos de olho em algumas coisas, se eu estiver certo... pode revolucionar a nossa empresa em Nova York.

— Eu não entendo.

— Contarei para você no momento certo.

— E por que está respondendo esses e-mails?

— Porque eu mandei você descer em cinco minutos e você desceu em doze.

— E meio.

— E meio o quê?

— Doze e meio. — Dou um sorriso travesso.

Ele revira os olhos.

— Certeza que não quer? — Balanço a pizza na frente do rosto dele, que vira o olhar para baixo.

— Não.

Ele começa a digitar novamente e de forma furiosa, tirando o olhar de mim.

— O que houve?

— Desde quando você fala tanto comigo?

— Desde que você me pediu para ser a sua noiva. — Mostro o anel para ele, que brilhava mais do que a lua.

— Eu gostava mais de você quando só falava sobre a minha agenda.

— Eu fazia mais do que isso, ok?

— Tipo...

— Eu cuspi no seu café às vezes. — Dylan me olha mortificado antes de eu começar a rir dele. — Estou brincando, nunca fiz isso.

Só uma vez. E foi o dia em que ele me disse que eu precisava passar batom porque a minha aparência de doente estava assustando os associados e nós não estávamos no *Halloween*. Uma semana depois, ele apareceu com um resfriado e eu me senti muito, muito culpada, mas ao mesmo tempo realizada. Foi a única vez que me vinguei do seu tratamento arrogante.

— Na segunda-feira quero que organize a reunião com a Center Tech, como falei anteriormente.

Suspiro.

— Você só sabe falar de trabalho?

Ele me encara e dá um sorrisinho antes de fechar o computador de uma vez. Levanto uma sobrancelha interessada nesse gesto e como o último pedaço da pizza, mastigando lentamente e deixando-o admirar o meu rosto. Ele cruza os braços, descendo o olhar pelo meu tronco, e sua expressão se fecha por pouco tempo, até desviar o olhar. Quando desço os olhos, vejo exatamente o que estava testando o seu humor bipolar.

Cruzo as pernas, bloqueando a visão da minha calcinha, e coro por não ter percebido isso antes.

— Quer falar sobre o que, Lisa?

— Não sei.

— Só... diga alguma coisa. — Eu posso ver a veia saltada na sua testa.

Engulo em seco.

— Seu irmão é legal.

Ele assente ainda sem me encarar.

— Ele está solteiro?

Dylan me encara.

— Adam é um cafajeste de primeira, não serve para você.

— Não foi isso que eu perguntei, senhor Venturelli.

— Não me importa, só estou alertando.

— Muito generoso da sua parte. — Dou um sorriso de lado.

— Que tal falarmos do nosso próximo passo?

— Claro. — Ajeito-me no banco e ele sai do seu, caminhando até o prato de pizzas, que deixa sobre a ilha onde meus cotovelos estão apoiados.

— Você já está com o anel, então os rumores vão se concretizar.

— Não sabia que um CEO era tão famoso assim.

— Um CEO gostoso e bonito como eu? É sim.

— Continue. — *Convencido do caralho.*

— Agora, mais do que nunca, vamos aparecer juntos. Tem uma aba no meu computador... abra-a. — Ele aponta para o objeto, pegando uma fatia de pizza ao mesmo tempo.

Levanto a tampa do aparelho, que liga na hora com uma imagem de campo como papel de parede. Parece o lugar mais calmo do planeta. Paro de me distrair e abro o navegador, entrando nessa aba específica com o título sendo o meu nome. Franzo o cenho ao abrir e

vejo uma lista modificada há alguns minutos, com itens que parecem se resumir a passeios românticos pela cidade. Ele está mesmo levando isso a sério. Leio sobre restaurantes, praças, cinemas e viagens, tudo muito exposto, do jeito que ele parece querer.

— Uau, eu devia entrar no meu blog agora e atualizar que tenho um namorado. — Olho para ele com uma sobrancelha erguida.

— Quando acabarmos com isso, vou parecer tão ruim que ninguém vai ter coragem de me perguntar sobre namoradas. — Ele anda até a geladeira tirando um pote de sorvete de dentro. — Vou fazer parecer que literalmente fiquei no fundo do poço.

— Mas até lá...

— Eu vou pegar todo o cliente em potencial dessa cidade e fazer cada um assinar um acordo com a minha melhor caneta. — Ele pega colheres da gaveta e caminha até mim, oferecendo uma. Pego com um sorriso estranho de poder no rosto.

— Você é arrogante até nesse ponto, surpreendentemente.

— Sim, mas sou gostoso.

— Um arrogante gostoso — sussurro dando um sorrisinho, puxando a tampa do sorvete.

— Estou delirando ou você me chamou de gostoso?

— Eu não disse nada.

Ele dá um pequeno sorriso, sentando-se ao meu lado de novo, e nós dois atacamos o pote como duas crianças no verão quente de Cancun. Nunca fui ao México, mas me parece ser quente. O sorvete é no sabor chocolate com pedaços pequenos espalhados por ele. Quando provo, quase derreto no banquinho pelo gosto simplesmente sensacional que aquilo tem. Dylan ri da minha expressão e vai parando quando arranco o pote da

sua mão para comer sozinha. Ele resmunga, irritado, querendo pegar de volta.

— É melhor você soltar isso, é o meu preferido.

— O que você pretende fazer? Terminar comigo?

— *Certo, eu adorava fazer piadinhas com o nosso noivado falso.*

Ele diz um palavrão quando o pote é puxado por nós dois, caindo diretamente em cima da sua calça moletom. Dylan se levanta rapidamente com a calça toda suja enquanto o pote do sorvete cai no chão, quase me fazendo chorar no processo.

— Porra!

— Porra você! — Abaixo-me pegando o pote do chão e coloco novamente na ilha, tentando conservá-lo. Encaro Dylan, que está todo melecado de sorvete, sem muita reação. Suspiro indo até a pia do lugar para pegar um paninho molhado o suficiente para limpar a sujeira.

— Pega. — Estendo o objeto a ele, que levanta uma sobancelha.

— Você que sujou.

— Isso não significa que tenho que limpar você, folgado.

— Na verdade... — Ele dá um passo e eu pisco, percebendo que ele está ficando próximo muito rápido.

— Eu não vou limpar você. No meu contrato de secretária não há nenhuma cláusula sobre limpar o meu chefe sujo de sorvete.

Dylan está praticamente me prendendo contra a ilha da cozinha, quando fica em silêncio me olhando com a expressão serena. Agora tenho medo quando ele fica calado tempo demais, porque significa que ele vai me dar uma bronca ou me prender contra a parede para me beijar.

— Eu acho que... vou subir... — Abro os lábios, desejando desesperadamente correr para o andar de

cima e, ao mesmo tempo, agarrar sua mão para colocar na minha bunda.

— Se esse for o seu desejo. — Ele encara a minha boca, mexendo a cabeça, quando eu olho para baixo, encarando sua barriga com chocolate.

Que todas as fábricas de sorvete no mundo vão para o inferno!

— É o meu desejo. — *Deveria ser.*

— Tudo bem. — Ele passa a língua nos lábios, mantendo-se no lugar. Eu também não movia um músculo.

— Tudo bem — repito o que ele disse e vou um pouquinho para frente. Sentindo seu cheiro entrar na minha mente, seguro-me para não suspirar quando saí da sua frente, tocando o meu braço no seu. Deixo o paninho na ilha e caminho para fora da cozinha correndo, até que chego na escada.

Prova de resistência concluída.



Abro os olhos apenas para piscar repetidamente.

Eu não estou nem um pouco pronta para acordar neste domingo, mas como a vida não são flores, levanto-me indo direto para o banheiro. Lavo-me por alguns minutos, molhando o cabelo e usando um shampoo cheiroso no processo.

Quando saio de lá, estou ciente que ficaria nua por baixo, então coloco o meu vestido junto com a melhor cara de quem estava usando lingerie por baixo da roupa e guardo a peça de renda na bolsinha que só tem o meu celular. Escovo os dentes com os dedos, já que não há outra opção, e saio do quarto em seguida,

caminhando descalça com os sapatos Louboutin na mão. No andar de baixo, vou direto para a cozinha à procura de Dylan. São onze e meia da manhã e posso supor que vamos nos atrasar para o almoço com os seus pais.

De imediato, lido com a visão de uma mulher tirando bolinhos do forno e meu estômago ronca por segundos, envergonhada demais para eu não sorrir sem graça quando ela vira o rosto para mim. Seus olhos são pretos e o cabelo de uma cor castanha com fios brancos na frente, denunciando a sua idade avançada. Sua pele é bronzeada e ela tem uma áurea esplêndida. Percebo isso na hora que seu sorriso aparece.

— Querida! Venha, sente-se. — Ela me convida e eu dou passos tímidos até alcançá-la. Sou recebida por um abraço apertado, junto a um esfregar forte nas minhas costas. — Você é a Lisa, correto?

— Sim, é ela. — Escutamos a voz familiar aparecer e levanto o rosto para encarar Dylan, que passa pela porta que vi ontem de madrugada. Ele tem um jornal embaixo do braço e o cabelo molhado caindo um pouco na testa. Está vestindo uma calça jeans azul-escuro e uma camisa marrom café de mangas, que se limita nos ombros. Essa cor fica surpreendentemente bonita nele.

— Sou Benta, é um prazer finalmente conhecê-la. — Ela me olha. — Dylan falava muito sobre você. — Olho para ele com uma sobrancelha erguida.

— Imagino que falava também que sou fascinante — puxo assunto.

— Oh, não só isso, querida. Sempre disse que você é competente, talentosa, determinada...

— Ok, já chega. — Dylan corta o assunto com a minha melhor amiga Benta.

— Legal saber disso — sussurro para ele, que chega perto de mim.

— Sente-se e coma, tenho que te levar para a Monica antes que ela se separe do meu pai e case com você.

— Bom, você sabe como é... — Ele olha para mim — conquisto a todos, porque sou competente, talentosa, determinada... o que mais, Benta?

— Fascinante. — Ela levanta um dedo e eu pisco para ela.

— Podem parar com isso, acabaram de se conhecer — ele reclama, jogando o jornal em cima da mesa que tinha um café da manhã já posto.

Dou uma risada baixa antes de me sentar na cadeira e aproveitar aquele delicioso café da manhã. Converso com Benta por alguns minutos. Enquanto Dylan come um bolinho de frutas em silêncio, ela toca no assunto do noivado falso e, mesmo vermelha, eu explico a ela os meus motivos. Ela apenas é simpática, não demonstrando que apoia aquilo, mas nunca falaria nada a ninguém.

No final do café da manhã, nós nos despedimos dela e Dylan me guia para o elevador, ainda quieto.

— Passaremos primeiro no meu apartamento, preciso trocar de roupa — digo a ele, que aperta o botão.

— Eu consigo um vestido para você, se quiser.

— Eu prefiro ir em casa.

Ele acena novamente de frente para mim e meu celular dá um alô no mesmo minuto. Abro minha bolsinha, sentindo a vibração aumentar, e tiro o celular de dentro com uma rapidez desnecessária, porque no ato a calcinha acaba vindo para fora, caindo nos pés de Dylan, como se a maldita fizesse isso de propósito. Nós dois olhamos para ela e depois um para o outro ao mesmo tempo.

— Você está de sacanagem comigo? — Ele engole em seco.

— Merda. — Abaixo-me pegando a peça de cima dos seus sapatos e guardo na bolsinha, onde ela deveria ter ficado.

— Você está nua por baixo? — Sua voz mostra indignação e eu não vou lidar com isso agora.

— Desculpe, não posso falar, estou no telefone. — Entro no elevador e ele vem atrás de mim totalmente inquieto.

Desbloqueio a tela, agradecendo pelo aparelho não ter descarregado até agora. Entro na minha conversa com Emily, já que é ela quem está me chamando.

“Está viva? Sei que estava com o babaca e eu não quero ver o rostinho dele na televisão como suspeito de um crime, então, dê um alô”

Digito a resposta:

“Alô”

Ela não demora a responder:

“Suas mensagens de manhã são tão motivadoras, melhores do que as da minha avó”

“Estou indo para casa, me diga que está aí”.

“Sim, eu e os espíritos curiosos para saber se você teve um momento interessante com o seu chefe #NãoMaisTeias”

“Quem usa hashtag hoje em dia?”

“Não desvie o assunto”

“Estou chegando”

Guardo o celular dentro da bolsinha e limpo a garganta, olhando para as portas e esperando pacientemente que elas se abram. Segundos mais tarde, escuto um suspiro sofrido e olho para trás por cima do ombro, encontrando Dylan com o olhar fixo na minha bunda. Lembro-me do que ele disse quando nos beijamos e me amaldiçoou quando sinto um calor subir pela minha pele.

— Você podia disfarçar, senhor Venturelli.

— Difícil, já que sua calcinha literalmente caiu aos meus pés.

— Não foi de propósito, eu juro.

— Você só quer foder comigo, senhorita Morris. — Olho para ele. — Saiba que não vai conseguir.

— Que merda você está dizendo?

— Você está me provocando sempre que pode e está ficando frustrada, porque não está conseguindo. Está apelando agora.

Viro-me para ele com o rosto irritado.

— Você está drogado?

— É a verdade. — Ele dá de ombros, encostado na parede do elevador.

— Você é simplesmente patético.

— Não precisa esconder, Lisa, tudo bem você não conseguir, não sou tão fácil de ser seduzido mesmo.

Sentindo-me irritada e desafiada, eu me aproximo dele, que se ajeita na hora como se esperasse ansiosamente pelo meu movimento, descendo o olhar por mim como um predador. Eu aproximo meu rosto do seu, começando a entender o que ele estava fazendo.

Maldito calculista.

— Eu sei o que está fazendo.

— É mesmo? — Ele morde o canto da boca, não parecendo envergonhado por demonstrar desejo por mim.

— Está tentando jogar comigo com psicologia reversa, mas adivinha.

— O quê?

— Você não está lidando com qualquer uma.

Afundo o indicador no seu peito com a postura séria. Ele abre um sorriso no rosto.

— Fico feliz por isso — ele sussurra e depois sai da minha frente. Quando as portas se abrem, eu aperto o maxilar, pedindo paciência para lidar com esse ser humano depravado.

CAPÍTULO 09

Dylan Venturelli

*“Venha até mim nas primeiras horas da noite,
eu vou esperar por você”*

Assisto-a entrar no apartamento depois de duas batidas e entro logo em seguida com as mãos dentro do bolso da calça, olhando para a sua bunda. Isso soa como um pervertido descarado, mas eu não consigo evitar de pensar que não tem nada ali embaixo para empatar minha imaginação.

Esse tempo dobrado que estou passando, Lisa está fritando meus neurônios, sempre tive controle quando ficava longe dela, mas agora parece mais difícil a cada dia que se passa, e eu odeio essa merda.

Vejo-a passando pela porta do seu quarto e Emily atrás dela. Depois que acena para mim com as duas mãos, a madeira se fecha e eu olho em volta vendo a decoração feminina pelo lugar. As paredes são arroxeadas com desenhos brancos em contraste, há uma estante de livros perto da janela com um conjunto de CDs distribuídos na parte de baixo.

Ando por ali, observando mais coisas e noto que tudo estava perfeitamente limpo. Parecem garotas que gostavam de tudo limpo e realmente são. Chego perto da televisão e olho para baixo, vendo um rack preto com uma fotografia de Lisa e Emily com roupas de formatura.

Pego outro quadro, vendo minha falsa noiva em cima de um cavalinho de parque de diversões devorando uns churros. Isso me faz sorrir por algum tempo, até eu franzir o cenho e balançar a cabeça.

Que merda é essa?

Deixo a fotografia onde está e caminho até o sofá, jogando-me ali.

Respiro fundo.

Assusto-me em seguida, ouvindo um grito animado vindo do quarto que ambas estão. Meio confuso, eu ignoro, até as duas saírem de lá normalmente. Lisa usa calça jeans clara com uma camiseta vermelha e um casaco preto por cima, seu cabelo está solto, já parecendo seco. Vejo suas mãos sendo postas no bolso de trás da calça, e em seguida olho para Emily, que tem um sorriso para lá de estranho na minha direção.

Não preciso de tanto tempo assim para entender que Lisa contara algo para a amiga.

— Pronta?

— Sim, vamos, ainda tenho que trabalhar hoje.

— Pode me entregar a documentação na terça, não precisa ser necessariamente amanhã — falo enquanto ela sai pela porta. — Tchau, Emily.

— Tchau, bonitão — responde.

— Eu acho que posso entregá-lo amanhã. Não confia em mim, senhor Venturelli?

— Acho que a esse ponto você já deveria saber a resposta.

— É bom confirmar de vez em quando.

— Bom, você e eu não funcionamos se não tivermos confiança. Apesar dos momentos de provocação, eu confio em você. — Ela me olha antes de dar um sorrisinho quase inexistente.

O caminho para a mansão não é tão tedioso dessa vez. Ficar em sua presença já é mais confortável

para mim, e acho que para ambos. Conversamos algumas vezes pelo caminho e eu respondo as dúvidas que ainda faltam sobre a minha família. Ao chegarmos, ela salta do Audi preto e caminha para dentro ao meu lado.

Quando Monica aparece, enche os olhos de simpatia e felicidade ao vê-la. Naquele momento, eu sinto pânico ao notar que minha família pode estar criando um vínculo com Morris e que vai ser decepcionante demais depois do nosso término. Eu sabia dos riscos que estava exposto ao me meter nesse noivado de mentira com ela, pensei em cada passo e frase dita, mas sentimentos nunca podem ser controlados totalmente.

Vejo minha mãe levá-la para a estufa e passo a mão no cabelo, caminhando para o escritório do meu pai ao ser informado que ele me esperava junto ao meu irmão.

Adam e eu sempre fomos muito unidos e ajudamos um ao outro, não importando as circunstâncias. Isso também vale para duas pessoas que cresceram comigo na Itália, outras que eu confio cegamente. Ao me sentar naquela cadeira branca do escritório de Gregório, sinto que algo mudaria drasticamente em nossas vidas.

— O que houve, pai? — Adam pergunta sentado ao meu lado.

— Estou tenso, sua expressão me preocupa — falo a ele, que apoia as mãos na mesa de mogno escuro.

— Tenho algumas novidades — ele diz. — Meninos, como vocês dois sabem, eu não trabalho fisicamente na empresa, porque trato de alguns assuntos mais importantes em casa. A Dylan, por ser meu filho mais velho, dei o cargo mais importante.

— O que eu acho injusto. — Adam levanta o copo que segurava para o alto, e eu reviro os olhos.

— Ele tem muitas responsabilidades e tem feito um ótimo trabalho desde então. — Ele acena para mim, orgulhoso. — Mas surgiu algo irrecusável recentemente. Nós faremos uma fusão de empresas — ele noticia e eu levanto uma sobrancelha.

Adam se engasga ao meu lado com o Bourbon, e dou dois tapinhas nas suas costas.

— Fusão? Por quê? Com quem? — meu irmão pergunta, confuso.

Fusão consistia em fundir algo. Para nós, significa que teremos de fundir nossa empresa a outra, o que era previsível para mim, pois estudei os passos do meu pai nas últimas semanas e a única coisa que preciso saber é o motivo para isso.

— Há uma empresa de design que está quase falindo e a dona da empresa é filha de um amigo de longa data, a quem devo um grande favor. Fazendo essa fusão, poderemos ajudá-la e nos ajudar. Ter uma empresa de design irá nos beneficiar em grandes projetos no futuro.

— Favor? Qual o favor que ele fez para você devê-lo tanto? — pergunto.

— Carlos Mendoza me ajudou a construir a empresa na Itália, a mesma empresa que Nate, seu primo, comanda hoje. Ele estava ao meu lado na época e agora chegou a hora de eu estar ao lado dele, é questão de princípios. — Gregório cruza os braços.

Ora, então são mesmo os Mendoza.

— Quem é a dona da empresa? — Adam pergunta.

— Rubi Mendoza — ele responde.

— Rubi? Que nome é esse?

— Seu nome é Rubi, porque seu pai é apaixonado por pedras preciosas, ela nasceu e foi criada no Brasil até os quinze anos, foi quando ela seguiu Carlos até Nova York. — Gregório ri da nossa confusão.

— Você tem certeza disso, certo? — pergunto só para me certificar.

— Sim, eu tenho. — Ele me olha com uma sobrancelha erguida, como se questionar suas ordens fosse perda de tempo. — Só tem mais uma coisa.

Levanto-me para encher um copo de Bourbon e depois sento novamente ao terminar.

Gregório olha para o meu irmão.

— Adam, você terá que trabalhar na empresa em tempo integral. — Agora sou eu quem me engasgo e Adam dá um tapinha em minhas costas com o rosto sem expressão.

— Como é? — Ele finalmente mexe um músculo do rosto ao sorrir nervoso.

— Quero você à frente de tudo da fusão, trabalhará mais e nos deixará informados sobre tudo que acontece dentro da empresa. Sei que está acostumado a viajar pelo mundo, mas precisamos de você aqui.

Adam fica sem se mover e continua encarando meu pai com um olhar que não sei descrever, mas sua expressão é hilária.

— Ei, Adam! — Estalo meus dedos na sua frente e ele finalmente se mexe.

— Por que você não coloca o Dylan nessa função? — Sabia que esse idiota ia jogar o trabalho para cima de mim.

— Dylan já tem trabalhado demais, você será o cabeça disso tudo, espero que se dê bem com Rubi, porque será com ela que irá tratar de todos os problemas. Trabalharão em equipe, então, por favor, não dê em cima dela.

— Acho que ele vai falhar nisso — digo.

— Cala a boca. — Ele me olha, irritado.

— A fusão só irá acontecer daqui a alguns meses, ainda temos alguns assuntos a discutir. — Meu pai finge bater um martelo na mesa como se fosse a última coisa

que falaria sobre o assunto. Ele faz isso desde que somos crianças.

Apesar de já ter uma ideia sobre isso, eu fico preocupado com algo. Adam sempre está viajando, resolvendo contratos e trabalhando à distância, então trabalhar permanentemente na empresa será uma grande mudança para ele. Não sei como ele pretende se adequar a uma rotina mais desacelerada.

Depois de trinta minutos de conversa, eu decido que já estava na hora de parar de falar sobre essa fusão. Deixo meu pai empolgado e irmão aéreo para trás, indo encontrar Lisa para saber como tudo anda. No hall, eu encontro minha mãe, que está toda suja de terra da estufa e dou um sorriso pequeno vendo seu macacão jeans cheio de margaridas.

— Ei, onde Lisa está? — Ela me encara com um sorrisinho.

— Não consegue ficar longe dela por tanto tempo, não?

Pelo amor de Deus.

— Me pegou. — Levanto as mãos fingindo estar rendido.

— Ela precisava ir ao banheiro, levei-a para o seu quarto antigo.

Franzo o cenho.

— Por quê?

— Porque ela é sua noiva e ver o quarto onde dormia antes seria fofo.

— Isso não...

— Vai logo lá para cima e cala a boca.

Minha mãe, que é uma doçura, sai da minha frente, levando seu baldinho amarelo para longe, enquanto eu subo os degraus rapidamente para ir encontrá-la. Caminho pelas portas, parando na minha, que é azul-marinho. Giro a maçaneta, entrando no quarto e a vejo de costas bisbilhotando minhas coisas, como eu

fiz em seu apartamento anteriormente. Ela se vira com um quadro na mão e dá um sorriso sem graça ao me ver me aproximar.

— Achou o que queria?

— Seu banheiro é fofo. — Ela meneia a cabeça. Lembro que lá dentro tem desenhos de peixinhos no fundo do mar e suspiro parando na sua frente.

— Vamos almoçar em breve. Está com fome?

— Não muita. — Ela olha para o quadro e me mostra. — Quem são?

Não consigo evitar sorrir ao olhar para a foto tirada na Itália alguns anos atrás.

— Adam, eu, Peter, Nate e minha prima Ana. — Aponto um por um para lhe dar um entendimento melhor.

— Parecem felizes.

— Estava chovendo quando tiramos essa foto e ela tinha dado a ideia de nos divertirmos um pouco. Ana sempre foi nossa caçula.

— Ela tem alguns traços fortes da família. — Ela observa, devolvendo o quadro para o seu lugar. — Mas podemos falar desse Peter e Nate, caramba!

Reviro os olhos.

— Minha nossa, é até pecado esses homens saírem na rua.

— Já acabou?

— Não gosto muito de tatuado, mas, minha nossa!

Vejo-a se abanar.

— Esse sem tatuagem parece ser mais sério que você, deve ser tudo de bom, minha nossa!

— Se você falar *minha nossa* mais uma vez, eu vou te trancar aqui dentro.

— Só estou brincando, relaxa. — Ela sorri e olha para o quadro em seguida. — Minha nossa!

— Adeus. — Viro-me saindo do quarto enquanto escutando sua risada e, logo depois, o barulho dos seus rápidos passos para me alcançar.

Voltamos para o andar de baixo e almoçamos todos juntos na sala de jantar. Meus pais fazem perguntas infinitas a Lisa, que respondeu todas genuinamente, como se estivesse adorando tudo isso, o que me deixa bem curioso, de fato.

No final, despedimo-nos de todos com uma promessa de voltarmos, e a levo para casa novamente, pronto para descansar um pouco, até que Lisa recebe uma ligação.

— Oi, Jon! — Ela parece superanimada. — Folga, é? Gostei disso.

Quem é Jon? Não me lembro de sua menção sobre isso.

— Claro! Avisarei Emily, pode ser no bar do Luck 's — Encaro-a quando paramos no sinal. — Levar o meu encontro?

Levanto uma sobrancelha quando ela me encara.

— Ele não quer ir — responde.

— Quero sim! — grito, mas não entendo o motivo.

— Shi! Shi! — Ela balança o braço, tentando pôr a mão na minha boca e nós meio que entramos em uma batalha para agarrar o celular.

Escuto a pergunta indignada de Jon depois de ouvir a minha voz e eu acho que foi algo parecido com "*Você está com ele agora? OH, MEU DEUS!*", e segundos depois outra frase: "*Vá com ela! E leve um amigo, se tiver!*".

— Irei! — grito a resposta.

— Já chega. — Lisa se afasta de mim o máximo que pôde e suspira antes de falar com Jon. — Já saiu do trabalho?

“Sim, acabei de sair. Peguei o celular só para ligar para você, sabe que não tenho acesso a aparelhos eletrônicos aqui”.

A conversa dura até eu chegar em seu apartamento, que é quando ela decide desligar a chamada e olhar para mim esfregando os dedos no rosto.

— Parece tensa.

— Ele não sabe que estamos noivos.

— Como não? Nova York inteira sabe.

— Jon não gosta de tabloides e seu trabalho o desconecta do mundo na maioria das vezes. Ele não tem tempo para isso.

— Certeza de que ele tem tempo para te ouvir dizer que está noiva do seu chefe bonito.

Ela revira os olhos.

— Eu ainda não contei, mas pretendia contar em breve.

— Conte hoje, mas não diga que é uma farsa, quanto menos souberem, melhor.

— Claro.

Ela desvia o olhar com uma expressão estranha, mostrando que não gostava do fato de esconder isso do amigo — o que eu espero que seja — , e eu suspiro, pondo as mãos no volante.

— Certo — falo, pegando sua atenção.

— O quê?

— Pode contar a ele, mas somente a ele, não quero saber se você quer contar para o papagaio do vizinho, isso está fora de cogi...

— Ai, meu Deus! Sim, sim, sim. — Ela sorri, parecendo contente de novo e sou pego de surpresa quando ela joga os braços em volta de mim, dando-me um abraço agradecido. Sinto o cheiro do seu cabelo junto ao peito colado ao meu. Durante todo o abraço, eu fico estático.

Ela se afasta lentamente, percebendo isso, e me encara com o rosto próximo.

— Você está vivo?

— Sim? — Ela sorri com as mãos nos meus ombros.

— Aposto que nenhuma mulher tocou em você com a intenção pura de um abraço, além da sua mãe.

Dou um sorrisinho falso, *porque é verdade*.

— Você pode ir agora. — Tiro suas mãos dos meus ombros e me inclino abrindo a porta do carro. Ela me olha, chocada.

— Por que toda vez que me deixa em casa, você me expulsa do seu carro?

— Porque sou romântico. — Balanço a mão, mandando-a indiretamente descer.

— Só não vou responder isso, porque você me deixou fazer o que eu quero. — Lisa sai do carro, fechando a porta.

— Não se acostume.

Sorri de lado antes de começar a dirigir de volta para o meu apartamento. Pelo comando de voz do carro, eu ligo para o meu irmão, que não demora tanto para atender. Informo sobre a noite que está chegando e ele apenas diz que me encontrará lá depois de sair do seu alfaiate. Também ligo para o meu pai, que me manda um relatório simples sobre a fusão das empresas.

Quando a noite chega, eu paro de trabalhar por um tempo para tomar uma ducha e me vestir. Lisa me liga nesse processo, informando-me o endereço de forma mais completa. Não preciso de muito para reconhecer o lugar que frequentei algumas vezes para conseguir uma foda. Mas, tirando esse detalhe, o lugar é ótimo para sermos vistos juntos, por ser aberto e de fácil acesso.

Durante o caminho, eu deslizo os dedos pelo volante, sentindo uma sensação estranha no estômago, que pode ser facilmente confundida com nervosismo,

mas eu sei que não há motivos plausíveis para uma sensação dessas estar presente comigo. Eu não estou indo fazer nada demais, apenas indo encontrar Lisa, como encontro todos os dias.

Ao chegar no bar, estaciono do outro lado da rua, agradecendo por achar uma vaga ali perto em uma noite de domingo. Aperto o alarme do carro ao mesmo tempo em que um táxi para próximo a mim. Adam sai dele, dando uma nota de cem dólares ao motorista, que arregala os olhos encarando o meu irmão ajustar a jaqueta jeans ao corpo.

— Táxi?

— Não estou com o meu carro, e como você é imprestável até para me dar uma carona... tive que pegar um táxi.

Ele põe as mãos nos quadris.

— Achei muito interessante, na verdade.

— É só um táxi, Adam.

— Qual é, não me lembro a última vez que peguei um desses.

— Vamos cortar o papo burguês e entrar logo.

— Ansioso para vê-la? — Ele dá um sorrisinho de lado.

— Você está proibido de perguntar isso.

— *When i see your faaaace...* — Ele começa a cantar uma música romântica e eu balanço a cabeça caminhando para longe dele, que infelizmente me segue.

— *Girl, you're amazing, just the way you are.*

— Eu vou socar a sua cara.

— Que carinhoso!

Passo pela porta da frente escutando a música animada e olho para Adam, que me encara de volta parecendo triste por não estar tão cheio, porque isso significa que suas opções estão limitadas esta noite. Encaro o bar novamente e de longe reconheço o rosto de Lisa, que tem Emily de um lado e provavelmente o tal Jon

do outro. Eles parecem conversar de maneira séria, até Emy agarrar a mão esquerda de Lisa, mostrando o anel. Logo entendo que elas estão contando a ele.

Jon encara Lisa com os braços cruzados, parecendo super irritado, até ela se pendurar nele com um sorriso grande, fazendo-o sorrir e voltar à expressão normal. Eles começam a rir antes de saírem do canto afastado e voltam para a mesa onde há copos grandes de cervejas em cima. Logo percebo que não é só isso que tem na mesa. Um cara está sentado na cadeira mexendo no celular, até perceber a aproximação e guardar o aparelho.

Franzo o cenho.

Ele se levanta, cumprimentando Emily com um aperto de mãos e Lisa de maneira diferente. Seus lábios vão para a mão dela de forma cortês e sedutora, o que me fez fechar a expressão lentamente.

— Oh, um novo concorrente! — Adam coloca as mãos na boca, chocado. Acho que essa história o faz se sentir em um *reality show*.

— Provavelmente alguém sem importância.

— Alguém que parece gostar da sua noiva. — Ele aponta com a cabeça quando o cara puxa a cadeira para fazê-la se sentar ao seu lado.

Semicerro os olhos e começo a andar de forma reta até a mesa com os passos de Adam ao meu alcance. Passo pela mesa de sinuca, desviando de algumas garçonetes e coloco as mãos no bolso da calça jeans. Quando chego perto para ser notado, Lisa está rindo com Emily, até que, então, me nota.

— Dylan! — Ela se levanta com um sorriso pequeno e dá a volta em Jon, que está na ponta. Ela se aproxima, olhando para Adam e depois para mim. — Que bom que veio.

— É, também estou contente, uva. — Dou um passo a abraçando de lado, como se ela fosse meu

camarada da faculdade. Logo percebo que não sou tão bom em afeto em público quanto pensei.

— Que porra foi essa? — Escuto o sussurro de Adam e balanço a mão discretamente, mandando-o calar a boca.

Falo com Emily em um aceno e encaro Jon, que aperta minha mão sem dizer muita coisa. Encaro o cara que nunca ouvi falar e estendo minha mão.

— Dylan Venturelli. Este é meu irmão, Adam. — Aponto com a cabeça para o loiro do meu lado, que cumprimenta Jon e Emily com um sorriso.

— Sou Liam Tate. — Ele a agarra, mantendo os olhos pretos nos meus.

Seu sotaque é forte.

— Liam mora na Inglaterra, está passando uma temporada aqui. — Lisa explica. — E gentilmente salvou a minha vida do encontro do meu rosto com o chão quando entrei aqui.

Olho para ela.

— Sorte que eu a peguei a tempo — ele diz com um sorriso simpático, mas com um tom cheio de segundas intenções, que Lisa não parece perceber. Pisco algumas vezes, concordando com a expressão séria.

— Certo, chega de apresentações, viemos beber, então. — Jon chama a garçonete pedindo mais cervejas. — Vamos beber!

Ouçõ gritinhos animados e dou a volta, seguindo Lisa. Antes de beber alguns goles, ela se senta entre mim e Liam. Os demais começam a conversar e eu pude conhecê-los um pouco mais. Emily é estilista na Modus e, coincidentemente, eu conheço o dono há alguns anos. Jon trabalha em uma fábrica de móveis longe da cidade como segurança e, pelo que entendi, não aparece muito por aqui, deixando claro a animação de Lisa em encontrá-lo esta noite.

— E você, o que faz? — Emily pergunta ao Liam.

— Bom, não sou um CEO bilionário, nem nada. — Ele sorri como os outros. Dou o meu sorriso falso quando ele olha para mim.

— É um trabalho difícil como qualquer outro, talvez um dia você entenda. — Brindo, levantando o meu copo.

Eu não tinha simpatia por esse cara.

Olho para Lisa, que me encara com uma sobancelha erguida. Dou de ombros.

— Sou fotógrafo, gosto de viajar o mundo trabalhando — ele explica, chamando a atenção mútua das meninas, que parecem encantadas não sei se pelo sotaque forte, ou pela historinha que viria a seguir. — Mês passado eu estava viajando pela África, tirando fotos para uma pesquisa, e entendi a situação triste que ocorre por lá. Minha parte preferida foi as crianças e até quis adotar uma, mas a minha rotina não é saudável e também... — Ele sorri dando de ombros — eu gostaria de ter uma senhora Tate para ter isso comigo.

Olho para Adam, que coloca os dedos na boca, querendo não rir. O idiota aqui já usou esse papinho um milhão de vezes, e em pelo menos metade delas eu estava presente com ele. Não se engane, ele se deu bem em quase todas elas.

— Isso é muito legal, Liam. — Lisa põe a mão no ombro dele com um rosto motivacional. Ele dá de ombros e toca na mão dela com um ar de flerte.

— Que bom que você acha isso, Lisa. — Eles sorriem e eu passo a língua nos lábios, desviando o olhar. Acho que preciso de tequila.

O resto da noite passa normalmente e eu me viro para Adam, que olha em volta, parecendo procurar alguém.

— O que foi? Procurando o seu alvo?

— Não, a garçonete, pedi uma porção de batatinhas e ainda não vieram.

— Uau, sem mulheres hoje?

Ele dá de ombros.

— Sério? Nem Emily? Pensei que fosse gostar dela — digo.

— Não curto loiras. — Ele brinca e depois passa a mão no cabelo. — Ela não é para mim.

la responder seu comentário, quando uma risada alta me interrompe. Olho para o lado, vendo Lisa rir para Liam, que parece no meio de uma piada, provavelmente sobre fotos, porque é só o que ele usou com ela a noite toda. Ela dá batidinhas no ombro dele, encostando-se em mim com as risadas sufocadas. Franzo o cenho olhando para Emily e Jon, que me encaram engolindo em seco. Não é possível que a risada de Morris seja verdadeira, não escuto muito, mas não acho que seja assim.

— Uau, você está vermelha. — Ele passa os dedos em seu cabelo, tirando-o da frente. Eu aperto o maxilar, sentindo-me incomodado. Apesar de termos concordado em não dormir com ninguém e que esse flerte não os levará a nada, ainda me irrita.

Lisa sorri sem graça, afastando os seus dedos e pega a bebida, dando os goles finais. Jon pega a atenção do cara por alguns minutos, incluindo Emily e Adam. Eu me aproximo de Lisa para sussurrar.

— Se divertindo? — sussurro em seu ouvido e ela vira o rosto, deixando-o próximo do meu.

— Muito e você? — Ela levanta uma sobrancelha.

— Muito — debocho. — Adoro sentar aqui e ver você flertando com outro cara.

Ela abre os lábios sem ter muito o que responder, acho que nem eu pensara direito antes de soltar essa frase.

— Sei que não fará nada que viole o nosso acordo verbal, mas isso significa que posso flertar com outras mulheres também?

Ela dá de ombros.

— Se é o que você quer. — Ela desvia o olhar com a expressão diferente de antes. Com as sobrancelhas juntas e o rosto fechado para um sorriso, escuto-a falar novamente. — Há algumas garotas perto da mesa de sinuca.

Olho para lá momentaneamente, confirmando as suas palavras, então dou um sorriso de lado.

— Ótimo, obrigado por avisar — falo e ela dá um sorriso falso antes de eu me levantar da cadeira e olhar para todos. — Que tal jogarmos uma partida de sinuca?

Isso parece animar os caras, que se levantam pegando as bebidas da mesa e me seguindo, deixando Lisa e Emily para trás. Adam vai até o balcão do bar para pegar os tacos e o triângulo para ajustar as bolas de aço. Jon e Liam vêm conversando e eu escuto um pedaço da conversa enquanto finjo mexer no celular.

— Ela é solteira?

— Emy? Com certeza. — Jon responde. — Interessado?

— Não é da loira que estou falando.

Por que isso irrita tanto?!

— Certo, vamos. Adam e eu contra vocês dois — corto o assunto ao ver meu irmão se aproximar. — A dupla perdedora paga as bebidas pelo resto da noite.

— Vamos nessa! — Jon esfrega as mãos parecendo animado, e algo me diz que ele é muito bom nisso.

Pego um taco da mão de Adam, passando o giz azul na ponta. Depois sopro, encostando-me na mesa. Sinto alguém me olhando e demoro alguns segundos para encarar de volta, pois sabia quem era. Deixo-a aproveitar a paisagem e até penso em pedir a esse idiota do Liam para bater uma foto minha nesse momento e dar a ela de presente.

— Então — Dou a primeira tacada, iniciando o jogo —, África, certo?

Liam sorri.

— Muito bonita.

— Imagino — respondo, vendo Jon se inclinando para jogar. O filho da mãe acerta de primeira e joga novamente.

— O que mais gostou? — Adam pergunta por pura casualidade.

— Os animais.

— Pensei que fossem as crianças — digo com deboche e ele me olha antes de se aproximar.

— Pela sua expressão, sabe que eu estou mentindo.

— Ora. — Viro-me para ele. — Você não esteve na África?

Finjo surpresa e ele semicerra os olhos.

— Sei qual é a sua, ouvi o que você disse a ela sobre gostar de nos ouvir flertando. — Mantenho o taco no chão e me apoio nele.

— É verdade, eu adoro. — Coloco a mão livre no peito.

— Que eu saiba, vocês não têm nada. — *Porra, o anel de noivado no dedo dela aparentemente não significa nada?*

— Liam! — Adam chama e eu entendo que ele é o próximo a jogar. O cara sai da minha frente, deixando uma expressão convencida no ar, como se o fato de eu não responder a sua afirmação fosse uma vitória.

— Talvez você não saiba, já que é novo na cidade — falo em alto e bom som — mas eu meio que... sou o noivo dela.

Liam, que estava prestes a bater na bola branca, atrapalha-se, errando a jogada e eu solto um riso baixo. Aproximando-me dele, inclino-me, e antes de acertar a bola, pisco com o meu ar de convencido. Levanto o meu tronco e o encaro, vendo-o pôr a mão na quina da mesa.

— Então... — Sua expressão está confusa — você é o noivo, mas fui eu que a fez se divertir a noite inteira? Sua sobancelha erguida me irrita.

— Ela ri por pouca coisa. — *O que não é mentira.*

— Ou você não é interessante o suficiente para ela.

— Parem com essa provocação de macho alfa. Lisa está pouco se fodendo para vocês dois. — Jon aponta e nós olhamos para ela na pista de dança improvisada com Emily fazendo-a rir e jogar a cabeça para trás.

Oh, meu Deus, como eu só notei agora essa saia apertada?

Saio do foco por alguns segundos antes de olhar para Liam novamente.

— Ele está certo. — Liam toca em meu ombro com um sorriso antes de me dar um tapa, como se fôssemos amigos. Ele sai do meu lado, indo pegar o giz. — Mas você não ficaria chateado se eu desse uma investida e ela, por acaso, cedesse, não é?

Dou um passo para frente, apertando o maxilar, e ele franze o cenho como se não entendesse a minha reação, mas é claro que ele sabe.

— Cara, para com isso. — Jon diz para Liam ao ver Adam se aproximar de mim, pondo a mão no meu ombro. Olho para ele, que nega com a cabeça.

— Ele só está provocando — meu irmão sussurra.

— E está conseguindo — sussurro de volta.

— O quê? Você prefere dividir? — Ele sorri de um jeito patético e eu tiro a mão de Adam do meu ombro, indo enfrentar seu rosto idiota e humilhá-lo com poucas palavras por falar assim. Escuto Adam me pedindo para ficar e Jon se aproxima rapidamente, como se fosse rolar uma briga ou algo do tipo.

Se esse estúpido ficar me provocando e usando a Lisa para isso, sua noite acabará na calçada do outro

lado da rua e com o nariz quebrado.

CAPÍTULO 10

Lisa Morris

“Não tem competição, estou apenas querendo atenção”

Desço com Emily até o chão, ouvindo-a reclamar do joelho o tempo todo, da descida até a subida. Começo a rir da sua careta e seus passos fracos até a cadeira mais próxima. Ela passa a mão na testa e finge sentir dor nas costas.

— Não tenho metabolismo para isso.

— Você tem vinte e três anos mesmo?

— Pare de me provocar, caso contrário não vou te deixar comer sorvete depois do jantar. — Ela até imita uma velhinha para dizer isso.

Palmas para a atriz que ela nunca será.

— Então, eu vi os flertes com o Liam. — Ela comenta com uma cara maliciosa, mas depois fica séria. — E também vi a cara irritada de Dylan.

— Não fale sobre isso, não quero ter que pensar nele.

— Sabe o que é mais... intrigante? — Olho para ela. — Ele não pareceu gostar do cara nem um pouco desde que chegou.

— Dylan é carrancudo assim mesmo.

— Ou ele não gostou de ver o cara dando em cima de você.

— Imagino, temos um acordo de não dormir com ninguém, talvez tenha pensado que eu faria isso com o Liam. — Dou de ombros. — Mas eu mantereí a minha palavra.

Ela assente.

— É o certo — diz.

— Com certeza.

— Apoio você totalmente.

— Com certeza.

— Até porque você quer dormir com o Dylan e ninguém além dele.

— Com certeza — digo e depois arregalo os olhos, sentindo uma onda estranha na garganta. — Não!

— Rá! — Ela aponta para mim e eu bato na sua mão. — Você pode enganá-lo, mas não a mim.

— Para com isso.

— Quero sobrinhos. — Ela levanta os braços para cima, superanimada, vendo-me com uma careta horrorosa. Estou dizendo que não ia rolar, quando ouço um burburinho alto vir atrás de nós duas, fazendo-me virar para olhar.

Encaro a mesa de sinuca com os quatro juntos demais para um espaço tão amplo. As expressões são tensas e logo entendo o motivo quando encaro Dylan, que tem os mesmos olhos irritados de quando fomos para aquela estufa. Meu cenho se franze quando Adam toca no ombro dele como se quisesse fazê-lo parar no lugar.

Confusa, aproximo-me com Emily para entender o que está acontecendo e, já perto deles, eu escuto Liam falar algo sobre Dylan ser um babaca egocêntrico que não sabe... *dividir*? Arregalo os olhos percebendo a mão do meu noivo falso na gola da camisa de Liam, que mexe os braços para fazê-lo soltar. Adam e Jon parecem serenos demais para o que está acontecendo naquele

momento, como se mandar os dois pararem já tivesse esgotado a sua cota.

— Dylan! — chamo atenção dele, tirando Adam e Jon de cima para pegar a sua atenção. Ele me encara antes de soltar Liam, que bufa puxando a camisa branca de botões para baixo. — O que está acontecendo?

— Seu amiguinho é um idiota — ele diz, irritado.

— Joga esse anel fora, gata. Está perdendo tempo.

— Oh, claro. Talvez ela deva aproveitar o tempo na África, e você aproveita para conhecer, já que você nunca foi na porra da África! — Dylan aponta para ele, que fecha a expressão.

Olho para Emily, que tem a mesma expressão confusa que a minha em relação à conversa.

— Alguém pode explicar isso? — pergunto.

— Pra quê? Está perfeito assim, continuem. — Adam balança a mão, pedindo mais drama.

— Seu noivo estava reclamando por você ter gostado de mim, talvez ele não aguarde a pressão de um novo cara por perto. — Liam olha para ele. — Principalmente um melhor do que ele.

— Vamos ver quem é melhor, seu merdi...

— Dylan! — Meto-me na frente dele, que está indo para cima do fotógrafo com o olhar que ele usa antes de assistir alguma luta de UFC no escritório, o que eu ainda acho que ele gosta, porque se imagina no lugar dos competidores. Sempre acontece depois da luta de pegá-lo treinando com as almofadas do seu sofá. Seu olhar sempre é de fúria e excitação.

Antes que ele vá para cima, agarro o seu pulso, parando-o. Ele me encara, mandando soltá-lo e eu fico irritada quando ele começa a dizer que me tiraria da frente dele só com um toque do seu indicador no meu ombro. Ele volta a falar coisas patéticas para Liam e eu o puxo para longe para que essa discussão besta acabe.

— Venha comigo — ordeno, trazendo-o para o sentido contrário, enquanto os dois batem boca no meio do bar, atraindo todos os olhares presentes ali. Escuto-o começar a brigar comigo quando saímos por uma porta preta, que dá com parte do lado de fora do bar. Olho para o lado esquerdo e direito, percebendo que estamos sozinhos.

— Não entendo como você flerta com um cara estúpi...

— Calado! — Ele para de reclamar e eu suspiro, pondo as mãos na cintura. Eu não consigo ouvir uma alma viva naquele beco que tinha apenas um poste com luz fraca nos deixando enxergar. Cruzei, até olho em volta, sentindo-me em um filme de terror. — Por que foi para cima dele?

— Eu? — Ele põe as mãos no peito, pronto para se defender. — Eu não fiz nada! Seu amiguinho que está pensando que pode estalar os dedos e que você vai aparecer na cama dele.

— Aposto que você começou. — Ele me dá um olhar mortal.

— O quê?

— Sei como você é encrenqueiro, um encrenqueirinho do pior tipo.

— Você está de sacanagem com a minha cara? Não defenda seu amiguinho.

— Pare de falar que ele é meu *amiguinho*.

Nunca ouvi tantas palavras no diminutivo antes.

Pisco lentamente, vendo a sua expressão, quando ele se aproxima de mim com passos duros, fazendo-me ir para trás. Percebo a intensidade nos seus olhos e engulo em seco, sentindo as costas na parede junto à sua respiração quente em meu cabelo. Se eu levantasse o rosto, seus lábios se chocariam nos meus.

Não me movo quando sinto os seus dedos no meu queixo, levantando o meu rosto devagar, deixando

uma pequena distância do seu. Deixo que ele me toque e encaro os seus lábios antes de subir para os olhos.

— Sabe o que eu acho? — Sua voz está baixa e eu ofego ao pensar que seu nariz tocaria no meu.

— Não me importa.

— Você é tão teimosa, flerta com outros caras, porque a necessidade está correndo pelas suas veias e não quer que eu alivie você, quando fui eu que te deixei assim.

Oh, meu Deus.

Eu não estava necessariamente no papinho do Liam, eu não estava rindo de verdade das piadas dele, ou querendo que ele me tocasse, eu só tinha essa coisa besta dentro de mim que queria provocar Dylan até tirá-lo do sério. Acho que no fundo eu não estava pronta para admitir que queria transar com ele. Sempre o vi como um babaca e só tinha uma missão: Odiá-lo.

Sentir um desejo desenfreado por ele não estava em questão, nunca estive com nenhum outro homem.

— Você me quer, Lisa. Só precisa pedir.

— Você está louco.

— Pedir não, implorar.

— Se você acha que eu vou implorar, é porque tinha maconha no seu bolinho de frutas hoje de manhã.

Ele suspira, pondo as mãos ao lado da minha cabeça e eu resisto para não olhar para baixo e ver o cós da sua calça jeans. De repente, começo a me sentir quente demais e com dificuldade para assimilar a minha sensatez com ele me olhando como se estivesse me comendo nessas paredes. Seus olhos verdes encaram o meu pescoço quando eu apoio a cabeça para trás. Olho para cima logo depois e tento não ceder à tensão sexual que tinha ali. Ele não me toca ou fala algo para me convencer, apenas espera, como se o silêncio e meus suspiros falassem por ele.

— Isso não é uma boa ideia — sussurro.

— Sua pele está vermelha, aposto que sua calcinha está molhando e morder o lábio assim só me faz ter certeza de que você não vai aguentar por muito até eu colocar meus dedos em você.

Merda.

É a palavra que sai da minha boca quando eu me jogo no impulso e na desgraça que é ter uma atração louca pelo meu chefe. Meu corpo vai para frente colando no seu e minha mão agarra sua nuca, puxando-o para a minha boca com uma vontade insana. Ele dá um sorriso no meio, antes de agarrar minhas mãos, pondo-as ao lado da minha cabeça e me prendendo. Dylan afasta as minhas pernas com os joelhos e eu dou um gemido quando o sinto me provocando lá embaixo. Sua mão esquerda me solta e eu continuo beijando-o com toda a minha força, enquanto ele sobe a minha saia tão rápido que quase rasga.

Ele passa as mãos pelas minhas coxas, beijando o meu pescoço, até me deixar encharcada demais para não tentar apertar as pernas. Dylan coloca as mãos no meu cabelo e me faz encará-lo.

Céus, como ele pode ficar mais bonito excitado?

— Eu quero comer você tão forte, que a única coisa que vai ter nessa sua boca esperta vai ser o meu pau entrando e saindo antes de colocar em você.

Meu Jesus!

— Eu...

— O quê? Não gosta do linguajar sujo? Oh, baby. Você vai se surpreender comigo. — Dylan desce as mãos pelo meu pescoço, passando sobre os meus seios debaixo da blusa de seda. Dou um sorriso de lado, inclinando-me para sussurrar em seu ouvido.

— Lembra de que sempre se tortura por nunca saber se estou usando algo por baixo?

Ouçoo soltar um resmungo baixinho e toco na barra da sua camisa preta, sussurrando mais baixo.

— Eu não estou. — Logo em seguida, a mão forte está no meu pescoço e os olhos estão sobre os meus como uma bomba prestes a explodir. A outra mão toca na parte interna da minha coxa e eu abro os lábios, não quebrando o contato visual. Dylan sobe os dedos, colando o corpo no meu mais um pouco, e ponho a minha mão no seu pulso esticado ao sentir os dedos no meio das minhas pernas. Vejo-o morder o lábio antes de mexer os dedos em cima do meu clitóris, fazendo-me gemer com o rosto próximo do seu. Ele se inclina em seguida, beijando-me de forma quente e eu quase grito sentindo seu dedo me penetrando devagar.

Porra!

Coloco os meus braços em volta do seu pescoço, quando ele põe uma perna minha na sua cintura, abrindo-me mais. Dylan mexe mais rápido e eu me controlo para não gritar demais, o que era uma tarefa difícil com o prazer e adrenalina subindo para o meu cérebro.

Sinto o segundo dedo entrando e fico sem fôlego por intermináveis segundos, ajustando-me ao ritmo devagar que ele tem voltado a fazer. O polegar se mantinha no meu clitóris e os olhos nos meus, deixando-me ver quem é que faz aquilo comigo. Parece ser quase uma regra para ele. Dylan mexe os dedos de maneira tão firme e gentil ao mesmo tempo, que faz o meu corpo inteiro relaxar e até rebolar para ele como se eu fosse uma putinha safada. Nunca tinha me visto assim até então.

Ele beija o meu queixo quando forço a cabeça para trás, envolvida demais no cenário. Sentia-me uma garota perigosa ao estar levando uma dedada de um cara atrás do bar sem se preocupar com o que achariam de mim, meu cérebro encarava essa situação como uma vitória, e só eu sabia como. Rio de mim mesma e abaixo o rosto, pondo minha mão na sua bochecha enquanto ele

me mexe levemente para cima e para baixo para ajudar na movimentação. Beijo-o em seguida, ouvindo as frases excitantes e as promessas mais quentes que já ouvi.

Quando chego ao ápice, ele precisa me segurar com força. Parte disso inclui pôr a mão nas minhas bochechas para me assistir gozar em seus dedos, como uma boa menina, coisa que eu realmente não sou. Olha o que eu estou fazendo! Fecho os olhos com força, ao sentir o aperto forte, ainda gemendo, até ele parar os dedos lá embaixo, percebendo que não tiraria mais nada de mim.

Dylan encosta a boca na minha antes de suspirar.

— Melhor porra que já assisti — sussurra descendo as mãos pelos meus braços, fazendo-me abrir os olhos. Eu estou tonta... será que estou morrendo? Acho que falta um último orgasmo antes de eu partir.

— Isso é tão antiético.

— Não, isso é gostoso. — Ele levanta o meu cabelo para cima, beijando o meu pescoço e arrancando uma risada da minha garganta.

Estamos nos envolvendo em outra nuvem sexual, quando a porta preta é aberta tão rápido que nos assustamos de imediato. Dylan me solta, ofegante, e eu puxo a minha saia para baixo, sabendo que o meu cabelo e blusa estão uma bagunça. Um homem aparece no nosso campo de visão e pelo visto parece ser o segurança daqui.

Ele encara o nosso estado com uma sobrancelha erguida.

— Foi mal, vocês não podem transar aqui. — Ele balança o dedo e olha para a porta. — Tenho que botar uma placa.

— Tem mesmo e recomendo a loja no fim da rua, é ótima — Dylan diz agarrando o meu braço e me levando dali para fugir do segurança, que começa a falar de placas.

Ele dá um jeito de escapar dali e vem me tocando pelo corredor enquanto eu bato em sua mão para ele parar, porque já estamos quase dentro do bar de novo. Resmungo quando ele aperta a minha bunda e tento passar direto, mas com essas pernas bambas não está fácil.

—

— Ei! — Paro perto de Jon e Emily com o fôlego na puta que pariu. Os dois me encaram com o cenho franzido.

— Onde você estava? Fazendo uma reportagem perto de um ciclone? — Jon pergunta encostado na mesa de sinuca.

— Sendo assim, acho que achamos a nova Dorothy. — Emily me encara dos pés à cabeça.

— Eu... — Aponto para trás — me perdi no bar e corri pelos corredores até voltar.

— Você perdeu o Dylan também? Cadê ele? — Jon quer saber.

De repente me senti em uma encruzilhada.

— Não sei, como vou saber? Sou a secretária dele, não a mãe.

— Você saiu daqui com ele! — Emily lembra e nós três começamos a discutir alto sobre onde caralhos Dylan Venturelli está.

— Ouch! — Escutamos Adam, que está perto de nós, e seguimos o seu olhar, para em seguida ver Dylan caminhar devagar em nossa direção de uma forma estranhamente hilária. Se não o conhecesse, diria que ele tem oitenta anos. Adam ri baixo da desgraça e logo depois faz uma careta de pena, pondo a mão na frente da calça.

Oh, não. Era isso.

Encaro Dylan novamente e, perto o suficiente, sussurro uma desculpa a ele, que dá um sorriso falso, ficando com as mãos na frente do corpo, querendo

mostrar casualidade com a ereção vibrante nas calças. Aperto os lábios e olho para Emily e Jon, que pareciam confusos e agora desinteressados demais para falar sobre Dylan, já que ele está aqui.

— Então, ainda vamos jogar ou vocês já estão duros demais para isso? — Adam pergunta e eu quase me engasgo na risada, vendo a expressão irritada de Dylan.

— Cadê aquele fotógrafo idiota? — Dylan pergunta.

— Ele se foi, não quis ficar — Emy diz enquanto eu amarro o meu cabelo em um coque frouxo.

— Ainda quero terminar o jogo... mas... — Adam coça a cabeça e olha para o irmão — tenho medo de ficar animado demais, não é, Dylan?

O cara que me deu um orgasmo aperta o maxilar.

— Eu falei para Monica que ter você não era uma boa ideia.

— Oh, sim, eu soube que, como protesto, você ficou de barraca armada do lado de fora de casa. — Coloco a mão na boca, escondendo o riso.

— Vai se foder — ele sussurra.

— Acho que é você que está precisando. — Ele dá um tapinha no peito de Dylan e depois corre para o outro lado, quando foi ameaçado com um soco.

O jogo continua depois disso e dessa vez Emily e eu entramos na brincadeira, que foi evoluindo para outro nível. Já estamos colocando shots no meio a cada bolinha que vai para fora do buraco. E é com categoria que digo que Emily Brooks é péssima nesse jogo, porque já tomou cinco shots desde o início do jogo. Jon está ganhando tudo e sempre fazendo a dancinha da vitória. Adam está empenhado em cantar a nova competidora que tinha se encostado para assistir a alguns minutos.

Na minha vez de tacar, eu o sinto se aproximando, e por motivos sem noção, prendo a

respiração quando ele dá a volta por mim, tocando-me de propósito na cintura.

— Não erre essa, baby.

— Eu errei só duas até agora.

— É porque em todas elas eu estava perto de você admirando a sua bunda.

— Você se acha.

— Não se preocupe, não vou olhar para a sua bunda. — Olho para ele, que estava encarando os meus peitos na camisa de botões.

— Nossa, que cavalheiro.

Ele dá de ombros.

— Faço coisas idiotas para entrar no coração de uma mulher.

— Acho que você quer entrar na minha saia ao invés disso.

Ele sorri de lado, fazendo-me sorrir também, e logo percebo que estou mesmo flertando com ele.

Meu Deus, eu estou flertando com ele?

Quer dizer, ele me toca sempre que vê uma brecha e eu faço o mesmo. Finjo pegar o giz azul e me inclino na sua frente, ouvindo-o suspirar com a minha bunda na sua cara.

Céus, estamos passando dos limites estabelecidos anteriormente.

No final da noite, nós não soubemos lidar direito com isso. Eu não sei se ele me convidaria para ir ao seu apartamento e não sei se aceitaria, mas, apesar de toda essa confusão, eu sei que nossa relação jamais seria a mesma novamente.

— Lisaaaa! — Emily se joga nos meus braços do lado de fora do bar. — Eu te amo muito, tipo... muito, se eu ficar grávida um dia, quero ficar ao mesmo tempo que você, porra. O nome deles serão banana de pijama um e banana de pijama dois.

— Nem nos seus melhores sonhos. — Dou um tapinha em sua cabeça enquanto ela começa a rir com o álcool no sangue.

— Bom, adorei conhecer vocês. — Jon aperta as mãos dos irmãos Venturelli. — Até que... você não é tão ruim.

Ele diz isso olhando para Dylan, que parece minimamente ofendido.

— Uau, vou escrever essa frase no topo da minha empresa. — Ele brinca.

— Eu quero outro drink! — Emily exige e eu nego com a cabeça.

— Você precisa ir para casa, vamos. — Jon me ajuda a segurá-la e eu percebo que teria que ficar de babá para a minha melhor amiga. Como é aquele ditado? *Amigas antes do sexo?* Besteira, ninguém inventou isso, mas a minha preocupação com ela é mais importante do que dar para o meu chefe, o que também não seria uma escolha sensata. Provavelmente orgástica, mas não sensata.

Olho para Dylan, que parece entender o cenário e dá um sorrisinho de lado.

— Poxa, parece que sou só eu, você e Jennifer agora. — Adam fala colocando o braço em volta do irmão e o outro na mulher que ele estava cantando antes.

— Podemos brincar juntos — a Jennifer sugere com um sorriso malicioso, e os dois fazem uma careta na mesma hora.

— Ele está noivo, perua. — Emily mostra o dedo do meio para ela e eu abaixo a sua mão, balançando a cabeça.

— Deus me livre uma coisa dessas. — Adam tira o braço de Dylan, que finge vomitar. Dou risada dos dois.

— Não gosto de dividir, querida. — Ele fala e depois me encara, com as mãos dentro dos bolsos da

calça, com um olhar que eu já estou aprendendo a conhecer. — Gosto de tudo para mim.

Santo Deus.

— Certo, vamos nessa. — Sigo Jon, levando Emily para o carro dela, que está estacionado mais na frente. Olho para Jennifer, que parece desistir de Dylan e ficar com Adam. Vejo quando eles vão no sentido contrário e suspiro antes de olhar para frente para ajudar o meu amigo a colocar nossa amiga bêbada no banco de trás. Jon assume o volante e nos leva para casa.



“Você tem menos de 5 minutos para chegar aqui, Morris”

Leio aquela mensagem com a sua voz furiosa e, droga, não ajuda a acalmar os meus nervos, que estão à flor da pele. Um acidente com uma rosquinha pela tarde e vinte minutos perdidos depois, eu estou atrasada para a reunião com a empresa Center Tech. A reunião que Dylan me avisa durante dias.

Depois do almoço, eu decido que preciso de doce para acalmar a porra do fogo que estou sentindo a manhã inteira toda vez que eu vou na sua sala deixar algum recado. É complicado vê-lo em um colete preto e não poder apreciar mais de quinze segundos sem ele achar que estou delirando para outro mundo. O que me deixa mais fraca é saber que hoje, em específico, ele parece muito mais arrumado do que os outros dias que o vejo. Não sei o que ele está fazendo, mas está funcionando.

Pego tudo que é preciso da minha mesa e saio correndo como uma louca pelas ruas de Manhattan. Não

tem a menor chance de eu chegar na reunião em cinco minutos, mas Dylan não vai querer saber disso. Ele dá uma ordem e você simplesmente acata sem importar com as consequências. Tudo bem que ele me tocou de maneira íntima e... alucinante, mas ele ainda é o meu chefe e decidimos esta manhã em não confundirmos as coisas em uma conversa com menos de dois minutos de duração e muita dose de esquisitice.

A empresa fica a pelo menos três quarteirões de distância e chegar até lá envolve um taxista nervoso com os meus gritos, meu sapato velho quase descolando e meu cabelo bagunçado quase se igualando a uma vítima de choque. Pego o meu crachá na recepção sem ligar muito para a decoração do ambiente, e subo no elevador, chegando na sala em questão.

Abro a porta de madeira clara com força e quase me jogo no chão, como se estivesse em uma competição de acampamento. Ofegante, olho pela sala e franzo o cenho quando vejo apenas Dylan encostado na mesa com o relógio de pulso perto do rosto.

— Cadê os...?

— Seis minutos e meio. — Ele me encara. — Estou impressionado.

— O quê?

— A reunião começa em nove minutos, eu mudei o horário sem você saber, porque eu sabia que você se atrasaria quando te vi comendo aquela rosquinha.

— Seu... — Ele me vê desacreditada.

— Esses nove minutos eu vou usar para brigar com você.

— Dylan...

— Não. — Ele me corta e eu suspiro sabendo que vou levar uma bronca. — Esse motivo de atraso é imperdoável da sua parte.

— Eu sei, me des...

— Você é sim inteligente, talentosa e capacitada para isso. — Ele anda até parar na minha frente. — Mas não jogue tudo isso na lama por não conseguir cumprir um simples horário, não contrato funcionários que não sabem fazer o mínimo. Da próxima vez eu vou demitir você.

Minha respiração quase para.

— Mesmo você sendo a minha noiva, nós concordamos em saber separar as coisas hoje pela manhã — ele diz e eu confirmo com a cabeça, deixando os meus ombros caírem. Nunca fui demitida na minha vida e, mesmo lembrando que a ideia me animava dias atrás, não me anima tanto sair do meu emprego agora.

— Isso não acontecerá novamente. Sinto muito, senhor Venturelli — falo cabisbaixa, sabendo que foi um erro meu. Ele suspira ainda na minha frente e eu olho para a sua mão, que se levanta devagar até tocar o meu rosto. Pisco em surpresa, quando ele dá outro passo e desliza o dedo pela minha bochecha, fazendo-me fechar os olhos momentaneamente pelo toque quente.

— Separando as coisas agora, você quer que eu bata no seu chefe por fazer você ficar triste? — Acabo sorrindo disso e ele sorri de volta, parecendo satisfeito.

— Pode ser no meio das pernas?

— Talvez ele mereça. — Dylan sorri antes de tirar o meu cabelo bagunçado do rosto e se afastar, indo até a sua cadeira na ponta.

Aproximo-me com todos os papéis.

— Você trouxe...?

— Trouxe. — Dou a ele os relatórios.

— Esqueci minha....

— Caneta, está aqui. — Dou a ele o objeto azulado com diamantes na parte de cima. Dylan a pega em seguida.

— Acho que não vai dar tempo de tomar chá com a nova associada.

— Já liguei para ela e mudei o horário para um jantar. Ela estará esperando você no restaurante Salshi às oito em ponto — digo e ele me encara, cruzando os braços com um olhar divertido. — O quê?

— É por isso que você é minha secretária.

— Que você ameaçou demitir há alguns minutos.

— Acho que você vai levar essa para o coração.

— Pode apostar. — É o que eu digo antes da porta de madeira ser aberta e os sócios, junto ao Jayden Ford, o CEO da empresa, passarem por ela, um atrás do outro. Dylan cumprimenta todos, demorando-se mais em Jayden, que parece diverti-lo. Ele tem uma aliança de ouro no dedo e um cabelo castanho de tirar o fôlego de qualquer pessoa.

Dylan nos apresenta e apenas recebo um sorriso reto e bonito antes dele acenar e caminhar para a sua cadeira. Olho para Dylan, que esfrega as mãos de forma animada. Ele adora essa parte de conseguir novas alianças e Jayden Ford é a pessoa ideal para ele.

A reunião demora horas, com detalhes sendo ajustados e assinaturas rolando. No final de tudo, eu estou cansada demais até para tomar um copo de água. Dylan e eu caminhamos pela empresa, e do lado de fora ouço-o ligar para o seu motorista, que não demora a chegar, mas a nossa conversa que vem a seguir demora um pouco.

— Do que está falando? Eu posso pegar um táxi — falo para ele, que esfrega os dedos nos olhos.

— Entre logo no carro.

— Você tem um jantar para ir, vá com o seu motorista.

— Está tarde, entre no carro.

— Você não precisa ser bonzinho comigo.

— Eu não estou sendo, mas quero que coloque essa bunda bonita lá dentro agora! — Ele aponta e eu cruzo os braços. — Lisa.

— Dylan?

— Deixe que ele leve você em casa.

— Está com medo de eu não chegar na empresa... Nãoooooooo! — começo a gritar quando ele agarra as minhas pernas, levantando-me no chão. O motorista, que aparentemente só obedece as ordens, abre a porta do carro para o seu chefe me jogar lá dentro. — Seu filho da puta!

O motorista arregala os olhos pelo meu linguajar.

— Vá para casa, Lisa.

Ele fecha a porta sem me der chance de falar algo e eu observo quando ele dá instruções ao homem na sua frente, que apenas balança a cabeça, concordando. Ele dá a volta no carro e entra no banco do motorista ligando o Audi de última geração.

— Qual é o seu nome? — pergunto a ele, que me encara pelo retrovisor.

— Meu nome é Bryant, senhorita Morris.

— Pode me chamar de Lisa, é mais fácil.

— Como preferir. — Ele acena.

— Trabalha para ele há muito tempo?

— Desde que ele tinha dezoito anos. — Arregalo os olhos. Entendo a lealdade para não ir contra jogar uma pobre mulher como eu no banco de trás desse carro.

— Certo, Bryant, que tal pararmos na empresa antes de eu ir para casa? — Olho para ele, sugestiva.

— Ele disse que você pediria isso.

— Dylan não sabe de nada.

— E que você diria isso também.

Bufo no assento. Não gosto de como Dylan parece me conhecer.

— Preciso deixar uma coisa no escritório dele e não quero esperar até amanhã.

— Tenho ordens...

— Vamos logo, homem. Ele não precisa saber.

Ele fica em silêncio e eu desisto de tentar convencê-lo a fazer tal coisa, até que eu o vejo pegando a rota para a empresa e mostro o meu polegar super agradecida. Ele estaciona na garagem e eu subo rápido para o nosso andar. Pego de dentro da bolsa o meu trabalho sobre o investimento que ele pediu e ponho na sua mesa, colocando um adesivo de carinha feliz em cima. Esses papéis podem me dar uma abertura maior na empresa ou, muito pelo contrário, ele pode achar que não sou boa o suficiente para isso. A insegurança às vezes me pega. Por isso, rezo todo o caminho de volta para o carro e até a minha casa.

Assim que chego, saio do carro junto ao Bryant, que pede para eu esperar um pouco. Ele tira algo do porta-malas e me entrega uma caixa preta sem dizer o que é. Depois some como gelo fora do freezer.

Faço o caminho pelo meu corredor depois de sair da caixa de metal e entro no apartamento com a chave nos dedos. Tranco a porta, gritando por Emily, mas ela não chegou, aparentemente.

Sento-me no sofá, puxando a tampa da caixa para cima e afasto os lenços brancos que parecem de seda. Minhas sobrancelhas sobem ao ver o vestido vermelho curto e brilhoso, simplesmente divino. Então era por isso que ele queria que Bryant me trouxesse no seu carro, o presente estava nele.

Por que Dylan não me deu isso pessoalmente?

Mordo o lábio, admirando o tecido que cobriria até um pouco acima dos meus joelhos e mostraria o trançado nas minhas costas.

Depois de admirar, vejo um cartão dentro da caixa e o tiro de lá para ler melhor.

“Caso houver outro jantar para irmos juntos, use-o.

Ps: Vermelho é a sua cor”.

Pego-me sorrindo disso e logo depois paro, balançando a cabeça. Foi só um vestido, não preciso sorrir tanto.

CAPÍTULO 11

Lisa Morris

*“Pois, garota, você é perfeita,
você sempre vale a pena”*

— Você está pronta? — pergunto à Emy, apoiando as mãos em seus ombros.

— Sim, eu acho. — Ela sorri fraco.

Emily recebera uma ligação de sua mãe para jantarem fora em família, mas o problema é que ela odeia essa programação. De acordo com ela, seu pai só sabe diminuí-la e fazer com que ela se sinta inútil, o que eu discordo fortemente.

Emily é inteligente e talentosa, não é qualquer uma que consegue ser a melhor estilista da sua empresa e eu me orgulho muito dela por isso. Se seu pai não enxerga isso... *o problema é dele.*

A pedido seu, eu aceito ir com ela, já que não queria ficar sozinha, e nos ajudarmos está sempre em primeiro plano.

O ponto de encontro é em um restaurante italiano não muito longe do nosso apartamento, ambas nos arrumamos com calma, já que o jantar seria apenas às 20h. Emy está com um vestido da cor pêssego que marca a sua cintura. Opta por uma maquiagem não muito forte, mas o suficiente para realçar a sua beleza. Por último, calça o seu sapato nude e seca o seu cabelo.

Eu estou usando um vestido branco de seda com um pequeno laço nas costas e um decote bonito na frente, eu gosto dele, pois deixa as minhas pernas torneadas e é muito confortável. Calço o meu sapato alto preto e opto por apenas um batom vermelho. Eu não preciso de coragem, mas estou usando por ela. Também estou usando um rabo de cavalo preso no alto, porque fico bonita.

Ao chegarmos na entrada do restaurante, depois dos minutos de viagem, eu apertei a sua mão, tentando confortá-la e passar confiança, e acho que deu certo, pois ela foi em direção à recepcionista, que nos levou até a mesa.

Logo reconheço Jack e Marie Brooks. Jack está com um terno azul-escuro e uma gravata listrada. Marie está com uma saia verde-musgo e uma blusa social preta de mangas compridas. Estão conversando despreocupados com o irmão mais velho de Emy, que parece extremamente desinteressado pela conversa.

Aproximamo-nos da mesa e o pai de Emy é o primeiro a se manifestar.

— Até que enfim — Jack reclama. — Eu disse que andar com Lisa ia te fazer sempre estar atrasada.

Dou um sorriso falso, já acostumada com esses ataques gratuitos de Jack.

— Não estamos atrasadas — Emily rebate.

— Olá, senhor e senhora Brooks — saúdo e eles apenas balançam a cabeça. — Oi, Elias. — Cumprimento o irmão de Emy.

— Olá, Lisa. — Ele me analisa dos pés à cabeça. — Você está fantástica.

— Obrigada. — Sorrio sem graça.

Sentamos nas cadeiras e Elias decide mudar de lugar para se sentar ao meu lado. Ele está com uma blusa social branca e uma calça jeans rasgada. Está usando um cordão de ouro e possui algumas tatuagens

nas mãos. Seus cabelos são loiros e seus olhos pretos, ele é muito bonito, mas também é um cafajeste. Já perdi as contas de quantas vezes ele tentou ter algo comigo, mas sempre me esquivei. Já pegou praticamente todas as outras amigas de Emy e as deixou um verdadeiro caco depois de descartá-las. Elias é um cara apenas para uma simples foda.

Todos nós fazemos o pedido quando o garçom se aproxima. Escuto Emily pedir uma bebida um pouco mais forte do que Whiskey. Talvez ela realmente precise. Dá um longo gole, quase acabando com a bebida em seu copo. *Ela está tensa.*

— Então, minha filha, como está no emprego? — Marie pergunta e Emy levanta uma sobrancelha, parecendo descontente em entrar nesse assunto.

— Está tudo ótimo. Na verdade, fui promovida semana passada. — Emy sorri.

— Promoção? Por rabiscar papéis? — Jack levanta uma sobrancelha.

— Jack! — A esposa balança a cabeça.

— O quê? Ela não faz nada além de pintar. Uma criança de seis anos poderia fazer isso — Jack diz e revira os olhos.

— Meu trabalho é mais do que isso — Emy diz, tentando esconder a sua irritação.

— Isso é o que você diz, mas seu trabalho é patético, deveria se espelhar no seu irmão, que está trabalhando em um hospital com uma verdadeira profissão. — É sempre essa questão, Emy deveria ser médica. Se não fosse, ela não seria nada.

Sua família vem de uma linhagem de médicos e todos seguem os passos, mas como ela me disse uma vez, não se via fazendo uma coisa só para agradar os outros, faria algo que realmente gostasse, e desenhar roupas é o que ela gosta. Seu pai não a aceita por ser

uma estilista e não uma médica, como todos na família, por isso essa implicância toda.

— Jack! Já chega! — Marie adverte o marido.

Marie é a única que apoia Emy sobre o seu trabalho. Ela só quer que a filha seja feliz.

— Se me derem licença. — Ela se levanta. — Vou ao banheiro. — Emy sai, pisando duro.

Olho para Jack com uma cara de poucos amigos e não me intimido com o seu olhar de reprovação. Sigo-a para o banheiro e procuro da primeira até a última cabine, que é onde ela está. Emy está sentada no assento, com as mãos apoiadas na cabeça. Abaixo até ela e deslizo as mãos em suas costas para confortá-la.

— Você está bem? — pergunto.

— Qual é o problema dele, Lisa? Por que ele simplesmente não aceita que eu não quero ser uma porra de uma médica? — Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Você pode ser o que você quiser, Emily. Não deixe que ele diga o contrário. — Aperto a sua mão na minha e vejo outras lágrimas caírem de seu rosto, até pingar na minha perna.

Passam alguns segundos e ela ainda está com a cabeça baixa. Eu permaneço abaixada, sentindo um desconforto na perna, então decido me levantar e ajudá-la de alguma forma. Estendo a minha mão para ela, que se encontra na mesma posição.

— Vamos, Emily. Você é mais do que isso, não permita que aquele homem te faça se sentir inútil. Levante e encare, seja uma mulher forte nessa situação.

Ela levanta a cabeça e pega a minha mão. Ajudo-a a levantar e vamos para frente do espelho. Ela começa a ajeitar a maquiagem, que estava um pouco borrada, mas nada que não tenha conserto.

Já que eu estou no banheiro, decido fazer xixi, pois já estou com vontade mesmo. Alivio-me e saio da

cabine levando as minhas mãos até a torneira e as lavando. Emy está com as mãos apoiadas na bancada, encarando o seu reflexo e parecendo outra mulher. Balanço as mãos para ajudar a secá-las e Emily me abraça, parando minha mão no ar. Pisco um pouco confusa.

— Obrigada, Mucura. — Reviro os olhos com o apelido e preciso urgentemente pensar em um para ela.

— Para o que precisar. — Devolvo o abraço.

— Nos ajudamos.

— Sempre em primeiro plano — completo a nossa frase apertando o seu dedo mindinho.

Ajeito o meu cabelo para que o rabo de cavalo fique mais firme, passo o dedo ao redor da boca para tirar vestígios de batom, e saímos do banheiro. Emily está com o queixo erguido, parecendo mais confiante, e dá passos firmes em direção aos seus pais e seu irmão.

Sentamo-nos novamente e com muitas tentativas de seguir em um diálogo que não nos levasse para a área médica.

A comida está muito boa e a sobremesa melhor ainda, o restaurante é bonito e agradável, mas é um pouco diferente dos que eu estou acostumada, porque bem no centro há uma pista de dança, onde toca algumas músicas clássicas e casais se formam no centro.

Incluindo Marie e Jack, que se levantaram para dançar um pouco. Elias puxa Emily, que até luta para não ir, mas o irmão não dá muita escolha. Assisto-os dançando, e até bato palma quando a música pede. Já no final do jantar, eu tento chamar a garçonete para pedir a conta, mas ela está do outro lado assistindo os passos da clientela. Levanto-me da cadeira, já ansiosa para ir embora e colocar os pés para cima.

Do outro lado, peço a conta à garçonete, que pede desculpas e eu balanço a cabeça mandando-a deixar para lá, até rimos um pouco antes de eu voltar

para mesa, passando pela pista de dança. Não contive o gritinho assustado que saiu dos meus lábios quando sinto uma mão no meu pulso. Logo sou conduzida em uma dança acelerada. Levanto o olhar e vejo Elias colocar minhas mãos em seus ombros.

— Espero que goste de dançar, Lisa. — Ele sorri colando mais o corpo no meu. Engulo em seco.

— Na verdade, estou um pouco cheia...

Ele desce o meu corpo, fazendo-me inclinar para trás e me dá um leve giro, puxando-me para o seu peito com força. Depois, sinto seu rosto perto demais do meu e, cruces, eu vou vomitar na sua cara.

Ele está ofegante por conta da dança e eu também. Minhas mãos estão em seu peito e nossos lábios estão próximos demais. Olho para os seus olhos, que estão com as pupilas dilatadas e aperto a boca em uma linha reta.

Ele avança para me beijar em seguida, mas viro o rosto a tempo para que não o faça. Ele acaba beijando a minha bochecha e parece confuso pelo fora.

— O que você está fazendo? — pergunto e me afasto dele, mas suas mãos me impedem.

— Curtindo. É só um beijo. — Sua mão pousa na minha nuca, puxando-me para perto novamente e eu ponho as minhas mãos no seu peito, querendo distância.

— Para, Elias. Eu não quero! — Tento me soltar dos seus braços, mas ele ainda me prende e tenta me beijar.

Que porra esse cara está fazendo? Já falei que não!

— Prometo que vai valer a pena, meu amor.

— Me solta... não, me solta! — Fico sem ar ao me sentir presa e transpiro com facilidade. Meus dedos tremem e eu sinto um aperto tão forte, que acho que começaria a chorar, com a cabeça a mil tentando me manter no presente.

Penso em Emy, mas acho que ela foi ao bar e os pais desse estúpido ainda devem estar dançando dentro da própria bolha. Quando penso que ninguém faria nada, sinto Elias ser afastado bruscamente de mim com tanta força, quase caindo no chão com o ato. Fixo o meu olhar na pessoa e um arrepio percorre a minha espinha.

Dylan.

O que ele faz aqui?

Ele me encara, ofegante, e estende a mão, agarrando o meu braço para me tirar de onde eu estou. Fico atrás do seu grande corpo e fecho os olhos, abraçando-o apertado. Sei que isso é super clichê, mas naquele momento ele é o meu príncipe no cavalo branco.

— Ele te machucou? — Ele pergunta baixo, sem olhar para mim.

— Não fisicamente, mas eu estou bem — falo quase que em um sussurro.

— Ei, que porra você está fazendo? — Elias interrompe a nossa conversa.

— É melhor você ficar onde está antes que eu foda com a sua vida. — Dylan aponta para ele.

— Acho que você não entendeu. — Ele sorri, debochado. — Ela está comigo.

Elias com certeza sabe que eu estou noiva desse cara raivoso aqui na minha frente, mas isso não é um fator importante, aparentemente.

— Eu vi o que você estava fazendo, e quando uma mulher diz *não, significa não*. — Dylan anda até ele e eu cruzo os braços, olhando em volta, percebendo que todos estão nos encarando. Vejo Emily sair da entrada com os nossos casacos e ela franze o cenho, vendo a agitação.

— Você não sabe de nada, cara. Conheço ela há anos, há mais tempo do que você.

— E você precisou de trinta segundos para botar tudo a perder. Parabéns, idiota. Você acabou de perder a

simpatia que ela talvez tivesse por você — Dylan diz para ele, que me encara. Irritada, desvio o olhar, não querendo olhar para ele nunca mais.

— Qual é, Lisa? Você não pode estar falando sério, somos amigos! — Ele tenta vir para cima de mim, mas a mão de Dylan em seu peito o impede.

— Não vai rolar.

— Sai da minha frente.

— Para você fazer merda de novo? Acho melhor não.

— Você está se achando, não é, babaca? — Ele empurra Dylan, que respira fundo. Dou um passo à frente, vendo Emy se aproximar também. — Acha que manda em algo por estar comendo ela? Acha que pode interferir em alguma coisa? Você não é nada para nós.

Ele empurra Dylan novamente, que dá um sorriso debochado.

— Sabe, eu estava tentando me comportar. Semana passada, eu tive a chance de bater em um cara que estava dando em cima dela e, porra, eu não o fiz.

— Mostrando que você é um galinha de mer...

A frase nem foi terminada. Ele bate com um soco no rosto do irmão da minha melhor amiga com tanta força, que eu acho que ouvi algo se quebrando no processo. Coloco as mãos na boca, como todo mundo naquele restaurante, e assisto o corpo de Elias indo parar no chão, praticamente em câmera lenta. Ele está desmaiado.

Mesmo assim, Dylan parece querer ir para cima dele de novo, mas eu vejo Adam e outra pessoa, a qual não fui apresentada, ajudando o loiro a segurar o irmão, que está furioso novamente.

— Cara, ele tá desmaiado. — Posso estar errada, mas essa pessoa se chama Peter Ross, lembro-me pela foto. Ele tem a barba um pouco maior do que a dos meninos, seus olhos são castanhos e o cabelo da mesma

cor. Sua pele é bronzeada e há tatuagens pelos seus braços. Seu estilo pode ser comparado a um *Bad Boy* empresário.

Emy e seus pais se aproximam de Elias. Rapidamente é chamada uma ambulância para levá-lo, por ordens de Jack. Ele tenta discutir com Dylan, que fica ainda mais furioso.

— Você não tem direito de fazer isso com o meu filho, seu moleque! Eu vou te processar. — Jack ameaça.

— Cala a porra da sua boca, você não sabe quem eu sou, não, é? — Dylan balança a cabeça. — Acabo com você em dois minutos, então é melhor ficar quieto e acompanhar o seu filho estúpido para fora. Na verdade...

Dylan abre os braços.

— Você e seu filho estão expulsos daqui! — Ele diz, fazendo-me arregalar os olhos.

— Você não pode fazer isso!

— Eu já fiz. — Dylan meneia a cabeça com um sorriso falso. — Eu sou o dono.

Oh, meu Deus.

Olho para Emy, que se aproxima de mim, dando-me um abraço apertado. Eu conto resumidamente que seu irmão queria me beijar à força. Por ele, ela pede mil e uma desculpas e acho que nunca vi um olhar tão frio de Emily para o pai e irmão. Alguns minutos depois, a ambulância chega e Elias é levado para a emergência com o rosto ensanguentado. Digo para Emy ir com a mãe, que chama por ela. Eu iria de táxi ou Dylan me levaria. Com muita insistência da mãe, ela vai na ambulância.

Do lado de fora do restaurante, eu a vejo partir e depois esfrego as mãos no rosto, querendo esquecer esta noite. Olho para dentro do restaurante, vendo Dylan falar com os funcionários, e fecho os olhos antes de balançar a cabeça. Acho que ele não vai se importar se eu for para casa, mandarei uma mensagem depois.

Ando alguns passos para trás e olho pelas ruas à procura de um táxi. Chamo por alguns, que passaram direto por mim, ignorando-me completamente. Quando consigo fazer um parar, eu abro um sorriso de alívio e dou *boa noite* antes de abrir a porta do carro. Mas antes de entrar, sou impedida por uma mão forte, que fecha a porta com força. Assusto-me e vejo Dylan parado na minha frente com a expressão séria.

— Pode ir. — Ele dá dois tapas na traseira do carro e eu vejo o meu taxista indo embora.

— Era a minha carona.

— Eu sou a sua carona.

Passo os olhos pelo seu corpo e nem parece que ele acabou de sair de uma briga, pois continua impecável. Balanço a cabeça e ele tenta me tocar no braço, mas me esquivo do seu toque.

— Você está com medo? — Ele pergunta com o cenho franzido.

— Você não ficaria?

— Não de você.

Eu estou cansada, meu corpo pedia para deitar e esquecer o que aconteceu.

— Por favor, me deixe te levar para casa, prometo até te dar um aumento, se você quiser. — Ele sorri para mim, mas não consegui retribuir como gostaria.

— Cuidado, eu acho que aceitaria isso.

— Certo, três por cento? — ele sugere.

— Cinco por cento. — Ele finge se engasgar.

— Cinco? Você acha que eu sou o quê? Bilionário? Oh, espere. — Ele sorri, convencido, e isso consegue me fazer sorrir de forma minúscula. Ele estende a mão na minha direção e eu olho para ela antes de respirar fundo e aceitar.

Caminhamos até o seu carro e ele me leva para casa. Fico em silêncio em todo o trajeto até chegarmos

na frente do meu apartamento. Dylan me acompanha sempre com um passo de distância. Pegamos o elevador e logo estamos na minha porta em um silêncio um pouco desconfortável. Decido quebrá-lo por alguns minutos.

— Obrigada por hoje — falo. — Não sei o que faria se...

— Está tudo bem. Eu estava lá e só isso importa.

— Acho que você aparecer do nada nos lugares pode ser uma coisa boa no fim.

Ele sorri.

— Você vai ficar bem mesmo? — pergunta.

Suspiro profundamente.

Permito-me pensar no que aconteceu apenas dessa vez, que Elias seria realmente capaz de me forçar a fazer alguma coisa, mesmo estando em público. Sinto lágrimas escorrendo pelos meus olhos e coloco a mão no rosto, tentando controlar memórias que enterrei. Isso nunca é fácil.

— Lisa.

— Você pode ir agora.

— Não, você está chorando. — Ele se aproxima, pegando o meu rosto nas suas mãos e eu não tenho outra escolha, além de olhar em seus olhos preocupados.

— Eu vou ficar bem, eu sempre fico.

— Não importa, eu não irei. — Não entendo por que ele parece se importar tanto, mas no fundo não quero vê-lo partir, não esta noite.

Ele pega a chave da minha mão e me afasta um pouco para o lado, até abrir a porta. Nós dois entramos e ele me guia pelo meu próprio apartamento. Dylan me ajuda a tirar os sapatos e eu me deito na cama, encarando o teto em silêncio. Sinto-o me cobrir com algo e franzo o cenho, percebendo o cobertor azul me envolver e as lágrimas silenciosas cessarem com o decorrer dos minutos.

— Quer conversar sobre isso?

— Não, podemos dormir?

Ele parece entender a confiança que dou a ele com o olhar, como se sentisse bem, porque entende que eu me sinto confortável com ele aqui. Dylan parece contente por isso.

Ele tira os sapatos e logo depois as meias, antes de vir para a cama. Ele se deita ao meu lado e sua respiração pesada parece ficar mais leve enquanto olhamos para o teto em silêncio. Isso me dá um pouco de paz, porque me sinto protegida de alguma forma, algo que nunca sinto desde a morte dos meus pais.

Sem perceber, vou pegando no sono e me permito esquecer tudo isso a partir de amanhã.



Sinto um corpo enorme me apertando com o braço sobre mim e olho para trás, observando Dylan dormir serenamente, como um bebê, nem parece que está me esmagando como um elefante. Balanço a cabeça para que esses pensamentos sumam, e volto a minha atenção para ele. Apoio minha cabeça na mão e mexo em seu cabelo preto macio, na cara de pau mesmo.

Nossa! Por que o meu cabelo não é desse jeito?

— Tira a mão do meu cabelo.

— Ai, caralho! — Afasto-me, assustada, e ouço sua risada idiota.

— Me assistindo dormir, senhorita Morris? Sempre soube que era obcecada por mim, mas não a esse ponto.

— Cala a boca, Dylan. — Pego um travesseiro, pondo-o no rosto e cruzo os braços.

— Como se sente?

— Melhor. Obrigada por ficar. — A resposta sai abafada pelo travesseiro.

— De nada, isso vai custar o seu passe livre no Starbucks. — Olho para ele na mesma hora.

— Nem pensar.

— Você vai ver, vou recuperar todos os meus bens de volta.

— Se depender de mim, nunca.

Ele sorri, levantando-se da cama e eu pisco, vendo que ele está sem camisa. Isso parece chamar a sua atenção, porque em seguida ele a veste com rapidez.

— Foi mal, fiquei com calor no meio da noite.

— Não tem problema. — Levanto-me, indo até o banheiro e tiro o vestido, tomando uma ducha rápida. Passo sabão no corpo e meu óleo que uso diariamente. Ao terminar, enrolo-me na toalha e saio dali pensando que ele já teria ido embora, mas ele está sentado na cama, mexendo no celular. Ele me encara só de toalha e aperta o maxilar antes de voltar a encarar o aparelho, como se eu tivesse evaporado.

Pego uma muda de roupa e volto para o banheiro, escovo os dentes ao mesmo tempo que coloco a minha calcinha e amarro o cabelo, suspirando. Visto-me por completo e grito um “entre” para ele quando pergunta se pode entrar. Ele me encara quando dou uma escova de dentes extra e agradece, escovando os dentes junto comigo. Ele me olha de vez em quando e desvia como se eu não tivesse notado.

Isso acontece repetidamente.

— O que foi?

— O quê?

— Por que está me olhando assim?

— Assim como?

— Como se eu estivesse doente. Relaxa, Dylan. Não sou a primeira e não vou ser a última mulher que é

obrigada a beijar um cara. — Cuspo na pia. — Infelizmente.

— Posso acabar com a carreira dele? — Encaro-o com as sobrancelhas erguidas. Agora entendo o que ele quer.

— Você... quer a minha autorização?

— Sim, eu gostaria disso.

Suspiro, incerta envolta de tanto poder.

— Ele é irmão da Emily, não sei...

— Foda-se, me deixe pelo menos dificultar algumas coisas para ele.

— Como, por exemplo?

— Digamos que ele nunca será diretor de hospital nenhum, suas ambições acabariam.

— Pode fazer isso?

Ele sorri, como se a minha ingenuidade o maravilhasse.

— Dinheiro e influência fazem tudo.

Ele cospe na pia e depois me encara, vendo-me balançar a cabeça, autorizando. Ele parece satisfeito antes de sair do banheiro comigo ao seu alcance. Há uma mensagem de Emily no meu celular dizendo que ela dormira na casa dos pais. Respondo que estou indo trabalhar e bloqueio o aparelho.

Dylan e eu saímos do meu apartamento conversando sobre parar no Starbucks, logo depois ele iria em casa tomar uma ducha e vestir um terno. O plano foi se seguindo. Pedimos um café da manhã completo para a viagem e eu adicionei alguns bolinhos de frutas porque ele pede. Mas tudo muda quando pisamos fora da cafeteria. É praticamente impossível contar quantas câmeras estão apontadas para nós dois naquele momento.

Fecho os olhos com tantos flashes e Dylan me puxa novamente para dentro, falando um palavrão.

— Merda, o que está acontecendo?!

— Acho que alguém soube que você mandou uma pessoa para o hospital ontem.

Ele olha para fora, vendo os jornalistas querendo entrar, mas sendo impedidos pelos seguranças daqui. Ele respira fundo, vendo-me com o pedido nas mãos, e olha para atrás de mim. Sinto sua mão na minha cintura e o sigo em silêncio, com as pessoas dali de dentro nos encarando. Mais *flashes* surgem e eu cubro o meu rosto enquanto andamos para a parte de trás.

Dylan mexe em seu celular e alguns minutos depois nós estamos correndo pela saída, até entrarmos em um carro que não viemos. Vejo Bryant no volante e dou um sorriso de *bom dia*. Seguimos para o apartamento dele, deixando todos para trás, fazendo-me suspirar de alívio.

— Quem diria, a própria Beyoncé.

Ele finge rir, antes de roubar um bolinho da minha mão. Olho-o irritada por quase me fazer derramar o café na minha saia.

CAPÍTULO 12

Dylan Venturelli

*“Seu toque é enviado por Deus
como um feitiço que não consigo me libertar”*

Passos furiosos me locomovem pelo andar que estou familiarizado há tempos, um jornal está embaixo do meu braço e um olhar irritado no meu rosto, porque, pela primeira vez, eu estou puto demais para pensar em uma saída.

Abro a porta da sala dela, que está de pé para a vidraça, admirando a vista, um copo de café está na sua mão e logo um olhar surpreso se dirige a mim quando ela vira.

— Oi...

— Resolva. — Jogo o jornal na sua mesa e depois passo as mãos no rosto, andando de um lado para o outro, enquanto ela parece confusa demais para tentar entender por si própria. Lisa se aproxima da sua mesa e pega o jornal, lendo a página em destaque. Seus olhos se arregalam e ela me encara depois.

— Como isso...?

— Isso é culpa sua. — Aponto para ela, que abre a boca, chocada.

— Culpa minha?!

— Olha quem escreveu a matéria. — Aponto e ela suspira, voltando a ler o jornal. Sua expressão muda

conforme ela entende quem está por trás dessa matéria nos difamando.

— Liam Tate... — ela sussurra o nome do fotógrafo estúpido e depois me assiste sair da sua sala e ir para a minha. Escuto o barulhinho dos seus saltos, que já estou acostumado, e me sento na cadeira tentando pensar em algo que nos dê uma boa reputação novamente.

— Dylan... ninguém vai ler isso. — Ela põe o jornal na minha mesa e eu o pego para ler a manchete.

— *Relacionamento em Nova York é uma farsa.* — Ela vai falar algo, mas a impeço. — *O jornalista Liam Tate afirma ter passado uma noite com o casal queridinho do momento e notado que os dois não têm tanta intimidade como um casal verdadeiro.*

Se intimidade significar beijá-la até perdemos o fôlego, então estamos em vantagem.

— *Também afirma que a futura senhora Venturelli não parece contente por estar em um noivado. Continue lendo na página quinze.* — Olho para ela, que cruza os braços, suspirando.

— Mentir às vezes não é tão fácil.

— Essa matéria está em um jornal popular, nossa foto não está na capa, mas, poucas páginas depois, todos terão acesso a verdade. — Jogo o jornal na mesa de novo e respiro fundo, esfregando os olhos.

— Encontramos esse jornalista tem mais de uma semana, por que só agora?

— Provavelmente esperando qual dessas colunas pagaria mais por essa matéria.

— Você não pode ligar e ameaçar processá-los?

— Ainda mais suspeito.

— Eu não sei o que fazer!

— E você acha que eu sei?! — Levanto-me da cadeira, sustentando o seu olhar. — Você flertou com o cara sem saber realmente se ele era confiável e eu sabia

o tempo todo que aquele idiota não era quem dizia ser, mas você acreditou em tudo que ele disse, não?

— Não me faça parecer estúpida.

— Porra... — Dou um sorriso desacreditado. — O filho da puta tinha tudo em mente, ele sabia quem você era e sabia que precisava se aproximar de você, e te salvar de um tombo foi a maneira mais fácil de fazer isso.

— Eu não tinha como saber.

— Todo mundo à sua volta vai parecer suspeito agora, então, antes de tentar flertar com um idiota novamente, certifique-se de que ele não é um jornalista tentando subir nas suas costas!

— Por que está tão irritado comigo? Isso é injusto!

— Você quem trouxe um jornalista para perto! — falo no mesmo tom que ela, saindo de onde estou e parando na sua frente para continuar a discussão. — Você quem riu como se estivesse em um circo, e jogou o cabelo de um lado para o outro, pensando estar em um comercial de shampoo!

— Mesmo assim...

— Mesmo assim nada! — corto a sua fala e ela aperta o maxilar, ficando vermelha de raiva. — Você flertou com ele!

— Porque eu queria chamar a sua atenção, seu idiota! — Ela me empurra e eu franzo o cenho quando ela pisca, parecendo se arrepender de ter falado isso.

— Há outras maneiras de chamar a minha atenção e você... — Agarro o seu braço, colando o seu corpo ao meu, fazendo-a ofegar pela aproximação — você tem toda ela, Lisa.

Escuto-a puxar a respiração antes de colar a minha boca na sua sem poder aguentar mais ficar longe daquela sensação poderosa e excitante que sempre me acompanha quando toco nela. Lisa parece surpresa no início e até põe as mãos no meu peito, mas apenas

agarra a gola da minha camisa, puxando-me em sua direção com força. Depois disso, a sala inteira parece pegar fogo e somos nós dois quem estamos espalhando a gasolina. Minhas mãos descem pelo seu corpo e ela continua me beijando, até que a levanto dali, caminhando para a minha cadeira.

Ela se apoia no meu colo quando me sento e ponho os dedos nos botões da sua blusa, desfazendo cada um, enquanto a minha língua brinca com a sua.

— Temos que parar de fazer isso — ela sussurra.

— Na recepção tem uma caixinha de como podemos melhorar a empresa, deixe essa sugestão lá. — Puxo a sua blusa, já sem paciência, e olho para ela, passando os meus dedos pela sua cintura, até chegar no sutiã branco. Puxo as alças para baixo, focado, e não posso deixar de fazer uma expressão de adolescente animado ao ver os seios perfeitos na minha frente.

Toco neles, lembrando-me de todas as coisas sujas que já pensei desde que a beijei naquela estufa. Escuto-a dar um resmungo, relaxando nas minhas mãos, e belisco os mamilos rígidos, fazendo-a se mexer no meu colo. Quanto mais fazia, mais a induzia ir para frente e para trás, esfregando-se em mim sem o menor pudor.

Gosto disso.

Coloco um na boca, passando a língua por cima e beliscando o outro, sabendo que o seu clitóris deve estar inchado e desesperado por atenção, mas acontece que é a minha vez de receber atenção.

Beijo o seu queixo em seguida, sentindo o cheiro gostoso. Suspiro ansioso para tê-la na minha frente.

— Desça até ficar de joelhos e me mostre que sua boca esperta também é talentosa — sussurro no seu ouvido e sinto-a estremecer no meu colo, até que ela hesita por alguns segundos e isso desperta a minha curiosidade, nos encaramos enquanto ela parecia buscar algum tipo de confiança no meu rosto, não entendi muito

bem, mas descartei o pensamento quando ela prosseguiu.

Lisa desce os dedos pelos meus ombros e a ajudo a se ajoelhar na minha frente, pondo o seu cabelo preto para trás antes de pôr os dedos no seu rosto. Deixo que ela toque no botão da minha calça e posso ver o seu olhar ansioso quando puxa o tecido para baixo. Ela me encara, mordendo o lábio, e eu aperto o maxilar sentindo as minhas bolas doerem. Quando a minha cueca também é puxada, eu até tento disfarçar a minha dose de convencimento ao ver o seu rosto meio chocado pelo meu tamanho.

Isso é tudo seu agora, baby.

Lisa passa a língua nos lábios e eu gemo baixo só por ela ter tocado na extensão em um movimento para cima e para baixo. Sinto-me um virgem novamente, ansioso para receber o primeiro boquete. Ela me masturba por alguns segundos no seco e eu solto outro gemido quando ela coloca a boca, como se estivesse faminta. Puxo a respiração, pondo as mãos no seu cabelo, e aperto, fazendo-a gemer também, o que só me ajudou a ficar mais duro. Ela acelera os movimentos e em nenhum momento eu forço sua cabeça. Ela lambe e chupa, tornando-me um pirulito e eu não sei se olho para o seu rosto ou sua boca descendo e subindo, fazendo-me apertar o braço da cadeira.

Dou um gemido mais forte ao sentir os lábios descendo para as minhas bolas, e apoio a cabeça para trás, na cadeira, fechando os olhos por alguns segundos. Certo, estou perdendo a noção do tempo e espaço. Há algo em Lisa que está me enlouquecendo e eu não estou falando sobre a sua boca. Nunca senti tanto desejo por uma pessoa assim antes, não a ponto de ser impulsivo ou ficar irritado com coisas que de fato sei que não me afetariam de verdade, como ela flertar com outro cara. Em meu estado lúcido, eu não ligaria para isso, mas, fora

dele, eu fiquei tão irritado, que a castigaria contra qualquer parede enquanto os meus dedos a fodiam. E foi exatamente o que eu fiz naquela noite.

Só gozo quando sinto a língua quente pressionando a ponta e a mão pequena com o toque firme fazendo pressão o suficiente para me fazer gemer e gozar rapidamente. Ela recebe tudo e engole, pondo a mão na boca e se apoiando nos joelhos quando vai para trás. Ofegante, agarro a sua bochecha e a trago para perto do meu rosto.

— Ainda pretende negar que temos uma atração de outro Planeta?

— Eu nunca neguei isso.

— Mas nunca confirmou. Fique de pé.

Ela engole em seco e se levanta com os braços sobre os seios. Toco na sua cintura, ficando em pé também, e beijo sua bochecha, arrastando os lábios para os seus. Lisa fecha os olhos antes de retribuir e eu toco na parte de trás da sua saia, puxando o zíper para baixo lentamente.

— Dylan...

— Você não quer?

— Você tem uma reunião em oito minutos.

Merda.

— Ok, mas eu posso te divertir em oito minutos.

— Puxo sua saia para baixo, até tirá-la dos seus pés. Eu preciso vê-la nua. — E, ao contrário de você, eu não deixo os outros na mão.

— Eu já pedi desculpas — ela diz rindo quando a levo para a minha mesa e a coloco ali em cima com um sorriso no rosto. Ela beija meus lábios de forma doce e gentil, enquanto eu toco na sua calcinha branca de renda, puxando-a para baixo entre suas pernas. Lisa tira o sorriso do rosto, abrindo os lábios, quando passo o meu dedo por cima deles. Ela abre mais a boca quando mando e, logo em seguida, chupa meu dedo com força.

Aperto o maxilar, tirando o indicador dali e levando para o meio das suas pernas. Assim que toco, ela geme, jogando a cabeça sutilmente para trás. Beijo o seu pescoço, fazendo-a ir um pouco mais para trás e mexo os dedos de forma circular, provocando-a o máximo que posso. Escuto os seus lamentos no meu ouvido e mordo a pele do seu pescoço, passando a língua em seguida.

Tiro o meu dedo de dentro dela, que apoia as costas na mesa, e me abaixo, beijando os seus seios e trazendo os meus lábios pela sua pele quente, até chegar aonde eu queria. Quando passo a língua por cima do ponto pulsante, ela arqueia as costas, agarrando a ponta da mesa, e geme mais alto, dando-me a bela visão do seu corpo na minha mesa. Claro que já imaginei isso um milhão de vezes e não estou surpreso por isso estar superando as minhas expectativas.

Coloco os meus dedos ali e fecho os olhos, tentando manter o foco para não levantar e colocar meu pau dentro dela, mandando essa reunião para o quinto dos infernos. Sinto a sua mão no meu ombro sendo arrastada para o meu cabelo e raspo o dente no clitóris quando ela puxa. Lisa geme sem se importar que alguém chegasse e nos pegasse aqui dentro. Ela apenas... *não se importa*. Está tão presa nessa nuvem sexual, que nada disso parece ser suficiente para tirá-la. E o bom é que eu sinto o mesmo.

Agarro suas coxas, penetrando-a com a língua, e ela se senta, parecendo incapaz de formular uma frase. Ajoelho entre as suas pernas e olho para ela, que joga a cabeça para trás, dando gemidos que provocariam até o diabo. Lisa torce os dedos na quina da mesa e sinto o tremor do seu corpo antes dela gozar na minha boca, como tem que ser. Sugo tudo e continuo chupando, mesmo depois dela ter gozado. Aperto as suas coxas com mais força e ela toca nas minhas mãos.

— Dylan...

Ignoro, até ouvi-la gemer de novo.

Merda, estou fodido.

— Dylan, você tem que ir. — Ela me afasta e, ofegante, eu subo, agarrando o seu pescoço, trazendo-a para os meus lábios, para que sinta o seu delicioso gosto. — Céus...

— Você pode parar de ser a minha secretária por alguns minutos?

— Não, gosto muito do meu trabalho. — Ela levanta uma sobrancelha maliciosa.

— Imagino que sim — debocho e ela ri baixo, empurrando-me para trás. Lisa sai de cima da mesa, pegando a sua saia do chão, e eu pego a sua calcinha antes dela.

— Oh, não. Me devolva.

— Não quero, mas agradeço o... — Paro de falar quando ela vem para cima de mim. Guardo a peça no bolso e aponto para ela, mandando-a ficar onde está, mas a batida na porta nos faz dar um pulo e logo depois nos encarar, assustados. Lisa corre para perto da minha mesa, procurando o sutiã, e eu pego a blusa de botões. A batida fica mais forte e eu ajesto a minha calça, enquanto ela põe a peça de cima de forma tão desajeitada, que eu mesmo quase começo a dar uma aula de como colocar um sutiã.

— Filho?

— Porra, é o seu pai. — Lisa puxa a sua blusa da minha mão.

— Provavelmente quer falar da matéria — falo.

— O que você vai dizer?

Engulo em seco e olho em volta, tentando pensar em algo plausível além de dizer que inventei toda essa farsa e que, na verdade, Lisa e eu nos odiamos desde sempre — o que não parece tão verdade agora —, e que tudo isso foi um acordo verbal que ajudaria ambos os lados.

Até que... eu tenho uma ideia.

— Desculpe por isso. — Olho para ela, que franze o cenho. — Entra, pai.

Aproximo-me de Lisa, mantendo-a na minha frente, e coloco as mãos em seu cabelo, bagunçando tudo. Escuto os seus resmungos irritados e os tapas, querendo que eu parasse. Quando termino, ela dá um tapa na minha cara, que eu deixo para lá, porque a porta é aberta na mesma hora. Sussurro para ela sorrir e ela o faz, como uma lunática.

Gregório está sorrindo quando entra na sala. Logo depois esse sorriso vai morrendo ao ver minha noiva em uma completa bagunça.

— Olá, pai. — Aproximo-me dele, dando um tapa amigável nos seus ombros. Ele só olha para Lisa com uma careta de quem estava horrorizado.

— O que aconteceu com você? — Ele pergunta a ela, que aperta os lábios, ajustando a camisa de botões que está para fora.

— Estávamos ocupados — digo e ele parece entender por quê. Logo em seguida, me vê guardando a peça íntima mais fundo dentro do bolso. Gregório se engasga e depois passa a mão no peito, sussurrando um *“puta que pariu”*.

— Eu vim... é... ver a empresa — ele diz olhando para mim e depois dá um sorriso sem graça. — Eu vou... hum... embora. Foi um prazer te ver de novo, Lisa.

— Digo o mesmo, senhor Venturelli. — Ela assopra o cabelo, que cai na sua testa, parecendo entender o que eu quis fazer. Surpreendentemente deu certo.

Meu pai acena para mim e se afasta, dando meia volta. Ele ainda me olha por cima do ombro e me mostra o polegar. Pisco para ele, que dá um sorriso de lado, apertando o botão do elevador. Fecho a porta e olho para ela, que levanta o dedo do meio na minha direção.

— Nem precisei dizer nada — digo.

— Certo, foi uma boa jogada, mas vai ser difícil convencer o resto de Nova York, e definitivamente não vou ser vista desse jeito. — Ela aponta para si mesma.

— Vamos pensar em algo, mas agora eu tenho uma reunião.

— Ora, lembrou que tem obrigações?

— É só tocar em você que eu esqueço.

Pisco para ela, que coloca as mãos na cintura, vendo-me caminhar para fora da sala.



Tiro o jornal da mão dele e o encaro, desacreditado, por ter gasto com isso quando poderia simplesmente ouvir a parte verdadeira da história de mim, mas Peter Ross é um fofoqueiro de primeira.

— Não acredito que comprou isso.

— Era de graça. — Ele se defende, enquanto andamos juntos pela rua em direção à terceira reunião que tinha naquele dia. Peter vai me acompanhar para dar os seus comentários sobre o andamento de projetos que quero fazer.

— O que está aí não é verdade.

— Óbvio que não — ele diz de maneira debochada e eu paro de andar, virando-me para ele.

— Não acredita que somos um casal?

— Claro. — Ele põe as mãos dentro do bolso da calça social escura. — O que não acredito é você subestimar minha inteligência, sou mais velho e mais inteligente do que você.

Abro um sorriso de lado.

— Não sei do que está falando. — Volto a andar depois de vê-lo revirar os olhos.

— Agora me lembrei porque estava fora do país, você e aquele projeto loiro de humor sarcástico são insuportáveis e aparentemente fazem merda quando estou longe.

— Uau, vou escrever isso no meu diário esta noite antes de dormir — debocho.

— Por que ainda falo com você?

— Porque você é o meu melhor amigo, e se um dia parar de falar comigo, vai ser porque transei com a sua mãe.

— Você nunca faria isso.

— Melhores amigos para sempre, então. — Passo pela porta giratória e ele vem atrás de mim com um sorriso de lado no rosto. Identificamo-nos na recepção e fomos escoltados por uma mulher bonita até a enorme sala de reunião, que fica no térreo. Peter se senta em uma cadeira, relaxando os ombros, e eu ando pela sala atrás de algo para comer. Estou faminto. Acho que a última refeição de café da manhã que tive foi ontem, quando Lisa e eu paramos no Starbucks e fomos bombardeados de flashes. Hoje de manhã não comi nada, graças a matéria ridícula de Liam Tate me atrapalhando.

— Por que estamos aqui? — Peter pergunta.

— Essa empresa é a pior do mercado de marketing. — Ele franze o cenho, confuso. — Me convocou em uma inútil tentativa para me convencer a investir.

— Se é inútil, por que está aqui?

— Porque pessoas desesperadas fazem coisas que podem prejudicar outras, ou...

— Beneficiar — ele completa e eu concordo com a cabeça.

— O CEO fará tudo que eu pedir, só preciso de um plano para reerguê-la e, futuramente, tomá-la para o meu nome. — Toco na mesa de madeira velha. — É assim que você toma tudo de alguém.

— Você claramente não precisa de mim.

— Preciso ouvir seus conselhos, e como Nate não está aqui e Adam está ocupado...

— Está afirmando que sou a sua segunda opção?

— Terceira, na verdade.

Ele me mostra o dedo do meio.

— Não vou ficar tão chateado, porque você não seria nem a minha quinta opção. — Peter dá de ombros.

— Nossa, essa também vai para o diário esta noite.

— Durma com essa, babaca. — Ele joga um grampo que está em cima da mesa direto no meu olho. Quase fico cego.

Cretino.

Paro de fazer drama com o meu olho nada machucado e vejo a porta sendo aberta. Vejo homens de gravata entrando e todos eles parecem surpresos por ver Peter Ross com os pés aqui dentro. Bom, Ross não é qualquer cara, construiu o seu império sozinho, desde os dezesseis anos, na garagem da casa onde morava, na Itália. Eu poderia compará-lo com o Bill Gates, mas ainda acho que não seria justo. Peter é conhecido em todo lugar e, aparentemente, para esses caras é quase uma honra ele ter os pés em cima da mesa e os ombros descansados na cadeira preta, mostrando casualidade.

— Bem-vindos. — Peter abre os braços e eles se ajeitam ao redor da mesa.

Cumprimento cada um com um aceno cordial, até penso que acabou, mas falta uma pessoa em questão que eu nunca vi, mas ouvi falar a semana inteira. Quando vejo o cabelo castanho na porta, até levanto as sobrancelhas. É ela, Rubi Mendoza em pessoa, entrando

na sala com um rosto sereno, parecendo conquistar cada cara que está com a bunda na cadeira. Ela está com uma calça social branca de pura elegância e um terno por cima, da mesma cor. A blusa de dentro é preta e na boca há um batom forte, destacando seus olhos castanhos e a pele cor de mel.

Ela anda alguns passos, sabendo que todos os olhares estão nela, mas não parece nem um pouco intimidada por ser a única mulher de negócios entre tantas gravatas. Na verdade, parece que é a dona de tudo aquilo.

E a única coisa que penso é: Adam Venturelli não vai dar conta dela de jeito nenhum.

— Senhor Venturelli. — Ela para na minha frente e eu aperto os lábios, desviando o olhar para Peter, que está de boca aberta.

— Senhorita Mendoza. — Aperto a sua mão com um sorriso simpático.

— Que tal banirmos as formalidades? Além do mais, em breve seremos um só. — Ela dá um sorriso casual e eu concordo com a cabeça.

— Meu irmão está ansioso para trabalhar com você.

— Seu irmão é...

— Adam. Acho que você vai gostar dele. — *Depois de cinquenta doses de tequila.*

— Espera, ela é a CEO da empresa que vai fazer uma fusão com vocês? — Escuto Peter sussurrar perto de mim e mostro o polegar confirmando. — Ele não vai dar conta.

— Posso saber em que sentido? — Rubi junta as sobrancelhas, colocando as mãos nos próprios bolsos, e Peter se levanta, parando ao meu lado.

— Oi, sou Peter...

— Ross. — Ela completa, deixando-nos surpresos. — Eu sei quem você é. Posso não ser do ramo da

tecnologia, mas sei pesquisar sobre pessoas que estarão comigo rotineiramente. Acreditem, aprendi da pior forma.

Fico confuso pelo seu jeito de falar, mas deixo para lá, porque parece ser que algo aconteceu no seu passado e eu não tenho o direito de perguntar uma coisa íntima dessas.

— Certo, posso perguntar por que está aqui? — Ela olha para mim.

— Em alguns minutos você verá a proposta de design que eu fiz pessoalmente, só porque soube que você estaria aqui e eu precisava ver você aceitar a proposta deles.

— Como sabe que vou aceitar?

Ela sorri, dando de ombros.

— Eu não sabia, mas você acabou de confirmar.

— Ela ainda acena antes de sair da nossa frente, indo sentar-se na cadeira ao lado do CEO, que parecia nervoso demais para um cara de cinquenta anos acostumado a lidar com coisas assim.

— Meu Deus, ela vai comê-lo vivo — Peter sussurra.

— Não é só isso, ela é esperta. — Olho para ele.

— Ela apresentou uma proposta de design sabendo que eles não negariam. Tudo isso para ficar mais perto de nós, ver o que estamos fazendo.

— Isso é... a cara do seu irmão. Adam, com toda a certeza do mundo, faria isso.

— Talvez ele tenha encontrado uma parceira à altura — digo e olho para ela, que está mostrando uns papéis ao CEO.

CAPÍTULO 13

Lisa Morris

*“O fogo em chamas normalmente nos mataria
Mas com todo esse desejo, juntos, nós somos
vencedores”*

Mexo-me, levando um susto e quase fazendo minha melhor amiga me furar com a linha de costura. Emily fica branca como algodão ao pensar que me ferira sem querer. Antes dela começar a me xingar por quase arruinar o vestido branco de noiva em meu corpo, eu saio de cima do banquinho de madeira para ver se li aquela mensagem de verdade.

— Você quase arruinou o meu vestido com sangue! — Ela reclama. Meus olhos só sabiam ler a mensagem no celular. — Lisa, quando eu peço para você ser a minha modelo cobaia, isso inclui você ficar parada no lugar, como um manequim.

— Ele está vindo.

— Juro que vou achar uma amiga cobaia para os meus vestidos melhor do que você.

— Dylan, ele está aqui — falo para ela, que franze o cenho, parecendo ainda não entender o meu nervosismo. Não a culpo, nem eu entendo. A batida na porta soa forte e eu arregalo os olhos junto com ela, que mordeu os dedos, apreensiva.

— Vocês vão sair hoje?

— Não — sussurro de volta.

A batida aparece de novo.

— Vai lá abrir — mando.

— Eu não, ele é o seu noivo, não o meu. — Ela balança a cabeça.

— Olha como eu estou!

— Não é como se fosse dar azar ao casamento, ou algo assim. — Ela toca no vestido de noiva com deboche.

— Vocês sabem que eu estou ouvindo, não é? — Escutamos a voz de Dylan vir de fora do apartamento e suspiro, mandando Emily ir catar coquinho enquanto caminho para a porta.

Abro-a depois de girar a maçaneta e dou de cara com ele, que está vestindo um terno impecável de três peças, tem até um paninho vermelho para deixar tudo mais charmoso naquele homem que era... *droga*. Dylan deve ir para a cadeia, sem mais e nem menos, apenas ser preso por toda essa beleza ridícula que ele tem até demais.

Seus olhos verdes descem pelo meu corpo, vendo o vestido. Sua sobancelha se ergue e eu me preparo para os comentários irônicos.

— Uau. — Ele olha em seu pulso. — Cheguei atrasado para o seu casamento? Pensei que eu fosse o noivo.

— Fique calado.

— Oh, sim. Está na hora do Padre falar, ou...

Reviro os olhos.

— Acabou?

— Você sabia que estava passando na televisão o caso de uma mulher que batia nos outros na rua com uma pá e usava um vestido de noiva? — Ele me olha desconfiado. — Acho que não é uma boa ideia andar com você.

— Você é um idiota.

— Qual é o número da polícia mesmo? — Ele pergunta, com o celular na mão. Eu me aproximo, dando um soco no seu peito e escutando a sua risada.

— O que você quer aqui?

— Definitivamente não é te levar para a igreja, então relaxa um pouco. — Ele diz e eu pego na maçaneta da porta, ameaçando fechar na sua cara. Ele dá mais uma risada antes de entrar no meu apartamento, assistindo-me ir até a cozinha para beber um pouco de água.

— E aí, babaca de terno, como vai? — Emily acena para ele enquanto rabiscava algo no seu fichário de desenho.

— Gosto tanto da sua melhor amiga — Dylan é irônico.

— Ainda não respondeu o que quer aqui — digo.

— Vamos jantar, vá se arrumar — ele diz simplesmente. — Mas se quiser ir assim, não tem problema, todos vão acreditar depois dessa.

— Simples assim? Você entra no meu apartamento e diz que vai me levar para comer sem ao menos perguntar se eu quero?

— Você quer?

— Não.

— Que pena, lhe dou cinco minutos.

Bebo o resto da minha água.

Saio da cozinha, caminhando para o meu quarto, puxando a bainha do vestido para cima, para poder não tropeçar e cair. Tiro aquele treco pesado e seco o meu cabelo com secador, já que saí do banho alguns minutos atrás antes de Emy me arrastar para o mundinho das noivas. Coloco o vestido vermelho que ele me deu e me repreendo as cinco vezes que penso se coloco calcinha ou não, o que já deixa claro os meus pensamentos tórridos para o fim da noite. Acabo optando por colocar a peça fio dental.

Escovo o meu cabelo e passo pouca maquiagem, porque não estava a fim de me produzir inteira esta noite. Saio do quarto sem nada nas mãos, e ando até Emy, beijando a sua cabeça.

— Não esperar você acordada, certo? — ela sussurra.

— Praticamente isso — sussurro de volta.

Ando até ele, que está de pé, apoiado na ilha da cozinha e mexendo no celular, parecendo jogar *Candy Crush* pelo barulhinho que saía do aparelho. Quando ele percebe a minha aproximação, levanta o olhar e rapidamente fica preso por intermináveis segundos, até perceber que está me encarando por tempo demais. Dou um sorriso vitorioso.

— Deus... — ele sussurra parado na minha frente.

— Pois é, coube perfeitamente. — Coloco as mãos na cintura.

— Quem foi o cara que comprou isso para você? Preciso agradecer.

— Não sei, mas não será ele que irá tirá-lo esta noite. — Pisco de forma inocente e saio da sua frente, indo para fora do apartamento. Escuto o palavrão saindo da sua boca, junto ao desafio: *“É o que nós vamos ver”*.

Cerca de vinte e cinco minutos e meio depois, nós chegamos no destino que ele quis fazer suspense sem a menor necessidade. Quando saio do carro, eu não consigo reconhecer a casa das inúmeras mansões que ele já me levou nesse tempo inteiro. Dylan agarra as minhas mãos, entrelaçando nossos dedos, e eu até acharia aquele ato estranho antes de lembrar que é necessário.

— De quem é essa casa? — pergunto.

— Nossa.

Paro no mesmo lugar e ele deixa de olhar para frente, para me encarar.

— Desculpe, acho que andar com você está me deixando maluca, mas o que você acabou de dizer?

Ele sorri.

— Relaxa, não vamos morar juntos de verdade. Há um leilão esta noite e essa mansão irá entrar nos lances, vou comprá-la e te dar de presente na frente de todos. — Ele diz o plano e eu só consigo encará-lo, meio deslumbrada.

Quem compra uma mansão só para manter uma farsa? É, o meu chefe.

— E aí dentro estão todos os jornalistas influentes do Planeta?

— *Touchè.* — Ele toca na minha cabeça. — Adoro a sua inteligência.

— E a sua me assusta — digo. Ele sorri de lado, puxando-me para dentro de novo. Os minutos seguintes se seguiram comigo sorrindo para tudo, como uma boa noiva troféu, e apertando a mão de todos que me foram apresentados. Vejo rostos conhecidos, como Beatriz e Marcus. Não conversamos muito, mas acontece o velho aceno de cabeça. Vejo os pais de Dylan e os abraço apertado, adorando vê-los, a não ser Gregório, que disse *“que bom que você está bem”*. Fico vermelha como um tomate. Adam está com o tal Peter, conversando no bar. Os dois dão risadas e às vezes até tampam a boca para não serem escandalosos.

— Vamos nos sentar e comer, parece com fome — ele sussurra para mim e eu aceno, sendo guiada com o seu braço na minha cintura. Não deixo de notar alguns olhares curiosos em nós dois e logo entendo os toques em excesso de Dylan. Às vezes ele usa o nosso código e às vezes esquece, parecendo me tocar de forma natural, como se ele realmente quisesse fazer aquilo na frente de todos.

— Está quieta — ele diz minutos depois.

— Isso não deveria te deixar feliz? — provoco.

— Talvez esses idiotas gostem de uma mulher submissa, mas eu não gosto.

— Você está admitindo que gosta quando eu provoco você?

— Eu nunca disse isso.

— Você acabou de dizer que ama, Venturelli. — Ele abre a boca, chocado, fazendo-me rir. Dylan coloca o braço em volta da minha cadeira e se aproxima mais um pouco. Encaro os seus olhos sem desviar, esfregando os dedos em cima do colo.

— O que houve?

Encaro seus lábios antes de me focar em seus olhos.

— É que... eu pensei que íamos jantar só nós dois. — *Ai, meu Deus, que vergonha falar isso.* Piora quando ele levanta uma sobrancelha. — Quer dizer, pensei que estaríamos em algum restaurante sendo fotografados, mas essa sua ideia aqui parece muito melhor.

Esfrego os meus dedos mais rápido e só paro quando sinto a sua mão em cima da minha, obrigando-me a fazer isso. Desvio o olhar, sentindo-me estranha, e logo depois agradeço quando o leilão parece começar, chamando a atenção de todos.

— Lisa.

— Você não está com sede? Eu estou morrendo de sede! — Tento me levantar da cadeira, mas sua mão em meu ombro impede.

— Se você quer saber, eu também gostaria de estar sozinho com você — ele fala, fazendo-me encará-lo. — Mas nada que eu queira fazer pode me impedir de fazer agora.

Franzo o cenho e depois pisco de forma exagerada, sentindo a sua mão direita afastando as minhas pernas para me abrir mais um pouco. Encaro seus olhos com a adrenalina subindo pelo meu corpo,

assim como sua mão pela minha coxa. Olho em volta, rezando para ninguém perceber nada, e olho para baixo, vendo o pano da mesa cobrindo sua mão e as minhas coxas. Meus lábios se abrem e eu suspiro, excitada, quando ele passa os dedos no tecido fino da minha calcinha, provocando-me.

— Eu não acredito que você está usando isso — ele sussurra no meu ouvido e eu luto para não fechar os olhos com a voz rouca fazendo os meus lábios secarem.

— Calcinhas ficam nessa parte do corpo, senhor Venturelli.

— Essas peças não combinam com você. — Ele morde a ponta da minha orelha e eu resmungo, sentindo-o puxar a barra da peça para baixo e se inclinar na cara de pau para tirar a peça de mim.

Dylan a leva até o nariz e eu arregalo os olhos, fazendo-o parar. Ele sorri do meu desespero e guarda no bolso do paletó.

— Opa, desculpe estar atrapalhando. — Assusto-me, meio ofegante, e olho para a pessoa sentada na cadeira à nossa frente, com os braços apoiados na mesa. Trata-se de Liam Tate e seu sorrisinho idiota.

— Eu deveria imaginar que você estaria aqui. — Dylan dá um sorriso falso.

— Digo o mesmo. — Ele olha para mim. — Essa cor está ótima em você.

Porra, o sotaque do imbecil tinha simplesmente evaporado, *maluco mentiroso*.

— Obrigada, acho que vai combinar quando eu for para o inferno por matar você — falo e ambos arregalam os olhos pela minha frase. Ninguém gosta de ser enganada, isso é um fato.

— Eu não quis te magoar, amor.

— Você mentiu para mim com todo aquele papo de África e ainda meteu crianças no meio! Você não presta! — Aponto para ele, que abre um sorriso pequeno.

— Eu precisava de uma história para ganhar alguns dólares, fui pesquisar sobre vocês e tive sorte por conhecer toda essa farsa.

— Não é uma farsa, babaca. Ela é minha noiva.

— Vamos ver por quanto tempo. Meses? Não vai durar muito e vocês sabem disso. — Liam apoia a cabeça na mão, encarando-nos com um olhar divertido.

— Talvez dure o tempo da sua carreira. — Dylan mantém a mão na minha coxa e eu engulo em seco ao sentir os dedos subindo. — Ou eu nem espere tanto assim para acabar com você.

— Sua riqueza e poder não irão me atingir.

— Não vou precisar, só vou difamar você, como fez conosco. — Dylan se vira um pouco para mim e eu puxo a respiração quando sinto seus dedos me tocando lentamente por baixo da mesa com aquele idiota bem na nossa frente.

Put a que pariu.

— Como você pretende fazer isso? — Liam pergunta com o ar arrogante.

— Aos poucos, suas acusações de pouca intimidade vão ser a primeira barreira que vou romper. — Ele fala e belisca meu clitóris, fazendo-me ofegar e fechar os olhos. Quando os abro de novo, vejo Liam Tate me encarando de boca aberta, parecendo entender o que estava acontecendo. Ele tem certeza quando gemo ao sentir a ponta do dedo me penetrando. Vejo Dylan aproximando o rosto do meu e retribuo o beijo calmo que ele me dá, ouvindo os meus gemidos baixinhos na sua boca.

— Vocês são dois depravados — Liam diz antes de se levantar, parecendo tenso ou até mesmo amedrontado com os próximos passos que Dylan daria sobre a sua carreira.

— Arranje outra história o quanto antes, você não ganhará nada em cima de nós novamente. — Dylan o

expulsa com a mão livre e eu acabo sorrindo, apoiando a cabeça no seu ombro. Liam se afasta e Dylan beija a minha bochecha, até chegar nos meus lábios. — Tudo bem? — Ele pergunta ainda me massageando por baixo da mesa. A verdade é que eu estava tão molhada, que até penso que sujaria essa cadeira. Concordo com a cabeça e me mexo contra seus dedos, querendo mais.

— Acharia estranho eu dizer que achei isso excitante? — pergunto.

Ele pega minha mão, pondo em cima da sua ereção escondida pelo pano branco.

— Não.

Sorrio para ele, que sorri de volta. Bom, pelo visto somos mesmo dois depravados. Ouvimos o martelo nos tirando daquela troca de olhares e eu estou um pouco tonta para entender com clareza, mas parece que a nossa mansão tinha acabado de ser vendida para uma pessoa aleatória. Dylan suspira, frustrado, e eu idem, quando ele tira o dedo de dentro do meu vestido.

— Não teremos a casa, afinal — digo, mexendo nos botões do seu terno. Eu estou quase deixando-o sem roupas. Dylan parece notar o meu olhar excitado de quem não poderia esperar mais por ele. Eu não posso e não quero, a ideia é triunfante.

— Teremos que nos aproveitar disso enquanto ainda podemos, então. — Ele beija o canto da minha boca e logo depois se levanta da cadeira, puxando-me pelo pulso. Passo a língua nos lábios e ele me vira de costas, fazendo-nos caminhar quase juntos para ninguém perceber sua ereção crescente. Internamente eu estou rindo disso tudo e a minha vagina apenas pulsa pelo contato dele novamente. Subimos as escadas com uma rapidez incrível e, sem saber onde entrar, ele me agarra ali mesmo.

Sinto a sua língua na minha boca e me derreto em seus braços, passando as mãos pelo seu corpo, como

ele passa pelo meu. Dylan aperta a minha bunda por baixo do vestido e eu agarro aquela gravata preta, puxando-o para o lado, até ele me prensar na parede.

— Tem certeza disso?

— Cala a boca. — Beijo-o de novo e ele levanta a minha perna, apoiando-a na sua cintura. Eu gemo, sentindo-o se esfregar em mim de maneira nada gentil.

Ele sorri no meio do beijo e me puxa pela nuca, apenas para nos fazer passar pela primeira porta de madeira dourada. Ele a fecha em seguida e gira a chave só para se certificar. Eu estou apoiada nele como um bicho preguiça, sem poder controlar os meus instintos. A sensação alucinante está de volta.

Dylan se vira para mim e eu agarro o seu terno, puxando para baixo, para que caia no chão. Ele me beija em seguida, empurrando-me para trás, até chegar na escrivaninha. É quando ele me vira de costas, colando o meu corpo ali. Sinto seus dedos no fecho e não demora tanto até ele me puxar de volta para cima, tirando o vestido do meu corpo.

— Eu disse que seria eu a tirá-lo. — Ele se gaba, tirando-me do chão. Com as pernas em volta da sua cintura, sou posta na cama de casal, dando um risinho safado, o qual eu não sabia que tinha até agora.

Ele desabotoa a camisa social, admirando os meus saltos nos pés e sobe até chegar no meio das minhas pernas. Mordo o lábio, pondo os braços acima da cabeça, e agradeço quando ele encara os bicos dos meus seios apontados na sua direção. Podemos ouvir a música acelerada lá embaixo com os burburinhos das pessoas, e isso estranhamente só melhora.

Dylan abaixa a calça social depois de tirar um preservativo da sua carteira e sobe em cima de mim, beijando os meus lábios com fervor. Ofegante, eu olho em seus olhos sabendo que ele está vestindo o preservativo para me comer com força o suficiente para

me fazer gritar. Apoio a minha perna esquerda na sua cintura e deslizo minhas mãos pelas suas costas nuas, até chegar na nuca. Ele apoia a testa na minha, vendo o meu peito ofegante, e dá um gemido contido antes de me penetrar devagar.

Suspiro fechando os olhos e aperto a sua nuca com força quando ele entra todo, tirando-me o fôlego que eu já não tinha. Abro os olhos apenas para encará-lo antes dele se mexer para frente, arrancando um gemido da minha garganta. Dylan continua se movendo devagar, olhando para o meu rosto, e eu o aperto sempre que parece que vou ter um orgasmo precoce, mas é só a sensação indescritível do seu pau dentro de mim.

Isso é muito melhor do que imaginei.

— Você parece ainda mais gostosa me tendo dentro de você — ele sussurra, colocando a minha outra perna na sua cintura para que vá ainda mais fundo.

— Oh, meu Deus! — Sinto-o sorrir contra a minha bochecha quando faz mais rápido, mudando o ritmo para um melhor ainda. Minhas unhas cravam em suas costas e ele geme junto comigo, deixando-me mais excitada ainda. Dylan investe forte contra o meu quadril, fazendo o barulho dos corpos se chocando aparecerem. Eu forço a cabeça para trás ao sentir seus dentes nos meus mamilos, puxando-os sem piedade. Ele se afasta em seguida, agarrando o meu quadril, e mete mais rápido, fazendo-me gritar dentro daquele quarto que até então era de uma pessoa desconhecida.

— Quero te ouvir gritar desde que coloquei os meus olhos em você e naquela maldita saia. — Ele sussurra, pondo a mão no meu pescoço, e eu mexo as minhas pernas para apoiá-las nos seus ombros. Dylan se ajeita na cama e volta a me penetrar com força novamente, subindo as mãos pelas coxas, até chegar nos meus calcanhares. Ele me fode assim por intermináveis segundos com um olhar que me fez sentir a melhor

mulher do mundo, até que tiro os meus pés dos seus ombros e o afasto.

— Não... — ele sussurra, ofegante, quando tento montar nele, mas suas mãos me colocam de quatro com o rosto na cama. Sinto-o me penetrando de novo e fecho os olhos com força, apertando o travesseiro que está perto de mim. Dylan se inclina, beijando o meu ombro. Eu viro o rosto, dando beijos curtos em seus lábios, e gemendo a cada investida contra mim.

— Você gostou, Lisa? — Ele dá um tapa na minha bunda, fazendo-me ir para frente. — Gostou que eu tocasse em você na frente do cara que estava tentando roubá-la de mim?

Sinto outro tapa e resmungo contra a cama.

— Sim... — respondo. Meu ápice está perto demais para ignorar os tremores das minhas pernas.

— Minha garota. — Ele coloca a mão na minha nuca e eu grito novamente, ao sentir as investidas no ritmo frenético de antes. Ele goza antes que eu, mas se mexe por segundos suficientes para me fazer gozar logo em seguida. Dylan respira ofegante na minha orelha, descendo as mãos pela minha cintura, e beija o meu ombro em seguida. Resmungo quando ele aperta a minha bunda ao mesmo tempo que sai de dentro de mim.

Viro-me na cama, abraçando-o com as pernas, e ele apoia os braços ao lado da minha cabeça, encarando-me em silêncio ao tirar o cabelo do meu rosto. Eu não acredito que me senti tão confortável para fazer sexo, Dylan tinha o poder de me fazer sentir desejada, não do tipo para ser suficiente para o pau subir, mas o suficiente para dizer que eu seria a única que ele conseguiria amar entre quatro paredes, eu simplesmente me senti segura, como nunca antes.

— Acabei de perder dois mil dólares.

Franzo o cenho.

— Apostei com Adam que nunca te levaria para a cama e acabo de perder.

Levanto uma sobrancelha.

— Será que você vai superar isso? — Faço uma expressão triste. — Se você quiser, eu ligo para a roda de ajuda anônima, aquela que você disse para a sua mãe que eu ia uma vez por semana. — Dou um tapa no peito dele, que dá uma risada, pondo a mão na minha bochecha.

— Você não pode brigar comigo, acabei de tirar suas teias de aranha.

— Ah, cala a boca. — Jogo-o para o lado, ouvindo-o rir de novo.

Babaca talentoso no sexo.

CAPÍTULO 14

Lisa Morris

*“Basta chamar meu nome,
sou sua para você me domar”*

Estico-me até onde posso e pego a barrinha de cereal que acompanharia o meu café da manhã. Não tive tempo de elaborar um delicioso café no Starbucks, é difícil pensar em pedir algo enquanto você está na cama com o seu chefe te dando orgasmos a noite inteira. Dylan *pau de vida própria* Venturelli não me deu muito descanso desde que saímos daquela mansão e fomos para o seu apartamento. Toda vez que eu pensava que ele fosse descansar um pouco, já vinha com os dedinhos, até nos excitar de novo. Pelas quatro da manhã, ele decidiu que estava na hora de me deixar em paz. Acho que esses dias todos o privando de sexo o enlouqueceram.

E pode não parecer surpresa, já que eu sempre assumo uma audácia sexual incrível quando estou com ele, mas isso só ficou mais evidente com todas as coisas que fizemos ontem pela madrugada. Ele era o Tarzan e eu a Jane que precisava descobrir novas terras embaixo daquela cuequinha preta. Sorrio desse pensamento e depois paro para pensar...

Céus... isso foi um péssimo exemplo.

Pego o meu copo de café, dando alguns goles e, logo depois, uma mordida gulosa no cereal. Eu estou faminta! Emily traz um par de roupas para mim esta manhã e eu uso o banheiro da sala dele para me refrescar. Dylan saiu cedo para estar presente na vídeo conferência junto ao irmão e o pai para funcionários que estão na Itália e não voltaram desde então.

Bebo mais goles de café ao mesmo tempo que vejo algumas mulheres entrando em uma alegria contagiante, mas isso some quando sou notada na copa. Franzo o cenho por isso e até noto Michelle, que trabalha no setor organizacional do RH. Conversamos várias vezes aqui nessa copa, porém parece que fui apagada da sua memória.

Chamo por ela, querendo entender, e fico chocada quando ela me ignora. Qual é, Michelle? Tínhamos até um ritual de trazer barrinhas de cereal com sabores diferentes para surpreender uma à outra.

— Ei, Michelle!

— Eu já volto. — Escuto-a falar para as amigas que ela não tinha até uma semana atrás. Seus passos até mim são duros e eu cruzo os braços, realmente curiosa. Seu cabelo castanho está preso em um coque e os óculos de lentes grandes quase cobrem todo o seu rosto. Sua pele é negra e ela tem um sinal bonitinho perto da boca. — Oi, senhorita Morris.

— Formalidades? Sério?

— Veja, sei que éramos mais próximas, mas...

— Mas...? — insisto para saber quando ela não termina.

— Você não é qualquer pessoa agora.

Levanto uma sobancelha.

— E o que eu sou?

— A noiva do chefe. — *Legal, não tenho mais nome.* — E ninguém aqui é maluco o suficiente para mexer com você.

— Você está falando sério? — pergunto e ela se aproxima depois de olhar para as amigas na mesa, que nos encaram, curiosas.

— Elas não querem ficar perto de você, falam que seu interesse é subir nas costas do chefe.

— Ele que sobe nas minhas costas, aquele homem estaria ferrado sem mim. — E eu não menti. Semana retrasada, Dylan me ligou no meio do almoço para perguntar como se configura a impressora e ele é dono de uma empresa de tecnologia!

— Acho que elas têm medo de você fazer a caveira para o senhor Venturelli e ele demitir cada uma. Ou é inveja. Quero dizer, o jeito que ele olha para você. — Ela solta um ruído estranho, que eu acho que foi de prazer. — Queria que alguém me olhasse daquele jeito.

É porque ele queria me comer, quase falo isso, mas me seguro.

— Uma pena você não querer ser mais minha amiga, Michelle.

— Você está em outra hierarquia agora, você é a noiva do chefe.

— Pare de falar isso.

— Sim, senhorita. — Ela acena como se eu fosse a porra da rainha da Inglaterra e eu suspiro saindo da copa e levando o meu café e a barrinha de cereal. Subo para o meu andar, comendo de maneira irritada. Eu não gosto de ser vista assim pela empresa, mas o que eu posso fazer? Isso mesmo, mostrar o meu valor para todo mundo, mas por enquanto eu sou a *“noiva do chefe”*. Vou escrever isso em uma camiseta e andar pelas ruas de Nova York depois.

— Ei, você viu o... que carinha é essa? — Olho para cima, já sentada na minha cadeira. Avisto Adam entrando na minha sala e guardando o seu celular no bolso do paletó.

Volto a minha atenção para a tela do computador.

— Era para ele estar com você, senhor Venturelli.

— Não me chame assim, não tenho a idade de um coroa que curte mulheres mais novas. — Ele se senta na cadeira à minha frente. Seu cabelo loiro está bem peteando e o terno azul-claro está impecável.

— Ele ia encontrar você e seu pai para...

— A reunião acabou há mais de uma hora.

Desvio o rosto para o lado e vejo o horário e a data na tela do computador.

— Hoje é sexta-feira, ele está correndo pelo Central Park — digo e Adam faz uma expressão fascinada.

— Realmente o conhece tanto?

— É o meu trabalho. — Organizo uma papelada sobre o seu olhar curioso e eu sei que vou ter que responder às perguntas que virão a seguir.

— Parece estressada, ouviu algo que não queria?

— Mais ou menos isso.

— Não sou meu irmão, e definitivamente não vou fazer nada substancial para ajudar, mas posso só escutar, se me der a chance. — Adam parece realmente empenhado a me ouvir e não acho que ele me julgaria ou falaria dos meus pensamentos para alguém, nem para Dylan. Apesar de não sermos exatamente próximos, ele dá uma áurea de lealdade forte.

— Ninguém nessa empresa quer andar comigo, tem medo porque eu sou a *noiva do chefe* — digo e ele balança a cabeça, parecendo entender.

— Eu recomendaria separação imediata, mas como o cenário não é um dos melhores. — Ele dá de ombros, fazendo-me sorrir de lado.

— O que recomenda que eu faça?

— Certo. — Ele balança a mão na frente do rosto como se fosse entrar em algum personagem, e logo

depois um Adam diferente surge na minha frente, mais sério e profissional. — Você não poderá provar a todos de uma vez que não merece ser reconhecida apenas como noiva do chefe. Comece pelo difícil. Conquiste e surpreenda os peixes grandes, porque, no fim, os peixes pequenos são os menos atraentes. E serão os grandões a dar a fama que você merece.

Pisco, surpresa.

— Uau, isso foi...

— Pois é, não se acostuma, esse cara não aparece muito. — Ele balança os dedos na frente do rosto e depois sorri, voltando a ser o Adam sorridente e divertido de antes. — Mas se você gostou mesmo dele, pode largar o meu irmão e vir comigo para o Japão.

— Nem pensar.

— Você não daria conta mesmo. — Ele se levanta com uma expressão debochada e passa a mão no corpo como se quisesse esfregar que eu estava perdendo tudo aquilo. Isso me faz rir e, antes dele sair pela porta, eu o chamo.

— Ei, Adam.

Seus olhos azuis estão nos meus.

— Obrigada — agradeço e ele sorri de lado.

— Bem-vinda à família, cunhada. — Adam pisca antes de sair da minha sala, seguindo o seu caminho para longe.



Mordo todos os cantinhos da unha enquanto ando de um lado para o outro na sala dele. Meu coração dispara toda vez que ele se mexe na cadeira com os papéis que madruguei preparando, para entregar-lhe de

forma digna. Dylan tem a expressão que sempre está no seu rosto, aquela que você nunca sabe se está tudo bem ou não. Isso é relativamente esperto da parte dele, mas não diminui o meu nervosismo.

— Você está fazendo um buraco na minha sala.

— Não pode me culpar — respondo.

— Relaxa, Lisa.

— Isso é importante para mim. — Encaro os olhos verdes, que parecem dóceis demais.

— Eu sei, mas pare de andar de um lado para o outro, já estou com dor de cabeça. — *E lá se vai a doçura.*

Caminho até o sofá preto do canto e me jogo lá, bufando alto. Ele ainda me observa antes de voltar a sua atenção para o relatório e me dar o *ok* para passar tudo de maneira formal para o RH. Entreguei isto a ele na terça e só agora ele pôde dar uma olhada no que eu estava aprontando e isso não ajuda nos meus nervos nem um pouco.

Não saio da sua sala sem um veredito e isso significa ficar praticamente a tarde inteira no seu escritório olhando para a sua cara bonita, enquanto ele fazia anotações no caderno personalizado da Technology Company. Em certo ponto, eu estou no limite do tédio.

— Você não me deu um *bom dia* animado hoje. — Ele me dá um desses todos os dias, como foi imposto no nosso acordo.

— Não... — Ele diz concentrado nas anotações. — Eu te dei um orgasmo ao invés disso.

Ele me encara em seguida, notando o sorrisinho de lado no meu rosto.

— Almoçou no restaurante chinês hoje, ou só roubou os biscoitos da sorte?

— Eu posso fazer os dois.

— Quem diria, Dylan Venturelli tão cético acreditando em biscoitinhos da sorte — debocho. Ele

aponta para mim.

— Só por essa eu vou descontar meio ponto do seu trabalho.

— Isso não é um trabalho escolar e você não é o meu professor.

— Nas minhas fantasias eróticas, eu sou. — Ele pisca. Não consigo descrever o quanto gosto dessa intimidade interessante que estamos construindo.

— Se eu for uma má aluna — Cruzo as pernas, ainda sentada no sofá. Isso chama a sua atenção —, vou receber um castigo?

Ele sobe o olhar pelos meus calcanhares e panturrilha, até chegar na coxa. Quando puxo a saia sutilmente para cima, ele passa a língua nos lábios e encosta as costas na cadeira giratória, pondo a ponta da caneta na boca e estampando seu sorriso safado.

— Depende, se você lembrou de somar as estatísticas aqui. — Ele põe a mão nos papéis que estavam em cima da mesa. — Talvez eu não castigue você.

Merda! Eu não... porra, eu não coloquei esses dados em específico.

— Oh, espera. — Ele finge folhear o relatório e eu engulo em seco quando ele se levanta com o objeto na mão. — Não estão aqui?

— Isso... não é justo, você já sabia que não estavam.

— Você perguntou se receberia um castigo.

— E você tirou vantagem disso.

— É o que eu faço. — Ele põe o relatório em cima da mesinha de centro que nos separava.

— Certo, eu não coloquei a soma das estatísticas, eu assumo.

Ele sorri de lado.

— Não se preocupe, também cometi esse erro no início da minha carreira.

— Qual foi o seu castigo?

— Uma semana soterrado de papelada na empresa da Itália. Gregório não facilitou para mim.

— Então... você não está bravo? — Esfrego os meus dedos.

— Não. É um erro comum, como eu disse. — Ele coloca as mãos dentro dos bolsos e caminha até o Whiskey descansado na mesa do canto. Ele se serve uma dose e depois se encosta ali para me encarar. — Marquei no relatório o erro, desfaça e mande o original para onde tem que mandar.

— E o resto, como...?

— Está ótimo. — Ele me corta. — Você se saiu bem, estou de fato impressionado.

Não contendo o sorriso e as pernas quando me levanto, dando passos rápidos até ele, que sorri de volta, recebendo-me com os braços abertos. Coloco os meus em volta do seu pescoço, animada demais para notar que estava próxima dele de uma forma que nunca imaginei que estaria. Pisco e até tento me afastar novamente, porém seus braços me prendem. Sinto sua respiração no meu rosto e olho em seus olhos quando ele passa a mão atrás da minha cabeça, alisando o meu cabelo. Eu gosto disso.

— Talvez eu tenha outro trabalho para você.

— Eu aceito. — Mordo o lábio e estranhamente ele me olha com orgulho.

— Que tal ficar à frente no caso do Jayden Ford?
— Arregalo os olhos.

— Uau... você... — Não termino de falar, para franzir o cenho. — Você não está fazendo isso só porque está dormindo comigo, não é?

— Claro que não.

— Dylan, o que me pediu é... grande, você sempre cuida de sócios pessoalmente.

— Eu confio em você.

Semicerrou os olhos e ele revira os seus.

— Você acabou de entregar um relatório com êxito e acho que dá conta de nadar com os tubarões, você me assiste fazer isso há meses, mas se você não quiser...

— Eu não disse isso. — Agarro o seu braço. Quando ele tenta sair da minha frente, encosto-me nele novamente, que apoia as mãos acima da minha bunda. — Quero que olhe no fundo dos meus olhos e diga que não está me dando isso para me agradar.

— Não estou dando isso para te agradar. — Ele fala sério.

— Você falou com o Adam? — Levanto uma sobrancelha.

Ele não responde e isso só me fez suspeitar.

— Ele contou os meus lamentos para você? — Dou passos para trás.

— Não exatamente.

— A não ser que explique o que ocorreu, eu vou sair da sua frente e ir ao restaurante chinês para proibir sua entrada para pegar biscoitinhos.

— Ele estava me ligando, mas não atendi, porque estava na minha corrida, como você sabe. — Aceno de braços cruzados. — Na última tentativa do loiro metido, eu decidi atender no último toque, acho que ele pensou que eu não atenderia e desistiu, mas eu estava na linha. Foi quando ouvi ele perguntar de mim para você e da sua carinha.

— Então você ouviu tudo?

Ele dá um sorrisinho culpado.

— Desculpe, mas eu entendo o seu lado, Lisa. Ajudarei no que for preciso, mas cabe a você fazer um bom trabalho.

Céus, de onde esse Dylan incrível saiu? Não acredito que esse babaca escondeu essa preocupação e bondade todo esse tempo.

— Isso é... — Abro os lábios sem saber muito o que dizer, então só ando até ele com uma expressão agradecida antes de pôr meus lábios sobre os seus. Ele parece surpreso no início e apenas suspira quando deslizo minhas mãos pelos seus ombros. Dylan põe as mãos na minha bunda, puxando-me para perto. Olho nos seus olhos quando ele morde meu lábio inferior.

— Já está na hora do seu castigo? — pergunta.

— Só se assumir que errar a soma das estatísticas não é um erro comum.

Ele ri.

— Não, não é, mas pelo menos me ajudou a ter uma boa base para o seu castigo.

— Humm... então disse que era um erro comum só para me agradar?

— Acha mesmo que eu erraria isso na Itália? Pelo amor de Deus, eu sou incrível. — Rio alto quando ele se abaixa, tirando as minhas pernas do chão, para me levar para o sofá preto do canto.

Dylan Venturelli

Passa-se duas semanas desde que dei o contrato de Jayden Ford a Lisa, e nesses quatorze dias não me arrependi em momento nenhum. Ela é tão persistente e perfeccionista, que eu acho que poderia substituir três funcionários meus para colocá-la no lugar, e mesmo assim sentiria uma diferença enorme de progresso. Às vezes penso que perdi tempo demais deixando-a em um cargo muito fácil para ela, que Lisa poderia estar na

minha frente, sendo o meu braço direito para quase tudo, mas a minha insistência fajuta de mantê-la longe de mim ganhou o senso da coisa.

Até que pedi para ela ser a minha noiva de mentira e estou perto dela a todo momento.

— Estava vindo para cá e ganhei um guardanapo da garçonete. — Adam fala confuso, jogando o papel branco em cima da mesinha de centro. Peter está sentado no sofá ao meu lado.

Seu braço se estica, pegando o guardanapo dobrado, e o abre para me mostrar. Vejo-o sujo de batom em uma forma de boca e o número da pretendente logo embaixo com uma mensagem fofa. Peter e eu olhamos para ele.

— Tem o telefone de uma mulher aqui.

— Tem?! — Adam pega o guardanapo de volta e vê por si próprio.

— Saia dessa vida de cafajeste, Adam. Não vai dar em nada.

— Como se você fosse o santo.

— Ninguém chega perto desse cara. — Peter aponta para mim, enquanto estou olhando para o guardanapo de papel. Abro um sorriso de lado.

— Lisa tem um batom dessa cor — comento com pura inocência, e quando percebo que estão calados demais, olho para ambos, que estão de olhos arregalados. — O quê? Meu cabelo está feio?

— Vai ficar depois que eu te der um tapa. — Peter ameaça.

— O que eu fiz? — Franzo o cenho.

— A cada seis frases suas, dez são relacionadas a Lisa. Cara, eu soube mais coisas dela em quinze minutos do que sobre você a minha vida toda — Adam afirma.

— Isso é ridículo.

— Ele está certo — Peter confirma.

Abro a boca, chocado, não sei se por falar tanto em Lisa ou por Peter ter dado razão ao Adam em alguma coisa. Até ele fica chocado junto comigo.

— Mas isso não significa nada, eu apenas lembro.
— Dou de ombros.

— Porque ela está na sua cabeça o tempo todo.
— Peter observa.

— Acho que devíamos ter uma listinha para saber se você está se apaixonando por alguém — Adam sugere e eu quase me engasgo.

— Tem no Google. — Peter aponta para ele.

— Isso, verdade! — Ele concorda, animado.

— Não! Nada de Google — interrompo o diálogo patético e Adam guarda o celular de volta no bolso do terno.

— Certo, vamos ligar pro cara que conhece você por inteiro. — Peter ameaça.

Não, Nate não.

— Isso não é necessário — falo.

E lá está Peter com o celular dele perto do ouvido, esperando meu melhor amigo atender e responder perguntas que eu saberei a resposta, porque não faz sentido nenhum o que eles estão alegando. Quando Nate atende, é posto na configuração do viva voz.

— Por que ele atendeu você e não me atende? — Adam parece indignado e Peter ignora, começando a falar com ele.

— Nathaniel?

— *Fala, Peter. O que houve?*

— Estou com Dylan e Adam e...

— *Dylan e Adam? Sinto muito por isso.*

— Vai se foder. — Meu irmão e eu falamos ao mesmo tempo.

— Dylan não para de falar na noiva falsa dele, faça alguma coisa. — Eu já tinha contado para os meus

melhores amigos que o noivado era de mentira. Peter suspeitou no mesmo dia em que chegou em Nova York, então contei depois daquela reunião que tivemos com Rubi Mendoza presente. Contei ao Nate um dia depois de ter transado com Lisa. Ele ficou em silêncio por quase uma eternidade, antes de me dizer “*boa sorte, babaca*”.

— *Não sou babá de ninguém.*

— Isso é ridículo, só porque lembrei dela em algumas situações...

— Todas as situações — Adam me corrige.

— *Espera, você presta a atenção nela?*

Pisco algumas vezes.

— Não é sempre...

— *Você está dormindo somente com ela?* — ele pergunta.

— Bom, sim, mas...

— *Então não preciso falar mais nada. E, Adam, pare de encher minha secretária eletrônica com os seus desabaços sobre ternos italianos serem os melhores, porque eu não ligo.* — Logo depois ele desliga na nossa cara. Aperto os lábios e olho para os meninos.

— Por que queremos trazer esse mala sem alça para Nova York mesmo? — Adam pergunta.

— Porque ele é a sua família e você não vive sem nenhum de nós — Peter responde.

— Caramba, já dá para incluir isso nos nossos votos de casamento — Ele debocha e Peter mostra o dedo do meio. Eu estou confuso demais para falar algo.

Escutamos a porta da minha sala ser aberta e Lisa passar por ela falando alto e de maneira animada, provavelmente pensando que eu estou sozinho. Ela acaba de voltar do almoço e, a julgar pelo pote de doces nas suas mãos, ela os trouxe para mim, por saber que são os meus preferidos. Acho que sou o único que prefere os mais azedos.

— Oh... eu não sabia que você estava ocupado, desculpe. — Ela dá um sorrisinho sem graça enquanto me aproximo dela, que está perto da porta.

— Você já o viu, mas não foi devidamente apresentada — digo e ela olha para quem aponto. — Este é Peter Ross.

— Eu sei, oi. — Ela dá um sorriso simpático, assim como ele.

— Almoçou onde recomendei? — pergunto.

— Melhor espaguete que já comi, mas da próxima vez me lembre de vender meu apartamento para pagar a conta. — Dou uma risada baixa, aceitando o pote de doces. — Sei que gosta.

— Uau, como você soube? — Finjo-me de desentendido.

— Soube porque você não parava de falar desses doces idiotas, quase me coagiu a comprar para você.

— Lisa, eu quase termino com você agora.

— Nada me deixaria mais feliz — ela diz antes de rir da minha expressão tediosa. Seus dedos se movem contra a minha barba, querendo deixar o meu rosto feliz novamente. — Não faça essa carinha, tenho uma boa notícia.

— Qual?

— Ouvi dizer que os Lancasters romperam sociedade com a empresa rival. É a sua chance de puxá-los para o nosso time.

— Isso é uma... ótima notícia. — Não posso deixar de sorrir. — Já marcou a reunião?

— Com quem você acha que trabalha? — Ela dá de ombros, sorrindo. — Eles estão vindo aqui às três da tarde.

— Você os convenceu a vir aqui?! — pergunto, surpreso. — Os Lancaster não são conhecidos por irem até a água, a água que vem até eles.

— Eu sei. — Ela se gaba. — Mereço um presente depois dessa.

— Que tal o nosso toque?

— Vou aceitar. — Ela estica a mão para frente do corpo e eu bato a primeira vez, antes de bater a segunda, quando subimos as mãos para cima, fazendo o *High Five* para finalizar. Ela pisca para mim antes de sair da sala, deixando-nos sozinhos de novo.

Meu sorriso desaparece conforme os segundos passam e eu volto a olhar para Adam e Peter, que estão um na frente do outro de mãos dadas fingindo um cenário de casamento. Eles riem quando reviro os olhos.

— Calem a boca! — Finjo estar irritado. Isso só fez os dois riem mais.

CAPÍTULO 15

Lisa Morris

“Porque você sabe que eu fico animado, sim, quando você fica com ciúmes também”

Meu celular vibra em cima da mesa, tirando-me da tela do computador por alguns segundos. Pego o aparelho, desbloqueando a tela com a minha digital, e entro na minha conversa com Emily, vendo um link disponível, junto a uma mensagem maluca.

“Precisamos conversar sobre uma coisa superimportante e é crucial”

“E que coisa seria essa?”

Ela manda uma foto dela mesma com as mãos em uma distância favorável uma da outra e um olhar muito safado no rosto. Começo a rir como uma idiota quando entendo do que ela está falando.

“No link tem vários modelos dos mais bonitos do mundo, entre e mate a sua curiosidade”

“Você realmente me mandou uma cartela de paus?”

“De nada, garota”

Clico no link disponível por pura curiosidade e arregalo os olhos, vendo dos mais variados tipos. Torto, reto, excitado, mole e estranhamente sedutor.

Onde, caralhos, Emily consegue essas coisas?

Rolo a tela para baixo, vendo vários modelos, e até passo a língua nos lábios, vendo um em específico que parecia com o dele.

Putá merda, não acredito que estou fazendo isso!

— Lisa, acabei de... — Tomo um susto tão grande com a possibilidade de ser pega vendo pintos naquele momento, que é como se minhas mãos derretessem, fazendo o celular deslizar pela minha mesa e caindo para frente dela no chão. Meus olhos quase saem do meu rosto.

Olho para a porta, vendo Dylan se aproximar com o cenho franzido pelo desespero no meu rosto. Ele olha para baixo, quando para do lado do celular que, para todo o meu azar, está com a tela virada para cima.

Azarada do cacete.

Dylan levanta as duas sobrancelhas, pegando o aparelho do chão, e olha para a tela. Ele aperta os lábios, encarando a foto e, pelo visto, ele também acha igual.

— Uau, que tarada. — Ele sorri.

— Não é nada disso.

— Ah, sim. E por qual outro motivo você está com infinitas opções de pênis aqui para ver? Está criando um concurso e eu não estou sabendo?

— É uma longa história.

— E grossa também. — Ele debocha quando arranco o celular da sua mão.

— Pare, meu rosto está... queimando de vergonha. — Amarro o meu cabelo sobre o seu olhar curioso.

— Sabe o que achei interessante? A foto que você estava admirando era muito parecida com o meu...

OH, MEU SANTO DEUS, NÃO.

— É melhor você calar a boca.

— Não sei porque a foto, se me tem ao vivo.

— Eu vou parar de ouvir você agora.

— Qual é a vergonha? Você que estava vendo paus em horário de expediente.

— Meu expediente já acabou.

— Pois, sendo assim, viva aos paus!

— Eu te odeio. — Ele ri se aproximando e eu levanto o rosto, quando ele pega no meu queixo, observando-me em silêncio. Fecho os olhos, recebendo um beijo gentil, e gosto da sensação em meu peito.

Dylan Venturelli está entrando em um novo nível na minha vida, as últimas semanas foram simplesmente incríveis para mim. Saímos juntos, conversamos, brincamos e fizemos uma boa quantidade de sexo. O problema é que quanto mais tenho dele, mais o quero. Não consigo pensar no que fazer quando isso acabar, quando ele aparecer com modelos de novo, esfregando na minha cara que fui só um passatempo. Eu apenas não consigo evitar de pensar nisso.

Mas o outro lado da minha mente me permite estar com ele sem toda essa preocupação que não deveria existir, porém, eu me importo. Os deuses sabem como me importo. Importo-me se ele vai elogiar o meu cabelo ou se vai reparar nas minhas unhas, como ele sempre faz. Chego no meu tão temido momento: Importar-me de forma afetiva com Dylan, ele está na minha cabeça praticamente o tempo inteiro.

Eu não sei o que fazer, apenas deixo tudo acontecer, sem medo do futuro.

— Que tal irmos para o meu apartamento? — ele pergunta, beijando o canto da minha boca.

— Pode ser, prometo deixar o catálogo de pênis em casa. — Ele ri de uma maneira gostosa e me encara em seguida, suspirando.

— Você vai ser a minha perdição, Lisa Morris — ele sussurra meio pensativo. Dou um sorrisinho e aperto o seu nariz, empurrando-o para trás em seguida.

Viro-me para a tela do computador e o desligo sobre o seu olhar.

— Como foi com os Lancaster? — Sua reunião foi às três da tarde e já são seis horas. A reunião foi longa.

— *Com quem você acha que trabalha?* — Ele imita a minha pergunta de mais cedo, e eu balanço a cabeça, sorrindo.

— Foi tudo bem, então?

— Nada que uma porção de elogios não resolva, e uma boa dose de Whiskey para completar. — Ele afrouxa a gravata azul-marinho sobre a camisa branca social. — Só mais alguns dias e teremos eles, graças a você.

Encaro-o.

— Só fiz a introdução, você fez o resto.

— Mas sem a introdução, não há continuação. — Ele aponta para mim antes de olhar para o bolso de sua calça, quando o seu celular começa a tocar. — Espere um minuto.

Aceno e ele se vira de costas, caminhando até a minha máquina de xerox, que fora substituída por uma nova. Vou guardando as minhas coisas dentro da bolsa e escutando alguns ruídos estressados vindo dele. Posiciono a minha cadeira no lugar que sempre deixo antes de ir embora.

— Eu estou indo. — É o que ele diz antes de desligar e vir até mim.

— O que houve?

— Aconteceu um problema na minha boate.

Levanto uma sobrancelha.

— Uma... boate?

— Sim, Lisa. Aquilo que as pessoas vão para dançar, beber e se diver...

— Você está tão engraçado ultimamente. — Dou um sorriso falso.

Vou mandar o pau mole e enrugado para Emy e falando que é o seu, babaca.

— Essa boate que tenho, Peter e eu somos donos. A abrimos há alguns anos. Ainda está na sua primeira experiência de chegar ao sucesso.

— Precisa ir até lá e resolver o problema — afirmo.

— Exato, Peter já está a caminho também.

— Tudo bem. Nos vemos amanhã? É sábado mesmo.

— Você vai comigo.

Levanto a sobancelha mais uma vez.

— Oh...

— Não vou demorar, podemos jantar depois.

— Comida de graça? Interessante.

Ele sorri e sai da minha frente, dizendo que pegaria o paletó preto na sua sala. Arrumo-me um pouco na frente na vidraça e o sigo para o elevador. Logo depois, pergunto coisas aleatórias, até que a conversa se estende para jogos de futebol. Eu não assisto futebol, mas é simples conversar com ele. Quanto mais nos distamos da empresa, mais minha barriga treme de fome. Só tinha comido aquele espaguete delicioso no almoço e nada mais desde então.

Ao sentir o carro estacionando, eu entendo que chegamos e, vejo o letreiro gigante chamando a atenção de qualquer um que passasse ali. Está escrito *Fest Club* bem no centro. Quando entramos, eu fiquei de boca aberta. A boate é enorme e moderna, a pista de dança é ampla e chamativa, com alguns refletores de luzes. Ao redor tem mesas de vidro com cadeiras de metal. No bar há um balcão com alguns banquinhos vermelhos e as prateleiras têm bebidas de todos os tipos e cores.

— Posso fazer uma pergunta? — ele pede ao me ver admirar o lugar.

— Faça.

— Você sempre olha fotos daquele tipo?

Franzo o cenho e olho para ele.

Ai, meu Deus, ele me acha uma pervertida.

— Não, Dylan. Emily me mandou, era uma brincadeira idiota.

Ele meneia a cabeça e eu dou um passo para frente, com um questionamento no rosto.

— Por quê? Não quer que eu veja outros peixinhos grandes no mar?

Sua expressão se fecha em tédio.

— Quantos anos você tem? Onze?

— É só uma pergunta. — Dou de ombros.

Quando penso que teria uma resposta sua, somos interrompidos por uma silhueta feminina, que pula na sua frente, agarrando o seu corpo para um abraço super apertado. Dou até um passo para trás quando ela se pendura nele de uma forma que... *me irrita.*

— Olá, chefinho. — Ela diz, animada, levando os lábios para o rosto dele. Aperto os dedos, vendo o beijo perto demais da sua boca. Dylan dá um sorriso sem graça e a afasta sutilmente.

— Olá, Natalie.

Natalie tem cabelo preto, é alta e nota-se alguns procedimentos estéticos em seu rosto, o que, na verdade, a deixam bonita. Ela está usando um shortinho extremamente curto e uma blusa branca de alça colada ao corpo. Seus seios podem quase sair se ela der outro pulo daquele.

— Você está lindo, chefinho. — Ela aperta o músculo do braço dele e eu cruzo os meus sobre o peito, encarando a sua mão.

Dylan sorri em agradecimento e olha para mim.

— Natalie, esta é Lisa, minha noiva.

Está quase que escrito em seu rosto o descontentamento pela apresentação. Ela olha para mim e dá um sorriso estranho, como se o forçasse. Mesmo

assim, estico a minha mão para cumprimentá-la, mas ela não faz o mesmo, deixando-me irritada com a sua presença. Fecho a mão no ar e respiro fundo, fingindo que não levei um fora.

— Peter veio aqui? — Dylan pergunta depois do silêncio estranho.

— Ainda não, mas Lincoln está no depósito conferindo as bebidas novamente.

— Quando ele chegar, mande-o para o meu escritório.

— Claro, chefinho. — Ela passa a mão no ombro dele. A sensação amarga na boca não sai de mim.

— Acho que isso irá demorar, baby. — Ele me olha, meio culpado, e eu concordo com a cabeça.

— Vou ligar para Emy e vamos jantar juntas. — Ele apenas concorda, vendo-me pegar o celular da bolsa e mandar uma mensagem pedindo para que ela me encontrasse na boate. Depois que ela confirma, mando o endereço e guardo o aparelho de novo.

— Ele já deveria ter chegado... — Dylan fala pegando o celular do bolso, enquanto Natalie ainda esfrega a mão nele. Acho que não consigo esconder o estado irritado ao qual me encontro.

— Não se preocupe, ele chegará. Quer que eu te acompanhe até a sua sala, chefinho?

— Dylan — interrompo aquela porra, chamando a atenção dos dois, mas estou olhando para ela. — O nome dele é Dylan.

O filho da mãe vê o meu esfregar de dedos e os lábios torcidos em descontentamento que eu tinha no rosto. Ele apenas semicerra os olhos antes de dar um sorriso de lado. Natalie levanta uma sobrancelha quando olho para a sua mão atrevida e depois em seus olhos.

— O quê? — Ela pergunta e cruza os braços, fazendo pose de durona.

— Só estou te dando uma dica. O nome do seu chefe é Dylan. Apelidos assim criam um ambiente confuso entre chefe e funcionária. — *Cristo, o que eu estou dizendo?!*

— Você é funcionária dele, não? Aposto que tem um apelido — ela me enfrenta.

— Querido... baby... vida e, em breve... — Dei um sorrisinho pequeno — marido. Mas o nosso caso é diferente.

Eu gosto de acreditar nisso.

Ela pisca, abrindo os lábios, e varia os seus olhares entre mim e Dylan quando passo a minha mão esquerda no cabelo, fazendo o meu anel de noivado brilhar naquele lugar.

— Tem Daddy também, mas não vamos entrar nesse ponto — digo antes de sentir a mão forte na minha cintura me puxando para o seu peito, como se quisesse me calar. Olho para Dylan, que me olha de sobrelance erguida. Também ergo a minha e nós discutimos assim, em silêncio e com sobrelances.

— Pode voltar a polir as garrafas, Natalie. Obrigado. — Ele a dispensa olhando para mim daquele jeito excitado que ele faz.

Olho para o lado, vendo-a partir. Suspiro, encarando-o novamente. Não tenho ideia do que falarei agora sem parecer uma psicopata.

Ok, eu não gostei de vê-la flertando com ele, vou ser apedrejada por isso?!

O filho da puta acabou de ter a sua vingança.

— O que diabos foi isso?

— Isso o quê? — Faço-me de desentendida.

— Você não gostou, não é? — Suas mãos subiram pelo cabelo, levando-o para cima, e eu mordo o lábio com a sensação gostosa do toque. — Não gostou de ver alguém flertando comigo.

— Você está se achando um pouco.

— Agora sabe o que senti quando vi aquele jornalista idiota dando em cima de você.

— Dylan...

— Há algo acontecendo, Lisa. — Ele desce os dedos pelo meu rosto, até chegar ao meu pescoço. — E você sente isso também.

Como um homem pode mexer tanto com a minha cabeça? Como eu pude deixar isso acontecer?!

Dylan se aproximara de mim de forma tão rápida, que não me preparei emocionalmente para tê-lo. Agora estou aqui, toda confusa e com a respiração descompassada, mas, apesar dessa situação, não posso deixar de ouvir outra que vem da nossa lateral, como um furacão.

Olho para lá, vendo Emy e Peter se aproximando com uma péssima cara um para o outro. Conhecendo a minha amiga como conheço, posso dizer, com total certeza, que ela discutiu com alguém.

*Bônus
Peter Ross*

Estou parado em frente a vidraça da minha sala, olhando a bela cidade de Nova York e pensando no império que construí sozinho durante esses anos que passaram. Girando o anel no meu dedo indicador, contemplo a bela vista que consegui em um dos melhores prédios da cidade. Carros trafegam pelas ruas e pessoas caminham normalmente.

Passei um mês viajando para fora dos Estados Unidos, fechando contratos importantes, e cheguei

alguns dias atrás. A primeira coisa que fiz, além de transar com a comissária de bordo no banheiro do avião, foi encontrar Adam, o meu melhor amigo.

Adam, Dylan e Nate Venturelli são as melhores coisas que já me aconteceram, sempre serei grato à minha mãe por ter me criado perto dessa família que sempre me acolheu desde pequeno, até quando estava lidando com as merdas da minha própria família. Sempre pude contar com eles e não acho que um dia será diferente. Apesar desses trinta dias longe, é bom estar de volta, e dessa vez pretendo ficar em Nova York por algum tempo.

Não para acompanhar a fofoca que é Dylan e Lisa nesse noivado de mentira, não, só vou ficar para apoiar o meu amigo, e... foda-se, acompanhar a fofoca. Mas pelo que estou vendo ultimamente, as suposições do relacionamento de verdade entre eles vai ser o tópico principal nas nossas conversas. Conheço Dylan há vinte e nove anos e nunca o vi rir para uma mulher antes, nem nos namoros de adolescência ou os mais perigosos, mas o jeito que ele ri com a Lisa... me diz o suficiente.

Estou quase no final do meu expediente quando recebo uma ligação do próprio, pedindo para eu ir até a boate que temos juntos. Respondo de maneira imediata que iria e sigo o meu caminho depois de vestir o meu terno azul-escuro no caminho do estacionamento. Como a boate é praticamente na esquina da minha empresa, decido ir andando para aproveitar um pouco o fim da tarde, que está muito bonita.

Ando tranquilamente pela rua, quando uma mensagem de Samantha chega no meu celular. Samantha é minha amiga de longa data, temos um relacionamento diferente, onde um está disposto a atender às necessidades do outro de forma curta. Nós transamos quase todo final de semana quando estou na cidade. Ela é perfeita, nunca se apaixonaria por mim ou

faria um espetáculo em um restaurante, alegando que eu tinha colocado um filho em sua barriga, como já aconteceu comigo uma vez.

Estou digitando para ela, quando esbarro em alguém, que cai com o impacto dos nossos corpos. Meus olhos vão direto nessa pessoa e vejo que é uma mulher. Ela cai em uma pequena área que tinha barro e acaba se sujando completamente. Sua calça é branca e sua blusa meio que rosa, não sei direito, estou concentrado demais no seu corpo, que é formado por belas curvas e em seus cabelos, que são amarelos como o sol.

Porra. Eu adoro loiras.

Emily Brooks

— Qual é o problema de deixar passar um dólar para uma garota bonita?

— Você não é uma garota bonita — diz o taxista de sessenta anos se achando o Leonardo DiCaprio.

— Eu não tenho um dólar, já te dei o meu dinheiro todo nessa corrida — digo a ele, que suspira como se eu fosse o maior teste de paciência que ele encontrara naquele dia. — E você disse quinze dólares.

— Dezesseis!

— Quinze!

E aí a discussão começa. Ele freia com o carro antes de chegar no destino, quando falo que já tinha separado quinze dólares para efetuar o pagamento da corrida.

— Como tem tanta certeza de ter passado dezesseis? Você já tem cara que mente para a esposa dizendo que tomou banho, mas na verdade ficou na frente da televisão a noite toda e bebendo cerveja — digo e ele me olha chocado. Odeio essa mania de falar os meus achismos em voz alta.

— Saia do meu carro!

Isso!

— Mas...

— Mas nada, pode sair.

— Poxa. — Mexo na minha bolsa e tiro um dólar, que estava lá dentro todo esse tempo. Aponto para ele. — Até te daria isso aqui, mas você disse que eu não sou uma garota bonita.

Seguro-me para não rir da sua cara e salto para fora do táxi quando percebo que ele vai arrancar dali, levando-me com ele para me jogar em um lixão ou algo assim. Talvez eu pudesse voltar com esse um dólar se isso acontecesse. Ouço a vozinha chata na minha cabeça, que eu chamo de “voz da razão”. Não a deixo aparecer muito, porque ela corta a minha festa, mas ela diz que eu brinco com a morte.

Como pode?! Que atrevida!

Mas é verdade.

Eu não sou uma mulher comum, sou pior em todos os sentidos. Não tenho medo de viver ou de me privar daquilo que eu quero. Já encontrei pessoas que não gostaram da minha personalidade e fiz igual esse tio do táxi que me expulsou do carro. A vida é muita curta, não preciso seguir roteiros, feitos por homens e mulheres, sobre como devo ser. Eu sou o que eu quero.

E no momento eu sou uma garota bonita perdida em Nova York.

— Droga! — reclamo vendo o GPS no meu celular. O taxista me deixou em uma esquina que eu não

conheço, então preciso de ajuda para chegar nessa boate e sequestrar minha morena para alimentá-la.

Estou atenta à tela do aparelho, que nem consigo sequer notar que há alguém na minha frente. Isso acaba nos fazendo chocar com tanta força, que eu vou para trás de forma desengonçada, caindo no chão de maneira nada glamurosa. Caio sem pudor, apoiando minhas mãos no chão, já que o meu celular voa longe. Percebo que caí justamente onde tinha um pouco de barro, que suja toda a minha calça branca. Eu tenho um curto surto interno.

O dia está ótimo hoje! Estou sem o meu carro, fiz um inimigo taxista e estou toda suja de barro, parecendo que me caguei toda.

— Porra! Perdeu os olhos nos peitos da mãe?! — Grito alto olhando para baixo e analisando a minha situação.

Ruim, como imaginei.

— Espera, o que você disse? — A voz grave que surge me fez paralisar.

Olho para cima e levanto um pouco as sobrancelhas.

O que é isso, meu pai?! Eu morri com esse choque? Cadê o resto dos anjinhos? Na verdade, este está mais para diabinho.

O homem parece um poste de tão enorme. Seu cabelo é de um castanho-escuro, combinando com a sua barba bem-feita. Seus olhos são castanhos intensos, seu rosto é esculpido e seu corpo é musculoso e grande. Sinto-me uma formiga perto dele.

Fico sem fala por alguns segundos e ele arqueia uma sobrancelha, como se o meu silêncio o assustasse. Olho para baixo, vendo o meu estado, e logo volto a mim.

— Olha o que você fez. — Aponto para o meu corpo e isso aparentemente é hilário, porque um sorriso surge em seus lábios. Meu sangue ferve.

— Eu não fiz nada, não ponha a culpa em mim por causa dos seus erros, isso foi totalmente culpa sua, loirinha.

Era bonito demais para ser verdade. E... *loirinha?*

— Você que não presta a atenção, parece uma parede levando todo mundo, idiota.

— Você é muito desbocada.

— Eu deveria te processar.

O sorriso se alarga.

— Você é brava também.

— Não, sou uma mulher inocente que se chocou com o grande amor da vida dela. — Junto as mãos de forma debochada. — Agora vamos viver felizes para sempre.

— Que porra... quem diabos é você?

— Com certeza não sou a sua mãe, pois se fosse, teria te ensinado a engatinhar na infância para não esbarrar em pessoas na rua anos depois.

Ele ri disso. Eu estou querendo discutir e ele só sabe rir de mim. É, no mínimo, estressante.

— Certo, é melhor se levantar. — Ele me estica a mão.

Olha, será que ele é educado?

Ah, tá! Olha a piada, Brooks.

Pego em sua mão e meu coração acelera ao sentir um pequeno choque me atingir de maneira imediata, levando tudo pelas minhas células. Ele sente também, porque, pela expressão que fez, não entende nada, assim como eu. Depois de me ajudar a levantar, ele se abaixa, pegando o meu celular do chão, que está perto do seu pé, mas antes de me devolver, como uma pessoa de escrúpulos faria, ele leu o que tinha na tela.

— Ei, me dê isso. — Puxo o celular da sua mão.

— Precisava saber o que tanto distraiu você para quase me matar na rua. — Ele gira o anel prateado no dedo indicador.

Agora que vejo tal gesto, percebo que ele tinha algumas tatuagens nos dedos e na mão. Não duvido que tenha também por baixo desse terno azul-escuro impecável. Reviro os olhos depois da sua fala, e ajeito a minha roupa. Abaixo a minha blusa, que está um pouco bagunçada, e tento limpar um pouco a calça, mas era inútil, já que a porra é branca.

Nesse meio tempo, fico resmungando baixinho para mim mesma sobre as dificuldades da vida e em como a noite pode ser pior do que o dia. Tenho um péssimo costume de fazer isso. Estou com a cabeça baixa, quando escuto uma risadinha.

— O que ainda está fazendo aqui? — pergunto.

— Estava ouvindo você resmungar. Você sempre faz isso? — pergunta divertido.

Ergo a minha mão fechada na altura do seu rosto, que a olha atentamente. Quando vejo que tenho a sua atenção, levanto o dedo do meio bem na sua cara e saio andando de lá, deixando-o de boca aberta. Pego o celular e coloco no GPS novamente, olho várias vezes para a tela, para ver se era isso realmente o que eu estou vendo.

Eu estou indo na direção oposta.

Ele está dizendo para eu voltar e seguir adiante, ou seja, teria que voltar por onde passei e ver aquele idiota de novo. Suspiro e me viro, desejando profundamente que ele não estivesse mais lá.

Mas lá estava ele de pé, com as mãos no bolso da calça e um sorriso maior do que ele. Caminho em sua direção, tentando manter a calma para não voar em seu pescoço.

— Ah, olha ela aí. — Ele debocha, cruzando os braços. — Sabia que você ia voltar, estou pronto para aceitar as suas desculpas.

— O que você quer? — pergunto irritada.

— Vi no seu celular que estava indo para a boate Fast Club, que, por coincidência... é para onde estou indo.

Céus, o que eu fiz para estar sendo castigada de forma tão dura? Foi o carinha do táxi? Eu dou o dólar que falta, juro.

— Legal, cara. Quer que eu te pague a entrada da boate?

Ele sorri e faz sinal com a mão para que eu passasse na sua frente. Franzo o cenho.

— Você obviamente não sabe o caminho...

— Porém eu tenho o GPS.

— Oh, aquele aplicativo que estava te levando para o Egito?

Reviro os olhos.

— Certo, mas se você tentar algo, eu vou gritar.

— Não se preocupe com isso.

Relaxo os ombros, gostando da forma calma como isso soou. Ok, ele não parece um psicopata ou um stalker que está tentando me atrair com esse papinho de estarmos indo para algum lugar. Sei o que está pensando. *“Que mulher neurótica”*. Mas a verdade é que todas nós devemos ser um pouquinho. Suspiro guardando o meu celular na bolsa, e caminho para o lugar onde ele indica.

Estou andando de cara fechada e com os braços cruzados, porque, a cada passo, eu sinto a sujeira que está na minha bunda. Durante o trajeto, penso em algumas lojas de roupas que seriam possíveis de ter por esse lugar.

— Qual é o seu nome? — pergunta de repente, tirando-me de alguns pensamentos.

— Isso não é muito relevante — falo.

— Sempre fica na defensiva assim?

— Você também ficaria se tivesse a bunda suja.

— Ele olha para a minha bunda em seguida e eu junto as

sobrancelhas, balançando a mão para chamar a sua atenção de volta para os meus olhos.

— Já disse que a culpa foi sua. Você que estava distraída. — Faço uma cara de tédio. — E ainda não se desculpou comigo.

— Quer saber? — Paro na sua frente e afundo o meu indicador no seu peito. Os olhos castanhos estão vidrados nos meus. — Vai à merda.

Sua expressão divertida vai, como um raio, para outra. Ele parece ficar extremamente irritado enquanto me olha, como se fosse me atacar. Eu abro os lábios, tropeçando para trás ao ver seus passos duros em minha direção. Minha respiração parece desregular e minha mente gira quando eu sinto seu cheiro com uma mistura de perfume e seu próprio odor masculino.

Assim que seu olhar desce para a minha boca, eu sinto meu peito apertar e um nervoso besta parece dominar a minha barriga. Como uma adolescente, aperto os meus lábios sem tirar os olhos dele e engulo em seco quando ele aperta o maxilar com força antes de me olhar uma última vez. Logo depois, eu o observo sair da minha frente, e abaixo o olhar, querendo focar a minha mente no presente.

Que... porra foi essa?

Olho em volta, lembrando-me que preciso dele, e sigo adiante atrás daquele brutamontes. Ele dá passos largos e eu praticamente corro. Droga! Eu não sei o endereço. Quando dobramos em uma rua, eu vejo a placa da boate, que é quase impossível de não ser notada.

Nossa! É bem grande.

Ele chega antes que eu, lógico, mas foi parado por um senhor que pedia alguns trocados para comer. Aproveito-me disso e passo por ele, dando um sorrisinho ridículo de vitória, enquanto o vejo dar uma nota de... cem dólares?!

Arregalo os olhos.

Será que ele não quer me dar algumas notas? Eu deveria ter pedido isso antes de mandá-lo à merda.

Adentro o ambiente e sigo reto, quando, sem querer, acabo tropeçando em uma vassoura e quase caio de cara no chão. Por que minhas pernas parecem fracas de repente? Firmo-me no chão e vejo o idiota atrás de mim. Ando rápido novamente, mas ele me alcança, e logo estamos lado a lado.

Chegamos na pista de dança e vejo Lisa e Dylan conversando de uma maneira íntima, já que ele tem os braços em volta dela. Os dois parecem perceber a nossa aproximação, eu com a cara de quem comeu e não gostou, e ele com a cara de quem iria matar um.

Não o conheço, mas já odeio esse cretino!

CAPÍTULO 16

Lisa Morris

“Não pense que porque você está comigo, isto é real”

— Por que você está tão vermelha?

— É ódio — Emy responde parando ao meu lado e Peter ao lado de Dylan que, assim como eu, parece confuso.

— Podemos falar no escritório? — Peter pede a ele, que acena com a cabeça e a sobancelha erguida.

Dylan olha para mim e depois aponta, sem dizer realmente alguma coisa, mas pelo seu olhar eu entendo que ele gostaria de continuar a nossa conversa em outro momento. Eu apenas dou um sorrisinho, concordando.

— Se precisarem de algo, é só pedir a Susie — ele avisa.

— Eu! — Susie aparece, sabe Deus de onde, na nossa frente com um grande sorriso no rosto, pronta para nos atender.

— Obrigada, Dylan. Pelo menos você é educado. — Franço o cenho. *Dois dias atrás ela estava falando que ele era um safado.* — Deveria dar conselhos aos seus amigos.

Vejo Peter bufar, irritado, e sussurrar:

— Mulher irritada do caralho.

Sorrio involuntariamente, e paro na hora quando vejo Emy me lançar um olhar mortal. Assisto os dois indo

em direção a escada, deixando-nos sozinhas para conversar.

— Sou Susie Jones. — A mulher levanta a mão para me cumprimentar e eu olho para ela, sorrindo. Susie parece ser uma pessoa gentil e receptiva. Ela usa uma bota de cano curto, um short jeans azul e um casaco listrado na cintura. Sua camiseta é preta e tem o rosto do Charlie Chaplin estampado.

— Lisa Morris. E essa é minha amiga, Emily Brooks. — Fazemos os cumprimentos.

— Você é mais bonita pessoalmente — ela fala e eu aceno quando ela aponta para o anel na minha mão, lembrando que sou a noiva de um bilionário influente e agora conhecida. *Tadinha, não sabe nem da metade.* — Vocês querem alguma coisa?

— Eu gostaria de um copo de água, por favor — peço.

— Dose dupla de Whiskey puro — Emy pede e eu arregalo os olhos.

Susie nos deixa a sós depois de piscar várias vezes, por causa pedido, e caminha até chegar na portinha onde deve ficar o estoque de bebidas. Emy e eu fomos até umas das mesas de vidro e nos acomodamos para conversarmos um pouco antes desse lugar abrir daqui a algumas horas.

— Certo, você pediu dose dupla da sua bebida favorita, o que significa que você encontrou o Channing Tatum por aí, ou teve um problema muito sério com a sua roupa.

Ela dá um sorriso falso e se levanta, mostrando-me a sua bunda toda suja de... aquilo era cocô?

— Isso não é cocô — diz ela.

Aperto os lábios.

— Sem Channing Tatum então?

— Quem dera que fosse. — Ela se senta de novo. Pelo menos aquela sujeira toda já parece estar seca. — E

ainda disseram que eu não era uma garota bonita.

— Mas você é linda.

— Eu sei disso!

Rio baixinho, descansando as mãos sobre o colo.

— Conte o que aconteceu.

— Meu carro parou de funcionar esta manhã, por isso decidi vir de táxi, mas o taxista disse que a corrida era quinze dólares e depois me cobrou um dólar a mais.

Levanto uma sobrancelha.

— Você brigou por causa de um dólar?

— Você quem vai se casar com um cara rico, não eu.

— Eu não vou me casar com ele.

— Aham — ela debocha e eu franzo o cenho antes dela continuar. — Como fui jogada ruas antes da boate, eu decidi vir andando, sendo guiada pelo GPS do celular, mas eu sou péssima, TERRIVLMENTE péssima, mexendo naquela coisa. Fiquei tão concentrada nele, que esbarrei no senhor músculos ali, e acabei caindo no chão com o impacto, me sujando.

— Pede uma calça de presente.

— Eu vou pedir é um assassino de aluguel. — Rio da sua careta. — Nós discutimos por um tempo e ele me ajudou a levantar, pegou o meu celular do chão, olhando para a tela, na cara de pau, e assim ele soube para onde eu estava vindo, que, por coincidência, era o mesmo lugar que ele.

— Só isso? — Ela levanta o olhar para mim e balança a cabeça, negando.

— Eu o mandei à merda e... ele se aproximou de mim como um tigre, me olhou no fundo dos olhos e encarou a minha boca como um predador, ele estava perto demais. Eu me senti intimidada, nenhum homem me intimidou assim antes, além do meu pai, mas foram coisas diferentes.

Ela fala olhando para o nada, concentrada nas suas descrições.

— Ele é o homem mais bonito que já vi — confessa baixinho, e não pude deixar de sorrir.

— Você gostou dele. — Aponto para ela. — Jesus, temos que ver o sabor do bolo.

— Sim, claro. Já falei com ele sobre isso, vamos casar nesse domingo e o sabor vai ser de morango. — Ela revira os olhos, vendo o meu sorriso imenso. Emy suspira. — Certo, ele é bonito, mas é um mal-educado, arrogante e ainda é um cretino. Pacote completo!

— Que você achou bonito.

— Não sei porque te contei essa parte.

— Bom, ele é dono dessa boate. — Emy se engasga e me encara novamente. — Na verdade, Dylan e ele são os donos.

— Cruzes, ele é rico também?

— Acho que até mais.

— Deus me livre, você sabe que eu gosto dos que não tem nada.

— Às vezes podemos abrir uma exceção para um bilionário gostoso. — Levanto a sobrancelha de forma sugestiva.

— Mais fácil eu encontrar o Channing Tatum por aí.

Continuamos conversando sobre outros assuntos até que Susie se junta a nós, trazendo as bebidas. Por insistência minha, faço-a ficar e falar um pouco sobre si mesma. Criamos uma empatia bem rápido. Descubro que ela também tem vinte e dois anos e está morando aqui, em Nova York, há pouco tempo, já que era de Seattle. Ela retruca as piadinhas humoradas de Emily, o que só conquista a loira. Ela me faz sorrir com a sua ingenuidade sobre o meu noivado falso.

— Por que quis sair de Seattle? — pergunto a ela, que suspira, afagando as mãos no colo.

— Minha mãe faleceu em Seattle há alguns meses. Ela teve Leucemia e infelizmente não consegui fazer nada. — Emy e eu nos aproximamos dela com o coração cheio de empatia. — Eu não... poderia continuar lá, eu não quero e não vou, prefiro acreditar que Nova York pode me dar mais do que noites de choro e flashes de memória que ainda não estou pronta para esquecer, mas, no fundo, eu não aguentaria ficar na minha antiga casa sem ela.

— Nós compreendemos. — Emy afaga as suas costas.

— Entendi que não quer ficar na lembrança constante que Seattle te traz. — Aperto a sua mão por cima da mesa. — Espero que você goste de Nova York.

Susie sorri, aperta minha mão e agradece à Emily, abraçando-a de lado. Fico olhando para a sua postura e chego à conclusão que fomos o famoso desabafo. Seus olhos lacrimejam e ela respira fundo, passando as mãos no rosto.

— Céus, o que aconteceu? — Ela sorri, pondo as mãos no peito. — Estou aqui há meses e não falei sobre isso com ninguém.

— Meu charme te encantou. — Emy brinca, fazendo-nos sorrir. Susie parece mais aliviada e eu percebo que ela precisava desabafar com alguém, mesmo que fosse com duas estranhas.

— Já estive em Nova York antes. — Ela diz quando Emy começa a citar pontos turísticos. — Trabalhei como assistente de um design durante dois meses com o meu recém-diploma de Administração, mas tive que voltar para Seattle quando o quadro da minha mãe piorou, eu não recebia muito no trabalho, mas me ajudou a comprar alguns remédios.

— Assistente? Uau, você mudou bastante. — Emy observa a boate e depois olha para ela.

— Decidi não trabalhar com a minha formação por um tempo, gosto de trabalhar aqui.

— Não daria certo para mim, eu iria mais beber do que atender. — A loira lamenta, fazendo-nos sorrir.

Minutos depois, uma fofoca sobre Angelina Jolie e Brad Pitt aparece entre nós e eu rio alto com os comentários de Emily. Estou rindo tanto que até me assusto ao sentir a mão forte pousar no meu ombro e o cheiro gostoso que eu reconheceria em qualquer lugar.

— Venha aqui.

— Sim, vai me dar um biscoitinho também? — Levanto uma sobancelha para Dylan, que sorri depois de revirar os olhos.

— Pode me seguir, minha adorável dama?

— Não gostei muito da falsidade, mas vamos. — Saio da cadeira, seguindo-o em silêncio. Em uma posição afastada de todos, ele começa a falar.

— Pensei que acabaria antes, mas realmente não tem como. Nos vemos amanhã?

— Oh, não. — Coloco as mãos no rosto, fingindo chorar, e eu juro que o escuto me dando um tapa mentalmente. — Como poderei sobrevi...

— Tá bom, engraçadinha. — Ele agarra o meu braço, vendo-me sorrir, e me traz para mais perto. Os olhos verdes se fixam nos meus por alguns segundos e eu junto as sobancelhas quando ele parece nervoso de repente. — Escute, amanhã à noite eu passarei no seu apartamento.

Cruzo os braços casualmente.

— Certo, algum evento?

— Não.

— Jantar com os seus pais?

— Hum... não.

— Vamos ser fotografados?

— Não, Lisa. Vamos jantar.

— Tipo, sem flashes?

— É, só eu e você, algo contra? — Prendo a respiração e depois faço a minha melhor expressão, para não demonstrar surpresa.

— Não, para mim está bom.

— Ótimo.

— Ótimo — repito.

Oh, meu Deus, ele acabara de me chamar para um encontro, só que do jeito dele.

— Você me entendeu, certo? — Seus olhos eram adoráveis.

— Não me insulte, senhor Venturelli. — Balanço sua gravata e saio da sua frente, caminhando por onde vim. No meio do trajeto, eu viro o rosto para trás, com um sorriso malicioso. Ele passa a língua nos lábios, pondo as mãos dentro do bolso da calça social.

PUTA MERDA!

Nós tínhamos um encontro!

Mal consigo falar quando chego na mesa com as meninas, que conversavam sobre algum restaurante cheio de baratas em Nova York, alguns deles são infestados dessas pragas. Falo para Emy que tínhamos de ir e Susie se despede de nós com um abraço caloroso. Trocamos números e marcamos outra coisa no futuro. Vejo Dylan e Peter se aproximando, e me despeço de Peter, que encara a tela do seu celular em seguida.

— Não esqueça do nosso jantar. Eu gostaria de escolher o restaurante, pode ser? — Dylan pergunta.

— Ach...

— Claro, cara. Menos japa, que eu não gosto. — Peter me interrompe ainda olhando para o celular. Percebendo o silêncio, ele levanta a cabeça nos encarando.

— Eu não estava falando com você, idiota — diz Dylan.

— Foi mal, estava distraído.

— É o que ele faz de melhor — diz Emy, fazendo-o apertar o maxilar.

— Tem outras coisas que eu faço muito melhor. Quer ver, loirinha?

Emy sorri falso e desvia os olhos.

— Cretino — ela sussurra.

— O que você disse? — Peter pergunta, sério.

— Eu disse que você é...

— Nada! Ela não disse nada. Vamos, Emily. — Puxo-a de lá antes que a guerra mundial comece pela terceira vez.

— Vamos para casa, nem a pau que vou ficar suja de cocô.

— Você disse que não era cocô — lembro.

— A essa altura acha que eu vou convencer quem?



Já é outro dia, outro horário e outro cenário, mas o friozinho na minha barriga é o mesmo desde ontem, quando eu disse “*para mim está bom*”. Ainda é difícil de acreditar que estou me vestindo e me arrumando no meu quarto, super ansiosa para às 19h dessa noite chegar.

Sei que pareço uma adolescente trocando e combinando roupa na frente do espelho, tentando ver qual fica mais bonita em mim. Experimento tantos pares, que minha melhor amiga já está entediada deitada na cama, de cabeça para baixo, jogando uma bolinha de tênis na parede, que vai e volta. Passo as mãos no meu vestido preto apertado e sorrio para o espelho.

Peitos salientes, mas não a ponto de pularem para fora? Confere. Pernas destacadas e brilhantes por causa do óleo corporal? Confere. Cabelo solto, mas sempre atrás dos ombros para mostrar a joia na minha clavícula? Confere.

— Lisa, você está perfeita, não troque mais de roupa — Emily implora. Quando contei do encontro, ela só disse: *“Minha nossa, sério? Quem disse que isso aconteceria? Oh, sim, eu!”*.

— Eu estou nervosa, qual é o meu problema?

— Caiu no feitiço.

Reviro os olhos.

— Será que está bom mesmo? Acho que o rosa...

— Pelo amor de Deus! — ela resmungava. — Eu nunca vi você assim, nem quando estava com o Tristan.

— Não fale desse canalha. — Aponto para ela, que coloca a mão na boca.

— Você parece uma garotinha. Você gosta dele, Lisa.

— Não, não gosto. — Abro os braços, olhando-a pelo reflexo do espelho.

— Quer saber? Acho que o rosa ficaria melhor, Dylan ia adorar.

— Merda, você tem razão... não, não. — Viro-me para ela, que está sorrindo. — Não faça esses joguinhos psicológicos comigo.

— Você se importa e você aceitou sair com ele, não faria isso se não sentisse algo.

— Desde quando você dá conselhos amorosos?

— Desde a quarta roupa que você experimentou duas horas atrás. — Ela me mostra o dedo do meio.

Suspiro não querendo pensar nisso agora, e ando até a minha poltrona do outro lado do quarto para pegar o meu celular. Vejo a hora na tela, que consta ser 18h59 da noite. Aperto os lábios, sabendo que ele já deve estar por aqui, mostrando o seu lado sempre pontual para

tudo. Calço os sapatos pretos Louboutin e ajeito o meu cabelo no espelho, dizendo que essa noite será ótima.

Às sete em ponto, eu olho para a porta do meu apartamento com um sorriso maior do que a lua, esfrego os dedos nervosamente, e engulo em seco quando não ouço nada nos segundos seguintes. Quando olho na tela do celular novamente, vejo 19h02 da noite. Isso me fez franzir o cenho e caminhar para a sala de estar timidamente. Paro na porta, abrindo-a, e deixo os meus olhos vagarem pelo corredor à procura do seu terno preto, mas recebo um balde de água fria em troca. Ele não está lá.

— Cadê ele? Foi ao banheiro? — Emy surge do meu quarto, vendo-me fechar a porta. Eu nego com a cabeça.

— Ele não está aqui.

— Impossível. — Ela olha para o horário no relógio e franze o cenho antes de me olhar novamente. — Talvez ele esteja preso no trânsito, ele já vai chegar.

— É, você tem razão. — Ando até o sofá. — Vou esperar.

— Certo, vou tomar banho. Quando sair, leva a chave. — Ela pega a minha chave de cima do rack, onde fica a televisão, e joga para mim, que agarro.

Mexo na chave que deveria estar no potinho. Esqueci de pôr quando cheguei do meu jantar com Emily ontem à noite. Não falei com Dylan o sábado inteiro, nem mandei uma mensagem para confirmar o nosso encontro de hoje, pensei que estivesse tudo certo e que ele estaria tão empolgado quanto eu. Mas quanto mais os minutos passam, mais fico apreensiva sentada no sofá.

Emily termina o seu banho e até fica comigo um pouco, tentando me fazer esquecer que eu estava prestes a levar um bolo. Até que ela recebe uma ligação de trabalho e vai para o seu quarto mexer no seu novo projeto.

Eu me recuso a olhar a hora no meu celular, mas eu sei que é tarde. Minha mente não para de trabalhar e tudo aponta para um sentimento triste no meu peito. A decepção me envolve e me coloca na cama com rapidez.

Sinto os meus olhos lacrimejando e eu me odeio por ser tão sensível, mas acho que nenhuma pessoa conseguiria ficar bem com o fato de ter suas expectativas quebradas, como vidro. Balanço a cabeça e viro o celular na minha mão, vendo meia-noite na tela. Meus olhos pulam e eu passo a mão embaixo do nariz. Com o pulso ainda forte, eu entro na minha lista de contatos e clico em cima do seu nome.

Se ele se arrependeu de sair comigo, pelo menos que dissesse isso para mim.

O celular chama umas cinco vezes antes da voz eletrônica me pedir para deixar um recado. Desligo o celular, jogando-o no sofá, e me levanto ainda com a chave na mão. Meus olhos pesam e minhas costas doem do cochilo rápido que eu dei ao esperar por ele todo esse tempo.

Escuto a porta do quarto de Emy se abrindo e ela sai de lá com um pijama rosa, enquanto boceja e esfrega os olhos. Ela se assusta ao me ver parada ali e franze o cenho.

— O que...

— Não quero falar sobre isso, Emily. — Suspiro, tirando os sapatos. — Não agora.

Ela faz uma expressão triste, como a minha, e, por incrível que pareça, eu estou aliviada, não menos machucada, mas aliviada. Sempre soube que Dylan não era o cara para mim, mas eu quis fechar os meus olhos e viver o momento, mas acontece que adultos não fazem isso, eles planejam e fazem o que tem que ser feito. Está na hora de eu abandonar a fantasia.

Caminho para o meu quarto, em silêncio, sendo seguida pelo olhar da minha amiga, que agora parece

irritada, assim como eu estava na primeira hora da minha humilhação. Paro perto dela e coloco a minha chave na sua mão.

— Não vou para lugar nenhum — digo. Saio do seu lado, indo direto para a minha cama, para apagar esse dia da cabeça, como sempre faço com os meus dias ruins.

CAPÍTULO 17

Lisa Morris

*“Eu desejo o seu gosto durante a noite inteira,
até a manhã chegar”*

Mais uma semana inicia para mim. É segunda-feira e eu estou com o meu humor matinal maravilhoso!

Ou nem tanto assim.

— Mucura, onde você colocou as minhas meias?

Emily anda de um lado para o outro com as roupas tortas e o cabelo bagunçado. Ela parece atrasada e eu estou comendo uma tigela de cereal super despreocupada com a situação.

— Está no sofá, procure — falo.

— Eu já procurei e não achei. — Ela para na minha frente, colocando a mão na cintura. Eu largo a colher, que fez um barulho chato na tigela branca.

— Se eu for até lá e achar... eu vou bater em você — digo, séria.

Emy dá de ombros e eu me levanto à procura das meias, que eu tenho certeza de que estão no sofá, porque eu as coloquei lá. Tiro algumas almofadas de cima e não demora nem cinco segundos até achar o que ela queria. Emy abre a boca, chocada, e eu reviro os olhos, voltando para a minha cadeira. Coloco as meias no seu peito e continuo comendo.

— Ele não ligou?

— Ele não precisa.

Ouço-a suspirar.

— Qual é o número dele? Vou mandar umas ameaças por mensagem.

— Acha que eu já não fiz? Ele não atende e não responde, então desisti dele. — Pego a minha tigela, levantando para ir até a pia. Coloco o objeto ali e me viro para ela, que me encara.

— Acha que alguma coisa aconteceu?

— Não sei, mas eu sei que me senti um lixo.

— Você o verá hoje, pergunte.

— Não sei se meu orgulho deixaria.

— Bom, o engula. Acho que você merece uma explicação, você tinha um compromisso com ele.

— Eu sei. — Abro a geladeira pegando uma fruta para comer mais tarde.

— Já estou de saída. Quer carona?

— Vamos. — Pego a minha bolsa e ela termina de se ajeitar segundos mais tarde. Nós saímos do apartamento juntas, indo direto para o elevador. Eu clico no botão, esperando-o subir. Uma vida inteira depois ele aparece e nós entramos, apertando o botão do térreo. As portas estão se fechando, quando ouvimos um grito pedindo para segurar. Coloco a mão entre as portas, para abri-las, e encaro o homem que entra no elevador, ofegante.

— Obrigado — ele diz.

— De nada. — Emy e eu falamos juntas. Minha amiga o admira em silêncio, até olhar para mim mostrando o polegar discretamente, como se o aprovasse. Ele está mais na frente e no meio. Quando vira o rosto para nós duas, um sorriso aparece e eu franzo o cenho, porque ele parece nos reconhecer.

— Olá, sou vizinho de vocês — ele diz ainda sorrindo. — Você é a garota que toca a guitarra e você...

Ele aponta para Emily.

— É a garota que faz meditação?

— Errou, eu sou a garota da guitarra — Emy responde. — E não é uma guitarra de verdade, é de um jogo.

Ele ri baixo, balançando a cabeça.

— Eu sou a garota da meditação, o que eu deveria fazer de novo — falo.

— Me chamo Caleb. — Levanta a mão e nós o cumprimentamos.

— Emily e Lisa. Dividimos o apartamento — Emy diz, apontando para nós duas.

— Entendi, parece legal. — Ele ri, mostrando as suas covinhas.

Caleb é muito charmoso, tem cabelo castanho e olhos pretos, seu rosto parece que foi desenhado a lápis com lindas covinhas, e o seu corpo é grande e atlético. O tipo perfeito de Emy.

— Você se mudou pra cá faz pouco tempo? — Emy pergunta.

— Sim, faz 3 semanas, mas só agora eu tive a oportunidade de falar com ambas — ele diz e guarda a sua chave no bolso.

— Trabalhamos o dia todo, então deve ser por isso — digo e ele me encara.

— Trabalho de noite, mas ajudo na boate pela manhã sempre que posso — ele diz e cruza os braços. Acho que está tentando nos impressionar.

— Você trabalha em uma boate? — Emy pergunta e ele confirma com um sorriso. — Isso parece legal.

Ela me olha de sobrelance erguida e eu franzo o cenho, querendo mesmo entender o que ela está tentando me dizer.

— Nós já vamos, então. Foi um prazer conhecê-lo — digo e ele para de olhar para Emily por, pelo menos, um segundo. Acho que ele gosta do que vê.

— Espero te ver novamente... — ela joga a isca e eu balaço a cabeça. Não tem jeito nenhum dela conseguir fazer isso.

— Bom, hoje à noite vai rolar uma festa na boate, umas das melhores do mês. — Abro a boca, chocada. *Não fode!* — Eu gostaria de ver vocês duas lá.

Caleb entrega um cartão preto com o endereço e o seu nome embaixo do nome da boate.

— Nós vamos — Emy diz e eu automaticamente arregalo os olhos.

Vamos, é?

— Ótimo! Espero vocês duas lá. Aqui está o meu número. — Aponta para o cartão. — Me liguem, que eu pego vocês na entrada.

Chegamos no térreo e nos despedimos dele, que vai para fora do prédio, cumprimentando o porteiro com a mão. Em uma distância favorável, eu bato na testa de Emily, que resmunga pondo a mão onde bati.

— Você enlouqueceu?!

— E você não? — Ela revira os olhos quando eu devolvo a pergunta.

— Não — responde.

— Sim! — brigo com ela. — Emily, quem vai para uma festa em plena segunda-feira?

— Nós duas, pelo visto — ela diz e guarda o cartão na bolsa. — E o gostosão do Caleb também.

— Eu não vou — digo.

— Sim, você vai, não vou te deixar em casa lamentando por um babaca quando temos a oportunidade de irmos em uma festa VIP em uma boate incrível. Ele que se foda.

Fico em silêncio.

— Prefere ficar em casa lembrando do fora que ele te deu?

Aperto o maxilar.

— Vamos à boate.

— Vamos à boate! — Ela levanta as mãos para cima e depois balança os meus ombros, animando-me. Funciona.

— Que os anjos estejam comigo.

— E os caras gostosos comigo. — Ela agarra o meu braço e me leva para fora do prédio, escutando a minha risada.

Não demoro tanto a chegar na empresa e, ainda no horário certo, vou em direção ao elevador, cumprimentando a recepcionista e o segurança do prédio, que apenas sorriem. Clico no botão e respiro fundo. Eu virei Dylan daqui a pouco segundos e preciso me controlar para não o matar por ter me deixado preocupada e com a expressão tosca de quem foi esquecida. Eu não deveria nem me importar, mas, como Emy disse, *eu malditamente me importo*.

O elevador abre, liberando o saguão da presidência. A sala de Dylan está com a porta fechada e está tudo um completo silêncio.

Merda, ele não veio trabalhar.

Vou direto para a minha sala e descanso a minha bolsa sobre a mesa. Vejo a pilha de documentos sobre o caso que ele me deu e suspiro profundamente, querendo terminar tudo isso hoje.

Depois de um tempo, decido ir até à sala de Dylan e levar os documentos necessários para a aquisição da fusão e conferir se ele realmente veio trabalhar. Confirmo as minhas suspeitas quando vejo a sala vazia.

Será que ele está me evitando por puro arrependimento de ter me deixado plantada?

Volto para a minha sala, decepcionada, com intuito de terminar o meu trabalho bem rápido e ir àquela boate beber e dançar a noite toda.

Eu preciso mesmo me distrair um pouco.



— O que você acha?

Pergunto à Emy, que está secando os cabelos enquanto eu me olhava no espelho, cercando cada detalhe do vestido vermelho. Ele está justo ao meu corpo, deixando as minhas curvas bem acentuadas e dando uma bela visão dos meus seios. *Pronta para matar* é o nome dele.

— Gotosa o suficiente para atrair todos os gêneros. — Ela pisca, fazendo-me sorrir.

Eu estou usando sapatos mais altos do que o normal, e eles ajudam a alongar as minhas pernas a cada passo que eu dava.

— Vamos! — Ela desliga o secador e pega o seu telefone.

Emy está com um vestido vinho de renda e com os cabelos soltos. Seus olhos castanhos estão em destaque por causa da sombra escura que ocupam os seus olhos e, na boca, um batom da mesma cor do vestido.

— Vou pedir um táxi, de jeito nenhum vou com o meu carro, quero beber.

O táxi demora cerca de 20 minutos só para chegar, eu já estou quase desistindo, quando ela me incentiva de novo e ainda me dá um pequeno gole da tequila que ela tem guardada. O caminho até a boate é feito com risos e cantorias das músicas que vinham da rádio. Assim que chegamos, há uma fila imensa na frente, com uns brutamontes na porta. Emy pesca o seu celular da bolsa e digita o número que está no cartão que

Caleb nos deu mais cedo. Leva-o até o ouvido em seguida.

— Caleb, é a Emily, sua vizinha — pausa. — Então, nós estamos aqui fora e...

Ela distancia o celular do ouvido, percebendo que ele desligou na cara dela. Emily me olha, chocada, e eu rio baixo.

— Ele desligou?!

Franzo o cenho e vejo uma agitação na entrada. É Caleb passando pela multidão. Ele sai da boate e passa os olhos pelas pessoas, até que nos avista e dá um sorriso encantador para Emily. Ele caminha até onde estamos.

— Caralho! Ele quer muito comer você — sussurro para Emy, que me empurra de leve.

— Meninas, uau! — Ele abre os braços e nos cumprimenta com um abraço. — Vocês estão lindas.

Agradecemos em uníssono.

— Vamos, vou liberar a entrada de vocês duas.

Caleb vai na frente e troca algumas palavras com o segurança, que nos deixa passar tranquilamente, enquanto algumas pessoas nos olham com raiva. Levanto uma sobrancelha quando ele agarra a mão de Emily, puxando-a para perto. Ela me olha com uma expressão hilária e por um minuto penso que ela vai sair correndo. Emy tem pânico de relacionamentos e qualquer gesto que a lembre de um, ela faz umas caretas engraçadas, que é o que ela está fazendo agora.

Entramos e logo vejo como está movimentado, mesmo sendo uma segunda-feira. Pessoas dançam no ritmo da música eletrônica com as mãos para cima, e há muita gente no bar conversando entre si. Tudo parece extremamente sexy e até o cheiro era meio... afrodisíaco.

Caramba, que boate é essa?

Caleb nos leva até o bar e pede duas bebidas ao garçom.

— E aí, gostaram? — ele pergunta.

— Legal — Emy aponta para um cara que está tomando vários shots seguidos. Parece um tipo de competição.

— Eu acho que... eu vou dançar muito esta noite — falo no exato momento em que nossas bebidas chegam. Emily e eu ficamos animadas depois de brindar, arrancando um sorriso de Caleb.

Viro a bebida azul de uma vez só e sinto rasgar a minha garganta por inteira. Não pretendo beber muito, já que sou muito fraca para bebida, mas passarei de pelo menos três copos, porque é o meu limite. Lembro de quando bebi vinho demais no meu primeiro jantar com Dylan, para acertar toda essa aventura, e logo depois esconder a garrafa de vinho na bolsa. Ela ainda está na minha geladeira para um evento importante.

Balanço a cabeça, não querendo me lembrar de Dylan agora.

— Certo, meu chefe precisa falar comigo — ele diz olhando no seu celular e soltando um suspiro. — Volto em um minuto.

— Até mais — Emy diz e vira o copo de bebida. Ele se aproxima dela com um sorriso.

— Guarde uma dança para mim — Caleb diz à Emily, que sorri de forma doce, mas que de doce não tem nada.

Continuamos bebendo e conversando, até que ela avista um carinha no meio da boate, que está a secando por mais de dez minutos. Ele acena e ela parece reconhecer, acho que era um amigo do seu trabalho.

— Já volto, Mucura. Não bebe o meu Whisky. — Aponta o dedo para mim.

Ela anda até a pista de dança e aborda o homem, que sorri ao vê-la. Eles se abraçam e eu acho que tentam engatar em uma conversa. Sorrio de lado.

— Do que a mulher mais bonita dessa boate está rindo? — diz uma voz não conhecida.

Olho para o lado e vejo um cara super aleatório, seu cabelo é um loiro desbotado e seus olhos estão dilatados. Ele cheira a cigarro e tem estatura média. Há uma tatuagem de um olho no seu braço, que é visível por causa da polo de mangas curtas.

— De como eu vou dar um fora em alguns caras — respondo e levanto o anel, usando-o como estratégia.
— Não vai rolar.

— Proibidas... eu gosto dessas. — Ele se aproxima querendo se apoiar no balcão, e eu me afasto suspirando.

Sorrio de forma cínica e nervosa ao mesmo tempo. Saio do bar, tentando me livrar logo desse cara, mas, antes que o faça, a mão no meu braço me impende. Ótimo, mais um que não entende a palavra “*não*”.

— Está indo por quê? É falta de educação ignorar os outros, gostosa — ele diz e eu franzo o cenho.

— Nossa, você é um completo idiota — diz uma voz feminina ao nosso lado e eu viro o rosto para ver de quem se trata.

Vejo uma mulher de cabelos castanhos e olhos da mesma cor, e... espera! Eu a conheço. Trata-se de Rubi Mendoza. Dylan me contou sobre a fusão e me mostrou fotos dessa mesma mulher à minha frente. A poderosa Rubi Mendoza, que fez a empresa do pai progredir e ter a potência de uma Ferrari. Céus, seu nome está até na Forbes. Não sei muito bem o que aconteceu para a sua empresa estar quase à beira da falência, mas realmente acho que não tenha sido por culpa dela.

— Você, quem é? — o idiota pergunta, olhando para ela.

— Ninguém. — Ela bebe um gole da sua bebida, que tinha um guarda chavinha. Eu faço o cara soltar o

meu braço com violência.

Ele olha para mim.

— Ainda não acabe...

Rubi o interrompe.

— Só acho engraçado que você tenha feito essa mesma pergunta para as outras cinco mulheres que se encostaram nesse balcão antes dela, aposto que está desesperado por sexo, acertei?

— Mas que porra você quer? — ele pergunta, irritado.

— Ah, qual é? Vamos. — Ela o incentiva. — Tenho um pouco de fé que você consiga conquistar uma mulher sem forçar.

— Eu não preciso te mostrar nada.

Ela faz uma expressão de tristeza. Sorrio de lado.

— Estou muita decepcionada, mas o que eu estava esperando? — Ela olha para ele. — Você é só aquele cara que ninguém vai amar, que ninguém quer por perto, e muito provavelmente vai cair na rede de álcool, porque é o seu combustível para continuar vindo aqui e tentando pegar mulheres, o que só deve funcionar quando elas estão fora de si.

Rubi bebe um gole da sua bebida, pronta para acabar com o seu discurso.

— Aposto que sua vida é uma merda, mas não vou deixar você tornar a dela uma merda também. — Ela se inclina. — Vaza, otário!

Caralho! Não a conheço, mas já a amo.

— Vão se foder, suas lésbicas. — Ele sai de lá espumando de raiva, dando-nos um olhar de morte.

— Lésbicas. Vai usar essa? Sério? Pare de me decepcionar! — ela grita como se realmente se importasse e eu me aproximo rindo.

— Obrigada, eu estava quase pra chutar as bolas dele — digo e ela concorda com a cabeça.

— Sempre ajudo uma mulher quando a vejo nessa situação.

— Me chamo Lisa. — Estendo a minha mão.

— Eu sei, me chamo Rubi.

— Eu sei — repito e ela agarra a minha mão de bom grado. — Você está sozinha?

— Bem... eu ia encontrar o meu amigo Josh aqui, mas pelo visto ele não vem.

— Você pode ficar comigo e com a minha amiga Emily, ela está ali — aponto para a pista de dança e a vejo quase comendo Caleb, que a beija com fervor. Desvio o dedo para outro lugar. — Por aí.

Rubi e eu engatamos em uma conversa superdivertida sobre caras e os egos sólidos que eles possuem. Sua postura é sempre impecável e eu adoro vê-la seduzir o barman para ganhar umas bebidas grátis. É hilário. Continuamos bebendo e rindo de coisas aleatórias, quando alguns minutos depois vejo Emily se aproximar e pegar o copo que está na minha mão para beber tudo de uma vez.

— Céus, estava com sede. — Coloca o copo no balcão.

— Emily, esta é a Rubi — apresento as duas.

— Oi, garota! — Emy diz dando-lhe um abraço caloroso. Rubi pisca, surpresa, e depois retribui, sorrindo.

— Ela vai trabalhar com os Venturelli — explico.

— Ah, claro. Nossa, é um prazer. — Emy afaga o seu braço, sorrindo simpática. — Vocês se conheceram agora?

— Ela me ajudou a espantar um cara — falo.

Emy me olha assustada, e seu semblante se fecha.

— Já gosto de você apenas por tê-lo espantado — Emy diz e Rubi assente.

— Caras típicos, você é gostosa *pi po pi po*, vou tentar te levar para a minha cama *pi po pi po*. — Ela

imita um robô, fazendo-nos sorrir. — Logo depois estão tentando te arrastar para o banheiro.

— Exatamente, principalmente Lisa, que tem uma carinha de safada. — Emy sorri e eu fecho a cara.

— Eu não estou falando nada, mas vou aceitar o que você disse — Rubi diz antes de bater na mão de Emy em um High Five.

Mas que porra...?

— Que tal irmos dançar, madames? — Emy pergunta fazendo uma reverência.

— Sim! — Rubi se levanta e agarra o meu braço, levando-me para a pista de dança.

Quase caio no processo, mas Rubi me segura junto a Emily. Vamos rindo para o centro e nos encaramos para ver qual das três tem o passo de dança mais estranho. Rio tanto com as loucuras que as duas fazem, que minha barriga dói demais. As músicas tocam e eu aproveito ao máximo cada uma delas.

Já na quinta música, que é o som “X”, de Nick Jam e J Balvin, eu não posso controlar o meu corpo. Movimento-me ao som da música e rebolo com as batidas que surgem. Levo as minhas mãos para o alto e danço como nunca dancei antes. Olho para o lado e vejo as duas dançando e cantando também. Parecem não perceber o que acontece em volta.

Fecho os olhos no refrão e mexo a minha cintura de forma lenta e sensual, acompanhando a música. Eu não sei muito bem o que estou fazendo, só faço o que o meu corpo quer. Ainda com os olhos fechados, eu sinto uma mão envolver a minha cintura e me puxar para o seu peito, que definitivamente é de um homem. Seu cheiro é gostoso e suas mãos são fortes.

Retiro a sua mão e continuo dançando sem me importar muito. Ainda não vi o seu rosto e não quero, mas ele dança muito bem, mesmo não me tocando. E,

por um segundo, imagino ser Dylan ali dançando comigo, mas não é.

Onde você está, seu babaca?

De repente, sinto a sua respiração na minha nuca e seu lábios no meu ouvido.

— Porra, você é quente.

— Ainda não me viu com febre — falo antes de começar a rir. Ele ri também, provavelmente me achando louca. Acho que passei dos três copos de bebida.

Viro-me para ele em seguida e realmente não são os olhos verdes que eu gosto. Decido me afastar e não correr o risco de ser vista publicamente dançando com outro, mesmo que casualmente. Não que pudessem tirar uma foto aqui dentro, porque mal conseguíamos nos mexer.

— Eu já vou indo, obrigada pela dança. — Dou um sorriso pequeno e me esquivo dos seus braços fortes.

— Espera. — Ele se mete na minha frente e passa a língua nos lábios, olhando o meu corpo naquele vestido.

Ele é alto e musculoso, dono de grandes olhos azuis, um cabelo ruivo e uma barba rala da mesma cor. Ele é muito bonito, mas não faz o meu tipo. E mesmo se fizesse, não era como se eu quisesse tê-lo.

— Eu não me perdoaria se saísse sem pelo menos tentar pedir um beijo seu. — Ele agarra a minha nuca, puxando-me para perto. Engulo em seco.

Coloco a mão no seu braço e o afasto um pouco.

— Acho melhor não. — Balanço a cabeça e ele tira as mãos de mim. — Eu tenho um noivo.

— Noivo? — Ele sorri com deboche. — E ele está aqui? Porque eu não estou vendo.

Pois é, entra para a fila.

— Na verdade — Eu juro que me assusto com a presença repentina —, o noivo dela está bem aqui.

Ah, droga!

Assim que olho para ele, meu corpo estremece por completo, deixando tudo que habita em mim em alerta, como se gritasse: *“Ele está aí, ele está aí, bata nele e depois o beije com toda a sua força”*. Meu coração bate freneticamente com a ideia.

De relance, eu vejo Peter se aproximando do bar e guardando o celular no bolso com uma expressão neutra, nem parece que falara sobre o meu paradeiro.

CAPÍTULO 18

Lisa Morris

“Diga: Amor, eu te amo. Se você não estiver brincando comigo”

Que droga, alguém me enterra, pelo amor de Deus.

Dylan está ali, parado, olhando no fundo dos meus olhos, como se não soubesse o que fazer primeiro, mas se um olhar pudesse me matar, com toda certeza estaria mortinha. Eu o encaro de volta e vejo-o apertar o maxilar. Uma mistura de sentimentos se apossam de mim: Raiva, preocupação, alívio e, o mais forte de todos, saudade. Por que eu senti uma falta tão grande? Foram poucos dias, porém foram os mais estranhos desde que entrei na empresa dele.

Inferno!

Vê-lo na minha frente me deixa desconcertada. Seu cabelo está bagunçado e tem um leve indício de olheiras nos olhos. Ele parece cansado e irritado, mas ainda está lindo usando o seu terno...

Terno? Por que ele está usando terno em uma boate?

— Não devia deixar sua noiva sozinha por aí. — O ruivo me encara, como se eu fosse um doce de padaria. — Alguém pode roubá-la de você.

— Não me diga o que fazer, você não é minha mãe — Dylan retruca.

— Só estou avisando.

— Não preciso de avisos, já nem me lembro mais quantos caras quiseram dar em cima dela, e você não vai passar de mais um. — Ele dá um sorrisinho falso e eu reviro os olhos antes de sair do meio dos dois.

— Preciso de uma bebida. — Caminho até o bar, sabendo que ele está atrás de mim em silêncio.

— Um Whisky triplo — peço ao barman, que franze o cenho, mas mesmo assim vai preparar o meu pedido.

— Eu sei que você me odeia agora — Ele para ao meu lado. Não viro o rosto —, mas eu quero conversar com você.

— Vamos fazer assim: Marcamos amanhã no seu apartamento e depois de quase três dias eu apareço lá — debocho e ele aperta os lábios, encarando-me. Ele encara o meu rosto, analisando os meus traços, e suspira, como se me ver o aliviasse.

— Vamos sair daqui, por favor.

— Peter contou onde eu estava?

— Ele tem outra boate além daquela que você esteve, e é exatamente a que você está pisando ao invés de estar em um carro comigo.

— Por que eu deveria ir com você? Você me deu um fora, fiquei horas esperando por você, Dylan. Me senti... mal, decepcionada, pensei que...

Parei de falar quando percebi que ele não deixava de olhar para um ponto específico abaixo do meu nariz, para a minha boca.

— O que está olhando?!

— Oh, meu Deus, eu estou louco para beijar você, por favor, venha comigo — ele diz, fazendo-me piscar várias vezes.

— Você é um idiota.

— Como você ainda não está acostumada?

— Eu te odeio, eu te odeio tanto! — Bato no seu peito. — Quer saber? Eu não vou a lugar nenhum com você, não, eu não quero mais você, Dylan.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você me confunde, me faz de boba. — Aponto para ele. — Estou tirando aquela regra sobre se relacionar com outras pessoas.

Ele quase se engasga.

— A tiro agora mesmo! Inclusive, já irei testá-la com aquele ruivo que estava me paquerando. Ele, com certeza, vai fazer o que você não fez. — *Meu prêmio de mentirosa vai chegar na semana que vem.*

— Nem fodendo. — É só o que ele diz, despreocupado.

— Foda-se, a regra foi quebrada. — Viro-me ficando de costas e grito quando vejo o homem. — Ei, ruivo!

Ele parece me escutar e eu aceno com as mãos, mas solto um resmungo em seguida, quando a mão no meu braço me fez virar. Sinto o peito sólido do babaca no meu corpo, e o encaro com fogo nos olhos ao ter o seu nariz perto do meu.

— Me solta.

— Desculpe, baby.

Franzo o cenho e logo depois solto um grito apavorado quando ele se abaixa, agarrando-me pelas pernas. Sou apoiada no seu ombro com facilidade, e até escuto aplausos para nós dois, como se isso fosse um dos pontos auges na noite. Eu só sei xingar Dylan de todos os nomes feios que conheço.

Passamos pelas pessoas que nos encaravam animadas e no meio delas eu vejo Adam também vestido de terno, como o irmão. O que ele faz aqui? Vejo Emily e Rubi se aproximando, tentando me recuperar dos braços de Dylan, mas ele é alto demais para nós três. Encaro

Adam de novo, que está rindo, e depois seus olhos param em Rubi sem conseguir desviar, trazendo a sua expressão séria de volta. Ele olha cada centímetro do corpo dela, parecendo surpreso, como se a conhecesse. Talvez...?

— Dylan! Me coloca no chão — grito, batendo nas suas costas.

— Se você pedir por favor.

— Por favor!

— Não! — Reviro os olhos.

— Todo mundo está olhando para nós dois — digo enquanto atravessamos a metade da boate.

— Ótimo, fica de aviso.

— Eu vou te matar!

— Não é a primeira a pessoa a me dizer isso — ele diz.

— Mas vou ser a que vai conseguir.

— Não vai, principalmente quando eu enterrar o meu rosto no meio das suas pernas. — Sinto a pontada no meu sexo e me amaldiçoo baixinho.

Levanto a cabeça para cima, apenas para ver quatro pessoas correndo até nós dois. Emily, Rubi, Adam e Peter parecem empenhados em acompanhar a briga até o final. Saímos da boate e Dylan ainda caminha comigo em seu ombro sem se importar com os meus gritos. Os quatro ainda estão atrás de nós. Parecemos um bando de loucos, eu no ombro de Dylan e o quatros correndo, ofegantes, na nossa direção.

Dylan chega perto do seu carro, também ofegante, e eu bato nele na minha descida do seu ombro, até ele me acalmar com as mãos sobre as minhas.

— Mas que porra você está fazendo com a minha amiga? — Emy pergunta quando se aproxima de nós.

— Jesus, preciso voltar a malhar. — Escuto Rubi reclamar com as mãos pousadas nos joelhos.

— Quero conversar com você — ele diz e olha para aquele povo todo. — Sozinhos.

— Você me deixou preocupada. — Esfrego os dedos.

— Eu sei, me desculpe. Aconteceu uma coisa e eu tive que sair de Nova York. — Ele vai tocar no meu rosto, mas eu cruzo os braços dando um passo para trás. Isso parece como um tapa no seu rosto. — Acabei de chegar do aeroporto, estava indo para o seu apartamento, quando Peter me ligou.

Minha expressão vacila por alguns segundos.

— Eu te esperei naquela noite, mas você não apareceu e não teve a decência de me ligar. Você me deu um furo, Venturelli, achei que quisesse aquilo.

— Eu quero, porra. — Ele coloca as mãos na minha nuca, puxando-me, e eu vou sem afastá-lo dessa vez. — Eu quero explicar, venha comigo.

— Caralho, isso está melhor do que novela mexicana — Adam diz.

Os quatro começam a rir, mas param quando Dylan lança um olhar impiedoso, fazendo-me revirar os olhos. Quando ele me encara de novo, eu hesito por um momento, mas eu quero saber o que aconteceu para ele deixar Nova York assim tão rápido.

— Por favor — ele pede.

— Faça-o ficar de joelhos. — Escuto o sussurro de Emy e Dylan olha irritado para ela, que levanta os braços em rendição. — Ou não...

— Certo — digo e ele pisca, aliviado. — Eu irei com você.

— Isso! — Adam comemora e eu vejo Peter dar uma nota de vinte para o loiro. Acho que esse lance de aposta acontece muito entre eles.

— Vamos? — Dylan me puxa pela cintura, e eu respiro fundo, adorando sentir suas mãos no meu corpo novamente.

— Se você me atacar no apartamento, eu vou embora.

— Não vou. — Ele passa o dedo em cima do meu lábio e eu subo os olhos para os seus com uma expressão quase excitada.

Cristo, eu estou sedenta.

Não! Concentre-se em ouvir primeiro.

Saímos da bolha, quando ouvimos uma tosse vir do lado de nós dois. Olho para lá lentamente, assim como Dylan.

— O que vocês ainda estão fazendo aqui? — ele pergunta com a sobancelha erguida.

— Cara, você a carregou por toda a boate, eu precisava saber onde isso ia terminar — Adam diz e ouço Peter rir.

— Nós viemos por isso também — Rubi confessa e Emy segura o riso.

— Nossa, Rubi, até você? — digo com um sorrisinho de lado.

— Ah, droga. — Adam fecha a cara, sem nenhum motivo.

— Algum problema? — ela pergunta para ele, pondo as mãos na cintura.

— O quê? Vai me dizer que não se lembra de mim? — Adam dá o sorriso cafajeste dele.

— Desculpe, eu não faço ideia de quem você seja — ela diz, arrancando o sorrisinho do loiro devagar. Acho que até um pouco do ego.

— Adam Venturelli. É um prazer, senhorita Mendoza. — Ele se apresenta e ela que dá um sorrisinho falso. Talvez ela lembre, mas prefere deixar Adam acreditar que não.

— Será o homem que trabalhará comigo — diz ela.

— Não vejo a hora. — Adam sobe os olhos pelo vestido preto dela. Rubi aperta o maxilar e revira os

olhos sutilmente.

Todos nós trocamos olhares, até que Adam fala algo.

— Mundo pequeno! — diz sorridente.

— E como — Rubi diz, sem ânimo.

— Ei, você. — Aponto para a loira. — Irá me contar tudo que aconteceu com Caleb.

— Caleb? — Peter pergunta.

— Sim, você sabe quem é? — pergunto com uma sobrancelha erguida.

— Caleb trabalha para mim, você vai sair com ele? — Peter pergunta, olhando para Emy.

— Não diria sair, eu vou só... — Ela para e coloca a mão na cintura. — Para que você quer saber?

— Nada demais, loirinha. — Ele revira os olhos e sai andando, sem olhar para trás.

— Loirinha? Esse cara é um psicopata — Emily diz e eu dou um sorriso pequeno.

— Até mais, cunhada — Adam grita e Dylan revira os olhos.

— Até, Adam. — Sorrio para ele.

— Mas que porra! Até parece que vocês nunca mais vão se ver.

Assustamo-nos de imediato quando um cara grita na nossa direção. Ele está sentado no chão, com o braço apoiado no joelho, e como o beco perto de nós é escuro, quase não dá para enxergá-lo.

— Puta, que caralho! — Adam grita, assustado. — Quer me matar de susto, porra? Quase caio morto aqui. — Ele coloca a mão no peito.

“Putá, que caralho”? Ok, essa é nova.



Passo pela porta do seu apartamento, descendo dos saltos, e escuto os sapatos saindo dos seus pés, enquanto admiro o hall. A iluminação não era uma das melhores, o que significa que estamos sozinhos.

— Você pode começar a...

Calo-me com o puxão pela cintura e o beijo forte que domina a minha boca em seguida. Sinto o seu cheiro entrando na minha cabeça e não consigo lutar contra, pondo as minhas mãos no seu peito e colando-me mais nele. Dylan me aperta com força, fazendo-me ir para trás. Sem ver nada, eu só sinto quando sou pressionada no corrimão da escada antes de me fazer deitar nos degraus. Ele fica em cima de mim, puxando o meu vestido para cima, e eu dou um gemido alto na sua boca quando sinto seus dedos se esfregando na minha calcinha.

Seu toque é urgente e minhas pernas já parecem fracas quando as apoio em seu quadril. Ele desce os beijos para o meu pescoço e eu dou outro gemido ao sentir o aperto forte que ele dá no meu sexo. Sua língua quente passa pela minha clavícula e eu me contorço embaixo dele, que me prova e me deixa no limite máximo.

— Dylan...

— Você me faz esquecer — ele sussurra, fazendo-me franzir o cenho. — Como você faz isso, Lisa?

— O quê? — Agarro o seu rosto, fazendo-o me encarar, e ele passa a língua nos lábios, tentando desviar. Seguro-o com mais força, vendo que ele está

totalmente quebrado, não parecendo ele. — Ei, o que aconteceu?

Ele respira fundo, afastando-se de mim, e eu me ajeito no degrau, enquanto ele se senta ao meu lado na escada. Dylan afrouxa a gravata preta e eu puxo o meu vestido mais para baixo, pronta para escutá-lo de forma mais decente. Suas mãos passam pelos fios do cabelo e eu escuto o seu suspiro frustrado.

— Na sexta-feira, quando você foi embora da boate, eu recebi uma ligação cerca de três horas depois.

Ele esfrega as mãos, olhando para frente.

— Era da parte da minha família que mora em Chicago, avisando que minha prima tinha sofrido um acidente. Um caminhão bateu contra o seu carro. — Ele me encara, vendo surpresa no meu rosto. — O cara avançou o sinal e arrastou o carro dela a quilômetros de distância. Você sabe quem ela é.

— Ana? — Lembro das fotos no seu quarto e o quanto tinha amor na sua voz ao falar dela.

— Ela está morta agora. — Dylan tem os olhos marejados, mas logo muda, não querendo mostrar vulnerabilidade. Nem preciso afirmar que é a primeira vez que o vejo assim.

— Eu... eu...

— Ela morreu ontem de manhã no hospital, eu não tinha cabeça para lidar com nada.

Sinto o meu coração doer. Meus olhos são traídos pelas lágrimas que descem de forma solitária pela situação triste. Não consigo me segurar. Eu aqui, com raiva, porque tomei um fora, enquanto sua prima estava em uma cama de hospital, lutando pela vida, e agora está morta. Dylan está sério, mas eu sei que aquilo é uma capa dura e forte que ele estava tentando criar para mim. Eu não quero que ele faça isso.

Aproximo-me e toco no seu rosto com carinho.

— Eu sinto muito por isso. — Ele suspira. — Não precisa fingir estar bem na minha frente, seria inútil, porque eu sei que você não está.

— Eu ficarei.

— Sei que sim, mas estou oferecendo o meu ombro para você.

— Não é necessário.

— Dylan...

— Já expliquei, agora eu vou... — Não o deixo terminar e joga meus braços em volta do seu pescoço, abraçando-o com toda a minha força. Sua postura tensa fica visível para mim e mesmo assim eu o sinto relaxando lentamente, até me abraçar de volta, devagar.

Quando ele entende que estou aqui para ele de uma forma diferente do que sexual, seu abraço fica mil vezes mais forte e eu suspiro no seu ouvido, fazendo um carinho no seu cabelo e tentando acalmar o seu coração de alguma forma. Depois de alguns minutos, eu escuto um soluço e sinto algo molhar o meu ombro.

Ele está chorando!

— Eu não pude fazer nada — ele sussurra e eu o afasto um pouco, passando os meus dedos pelo seu rosto.

— Sei como o sentimento de perder um integrante da família é doloroso. — Ele me olha nos olhos. — Mas é importante você descansar agora e estar firme para amanhã.

Ele engole em seco. Sei que, no fundo, Dylan quer que eu desvie levemente o foco dele.

— Como os meninos reagiram?

— Peter vai voltar para Chicago antes de nós. Ele veio para Nova York na manhã que ela faleceu, não quis falar com ninguém, acho que ele não quer acreditar — ele explica. — Adam esteve aéreo a todo momento, se recusou a vê-la, disse que não é a última lembrança que quer ter dela.

Limpo a lágrima que desce do meu rosto e me inclino para frente, beijando os seus lábios de forma casta.

— Quando será o funeral? — pergunto.

— Na terça-feira. Eu vou viajar amanhã de manhã novamente. — Ele apoia a testa na minha. — Só voltei porque eu precisava ver você.

Se não fosse pela situação, meu coração daria cinco mil pulinhos agora.

— Eu acho que... senti a sua falta — confesso.

— Você acha? — Ele sorri pequeno.

— Não posso te dar tanta certeza. — Dou de ombros.

— Venha comigo amanhã — ele diz de repente e eu abro os lábios.

— O quê?

— Eu quero você lá e não é só porque você é minha noiva de mentira, eu gostaria de tê-la perto de mim.

Mordo o lábio e concordo com a cabeça.

— Eu estarei lá.

— Obrigado.

— Isso vai custar outro Louboutin — sussurro e depois o beijo quando sua expressão irritada aparece. — Desculpe, só quero fazê-lo rir.

— Céus, você é maluquinha por mim. — Ele passa o braço em volta do meu pescoço e eu coloco as mãos no seu rosto, querendo afastá-lo. Não disse que sim e nem disse que não, mas o sorriso pequeno que ele dá, enche o meu peito.

Na manhã seguinte...

— Estou indo para Chicago — falo no telefone, dando um suspiro alto e querendo realmente acreditar que vou largar todo o meu trabalho e compromissos para

acompanhar o meu chefe. Logo depois, lembro que ele é o meu trabalho e é quem me dá os meus compromissos.

— *Hum... bom dia? Quem é?* — A voz de Emily está sonolenta.

— Sou Jimmy Fallon, parabéns! Você acabou de ganhar um passa-livre para os estúdios da Marvel!

— *Sério?!*

— Claro que não, acorda para a vida.

— *Espera, não vou ver o Homem de Ferro, então?*

— Emy, quero que faça uma malinha de roupas para mim, pode fazer isso?

— *Calma... quem é?*

Bufo alto, querendo socar o travesseiro na minha frente, e quase o faço, se não fosse pelo movimento rápido de Dylan segurando o meu pulso. Ele me vê irritada e depois nega, pedindo para eu não bater no travesseiro de três mil penas de ganso.

Eu deveria enfiar essas penas no...

Respiro fundo.

— Sou a Lisa, a pessoa que dorme no quarto ao lado do seu — digo e ela fala o meu nome, animada, parecendo acordar de verdade.

— *Do que precisa?*

— Uma mala com poucas roupas seria bom, estou indo para Chicago em algumas horas — explico.

— *Chicago?! Por que você...? Isso tem a ver com Dylan, eu presumo.*

— Eu prometo explicar quando eu voltar.

— *Quando você volta?*

— Eu... não sei. — Olho para Dylan, que está saindo do banheiro e colocando a gravata azul-escura em volta do colarinho da camisa social branca.

— *Certo, vou fazer a sua mala.*

— Obrigada! Eu te amo.

— Se amasse, conseguiria passe-livre nos estúdios da Marvel.

— Supera, Emily. — Desligo o celular, sentando-me na cama, e esfrego os dedos nos olhos. Não dormi muito bem e isso não envolve só o fato de o confortar durante horas da madrugada para tentar fazê-lo ficar bem. Nunca adivinharia o tanto que me importo com Dylan Venturelli e sua dor. Mas, como eu estava dizendo, eu também não dormi direito, porque fora a primeira vez que dormimos juntos e acordamos na mesma cama pela manhã.

Já transamos algumas vezes, mas eu sempre ia embora ou dava alguma desculpa para voltar para casa. Sei que ele sempre entendia minhas intenções de fugir, e mesmo assim me mandava para casa com Bryant. Nosso relacionamento secreto nunca precisou ser tão complicado e eu fortaleço isso não dormindo com ele rotineiramente. Acho que parte de mim agradece.

Porém, eu preciso exaltar o que senti ao acordar essa manhã. Apesar de não entender tão profundamente os meus sentimentos ao vê-lo de olhos fechados e cílios encostando no início da maçã do rosto, eu só consegui dar um sorrisinho tão idiota, que eu mesma me bati quando percebi. Sua respiração estava tão calma e os braços me apertavam com força, como se me dissesse que naquela noite eu não voltaria para casa com Bryant.

— Você está bem? — Levanto o rosto e aceno com a cabeça, concordando com a sua pergunta.

— Acha que vamos ficar em Chicago por quanto tempo?

— Minha família provavelmente estenderá os dias. Acho que no final de semana estamos de volta. — Levanto as duas sobrancelhas, surpresa.

— E... toda a sua família estará lá?

— Maior parte dela. — Ele aperta os lábios, vendo o meu sorrisinho nervoso. — Vai dar tudo certo, não fique preocupada ou nervosa.

— Não estou nervosa, mas conhecer gente nova sempre é assustador. — Levanto-me, caminhando até ele, que ajeita a alça do meu vestido vermelho.

— Eu preciso passar na empresa primeiro. Bryant te levará até o seu apartamento. — *Concordo.* — Vou buscá-la depois para viajarmos.

— Certo — digo. Ele fica me olhando em silêncio e eu faço o mesmo. Acho que ele tem o mesmo dilema que eu estou tendo sobre acordarmos juntos e, sinceramente, eu espero que ele tenha gostado tanto quanto eu.

Dylan suspira, aproximando-se com um passo, e eu deixo que sua mão tome o meu maxilar e levante o meu rosto, para acompanhar o seu olhar. Engulo em seco com a intensidade estranha que sai dele, enquanto o seu dedo desliza pela minha bochecha.

— Eu não acho que senti a sua falta — ele diz e eu abro os lábios, piscando em decepção, mas dura poucos segundos. — Eu realmente senti, sem achismos.

— Eu sou a sua rotina — justifico a sua saudade.

— Mais do que isso. Você é mais do que isso.

— Sim, eu sou sua noiva falsa.

Ele aperta o maxilar e eu tiro a sua mão do meu rosto lentamente. Dou um sorrisinho pequeno antes de pegar o meu celular da cama que, por incrível que pareça, ainda não descarregou. Ainda o olho por cima do ombro, que está parado, abaixando a mão, que me toca. Dylan pisca e desvia o olhar antes de eu sair do quarto, seguindo pelo corredor do seu apartamento.

Tem algo de errado comigo, muito, muito errado. Minhas mãos suam quando eu chego perto dele, minhas bochechas ardem a cada sorriso que ele dá, e o meu cérebro gira ao sentir os seus lábios nos meus. Eu me importo com a sua opinião e adorei as borboletas no estômago quando ele me chamou para um simples encontro, que ainda não tivemos.

O que isso significa?! Claro que eu sei, mas prefiro fingir que não é nada, para evitar possíveis decepções.

Mas, merda, eu estou me apaixonando por ele.

CAPÍTULO 19

Lisa Morris

“Querido, algumas pessoas são feitas para serem amadas, outras apenas amam”

Pego o elevador com um sorriso que não deveria estar no meu rosto, mas eu simplesmente não consigo parar de sorrir para o nada, não de felicidade, mas de nervosismo. Afundo-me nos meus devaneios por mais alguns segundos, até que ouço o elevador abrir e prontamente saio do mesmo tonta. Eu estou surtando!

Bato na porta várias vezes, tentando não derrubar a madeira no chão, e me jogo para dentro quando Emily a abre para mim. Seus olhos me observam sorrindo, como uma lunática, e eu jogo o meu celular no sofá, colocando as mãos na cintura, e andando de um lado para o outro.

O que eu devo fazer agora?

— Você está andando de um lado para o outro com as mãos na cintura, o que significa que você enxergou que pode estar tendo um sentimento forte por Dylan, ou encontrou o Christian Bale por aí.

— Eu preferiria ter encontrado com o Batman! — Aponto para ela e literalmente me jogo no chão de forma dramática.

— Meu Deus. — Ela abre a boca, chocada, e só agora percebo que ela está embrulhada em um lençol branco, com o cabelo bagunçado.

— Você não vai trabalhar? — pergunto.

— Isso não é importante agora. — Ela se aproxima de mim e se senta, pegando as minhas mãos.
— Você gosta dele?

— Eu não deveria.

— MEU DEUS!

Ela fica em silêncio depois de gritar, mas não dura muito.

— MEU DEUS!

— PARA DE SURTAR, SENÃO EU VOU SURTAR! — grito como ela, e nós duas nos levantamos, andando de um lado para o outro, só que dessa vez juntas.

— Como você deixou isso acontecer?

— Eu também gostaria de saber disso!

— Você gosta do babaca. Não, não. — Ela aponta para mim. — Você o odeia!

— Mas eu também gosto de como ele fica bonitinho quando está comendo um bolinho de frutas, ou quando está assinando algo e põe a ponta da língua no canto da boca — digo e ela faz uma careta.

— Cristo, nunca mais fale isso em voz alta.

— Emily!

— Droga, desculpe. É que... isso é... — Ela suspira — uma coisa grande.

— Eu sei disso, nos aproximamos tanto nesse último mês, Emy. Eu conheci um lado dele que eu ainda não tinha visto, ele é bondoso, amoroso e, porra, você tem que ver como ele trata a mãe. — Abro os braços.

— Você tem certeza disso?

Dou de ombros.

— Tenho certeza de que o meu coração sempre salta quando o vejo, e da confiança que eu tenho quando ele me toca.

Ela faz uma careta de novo.

— Paixão é tão brega.

— Quando você gostar de alguém, vai entender.
— Ela faz o sinal da cruz.

— O que vai fazer agora?

— Fazer o que uma pessoa corajosa faria —
respondo, balançando a cabeça.

— Vai contar a ele?

— Não, vou retrair os meus sentimentos e fingir
que isso nunca aconteceu.

Ela revira os olhos.

— Você não pode fazer isso.

— Posso sim, assista. — Começo a andar para o
meu quarto e ouço os seus passos desengonçados, por
causa do lençol, até ela parar na minha frente.

— Isso vai te deixar maluca, conte a ele.

— Para quê?! Me humilhar? Ele não sente o
mesmo, com toda a certeza do mundo. É de Dylan
Venturelli que estamos falando.

— Exatamente! O cara é imprevisível. Um dia ele
está brigando porque você chegou atrasada, e no outro
está te pedindo em noivado. — Ela franze o cenho como
se isso não fizesse sentido. — Você não tem certeza se
ele gosta ou não, vai ter que perguntar.

Cruzo os braços em cima do peito, pensando no
que ela disse, e suspiro ao encarar sua sobrançelha loira
me interrogando em silêncio, para dizer que eu tinha
entendido.

— Certo! — concordo.

— Muito bem.

— Ah, cala a boca. Se fosse você, já estaria
fugindo para a China.

— Provavelmente, mas seria para o Polo Sul.

— Você é maluca.

— Por que está indo para Chicago tão de
repente?

Conto a ela a história resumida e acompanho os
traços variados que aparecem em seu rosto. Ela diz que

sente muito por Dylan e espera vê-lo em breve para prestar as condolências.

— Ele estava muito mal ontem, nunca tinha visto ele daquele jeito.

E, no fundo, eu sinto uma coisa estranha misturada com satisfação por ele se abrir comigo. A conexão que eu tenho com Dylan sempre me surpreende.

— Que bom que você estava lá — ela diz e eu concordo com a cabeça.

— Bom dia. — Nós duas nos assustamos ao ver um cara parado ao nosso lado somente com a calça jeans sustentada no quadril. Ao ver seu rosto sonolento, eu enxergo ser Caleb com uma puta cara de quem transou a noite toda.

— Você o trouxe para cá? — Olho para Emily.

— Não era o plano, mas ele não achou a chave do próprio apartamento. — Emy suspira, frustrada. Emily não traz ninguém aqui para transar, ela simplesmente se recusa a dar o seu paradeiro para os seus casos.

— Entendi, o que vai fazer a respeito? — pergunto.

— Mandá-lo embora?

— Eu estou bem aqui — Caleb nos lembra. — E eu esqueci minha chave na boate, posso pelo menos tomar café antes de ir?

Emy olha para mim e nós discutimos por olhares durante quase um minuto inteiro, até ela ganhar de mim ao levantar a sobrancelha mais alto.

Maldita, ela sempre ganha na sobrancelha mais alta.

— Claro, Lisa vai te instruir na cozinha — Emily diz antes de sair da nossa frente, entrando para o seu quarto. Mando-a se foder baixinho, e olho para Caleb com um sorrisinho.

— Você pode se sentar ali. — Aponto para o sofá.
— Só vou tomar um banho e depois voltar.

— Ok. — Ele acena e eu vejo a nova paquera da minha melhor amiga se jogar no nosso sofá cinzento.



Separo os remédios para dormir e os coloco perto da minha bolsa para não os esquecer. Uma coisa que me deixa apavorada é avião. Minhas mãos suam e eu sinto muita vontade de vomitar. Como uma coisa daquele tamanho é permitida voar por aí? Porque se cair, provavelmente vai morrer todo mundo, sem falar na turbulência, que me deixa transtornada.

Sim, eu sei que é mais fácil morrer de qualquer outra coisa do que de avião, já falei isso para o medo na minha cabeça, mas ele se recusa a me escutar.

Pego a malinha que Emily fizera e saio do meu quarto vestida e com o cheiro fresco do banho, que me alivia do estado desgastante que eu estava ontem. Caminho pela sala, vendo Caleb se despedindo de Emy na porta com um beijo na bochecha, e depois fechando quando ela se vai. Ele ainda está sem camisa e com a calça mostrando a entrada profunda que ele tem na cintura.

Vou até a geladeira, pegando coisas que pudessem alimentá-lo, e o assisto se sentar no banquinho alto e organizar as coisas que eu ia pondo na sua frente.

— Então, que bom que está bem — ele diz e eu franzo o cenho até ele explicar. — Seu noivo é bem esquentado.

Misericórdia.

— Ele é. — Dou uma risada baixa.

Eu deveria me internar, isso sim.

— Pode me ajudar em algo? — ele pergunta.

— O que aconteceu?

— Você conhece Emily muito melhor do que eu, digo...

— Você só esteve com ela uma vez. — Ele concorda.

— Mas eu gostaria de conhecê-la, vou chamá-la para sair mais tarde e pensei que você poderia me dar algumas dicas. — Ele dá de ombros.

— Ok, primeira coisa que você precisa saber. — Caleb se ajeita no banquinho. — Emily não vai em encontros.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Como não?

— Ela não gosta.

— Que mulher não gosta de ir a encontros?

— Emily não é qualquer mulher, mas se você quer tentar algo, a convide para algo casual e deixe explícito que não é um encontro, o resto você usa o seu charme que funcionou, já que está aqui.

Ele acena, parecendo pensativo.

— Do que ela gosta?

— Parque de diversões? Pular de um penhasco? Qualquer coisa que tenha adrenalina e perigo. Não compre flores, porque ela não gosta. Se vocês forem a um restaurante, não a leve para um restaurante francês, porque ela provavelmente irá falir você. — Ele ri, mas para quando vê a minha cara séria.

— Certo, isso vai ser muita ajuda.

— Espero que você se dê bem. — Sou sincera, porque não consigo pensar em nenhum cara no Planeta Terra que conquistaria a minha amiga.

Caleb come por alguns minutos e eu como na sua frente com uma xicara de café quente, mexendo no

celular para responder alguns e-mails do trabalho. Limpo a agenda de Dylan para o resto da semana e faço anotações no meu celular em silêncio. Ele finalmente acaba de comer e sai do banquinho, indo até o quarto de Emy para pegar a sua camisa. Quando volta, eu o acompanho até a porta.

— Obrigado, Lisa.

— De nada, Caleb.

Ele sorri, pondo a camisa no ombro, e eu passo a língua nos lábios antes de abrir a porta, dando de cara com o punho na frente do meu rosto, que parecia pronto para bater na porta antes de eu abri-la. Pisco quando a mão se abaixa e encaro Dylan com um sorriso pequeno ao olhar para mim, que some logo depois de ver Caleb atrás de mim.

Ele levanta uma sobrancelha ao vê-lo dar a volta por mim e pisca, vendo-o tirar a camisa do ombro.

— Bom dia — Caleb cumprimenta com a cabeça antes de sair de perto de nós dois, dirigindo-se para o elevador.

Dou espaço para ele entrar, que o faz caminhando até a ilha, vendo tudo sujo, dois copos, dois pratos e um pote de geleia aberto com apenas uma colher.

— Você está me traindo? — Ele me encara e eu faço uma expressão irônica.

— Sim, antes de você chegar eu estava em cima da mesa com roupas rasgadas e aquele cara estava em cima de mim.

Por um momento, penso que ele jogaria uma almofada na minha cabeça.

— Essa é a parte que você diz que está brincando com a minha cara.

— Eu estou brincando com a sua cara — digo e ele põe a mão no peito agradecendo.

— Mas... — Ele olha em volta, tentando mostrar que não se importava — o que ele fazia aqui? Não, desculpe. O que ele fazia aqui *sem uma camisa*?

— Ele tinha uma camisa. — Dou de ombros.

— Que não estava onde deveria estar.

— Você está com ciúmes de mim?

— Você acha que eu estou?

— Você precisa me dizer.

— Responda a minha pergunta inicial.

Sorrio internamente. Ele, fugindo da minha pergunta, me mostra que posso estar certa.

— Ele passou a noite com Emily, por isso estava aqui.

Ele levanta as duas sobrancelhas antes de concordar. Aproximo-me dele lentamente, com um sorrisinho diabólico, fazendo-o semicerrar os olhos.

— Eu sei o que esse sorrisinho significa — ele diz.

— Sabe?

— Você quer saber se eu senti ciúmes.

— Sentiu?

Ele aperta o maxilar, pondo as mãos na frente do corpo, e suspira, parecendo irritado com ele mesmo.

— Me incomodou, apenas. Mas não há motivos, já que ele está com a sua amiga.

— E eu estou com você.

— Exatamente. — Ele agarra o tecido da minha blusa, puxando-me para colar o meu peito no seu. Eu sorrio, mordendo o lábio. — Somente comigo.

— Por alguns meses...

— Calada. — Ele agarra a minha cintura, puxando-me para irmos embora e ignorando a minha falha tentativa de provocá-lo. Rio dele no caminho, que resmungava algo sobre adorar usar camisas na casa de mulheres indefesas.

Idiota.

Ele leva a minha mala para baixo e eu coloco a bolsa nos ombros, seguindo-o até a Ranger Rover estacionada. Vejo Bryant com a porta traseira aberta e sorrio para ele, aproximando-me. Aperto a sua mão e depois entro na parte de trás, enquanto Dylan dá a mala a ele. Os minutos seguintes são de silêncio e rápidas trocas de palavras entre os dois. Ele parece dar algumas instruções a Bryant, enquanto estivesse fora. Escuto tudo quietinha e quase babo quando ele atende o telefone falando em italiano. Por pouco não cruzo as pernas para me acalmar.

Entramos em uma parte mais privada do aeroporto e eu olho para ele, que está guardando o celular e olhando para mim.

— Por que não estamos em uma fila para pegar um avião? — pergunto.

— Porque eu tenho um próprio. — O carro para no exato momento em que sua fala termina.

Ele sai primeiro, dando a volta, e me ajuda a descer pacientemente. O chão está um pouco molhado por conta da chuva, já que estávamos no final do inverno, para entrar na primavera, uma das minhas estações preferidas. Levanto o olhar e vejo um jatinho parado na nossa frente, escrito Venturelli na parte traseira, que se estende lindamente pela pista.

Por que Dylan adora colocar o sobrenome dele nas coisas?

Ele me guia até a entrada, e então subimos naquele treco enorme. Pisco várias vezes com a beleza daquilo, mas no fundo estava começando a ficar nervosa.

Ele é ainda mais bonito por dentro. Tem sete poltronas cinzas no decorrer do avião, duas delas dividem mesas, que são brancas com pequenos portas copos em cada uma delas. Há duas portas no fundo do avião, que suponho que sejam o quarto e o banheiro.

Tudo é de muito luxo e parece confortável.

— Vamos, Lisa. — Dylan me dá um leve empurrão quando percebe que estou parada por muito tempo.

Caminho até a poltrona do meio e me sento nela. Dylan se senta na minha frente, respirando fundo. Olho em volta, vendo as malas sendo postas para dentro pelas comissárias, que eram... três? Para que tudo isso?

— Dylan, cadê a minha bolsa? — pergunto.

— Deixei em casa, não combinou muito comigo.

— Eu estou falando sério. — Começo a ficar nervosa e ele sorri antes de se levantar e ir pegar.

Alguns minutos depois, eu sinto o avião começar a se mexer e fico branca que nem neve. Olho pela janelinha e arregalo os olhos.

Oh, não.

— Você está bem? Está pálida. — Ele aparece do meu lado com a bolsa, que eu arranco da sua mão com uma violência surpreendente.

Começo a procurar os meus remédios e, a cada tirada de objeto de dentro, eu vou engolindo em seco à procura deles, o que não acontece. Merda! Solto um resmungo alto, vendo-o se sentar na minha frente. Começo a me abanar quando me dou conta que não estão lá.

— O que está acontecendo? Parece que vai desmaiar.

— Eu tenho medo de voar — digo quase em um grito.

Dylan faz um “o” com a boca e dá um sorriso pequeno.

— Você está brincando, certo?

— O que você acha, seu idiota?!

— Oh, calma. — Ele levanta as mãos enquanto eu passo as minhas embaixo do nariz para limpar o suor de nervosismo. — Espere aqui, tentarei resolver isso. — Ele se levanta e vai até a cabine onde ficam as

comissárias de bordo, ou a cabine do piloto, não sei, não estou conseguindo pensar.

Fecho os meus olhos e respiro, contando até dez, acalmando a minha respiração. Olho de relance pela janela e me arrependo na hora. Meu coração começa a bater mais forte e aperto ainda mais as mãos na poltrona, até os meus dedos ficarem brancos.

— Respira, respira, respira, você não vai morrer — repito várias vezes. — Você ainda vai casar e ter filhos que preferirão a si do que ao pai.

Eu realmente tenho pavor de viajar de avião, mas sempre tomo o meu remédio e consigo viajar tranquilamente. Pego a bolsa novamente, só para ter mais uma certeza. Eu estou quase rasgando a bolsa, então quando sinto que o avião se prepara para decolar, olho em volta, assustada, e vejo Dylan voltando com uma expressão nervosa. Ele se senta ao meu lado e põe o cinto de segurança em mim, e depois nele.

— Não há remédios a bordo.

— Puta que pariu! — grito alto e ele coloca a mão na minha boca.

— Teremos de decolar, então, olhe para mim. — Nego com a cabeça e fecho os olhos quando ele cola a testa na minha, com a mão ainda sobre os meus lábios.

Meu corpo estremece quando sinto o avião balançar e fecho os olhos mais forte, pondo a mão na sua camisa. Escuto um barulhinho estranho que sai da sua boca e ele parece querer me acalmar, como se eu fosse um bebê.

Quando tudo isso para e eu entendo que já estamos de maneira estável, eu abro os olhos lentamente para encontrar os seus sobre mim com uma expressão indecifrável. Ele parece confuso consigo mesmo e na hora eu consigo compreendê-lo, porque me sinto da mesma forma. Dylan tira a mão da minha boca devagar, sem tirar os olhos dos meus. Eu suspiro antes

de me aproximar, colando minha boca na dele. Meu coração acelera novamente e o arrepio no meu corpo aumenta quando ele me beija de volta, passando a língua gentilmente no meu lábio inferior. Minha mão na sua camisa o aperta, e ele passa a sua pelo meu cabelo, mordendo o meu lábio com força.

— Você está fodendo com a minha cabeça, Lisa.

— Essa confissão me faz sorrir ofegante.

— Você sempre está na... — Paro de falar ao sentir o avião balançando de uma maneira mais forte. Arregalo os olhos e olho para ele novamente. — Isso foi...

— Não? — Ele me corta.

— Isso é uma turbulência, estamos passando por turbulência? — pergunto já sabendo a resposta.

— Choveu há pouco tempo e... bom...

Minha alma que estava no meu corpo, não está mais. Começo a respirar com dificuldade e aperto os meus dedos antes de desfazer o cinto de segurança e me levantar, tentando procurar oxigênio.

— Nós vamos morrer — digo balançando a cabeça.

— Não vamos morrer, Lisa. — Sua calma do momento me estressava.

— Sim, nós vamos. Eu nem me despedi da Emily e do Jon direito. Céus, eu nunca mais verei ninguém, porque vou estar morta.

Ando de um lado para outro e a mulher me repreende, ordenando que eu me sentasse novamente. Meu coração bate freneticamente e grito quando ele chacoalha novamente, de maneira mais fraca, mas ainda mais forte para o meu medo.

— Lisa, se sente, por favor — Dylan diz e eu nego.

Eu estou enlouquecendo. Balanço as minhas mãos de um lado para o outro, como se estivesse as secando. Começo a chorar de desespero. As lágrimas

descem fortemente pelo meu rosto e isso parece preocupá-lo o suficiente para se levantar depois de tirar o cinto de segurança e voar sobre mim, como uma águia.

— Não chore. — Ele passa os dedos no meu rosto.

— Senhor, proteja a minha amiga Emily e cuide dela para mim, por favor, não deixe ela fazer idiotices, porque ela faz muito.

— Pare de se despedir. — Ele parece tão desesperado quanto eu.

— Cuide do Jon para mim também, por favor, proteja o meu segurança e ache alguém para ele se casar.

Dylan me olha preocupado, com a ruga no meio da sua testa se formando.

— Senhor Venturelli, por favor sentem-se, não é seguro os dois ficarem de pé. — Uma mulher loira dispara, irritada, na nossa direção.

Dylan a ignora e se aproxima de mim enquanto eu estou tendo minha crise. Eu, que estou andando de um lado para o outro, paro com as suas mãos nos meus braços e suspiro, sentindo as lágrimas descerem ao pensar que isso aqui pode nos fazer cair e que eu nunca vou dizer a ele que gosto da sua cara metida e bonita.

— Eu não sabia que você tinha medo de voar. Se eu soubesse, teríamos arranjado outro jeito — ele diz e eu respiro pesadamente.

Sinto o avião sacudir outra vez e corro para os braços da única pessoa que eu me sinto segura. Abraço tão forte, que fico sem forças. Ele me abraça de volta, sentindo as minhas lágrimas molharem a sua camisa social branca. Novamente escutamos a comissária gritar conosco.

— Senhor!

Suspiro e me afasto minimamente do seu corpo. Ele apoia as mãos ao lado do meu rosto molhado e faz

uma expressão frustrada ao me ver desamparada. Olho para aqueles olhos verdes e engulo em seco.

— Eu estou assustada — sussurro baixinho e ele fecha os olhos rapidamente antes de descer as mãos para a minha cintura.

— Foda-se. — É só o que ele diz antes de me tirar do chão. Dylan me carrega como se eu fosse um bebê e eu escondo meu rosto no seu peito, pensando que, se me aninhasse aqui, tudo isso desapareceria.

CAPÍTULO 20

Dylan Venturelli

“E eu me pergunto se eu ainda passo pela sua cabeça pois você está na minha o tempo todo”

Os últimos dias foram difíceis para mim, não estou dizendo que está tudo normal de novo, porque acho que nunca voltará a ficar. A vida é engraçada. Em uma manhã você pode estar comemorando por descobrir que gosta de um livro, e pela noite você pode simplesmente não estar mais aqui para falar com quem você ama ou para gostar de um novo livro.

A verdade mais simples é que eu não estava pronto para aquilo, acho que ninguém nunca está quando se trata de perder um ente querido. A morte de Ana me destruiu em pedacinhos. Cresci com ela e não acho que todos esses anos juntos foram suficientes para mim, mas eu sou o único que está tentando enfrentar.

Seria hipócrita da minha parte dizer que passei da fase de aceitação sozinho, não imaginei em um minuto sequer que seria Lisa a me dar um conforto de outro mundo e me ver chorar completamente vulnerável. Estar com ela me faz esquecer a tragédia, o que é um dom e uma influência, que ninguém perto de mim tem. Eu não deveria ter voltado para Nova York, deveria ter ligado e explicado a situação, que eu sei que ela entenderia, mas algo dentro da minha cabeça gritava para eu voltar. Para vê-la.

A madrugada de ontem foi a mais calma que tive desde o acidente, eu adorava ouvi-la falando sobre esmaltes, sobre o café que tomou no sábado ou qualquer outra merda que me fazia rir, ela me distraiu e fez isso com todo o coração. Nenhuma mulher fez isso, nenhuma esteve lá para mim. E não é porque eu nunca dei espaço, nenhuma realmente quis de verdade.

Lisa tem uma coisa diferente, ela é real, acho que a minha rotina de antes está cada vez mais ridícula, porque cansei de ter a mesma sensação de sexo de sempre. O mesmo processo de tirar a roupa, dar e receber orgasmos e logo depois ir embora depois de jogar a camisinha no lixo. Não há algo real, apenas prazeroso por um tempo, que não vai fazer diferença no dia seguinte, onde você simplesmente não vai mais lembrar, porque não se importa.

Essa é diferença de fazer sexo com ela, a intimidade que temos não chega aos pés de nenhuma outra mulher que conheço, os toques, os beijos... as risadas. Porra. Lisa Morris acionou algo dentro de mim, que está me matando. E eu não estou falando da sua personalidade incrível e o seu péssimo hábito de sempre esquecer de colocar uma gota a mais de adoçante e dizer que o café está horrível. Eu estou falando da coisa irreconhecível dentro do meu peito. Nunca senti isso e não há nada com o que eu possa comparar.

Seus braços pequenos agarram o meu pescoço, deixando-me sentir a sua respiração acelerada no meu peito. Caminho com ela até o quarto que fica no final do avião, sem saber se podemos fazer isso. Mas, como nenhuma comissária me impede, eu continuo.

Abro a porta com a lateral do corpo e passo por ali, percebendo que o avião não sacode há alguns minutos. Acho que a turbulência está passando. Na ponta da cama, eu coloco Lisa deitada de lado e me aconchego atrás dela, abraçando sua cintura quando ela me faz

fazer isso, ao agarrar o meu braço. Ela respira fundo várias vezes, ficando mais calma. Eu faço um carinho leve no seu cabelo, acalmando a sua crise de pânico. Eu sinto que aquela não é a primeira vez, acho que ela tem isso de forma recorrente, e não precisa estar necessariamente dentro de um avião.

— Está tudo bem.

— Obrigada — ela sussurra com a garganta seca.

— Acha que eu deixaria seus olhinhos azuis me implorando para fazer alguma coisa?

— Eu acho que você sempre acha uma forma de me surpreender, de me *proteger* — ela sussurra, fechando os olhos devagar, parecendo cansada de repente.

— Você também — sussurro segundos depois. Tenho certeza de que ela pega no sono.

Os próximos minutos se passam e eu deixo que ela durma profundamente, até me levantar. Volto para as poltronas, em silêncio, e pego a sua bolsa, guardando tudo que ela jogou no chão à procura dos remédios que toma. Eu acho que dou um sorriso meio puto quando vejo o frasco escondido em zíper da bolsa. Ele estava aqui todo esse tempo. Tiro-o de lá e analiso cada palavra. Entendo que, com certeza, foram passados por receita. Franzo o cenho meio curioso sobre isso, mas guardo-o mesmo assim e volto para o quarto.

Coloco a bolsa na poltrona e o seu celular na mesa de cabeceira do lado. Olho para ela, que está abraçada em um travesseiro. Engulo em seco.

— Qual é o seu problema? — pergunto a ela, sabendo que não vou ter resposta. — Acha que pode me hipnotizar com essa boca inteligente e essa mente brilhante?

Cruzo os braços.

— Bom, você não pode. — Abaixo-me para sussurrar e encaro o seu rosto perfeito. — Só porque eu

quero estar com você na maioria do tempo, não significa que eu goste de você, ok?

Eu estou falando com ela dormindo? Quem eu sou? Um psicopata?

— Você é legal, me faz rir e duvidar da minha grosseria com os outros, quando diz que é errado tratar as pessoas assim, porque aparentemente me torna insuportável, mas isso também não significa nada, nada!
— Aponto para ela. — Nada.

Fico ereto novamente e coloco as mãos dentro da calça social com uma expressão dura, ainda a admirando. Lisa mexe o rosto, soltando um resmungo adorável, que me faz sorrir igual um idiota logo depois.

Porra, eu estou me apaixonando por ela.



Quinze minutos antes de pousar, eu fecho o meu MacBook e caminho até o quarto para acordar a Bela Adormecida. Toco na maçaneta, abrindo a porta devagarzinho, e depois rápido, quando a vi sentada na beira da cama, pensativa. Ela levanta a cabeça para me encarar e eu dou um sorriso pequeno, aproximando-me.

Fico na sua frente e mantenho os meus olhos nos seus.

— Como se sente?

— Histérica.

— Você não foi histérica.

— Está brincando? Você não estava lá?

— Ter uma crise de pânico não é histeria, não diga isso — repreendo-a e ela coloca as mãos em cima do colo para esfregar os dedos.

Suspiro, vendo-a incerta. Ando pouco passos, ameaçando deitar em cima dela, até que suas costas vão para trás na cama. Puxo-a para cima, acomodando-me no meio das pernas. Mantenho a minha visão no seu rosto.

— O que está fazendo?

— Te acalmando.

— Hum... o quê?

— Feche os olhos — digo a ela, que o faz depois de apertar os lábios.

Toco nas suas mãos para colocar nos meus ombros e ela mesma arrasta até a minha nuca. Olho para o seu peito, que está meio vermelho. Acho que ela estava sentindo calor antes de acordar. Toco em seu pescoço e olho para o seu rosto, mandando-a não abrir os olhos.

Desci a minha mão pelo meio dos seus seios e ela engole em seco sem protestar. Na barriga, eu levanto a blusa azul clara, o suficiente para colocar a minha mão ali dentro e acariciar a sua pele de leve. Lisa quase abre os olhos, mas mando-a fechar de novo. Ganho um protesto em troca, que me faz sorrir.

— Meus dedos estão acalmando você?

— Estão fazendo a minha temperatura subir.

— Não ainda — sussurro trazendo as pontas dos dedos até o botão da calça jeans azul-escura. Ela abre os lábios, mexendo-me, inquieta. Eu mantenho o meu rosto perto do seu. Desabotoo, ouvindo-a ofegar, já totalmente envolvida no cenário comigo. Lisa sempre parece pronta para mim e eu gosto para caralho disso.

Afasto a abertura da calça e enfio a minha mão devagar, até alcançar a calcinha. Levanto-a com o indicador e viro minha mão para baixo, até tocar na parte macia do seu sexo. Ela soltou um suspiro excitado e aperta os olhos quando chego no clitóris, esfregando a ponta dos dedos, querendo excitá-la apenas assim. Beijo

o canto da sua boca, descendo até o pescoço, sempre com o olhar no seu rosto para que ela não abrisse os olhos.

Mexo os meus dedos mais forte e de forma circular. Roço o seu clitóris agora inchado entre eles. Ela geme apertando a minha nuca, e tira a cabeça momentaneamente da cama, querendo me beijar, mas eu a mantive sedenta por enquanto. Seu quadril se mexe de forma insistente para mim e eu abaixo a sua calça um pouco mais para baixo, querendo tocá-la mais rápido. Lisa parece gostar disso, porque coloca as mãos ao lado da cabeça depois de jogá-la e forçá-la para baixo.

— Você parece bem agora — sussurro.

— Eu acho que vou explodir.

— Você pode explodir nos meus dedos, eu gostaria de ver, porque eu provavelmente nunca vou me cansar.

— Dylan... — Ela está abrindo os olhos, quando a repreendo.

— Mantenha os olhos fechados e se concentre em gozar para mim.

Pouso os meus lábios nos seus e não a penetro em momento nenhum, apenas toco e brinco com o ponto pequeno, que a faria ter um orgasmo rápido. Quando ouço o seu gemido novamente, eu uso mais pressão e mais rapidez, aproveitando a deixa. Seu peito sobe e desce com velocidade e seus lábios parecem inchados de tanto que ela os morde.

— Eu adoro tocar em você.

— Eu gosto que você o faça, apenas você.

Sorrio para ela antes de morder o seu queixo e suspiro antes de apertar o seu clitóris, fazendo-a chegar ao ápice que ansiava para ter. Vejo as suas mãos apertando os travesseiros e beijo o seu peito tranquilamente, apenas ouvindo-a se derreter. Lisa me aperta com as pernas enquanto eu ainda a toco, e traz as

mãos para os meus ombros novamente. Beijo os seus seios rapidamente e a encaro de novo antes de tirar os dedos daquela região macia.

Seus olhos ainda estão fechados e isso me fez sorrir.

— Você pode abri-los agora.

Ela abre apenas um e eu dou uma risada baixa. Lisa se inclina, dando-me um selinho casto. Eu subo a sua calcinha e logo depois a calça jeans, sem abotoá-la.

— Melhor, senhorita Morris?

— Acho que estou nas nuvens.

— Literalmente?

— Literalmente — ela confirma e eu aperto as suas pernas antes de me levantar. Ela me encara se sentando e respira fundo até se levantar, ficando em pé na minha frente.

— Vamos para os assentos, já vamos pousar — digo e ela acena caminhando até à poltrona para pegar a sua bolsa. Em seguida, ela está de boca aberta ao pegar o remédio.

— Como... o que...?

— Você não prestou a atenção, estava surtando.

— Não acredito. — Ela olha frustrada para o frasco.

— Esse... medicamento é forte, por que não toma um mais fraco? — pergunto e ela me encara.

— Eu gosto desse. — Ela não diz mais nada, guarda o frasco e caminha até mim, voltando para os assentos. Observo-a por alguns segundos e a vejo fechar os olhos enquanto o piloto faz a aterrissagem.

No final, ela abre os olhos novamente, percebendo que acabou. Eu vejo as comissárias fazendo os ajustes necessários pós voo. Lisa dá um sorriso alegre olhando para a janela e nem parece a mulher amedrontada de antes, por causa de um negócio enorme com asas.

— Bem-vinda a Chicago — falo a ela antes de me levantar.

Ela sorri, desfazendo o cinto de segurança, e um complô de risadinhas chama a minha atenção. Percebo as três mulheres perto da porta sorrindo e olhando para Lisa, que amarra o cabelo em um coque. Parecem debochar da forma como ela reagiu à turbulência e isso me deixa irritado até o último fio de cabelo. Lisa também percebe as risadas e olha para lá. Sua expressão muda lentamente quando ela entende o que elas estão fazendo.

Seu rosto se vira e ela olha para baixo, totalmente retraída. Aperto o maxilar.

Que tipo de pessoa patética ri de uma crise?

Agarro a mão de Lisa e a puxo para fora do avião. Nossas malas saem em seguida e são postas no porta-malas do carro, que vem nos buscar. Aperto a mão de Gerard, o piloto, agradecendo pela disponibilidade de última hora. Lisa parece irritada ao olhar para o lado, enquanto eu falo com ele. Despeço-me de Gerard e olho para onde ela olha. As três ainda caçoam dela, como se estivessem no colégio novamente.

— Venha comigo. — Sua mão está na minha, então aperto mais forte até caminharmos na direção delas, que se ajeitam rapidamente ao notar a aproximação.

— Senhor Venturelli. — Elas são quase idênticas, só o que muda são as cores dos cabelos. Acho que são irmãs.

— Deseja mais alguma coisa? — a loira pergunta. Conheço mulheres e sei quando há interesse apenas por um olhar, quando vejo um.

— Podemos fazer qualquer coisa que o senhor quiser. — A de cabelo vermelho dá um sorriso grande. Sinto Lisa apertar a minha mão mais forte e a puxo para cima, beijando perto do anel brilhante em seu dedo.

— Certo, então podem falar com a central e arrumar suas coisas — falo olhando para as três.

Elas parecem confusas.

— Vocês estão demitidas — falo sério. Lisa arregala os olhos e elas quase caem para trás.

Agora não estão mais rindo, estão?

— Demitidas? O que nós fizemos?! — perguntam quase ao mesmo tempo.

— Mexeram com quem não devia — falo e elas olham para Lisa, que me encara, mas depois um sorriso de triunfo aparece no rosto.

— Acho que essa pessoa sou eu. — Ela olha para as comissárias. — Que sorte eu tenho, não?

A expressão frustrada de cada uma faz minha noiva sorrir como uma criança até eu tirá-la de lá. Espera... eu realmente disse “minha noiva” sem colocar “falsa” no final? *Putá, que caralho*, como diria o meu irmão.

Entramos no carro depois que o motorista abre e a deixo entrar primeiro. Tiro a gravata azul do pescoço e a guardo no bolso, sentando-me ao seu lado.

— Como se sente?

— A questão é o que eu não sinto.

— Pena?

— Nem um pouco. — Nós dois rimos.

— Talvez você vá para o inferno.

— Se você estiver lá, pelo menos vai me entreter.

— Ela sorri da maneira adorável que eu estou acostumado.

— Provavelmente estarei. — Olho para frente, encarando o motorista pelo retrovisor. — Nos leve para a mansão o mais rápido que puder.

— Sim, senhor. — Ele acena e eu olho para Lisa, que encosta a cabeça no meu ombro, sussurrando um “*obrigada*”. Acho que ela ainda não tem noção do que eu poderia fazer por ela.

A viagem até o local é rápida, como instruo para ser. Nesse meio tempo, eu fico brincando com os dedinhos finos de Lisa sem ao menos perceber aquela situação toda. Em que momento eu sinto uma necessidade inexplicável de querer ficar tocando nela? Bom, eu tinha antes, mas era apenas sexual, agora eu quero ficar cheirando o seu cabelo e brincar com a pinta no seu ombro esquerdo.

Que idiotice.

Se Peter estivesse, aqui ele diria que eu sou brega em todas as línguas que sabe.

Saio do carro quando ele para na frente da mansão que temos em Chicago. Temos empresas espelhadas nos Estados Unidos, uma pequena parte da América do Sul e na Itália, onde tudo começou. Trabalhamos com foco nos produtos de tecnologia e serviços relacionados à internet, estamos em constante movimento desde sempre. Se o mundo muda, nós temos que mudar com ele.

— Eu não gosto desse rosto — falo para ela, que olha para a porta enorme na sua frente.

— Então me pague um cirurgião plástico.

— Como se precisasse. Você é linda para caralho — falo e logo depois aperto os lábios com o que eu falei. Ela me olha com uma sobrancelha erguida.

— O quê?

— Não é a primeira vez que elogio você.

— Mas é a primeira vez que você faz por espontaneidade.

Ignoro-a e passo o meu braço pela sua cintura, trazendo-a perto o suficiente para ouvir o seu coração batendo forte. Ela está mesmo nervosa.

Abro a enorme porta e adentramos o local normalmente. Olho em volta e a primeira coisa que eu vejo é a escada com um tapete vermelho sobre ela, dois lustres dourados pendurados no teto e vários quadros,

que provavelmente são de pinturas antigas, minhas tias adoram isso. Ouvimos risadas melancólicas de algum cômodo, e suponho que seja da sala de estar. Lisa e eu caminhamos até lá e as primeiras pessoas que eu vejo são os meus pais perto da lareira apagada.

— Olá, família — falo pegando a atenção de todos.

A sala está composta por três casais, contando com os meus pais. No canto perto do sofá, há dois primos que eu não vejo há algum tempo. Desvio o olhar deles para os meus pais, que se aproximam. Os dois praticamente me ignoram e falam com Lisa, como se eu nem estivesse aqui.

— Que bom que você veio — minha mãe diz agarrada com ela de um lado, e o meu pai do outro lado. Eu olho chocado.

Mas que porra que está acontecendo?

— Sentimos a sua falta, querida — meu próprio pai, o traidor, diz.

— Nossa, então deviam adotá-la e me deixar na frente de algum orfanato quando voltarmos para Nova York. — Eles finalmente me olham e dão sorrisinhos, vindo me abraçar.

— Espero que você esteja bem. — Gregório me analisa por alguns segundos e depois olha para Lisa. — Muito bem, na verdade. Você dormiu?

— Sim, pai, eu dormi. — *Com ela. E acordamos na mesma cama de manhã. Foi fenomenal, devo ressaltar.*

— Apesar das circunstâncias... difíceis, estamos contentes por você estar aqui — Monica fala olhando para Lisa, que acena com a cabeça, parecendo grata.

— Venha, irei te apresentar para o resto da família. — Ela concorda e me acompanha para o segundo casal, minha tia Agatha e meu tio Jimmy. Ambos moram em Chicago e são padrinhos de Ana. São o casal mais

legal que conheço. — Esse é o meu tio Jimmy e sua esposa Agatha — apresento-lhes depois de um abraço em ambos. Meu tio continua de cabelo preto. Às vezes ele pinta quando perde alguma discussão para ela, como brincadeira. Agatha tem o cabelo loiro e olhos pretos, como os do marido. Ela, com certeza, tem o homem na palma da mão dela.

— Sou Lisa — ela se apresenta e os dois vem para cima, dando-lhe um abraço forte. Minha família é muito calorosa.

— Bem-vinda à família e, desde já, eu te desejo sorte — Jimmy fala.

— Não assuste a menina. — Agatha belisca o braço dele e depois olha para Lisa. — Mas ele está certo, não sei onde eu estava com a cabeça quando me casei com um Venturelli.

— Confesso que eu estou no mesmo dilema — Lisa brinca com ela, que tem os olhos brilhando, e depois me encara.

— Oh, meu Deus, eu a amei — ela diz e eu reviro os olhos.

— Certo, nos falamos lá fora — digo e eles acenam antes de eu levar Lisa para o terceiro e último casal.

Esse em específico é o mais recente da família e os mais novos. Minha prima tem o cabelo preto e enorme, e olhos verdes como os meus. Seu marido é alto e negro, com olhos castanhos como mel. Acho que estão casados há um pouco mais de quatro anos. Casaram-se na Itália e estão juntos desde então.

— Essa é a minha prima Jane e o seu marido Michael. — Lisa sorri genuinamente para ambos.

— Meu Deus, você é muito linda, o que está fazendo com esse babaca? — Jane abre a boca e eu já quero fugir dela. Sempre implicante comigo.

— Pagando pelos meus pecados — Lisa responde, deixando-os em silêncio, que depois dão uma gargalhada meio estranha, deixando-me horrorizado.

— Eu não dou uma risada há dias, obrigada por isso. — Jane a abraça apertado e Michael aperta a sua mão em seguida.

— Onde estão Adam e Peter? — pergunto.

— Eles saíram há alguns minutos, mas estarão de volta para o funeral — Michael responde e eu aceno.

— Soube algo de Nate? — Jane me pergunta.

— Ele não me atende. — Respiro fundo.

— Espero que ele apareça. — Ela toca em meu braço.

— Eu também. — Dou um sorriso pequeno e levo Lisa aos últimos da apresentação.

O homem que está na minha esquerda se levanta e encara Lisa dos pés à cabeça, parecendo gostar muito do que vê. Tento não falar nada para não estragar o ambiente familiar, mas se ele não parar de olhar para a boca da Lisa, eu não pretendo me segurar. Kevin sempre teve uma rixa comigo, na verdade com todos nós, ele é meio revoltado com tudo, tem algumas crises de raiva e passa por alguns médicos de ano em ano. É o primo que com certeza eu nunca confiaria, porque ele é imprevisível.

— Muito prazer, me chamo Kevin. — Ele agarra a mão dela antes de depositar um beijo. Encaro Filipe, que está ao lado de Kevin, encarando-me para ver a minha reação, e não foi das melhores.

— Oi, sou Lisa. — Ela sorri inocente e ele sorri mais ainda.

— Como você está, Kevin? — pergunto querendo e não querendo saber. Apesar das desavenças, ele é a minha família e não há nada mais importante do que isso.

— Bem, Dylan. — Ele acena e olha para ela de novo. — Você é linda, se me permite o elogio.

Ela apenas agradece.

— Sou Filipe. — Vejo a mão dele apertar a dela. — Sou o primo e tio do seu noivo.

— Primo e tio? — Lisa parece confusa.

— Segredos da família, quem sabe um dia eu te conto? — Ele pisca, dando um sorriso simpático e ela concorda parecendo contente. Abraço Filipe apertado e digo que é bom vê-lo. Filipe é o CEO presidente da filial em Chicago e Kevin é o vice-presidente. Jimmy é o advogado representante de todos nós e, junto dele, há uma ótima equipe, que é Jane. Os dois são imbatíveis.

— Então, noivos? Quem diria, sempre rodeado das mulheres mais gostosas de Nova York e agora decidi ficar com uma mulher só, estou realmente impressionado — Kevin diz e eu olho para Lisa, que com certeza não estava esperando por essa.

— Ela não é qualquer mulher, por isso. — É só o que eu respondo, não dando espaço para continuar essa conversa. Ele parece entender o porquê. Apenas dá um sorriso falso e se afasta, alegando que pegaria uma bebida.

— Vocês fazem um ótimo casal — Filipe diz, sorrindo. — Que bom que vai se casar, nunca me casei, mas parece bom e ruim, enfim, boa sorte.

— Meu Deus, cala a boca. — Nego com a cabeça e ele ri.

— Eu estava tentando ser gentil. — Ele levanta o dedo. — Mas vocês são realmente um casal bonito.

— Nós sabemos disso — digo e Lisa concorda.

— Que convencidos!

— Olha quem fala — digo.

— Cara, sou nomeado o cara mais sexy de Chicago, acha mesmo que eu não seria convencido? — Filipe se gaba e eu reviro os olhos.

— Você é bonito mesmo... digo — Lisa balança a cabeça, desconcertada, e eu cruzo os braços, ouvindo a risada patética dele — eu não quis falar isso...

— Não se preocupe, é o que todo mundo acha — Filipe pisca e ela aperta os lábios, virando o rosto para mim.

— Vamos subir e nos arrumar — digo e ela concorda, agarrando o meu braço. Olho-a pelo canto de olho enquanto subíamos as escadas.

— Sexy de Chicago, hein? — Ela quer saber.

— Quer que eu arranje um encontro?

— Não precisa, eu já tenho o de Nova York — sussurra me fazendo sorrir. Ela tira a minha marra em menos de cinco segundos.

Maldita.

Subimos aquelas escadas que não pareciam ter fim, e andamos até o final de um corredor imenso. Dobramos para direita, caminhando até o último quarto, para manter distância dos demais. Eu abro a porta para que ela entre primeiro, e vejo quando suas mãos vão até a boca, deparando-se com a beleza dali.

O quarto é enorme, com cortinas douradas, que escondem as grandes vidraças. Cabem umas quatro pessoas naquela cama, de tão grande. Há duas cômodas com abajures em cada lado, e no teto um lustre iluminando todo o local. No canto do quarto, há uma mesa redonda, uma cadeira vermelha, com alguns detalhes brancos, e um espaço sem porta, que deve ser a entrada para o banheiro.

— Gostou?

— Eu posso morar aqui?

— Sim, se ajudar na manutenção da casa.

— Quanto custa?

— Só a sua parte? Talvez cinquenta mil por mês.

— Já falei que adoro o meu apartamento em NY?

— É melhor mesmo. — Sorrio de lado antes de caminhar até à minha mala encostada no canto. Tiro a roupa que usaria mais tarde e a coloco sobre a cama. Suspiro alto, perdendo-me em algumas lembranças da adolescência com Ana, e fecho os olhos ao sentir mãos no meu peito. Lisa me abraça por trás, até colocar a cabeça nas minhas costas.

— Tudo ficará bem.

— Eu espero que sim — respondo.

CAPÍTULO 21

Lisa Morris

“Diga-me que você me ama, mesmo que seja por uma noite”

Isso parece mais difícil do que eu pensei que seria. Eu não conheço os Venturelli há muito tempo, porém isso não me impediu de ficar abatida ao ver quase todos lamentando a perda de um ente querido. Todos olham para o caixão de Ana, que está sendo posto no buraco de terra na lápide família. Ao lado do seu nome está o nome do homem que eu soube que era o pai dela.

O cemitério está calmo, só há nós ali soltando choros baixinhos. Dylan está com as mãos dentro da calça e olha para o caixão de forma física. Não interrompo nada disso e o deixo se despedir dela mentalmente, como eu sei que ele fazia.

Ouçõ um choro alto que chama a nossa atenção. Vejo uma mulher de cabelos loiros, bem parecida com Ana, aproximando-se, que tem uma rosa vermelha em suas mãos e lágrimas no rosto. Assim que ela chega perto, ajoelha-se e junta as suas mãos, totalmente abalada.

— Minha filha! Eu vou sentir tanto a sua falta — ela diz e todos a olham, tristes.

Jimmy se aproxima dela para confortá-la e soluços são constantes. Quando percebo, uma lágrima

desce pelo meu rosto ao ver toda aquela situação e sinto empatia por todos ali presente. Ver uma mãe no funeral da própria filha é uma das coisas mais tristes que se pode vivenciar.

Descubro que seu nome era Antonella, mãe de Ana, que se casou com o irmão de Jimmy e é o mesmo que tem um lugar ao lado da filha na sepultura. Ele morreu de câncer no estômago há alguns anos. Jane me contou que foi a coisa mais difícil que Ana enfrentou, a morte do pai a abalou demais.

Fizemos parte da pequena cerimônia, que continua com pessoas se despedindo dela e dando os pêsames a todos da família e à mãe de Ana, que não tem mais nenhuma expressão. No final, começam a jogar terra por cima do caixão e ela joga a rosa junto, até que Antonella começa a gritar e dizer que quer a filha de volta. Ela quase ameaça se jogar dentro da cova, mas Jimmy a segura antes e todos se aproximam, tentando acalmá-la.

— Não... me deixem ir com ela! — ela grita em sufoco e eu viro o rosto, encostando-me em Dylan, que me abraça entendendo que aquilo está sendo demais para todos ali.

Ouçõ a respiração dele falhar quando levam Antonella um pouco mais para longe, e Monica prometer cuidar dela. Subo o olhar, encontrando uma lágrima solitária no rosto de Dylan. Abraço-o apertado em seguida.

— Ei... — Escuto alguém chamá-lo e olho para Adam, Peter e... oh, esse é novo.

Separo-me de Dylan, que abraça cada um de forma forte. Os quatro se consolam baixinho e eu coloco as mãos para trás, olhando o amor evidente que eles parecem ter um pelo outro.

— Nate. — Dylan aperta o ombro do quarto integrante da gangue. — Estou contente por você ter

vindo.

— Eu não perderia por nada. — Sua voz grossa atravessa os meus ouvidos.

Nathaniel parece ser o Venturelli mais calmo e sério, sua postura de macho alfa deixa isso bem claro. Ele é um pouco mais alto que o Dylan e tem um corpo mais forte. Seus olhos parecem ser de um cinza escuro, até combinando com o seu cabelo preto. Seu rosto é perfeito, sua boca é desenhada pelos... deuses? Ele é lindo. Uma pena que eu só goste dos olhos verdes ao meu lado.

— Nate, esta é Lisa — Dylan me apresenta e eu aperto a sua mão quando ele me oferece.

— Ouvi muito sobre você — ele diz e olha para Dylan com um olhar cúmplice.

— Vamos voltar para a mansão. — Gregório aparece do nosso lado. — Amanhã faremos um almoço dedicado à ela.

— Parece uma ótima ideia — Adam diz. Agora que vejo melhor a barba malfeita em seu rosto.

Apenas concordamos em voltar para a casa e eu os vejo se despedindo de alguns que não vejo direito o rosto, estou aérea demais para tal coisa. Só sinto o braço na minha cintura e o banco embaixo da minha bunda enquanto fazemos o caminho de volta.

Ainda está de dia e quase alcançando a tarde. Na mansão, todos vão para a sala de jantar e nós nos sentamos para devorar o banquete feito. As horas passam com as histórias sobre a Ana. Acho que isso parece algum ritual da família, porque cada um conta uma história sobre ela, todas engraçadas, o que aliviou o clima em quase cem por cento. Já de noite, todos parecem confortáveis em fazer um brinde à ela.

— Vamos brindar e sorrir. Tenho certeza de que seria isso que ela gostaria de ter. — Monica levanta a taça e fazemos o mesmo.

Converso com Jane por alguns minutos e rio com ela, que tem a personalidade incrível. Jimmy, Gregório e Filipe brincam com Kevin, que ri para os familiares. Adam perturba Peter e Nate com abraços sem motivos.

— Onde está Michael? — Dylan pergunta à Jane, já que seu marido não está ao seu lado.

— Coloquei sonífero na bebida dele para me deixar comer em paz — ela diz fazendo Dylan e eu abirmos a boca, chocados. Logo depois ela começa a rir. — Ele está atendendo a um telefonema, relaxem — ela diz antes de beber um gole de suco. — Não é como se eu fosse fazer isso na frente de vocês.

Levanto uma sobrancelha e olho para Dylan, que faz um sinal da cruz no peito.

— Então? — Agatha chama a nossa atenção. — Acho que está na hora de falarmos sobre o novo casal.

— Passamos essa — Dylan nega, ouvindo todo mundo chamar ele de otário. Rio alto quando Jimmy joga uma uva na cara dele.

— Queremos saber, somos fofoqueiros! — Michael comenta ao se aproximar da mesa novamente.

— O que querem saber? — pergunto e olho para Dylan, que põe a mão no rosto, como se eu tivesse feito uma burrada.

— Como se conheceram e qual foi a primeira coisa que notaram? — Jane pergunta.

— Nos conhecemos na entrevista que ele estava oferecendo como secretária particular e... — Olho para Dylan — provavelmente notei a gravata vermelha, é a minha preferida.

Ele levanta uma sobrancelha com um sorrisinho.

— Eu só dei o emprego a ela por ter sido a melhor que eu tinha entrevistado naquele dia e havia candidatos com currículos mais do que impressionantes. Não precisei de muito para entender que ninguém chegaria aos pés dela — ele diz me encarando e eu dou

um sorriso que derrete a minha pose de durona. — E o que eu notei primeiro foram as pernas.

Reviro os olhos, fazendo-o rir.

É claro, um safado desses.

— Ela é a sua secretária? — Kevin pergunta com ironia na voz. — Sério? Que coisa ridí...

— Sim, eu sou. Se eu fosse sua secretária por alguns dias, eu mudaria toda a sua vida. — O sorrisinho do seu rosto some. — Começar pela sua lavanderia, que está tirando a cor dos seus ternos e deixando você apagado, ou ajeitar os seus contratos, que devem ser danificados sempre que assina, porque sua mão sempre está suja de tinta de caneta. E tenho certeza de que você mandou sua secretária comprar outra, mas ela não o fez.

Ele olha para a sua mão suja de caneta com uma expressão mortificada.

— Como você...?

— Eu disse que ela não é qualquer uma — Dylan o interrompe e eu bato na sua mão, em High Five, em seguida.

Todos na mesa começam a rir de nós dois, que fazemos uma dancinha com os ombros.

— Ok, isso foi incrível. — Monica nos olha com carinho. — Quando perceberam que se amavam?

Travo no lugar e ele, pelo visto, tem a mesma reação.

— Ah... bom. — Começo a me enrolar com as palavras. Eu não estava esperando essa. — Isso aconteceu... é...

— Aconteceu de repente — Dylan me corta e eu agradeço mentalmente. — As coisas foram mudando entre nós dois, nos aproximamos, e percebemos o quão bom nós somos juntos e não só profissionalmente.

— Qual é, filho? Pode fazer melhor do que isso — Gregório exige e ele levanta uma sobrancelha.

— Certo... — Dylan apoia as mãos na mesa, pensativo por alguns segundos — eu a odiava.

— Porra, obrigada — debocho e ele manda eu ficar quietinha. Quase dou um tapa no seu braço.

— Lisa tinha tudo que uma pessoa deveria ter para me irritar, faz piadinhas fora de hora, me contradiz, e sempre está tentando me provocar. — Dou um sorrisinho perverso. — E mesmo com tudo isso, eu não conseguia tirá-la da cabeça.

Ele olha para mim e eu paro de sorrir quando percebo que o seu rosto está sério demais.

— Nunca pensei que teria uma mulher como ela, que me faz rir e ficar bravo no mesmo nível. Sempre uma mistura de sentimentos e, porra, eu adoro isso, mas adoro mais quando ela se joga nos meus braços como se aquele fosse o lugar dela. — Ele engole em seco, olhando-me. — Acontece que aquele lugar é seu, baby. Você é minha.

Minha boca está aberta, ouvindo tudo aquilo, eu não sei se ouço o bater forte do meu coração ou da minha mente que grita para eu dizer que estou apaixonada por ele, que eu quero ser dele de verdade. Que eu o quero mais do que tudo, e experimentar o que ele pode me dar.

Pisco, meio ofegante, quando ouço assobios e olho para o outro lado, tentando controlar os meus pensamentos.

— Certo, isso não era exatamente o que eu ia dizer à minha família — Dylan brinca, para amenizar o clima tenso. Eu engulo em seco.

Os minutos se passam e eu agradeço de forma mental quando o tópico da conversa muda radicalmente para a fusão que eles estão planejando em Nova York. Eu não consigo olhar para ele agora e muito menos quando ele toca na minha coxa por baixo da mesa.

Levanto-me, pegando a atenção de todos. Dou um sorriso pequeno.

— Eu vou ao banheiro.

— Eu te mostro — Dylan diz.

— Não precisa — toco no seu ombro, mantendo-o sentado, e caminho para sair dali e respirar um pouco, dou uma corridinha para fora da casa e olho para cima quando chego no jardim cheio de rosas com um labirinto mais à frente. Ponho as mãos na cintura e respiro fundo, acalmando os meus ânimos impulsivos.

Isso com certeza também foi demais para mim. Ouvir uma declaração daquelas, sabendo que é uma mentira, faz o meu pobre peito doer. A cada palavra que saía da sua boca, eu desejava baixinho que fosse verdade, que ele agarrasse a minha nuca e dissesse em alto e bom tom que acabaria com aquele noivado falso e iniciaria algo de verdade comigo, que ele me queria de forma absurda, como eu também o queria.

— Lisa. — Olho para trás, vendo-o se aproximar.

— Eu disse que você não precisava vir.

— E isso não se parece com o banheiro. — Ele para ao meu lado. — Seus olhos estão marejados, o que está acontecendo?

Suspiro.

— Não é fácil, ok?

— Seja mais clara, por favor.

— Não é fácil fingir todos esses sentimentos, Dylan. Talvez para você seja simples, mas não acho que consiga ser simples para mim. — Olho para ele. — Não mais.

Ele aperta os lábios antes de suspirar.

— O que eu disse lá dentro...

— Eu sei o que você disse, não precisa justificar.

— Não, você não entendeu.

— Sua família precisa acreditar que estamos realmente apaixonados, eu sei disso. É o que você vem

me dizendo o mês inteiro, não é?

Ele abre os lábios, sem saber o que dizer, acho que o peguei desprevenido depois dessa, porque ele não fala nada. Nem quando eu me viro dizendo que vou descansar um pouco no andar de cima. Ainda o olho por cima do ombro e vejo suas mãos passando pelo seu cabelo preto.

Subo as escadas rapidamente, ouvindo os falatórios na sala de jantar, e abro a porta do quarto com força, encostando-me na porta em seguida. Acalmo a minha respiração novamente e fecho os olhos, não querendo dar uma de sensível agora. Caminho para o banheiro para tomar uma ducha, e tiro aquele vestido preto.

Quando vou para a cama, fico tão perdida em pensamentos que nem percebo quando adormeço naquele quarto imenso, mas tão pequeno para todos os sentimentos que eu estava sentindo.

Quer uma dica? Não faça acordo de casamento com o seu chefe.



No dia seguinte...

Dylan fodido Venturelli está me evitando.

É isso mesmo, ele está me evitando da mesma maneira que estou ao andar de um lado para o outro na mansão, resistindo à vontade de ir lá e falar com ele. Eu quero saber se ele se alimentou bem ou se está melhor

esta manhã, mas toda vez que penso em fazer isso, eu vejo quando ele vai falar com Gregório, dizendo-me indiretamente *“Fique onde você está, coisinha chata”*.

Terminamos de tomar café com todos reunidos na mesa grande do jardim, e Monica supõe que seria uma boa ideia ficarmos na piscina, porque naquele dia em específico está fazendo um sol grande em Chicago, o que ficaria perfeito para o almoço de Ana daqui a algumas horas.

— Lisa, você trouxe biquíni? — Jane me pergunta de repente.

— Não... não pensei nisso — respondo e ela concorda, sorrindo.

— Também não, quem traz biquíni para um enterro? Só a minha a família que inventa essas merdas.

Rio alto ao seu lado.

— Mas não se preocupe, vamos ao shopping agora e compramos um para você e para mim — ela diz e eu concordo, dando de ombros e pensando que é uma boa ideia.

— Vamos então? — pergunto e ela concorda, levantando-se junto comigo.

— Aonde você vai? — Sinto a mão de Dylan no meu braço e encaro o seu rosto com uma sobrelha erguida, fazendo-o me soltar.

— Vamos ao shopping comprar biquínis, quer vir conosco? — Jane convida e eu pisco várias vezes.

Não, deixa esse aí.

Dylan olha para mim em silêncio e eu suspiro quando ele se levanta na minha frente com o peito quase colando no meu. Encaramo-nos com fogo nos olhos.

— Claro — ele responde e eu reviro os olhos sutilmente, saindo da sua frente.

— Eu também vou — Adam diz, parecendo animado.

— Vamos ao shopping, não a uma boate — Dylan diz.

— Relaxa, maninho. Quando a gente passar na frente no puteiro, eu te deixo lá para o seu turno, prometo não atrapalhar a sua programação. — Adam ajeita o cabelo e dá dois tapinhas no peito dele antes de puxar Jane pela cintura, fazendo-a rir.

Caminhamos até uma Range Rover branca e entramos no carro. Adam e Dylan vão na frente e Jane e eu vamos atrás. Fazemos o trajeto até o shopping em silêncio, a não ser por Jane, que fala pelos cotovelos. Acho que se não chegássemos logo, Dylan a jogaria ela pela janela do carro.

Entramos no shopping e caminhamos até uma loja de roupas femininas. Adam é o primeiro a se manifestar.

— Beleza, família Adams, é o seguinte: Vou me distrair um pouco, então me liguem quando estivermos indo embora — Adam diz e Jane revira os olhos.

— Por favor, não transe no shopping — Jane pede.

— Eu não vou — ele diz e pisca para Dylan. Jane cruza os braços.

— Eu vi isso! — ela grita enquanto ele se afasta.

— Então finja que não viu. — Ele mostra o dedo do meio.

Entramos na loja em seguida, depois de cansar vendo o loiro dando sorrisos maliciosos por onde passava. Adam é tão cafajeste que me assusta. Jane vem do meu lado e somos recebidos por uma mulher muito atraente, que aparentemente só consegue olhar para Dylan, que está distraído mexendo na barra da sua camisa branca.

— Bom dia, como posso ajudar?

— Olhar para nós duas já ajudaria. — Jane parece pegar a atenção dela depois disso.

— Desculpe, o que desejam? — ela fala passando a língua nos lábios. Olho para aquela loja imensa de dois andares e o ambiente dourado chamando a atenção de qualquer um. Com certeza nenhuma peça aqui custa menos de quinhentos dólares.

— Estamos atrás de um biquíni sexy, quero que meu marido me olhe e diga que estou mais quente que o sol — ela diz, fazendo-me sorrir de lado.

— Eu quero ficar sexy para mim, por favor — falo para ela, sentindo o olhar idiota de Dylan no meu rosto.

— E você? — Ela olha para ele, que passa a mão na barba rala.

— Só vou acompanhar — responde.

Ela nos leva até a outra parte da loja com várias opções, e subimos as escadas que dão para a parte mais íntima. A escolha das peças é feita com cautela e, cerca de vinte minutos mais tarde, eu vejo Jane jogar uma pilha de biquínis em uma enorme mesa de vidro.

— Escolha — ela aponta. Acho que todos os Venturelli são autoritários assim. — São todos do seu tamanho. Estilos, estampas e cores diferentes — Jane me certifica. — Está tudo higienizado e vamos levar todos no final mesmo. Não se preocupe.

Rio disso, porque eu sei que ela gostaria de levar tudo.

— Dylan gosta de vermelho, não conte a ele que eu disse isso — Jane sussurra.

— O que você está falando aí? — ele se intromete.

— Do seu micro pênis — ela implica e ele bufa, cruzando os braços.

— Pelo amor de Deus, escolha logo para voltarmos para a mansão e eu devolver essa chatice para o marido dela — Dylan diz e ela abre a boca, perplexa.

Eles começam a brigar e se implicar. Eu deixo para lá, aproximando-me do provador que tem uma porta de madeira. Ele é grande e estranhamente aconchegante, com uma poltrona no canto e um espelho enorme. Tiro as roupas escutando a briga lá fora e rio baixinho, colocando o biquíni vermelho que não tinha alças. Parece mais um *top* sem bojo que sustentava os meus seios.

Saio do provador já vestida e olho para fora, querendo a opinião de Jane, mas franzo o cenho quando não a vejo em lugar nenhum. Mais à frente eu vejo Dylan mexendo nos biquínis em cima da mesa e olhando com uma cara assustada para os fios dentais.

Isso me faz rir o suficiente para chamar a sua atenção.

— Uau... — Ele me olha dos pés à cabeça.

— Você gostou?

— Muito. — Seus olhos estão nos meus seios.

— Então vou usar outro. — Ele faz uma cara de tédio.

Caminho até onde ele está e pego um biquíni branco qualquer, voltando para o provador e escutando os seus palavrões, irritado. Entro no provador e logo depois ouço seus passos acompanhados da batida na madeira.

— O que é? — pergunto irritada, tirando o biquíni.

— Você é tão irritante!

— Irritante? Eu vi você me evitar desde a hora que acordou, você que é irritante e um frouxo também!
— Amarro as alças no biquíni atrás das costas, e ajeito o mesmo na minha cintura.

— Frouxo?! Você está de sacanagem com a minha cara? — Abro a porta do provador, ficando na sua frente. Seu rosto está irritado.

— O quê? Não aguenta algumas verdades? — Ele olha para o meu corpo lentamente, enquanto eu brigo

com ele. — Eu estou tentando ser uma boa noiva para você, mas para quê? O que temos não existe de verdade...

Minhas palavras são caladas com o beijo ardente, que me toma com tanta força, que minhas costas batem na porta de madeira. Ofego nos seus lábios, sentindo as mãos subindo pela minha cintura. Sua língua procura a minha com uma insistência incrível, e todo o seu corpo está sobre o meu, fazendo-me perder a lucidez.

— Você não vai fazer isso de novo... — sussurro antes de gemer com o aperto forte nos meus seios.

— Isso o quê?

— Me foder.

Ele sorri nos meus lábios.

— Está dizendo que não me quer?

Eu quero, eu quero até demais.

— É exatamente o que eu estou dizendo.

— E por que sua mão está no meu pau, Lisa? — Encaro-o antes de olhar para baixo, percebendo meus dedinhos curiosos na sua calça. Quando o olho de novo, dou um resmungo abafado na sua boca, sentindo o beijo ardente novamente. Ele me empurra para dentro, fechando a porta, e me pressiona contra o espelho, esfregando-se em mim com força.

Gemo ofegante no seu ouvido quando ele agarra a cintura da peça, puxando-a para baixo e me deixando nua rapidamente. Ele a joga na poltrona e me faz virar em seguida. Encaro-o através do espelho logo depois que apoio as minhas mãos ali e minha pele se arrepia quando sinto o laço atrás do meu biquini se desfazendo. A parte se cima fica pendurada no meu pescoço e eu jogo a cabeça para trás no seu ombro ao sentir o aperto forte nos meus seios.

Mexo-me contra a sua ereção a cada beliscão que seus dedos dão nos meus mamilos, e fecho os olhos com os beijos no meu pescoço que me excitam.

— Não acha que temos algo de verdade? Isso responde a minha pergunta? — Aperto os lábios assim que os dedos tocam no meu sexo de maneira quente. Encaro-o através do espelho e vejo o seu sorriso safado na minha direção. — Diga que me quer dentro de você — ele exige e eu nego.

— Não... — Eu não deveria ser tão orgulhosa.

— Diga que quer que eu me enterre em você tão forte, que te faça revirar os olhos e gritar o meu nome repetidamente. — Ele coloca os lábios no meu ouvido, ainda me olhando pelo reflexo. — Quer que aquela mulher escute os seus gritos? Que ela saiba que eu sou seu?

Merda, isso estava saindo do controle.

— Sim — concordo e logo depois ouço o barulho do botão da sua calça. Olho para os meus pés descalços perto dos seus sapatos pretos e me empino mais para trás. Um gemido manhoso sai de mim quando percebo a ponta me provocando, e logo depois grito quando o sinto me penetrar de uma vez.

— Porra! — O êxtase corre pelas minhas veias.

— Encharcada, parece que isso vence o seu orgulho. — Ele dá um tapa na minha bunda e começa a se mexer dentro de mim. Meus seios balançam quando ele atinge um ritmo frenético e mais forte do que qualquer vez que ele tenha feito sexo comigo. Dylan está irritado e eu também, o resultado seria esse, ele metendo forte e eu gemendo agarrando a sua nuca quando ele beija o meu pescoço. Cravo as minhas unhas ali de propósito, fazendo-o gemer no meu ouvido.

Suas mãos descem pelo meu corpo e eu aperto os dedos no espelho quando sinto ele esfregando os seus no meu clitóris, que vibra com o seu contato. Dou um sorriso ofegante e abaixo a cabeça, tentando controlar a sensação nas pernas.

— Você é um idiota — sussurro. — Mas se não me fizer gozar, eu vou concordar com Jane sobre o micro pênis só para te irritar.

Sinto-o sorrir nas minhas costas e pisco quando ele me leva para a poltrona na nossa frente. Apoio uma perna ali, ficando mais aberta, e fecho os olhos quando ele me penetra com força novamente, agarrando o meu cabelo para trás. Solto um suspiro excitado cada vez que ele sai e volta, como se pudesse fazer isso por horas. A firmeza com que ele me segura me faz questionar qualquer coisa lógica, como transar em um provador ser proibido. Mas é deliciosamente proibido e não me importo se estiverem escutando, ou se Jane me olharia torto depois. Eu só preciso que ele faça o que sempre faz para me fazer gozar.

— Se você chegar lá, vai me chupar forte esta noite. Quantas vezes eu quiser.

Droga.

— Certo, boa sorte.

Ele sai de dentro de mim e eu pisco como se estivesse anestesiada. Dylan me vira, passando as mãos pelo meu peito, e eu limpo a garganta quando sou encostada na parede. Ele coloca apenas uma perna na sua cintura e eu agarro a sua camisa quando ele entra em mim tão lentamente, que é doloroso.

Ele se mexe devagar, agarrando uma mão minha e a pondo acima da minha cabeça. Gemo baixo, olhando-o nos olhos, e aperto o maxilar quando ele faz com força em um ritmo lento.

— Agora você vai gozar para mim como uma boa menina — ele ordena e eu jogo a cabeça para trás, apertando a minha perna na sua cintura.

Filho da puta.

— Você joga muito sujo!

— Acha que eu não sei que você gosta ser fodida assim? Que adora essa posição porque eu consigo me

esfregar em você por inteiro? — Ele beija o meu queixo e acho que vê quando eu reviro os olhos sem conseguir controlar o prazer que exala por toda parte. Ele coloca a minha outra perna em sua cintura e me carrega gemendo perto do seu rosto.

Quando ele aperta os meus seios e desce, esfregando os dedos livres no meu clitóris mais uma vez, eu explodo nos seus braços, colocando os dentes nos seus ombros e aspirando o seu cheiro delicioso. Ele goza segundos depois, apertando e me beijando com a respiração ofegante como a minha.

Dylan sobe as mãos pelas minhas coxas até parar abaixo dos meus seios. Ele me encara tonto por alguns segundos e eu coloco o meu braço em volta do seu pescoço, sorrindo de lado.

— Parabéns, baby — digo. Ele sorri e beija em seguida.

CAPÍTULO 22

Dylan Venturelli

“Eu penso nela tanto que me deixa louco”

Vejo-a colocar a pílula do dia seguinte na boca e engolir o remedinho com uma expressão satisfeita. Foi a primeira vez que transei com ela sem proteção e eu sei que não deveria falar isso, mas *foi incrível para um caralho*. Tão macia e quente sem aquela merda estúpida no meio de nós dois.

Ela sorri para mim com olhos enquanto bebe água no copo grande de cristal. Já estamos na mansão sem comentários sobre o que aconteceu no provador e com o ar sexual ainda mais forte entre nós. Acho que as minhas bolas podem se contrair só de pensar na sua boca gostosa mais tarde.

— Esse biquíni não está deixando minha mente em paz. — Aponto para ela, que está usando o mesmo do provador.

— Que bom que você descobriu a minha intenção. — Ela pisca antes de pôr a taça no balcão ao nosso lado na cozinha. — Como você se sente?

— Bem. — Aproximo-me dela com um sorriso pequeno e coloco o dedo em cima do mamilo esquerdo coberto pelo tecido branco. Faço movimentos circulares, analisando a sua expressão divertida.

— Eu estava falando sobre mais cedo, no cemitério.

— Não... — Movo as minhas mãos para o lado da sua cabeça. Seus olhos brilham para mim. — Eu ficarei bem, não precisa se preocupar.

— Eu me preocupo — ela sussurra e eu dou um sorrisinho antes de beijar os seus lábios de forma casta.

— Ai, meu Deus, casal feliz. Vamos, Nate, tenho alergia. — Adam nos faz separar com a presença inesperada e eu o vejo colocando a mão nos olhos de Nate, que a tira de lá com um tapa.

— O que querem? — pergunto.

— Você é o único que pode estar na cozinha? — Nate levanta uma sobancelha, caminhando até a geladeira para pegar uma cerveja.

— Há alguns convidados lá fora, Monica quer vocês dois lá. — Adam agarra a maçã quando Nate joga para ele.

Lisa me encara e caminhamos pela mansão, indo direto pelo corredor que nos levaria para fora da casa. Ainda não tínhamos conversado sobre o que aconteceu ontem no jardim. Mas como eu poderia? Eu passei todo o maldito tempo a lembrando que todos precisavam acreditar em uma farsa e que eu não daria nada a ela envolvendo sentimentos.

Tomo na minha bunda, porque essa mulher teria tudo de mim se quisesse. Existe algo que sempre me puxa para ela e todas as outras mulheres do mundo apenas não parecem suficientes para mim. Eu a quero, quero os seus beijos, os seus abraços, a sua atenção e até os sorrisos. Eu quero tudo.

Nunca fui um homem de ter as coisas pela metade, não acho que consigo mudar isso em relação à Lisa.

— Você veio! — Escuto a voz alegre de Monica e olho para as costas da pessoa que ela abraça com força. Franzo o cenho tentando reconhecer o homem de camisa branca e shorts pretos agarrado a minha mãe. Olho

primeiro para o seu cabelo loiro escuro e logo depois seus olhos castanhos, que percebem a nossa aproximação.

— Dylan. — Ele estende a mão para mim, onde há uma tatuagem de sol. Agarro-a com um sorriso pequeno.

— Como vai, Tristan? — Ele acena com a cabeça. Tristan era o namorado de Ana, com quem terminara um mês antes do acidente. Lembro-me dela dizendo que os dois não tinham dado certo e optaram pelo término, mas eu sei que ele estava traindo.

Cretino.

— Querido, esta é Lisa. — Monica tira a atenção dele apontando para ela, que está travada no lugar com o rosto pálido. Quando ele a encara, levanta as duas sobrancelhas, abrindo os lábios em surpresa. Claro que não preciso de mais cinco segundos para entender que isso se tratava de um reencontro.

— Lisa... — O nome na sua boca soa como um momento de êxtase.

Ela não fala nada, seus olhos estão vidrados nele e só a vejo se mexer para engolir em seco, levando a pouca saliva pela garganta. Olho para a minha mãe, que está com o cenho franzido, e logo depois para a minha família atrás dela, que assiste a cena.

— Caramba, hum... como você...? — Ele dá um passo grande na direção dela e eu levanto uma sobrancelha.

— Eu estou bem — ela consegue dizer, com o choque parecendo ir embora.

— Eu não te vejo há tanto tempo — ele diz com um sorriso no rosto.

— Eu não sabia que você morava em Chicago. — Lisa limpa a garganta, colocando os braços sobre o peito. Isso chama a atenção de Tristan, que faz uma inspeção

completa no corpo dela sem se importar que toda a porra da minha família está olhando para os dois.

— Parece que temos um reencontro. — Monica sorri. — São amigos?

— Nós namoramos — ele diz, fazendo-me arregalar os olhos, e Lisa dar um passo para trás. Acho que se ela pudesse correr e se jogar na piscina, ela faria.

— Uau... que... — Acho que é a primeira vez que eu vejo a minha mãe sem fala.

— Não durou muito, mas foram ótimos meses. — Ele a olha novamente com a visão nos seios cobertos pelo biquíni. Travo o maxilar quando ele desce o olhar para a mão esquerda e franze o cenho vendo o anel de brilhante no seu anelar. Tristan parece confuso — Você...?

Passo o meu braço em volta da cintura dela, que dá um suspiro de alívio. Seu corpo cola no meu peito e eu encaro os seus olhos agradecidos por ter tirado o olhar dele dos peitos dela. Prendo-a contra mim e o encaro novamente com uma sobrancelha levemente erguida.

— Vocês dois? — Ele aponta.

— Estamos noivos — explico.

— Noivos? — Ele olhou para ela, desacreditado.

— Sim, noivos. Desculpe, falei em italiano? — Sinto o olhar de reprovação da minha mãe e o ignoro.

— Puta merda! Isso só melhora — Kevin diz sentado na cadeira atrás de nós, como o resto deles. — Quanto tempo desde o término?

— Já tem quase um ano — ele responde, ainda olhando para ela, que dá um sorriso sem graça para Monica.

— Por que vocês terminaram? — Kevin pergunta se divertindo com a minha expressão fechada.

— Kevin... — minha mãe o repreende.

— O que, tia? Lisa é família agora, não acho que ela tenha mais vergonha de nós. — Kevin pega um

pedacinho de queijo, levando-o até a boca com um sorriso presunçoso no rosto.

— Ela não precisa responder se não quiser. Na verdade, eu não quero ficar conversando sobre o ex-namorado da minha noiva. Se me permitem. — Agarro a mão dela, que aperta forte. Puxo-a para a mesa e nos sentamos nas cadeiras vagas perto dos meninos, que me olham atentamente.

Observo Tristan se aproximar com a minha mãe e cumprimentar todos com um abraço apertado. Cada um sentado nessa mesa, além de mim, Peter, Adam e Nate, consideram Tristan como um rei. Desde que Ana o apresentou para nós, todos caíram no encanto do cara bonito e gentil que ele sempre demonstrou ser. No Natal do ano passado, minha família deu uma moto de presente para ele enquanto o seu namoro com Ana ainda existia.

— Como você está? — Coloco uma mecha do cabelo de Lisa para trás da orelha.

— Eu não sei o que dizer — ela sussurra.

— Me diga que não namorou com ele.

— Não posso. — Ela aperta os lábios e eu suspiro olhando para Tristan, que abraça o meu pai como se fosse um filho.

Porra.



— Se você olhar para ela assim por mais alguns minutos, eu acho que já posso te nomear um psicopata. — Escuto a voz de Nate e logo seu corpo entrando na minha frente para cortar minha visão de Lisa, que está

sentada perto da piscina com Agatha e minha mãe vendo os álbuns de fotografia da família.

Os demais estão perto da churrasqueira bebendo a cerveja preferida da minha prima e fazendo brindes à ela.

— O que foi? — pergunto a ele, que levanta uma sobancelha.

— Desculpe, eu falei em italiano para você não ter entendido? — Ele me imita.

Reviro os olhos quando ele sorri.

— Podia jurar que você estava com ciúmes. — Sua cerveja bate na minha.

— Eu não estava.

— Vamos, conte-me o que está acontecendo. — Ele balança uma mão me mandando desabafar. Respiro fundo. Não falo muito sobre os meus sentimentos com as pessoas, mas Nate sempre consegue tirar tudo de mim por causa da confiança absurda que tenho nele.

— Eu acho que... gosto dela.

Ele franze o cenho.

— Gosta dela do tipo casal de jardim de infância que divide o suquinho de caixa na sala de aula?

Mando-o ir à merda depois disso.

— Eu gosto dela, eu gosto para caralho. — Passo a língua nos lábios. — Eu a quero.

— Você não a tem?

— Eu quero mais.

Ele semicerra os olhos e sorri de lado.

— Se apaixonou por ela, não?

Engulo em seco depois de limpar a garganta, brinco com a boca da minha garrafa de cerveja, e concordo.

— É tão surreal, Nathaniel. — Aproximo-me dele para sussurrar, como se fosse um segredo. — Meu coração parece que dói toda vez que ela olha para mim, e todo esse sentimento aqui dentro do meu peito implora

para eu ir até lá e dizer que eu nunca quis tanto uma mulher como a quero.

— Uau... — Ele parece surpreso — que bruxaria foi essa?

— Eu não sei, cara. Eu não sei — falo dramaticamente com a mão no rosto.

— Bom, você sempre gostou dela mesmo.

Tiro a mão do rosto.

— O quê?

— Qual é, Dylan? Você é maluco por ela desde que a contratou.

— Sim, porque ela sempre me irritava com os atrasos e com a boca atrevida que lutava para não me mandar ir ao inferno.

— Você não enxerga, não é? — Ele balança a cabeça. — Cara, você é mais inteligente do que isso.

— Alguém está com o abridor de... — Adam chega perto, vendo minha expressão confusa. — O que aconteceu, maninho?

— Dylan se apaixonou por Lisa, e eu estou falando que ele já tinha uma queda forte por ela antes disso — Nate fala e eu quase dou um soco no seu rosto.

Não acredito que é nessa coisa que eu confio.

— Ah, sim, eu já tinha percebido. — Adam dá de ombros e eu franzo o cenho quando ele levanta a mão, chamando alguém. — Ei, Peter!

Olho para o lado, vendo o cara tatuado se aproximar, e ele para no meio do círculo com um sorriso grande na boca. Acho que ele está meio bêbado depois de várias cervejas.

— Fala, Tinker Bell! — ele grita com Adam, que levanta uma sobancelha.

— Do que você me chamou? Tinker Bell? — Adam dá um soco no braço dele.

— Você não acha que Dylan gostava de Lisa antes? — Nate pergunta a ele, que levanta os polegares.

— Com certeza! Uma vez ele me ligou para falar da saia preta que ela usava todas as terças-feiras. Quem diabos faz isso? — Peter pergunta e eu arregalo os olhos.

Merda, eu estava bêbado nesse dia.

— Eu não estava no meu juízo normal. — Levanto um dedo para as expressões acusadoras dos três.

— Olhando pelo lado bom da coisa... ela também gosta de você — Adam diz e meu peito dispara, como fogos de artifício.

— Por que acha isso? — *Por que eu não consigo parar de sorrir?*

— Porque ela olha para você de um jeito que não olhava antes — Tinker Bell responde e eu dou um suspiro alto, quase de alívio.

— Acha isso mesmo? — pergunto, animado, agarrando o seu braço.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Acho e também acho que depois devíamos subir para o seu quarto e fazer cartinhas de amor para ela — Adam debocha e eu reviro os olhos.

— Se ela gosta de você também, por que não fala com ela? — Peter pergunta, roubando a cerveja da mão de Nate, que pisca surpreso pelo ato rápido.

— Nossa relação não é simples, passamos o mês inteiro fingindo sentimento e eu sempre exigia isso dizendo que tudo era falso.

Eu não gosto da sensação amarga na minha boca ao lembrar disso.

— Não é mais falso, diga isso a ela, e não complique as coisas — Nate diz mostrando os polegares, como Peter faz em seguida, e logo depois Adam, percebendo o gesto de ambos. De repente, eu tenho polegares sincronizados na minha direção.

— Eu vivi para ver o meu melhor amigo apaixonado, puta que pariu, isso é muito meu momento — Peter diz.

— Vocês são muito irritantes — digo.

— Relaxa, esse negócio de romance até combina com você — Adam diz e eu levanto uma sobrancelha.

— Tomara que você passe pelo mesmo — amaldiçoo.

— Nem fodendo — ele diz sério.

— Já era, está amaldiçoado, você é o próximo. — Aponto para ele.

— Para com essa merda. — Ele bate na minha mão. — Se isso acontecer, vocês podem me internar no hospício, porque eu vou estar louco. Terão a minha permissão.

— Será que Rubi vai te visitar no hospício? — Peter pergunta com um sorrisinho, e Adam o encara puto.

— Então, você a conhece? — pergunto a ele.

— Sim, eu a conheço e não quero falar sobre isso. — Adam passa a mão no cabelo, visivelmente irritado, o que é novidade, porque ele nunca está irritado.

— Você irritou a Tinker Bell — Nate diz olhando para mim e o meu irmão bufa.

— Parem com esse apelido patético, não tem nada a ver comigo! — Ele cruza os braços.

— Vocês dois são loiros e tem olhos azuis. — Peter dá de ombros. — E são dois dramáticos, é perfeito!

— Certo, vamos voltar ao que importa. Você transou com a nova sócia e dona de quarenta e cinco por cento da empresa? — quase brigo com ele.

— Eu não transei com ela ou beijei, e você não tem moral nenhuma para brigar sobre relacionamentos dentro da área de trabalho, você se apaixonou pela sua secretária, seu clichê ambulante. — Ele me mostra o dedo do meio e eu quase agarro o seu cabelo para puxar, mas Nate me impede, rindo de nós dois.

— Adam e Rubi... que fofo! — Peter debocha.

— Olha, eu estou me segurando para não dar um soco na sua cara — o loiro diz.

— Vai me dizer que você não a acha bonita? — pergunto, fazendo o meu irmão arquear uma sobrancelha.

— Não, não acho. Não faz o meu tipo — ele diz.

— O tipo... de mulher inteligente? — Peter pergunta e olha para mim e Nate. — O sotaque dela... merda, é muito bonito. E ela é brasileira... sabe como as brasileiras são lindas!

— Podemos mudar de assunto? — Tinker pergunta.

— Ela tem covinhas? — Nate pergunta e eu confirmo. Ele toca no ombro de Adam em seguida. — Parece exatamente o seu tipo.

— Ela não é! Tire a mão de mim antes que eu te mande para longe.

Peter ri alto.

— Ela já tira você do sério, vou adorar ver isso. — Ele bate palma. — Primeira vez que ela mandar você à merda, eu quero estar lá.

Adam dá um sorrisinho diabólico antes de perguntar:

— Como a Emily fez com você? — Peter para de sorrir na hora.

— Vai se foder. — Ele aponta para o loiro, que dá uma risada maléfica.

— Calma, alguém te mandou à merda? Eu nunca vi ninguém fazer isso. — Nate está de boca aberta e Peter suspira, irritado.

— Aquela tem coragem — Adam sussurra e Nate sorri de lado.

— Prevejo casamentos — ele diz e automaticamente nós três viramos para encará-lo.

— Está comendo muita Bruschetta na Itália, priminho, acho que está te fazendo mal — Adam diz,

fazendo-nos rir em seguida.

— Por falar nisso, tenho algo a dizer — Nate anuncia, pondo as mãos na cintura.

— Vai aceitar fazer as unhas comigo? — Tinker pergunta.

— Descobriu o número dos canais adultos na Itália? — Peter sorri de lado. Nate nunca achou esses canais e isso o frustra, mal sabe ele que cancelamos a sua assinatura da televisão depois de uma aposta perdida.

— É agora que ele diz que está apaixonado por um cara. — Aponto para os meninos, que concordam.

Nate nos encara em silêncio antes de suspirar, como se nos escutar fosse um sofrimento para ele.

— Eu não vou fazer as unhas com você. — Ele aponta para Adam e depois para Peter. — Eu sei que você cancelou minha TV a cabo. E não, Dylan, eu não gosto de homens, prefiro mulheres, para a sua infelicidade.

— O que você quer dizer com isso? — Franço o cenho, fazendo-o rir baixo.

— Diga o que é! — Adam fala, animado.

Nate respira fundo e dá outro sorriso contente.

— Eu estou me mudando oficialmente para Nova York — ele diz, deixando-nos estáticos! Acho que até dei um passo para trás, correndo o risco de cair no chão. Estou surpreso demais para confirmar tal reação.

Quando percebo que está falando sério, nós não perdemos tempo antes de andar até ele para o abraçarmos apertado, o que o faz implorar para ser liberado. Ele ri em seguida com nossas piadinhas e a felicidade estampada no rosto de cada um.

— Meu Deus! Isso é incrível — falo, animado.

— Vamos morar perto uns dos outros novamente!

— Adam levanta os braços e Peter põe a mão no rosto.

Acho que ele está emocionado. Ou é só o álcool aparecendo com tantos pulos que ele deu agora.

— Quando você decidiu isso? — pergunto.

— Na vinda para cá. A morte da Ana me fez enxergar que eu preciso estar perto de quem eu amo o quanto antes. — Ele aperta o meu ombro e olha para os meninos. — Então... vou fazer exatamente isso.

— Céus. — Adam finge limpar uma lágrima antes de colocar o rosto no ombro de Peter, que afaga o seu cabelo loiro.

— Tem certeza? Você adora a empresa na Itália. — Puxo-o para o lado, querendo falar com ele a sós por alguns segundos.

— Eu sei, mas existem algumas situações na Itália que estão me sufocando. Eu quero me mudar.

Aceno com a cabeça.

— Colocarei você na empresa por enquanto, pode ser?

— Sim, talvez eu até abra outra filial por lá e a comande.

— Tem o meu apoio. — Estendo a minha mão e ele a agarra, sorridente.

— Sinto que Nova York tem ótimas coisas para me dar, espero agarrar todas.

Rimos um com o outro antes de voltarmos para perto de Adam e Peter.

Pela noite, eu terminei os meus brindes para Ana e estou observando cada familiar meu entrar para a mansão, no objetivo de descansar do dia que tivemos. Os últimos a saírem da piscina são os meus pais, que apenas acenam para mim com as mãos. Tomo um longo gole d'água e me levanto da cadeira embaixo do teto de madeira que serviu para nos cobrir do curioso sol que fez hoje.

Caminho lentamente na direção da piscina. Passando a língua nos lábios secos, assisto a bela cena

de Lisa nadando de uma ponta para a outra, desaparecendo no fundo. Sorrio de lado e me aproximo da escada, até me jogar na água. Nado rapidamente, até encontrá-la, e ainda vejo o seu rosto por baixo d'água antes de agarrar a sua cintura, puxando-a para cima. Escuto o barulho das nossas respirações ao voltar para a superfície e logo depois sua risada quando a coloco entre o meu corpo e a parede da piscina.

— Olá, senhor Venturelli. — Ela sorri pondo as mãos nas minhas costas nuas.

— Olá, mulher que está sempre me surpreendendo. — Agarro suas coxas, pondo uma em cada lado da minha cintura.

— Eu sei o que você quer. — Antes de eu falar algo, ela põe a mão na minha boca. — Não, não estou falando de fazer sexo da piscina.

— Eu não queria mesmo. — Dou de ombros, como o mentiroso que sou. Mas ela está certa, não é isso que eu quero de verdade e, pelo seu olhar, ela entende o que eu estou prestes a fazer.

Sinto-me curioso suficiente para perguntar sobre Tristan.

— Onde?

— No último ano da faculdade. Namoramos por cinco meses até eu terminar com ele. Nesse mesmo período do término... eu comecei a trabalhar para você.

— Por que terminou com ele?

— Ele estava me traindo com uma prostituta em um restaurante de Nova York.

Arregalo os olhos.

— Céus, você...?

— Eu estou ótima, na época foi doloroso, mas eu não sinto mais nada hoje em dia. Fiquei surpresa em vê-lo, mas foi só isso.

— Ele foi importante?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Bom, Tristan foi o primeiro cara que eu... bom... tentei de novo.

Franzo o cenho.

— Como assim?

Ela suspira antes de subir as mãos pelos meus braços, até parar no meu ombro.

— Isso é muito para você entender, Dylan.

— Então me explique, por favor.

— Por que você quer saber?

— Porque obviamente há algo que não está me contando.

— Porque talvez não seja do seu interesse. — Ela tenta sair da minha frente e eu a mantenho perto de mim, querendo continuar essa conversa.

— Você toma pílulas estranhas. O ataque de pânico que você teve parecia tão familiar, que eu posso jurar que você já o teve outras vezes e não foi por causa de um avião. — Ela engole em seco, encarando-me. — Toda quarta-feira você não almoça na empresa. Para onde você vai?

— Meu Deus, você fica olhando os meus passos, seu psicopata?

— Olha quem fala. — Ela tenta me dar um tapa no braço e eu afasto a sua mão antes de bater na sua bunda. — Por favor.

— Quer saber mesmo?

— Eu quero saber tudo sobre você. — Passo as minhas mãos no seu rosto, arrancando um olhar triste de repente.

— Eu faço terapia uma vez por semana.

Separo os lábios, um pouco surpreso.

— Por quê?

— Por que não?

Não sabendo o que responder, desço as minhas mãos do seu rosto até alcançar os seus braços. Coloco

cada um nos meus ombros e me aproximo mais um pouco.

— Tristan foi um relacionamento fracassado que eu tive, o primeiro, na verdade. Não namorei ou me envolvi com ninguém depois, até eu aceitar ser sua noiva. — Ela beija o meu queixo. — Você está me fazendo muito bem, Dylan. Você não tem noção disso, não é?

Eu estou confuso novamente com a sua forma de falar, mas realmente não quero estragar o momento bom que estamos criando, então não a questiono novamente sobre isso, apenas a beijo e sorrio de cada observação que ela faz sobre a minha família.

— Como os seus pais eram? — pergunto molhando o seu pescoço, enquanto ela apoia a cabeça para trás na parede.

— Doces, compreensíveis, e as pessoas que eu mais amo no mundo todo.

— Nunca tive oportunidade de falar isso, mas sinto muito pelo acidente que eles sofreram. — Ela me encara.

— Obrigada. — Lisa sorri de lado, como se minhas condolências atrasadas fizessem toda a diferença para ela. — Foi tudo muito de repente, me lembro de estar estudando em casa, era no meio do ano, meus últimos meses para acabar a escola.

Vejo-a colocar uma mecha do cabelo molhado para trás.

— Ligaram para a minha vizinha, que na época era como uma irmã para a minha mãe e o contato de emergência dos meus pais. Nunca tivemos familiares. Que eu me lembre, tios ou tias simplesmente não existiam, então foi ela quem me contou que os meus pais tinham falecido.

Sinto Lisa se arrepiar nos meus braços.

— Ela tinha se tornado minha guardiã depois daquilo. Eu... fui morar com ela até que completasse a

maioridade. — Depois de limpar a garganta, vejo seu olhar desviar. — Passei meus últimos meses escolares com ela até atingir idade o suficiente para ir embora.

— Você não gostou de morar com ela?

Ela me encara dando um sorrisinho de puro sarcasmo, como se a palavra “*gostar*” não chegasse nem perto do que ela realmente tinha sentido, e mais uma vez fiquei intrigado.

— Eu odiei, Dylan, a cada minuto da minha vida sem sentido.

— Ei... — Coloco os dedos no seu queixo e observo-a fechar os olhos, parecendo não querer chorar. Isso praticamente parte o meu coração.

— Desculpe — ela sussurra enquanto eu beijo os seus lábios carinhosamente. Ela se agarra em mim e eu a agarro de volta, desejando que ela pare de pensar no que parece pensar. Tento fazê-la rir de alguma forma e suspiro aliviado quando consigo distraí-la pelos próximos minutos.

— O que acha de termos aquele encontro quando voltarmos para Nova York? — pergunto.

— Vou ver na minha agenda, talvez eu demore três horas para folhear as páginas e te responder.

— Cruzes, que rancorosa! — brigo, fazendo-a rir baixo.

— O jantar precisa ser na sua casa, então.

— Fechado.

Ela sorri de lado antes de se inclinar para colar a boca na minha. Experimento os seus lábios, de maneira suave, até sentir a sua língua atrevida acordar. Coloco as mãos na sua cintura, devolvendo o beijo na mesma intensidade, e fico quase louco quando a ouço pedindo para eu tocar nos seus seios.

Aperto-os por cima do biquíni e fico cada vez mais duro com os sons baixos e excitantes saindo da sua garganta. Lisa me aperta forte com as pernas e eu desço

a mão esquerda pela sua barriga, fazendo-a sumir na água. Sem fôlego, eu me afasto, indo direto para o peito, até chegar nos seios. Mordo cada mamilo, escutando os lamentos, e desço a mão até tocar no meio de nós dois. Encaro-a no exato momento em que ela geme.

— Está molhada, Lisa?

— Sim. — Sua voz ofegante é melhor do que música para os meus ouvidos.

Abaixo os meus shorts de banho e logo depois a sua calcinha do biquíni. Ela me encara mordendo o lábio, e abafa o grito no meu pescoço quando a penetro lentamente, com um suspiro grave saindo dos meus lábios. Como ela pode ser tão incrível?

Movo-me contra o seu sexo tão lentamente, que posso ouvir cada célula ansiosa dentro do meu corpo. Adoro escutar os gemidos no meu ouvido, na minha boca, e ela implorando para eu fazer mais rápido. Levo a minha mão até a sua nuca e a fodo com os olhos nos seus. Faço como ela queria e adoro assisti-la se derretendo na minha frente.

Mas eu tenho que parar abruptamente ao ouvir passos se aproximando. Lisa olha em volta, assustada, e eu me seguro para não revirar os olhos quando vejo o ex dela, que ao mesmo tempo é ex da minha prima, chegar perto de nós.

Não consigo entender porque eu não devo odiá-lo, afinal, machucou as duas mulheres que eu amo.

— Oi, foi mal atrapalhar — ele diz com o meu pau dentro dela, que parece estar suando frio.

— O que você quer? — pergunto quase sem voz. Tristan desce o olhar entre nós dois e eu agradeço mentalmente pela piscina estar mais escura e sem os refletores ligados.

— Eu só queria dizer que... não quero que a situação fique estranha. Lisa e eu terminamos há algum tempo e não quero que tenha a ideia de que vou roubar

ela de você — ele diz e eu me mexo apenas para pôr os braços em cima do apoio da piscina, entrando mais fundo em Lisa, que solta um gritinho hilário. Seguro-me para não rir antes de receber o soco fraco nas costas.

— Por que ficaria estranha? — Olho-o por alguns segundos. Não consigo compreender quase nada do que ele disse.

— Cara, eu namorei com ela.

— E eu vou me casar com ela. — Essa frase sai tão firme, que até me assusta. — Se está preocupado com esse assunto, não se preocupe, eu sei que ela não tem mais nada com você.

Ele pisca, parecendo surpreso com a minha fala.

— Ele está certo. — Lisa levanta a cabeça, antes de olhar para Tristan. — Estou em outra fase, Tristan. Não precisa se preocupar.

O cara levanta uma sobrancelha, parecendo desacreditado, e eu sorrio de lado antes de passar o meu braço em volta da cintura de Lisa. Observando o seu rosto enquanto ela ajeita o meu pau no seu sexo, eu escuto os passos de Tristan se distanciando. Ignoro-o e foco nela antes de me mexer novamente, com força dessa vez. Sua cabeça vai para trás e eu beijo toda a sua pele.

O meu vício.

CAPÍTULO 23

Lisa Morris

“Eu vou parar o tempo para você no segundo em que você disser que gosta de mim também”

— Ainda bem que você não fez isso — falo para ele, que apenas acena positivamente.

— Ter bebês agora não é uma boa, quero dizer, você já viu de quem ele seria sobrinho? Essa criança nunca me perdoaria por eu deixar Adam ser tio dela. — Ele exagera, sentando-se na escadinha da piscina.

Ele acaba de sair apenas para gozar. Eu o lembro no último minuto e quase nos desesperamos. Apesar de ter tomado a pílula do dia seguinte, não é uma boa ideia me confiar apenas nela, conheço mulheres que já engravidaram assim.

— Espero que as plantinhas não morram — ele diz e eu faço uma careta, beliscando o seu braço. Escuto a sua risada antes de ser puxada para perto.

— Você parece aliviado — comento, abraçando-o.

— Está brincando? Acabei de gozar no jardim.

— Por favor, esqueça isso.

— E se nascer uma árvore de mini paus?

— Fica quieto.

— Acho que você poderia até adicionar novas fotos à sua cartela enorme de paus. Mas, lembre-se, só depois do expediente.

Filho da puta.

Ele ri no meu pescoço ao perceber que eu estou xingando-o baixinho.

— Às vezes você me lembra porque eu não gostava de você.

— É porque você não tinha dormido comigo ainda, e eu não preciso comentar o quanto a palavra “gostar” foi usada no passado, certo? — Encaro-o depois disso.

— Dormir com você ajudou um pouco, mas não completamente.

Ele ajeita os ombros.

— Isso me deixou curioso, continue.

— Estou dizendo que o fato do sexo ser bom, não é suficiente para eu gostar de você. Teve algo mais.

— O que seria esse algo mais?

— Sua personalidade, Dylan. Você é um pé no saco, mas ao mesmo tempo é leal, confiante, bondoso, e tão amoroso com a sua família. Eu sei que você morreria por todos eles, todos mesmo.

A julgar pelo olhar em seu rosto, ele está adorando ouvir aquilo sair da minha boca.

— Continue.

— Eu gosto de todos os detalhes em você e hoje eu não consigo pensar em um universo em que você não me deixe entrar. Então, eu agradeço por ter me deixado ver quem você realmente é, um bobão por todos e o primeiro a estender a mão quando alguém estiver caindo. Deixe essa bondade aparecer mais vezes, Dylan.

Ele pisca repetidamente e eu beijo os seus lábios, encerrando o momento de verdades com elogios.

— Isso foi muito importante por mim agora — ele diz.

— Posso contar algo que nunca contei a ninguém?

— Conte. — Ele acena.

— Se você me pedisse para ser sua noiva novamente, eu aceitaria — digo, fazendo-o sorrir imediatamente.

— Aceitaria?

— Com certeza, claro que com mais exigências. Além dos bons dias alegres, eu ia querer uma foto sorridente com você usando um traje do Batman e uma plaquinha escrita “Achei meu Robin” apontada para mim.

— Sua criatividade me assusta.

— Agora é a sua vez — ordeno. — Conte algo que nunca contou a ninguém.

Ele me olha por alguns segundos, antes de suspirar.

— Eu sempre odiei o amor, o que é ridículo, porque tenho um ótimo exemplo em casa — ele diz e eu engulo em seco. — Mas eu nunca consegui me interligar ou me imaginar amando alguém. Por um curto período, eu achei que tivesse um problema sério comigo, como se eu fosse o culpado.

Pisquei, pisquei e pisquei. Mas não soube o que dizer.

— Isso é... péssimo.

— Eu sei, por isso não falo para ninguém — ele concorda comigo.

— Não estou dizendo que você é péssimo, estou dizendo que o sentimento de amor é indescritível. Mesmo que você nunca tenha encontrado alguém para isso, não significa que será para sempre, porque o amor chega quando você menos espera, não precisa apressá-lo. — Ele fica me olhando antes de abrir um sorrisinho pequeno.

— Eu sei. — É só o que ele diz antes de passar as mãos no meu cabelo.

O jeito como ele me olha me dá algum tipo de incentivo para falar sobre os meus sentimentos. Toda essa conversa parece energizar a minha coragem e o

meu coração. Jamais senti essa vontade súbita de falar tudo que me aflige, ou me espanta para alguém, nem para os profissionais. A conexão que eu tenho com esse babaca de terno nunca vai me deixar de surpreender.

Acho que aquela frase pode estar certa, afinal, o amor ajuda em tudo.

— Dylan... eu quero te falar algo. — Ele continua fazendo carinho no meu cabelo.

— Diga, baby. — Ele não parece ter noção do que vem.

— Eu estou alucinadamente ap...

— DYLAN! — Escutamos um grito alto e rápido, em seguida a imagem de Jane sendo carregada para fora da casa aparece. Dylan e eu franzimos o cenho e eu assisto quando ele me solta e corre para fora piscina. Eu vou atrás dele em seguida.

Damos a volta no jardim com passos rápidos e eu me cubro do frio com os próprios braços. Paramos perto de Monica e Gregório, que ajudam Michael segurar Jane. Ela está pálida e tonta, querendo se abraçar ao marido. Olho para a entrada da porta e vejo os demais com os rostos aflitos olhando para ela.

— O que aconteceu? — Dylan quer saber.

— Eu não sei, estávamos no quarto e ela passou mal — Michael explica.

— É melhor levá-la para o hospital — Gregório diz com o rosto banhado de frustração.

— Como ela passou mal? — Dylan pergunta.

— Ela simplesmente... — Michael para de falar quando a esposa o interrompe se inclinando para baixo, vomitando tudo que podia estar no seu estômago. Assustamo-nos dando passos para trás e eu acho que escuto uns gritinhos agudos vindo da porta, certeza de que são dos meninos. Meninos não, a gangue, porque eles de fato parecem uma. — Isso, ela fez isso.

— Caralho, meu sapato! — Gregório faz uma careta e depois para quando Monica olha para ele.

— Tia... me ajuda, esses idiotas não servem para nada — Jane pede a Monica, que a olha dos pés à cabeça.

— Qual foi a última vez que você menstruou?

— Ainda não veio esse mês — ela responde passando a mão no rosto. Michael se aproxima, afastando-a do vomito.

— Vá ao hospital, querida. Faça um exame de sangue para ter certeza. — Monica dá um sorriso estranho.

— Ter certeza? Ai, meu Deus, ESTOU MORRENDO?! — Jane surta e Michael arregala os olhos.

— Só vá. Leve-a, Michael. — Monica aponta para um dos carros mais próximos e ele obedece, levando-a com ele. Assistimos enquanto ele a põe no carro e dá uma ré para sair da mansão.

O carro desaparece e eu esfrego as mãos, tentando me aquecer. Isso chama a atenção de Dylan, que se aproxima de mim até envolver o meu corpo em seus braços. Ele olha para a entrada, vendo que os demais já foram. Só Tristan está olhando para nós dois com uma expressão estranha o suficiente para nos fazer questionar os seus pensamentos. Dylan beija o topo da minha cabeça e me locomove para entrar na casa.

Passamos por ele, que não muda a expressão. Seus olhos param nos meus por alguns segundos e eu ignoro quando ele levanta uma sobrancelha, mostrando outro sorrisinho desacreditado, assim como antes.

Dylan e eu vamos para o quarto depois disso, para nos limpar e trocar de roupa.



— O que acha que ela tem? — pergunto a ele, que seca o cabelo com a toalha. Ambos já estamos vestidos e limpos.

— Verme?

Faço uma cara debochada.

— Ela parecia mal.

— Vamos saber amanhã. Nesse horário ela já deve ter ido para casa descansar com mais conforto. — Ele joga a toalha no meu rosto e eu bufo, jogando nele de volta.

— Jane mora aqui em Chicago?

— Sim.

— O único que mora fora dos Estados Unidos é...

— Nathaniel, mas isso vai mudar. Em algumas semanas ele vai se mudar para Nova York.

— Oh, você conseguiu convencê-lo? — pergunto, animada, e ele ri.

— Claro que não, ele decidiu isso sozinho. Eu devia ter imaginado que ele só viria por vontade própria, porque ninguém consegue mandar nele. Nate é viciado em controle.

— Ele está solteiro?

Ele joga a toalha na minha cara de novo e eu que rio alto, caindo na cama.

— Engraçadinha.

— Só com você. — Tiro a toalha do rosto com um sorrisinho perverso.

— Quer comer algo?

— Quero continuar falando da sua família.

— Que obsessão!

— Eu gosto de saber sobre você.
— Está planejando me matar?
— Se você vacilar, com certeza. — Ele sorri.
— Certo, Nate é órfão, a mãe morreu no parto, e o pai seis meses depois em um acidente de carro. Todos dizem que foi um acidente trágico, mas eu acho que Nate pensa que ele se matou porque não conseguia viver sem a esposa e, mesmo tendo um filho vivo, não foi o suficiente.

Levanto as duas sobrancelhas.

— Ele acha isso?
— Ele não fala isso de forma direta, mas quem o conhece de verdade... sabe que sim.
— Isso é... horrível!
— Sabemos, mas ele odeia falar sobre isso. Nunca, nunca mesmo... — Ele aponta para mim — nunca fale disso com ele, nunca.

Engulo em seco, concordando.

— Enfim, saciou a sua curiosidade?
— Sim, céus. — Eu ainda estou meio chocada.
— Ok, eu vou descer e ver como estão as coisas.
— Ele se aproxima me estendendo a mão, bato nela e depois a movo para cima, dando o último estalo do nosso toque. — Me acompanhe depois?
— Eu irei, só vou escovar o meu cabelo.

Ele concorda caminhando para fora do quarto e eu pego a escova de cima da cabeceira, passando nos fios no meu cabelo. Aproveito para mandar uma mensagem no grupo que tenho com Emy e Jon. Ele diz que vai estar de folga esse final de semana e logo marcamos algo. Emily diz que conversou com Rubi por mensagem e a chamou para ir conosco. Ela também falou com Susie, mas ela estaria ocupada, porque um familiar seu estaria na cidade, mas no fim estávamos em um grupo de mensagens com todos lá dentro.

Quase meia hora depois, eu deixo o celular de lado parando de falar com eles, e sigo para fora do quarto. Eu posso escutar o barulho das conversas no andar de baixo e continuo o caminho. Assim que dobro um dos corredores, dou de cara com alguém e suspiro, tentando me equilibrar novamente. Levanto a cabeça vendo o rosto de Tristan e limpo a garganta.

— Desculpa — falo pelo quase tombo.

— Finalmente você está sozinha, querida. Pensei que estava virando a calda de Dylan.

Dou um sorrisinho cínico.

— É ao contrário, ele que não gosta de ficar longe de mim por muito tempo.

— É... eu percebi. — Ele faz uma cara de desdém.

— Você parece incomodado. Algum problema?

— Não, nenhum.

— Hum... pensei que tivesse.

— Lisa... querida, nós terminamos sem mágoas.

Levanto uma sobrancelha.

— Você está de sacanagem, não é?

— Escute, eu me arrependo do que fiz. Não precisa ficar me seguindo, ou ficar noiva do primo da minha ex.

Arregalo os olhos.

Oh, não.

— Acha que eu estou com ele porque quero ficar perto de você?

Ele dá de ombros e eu rio alto, jogando a cabeça para trás. Isso parece irritá-lo.

— O seu narcisismo sempre me fez rir, não é diferente agora.

— Faz total sentido, Lisa. Você ainda gosta de mim.

— Cruze, Deus me livre.

— Assume logo! — ele diz quase gritando comigo. Disfarçadamente eu o vejo olhar por cima do

ombro e faço o mesmo, reparando no cabelo loiro da Monica enquanto ela tenta inutilmente não ser notada por nós dois. Tristan olha para mim de novo e eu logo entendo o seu joguinho. Ele quer me derrubar.

Só que... eu não sou qualquer jogadora.

— Assumir que você me traiu com uma prostituta no banheiro enquanto tinha marcado de me encontrar lá horas antes?

Ele arregala os olhos, vindo para cima de mim, e eu rapidamente me afasto. Acho que ele pensou que eu não tivesse coragem de falar sobre esse assunto tão abertamente, mas acontece que a coragem sempre esteve comigo quando eu estava mais amedrontada do que nunca.

— Você sabe que não foi assim, querida. — *Foi exatamente assim.*

— Sim, foi. E agora, infelizmente, você está aqui, Tristan. Mas eu não estou com Dylan para afetar você, eu não sabia que você estava vivo, então... acorda desse mundinho que você acha que gira em torno de você.

Ele aperta o maxilar. Sorrio internamente.

— Você acha que engana quem?

— Não entendi. — Cruzo os braços.

— Está na cara o seu interesse. É o dinheiro, não é?

Sorri de lado.

— Eu trabalho e me sustento, Tristan. Eu sei resolver as minhas merdas.

— Quanto ele paga para comer você?

Por um ato impulsivo e totalmente descontrolado, eu giro a minha mão no seu rosto com um tapa forte, que vai arder por longos minutos. Tristan puxa a respiração, desacreditado, e olha para o chão com a raiva dominando todo o seu corpo. Ofegante, eu o vejo levantar a cabeça lentamente para me encarar.

Eu estranhamente me sinto adorável.

— Vadia... — sussurra.

— Você é tão baixo, sempre foi um cara interessado em status e poder. — Balanço a cabeça. — Você não tem nada disso, é por isso que suga essa família. E foi por todos os motivos ruins existentes que Ana deixou você.

— É melhor calar a boca! — Ele vem para cima de mim novamente, pondo as mãos grandes nos meus braços e me segurando forte. — Você é tão hipócrita, Lisa. Nunca me deixou te tocar como ele toca, você o deixa beijá-la, deixa passar as mãos pelo seu cabelo, e isso me deixa louco.

— As coisas são diferentes... e é melhor você me soltar.

— O que ele fez que eu não fiz?

— Para com esse teatrinho de testosterona, eu não tenho paciência para isso.

Ele me aperta mais forte e eu dou um gemido sofrido antes de conseguir empurrá-lo para trás.

— É melhor você respeitar. Uma pessoa de suma importância morreu e você está aqui me questionando sobre o nosso antigo relacionamento? Pare com isso.

— Que se foda, eu me enganei sobre você.

— Como tem coragem de falar isso? Monica está bem ali — sussurro para ele.

— Ela não está mais lá — ele diz e eu pisco, confusa, virando o rosto. De repente, eu não vejo mais o seu cabelo loiro, indicando que ela partiu.

Merda.

— Ok, eu não vou continuar falando sobre isso.

Passo por ele, querendo encerrar essa conversa, e solto um resmungo baixo pela garganta com o puxão de volta. Olho-o assustada e irritada no mesmo nível.

— Me solta! — Isso me traz péssimas lembranças.

Respira, Lisa, isso não tem nada a ver com ele, não é a mesma situação. Você está bem agora.

Repito isso mentalmente. Ter um relacionamento com Tristan só me mostrou que ele não era a coisa certa para mim.

— Eu quero que você confesse que está com ele pelo dinheiro, porque só assim para você agir como se não tivesse alergia dele.

— Cara, me deixa em paz!

— Não vou ficar olhando vocês dois por aí como se estivessem nas nuvens, você é só mais uma das prostitutas que ele fode, não é?

Arregalo os olhos e, sem pensar, puxo o meu joelho para cima, atingindo as suas bolas. Tristan grita, cambaleando para trás, e eu afasto o meu cabelo do rosto, tentando me recompor da força abrupta. Vejo a ira em seus olhos e suas mãos em cima da sua calça.

— Você é desprezível e eu espero que todos dessa casa se deem conta disso o quanto antes!

Ele ri com sarcasmo.

— Acha mesmo, sua idiota? Todos aqui dentro me adoram, porque, ao contrário de você, eu faço um teatro melhor. — Ele fica reto de novo. — Acha que eu ligo para toda essa chatice de funeral e morte? Não fode, eu só preciso de dinheiro, que eu sei que no final eles vão dar para o amado namorado de Ana.

— Você é nojento!

— Mas será que você gosta? — Ele dá passos duros na minha direção e eu engulo em seco, cambaleando para trás. A fúria em seus olhos me desconcerta de uma maneira ruim e eu, sem querer, me bato na mesinha do corredor enquanto me afasto dele.

— Sai de perto de mim.

— Não. — Ele estende as mãos, querendo me agarrar. Eu estou quase para soltar um grito, quando eu vejo uma mulher de terninho se metendo na frente dele.

Arregalo os olhos quando Monica bate forte com um barquinho de brinquedo e um grito de guerra na cabeça do meu ex-namorado.

Tristan se assusta imediatamente e recua com os golpes fortes que Monica, minha pessoa favorita no mundo depois dessa, dá nele. Ela usa toda a força até ele cair no chão, pedindo para ela parar.

— Tia Monica! — Ele a chama.

— Cala a boca, moleque — ela grita, furiosa, e eu respiro aliviada.

Porra, ela entendeu tudo.

— Eu te abriguei na minha casa, te deixei entrar na minha família e comer do que nós te oferecemos. — Ela belisca a orelha dele depois de soltar o barquinho. — Você é um vigarista e não vai mexer com a noiva do meu filho!

Meu coração salta de felicidade.

— Saia de cima de mim, porra! — ele manda e ela continua beliscando e desarmando-o com os punhos. Ela é forte.

Eu tenho que me aproximar e tirá-la de cima dele com muita insistência. Quando consigo, ela olha para mim de bochechas coradas pelo esforço e dá um sorriso incrivelmente corajoso. Não perco tempo em abraçá-la com força e contar que eu a amo e amo o seu filho também.

— Você está bem, Lisa?

— Não. Pode bater nele de novo? — Ela ri, passando as mãos nas minhas costas.

— Sua... — Tristan se levanta do chão e nos olha ofegante e vermelho de raiva. — Suas malucas!

— Cala a boca e sai da minha casa. — Monica me solta, virando-se para ele.

— Você não manda em nada aqui, sua velha. Seu lugar é no quarto, quietinha, sem falar nada e com um sorriso no rosto. Deixe os homens lidarem com isso!

Abro a boca, chocada, assim como Monica. A cada minuto que passa, eu me sinto mais enjoada com esse verme aqui dentro.

— Eu não acredito que deixei você entrar aqui — ela sussurra.

— Acho melhor você voltar para a cozinha — Tristan cospe.

— Presta a atenção, seu estúpido. — Monica anda até parar na sua frente e o encara com fogo nos olhos. — Eu sou o pilar da família. Acha que é o Gregório? Obviamente você não sabe de nada. Eu mando em tudo aqui dentro, e se eu os mandar acabar com você, eles vão! Sabe por quê? Porque eu sou a Monica, sou uma Venturelli.

Monica agarra minha mão e me puxa para perto.

— Nós duas somos, então não duvide do que eu sou capaz. — Ela aperta o maxilar. Eu estou toda arrepiada. — Porque não existe mais nada no mundo que um homem Venturelli ama mais do que a sua mulher.

Logo depois dessa frase, eu escuto os passos vindos atrás de nós, então viro o rosto lentamente para observar todos os homens da casa se aproximando, quase em câmera lenta. Se eu estava arrepiada antes, não tenho palavras para expressar como me sinto agora.

Todos têm os rostos furiosos, declarando que ouviram a nossa recente conversa. Volto a olhar para frente e vejo Tristan abrindo os lábios lentamente. Acho que ele pensa se é uma boa ideia correr para longe. Bom, provavelmente é.

— Não vou perder mais tempo com você — Monica diz quando os caras param atrás de nós duas. Vejo a mão de Gregório pousar no ombro dela e acenar concordando, como se a incentivasse a fazer o que ela queria. — Você está expulso daqui e qualquer lugar onde possamos estar.

Sorrio internamente, pois a máscara dele acaba de cair.

Tristan olha para todos e depois para em mim. Escuto o seu suspiro em derrota, e dou espaço para ele passar por mim e seguir caminho.

— Senhor Venturelli... — Ele tenta chamar Gregório.

— Você ouviu a minha esposa, Tristan. A última palavra sempre é dela — ele fala e eu dou um sorriso, desviando para o lado.

Oh, céus, eu gosto tanto deles.

Meu ex insuportável faz a caminhada da vergonha no meio de todos aqueles italianos furiosos, e eu assisto de braços cruzados, satisfeita por ter dado um chute nas bolas dele e um tapa. Acho que agora posso lembrar de Tristan com um sorriso.

Ele passa por Filipe, Kevin e Jimmy sem olhar para nenhum deles, e acho que se olhasse, levaria uma surra. Ele passa por Peter, Adam e Nate dando um olhar cabisbaixo, o que é pura encenação e ainda bem que eles não caem nessa. Por último, ele passar por Dylan. Observo os dois e respiro fundo quando Tristan para de andar.

— Não fique com ela, você vai se arrepender.

Dylan sorri.

— Acho que você se arrepende, mas que bom que eu não sou burro como você — Dylan responde com o rosto nada amigável.

— Tanto faz. — Tristan dá de ombros e faz uma volta do lado do seu corpo. Só vejo quando ele se inclina para falar algo a ele. — Aproveite o meu resto.

Arregalo os olhos enquanto Tristan passa por Dylan, que tem o maxilar apertado. Ele ainda me olha em um claro indício do que faria em seguida. Nem consigo responder ao seu olhar, quando ele vira bruscamente, agarrando Tristan pela gola da camisa. Solto um grito

abafado pelas mãos no primeiro golpe certo no rosto do meu ex.

Dylan o puxa novamente para dar outro soco e todos começam a andar para cima dos dois, que começam a brigar severamente.

— Não se metam! — Dylan grita quando tentam afastar o idiota dele. Ele segura Tristan de joelhos, e quando percebe que todo mundo obedeceu, eu fecho os olhos com a joelhada no estômago para finalizar.

Dylan se afasta, ofegante e com as mãos machucadas pelos socos. Ele olha para cima, com os olhos fechados. Eu sei que não deveria estar excitada com as expressões que ele está fazendo, mas a satisfação no rosto dele é simplesmente hipnotizante.

Engulo em seco e passo a língua nos lábios. Os outros se aproximam de Tristan e o puxam vagorosamente, para tirá-lo daqui. Dylan se afasta, vendo-o de olhos fechados, e dá passos para trás, vindo em minha direção.

Ele se vira e eu dou passos como o seus, até me jogar nos seus braços. Ele me aperta forte, cheirando o meu cabelo, e eu desço as minhas mãos pelos seus braços, ainda excitada pela sua respiração escassa e os lábios entreabertos. O sentimento dentro de mim é tão forte que eu não consigo controlar. O que ele fez e o que ele faria para me proteger aquecem o meu peito. A segurança que Dylan me deu desde a primeira vez que me viu na entrevista sempre esteve aqui comigo.

Puxo-o pelo pulso rapidamente, e deixo que todos que estão no corredor se garantam em despachar Tristan para fora, já que eles estavam sendo enganados todo esse tempo. Conduzo Dylan pelo corredor do nosso quarto e eu sei que ele não está entendendo nada.

Empurro-o para dentro do quarto e ele franze o cenho quando giro a chave da porta.

— O que está acontecendo? Você está bem?

— Eu preciso de você. — Ando até ele e pulo no seu colo, abraçando-o com as pernas. Suas mãos descem pelas minhas costas e eu mordo o lábio, olhando para os seus.

— Você está excitada?

— Sim, muito. — Arranho a sua nuca.

Ele não diz nada, apenas me beija com força em seguida. Eu gemo de alívio por ele não me interrogar ou tentar me entender. Dylan aperta a minha bunda e anda lentamente até a cama. Ele me joga nela e eu vejo um reflexo do seu rosto antes de eu ser virada de bunda para cima.

Empurro a minha calça de moletom e ele me ajuda a ficar nua da cintura para baixo. Escuto-o abrir uma gaveta e voltar para ficar atrás de mim. Empino-me em sua direção e escuto-o gemer rouco ao tocar no seu pau. Quando o sinto no meu sexo, eu contraio meu corpo e deixo que ele me provoque o quanto pode. No pé da cama, ele coloca um joelho no colchão e, no impulso, empurra dentro de mim com força, fazendo o meu busto cair na cama.

Meu rosto está colado no lençol, e quando eu tento me levantar, ele põe a mão na minha nuca, mantendo-me no lugar. Assisto quando ele mete mais forte e, por um segundo, olha para cima, fechando os olhos com um gemido grave nos lábios.

Merda, ele é tão lindo.

Seus olhos voltam para mim e eu me contorço de novo com o tapa forte na minha bunda. Gemo e rebolo como nunca. O prazer inunda o meu corpo por inteiro, como sempre acontece desde que ele me tocou. O que tive com Tristan não chega nem perto de algo real. Sexo sempre foi um meio de comprovação que eu estava bem. Nunca senti real prazer em fazê-lo, mas Dylan me conquistou aos poucos e não demorou tanto para eu

perceber que não estou arruinada, como pensei que estivesse.

— Mais forte, Lisa? — Ele geme no meu ouvido e eu gemo de volta, agarrando o lençol da cama até os meus dedos ficarem brancos.

— Dylan... — clamo por ele. Suas mãos se movem pelo meu corpo e eu fecho os olhos assim que o sinto mordiscar a minha orelha.

— Você é imprevisível, meu amor. — Ele agarra os meus braços, colocando-os para trás, e eu o encaro por cima do ombro. — Você me domina por completo.

Ele se move mais rápido e eu sinto o meu clitóris pulsando a cada investida contra o meu quadril. Ele me aperta forte sempre que pode, e faz de tudo para me ouvir implorar para me fazer gozar. Minha cabeça gira e o meu coração bate freneticamente, indicando que eu posso ter um ataque cardíaco a qualquer momento.

Ele se abaixa, beijando as minhas costas, e vem para perto do meu rosto.

— Você é minha?

— Que possessivo — reclamo com um sorriso. Ele belisca a minha bunda com força, desarmando-me novamente.

— Eu não deveria ser, mas eu vou perguntar de novo. — Sua mão entra nos fios do meu cabelo e ele me puxa para perto do seu rosto para ficarmos frente a frente, olho no olho. Ele pergunta: — Você é minha?

Eu sei a resposta muito bem.

— Sim.

Dylan me aperta mais forte e eu aceito o beijo na testa antes dele me soltar e voltar a me foder como uma puta. Sorrio disso e o deixo controlar o sexo da melhor maneira. Nós dois gozamos minutos depois com os lábios próximos e nos olhando com uma intensidade tão grande, que me faz perder as forças. Ele ainda está dentro de mim no final e eu continuo olhando para ele,

tomando coragem, porque eu não posso mais ficar com a boca fechada.

— Eu tenho que dizer algo — falo.

— Eu também.

Minha pele se arrepia.

— Você não gosta mesmo dele? — Franço o cenho com essa pergunta idiota.

Ele sai de dentro de mim, tirando a camisinha, e me vira para ficar de peito para cima. Dylan se deita em cima de mim, e eu o abraço com as pernas, olhando-o sem acreditar.

— Você está brincando, não é?

— O quê? Eu estou terrivelmente inseguro com essas... coisas estranhas na minha cabeça sobre você.

— Paranoias?

— Exatamente, nunca tive isso com mulher nenhuma.

— Talvez porque você nunca fica com ela por mais de cinco horas.

Ele revira os olhos.

— Como pôde me perguntar isso, Dylan?

— Eu estou nervoso! E você não quer responder!

— É claro que não, babaca.

— Lisa, se você estiver mentindo sobre gostar daquele...

— Eu gosto de você! — grito talvez alto demais.

Ele trava no lugar e eu pisco várias vezes com o momento de explosão. Seus lábios se separam e eu engulo em seco quando ele se levanta lentamente, ficando de pé na minha frente. Apoio-me nos cotovelos até sentar na cama e colocar a minha calça de moletom em cima do meu colo.

— Desculpe, eu não...

— Espera, esse gostar é do tipo eu gosto de você como uma ótima foda, ou eu gosto de você como uma louca?

Meneio a cabeça.

— O que isso...?

— Céus, você... — Ele me olha com os olhos brilhando e eu não sei muito bem o que dizer — você só gosta de mim para sexo?

Levanto as duas sobrancelhas e o vejo começar a andar de um lado para o outro. Ele está pálido?

— Dylan...

— Oh, não. — Ele põe as mãos na cabeça, ainda andando para lá e para cá.

— Eu não...

— Não acredito que isso está acontecendo. — Ele me encara. — Isso é Karma? Não, não, isso de fato não está...

— Eu estou apaixonada por você, idiota! — interrompo-o e ele para de andar na hora, quase tropeçando no tapete do quarto.

Faço uma careta quando ele não fala nada, tipo... nada! Olha, não foi isso que eu imaginei quando planejei contar isso para ele, e com certeza seus olhos arregalados e a boca aberta também não estavam nos planos. Pisco novamente e olho em volta depois de segundos estendidos de silêncio. Será que ele morreu por dentro?

— Então... eu vou... — Aponto para o banheiro e levanto, cobrindo-me com a calça de moletom. — Obrigada.

Obrigada? Que merda foi essa?

— O QUÊ? — ele explode e eu dou um leve sobressalto com um sorrisinho nervoso.

— Nada não, era brincadeira. — Coloco a mão na barriga fingindo rir. — Eu sou tão engraçada.

Dou passos para trás quando ele anda rápido na minha direção, até parar perto o suficiente para eu sentir o seu cheiro delicioso.

— Você vai repetir o que acabou de falar, e vai ser olhando nos meus olhos. — Ele agarra os meus braços, colando-me no seu corpo. Eu engulo em seco. — Antes que eu perca a cabeça de vez.

— Eu...

— Diga para mim, por favor. — Ele coloca as mãos no meu cabelo de novo e aperta, deixando-me fraca. Olho para os seus lábios e logo em seguida para os seus olhos.

— Eu... — Ele cola a testa na minha e o clima no quarto muda gradativamente — eu estou alucinadamente apaixonada por você, senhor Venturelli.

Quando a última palavra sai da minha boca, ele suspira, fechando os olhos, e me aperta novamente.

— Lisa... — ele fala baixinho e eu acho que meus olhos se enchem levemente de água pela emoção do momento, que passeia pelas minhas veias. É tão bom falar isso para ele. — Diga de novo — ele pede, parecendo querer acreditar.

— Eu estou apaixonada por você. Droga, eu sou mesmo caidinha por você — digo, fazendo-o sorrir antes de abrir os olhos, que param nos meus. — Eu entenderei se não for correspondida por vo...

— Você está brincando? Eu sonhei com você me dizendo isso, porra.

— Desculpe, o quê?

— Eu também sou caidinho por você, senhorita Morris.

— Ai, meu Deus. — Quase caio no chão, mas ele me segura antes disso. — Você... céus...

— Eu estou apaixonado por você, Lisa. Acho que sempre fui.

Se eu tivesse aquelas máscaras de oxigênio, elas estariam no meu rosto agora.

— Como você... por quê...?

— Como assim *por quê?* Cacete, você é incrível, como não pode ver isso? Qualquer pessoa inteligente se apaixonaria por você, e deixe-me dizer, eu sou inteligente para caralho.

Ele me beija em seguida, e eu solto o resmungo mais feliz do mundo. Abraço-o apertado, largando a minha calça no chão, e o deixo beijar todo o meu rosto, arrancando todas as risadas possíveis de mim. Acho que esse acaba de virar o meu momento preferido com Dylan Venturelli.

— Eu amo o seu cheiro, eu amo a sua voz, eu amo o seu hábito irritante com adoçante. — Ele sorri contra o meu pescoço, antes de me encarar. — Eu amo que você sinta o mesmo por mim.

— Eu estava fadada desde que aceitei ser sua noiva, vou ter que aguentar agora.

— Essa com certeza foi a melhor ideia que eu já tive.

— Fingir um noivado?

— Dizer o seu nome. — Ele me beija de novo e eu o aperto contra meu peito, sentindo o seu coração louco como o meu.

— Você só sabia o meu nome, babaca — sussurro.

— Viu só como eu sou inteligente? — ele sussurra de volta, fazendo-me rir em seguida.

Eu não consigo lembrar da última vez que me senti tão bem.

CAPÍTULO 24

Lisa Morris

“Sou uma viciada querendo mergulhar no seu amor”

Dylan é insuportável, já disse isso?

Sei que nos declaramos e todo aquele lance bonitinho, mas agora ele está assim:

— Momento reflexão — ele me para antes de eu colocar comida no meu prato, olho para ele com uma sobancelha erguida e espero que ele fale.

— Diga.

— Fingir que estou apaixonado por você é a coisa mais fácil que já fiz. — Ele sorri abertamente e eu dou um tapinha no seu peito antes de pegar um cacho de uva na mesa do café da manhã.

— Que bom que se sente assim.

Ele concorda e vem atrás de mim, analisando-me. Olho para ele, que pisca, e depois reviro os olhos pegando uma torrada.

— Momento reflexão — anuncia novamente.

— Eu vou te bater — ameaço segurando um baguette.

— Somos tão bons que Oprah me ligou ontem pedindo dicas de atuação — ele fala e eu acabo sorrindo disso antes revirar os olhos de novo.

— Acabou?

— Eu tenho mais inúmeras piadinhas sobre isso.

— O que você quer para não as contar?

— Que você também faça uma.

Levanto uma sobrancelha e ele cruza os braços esperando. Suspiro alto.

— Nós mentimos tão bem que até virou realidade — digo e ele começa a rir levantando os braços em comemoração. Rio dele, que me agarra por trás beijando meu pescoço.

— Eu não consigo parar de sorrir, você colocou alguma coisa no meu café?

— Eu deveria. — Ele beija minha bochecha e eu coloco um pedacinho de doce na boca antes de dar a ele.

— Sabe... eu estava pensando — começo.

— No quê?

— Você se sentiria à vontade contando a verdade para os seus pais?

Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de me soltar e me encarar de frente.

— Contar que menti todo esse tempo e me apaixonei por você de verdade?

— Bom... sim.

Ele abre os lábios sem saber o que dizer, então começo:

— É que... sua mãe foi tão boa comigo, todos foram, eu não quero que tenham uma péssima impressão de mim, Dylan. Mas eu entendo completamente se você não quiser, eu só estava perguntando por que eu queria saber o que você pensava.

Ele concorda e eu me aproximo pondo as mãos na sua nuca para aproximá-lo de mim.

— Eu não estou exigindo nada, ok?

— Eu sei, eu vou contar a eles, mas não agora.

— Tudo bem, eu sei que vai. — Dou-lhe um selinho demorado antes de me afastar para pegar meu

prato de novo. Pisco para ele, que parece pensativo de repente. No fundo, eu espero que ele queira contar aos pais a verdade e poder seguir em frente sem estar nessa teia de mentiras comigo. Eu não quero começar nada com ele assim.

A tarde chega. Dylan e eu decidimos ir para sala de estar ver alguma coisa. O restante está dividido pela casa comendo, conversando ou fazendo qualquer outra coisa que poderia fazê-los esquecer a decepção com Tristan.

Jogada no sofá, eu deixo Dylan brincar com os meus dedos casualmente, nem estamos assistindo a televisão de fato, porque eu realmente gosto de ficar na presença dele e escutar sua respiração embaixo de mim.

— Ei... — Olho para o lado vendo Monica se aproximar de nós dois antes de sentar na mesinha de centro. — Como vocês estão?

— Aliviado por você ter descoberto quem era aquele cara — Dylan responde e ela suspira pegando a mão dele, que tem um machucado já roxo por cima.

— O importante é que agora sabemos. — Monica olha para mim. — Você foi muito corajosa em enfrentá-lo.

Sorriso para ela e me inclino, dando um abraço apertado. Ela solta um resmungo surpreso antes de retribuir o gesto com mais carinho ainda. O abraço de urso da dona Monica fica cada vez mais evidente.

— Obrigada por me defender com aquele barquinho — digo realmente agradecida.

— De nada, querida. — Afastamo-nos e um sorriso meigo da parte dela aparece. — Você é família agora, nós protegemos uns aos outros.

— Um barquinho? — Dylan dá uma risada. — Você bateu nele com um barquinho?

— Foi a primeira coisa que achei! — ela se defende. — Na verdade, eu deveria ser compensada.

— Com o que exatamente? — Dylan pergunta me puxando para o seu lado novamente.

— Que tal um iate? Acho que meu prêmio super combina.

— Eu também acho, dê um iate a ela. — Olho para Dylan, que levanta uma sobrancelha.

— Tenho o direito de dizer não?

— Não — Monica e eu falamos ao mesmo tempo e rimos da expressão dele.

— Você já está pegando o jeito. — Ela pisca na minha direção e eu concordo me gabando.

Ouvimos a porta ser aberta e um Michael entrar na sala pálido e sem rumo. O cara parece transtornado.

— E aí, cara. Como foi lá? Cadê a Jane? — Dylan se levanta, assim como nós duas.

— EU VOU SER MAMÃE, PORRA! — Jane grita ao entrar na sala e nós dois arregalamos os olhos, a não ser por Monica, que grita e dá pulinhos de felicidade. O barulho todo parece chamar os outros integrantes da família aos poucos.

— O que está acontecendo? — Gregório aparece e Adam ao lado dele, segurando uma colher como arma. Franzo o cenho.

— Eu estou grávida! — Jane fala animada no exato momento em que os restantes aparecem. É hilária a cara de cada um e, por um momento, até penso que três dele vão desmaiar.

Em seguida eles correm para cima dela e eu dou um sorriso, assistindo a cena, mas paro quando vejo o marido de Jane hiperventilando.

— Meus parabéns, cara — Filipe diz a Michael que acena nervoso.

— Michael, você está bem? — Gregório pergunta.

— Não, ele não está. Desde que o doutor disse que eu estava grávida, ele ficou assim. Eu tive que vir dirigindo com medo dele bater o carro — Jane diz.

— Eu estou bem! Só não estou acreditando ainda — ele retruca e se abana. — Vocês estão com calor? Não? Minha esposa está grávida e está muito quente.

— Se você for desmaiar, me avisa para eu gravar. — Adam põe a mão em cima do bolso onde está seu celular.

— Calma, Michael. Eu sei que é chocante, mas vai dar tudo certo, meu filho. — Monica acena positivamente para ele, que olha para a barriga de Jane.

Ela coloca as mãos lá em cima e se aproxima dele lentamente. Seus olhos a analisam por alguns segundos antes dele dar um passo para perto dela.

— Você quer tocar? — ela pergunta e ele acena devagar.

Jane pega a mão dele e eu quase me derreto no chão com a cena linda que está acontecendo diante de mim. Eles são incrivelmente apaixonados e estão prestes a dar um passo importante e fofucho na vida dos dois. Droga, não consigo não me imaginar ali.

Ele toca na barriga dela e não demora tanto para os dois soltarem uma risada assustada e logo depois maravilhosa, provavelmente pensando no que o futuro os pode reservar.

— Você está grávida — ele sussurra feliz e ela suspira antes de abraçá-lo com força em seguida. Todos aplaudem o novo momento.

— Ana iria ficar tão feliz. — Escuto Peter sussurrar do nosso lado.

— Ela já está — Dylan fala, fazendo-os sorrir. Aproximo-me dele para dar um beijo rápido em seu rosto.

— Vamos fazer o pré-natal o quanto antes, não vamos ficar até a sexta — Jane comunica e todos concordam. — Vamos marcar isso novamente, ok? Em outra situação.

Ela caminha até mim e eu agarro suas mãos quando ela as oferece para mim.

— Eu adorei conhecer você, Lisa. Espero vê-la novamente. — Ela sorri.

— Digo o mesmo. E parabéns pelo bebê.

Nós duas sorrimos dessa vez e eu a abraço carinhosamente. Depois disso, acenamos para Michael e ela, que se vão falando que irão noticiar à família dele agora. Com o carro deles sumindo portão a fora, eu volto para a sala de estar falando com Adam sobre o porquê de sua arma de segurança ser uma colher.



Dia seguinte...

— Oh, querida. Eu vou sentir tanto sua falta — Monica diz.

— Ainda vou vê-la sempre que posso. — Aperto sua mão com um sorriso meigo.

Estamos na sala de estar com as nossas malas preenchendo o espaço. Está na hora de dar adeus para Chicago, para essa casa divina, para Ana e todos os momentos inesquecíveis que tive aqui, como me declarar para o meu chefe e encontrar meu ex-namorado galinha.

Todos já tinham ido embora para os seus afazeres e os únicos que ainda estão aqui são Gregório, Monica, Dylan, Adam, Nate e Peter.

Vejo ela sair da minha frente para ir encontrar o marido e pego minha mala rosa, arrastando-a para perto da porta. Ajeito a camisa de mangas no pulso e olho para trás quando sinto a presença de alguém.

— Kevin? — Ele se aproxima com as mãos no bolso da calça jeans. — Pensei que já tivesse ido.

— Eu vim falar com você.

— Falar comigo? Sobre o quê?

— Seu relacionamento com o meu primo não vai dar certo.

Levanto uma sobrancelha. Mais direto que uma bala, característica de um Venturelli.

— Como é?

— Só estou te avisando, você é legal, mas Dylan é um cafajeste, como o irmão. Não vai demorar muito para ele ficar com outra e partir seu coração. É melhor você pular fora.

— Agradeço o conselho, mas já sou grandinha.

— Ok, só queria avisar. — Olho para o seu peito quando fica a centímetros de mim e estranho sua proximidade repentina. — Você é bonita demais para sofrer por ele.

Os olhos castanhos estão nos meus antes de caírem para a minha boca. Pisco algumas vezes e limpo a garganta. Ele está dando em cima de mim?

— Eu não irei.

— Ótimo, seria triste te ver lamentando pelos lados. Mas se isso acontecer, você pode me ligar... — Ele afasta uma mecha do meu cabelo solto para trás. — Você é uma excelente secretária, vai descobrir como me contatar.

Kevin tinha dado em cima de mim desde a primeira vez em que colocou os olhos nos meus alguns dias atrás. Às vezes pego seu olhar na minha direção, mas ignoro, porque eu sei que ele está tentando afetar Dylan. Eu não sei o que é, mas algo forte indica que ele tem uma rivalidade grande com os primos e, pelo visto, é somente ele quem liga para isso.

— Talvez eu até saiba, mas não farei. — Tiro sua mão do meu cabelo. — Passar bem, Kevin.

Ele abre os lábios em um sorriso, observando minhas pernas se afastarem dele com rapidez. Saio da casa, deixando-o para trás, e sigo pelo jardim verde,

procurando por Dylan em algum lugar. Quando o encontro, ele não está sozinho, os quatro estão sentados em cadeiras de madeira pegando um banho de sol. Eles estão em um silêncio tão grande que parecem até estátuas.

Até que Adam abre a boca:

— Se pudessem ser algum super-herói, quem vocês seriam? — o loiro pergunta.

Encosto-me no arbusto e cruzo os braços.

— Eu dou mil dólares para quem tirar o Adam daqui — Nate resmunga de olhos fechados e acabo rindo baixinho.

— Eu seria o flash — Peter responde.

— O flash? Que droga — Adam reclama.

— O que tem? Ele é o cara mais rápido do mundo inteiro, imagina viajar pelos lugares sempre que quiser. Ia ser foda — ele fala, fazendo Dylan sorrir.

— Você já faz isso, babaca. Mas com um jatinho e não super velocidade — meu arrogante gostoso retruca.

— Imagine transar com o flash, você ia piscar e gozar ao mesmo tempo — Adam diz e Peter gargalha.

Que conversa normal é essa?

— E você, Dylan? — Peter pergunta.

— Eu seria o Batman — ele responde.

Coloco a mão na boca para abafar o riso e os três riem alto.

— Do jeito que você é, ia bater em todos, até nos que estariam do seu lado — Nate comenta e os outros dois concordam.

— Você seria péssimo, pede desculpa ao Ben Affleck agora. — Peter aponta para ele.

Sério que eles estão discutindo se Dylan seria a porra de um bom Batman?

— Nate seria o Thor, porque age, fala e anda como se fosse um Deus — Adam diz e Nate levanta minimamente os óculos de sol no rosto.

— Você está a fim de mim ou algo do tipo? — Nate provoca e Adam mostra o dedo do meio.

A conversa sobre super-heróis no clube das crianças de dez anos está fluindo quando o celular de Dylan toca. Ele olha para a tela e atende em seguida. O nome de uma mulher soa na sua boca e isso instantaneamente chama minha atenção. A conversa é breve, mas não menos interessante.

— Quem era? — Adam tira a pergunta da minha boca.

— Sasha — Dylan responde e eu franzo o cenho. Sasha?

— A arquiteta? — Peter pergunta.

— Sim.

— Por que diabos você está conversando com a arquiteta gostosa? — Adam questiona e meu coração acelera. As palavras de Kevin vêm na minha cabeça, mas eu as afasto.

— Ela está fazendo um projeto em uma casa de Nova York, estou abrindo um novo orfanato na cidade — ele diz e eu levanto as sobrancelhas maravilhada.

— Caralho, cara! Isso é ótimo — Peter diz.

— Eu sei, estava conversando com Lisa na semana passada sobre crianças órfãs sem ter um acolhimento nas ruas. Ela me inspirou em muita coisa — ele fala deixando todo mundo estático.

— Uau... — Nate sussurra. — O que ela fez com você?

— Não fala isso, vai que ele volta a ser aquele arrogante chato de novo. — Adam cutuca Nate com o cotovelo.

— A bondade dela te inspirou, isso é muito legal, cara. Não estou surpreso, porque ela parece ser muito centrada, bondosa e...

— Pare de elogiar minha mulher — Dylan o corta e Peter revira os olhos.

— Eu não gosto de morenas.

— Mesmo se gostasse, cai fora. — Dylan mostra o dedo do meio

— Deus! Como você está ciumento — Peter diz sorridente.

— Eu não sou ciume...

— Ok, já chega, Batgirl — Adam o interrompe e se levanta. — Temos que voltar para Nova York, menos o Nate, que vai para a Itália ainda, graças a Deus.

— E você, Tinker Bell? Quem você seria se fosse um super-herói? — Peter pergunta.

— Deadpool — Adam responde e ele revira os olhos.

— Deadpool não é um herói — Dylan comenta.

— Exatamente. — Adam pisca, ajeitando a gravata no pescoço.

Quase me sinto mal por ter escutado a conversa... eu disse quase.

Corro de volta para a sala e finjo que estou mexendo na minha mala, até que os quatro chegam e eu faço minha melhor cara de paisagem como quem não quer nada. Dylan pega nossas malas e as coloca na traseira do carro junto com as do irmão e do amigo, que vai voltar conosco no mesmo avião, dessa vez. Nós cinco vamos até o aeroporto pegar o jatinho, que é diferente do que Dylan e eu viemos, acho que esse é o do Peter. Despedimo-nos de Nate, que vai para uma direção contrária da nossa, na promessa de aparecer em breve.

Rapidamente me lembro dos remédios para dormir, mas logo Dylan pega minha bolsa, dando-me as pílulas que me ajudariam. Eu respiro aliviada e as tomo antes de subir no avião.

A viagem de volta é ótima, não só porque eu durmo o tempo inteiro, mas porque tenho um sonho para lá de indecente e, quando acordo, tenho que fingir a minha melhor cara de boa garota, que não estava

sonhando com Dylan me amarrando e me chupando em um sofá. Já em Nova York, eu me despeço de Peter e Adam, que seguem o mesmo caminho. Dou um abraço apertado em Bryant, que ajuda Dylan com as malas logo depois.

O caminho foi em silêncio e com trocas de olhares do tipo que fazem seu peito balançar como se fosse a primeira vez. Sim, eu me sinto uma adolescente apaixonada e é uma das melhores coisas que eu já senti. O carro para na frente do meu prédio e Dylan me acompanha pelo elevador até a porta de madeira clara familiar.

— É aqui que você me deixa. — Fico de frente para ele.

— Oh, não. — Ele colocou a mão no rosto. — Como vou ficar tanto tempo sem você?

Toco no ombro dele com uma expressão de choro.

— Eu não sei, mas temos que ser fortes — finjo consolá-lo com dois tapinhas no ombro.

— Eu não acho que consiga, vou precisar de morfina. — Ele sobe o olhar para me encarar. Nós dois não aguentamos por muito tempo até uma risada gostosa sair de nós dois.

Sinto o braço dele me puxando pela cintura e um sorriso ainda está em seu rosto antes dele se despedir com um beijo gostoso, que arrepiava minha nuca.

— Você vai jantar comigo hoje?

— Sim — respondo baixinho, beijando seu queixo.

— Bryant virá te buscar — ele diz.

— Devo usar algo em particular?

— Não é o que você vai usar e sim o que não deve.

— E o que eu não devo usar é uma calcinha?

— Eu amo quando você me entende. — Ele dá um tapinha na minha bunda.

Espero Emy abrir para mim. Quando ela o faz eu aceno para ele, que dá uma piscadinha. A porta se fecha e eu olho para a minha melhor amiga, que está com os olhinhos castanhos brilhando.

— Céus, eu nunca vi você sorrindo assim. — Emy aperta os lábios querendo esconder a risada.

— Ele está apaixonado por mim! — Levanto os braços para cima, com um gritinho de vitória, e faço uma dancinha extremamente patética no meio da minha sala. Quase rolo pelo tapete como um bulldog, mas me contenho.

— O quê? — Emily corre até onde estou e para a minha dancinha. — Ele disse isso?

— Disse, Emily. Ele disse com todas as palavras lindas que seu sotaque italiano perfeito tem. — Bato palma sem me conter e passo as mãos no corpo. — Não deveria estar surpresa, acha que ele perderia tudo isso?

— ISSO É INCRIVÉL! — Ela me abraça apertado e me olha com alegria genuína.

— Eu nunca gostei tanto de uma pessoa antes, Emy.

— E ele ainda tem um pau grande! — Ela levanta os braços e eu a repreendo com o olhar. No exato momento, uma batida na porta aparece e minha sobrançelha se ergue, andando até ela.

Abro-a e quase caio dura no chão ao ver o rosto dele com um sorrisinho ridiculamente convencido. Minhas bochechas esquentam de forma tão rápida que eu consigo sentir o calor se espalhando pela minha pele.

— Me diga que não escutou nada — peço.

Ele pega a minha mala do chão e coloca dentro do meu apartamento. Maldita. Por que não me lembrei dela?

— Não escutei. — Ele não consegue esconder o sorriso, sutileza não é o seu forte.

Dylan dá mais um passo para frente e me olha nos olhos de maneira firme.

— Eu também nunca gostei tanto de uma pessoa antes — ele sussurra antes de me dar um selinho rápido. — Meu sotaque é bom, espera para me ouvir falando italiano com você.

Mordo o lábio e observo quando ele se vira para sair, mas antes, olha para Emily, que tem os lábios apertados. Dylan mostra as duas mãos e depois as separa em uma distância favorável, dando a entender o tamanho do seu... oh não.

— E eu tenho mesmo um pau grande — ele diz com a voz divertida e eu reviro os olhos, empurrando-o para fora do apartamento e fechando a porta em seguida. Escuto a risada alta de Emily e me encosto na madeira com um sorriso bobo.

— Vocês são incríveis! Quando vai vir o bebê? — ela pergunta e eu imediatamente me engasgo.

— Sem bebê. — Aponto para ela, caminhando até a cozinha. Ela vem atrás de mim.

— Qual é? Só um!

— Você parece querer mais do que eu. Por que não faz um?

— Com o Dylan? Deus me livre — ela se benze. — Ele não faz o meu tipo.

— Então sem bebês.

— Se você tiver um menino, eu quero uma menina. Já está nos planos de Deus.

— Emily... cala a boca. — Pego uma garrafinha de água da geladeira. — E como estão as coisas com Caleb?

— Estamos saindo, nada sério.

— Uau, estou chocada — debocho e ela revira os olhos.

— Vai sair esta noite?

— Dylan e eu vamos ter o nosso primeiro encontro.

— Oh, que fofo. — Ela aponta para a própria cabeça e atira com a arma imaginária.

— Piranha. — Mostro meu dedo do meio.

— Até quando eu quiser. E não esqueça que amanhã vamos sair para dançar, Jon já confirmou.

— Certo, alguém além de nós vai?

— Rubi, Susie e Josh.

— Quem é Josh?

— É o cara que estamos tentando arranjar para Jon tirar o atraso. — Ela pisca antes de entrar em seu quarto.

CAPÍTULO 25

Dylan Venturelli

“Talvez eu esteja muito ocupado sendo seu para me apaixonar por outra pessoa”

Acabo de descobrir um novo lado meu que aparentemente estava adormecido por tempo demais. Essa vontade súbita e natural de fazer algo especial para quem você se importa parece martelar na minha cabeça a cada minuto que Bryant dirige para o supermercado mais próximo.

Eu estou prestes a cozinhar...

Deus sabe que isso é idiotice, mas como eu não escuto ninguém, eu farei mesmo assim.

— Deixe o carro ligado, não vou demorar — digo a ele antes de colocar os pés para fora do carro e caminhar nas ruas molhadas de Manhattan.

Abro a porta já sentindo o cheiro de congelados e frutas em todo o caminho. As pessoas passam com os carrinhos cheios de compras e eu não tenho ideia do que pretendo fazer. É ali que me dou conta de que deveria ter pedido ajuda de algum lugar. Pego o celular do bolso na intenção de ligar para Benta e buscar com ela qualquer receita fácil de fazer, mas, a todo momento, a chamada cai para a caixa postal, o que também me lembra que eu dei o dia de folga a ela.

— Droga — xingo baixinho e ligo para as outras pessoas que vão me atender agora.

O *FaceTime* abre e rapidamente eu vejo duas caretas.

— O que foi, Dylan? — Peter resmunga super irritado. A julgar pelas suas vestimentas e respiração, ele está com alguém.

— Não acredito que está com saudades, sei que sou viciante, mas há limites, Batgirl. — Adam sorri para mim. Ele parece estar em casa, no seu escritório, mais especificamente.

— Eu preciso de ajuda — sussurro perto do telefone.

— Onde está o corpo? — Adam questiona e eu reviro os olhos.

— Eu vou desligar — Peter ameaça e eu nego, balançando a cabeça.

— Vou fazer um jantar para Lisa esta noite e preciso que vocês me ajudem a escolher um prato.

Silêncio.

Adam e Peter me olham como se eu fosse de outro planeta.

Silêncio ainda reina no meio do supermercado, até olho em volta para saber se mais alguém está me olhando como esses dois, porque parece que eu tinha acabado de contar que matei o presidente dos Estados Unidos.

— O quê? — Peter pergunta confuso.

— Não me faça repetir, cara. Você sabe que eu odeio repetir as coisas — digo.

— Dylan, você vai explodir o apartamento — Bell, agora apelido de Tinker, fala com os olhos em súplica para eu não fazer isso.

— Foda-se, eu ainda quero cozinhar, porque ela merece e porque eu estou perdidamente apaixonado por ela! — digo no exato momento em que uma senhora de

cabelo branco me olha com um sorriso. Sorrio de volta por educação.

— Eu estou tão preocupado que quase ligo para o seu pai para te dar uma surra — Peter diz se levantando da cama. Ele parece caminhar para o banheiro.

— Você estava transando? — pergunto e ele me encara.

— Sim, quer participar?

— Não fode. — Ele ri da minha expressão. — Mas acho fofo que você tenha interrompido o sexo para me atender.

Ele me olha irritado.

— Atendi porque pensei que a Lisa tinha finalmente caído em si e te chutado.

— Vai se foder — falo fazendo Adam rir de nós dois

— Por mais que eu adore ver vocês discutindo, eu preciso trabalhar na fusão... então, o que você quer mesmo? — Bell move os olhos azuis para mim.

— Uma comida fácil de fazer.

— Tem o restaurante perto da sua casa, é ótimo — Peter sugere.

— Não, eu vou cozinhar. — Esses caras não entendem nada que eu falo?

— Realmente quer ter tudo com ela, não? — Peter sorri de lado ao me ver acenar positivamente.

— Que tal uma lasanha? — Adam sugere.

— E isso é simples? — Peter pergunta mais confuso que eu.

— Isso demora muito tempo? — pergunto.

— Sei lá, porra, só dei a sugestão, não sou um dos jurados do *Master Chef*, então você que se vire — Adam resmunga.

— Ok, é uma boa ideia. — Balanço a cabeça sorrindo. — Valeu.

Eles começam a falar ao mesmo tempo e eu desligo, não me importando com nada do que foi dito, porque eu sei que foram provocações sobre meus dotes culinários.

Rapidamente pesquiso os ingredientes na internet e pego o necessário para fazer mais de uma lasanha. Se não der certo a primeira, eu já tenho a chance de fazer outra. Sou um desastre na cozinha e isso é uma das poucas coisas que eu não sei fazer e não ter uma cartela gigantesca de pênis no celular, isso aí é com Lisa.

Passo as compras no caixa e coloco tudo no porta-malas com a ajuda de Bryant, que dirige para o meu apartamento comigo contando meus planos para mais tarde e no aviso para buscá-la no horário que marquei. Acho que ouço ele rezando para que tudo dê certo.

Deixo os ingredientes na bancada e vou direto para o meu escritório responder alguns e-mails, fico lá dentro por algumas horas até sair e tirar alguns pertences da minha mala. No relógio, eu percebo que não falta muito para dar o horário e desço para a cozinha. Pego meu celular, colocando no passo a passo, mas antes eu lavo as mãos.

Olho para o site que me ajudaria e depois encaro os ingredientes. Não deve ser tão difícil assim, é só seguir a receita e tentar não colocar fogo no apartamento, simples! Eu consigo fazer isso.

Cinco minutos depois...

— Puta que pariu, eu não consigo fazer isso! Por que eu tenho que fazer molho? Quem foi o filho da puta que inventou... — paro de gritar e respiro fundo.

A receita tem dois tipos de molhos, o molho branco e o molho bolonhesa. Eu não faço ideia qual deles eu farei. Olho novamente para a receita e percebo que eu só tinha comprado os ingredientes para fazer a

bolonhesa, então vai ser esse mesmo. Faço tudinho que a receita está pedindo, esquento o óleo na panela, refogo a carne. Tudo certo, certo? Não, não sei.

Eu devo parecer ridículo fazendo isso.

Demoro uns dez minutos tentando entender o que significa "duas colheres de sopa". Penso que terei de fazer alguma sopa também, mas, depois de pensar com clareza, eu entendo, por fim.

Monto a bendita em uma travessa de vidro e a levo ao forno. Eu terei que esperar alguns minutos e estará pronto. Até levanto os braços para cima, como um lutador no fim da luta ganha por ele.

Enquanto isso, decido tomar um banho e mando uma mensagem para Lisa dizendo que Bryant já está a caminho. Tiro as roupas da viagem e entro no box com a intenção de relaxar os ânimos um pouco com a água quente. Fico vários minutos sentindo a água cair no meu cabelo e deslizando pelo meu corpo.

Pego o sabonete líquido e passo pelo meu corpo, pensando em coisas aleatórias que estão me perseguindo desde que passei a conviver de forma íntima com Lisa, alguns comportamentos estranhos que ela tem quando está comigo e a excitação grande quando se sente protegida. Às vezes sinto que eu a entendo por completo, mas sempre vem o balde de água fria me dizendo que não.

Pego o shampoo e passo no meu cabelo, ainda pensativo sobre ela.

Os comprimidos que ela tem são ansiolíticos, eu pesquisei, e só podem ser prescritos por médicos, pelo menos os que ela toma. Há algo escondido dentro dela, algo que ainda a tormenta e eu posso estar louco, mas eu quero saber o que aconteceu, eu preciso saber. Talvez seja meu lado preocupado se misturando com o curioso procurando respostas. E não acho que posso calá-lo, porque eu me importo com ela demais para isso.

Peter tem razão, eu realmente quero ter tudo com a lasanha!

Porra, a lasanha está no forno!

Saio do banheiro às pressas, apenas com uma toalha enrolada na cintura, e cambaleio o trajeto todo. Molho todo apartamento até chegar na cozinha e vou me segurando para não escorregar. Abro o forno tirando a lasanha sem a porra das luvas e acabo me queimando. Balanço as mãos, sentindo-as arder e fecho o forno com os quadris fazendo minha toalha cair no chão, quase debochando de mim. Afasto-me e levo as mãos para torneira em busca de tentar aliviar a dor, porque está doendo para caralho!

Depois de tentar aliviar e falhar miseravelmente, eu volto para pegar minha toalha e acabo escorregando no rastro de água que deixei. Você vai achar que estou mentindo agora, mas eu não estou! Enquanto eu estou caindo, tento me apoiar em uma barra que tem na minha cozinha e, conseqüentemente, desligo a luz sem querer, já que o interruptor fica em cima dessa porra de barra. Se não entendeu nada do que eu disse aí em cima, eu vou resumir para você.

Eu estou no chão da minha cozinha, todo molhado, com as mãos vermelhas pela queimadura e, para completar, estou pelado no escuro. Por que tudo isso aconteceu? POR CAUSA DA PORRA DE UMA LASANHA.

Eu definitivamente não nasci para isso.

Eu ainda estou no chão, quando percebo que a luz é acesa. Não preciso dizer quem é, certo?

— O que diabos está acontecendo? — Lisa pergunta com a expressão mais assustada do planeta.

Suspiro irritado. Eu não acredito que ela está me vendo assim.

— A toalha caiu da minha cintura e eu escorreguei no rastro de água que eu mesmo deixei cair, porque...

Ela sorri da minha desgraça e olha em volta, parecendo procurar algo enquanto faz uma expressão confusa.

— Eu estou em um filme pornô? — ela debocha e eu reviro os olhos.

— Engraçadinha.

— Não. — Ela levanta o dedo me pedindo para esperar. — Eu ainda tenho piadas.

— Por favor, não — imploro como derrotado.

— Se eu soubesse que seria espaguete com almôndegas, eu teria vindo antes. — Ela olha para o meu pau e eu aperto os lábios. Ok, essa foi boa.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— A maioria dos seus encontros é assim? Se for, não me sinto mais especial.

— Lisa, vai catar banana.

— Se for a sua, sim.

— Meu Deus! — Ela ri alto antes de se aproximar de mim. Seus braços pequenos me ajudam a levantar e eu suspiro com o arder da queimadura.

— Eu fiz lasanha para você — digo.

— Lasanha? — Ela me encara sorridente.

Eu nunca vi ninguém gostar tanto de comer do jeito que Lisa gosta.



Pego a toalha e me cubro. Ela se aproxima de mim novamente, depois de fechar a porta do forno, e vem desviando da água que está molhando toda a cozinha. Parece que eu trouxe o oceano Pacífico para cá.

— Você fez um jantar para mim?

Balanço a cabeça em concordância e ela sorri de canto antes de colocar os braços no meu pescoço, puxando-me para um beijo calmo e gostoso. Coloco as mãos em sua cintura e acabo dando um grunhido de dor.

Lisa rapidamente se afasta e me olha com a testa franzida.

— Isso foi um gemido de dor? — ela suspira. — Peguei muito pesado com as almondegas?

— Talvez. — Dou um sorrisinho sem graça.

Ela se afasta e me olha da cabeça aos pés. Ignoro seu olhar para a minha barriga e dou um sorriso de lado quando ela finge limpar a baba. Lisa me observa por mais alguns segundos, até parar nas minhas mãos.

Touché

— Meu Deus, Dylan — ela diz preocupada e pega o meu pulso, avaliando minha mão.

— Está tudo bem — digo com indiferença, mas eu estou quase chorando por dentro.

— Não precisa bancar o durão na minha frente. — Ela me olha irritada e minha expressão vai suavizando até eu fazer um biquinho.

— Está doendo tanto! — Coloco minha cabeça em seu pescoço e ela faz “*shiu*” para mim, dizendo que vai cuidar disso.

— Sente aí, deixe-me fazer um curativo.

— Não, não precisa.

— Se você não me deixar fazer o curativo, eu juro que vou ligar para Adam e contar que você estava no chão da cozinha pelado e no escuro.

Ela diz isso, na mesma hora me sento no banquinho. Não quero arriscar, Adam irá me zoar até eu completar cinquenta anos.

Cinco minutos depois ela está sentada na minha frente com uma caixinha vermelha de primeiros socorros e cuidando das queimaduras leves e vermelhas em minhas mãos. Lisa pega um líquido transparente e

despeja um pouco como se lavasse. Sinto arder um pouco, mas nada demais. Um plástico com ataduras é pego e ela começa com a minha mão direita, enfaixando-a devagar. Ela parecia bastante concentrada no que está fazendo e eu estou bastante concentrado nela.

— Você já fez isso antes? — pergunto e ela me encara.

— Enfaixar caras que só estão de toalha? Claro que não.

Se minha mão estivesse boa, eu teria dado um tapa na perna dela.

— Depois que meus pais morreram, eu fiquei na guarda da mulher que mencionei antes, ela era muito especial para mim. Às vezes ela se machucava e eu cuidava de algumas feridas. — Lisa não me olha em momento nenhum.

— Cuidamos uma da outra — ela diz mais para si do que para mim.

— Qual é o nome dela?

— Elisa.

— Você disse “era”, não é mais?

— Não — sua voz parece mais seca nesse nível da conversa.

Percebo que ela fica estranha de repente e a pulguinha atrás da minha orelha começa a coçar. Ela tenta disfarçar dando um sorriso nada confortador e eu respiro fundo algumas vezes. Ela faz a mesma coisa agora na outra mão e eu continuo olhando seus dotes com primeiros socorros.

— O que aconteceu? — pergunto e ela me encara. Seus ombros ficam tensos e eu engulo em seco.

— O quê?

— O que aconteceu com você antes, baby? — Aproximo-me pondo a ponta dos dedos em seu queixo e a vejo olhar para cima, tentando manter a postura.

— Não sei do que você está falando, Dylan — sua voz baixa me tira de órbita. Eu quero tanto entendê-la.

— Eu sei que tem algo errado, eu posso ver nos seus olhos. — Colo sua testa na minha e fecho os olhos quando ouço sua respiração se desregular diante de mim. Quando olho para ela novamente, seus olhos estão marejados. — Eu sei quando você mente e quando diz a verdade.

Sua cabeça balança em negação.

— Me desculpe — ela sussurra.

— Por que está se desculpando?

— Eu não sei — ela sussurra parecendo perdida. E eu só queria encontrá-la.

— Está tudo bem, eu estou aqui com você, ok?

Lisa concorda.

— Eu odeio isso, odeio essa vontade de chorar que sempre vem com tanta facilidade.

— Você não precisa chorar, eu enxugarei todas as suas lágrimas se você quiser, mas você não precisa.

Ela sorri de maneira triste e levanta o rosto até colidir seus lábios nos meus. Sinto-a relaxar em meus braços e beijo seu pescoço em seguida.

— Eu não quero falar sobre isso, vamos ter nosso jantar ou não?

— Você que manda. — Beijo sua testa depois de repetir. — Você que manda.

— Que tal você ir lá para cima se trocar enquanto eu arrumo isso aqui para jantarmos? — pergunta e eu concordo.

Subo as escadas depois de sair da cozinha e caminho pelo longo corredor até entrar no meu quarto. Vou até a cabeceira e pego meu celular, digitando alguns números. Ele atende no terceiro toque.

— Preciso que faça uma coisa — digo sem rodeios.

— Só dizer — ele diz.

— Quero que descubra tudo sobre Lisa Campbell Morris.

Sinto um aperto no peito. Eu não sei se estou fazendo a coisa certa ou se estou prestes a quebrar a confiança dela, mas eu me recuso a ignorar qualquer senso quando a voz intrigante na minha cabeça me pede para descobrir, e rápido, o que aconteceu. Não estou com uma boa sensação. Se proteger Lisa de qualquer coisa envolva saber do seu passado, eu o farei.

— Irei agilizar isso agora mesmo — o detetive soa uma última vez antes de eu desligar.

CAPÍTULO 26

Lisa Morris

“A última coisa que me lembro é de nossos belos corpos se esfregando na boate, embriagados de amor”

Eu estou limpando a zona que Dylan fez na cozinha. O homem só não botou fogo no apartamento, porque preferiu outro elemento.

Tem água para todo lado, parece que eu estou em uma piscina infantil.

Seco o chão por vários minutos e arrumo algumas coisas que estão sobre a mesa, provavelmente o que ele usou para fazer a lasanha, que está com uma cara boa, por falar nisso. Pego dois pratos e os coloco sobre a mesa. Ponho a travessa, que ainda está muito quente, perto dos pratos. Termino pegando os talheres e procuro as taças, olho ao redor e as vejo lá no topo do armário.

Ótimo! Como vou alcançar essa merda?

Vou até lá e me estico. Meus dedos chegam a tocar na taça, mas não o suficiente para agarrá-la. Tento mais uma vez e ouço uma risadinha.

Olho para o lado e avisto Dylan se divertindo com a minha cara desesperada por conta da altura. Ele está vestindo apenas uma calça de moletom preta e uma camisa azul escura.

— Do que você está rindo? — pergunto emburrada.

— Das suas pernas curtas?

— Eu vi suas almondegas com frio e não dei risada, me respeite.

Ele para de sorrir e eu jogo meu cabelo como uma vencedora que sou.

Escuto seus passos e ele a minha risadinha travessa. Seu olhar duro em minha direção causa uma careta no meu rosto, enquanto ele estica as mãos e pega as duas taças com um pouco de dificuldade, já que está com as mãos enfaixadas. Ele se queimou fazendo lasanha para mim, se isso não é uma declaração de amor, eu não sei o que é.

— Aqui. — Ele me entrega e eu pego as taças, andando até a mesa. Sentamo-nos um ao lado do outro e eu corto um pedaço consideravelmente grande da lasanha, que tem um cheiro muito bom e um aspecto melhor ainda. Se eu fosse julgar pela sua imagem no chão agora há pouco, eu diria que a comida estaria péssima.

Mas, assim que levo um pedaço até a boca, eu quase tenho um orgasmo instantâneo. Eu faço tudo que está ao meu alcance para disfarçar, mas Dylan está me olhando como um cachorro bobão, esperando-me jogar a bolinha para ele ir buscar.

Ele com toda certeza nunca cozinhou para ninguém antes, principalmente para uma mulher, o que deixa tudo mais especial, na minha cabecinha maluca.

— E aí? — ele pergunta com uma carinha extremamente fofa.

— Eu não quero magoar seus sentimentos... — Sua expressão foi morrendo aos poucos. Abro um sorriso. — Mas...

— Mas...

— Está delicioso! — exclamo, aproximando-me dele com rapidez para deixar um beijo estalado na sua bochecha. Ele ri e comemora batendo os pés no chão.

— Tudo o que eu faço é bom — ele se gaba e eu reviro os olhos, estava demorando.

— Você é muito convencido.

— Se acostume, você ficará comigo por um longo e longo tempo para provar minhas lasanhas.

— Se isso inclui te ver pelado e no escuro, eu aceito.

Ele sorri de lado antes de comer um pedaço da lasanha e gemer com o gosto. Ele me olha desacreditado e volta a comer novamente. Rimos metade do jantar e partilhamos algumas taças de vinho enquanto isso. Ele me conta sobre a sua infância e todas as coisas estranhas que adora fazer, como usar meias brancas cheias de gravatas vermelhas toda quarta-feira, porque, de acordo com ele, trazem sorte.

Beijamo-nos nos intervalos das conversas e conto algumas coisas sobre mim, dentro da bolha de hobbies e manias. Não é fácil conversar com Dylan sobre alguns temas, principalmente quando ele sabe que tem algo errado comigo. Seus olhos claramente me imploram para eu contar a ele, mas... eu não posso, não consigo e não quero que ele me olhe diferente. Ele não pode me olhar diferente por causa do meu passado que eu tanto escolhi enterrar, não me permito pensar nem por um minuto.

— Podemos assistir um filme — joga a sugestão para ele antes de subir em suas costas e ele caminhar comigo para a sala de estar agarrada com ele.

— Você gosta de filmes mesmo?

— Quem não gosta de filmes? — pergunto rindo antes dele literalmente me jogar no sofá como um saco de batatas. Dylan é um carinhoso nato, eu diria.

— Algumas pessoas. — Ele dá de ombros e eu franzo o cenho. Não é possível.

— Você não assiste filmes? — Fico de joelhos no sofá e ele na minha frente de pé.

— Não.

Levo as mãos até a boca. Ele levanta uma sobrancelha, porque realmente parece que ele tinha me falado que matou o presidente dos Estados Unidos agora.

— Como não? — pergunto incrédula.

— Eu não tenho muito tempo para fazer isso e quando tenho, eu gasto lendo, treinando ou caindo na cozinha.

— Espera aí, então todo esse tempo que venho fazendo referências de filmes você não estava entendendo nada?

Ele aperta os lábios.

— Eu não entendo porra nenhuma.

— Meu Deus! — Coloco as mãos na cabeça. — Nem jogos vorazes?

— Que diabos...

— Ok. — Levo as mãos para o rosto e eu sei que ele está me olhando como se eu fosse louca. Quando o olho de novo, minha expressão está com um pesar. — Dylan, eu acho que não estamos dando certo.

Ele revira os olhos.

— Você é insuportável.

— Insuportável é a sua vida sem a mágica da cinematografia. — Puxo-lhe pelo braço e o faço sentar comigo. Enrolo-me nele com as pernas e faço nós dois ficarmos confortáveis, na medida do possível, no sofá.

Pego o tablet enorme ao meu lado e ligo a televisão no apartamento, que não é guiada por controle remoto, as funções são todos transmitidas por um tablet do tamanho da minha cara

— Vamos assistir ao clássico de todos os tempos, só para você ficar ciente da minha primeira paixonite,

onde eu escrevi cartinhas de amor para ele.

— Vou assistir o cara para quem você escreveu cartinhas de amor? Onde isso é divertido?

— Não se preocupe, ele morre no final.

— Ah, então ok — ele diz, fazendo-me sorrir de lado.

Idiota.

— É um filme com uma história de amor trágico.

— Cruzes, Lisa. — Encaramo-nos enquanto o filme começa.

— O quê?

— Amor trágico?

— Sim, você vai gostar.

— Acho que não. — Ele olha para a tela. — O que é Titanic?

Ele realmente não assiste filmes.

— Silêncio, vamos tirar sua virgindade agora, relaxa.

— Caralho, que navio grande, vou comprar um maior para Monica — ele comenta e eu dou um sorrisinho, encostando-me nele para assistir o que está na tela.

No meio do filme eu presto atenção em cada expressão que Dylan faz e é até engraçado quando ele revira os olhos nas cenas de beijo, parecendo uma criança. Depois de quase duas horas e meia de filme, eu já estou deitada com Dylan descansando a cabeça na minha barriga e abraçado à minha cintura, enquanto eu faço carinho no seu cabelo.

— Isso não acaba nunca? — Escuto ele reclamar pela sétima vez. — Estou quase para entrar no filme com um bote de salva vidas.

— Shiu. — Ouço ele resmungar quando eu o mando ficar quieto.

No fim do filme, ele está na mesma posição, abraçado à minha cintura e os olhos vidrados nos tristes

acontecimentos. A tela fica preta, indicando o final, e eu passo as mãos nos olhos, emocionada.

— Cabia os dois nessa porta, você sabe, né? — ele diz me fazendo sorrir.

— Rose é espaçosa — digo brincando e ele levanta a cabeça para me encarar.

— Rose é egoísta — ele rebate e se senta ao meu lado.

Sinto os dedos na minha nuca, puxando-me para perto. Eu encosto minha cabeça em seus ombros, querendo que seu corpo me aqueça o máximo que pode.

— Como estão suas mãos?

— Elas podem tocar em você, é o que importa.

Levanto o rosto olhando para ele e sorrio, pondo meus dedos em seu queixo. Inclino-me levemente, juntando nossos lábios, e franzo o cenho com o pulso acelerado. Afasto-me minimamente para encarar seus olhos e engulo em seco, vendo-o o olhar firme para os meus.

— Eu te amo — sussurro. Mesmo que não tenha ninguém aqui, eu quero que somente ele escute dentro da nossa própria bolha.

Vejo seu sorriso pequeno e os olhos passeando pelo meu rosto.

— Eu te amo, Lisa — ele sussurra de volta antes de me beijar com outro selinho demorado. — Pra caralho.



Final de semana! Noite da balada que tanto Emily e Jon vêm me enchendo o saco para acontecer. Os dois estão ocupando meu quarto se arrumando e perfumando, enquanto eu estou tentando colocar uma

saia preta de couro super apertada, mas a minha bunda está agradecendo, porque ela está um espetáculo.

Rubi e o pretendente de Jon, que se chama Josh, vão nos esperar no bar da boate *Hunter*. Emily está vestida de acordo com o nome, porque esta noite ela está a fim de ser caçada por algum cara bonito. Ela está usando um vestido justo da cor vermelho sangue com alças bem finas. Ela pega um dos meus sapatos, já que temos a mesma numeração.

— Sabe... eu passo a semana fora, mas quando eu volto, olhar para vocês duas lava os meus olhos. — Jon assobia e nós duas sorrimos pela cantada barata.

Ele está vestindo uma calça jeans clara, que marca suas coxas grossas, uma blusa verde escura com uma jaqueta marrom por cima e um tênis branco para completar a vestimenta.

— Você está bonito, tudo isso é para Josh? — pergunto.

— Óbvio que é, ele até passou aquele perfume importado que só usa em ocasiões especiais — Emily diz e pisca para ele.

— Estou sentindo que vou encontrar o amor da minha vida! — Jon levanta as mãos para o alto, rezando baixinho.

— Que bom! Aí você se casa logo e transa um pouco para tirar esse humor ruim que você está — Emily diz e Jon mostra o dedo para ela.

— Não estou de mau humor, você que está. O que aconteceu? Não tinha o tom de loiro para você pintar o cabelo? — Jon pergunta e eu abro a boca chocada pela audácia dele. Falar do cabelo de Emily é quase um crime federal, principalmente quando diz que é um loiro falso.

— Seu filho da... — Ela corre pelo quarto com a escova de cabelo na mão e Jon dá umas risadas hilárias, pegando o travesseiro para se defender. Sorrio de lado e

ignoro as duas crianças quando meu celular toca em cima da escrivaninha. Pego-o dali antes de atender.

— Sim?

— Oi, baby. Estou na frente do seu prédio — Dylan comunica.

— Já estamos descendo — digo. Segundos depois, escutamos um grito alto de Emily querendo dar um golpe de karatê em Jonathan.

— Por que está gritando comigo? — Dylan pergunta.

— Não fui eu que gritei.

— Quem está gritando.... não, não fala, sei que é Emily.

Escondi a risada antes de desligar a chamada e apartar a mini briga dos dois. Emy leva mais alguns minutos para se ajeitar na frente do espelho e Jon se limpa como se tivessem restos de Emily Brooks nele. Saímos do apartamento com os dois brigando e depois se abraçando na saída do elevador para o térreo. Nunca entendo.

Do lado de fora, conduzo meus saltos até Dylan, que está encostado na BMW preta. Ele está usando uma camiseta azul marinho, com uma jaqueta preta por cima e uma calça jeans surrada, os cabelos bagunçados como sempre e um grande relógio no pulso. Porra, muito gostoso.

Aproximo-me dele e rápido colo nossos lábios. Ele aperta minha cintura e ouvimos alguém tossir.

— Se comportem, crianças — Jon diz acabando com o clima. Ele já sabe de tudo sobre meus sentimentos verdadeiros por Dylan, até ficou animado quando eu contei que ele sentia o mesmo que eu.

Separamo-nos devagar e dou um sorriso quando ele sorri primeiro.

— Vou fazer uma cantada agora — Dylan sussurra em forma de aviso.

— Oh, você é péssimo nisso.

— Sabe por que não há ratos embaixo da sua cama?

— Por que eu sou higiênica?

— Porque você está uma gatinha — ele completa arrancando uma risada de mim e eu olho para Emily e Jon, que estão atrás de nós dois com uma sobancelha erguida. Franzo o cenho e olho para Dylan.

— Isso só foi engraçado para mim, não foi? — pergunto.

— Pode apostar que sim — Jon responde.

— Oh, meu Deus, eu gosto tanto de você que dei risada das suas cantadas ruins. — Coloco as mãos na boca com uma cara de choro, estou perdida.

— Você vai superar isso — ele diz afagando minhas costas e beija minha testa antes de abrir a porta do carro para mim. Eu entro e os outros fazem o mesmo.

Já no carro, seguimos para a boate. Mando mensagem para Rubi avisando que chegaríamos em trinta minutos e ela responde com um *emoji* de festa e um *drink*.

O celular de Dylan começa a tocar em seguida e ele atende pelo comando de voz do carro.

— Maninho Batgirl — a voz de Adam ecoa por todo o carro.

— O que você quer? — Dylan pergunta.

— Peter e eu vamos à boate esta noite e ele insistiu para que você e Lisa fossem conosco, óbvio que não concordei, porque você é um porre e Lisa é mil vezes mais legal, então deveríamos te deixar em casa e levar somente ela — rio alto, enquanto Dylan bufa no assento.

— Espera, ela está com você? Escutei uma risada feminina. Seu filho de uma puta, se você estiver com outra mulher que não seja Lisa, eu vou bater...

— Sou eu, Adam. E eu sabia que você gostava mais de mim do que seu irmão.

— Todo mundo gosta — Adam fala e eu dou outra risadinha travessa.

— Lisa e eu já estamos indo à uma boate, mas agradeço o convite — Dylan diz e o irmão repete o que ele falou como se estivesse falando com outra pessoa na linha.

— Você nem chamou a gente, seu babaca! — A voz de Peter surge e eu levanto as sobrancelhas surpresa.

— Por que será? — Dylan debocha.

— Vocês podem ir, se quiserem — digo e Emily quase me bate do banco de trás.

Lembro-me que Rubi e Adam não se dão muito bem e Emily e Peter muito menos. Porra!

— Estaremos na boate *Hunter*. Até depois, meninos — Jon diz e pede para Dylan desligar.

Ele desliga e eu o encaro Jon que levanta os polegares. Emily está quase batendo nele novamente.

— O quê? Eles só estão atrás de diversão, assim como a gente — ele diz depois de várias encaradas dentro do carro.

Emily suspira e eu encaro a estrada. Uma ótima noite se aproxima e já estou até sentindo o cheirinho de briga. Depois de longos trinta minutos, nós chegamos e entramos direto, porque Dylan conhece o dono.

A boate é ótima, eu já vim aqui com Emily e gostei bastante, tirando a demora para entrar. Olho para o bar através dos corpos em movimento na pista de dança e avisto Rubi sentada no alto banco preto.

Rubi está vestindo uma camisa preta cavada nos seios e uma bonita saia apertada. Ela tem um colar com uma cruz prata que vai até os seios e, como o decote é aberto, dá para ver muito bem o pingente colado em seu corpo. É sexy para caramba.

— Lisa! Emily! — ela diz e nós a abraçamos apertado. — Acabamos de pedir uns shots para vocês.

— Vamos nessa. — Emily bate palma entusiasmada.

— Oi, Dylan — Rubi diz e aperta a mão dele com um sorriso genuíno, ele faz o mesmo. Logo em seguida, seus olhos estão no meu amigo. — Você deve ser o Jon.

Depois que eles se soltam, um rapaz loiro, alto e incrivelmente bonito aparece perto de nós com uma expressão sorridente.

— Desculpa a demora, a fila do banheiro estava enorme! — ele diz encarando cada um de nós, mas para quando observa Jon, que faz o mesmo. Por incrível que pareça, eles acabam dando um sorriso lindo um para o outro.

— Oi, me chamo Josh. — Ele se aproxima de Jon e um aperto de mão surge.

— Sou Jonathan, mas me chame de Jon.

— Dependendo dessa noite, seu nome vai entrar em discussão no meu vocabulário — Josh flerta e Jon abre a boca chocado. Ele nos encara e levanta o polegar de novo.

— Eu gostei dele — ele sussurra para mim e para Emily.

Vamos até o balcão pegar os shots que chegaram e viramos tudo de uma vez. Faço uma breve careta e Dylan ri de mim. Nós ficamos um do lado do outro como se fosse em uma rodinha, enquanto a boate toda dança com um copo de bebida na mão.

— Rubi — chamo e ela para de secar um carinha na pista de dança. — Adam está vindo para cá, só para te avisar.

Ela franze o cenho.

— Tá bom — ela diz.

— Oh, pensei que... deixa para lá. — Balanço a mão.

— Sei o que está pensando, você acha que eu me importo.

— Sei que não se dão bem.

— Vamos ficar bem se ele não tentar me levar para a cama. Se ele for mesmo tão inteligente quanto dizem, ele não vai encostar um dedo em mim. — Ela pisca e bebe o resto do líquido rosa no seu copo.

Ok...

— Você quer dançar? — Josh pergunta se direcionando ao Jon.

— Até que enfim! — ele reclama e depois dá um sorrisinho sem graça. — Quer dizer, claro!

Josh dá uma risada e aponta para a pista de dança. Os dois vão em direção a ela e começam a dançar juntos, mostrando alguns passos. Olho para a parte da entrada e vejo Peter e Adam procurando alguém, provavelmente por nós.

— Eles chegaram — digo.

Adam e Peter caminham pela pista de dança e Dylan acena chamando a atenção dos dois. Eles se aproximam e a cara que Adam faz quando vê Rubi é hilária. A mesma coisa acontece com Peter e Emily quando percebem que estão no mesmo lugar.

— Você não me disse que ela estaria aqui — Peter sussurra olhando para Dylan, referindo-se a Emily.

— Não está gostando, querido? É só dar meia volta. — Emy o expulsa com a mão e Peter a encara.

— Rubi Mendoza. — Adam dá um sorriso com os braços para trás. — É bom vê-la.

Rubi acena com a cabeça.

— Não vai me cumprimentar? Pensei que Carlos Mendoza o tivesse apresentado a educação. — Adam cruza os braços.

— Ele deu e disse “filha, não fique muito tempo perto de gente burra, senão você ficará como eles”. — Rubi sorri e Adam levanta uma sobrancelha com um sorriso ainda maior.

Deus! Qual é o problema desses quatro?

— Vocês não vão brigar hoje, certo? Viemos nós divertir e não brigar — digo e eles me encaram.

— Não se preocupe. — Rubi anda um pouco até parar ao lado de Adam e olhar para ele, passando a língua nos lábios vermelhos e pegando a atenção do loiro imediatamente. — Ele não é importante o suficiente para isso.

Ela sorri de uma maneira que até me faz engolir em seco. Ok, Rubi é sexy sem fazer esforço. Adam aperta o maxilar, olhando para ela, e observa seus passos para a pista de dança. Ele torce o pescoço olhando para o seu corpo por intermináveis segundos, até morder os lábios e provavelmente mandá-la para o inferno mentalmente. Ele suspira e volta a olhar para nós, que paramos para assistir os dois.

Quando ele percebe que estamos olhando para ele, sua sobrancelha se ergue.

— O quê? — pergunta.

— Que tensão foi essa? — Peter pergunta.

— Sei lá, Peter Pan. Não percebi nada. — Adam revira os olhos e se afasta, indo para o bar pedir alguma coisa.

— Peter Pan — Dylan repete e começa a rir, fazendo uma careta irritada em Peter.

Sorrio e pego na mão de Dylan, arrastando-o para a pista de dança para que fiquemos sozinhos. Emily se vira, deixando Peter sozinho, e vai dançar no outro lado da pista.

Dylan coloca as mãos na minha cintura e começamos a dançar colados ao som da música eletrônica. Eu rio toda vez que Dylan sussurra no meu ouvido coisas idiotas e logo depois beija meu pescoço de forma deliciosa. Ele está me excitando aos poucos

Pelo canto de olho, eu vejo Rubi dançando com um homem de cabelo longo e preto, a blusa de manga

branca realça seus músculos. Emily está no bar bebendo um whisky puro e Peter sumiu.

Adam está com um copo na mão e olha na direção da pista de dança, só não sei exatamente se para alguma mulher ou para Rubi.

Jon já está com a missão em um sucesso quando eu percebo que ele está beijando Josh em um canto perto do banheiro. Dou um sorriso de lado e encaro Dylan, que me olha atentamente.

— Eu gostei disso, seus seios estão lindos. — Há pessoas à nossa volta praticamente se contorcendo, então é difícil escutá-lo.

— O quê? — quase gritei.

— Eu disse que seus seios estão lindos — ele repete, mas eu ainda não escuto.

Balanço a cabeça negando e ele sorri. Continuamos dançando um com o outro até ele me virar. A quantidade de pessoas parecia aumentar à nossa volta e as luzes escuras dificultam a visão de cada um naquela pista de dança. Dylan me abraça por trás e eu me acomodo em suas costas quando sinto suas mãos nas minhas coxas. Ele aperta de maneira gostosa e eu sinto seu sorriso no meu pescoço e logo depois seus lábios no meu ouvido.

— Seus seios estão perfeitos nesse decote — Sua voz surge como um sussurro e eu suspiro baixinho, parando de me mexer por alguns segundos.

Abro os lábios quando percebo ele subindo a minha saia levemente para cima e a respiração quente no meu pescoço me enlouquecendo. Minha pele se arrepia e mexo minha bunda no seu quadril, sentindo sua mão esquerda subindo pela parte interna das minhas coxas.

Olho para ele e mordo o lábio.

— Eu poderia te fazer gozar na frente dessas pessoas, mas eu prefiro ter o espetáculo só para mim,

porque enterrar meu rosto no meio das suas pernas será a melhor parte da minha noite. — Seus lábios estão tocando nos meus conforme ele fala.

Dou um gemido quase inaudível com o aperto forte na minha coxa e o leve raspar de dedos na minha calcinha. Ele sorri com o rosto perto de mim e eu o olho feio quando sinto a palmadinha bem em cima do meu clitóris.

— Vamos beber algo. — Ele me puxa dali e eu volto para o bar com as pernas fracas. Observo Rubi e Emily sentadas e conversando.

Aproximo-me e do balcão e peço um *Bloody Mary* rapidamente. Está tão quente!

— Peça Whiskey para mim, vou ao banheiro — Dylan diz e eu aceno concordando. Paro na frente das duas, que me olham.

— Do que estão falando? — pergunto.

— Rubi estava dizendo que o cara que ela estava beijando é uma verdadeira cachoeira. — Emy faz uma careta.

— O cara me deixou toda molhada e não foi de um jeito bom — Rubi diz e eu solto uma risada pegando a minha bebida. Peço a de Dylan e olho para Jon e Josh, que estão de volta.

— Ei, nós estamos indo. — Josh beija Rubi na bochecha.

— O quê? Já? — pergunto e Jon me manda calar a boca com um olhar.

— Sim, eu adorei vocês, espero vê-los de novo. — Josh me dá um sorriso simpático.

— Adeus. — Jon agarra a mão de Josh e nós assistimos em silêncio os dois indo embora felizes para sempre.

Rubi ri alto do que acabamos de fazer em relação aos dois e eu a acompanho. Peço outra bebida quando a

minha acaba e bebo tudo de uma vez em poucos goles. Eu estou mesmo morrendo de sede.

— Ei! Calma, morena, assim você pode se engasgar e eu não quero que isso aconteça.

Um homem alto e forte aparece acompanhado de mais dois homens tão fortes quanto ele. Todos os três são loiros e parecem ser irmãos ou algo do tipo. Os outros dois param na frente de Emily e Rubi, olhando-as como um pedaço de carne. Ótimo, homens não perdem tempo.

Olhamos umas paras as outras e sorrimos ao mesmo tempo.

— Vocês são lindas — o que falou comigo primeiro diz.

— Nós sabemos. — Emily pisca.

— Sou Alex e essas são meus irmãos Chris e Will — o que está na minha frente diz e depois aponta para os respectivos.

— Sou Rubi e essas são minhas amigas Emily e Lisa. — Ela aponta para nós duas.

Coloco meu coquetel de volta no balcão e encaro os três, que ainda estão olhando para nós três com um olhar sugestivo.

— Então... vocês querem dançar? — o tal de Will pergunta.

— Não — falamos ao mesmo tempo.

— Ok, vamos ficar por aqui mesmo — Will diz e alisa a bochecha de Emily.

Ela bate na mão dele e ele só faz sorrir para ela.

— Ela é brava, acho que escolhemos as certas! — Will diz e eu levanto uma sobrancelha.

— Escolheram para que, exatamente? — Rubi pergunta encarando Chris, que está na sua frente.

— Nós estávamos por aqui quando notamos vocês três nesse no bar rindo e se divertindo e, se me

permitem, vocês são incrivelmente gostosas — Chris fala e se aproxima de Rubi.

— Nós três estamos procurando as mulheres certas pra se divertirem com a gente, nós podemos ir até à minha casa e brincar um pouquinho, sabe... somente nós seis — Alex diz olhando para mim.

É impressão minha ou o cara está propondo uma orgia?

— Você quer dizer nós seis? Em um quarto? Transando um com o outro? — Emily pergunta, parecendo abismada. Isso é demais até para ela.

— Gostamos de nos divertir e vocês também parecem se divertir do mesmo jeito, quem sabe o que pode acontecer. — Chris sorri dando de ombros.

Putaquepariu! Isso é sacanagem, não é? Eu não sei dizer o que mais me deixou surpresa, essa proposta ou o fato desses três irmãos fazerem sexo uns com os outros.

Emily está com a boca aberta e Rubi com cenho franzido. E eu estou sem nenhum tipo de expressão.

Nós três olhamos umas para as outras e foi inevitável.

Rubi, Emily e eu começamos a rir descontroladamente e parece que, quanto mais a gente se olha, mais risadas aparecem. Os três loiros na nossa frente estão sérios e com a sobrancelha levantada, enquanto nós três rimos e apontamos para eles, tentando conter qualquer tipo de piada errada que surge na mente.

— Vocês são hilários — Emily diz e bate no ombro de Will com força, fazendo-o ir um pouco para trás.

— O cara está propondo uma orgia com a gente? Não é possível — Rubi pergunta e coloca a mão na boca rindo.

— Que porra você disse? — Adam aparece ao lado dela e nos olha confuso. — Quem são esses três aí?

— Porra, Adam! Qual o seu problema? Você quase derrubou as pessoas na vinda para cá — Peter diz e para do lado dele, olhando para os irmãos. — Qual é a desses He-men?

— Somos Alex, Will e Chris King — Chris diz colocando a mão no bolso da calça.

— Quem são vocês? — Alex pergunta, direcionado aos meninos, mas me encarando a todo momento.

Eu hein, virei espelho?

— São Adam Venturelli e Peter Ross — Will diz quase que em sussurro para o irmão. — Eles vivem em revistas e sites, são uns dos caras mais ricos de Nova York.

— Do que você estava falando, Rubi? — Adam pergunta, olhando para ela.

— Não interessa e nós vamos dançar agora — diz Chris, pegando na mão da Rubi, fazendo-a levantar-se contra sua vontade. Ela resmunga e o faz soltá-la rapidamente.

— Não me toque assim novamente — Rubi diz. Emily e eu nos aproximamos dela.

— Não vamos dançar agora — Emily avisa ao lado de Rubi com o olhar bem parecido com o dela, as duas parecem prontas para atacar quem fosse necessário e eu ajudaria.

— Calma, meninas. — Alex se aproxima de mim com as mãos pedindo calma.

— Não vamos dançar? Ah, qual é, vem logo. — Chris tenta puxar Rubi mais uma vez e um amontoado está prestes a acontecer, mas Adam coloca a mão no peito de Chris, afastando-o dela quase que imediatamente. Ele coloca Rubi atrás dele antes de sorrir irônico, balançando a cabeça.

— Acho que ela não quer dançar com você. — Adam o encara nos olhos.

— Você por acaso é o pai dela? — Chris pergunta e ele estreita os olhos depois de encará-lo dos pés à cabeça.

— Chris, vamos embora, elas estão acompanhadas — Will diz e puxa o braço do irmão que não se mexe. Obviamente ele é o mais esquentado do grupo.

— Não quer vir com a gente? Vocês são três e eles são só dois, acho que você está sobrando, morena — Alex diz olhando para mim.

— Eu passo — digo.

— Certeza? Podemos ser só eu e você esta noite, acho que meus irmãos não irão se importar — Alex diz com um sorriso galanteador.

— Vocês deveriam ir ao médico, esse problema de audição já está avançado — Peter diz.

— Ele não falou com você — Chris diz apontando para ele.

— Acha que precisam me colocar na conversa para eu falar alguma coisa? — Peter pergunta e abaixa o dedo apontado para o seu rosto.

— Vamos lá, Emily! Vai ser divertido — Alex diz olhando para mim.

— Meu nome é Lisa e não Emily, idiota — falo, já ficando sem paciência.

— Mesma merda, só vejo peitos e bund...

— O que está acontecendo? — Dylan chega interrompendo Chris de concluir sua frase ridícula.

— Ótimo! Mais um otário para defender as donzelas em perigo — Chris diz e eu me seguro para não chutar suas bolas.

— De que porra você me chamou? — Dylan pergunta com o cenho franzido.

— Vão embora, caso contrário, vão ganhar um nariz quebrado — Peter ameaça os expulsando com as mãos.

— Vamos logo — Will diz tentando puxar os irmãos.

— Não, me solta, quero conhecer mais os meus... novos amigos. — Chris encara todos nós.

— Ele tem razão, por que não tomamos uns drinks? — Alex pergunta cruzando os braços.

— Não sabia que galinha bebia álcool — Emy diz olhando para ele, que levanta uma sobrancelha, agora irritado.

— Eu não sabia que prostitutas frequentavam esse lugar — diz Alex, olhando-a com desdém.

— Ou, calma aí, cara. — Peter se mete na frente dele, mas logo é puxado para trás por Emily, que fica no seu lugar. Ela encara Alex com um sorriso e põe as mãos no ombro dele. Eu sei exatamente o que ela vai fazer.

— SUA ESTÚPIDA! — Alex grita depois que ela dá uma joelhada nas bolas dele.

Alex coloca as mãos nas bolas danificadas, contorcendo-se de dor.

— Vai xingar sua mãe, seu canalha! — ela diz e depois dá um sorriso de lado.

— Sua imbecil! Você me paga — Alex diz e avança para cima de Emily, mas Peter e Dylan já estão em cima do cara, empurrando-o para trás.

Merda.

— Você está fodida! — Alex aponta para Emily.

— Estou me tremendo, olha. — Ela estica a mão e a finge tremer por alguns segundos.

— Vamos embora! Essas putas não valem a pena — Chris diz e os três viram de costas.

Encaro as duas e Rubi balança a cabeça.

— Idiotas, não liguem, meninas — Rubi nos consola e respira fundo, apertando seu pulso onde Chris tinha apertado. A gangue olha para ela e depois olham-se entre si ao notar Rubi tocando no próprio pulso.

Adam aperta o maxilar olhando para Dylan e eu o vejo acenar discretamente com a cabeça, como se desse um sinal positivo. Adam dá um sorrisinho e se vira, caminhando na direção dos três que ainda não se afastam completamente.

Peter tenta acompanhar Adam, mas a mão de Dylan no ombro dele o faz ficar no lugar. Adam se aproxima e toca no ombro de Chris.

— He-man? — Ele para os irmãos. Todos nós olhando com curiosidade.

Chris se vira e dá um sorriso lascivo para a Tinker Bell que passa a mão no cabelo.

— Mudaram de ideia? — Chris pergunta debochado.

— Na verdade... eu mudei — Adam diz a belíssima frase de efeito e acerta em cheio o rosto de Chris, que automaticamente coloca a mão no mesmo, cambaleando para trás.

Alex arregala os olhos e Will ampara o irmão que está com o nariz sangrando. Minha boca está aberta, assim como a das meninas, que eu tenho certeza de que estão sorrindo internamente.

— Ficou maluco, cara? — Alex pergunta e se aproxima de Adam como um furacão. Só vejo a mão de Dylan dar duas batidinhas no ombro de Peter e ele sair de perto como uma bala.

— Vai se foder, seu babaca — Chris fala e empurra Adam com força. Alex tenta se meter no meio e Peter o agarra antes que ele tente bater em Adam. Os quatro começam a brigar e Dylan ainda está do meu lado com um olhar completamente normal. Socos são distribuídos e até a música da boate para de tocar. As pessoas olham assustadas. Rubi e Emily fazem caretas quando eles se batem com uma força surreal. Agarro a mão de Dylan, fazendo-o me olhar. Ele percebe que estou assustada e pisca, engolindo em seco.

— Dylan... — sussurro e ele balança a cabeça tocando meu cabelo.

— Fique aqui — ele sussurra. Óbvio que eu fico, eu que não vou me meter em uma briga com um monte de brutamontes.

Ele me solta e eu vejo seus passos duros para perto dos quatro. O círculo em volta deles está aumentando cada vez mais e eu suspiro quando Dylan agarra a jaqueta de Chris, empurrando-o para longe de Adam. Ele encara o irmão, dando uma batidinha no rosto dele e parece perguntar se ele está bem. Adam apenas acena ofegante.

— Por que sempre que estamos reunidos em boates isso acontece? — pergunto às meninas quando elas se aproximam de mim.

— Merda. — Escuto Emily sussurrar e logo depois ela está saindo do nosso lado. Gritamos para ela voltar e eu vejo quando ela pega uma garrafa de Jack Daniels e caminha até tacar na cabeça de Alex, que está em cima de Peter. Rubi e eu arregalamos os olhos, Dylan e Adam fazem o mesmo.

Pelo menos a garrafa está vazia.

Alex cai para o lado com um resmungo alto. Rubi e eu corremos até eles na mesma hora. Os meninos ficam na linha de frente e nós paramos ao lado deles, vendo as câmeras dos celulares apontadas para nós a todo momento. Uma ótima manchete nos espera amanhã.

— Você está bem? — Emy pergunta, estendendo a mão para Peter, que aceita.

— Estou. — Ele se levanta ofegante e para perto de Adam, que põe as mãos no ombro do amigo.

— Mas que porra está acontecendo aqui? — Um cara de estatura média e olhos castanhos aparece. Ele é calvo e está usando uma blusa florida bem cafona.

Parece ter mais de cinquenta anos. Ele olha para todos nós. — Nessa boate não são toleradas brigas!

— Marcos, não queríamos briga só... — Dylan diz, mas Alex o corta.

— Não queriam briga? Foi esse filho da puta aí que bateu no meu irmão a troco de nada — ele diz apontando para Adam, que trava o maxilar tentando ir para cima dele de novo, mas vejo dois seguranças se aproximarem para segurá-lo.

Nós todos começamos a falar ao mesmo tempo e só se podiam ouvir palavrões e até algumas ameaças.

— JÁ CHEGA! VOCÊS TODOS ESTÃO EXPULSOS DA HUNTER! — o dono da boate grita.

Ele aponta para a gente e para os He-men que estão cuspiendo fogo. Começamos a falar novamente: “Isso é tão injusto”. “Esse velho está de sacanagem?”. “Vocês vão nos pagar”. “Ala, a galinha está estressada”

— Vão embora agora! Ou terei que pedir para os seguranças fazerem isso — o velho calvo diz.

Suspiro e Dylan faz um movimento com a cabeça para irmos embora.

— E você, Dylan. — O velho nos para. — Não traga mais vadias para a minha boate.

Todos nós levantamos uma sobrancelha chocados. Eu vejo o maxilar de Dylan apertar, caminhando para o tal Marcus com fumaça saindo da cabeça.

— O que você disse? — Ele põe as mãos na gola da camisa do velho, mas é afastado pelos seguranças.

— O que você ouviu, Hunter não é lugar de...

— Cuidado com a próxima palavra que sair da sua boca, porque você vai estar falando da minha noiva — Dylan ameaça e o cara pisca surpreso, olhando para mim em seguida. — E as amigas dela são as minhas também, então é melhor controlar a porra da boca, entendeu?

O velho parece surpreso, mas olha em volta, vendo todas aquelas pessoas assistindo o espetáculo. Eu acho que ele se sentiu grande demais para ficar quieto.

— O que falei está falado, tire-as daqui — ele fala olhando para os seguranças e eu franzo o cenho quando percebo os dois caras de preto vindo para cima das meninas e de mim.

— Se você tocar em mim, eu juro que vou cortar seu pau fora — falo para um segurança que está tentando me tirar a força.

Dylan olha para mim e para as duas que estão passando pelo mesmo. Ele vira o rosto para Marcus e começa a falar de novo.

— Mande seus seguranças saírem — Dylan pede. Adam e Peter se aproximam, mostrando que estão com ele.

— Ora, e por que eu faria isso? — Marcus cruza os braços.

— Porque você não pode chamá-las de vadia quando você trai sua esposa com uma. — Dylan e ele levantam as sobrancelhas de leve. Marcus levanta a mãos, mandando os seguranças nos soltarem. Afastamos dele e eu me junto com as meninas rapidamente.

Dylan olha em volta e acha uma mulher de cabelo escuro com um vestido longo e azulado, que está com a boca aberta parecendo não acreditar.

— Jasmine! Sinto muito você descobrir assim, mas seu marido é um traidor de merda. — Dylan bota a boca no trombone e a mulher concorda, parecendo até feliz com o que escuta. Acho que ela estava procurando um bom motivo para o término. Bom, ela já tem.

Marcus olha para ela e depois para ele meio apavorado.

— Você sabe quem eu sou, não brinque comigo — as palavras de Dylan fazem efeito suficiente para ele engolir em seco, desviando o olhar.

Vejo quando ele caminha até mim, acenando para os meninos. Dylan me toca na cintura e nos leva para fora. Adam pega Rubi pela mão e Peter fez o mesmo com Emily. Nós estamos de costas quando Peter se vira e diz.

— Ah! Mais uma coisa, acho melhor você procurar outro emprego, porque essa boate não será sua por muito tempo. Nós estamos vindo atrás dela. — Peter pisca e o velho fica branco da cor de um papel. Saímos de lá caminhando até os carros, que não estão muito longe um do outro.

Olho para trás e vejo os quatro dispersos. Adam toca na boca, que parece doer bastante e Emily e Peter se encaram.

— Você quer que eu faça um curativo? — Rubi pergunta e Adam nega.

— Estou bem — ele diz e ela cruza os braços.

Chegamos na frente do carro que viemos e nos encaramos em silêncio por alguns segundos. Ir para boate com eles vai entrar na minha lista de coisas para pensar duas vezes antes de fazer.

— Pelo menos foi uma noite interessante. — Emy sorri.

— É verdade, a minha parte favorita foi você quebrando a garrafa na cabeça daquele cara — digo e Peter acena em agradecimento à Emy.

— Não, o melhor mesmo foi quando eles fizeram a proposta de sexo — Rubi diz e os três nos encaram com uma sobrelha levantada, enquanto nós rimos.

— O quê? — Dylan pergunta.

Explicamos a eles sobre a abordagem dos Hemen e eles quase não acreditaram, tivemos que até encenar como tudo aconteceu.

— Certo, quem mais acha isso estranho? — Adam pergunta.

— Eu — respondemos ao mesmo tempo.

Rimos juntos e logo depois um suspiro aparece em cada um.

— Bom, nós já vamos — Peter diz e bate na mão de Dylan.

— Nos vemos depois, cara — Adam se despede do irmão.

— Rubi, loirinha — Peter acena para ambas e para mim, no final.

— Tchauzinho, meninas — Adam diz jogando um beijo para nós.

Também vamos embora e deixamos Rubi em seu apartamento, já que sua carona tinha ido embora mais cedo. Emily fica com ela. As duas parecem cansadas, então Rubi oferece o quarto de hóspedes para Emy dormir e, na manhã seguinte, ela iria pra casa.

Dylan e eu seguimos para o seu apartamento. Quando chegamos, eu jogo meu salto do lado da porta e encaro meu arrogante gostoso.

— Você está cansado? — pergunto ligando os abajures da sala de estar.

— Nenhum pouco.

— O que quer fazer?

Dylan sorri de um jeito estranho e bate a mão uma na outra. Eu sei exatamente o que ele quer fazer.

— Você quer assistir filmes, não é? — pergunto cruzando os braços.

Ele acena e eu reviro os olhos. Dylan vem até mim e me carrega, fazendo-me dar uma risada gostosa. Vamos até à sala de estar para assistir alguma coisa e provavelmente dormir quinze minutos depois.

CAPÍTULO 27

Lisa Morris

*“Nunca quis começar uma guerra,
só queria que me deixasse entrar”*

Passos leves são acompanhados com movimentos delicados das mãos no ar, uma coreografia doce parece decorada na ponta dos pés que fazem o máximo esforço para não errar. O corredor dos quartos está vazio e o barulho da música suave domina meus ouvidos, incentivando-me nos passos. Eu gosto de dançar quando ele não está olhando, de mexer meu corpo sem ter os seus olhos rasgando minhas roupas mentalmente.

A música chega ao fim e o meu cabelo curto acaba escapando do coque que tentei fazer. Sempre odiei ter o cabelo curto, mas a situação me forçava a tê-lo. Respiro fundo passando as mãos na testa suada e sorrio pela primeira vez em meses. Dançar como uma maluca sempre ajudou a expressar meus sentimentos de alguma forma enquanto eu não podia fazer nada para liberá-los.

Olho para a minha camiseta do *N Sync* e puxo a bermuda jeans para cima. Assusto-me com o barulho da porta, vindo do quarto da minha guardiã que esteve comigo desde a morte dos meus pais. Mas não é ela que aparece, o porte masculino alto e forte entra na minha

visão e eu franzo o cenho assim que subo os olhos para o rosto completamente borrado por uma nuvem cinzenta e assustadora.

Meus lábios secam e meus pés tropeçam quando tento ir para trás ao perceber ele andando na minha direção. Quando entendo que ele não vai parar, eu me viro correndo na direção contrária eu acho que minha mente está me pregando uma peça, porque o corredor parece se alargar e meus pés não saem do lugar, mesmo que eu tente. Eu estou terrivelmente presa com um rosto cinzento atrás de mim para me pegar.

E ele o faz.

Solto um grito alto e agudo quando sou levantada do chão para ser posta no ombro. Grito e arranho as paredes, não querendo ser levada para longe. Meus pulmões se encham a cada minuto e um último grito sai da minha garganta com tanto desespero que as janelas da casa se quebram e eu sou jogada no chão com força. Fecho os olhos totalmente ofegante e, quando os abro de novo, eu olho assustada, porque estou sentada em uma cadeira com os braços e pés amarrados.

Franzo o cenho e tento me soltar o mais rápido que posso, mas é inútil com as cordas em formatos de nós.

Olho em volta percebendo que estou em um galpão abandonado com um cheiro forte que ocupa o lugar. Vejo alguns galões azuis, sabendo que o cheiro vinha dali e que aquilo é gasolina.

Tenho hematomas no meu braço e eu posso sentir gosto de sangue boca. Tento me soltar novamente, mas paro abruptamente quando ouço um barulho de porta e uma luz forte invadir o lugar. Meus olhos trabalham para focar em quem está caminhando em minha direção e um desespero aparece de novo quando o mesmo rosto borrado e cinzento aparece de novo.

Aperto os dedos na cadeira quando percebo que tem sangue no chão e que na minha coxa esquerda há um canivete enterrado. Abro a boca com um grito agonizante e volto a ficar ofegante.

Olho para cima avistando a pessoa na minha frente e engulo em seco.

— O que você quer? — pergunto com a voz embargada.

Ele passa a mão no meu cabelo e pega meu queixo, levantando-o um pouco.

— Me deixa ir embora, por favor! — eu suplico sentindo meus olhos marejados.

O aperto no meu queixo se intensifica, fazendo-me dar um gemido de dor. Sua outra mão vai para a minha perna que ele acaricia até chegar no canivete. Seus dedos passam nos meus lábios e a outra começa a mexer no objeto enterrado na minha coxa. Ele afunda mais o canivete, fazendo-me dar um grito alto de dor.

O contato com minha carne é quase insuportável.

— Eu adoro olhar para você, *Angel*. — A voz é grossa e familiar para mim. Quando levanto o rosto para encará-lo de novo, eu vejo o sorriso que me atormenta nos meus sonhos, no meu dia e que sempre atormentará na minha vida.

— Não...

— Mas eu prefiro ouvir você gritar. — Ele puxa a canivete, ouvindo-me resmungar e logo depois gritar. Quando ele afunda na outra coxa, o grito desesperado aparece novamente.

Abro os olhos puxando a respiração ao sentir mãos me sacudindo. Coloco as mãos nas coxas ofegante, meu coração bate como um louco e estranhamento eu sinto dor no corpo todo.

— Lisa. — As mãos estão no meu rosto e logo depois os olhos verdes me encarando. — Foi um pesadelo, baby. Foi só um pesadelo.

Dylan esfrega as mãos nas minhas costas em seguida e eu fecho os olhos, cansada de repente. Começo a chorar como uma maluca antes de lembrar de cada pedacinho desse pesadelo aterrorizante para mim. Lágrimas descem do meu rosto e eu coloco as mãos no rosto, afastando-me de Dylan em seguida.

— Lisa.

— Não olhe para mim. — Saio da cama esfregando os dedos no pescoço em um claro sinal de ansiedade.

— Baby... — Escuto ele se aproximar e viro o rosto. Suas mãos tocam meus ombros e eu luto, luto, mas não consigo. Afasto suas mãos de mim e me encolho, indo para o canto do quarto. Ele franze o cenho e dá um passo, então eu grito com ele:

— Saia de perto de mim! — Ele para na hora com o rosto confuso. Meus dedos tremem e minha garganta está seca como o deserto.

— Meu amor... — Ele parece desconcertado apenas de olhar para mim. Imagino como pareço ridícula agora.

Olho em volta, vendo seu quarto e a vidraça no lado direito com a lua cheia ajudando a iluminar o quarto. Ainda está de madrugada.

— Foi um pesadelo, Lisa. Não aconteceu de verdade. — Olho para ele.

— Você não sabe de nada. — Uma lágrima cai nos meus joelhos, que estão juntos e perto do meu corpo, já que eu os estou abraçando. Dylan fica me encarando em silêncio e dá um passo para frente. Logo depois ele recua, quando vê minha reação assustada.

Não é que eu esteja com medo dele, só não quero ser tocada por ninguém. Essas crises aparecem de vez em quando, eu só... preciso me acalmar e tudo ficará bem. Desde que comecei toda essa aventura com Dylan, eu não tinha sonhado mais desse jeito, os pesadelos

tinham ido embora por mais de um mês, mas agora eles voltaram com toda a força.

— Eu estou preocupado — ele sussurra.

— Volte a dormir — sussurro de volta.

Ele me olha como se eu fosse louca, talvez eu seja. Dylan suspira e volta para a cama, sentando-se na beirada dela. Ficamos em silêncio, comigo encostando a cabeça nos joelhos para não ter uma crise de pânico. Agarro-me na sua camisa que está em mim e a cheiro por alguns segundos. Isso vai me confortando aos poucos.

As horas vão passando e eu vejo no relógio quase cinco horas da manhã. Dylan continua na mesma posição, encarando-me de vez em quando, e eu me ajeito na parede, abaixando os joelhos. Mais minutos se passam e eu consigo respirar de forma normal novamente.

Quando olho para ele, seu rosto ainda está visivelmente preocupado, eu sei que ele tem infinitas perguntas para mim agora.

— Dylan. — Ele levanta a cabeça e me encara.

— Você está bem?

— Estou agora.

— Eu posso tocar em você? — ele pergunta e eu engulo em seco negando. Ele concorda.

— Quer conversar comigo?

— Sim.

— Ok, vamos falar sobre seu desempenho no caso de Jayden Ford. Ele adorou toda a papelada que você fez e quer parabenizar seu trabalho no baile beneficente que iremos em um mês. Ele disse que eu devia agradecer por ter você.

— Ele disse?

— Disse. Eu concordo e agradeço.

— Continue falando comigo.

— Está tendo uma crise novamente?

— Não terei se falar comigo.

— Eu amo você — ele diz e eu abaixo a cabeça logo em seguida.

— Não deveria, Dylan.

— Não é seu direito decidir, eu amo, eu sou maluco por você.

— Você acabou de me ver...

— Eu quero namorar com você — ele me interrompe e eu olho para ele na mesma hora.

— O quê?

— Não me importa se acabei de ver você em uma crise, eu quero ter todas as fases boas e ruins com você, Lisa. Eu quero você, seja minha namorada.

Pisco algumas vezes. Há um novo sentimento entrando no meu peito, dando adeus à aflição. Ele me encara da cama e eu do canto, no chão, encolhida e trêmula, em uma pequena bolha de traumas e inseguranças e, mesmo assim, ele está me oferecendo seu coração para a pessoa quebrada que eu me sinto ser e eu não consigo sequer chegar perto dele agora.

— Dylan...

— É só me dizer sim e eu farei cada dia valer a pena. — Seus olhos são meigos e de extremo conforto.

— Sim — aceito o que ele me pede e vejo um sorrisinho no canto dos seus lábios.

— Sim?

— Sim. — Ele consegue me fazer sorrir.

Ficamos nos encarando ainda à distância e eu sei que ele está respeitando meu espaço e toda a merda que está acontecendo comigo agora. Mas, apesar de tudo, algo dentro do meu peito pulsa.

Quando olho no relógio novamente, são sete da manhã e ele ainda está sentado na cama me olhando. Ele não dormiu ou saiu, apenas está aqui comigo me fazendo sentir melhor com cada tópico de conversa aleatória que ele puxa. Quando me sinto bem

novamente, eu me levanto do chão devagar e ele se ajeita na cama, olhando-me atentamente.

Caminho com passos tímidos, esfregando os dedos em uma atitude nervosa e vou para perto dele devagar. Sento-me ao seu lado e olho para frente respirando fundo. Ele não me toca ou fala algo, apenas espera isso de mim.

— Me desculpa por isso — falo.

— Não se desculpe por isso comigo, nunca o faça.

— Mesmo assim...

— Não se desculpe por ser quem você é. — Ele me olha. — Não faça isso comigo.

Eu me apaixono cada vez mais por ele.

Concordo com a cabeça e olho para baixo vendo a calça moletom como a única peça no seu corpo. Suspiro e levo meus dedos até os seus, que estão em cima da coxa. Cruzo nossos dedos e ele os aperta devagar, dizendo-me indiretamente que está aqui para mim.

— Eu não posso responder suas perguntas agora.

— Não as farei, vou esperar você se sentir pronta, ok?

Concordo, e eu acho que posso ver um leve lampejo de aflição nos seus olhos, como se ele estivesse me escondendo algo, ignoro, talvez seja algo da minha cabeça.

— Mas eu quero dizer como é.

Ele franze o cenho.

— Como é o quê?

— Como é quando estou assim, com as crises.

Ele acena positivamente e eu olho para as nossas mãos juntas.

— Toda vez que estou passando por isso é uma merda. — Ele esfrega nossos dedos timidamente. — Eu não consigo enxergar e nem respirar, eu sinto meu peito

dilacerado e meu corpo fora de controle, é como se eu estivesse embaixo da água e ninguém pode me salvar.

Ele fecha os olhos por alguns segundos e leva minha mão até o seu peito. Ele a descansa em seu coração e eu observo o gesto.

— Eu tiraria toda a sua dor se eu pudesse.

— Eu acredito em você — falo antes de tirar minha mão dali. — Mas você não pode.

— Isso é importante, Lisa. — Olho para ele. — O primeiro passo para acabar com isso, é falar sobre. Sua psiquiatra sabe, já que ela passou os remédios.

— Ela sabe e agora você também sabe.

Dylan concorda e olha para frente por alguns segundos.

— Eu vou contar para os meus pais a verdade.

— Tem certeza?

— Eu não quero mentir sobre você.

Sorrio de lado e levo meus dedos até o seu queixo, fazendo-o me olhar. Decoro cada detalhe do seu rosto antes de aproximar meus lábios dos seus. O beijo é calmo e inocente, apenas para selar o pedido feito anteriormente. Afasto-me devagar e encaro seus olhos antes de dar um sorrisinho minúsculo.

— Você confia em mim?

— Sim — respondo.

— Me deixe tocar em você.

Aperto os lábios antes de concordar.

Ele deixa sua mão onde eu posso ver e eu suspiro ao a sentir no meu ombro. Dylan observa meu rosto quando a desce pelo meu braço lentamente. Com a outra, ele afasta meu cabelo longo para trás e faz um leve carinho no meu rosto.

— Como se sente?

— Agora? Bem — respondo, fazendo-o sorrir. Ele se aproxima, beijando minha testa de forma demorada.

— Vamos descansar um pouco, tudo bem?

Concordo imediatamente, porque me sinto exausta.



Dylan Venturelli

Termino o bilhete à mão e deixo em cima do travesseiro, ao lado do seu rosto que dormia de forma serena, sem parecer que passamos parte da madrugada acordados nos olhando e eu a esperando se sentir bem novamente. Observo seu corpo em meio aos lençóis e sorrio de lado antes de sair pela porta do quarto. Vou em direção ao carro na garagem, que me leva em direção à mansão dos meus pais. São onze da manhã e eu pretendo ter uma conserva boa e em tempo suficiente para voltar e almoçar com Lisa. Bryant não está trabalhando para mim hoje, então dirigi para a casa por pelo menos quinze minutos de demora.

Estaciono na frente, em uma das garagens, e entro na casa sem tocar a campainha. Eu sei que o dois estariam na sala de estar, pelo horário que passa um programa de culinária na televisão.

E lá estão Gregório e Monica abraçados e rindo para a tela gigante. Aproximo depois de respirar fundo e

apareço no campo de visão dos dois com um sorriso caloroso. Eles dão o mesmo sorriso.

— Filho! — Monica me abraça e meu pai o faz o mesmo. Sentamo-nos no mesmo sofá em que eles disseram que eu precisava arranjar uma boa mulher para dividir a vida e eu disse o nome da única que me lembrei. Bom, eu tinha encontrado. Na verdade, ela estava embaixo do meu nariz esse tempo todo. E ainda a trouxe para uma mentira comigo, céus.

— A que devemos a honra dessa presença? — meu pai pergunta.

— Eu tenho que contar algo.

— Pode dizer — Monica incentiva.

Passo a língua nos lábios.

— Lisa não é minha noiva de verdade.

Os dois piscam para um caralho. Até penso que eles estão em um concurso de quem pisca mais.

— O quê? — Monica dá um sorriso nervoso.

— Eu não a pedi em casamento de verdade, só fiz isso porque era para o bem da empresa e dos negócios. E foi ótimo, porque ela nos deu tudo, mais status, mais influência, mais fama e mais clientes. Mas eu não vou continuar mentindo sobre ela, sobre o sentimento que temos.

— Eu não estou entendendo... — Gregório me olha irritado de repente.

— Eu me apaixonei perdidamente por ela — falo. Meu pai levanta as sobrancelhas e Monica dá um sorriso estranho.

— Está dizendo que vocês dois mentiram sobre estarem apaixonados esse tempo todo e acabaram se apaixonando de verdade?

— Isso mesmo, pai.

— Eu sabia! — Monica bate palma e eu levanto uma sobrancelha.

— Sabia nada — Gregório rebate.

— Gregório, você não conhece o filho que tem? É claro que era mentira. Dylan nunca teve um relacionamento com ninguém e eu sabia que, quando ele teria, seria forte e intenso ao ponto de querer gritar para o mundo todo que ele está amando alguém, que ele pode fazer isso. — Ela me olha com um sorriso e agarra as minhas mãos. — Se você veio desmentir tudo, é porque se importa com ela. Eu já a amava quando ela era sua noiva de mentira, agora amo mais porque é real.

Dou um sorriso de lado e logo depois resmungo quando ela vira a mão na minha cabeça com um tapa forte em repreensão.

— Se você mentir assim de novo, eu vou te dar uma surra, moleque — ela ameaça e eu faço uma careta, massageando o lugar.

— O que vocês são agora? — meu pai pergunta.

— Estamos namorando — respondo com um sorriso idiota.

— Uau, se você pensar bem, isso é hilário. — Gregório prende o riso e eu reviro os olhos.

— Não darei muitos detalhes, porque quero preservá-la, mas eu a arrastei para tudo isso, certo? Ela tem não tem culpa de nada.

Os dois se encaram com um sorriso cúmplice.

— Por que você não a trouxe para almoçar?

— Ela estava descansando, não dormiu bem a noite, então não quis acordá-la — respondo à minha mãe.

— É tão lindo vê-lo assim, espero ver seu irmão assim um dia. — Ela passa a mão no meu braço.

— Algo me diz que com Adam vai ser mais difícil — brinco fazendo os dois rirem baixinho.

— Vamos tomar algo antes de você ir — meu pai convida e eu concordo rapidamente. Sei que eles querem saber mais da minha relação com Lisa e pretendo responder todas as perguntas dentro do nosso limite.

Fico cerca de uma hora com eles antes de voltar para casa. Paro no meio do caminho, comprando a comida favorita de Lisa, e vou para o meu apartamento. No elevador, eu belisco as batatinhas fritas enquanto subo para a minha cobertura. As portas se abrem e eu caminho pelo hall despreocupado, até ver uma maleta de couro azul escuro na mesinha de centro junto às correspondências que ficam ali.

Franzo o cenho caminhando para a cozinha e pisco em surpresa ao ouvir vozes vindo de lá. Escuto Lisa conversar com alguém e meus olhos se arregalam ao ver a porra do meu detetive sentado no banco alto com um copo de vidro na mão, bebendo um pouco de água.

Merda.

— Ei. — Lisa me nota primeiro e eu caminho na direção dos dois, deixando o almoço em cima da mesa.

— Olá, Dylan — ele me cumprimenta estendendo a mão.

— É bom vê-lo, Enzo — nos cumprimentamos sem tirar os olhos um do outro e eu suspiro quando ele se levanta, agradecendo à Lisa pela bebida.

— Podemos conversar? — ele pergunta e eu concordo apontando para fora da cozinha. Ele vai na frente e eu olho para ela, que está com os olhos estreitados.

Dou um sorrisinho nervoso.

Sigo Enzo pelo *hall* e vamos direto para a minha biblioteca. Fecho a porta e o vejo cruzar os braços me encarando. Ando até o minibar e me sirvo um dedo de Whiskey, bebendo em um gole só.

— O que você quer? — pergunto.

— Só vim entregar o que me pediu.

— Podia ter me ligado e teríamos marcado outro lugar. — Junto as sobrancelhas.

— Eu não sabia que ela estaria aqui, Dylan.

Suspiro, uma coisa tinha mudado dentro de mim.

— Pode levar o que tem com você, não quero descobrir nada dessa forma, eu... — ele me olhou confuso, sei que é um assunto sensível para Lisa e não quero arrombar seu passado desse jeito, sem que ela me conte por si só.

— Os papéis estão no envelope embaixo da maleta e tudo o que você precisa saber está lá dentro, mas eu levarei, se é isso que...

— Espera, o que você disse? — Levanto a mão na altura da minha cintura e é como se se estivesse em câmera lenta. As palavras saindo da boca dele e o meu desespero crescendo a cada minuto quando viro o rosto para a porta. Deixo-o falando sozinho enquanto escuto meu coração parando de bater lentamente.

Abro a porta em passos rápidos, tentando me manter firme. Apareço no *hall* vendo o que rezei o caminho todo para não ver. Lisa está com a merda do envelope amarelo na mão e com o rosto confuso. Ela percebe que estou ali e aperta os lábios.

— Dylan.

— Espera.

— Por que meu sobrenome está aqui?

— Baby...

Ela o analisa novamente e olha para a maleta de Enzo em cima da mesinha que não demora muito para aparecer ao meu lado. Seus olhos azuis se arregalam e eu engulo em seco quando Lisa aponta para ele com o envelope.

— Você não é contador, não é?

Ele não responde e ela parece ficar furiosa a cada minuto que se passa.

— Responde! — ela exige e ele se aproxima pegando sua maleta, ajustando o terno no próprio corpo. Enzo balança a cabeça em negativa e eu vejo o rosto de Lisa se contorcer em decepção. Escutamos seus passos

para fora e ele entrar no elevador apenas com um aceno educado.

Ele some e no segundo seguinte eu estou indo para cima dela, que dá passos para trás com os olhos marejados.

— Não...

— Não é o que você está pensando.

— Estou pensando que você pagou um detetive para me investigar, quando eu deixei claro que não estava pronta para contar nada a você! — ela grita com o envelope ainda na mão. — O que tivemos ontem... o que você disse... foi mentira? Você sabia esse tempo todo?

— Não, isso foi antes, eu juro para você. Mas essa madrugada aconteceu o que tinha que acontecer e eu percebi que é você quem precisa me contar, eu não sei nada.

— Eu não acredito que você fez isso comigo. — Ela balança a cabeça várias vezes e eu dou mais passos, parando na sua frente. — Eu confiei em você.

— Por favor, não fique com raiva de mim...

— Cala a boca. — Ela empurra meu peito e eu fecho os olhos por alguns segundos. Eu odeio vê-la chorar. — Você sabe que eu tenho merdas dentro do peito, você sabia, você sabia!

— Lisa.

— E mesmo assim você agiu pelas minhas costas.

Não consigo falar nada sem parecer culpado.

— Eu vou embora.

— O quê? Não. — Ela anda de forma ligeira pelo hall e eu corro atrás dela. — Espera.

— Quer tanto saber sobre o que me atormenta?
— Ela bate o envelope no peito com os olhos banhados de magoa. — Deve estar tudo dentro dessa merda que você pagou para ter.

As portas se abrem e ela entra sem me dar chance de falar alguma coisa. Uma lágrima desce do seu rosto e ela logo limpa. Tento impedi-la novamente, mas ela me afasta com a pior frase que já ouvi desde então.

— Eu odeio você.

Ela já me disse isso antes, mas em nenhuma das vezes eu senti a firmeza na voz como sinto agora, em nenhuma delas eu ouvi toda a magoa que está transmitindo e, com certeza, eu nunca a vi me olhar com tanta decepção como agora. As portas se fecham e eu dou passos para trás, sem realmente acreditar no que está acontecendo. Olho para o envelope com a respiração escassa e o jogo no chão com toda a força e raiva que eu sinto.

Vou cambaleando para trás, tirando meu celular do bolso. Disco o número que eu sei de cabeça.

— *Alô* — a voz Nate surge como a ajuda que eu preciso.

— Eu acho que a perdi.

Ele fica em silêncio apenas me ouvindo cair na escada, esfregando a outra mão no rosto.

— *Do que está falando?*

— Eu contratei um detetive para investigar sobre o passado que a machuca e ela descobriu.

— *Você fez o quê? Por que caralhos você fez isso?*

— Eu estava paranoico, Lisa tem alguns problemas e eu precisava saber do seu passado...

— *Cara? Você não tem o direito de fazer isso, pensei que confiasse nela?*

— É claro que sim, Lisa é a única pessoa que eu entregaria tudo o que eu tenho, porque eu sei que ela cuidaria e preservaria, eu confio nela.

— *E agora ela não confia em você, você quebrou isso.*

Eu abro a boca para falar algo, mas me calo quando me dou conta de que ele está certo. Eu derrubei uma parede que deveria se manter sempre erguida, eu fiz exatamente o oposto do que eu disse que faria, mas isso foi antes de vê-la triste e destruída no canto do meu quarto. Antes eu realmente queria saber de tudo, mas quando eu entendi suas prioridades, eu descartei a possibilidade de agir pelas suas costas, mas eu não sabia que Eduardo iria aparecer justo hoje.

— O que eu faço agora?

— *Lisa te ama, Dylan. Agora não é um bom momento para você ir atrás dela, deixe-a se acalmar um pouco e vocês conversam.*

— Certo, farei isso.

— *Ok, me ligue se precisar de qualquer coisa.* — Nós desligamos a chamada e eu suspiro, jogando-me para trás na escada. Encaro o teto por uma eternidade, esqueço completamente que tenho que comer.

CAPÍTULO 28

Lisa Morris

*“Querido, vou contá-lo todos os meus segredos
que estou guardando, você pode entrar”*

Termino de ler o e-mail formal no meu computador que me dá o passe livre para não ir ao trabalho na manhã de segunda-feira. Eu sabia que ele tinha escrito isso em menos de dois minutos para me mandar na noite de ontem.

Quando saí do seu apartamento, eu tinha esquecido de pegar meu coração também, porque aparentemente ele só está batendo por causa daquele arrogante idiota que acha que pode controlar todo mundo e pesquisar sobre a vida de uma pessoa como se fosse algo normal. Pode ser para ele, mas não é para mim.

Na segunda de tarde, eu saio do apartamento para comprar outra barra de chocolate, porque o meu estoque tinha abado. Emily e Rubi estão trabalhando, assim como Jon, que está longe demais no momento. Entro em uma lojinha cheia de luzes e passo direto para o corredor à procura do meu chocolate com avelã e nozes. Pego quatro barras de uma vez e vou em direção ao caixa, esperando na fila.

Eu estou de cabeça baixa embrulhada em um cardigan preto ridículo. É a minha roupa quando não estou me sentindo bem.

— Lisa?

Levanto o olhar para ver a única mulher no planeta Terra que fica simplesmente perfeita com uma franja na testa. Ainda não conheci nenhuma outra que tem esse poder.

— Susie? — Ela sorri e eu sorrio de volta, abraçando-a no meio da fila do caixa. Ela está segura dois potes de sorvetes de chocolate com menta.

— Eu sabia que era você.

— Nossa, a última vez que vi você foi...

— Na boate de Dylan e Peter, eu lembro. Como está Emily?

— Desenhando vestidos por aí — rimos juntas.

— Você está bem?

Franzo o cenho.

— Não pareço bem?

— Bom, quando você vê uma mulher com as mãos cheias de barras de chocolate e usando um cardigan, você duvida.

Coço a testa suspirando.

— Dylan e eu brigamos.

— Meu Deus. — Seus olhos se transformam em culpa. — Desculpa, eu não devia ter perguntado.

— Não, está tudo bem — tranquilizo-a. — Ele fez algo que eu não gostei, apenas isso.

— Oh, eu entendo. Sinto muito, mas tenho certeza de que vocês vão se resolver — ela diz e eu concordo sem muita crença.

— Eu espero, talvez ele pare de ser babaca agora.

— Babaca ou não, se ele se importa realmente com você, ele virá atrás e te dirá o quanto te ama e se

arrepende. Caberá a você continuar com quem ama ou acabar com algo que poderia ter acontecido.

Pisco algumas vezes.

— É, acho que sim.

— Quer me contar o que houve?

— Bem..., digamos que ele fez algo pelas minhas costas, quer dizer, ele não chegou a... — paro de falar, ele abriu? O envelope estava lacrado quando peguei.

Sai dos pensamentos com a mão de Susie no meu ombro para pegar minha atenção.

— Às vezes fazemos coisas que nos fazem questionar o porquê, mas, no fundo do seu coração, talvez você saiba que não o quer longe.

Eu apenas desvio o olhar.

A fila anda e eu pago pelos meus chocolates e ela pelos sorvetes. Encontramo-nos do lado de fora da loja e caminhamos um pouco, já que vamos para a mesma direção. Conversamos por um longo tempo, só percebo que está de noite quando chego no meu apartamento de novo. Susie e eu marcamos de sair juntas de novo e ela até me deu um pote de sorvete dizendo que eu ficaria melhor depois dele. Ela é tão gentil e amorosa.

Em casa, eu tiro os sapatos e deixo as compras em cima da bancada, guardando apenas o sorvete. Retiro o cardigan e abro uma barra, comendo um pedaço grande.

— Emily! — grito para saber se ela está aqui, mas não obtenho resposta.

De meias, eu ando pelo apartamento e ligo a televisão para assistir crepúsculo, porque o clima chuvoso de hoje está pedindo. Assim que encosto a bunda no sofá com as minhas calças moletom, a campainha toca. Sussurro um palavrão e me levanto com a mão, ajustando a camisa branca no corpo, enquanto a outra segura a barra de chocolate.

Abro a porta sem cerimônia e juro que dou um passinho surpreso para trás, até me apoiar na porta.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim conversar com você. — Dylan parece em um péssimo momento, assim como eu. Engulo em seco e nego.

— É melhor você ir embora. — Empurro a porta para fechá-la na sua cara, mas ele impede rapidamente, entrando no meu apartamento. — Dylan!

— Eu sinto muito mesmo que você esteja se sentindo traída pelo que eu fiz. — Ele se aproxima cada vez mais. — Mas se você acha que eu vou desistir e deixar para lá a sua mente está insana demais, porque eu não farei nada dessa porra.

Encosto-me no balcão com ele bem na minha frente com os olhos determinados e encarando os meus.

— Eu amo você e não me importa o que aconteceu no seu passado para ter deixado você assim ou se você acha que vamos acabar por causa disso. Eu estou aqui para falar que não. — Suas mãos tocam no meu rosto e eu até tento lutar, mas ele me segura forte. — Nada no mundo me fará desistir de você, nada.

— Você não sabe do que está falando. — Fecho os olhos com o carinho no meu pescoço.

— Eu sei, você merece um amor por completo e eu quero dá-lo a você todos os dias.

— Dylan... — Ele me beija em seguida, com selinhos demorados e cheios de paixão.

— Eu já disse que irei esperar o tempo que for e, toda vez que você achar que tem merdas dentro do seu peito, eu farei de tudo para...

— Eu fui estuprada! — a frase sai como uma lâmina da minha boca, cortando suas palavras de forma afiada. Ele trava no lugar, assim como eu, e mantém as mãos no meu rosto e os olhos no meu peito. Ele não me

olha ou se mexe e isso estranhamente parte meu coração com nervosismo antecipado.

Até que ele me solta, dando dois passos para trás. Ignoro a água querendo sair pelos meus olhos e abraço meu próprio corpo, enquanto ele está de lábios abertos e olhando para o chão.

— Eu não sou uma pessoa comum, meus traumas me definem e me fazem ser o que sou hoje. E você pode ir embora agora.

— Pare de tentar me afastar de você!

— Não, porra! — explodo e ele me encara com lágrimas nos olhos. — Eu sou fodida, Dylan. E eu sempre tentei fazer de tudo para esquecer isso, eu bloqueio da minha mente e digo toda maldita noite que estou bem quanto a isso, mas adivinha, eu não estou.

Ele apenas me encara com os ombros caídos.

— Toda vez que eu me lembro, eu sinto a minha pele rasgando e o sentimento de morte cada vez mais visível — eu choro como uma criança. Seus olhos estão vermelhos e a expressão fechada. — Isso sempre vai me perseguir, não importa o que você faça ou diga, eu estou arruinada.

— Não, não está.

Olho para ele sem acreditar.

— Me deixe ajudar você.

— Saia daqui. — Aponto para a porta e ele nega.

— Você é a melhor coisa que já me aconteceu, me deixe ser a sua melhor coisa. — Ele se aproxima de mim novamente e dessa vez limpa as lágrimas do meu rosto. — Converse comigo, me diga tudo o que quiser e eu ouvirei de você, não quero saber nada de um envelope idiota.

Ofegante, eu coloco as mãos em seus braços e fecho os olhos depois dele beijar a minha testa, dizendo que cuidaria de mim para sempre. Sua voz esbanja sinceridade e conforto. Meu coração vai se acalmando

aos poucos e nesse tempo eu percebo que tirei pouquíssimo peso das minhas costas ao contar a ele.

— Durou meio ano — digo e ele cola a testa na minha, massageando minha pele e me fazendo relaxar.

— Você pode me dizer o que quiser — diz ele ao me ver de olhos fechados.

— Você lembra de Elisa?

— Sim.

— Foi o marido dela.

Ele me aperta mais forte e eu luto contra a minha respiração enquanto falo sobre meu passado.

— Ele era amigo dos meus pais junto à Elisa. Os dois jantavam em casa de vez em quando antes deles morrerem no acidente. Eu tinha dezessete anos quando tudo começou.

Ouçõ ele engolir em seco.

— Semanas depois que o acordo judicial da minha guarda fora liberado e eu já estava morando com eles, Elisa passou mal, ela sangrava e tinha hematomas por todo o seu corpo, que apareciam sem motivo nenhum. Os dois foram ao hospital e voltaram com a notícia que ela tinha leucemia, um tipo raro.

Ele me abraça beijando o topo da minha cabeça.

— O estágio estava avançado e ela precisava fazer o tratamento, o qual Bob Davis se recusou a fazer de imediato. — Ele me solta levemente para me olhar em seus olhos sem acreditar. — Eu amava Elisa, ela sempre me tratou como uma filha, já que nunca pode ter nenhum e, naquele momento da minha vida, ela era tudo o que eu tinha.

— Oh meu Deus... — ele sussurra.

— Ele sabia disso e usou contra mim, enxergou uma ótima oportunidade de me chantagear e conseguir o que queria. Nessa mesma semana que descobrimos, eu já tinha notado os olhares que ele dava para mim, eram os mesmo que ele dava na minha casa quando meus

pais não estavam por perto. O acidente e a minha guarda vieram para ajudar no seu plano ridículo.

— O que ele...

— De início, ele disse que não pagaria, mesmo tendo dinheiro por causa da herança familiar. Eu tentei arranjar dinheiro em algum lugar, cheguei até vender meu celular e o computador que eu tinha, mas não era suficiente. E, enquanto isso, Elisa estava cada dia pior. Mas em uma noite tudo mudou.

— O que aconteceu?

Engulo em seco.

— Ela passou mal no quarto, estava vomitando sangue e pálida como a neve, eu quase não a reconheci. Bob estava assistindo futebol na sala quando tudo aconteceu, eu me lembro de escutar Elisa gritando por ajuda e ele apenas ignorando a esposa. Eu não tinha ideia de que ele era uma pessoa tão desprezível, pois sempre foi bem elogiado por onde passava.

Toco no seu peito antes de continuar, ignorando a bolha que se forma na minha garganta.

— Eu estava desesperada nessa noite, correndo de um lado para o outro, querendo cessar o vômito e os gritos que ela dava. Quando ela já estava inconsciente, eu corri para baixo e peguei o único telefone da casa, já que eu tinha vendido o meu. Eu ia ligar para a ambulância quando Bob colocou os dedos no gancho mutando a chamada e me disse exatamente o que eu teria que fazer para salvar a mulher dele.

Dylan aperta o maxilar, encarando-me.

— Ele disse... que ia salvar a vida dela, que daria tudo o que o dinheiro pode comprar para que ela ficasse bem de novo, mas em troca de fazer isso... — Respirei fundo. — Eu teria que fazer sexo com ele uma vez por semana durante o tempo que eu ficaria em sua casa.

Ele abre a boca lentamente, não tendo ideia do que dizer. Eu não o culpo.

— Na primeira noite ele me estuprou e fez ameaças, dizendo que se eu abrisse a boca, ele mesmo daria um jeito de se livrar de Elisa e sumir comigo. Ele também ameaçou Emily e Jon, eu me lembro dele me entregando fotos de onde os dois estavam, porque os seguia. Ele sempre me perseguia mentalmente para me lembrar de quem estava no controle. Ele se aproveitou do meu desespero naquele dia.

— Céus...

— Eu estava tão... assustada — Balanço a cabeça. — Eu só tinha 17 anos e sentia que era melhor ter morrido naquele acidente com os meus pais do que ter passado por tudo o que ele me fez passar.

Dylan me abraça novamente e eu choro em seu ombro com todas as lembranças voltando à tona. Ele se desculpa comigo e me diz que faria de tudo ao seu alcance para me ajudar a enfrentar isso. Aquele fora o ano mais difícil que já enfrentei, precisei de muito para sair na fossa que eu estava, procurei ajuda psicológica na faculdade e a faço até hoje, mas há algumas cicatrizes que não são fáceis de esconder e muito menos lidar. Nunca vou esquecer o que aconteceu, mas, apesar de tudo, eu não posso deixar a escuridão me dominar, porque eu quero viver, eu preciso viver. Eu sei que meus pais iriam querer isso também.

— Lisa, eu sinto tanto. — Ele beija meu rosto, mantendo-me em seus braços. Eu apenas me apoio nele, mostrando tudo o que eu posso.

— Me desculpe por aquilo e, se em algum momento eu forcei você a me contar quando estávamos em Chicago, me desculpe. — Ele beija meus lábios e logo depois me tira do chão. Seguro-me nele largando meu chocolate no balcão. Dylan me leva para o quarto e se senta na poltrona do canto, deixando-me descansar no seu colo.

— Você sabe agora — sussurro. — Isso foi tudo o que passei nos meus últimos meses da fase escolar.

— Merda, eu queria tanto estar lá para proteger você. — Olho para ele concordando.

— Eu queria você estivesse.

— Emily e Jon sabem?

— Não, nós estávamos na mesma faculdade e uma nova fase... eu só, não queria dar esse fardo a eles

— Lisa, eu duvido muito que eles pensariam dessa maneira.

Fico olhando para ele e depois desvio suspirando.

— Foi difícil para eu contar isso para você, mas me sinto menos... estranha. Eu vou pensar sobre isso.

Ele acena deslizando a mão pelo meu braço.

— Como você pagou a faculdade?

— Meus pais tinham uma poupança desde os meus cinco anos de idade, ela pagou tudo o que eu precisava.

— Onde estão Bob e Elisa agora?

— Mortos.

Ele levanta as duas sobrancelhas e eu explico.

— Uma semana depois da minha ida para a faculdade, Elisa estava se recuperando e Bob tinha ficado com ela. Ela nunca fez ideia do que estava acontecendo. Um dia Bob surtou por não me ter mais por perto para aliviá-lo e somente o que eu soube foi que a casa pegou fogo e eles morreram lá dentro.

— Minha nossa...

— Foi dito que um vazamento de gás era o motivo, mas a vizinhança escutou os dois brigando na casa. A polícia até investigou, mas fecharam o caso dias depois.

O que me faz pensar agora, é ridiculamente estranho.

— Porra.

— Eu sei, ele está morto, mesmo assim eu não consigo ficar em paz.

— Eu entendo.

Seus olhos verdes se fecham por alguns segundos e eu enterro meu rosto no seu pescoço, sentindo-me aquecida e protegida. Eu ainda estou muito atordoada por trazer isso à tona, mas me sinto mais leve ao contar e incrivelmente surpresa por ele não ter ido embora. Acho que na minha cabeça sempre achei que, quando eu contasse isso a alguém, ele sentiria nojo de mim, mas eu preciso me lembrar que nada daquilo foi culpa minha e sim dele, eu sou a vítima e sou eu quem precisa de ajuda, não de julgamento.

CAPÍTULO 29

Lisa Morris

*“Quero que você me faça sentir como se eu fosse
a única garota do mundo”*

Já se passa um mês e meio desde aquele pesadelo e a minha conversa sincera com Dylan, onde eu abri a parte mais escura da minha vida para ele e, apesar de todas as suas investidas para me fazer sentir melhor, essa com certeza é a melhor de todas.

— Eu não gosto de você — ele sussurra no meu ouvido.

Sorriso de lado.

— Você me ama — sussurro de volta e ele revira os olhos incapaz de desmentir.

O anúncio aparece para nós dois e eu seguro na mão de Dylan, que no momento está toda laranja por causa da incrível e maravilhosa roupa de cenoura, que estranhamente o deixa atraente. Eu realmente acho um cara enorme vestido de cenoura atraente? Céus, meus problemas são maiores do que eu pensava.

Vamos para o palco com uma musiquinha infantil soando no fundo e dizendo que legumes e vegetais são importantes para o crescimento. As luzes apareceram em nós dois que dançamos e rimos para as criancinhas sentadas no grande teatro com um sorriso enorme no rosto. Elas fazem parte do novo orfanato que Dylan havia

mencionado antes e eu não posso dizer o quanto meu coração está aquecido por todo o suporte que elas vão receber de agora em diante. Há crianças vítimas de acidentes, trágicos o suficiente para levar toda a vida paternal que não puderam experimentar. Há crianças em diferentes situações e até mesmo as que transitam pelas ruas sozinhas.

Dylan me contou sobre o projeto há algumas semanas e me perguntou se eu queria fazer parte. Eu obviamente concordei dizendo que tinha escutado sua conversa com os meninos sobre isso e sabia o que ele estava fazendo. Nós decidimos praticamente todas as coisas juntos, a não ser por uma coisa.

Ele não queria fazer parte da apresentação de boas-vindas.

Pensei, o que tinha demais em se vestir de cenoura e fazer crianças rirem? Há algo mais puro que isso? Eu duvido muito. Convenço-o a fazer e agora, a julgar pelo seu rosto sorridente ao ver as crianças, ele não está nenhum pouco arrependido.

Eu estou usando uma fantasia de brócolis com um verde tampando até a minha cabeça. Eu tenho certeza de que estamos ridículos, mas é por uma boa causa e pessoas sensatas entenderiam isso sem dar risadas. Digo, quem riria de uma boa ação?

Eu posso dizer quem: Adam, Peter, Nate, Emily e Rubi, os idiotas de plantão.

Todos eles estão na primeira fila do teatro com os celulares apontados para nós dois, rindo tanto que eu posso escutar daqui. Adam está praticamente escorregando na poltrona tentando se controlar para não cair no chão e rolar. Bom, Peter já está fazendo isso, porque eu posso jurar vê-lo rolar pelo chão como se fosse uma bolinha de gude.

Nate está na poltrona com a mão na boca, escondendo a risada e olhando para Dylan sem

conseguir disfarçar. Eu acho que seus olhos estão marejados. Olho para Emily e arregalo os olhos quando a vejo subir na poltrona, ainda gravando com o celular e cantando a musiquinha que passa. Rubi ri dela e bate palma apontando para nós dois.

— EU JÁ SOU FÃ! — ela grita para mim e eu dou um sorrisinho sarcástico.

Rápido me toco que eles estão gostando mais do show do que as crianças.

No final da apresentação, o resto das pessoas que estão de fantasia se aproximam, encerrando. As cortinas finalmente se fecham. Dou uma risada baixinha, olhando para Dylan, que mexe na parte de cima da fantasia de cenoura.

— Ok, apesar das piadinhas que virão, eu gostei de fazer isso.

Ele diz exatamente o que eu achei antes e me dá o sorriso mais lindo de hoje. Dylan dá um passo para me dar um selinho, mas somos interrompidos por uma mulher de terninho, que se aproxima com passos rápidos. Seu cabelo é preenchido por dreads vermelhos e os olhos castanhos como mel. Ela é linda.

— Desculpe interromper, sou da New York Post. — Ela tira um bloquinho de anotações do bolso. — Posso fazer algumas perguntas? Não irei demorar, já que tem cinco seguranças atrás de mim.

Um sorriso nervoso aparece em seus lábios.

— Claro — Dylan responde educado, puxando-me até nossos corpos se tocarem.

— Senhor Venturelli, você é um homem importante e com certeza deixa sua marca por onde passa. Descobri que você ajuda anonimamente várias instituições de caridade em Nova York e na Itália, isso de fato é admirável — ela diz e eu olho para Dylan surpresa, que aperta os lábios.

— Toda a minha família faz isso. Não é doado anonimamente, apenas não espalhamos por aí.

— Por que não? — Ela estreita os olhos e Dylan aperta a minha cintura.

— Porque não queremos nada em troca. — Sorrio internamente. É dessa cenoura que eu gosto!

— Isso é de fato muito bonito da sua parte, você é uma mulher de sorte — ela diz desviando o olhar para mim.

— Eu sei — respondo com um sorriso, olhando para ele.

— E como se sente com as últimas notícias?
Franzo o cenho.

— Como?

— Oh, você não sabe. Mas há boatos que vocês estavam fingindo um relacionamento até se apaixonarem de verdade — ela fala e Dylan tenciona o maxilar rapidamente. — Não há provas, mas com certeza despertou os jornalistas da cidade.

— Isso não é verdade — Dylan nega e eu me aperto nele. — E mesmo se fosse, não é da conta de ninguém o importante suficiente para me importar.

Ela dá um sorrisinho ridículo.

— Talvez seja para todos aqueles que vocês enganaram no caminho, não consigo pensar como ficarão seus acordos depois deles descobrirem que vocês mentiram apenas para trazê-los em benefício próprio. — Ela não está sendo mais tão gentil.

— Isso é engraçado. — Dylan sorri. — Você está nos acusando de mentir sem ter provas e eu posso processá-la por isso e todo o seu jornalzinho de quinta, então é melhor sair da minha frente.

Ela para com o sorriso no rosto e se recompõe, pondo o bloquinho de notas no bolso. Nunca vi uma cenoura ser tão ameaçadora antes.

— Estamos de olho, porque um novo casal moderno em Nova York é excitante, mas nada mais excitante do que um casal falso. — Logo depois ela nos dá as costas, caminhando para fora sem parecer preocupada com o que acabou de ouvir.

Olho para Dylan, que suspira com as sobrancelhas erguidas.

— O que diabos foi isso?

— Eu não sei, mas há algo errado.

— Acha que seus pais comentaram com alguém? Não, claro que não, Gregório e Monica nunca fariam isso.

— Os meninos não foram — ele garante e eu concordo.

— Muito menos as meninas ou Jon, digo...

— Você contou à Rubi? — Ele arregala os olhos e eu aperto os lábios.

— Sim.

— Lisa!

— Dylan, ela é a minha amiga e sua sócia, se não confiar nela, nunca o fará. E eu confio nela.

Ele suspira até concordar.

— Contou a mais alguém?

— Na verdade...

— Oh meu Deus! O fofoqueiro aqui é Peter e não você.

— Eu contei para Susie Jones, somente, é a última da lista!

— Susie Jones? A minha bartender?!

— Não, a sua amante — ironizo.

— Não brinque com isso. — Ele aponta para mim.

— Estamos próximas e ela é a pessoa mais inocente que eu conheço, ela nunca falaria nada disso, Susie definitivamente não é uma ameaça.

— Ok, mas alguém levantou esses rumores e quando eu souber quem foi, eu vou destruir completa...

— Achei a camisinha laranja! — Ouvimos um grito alto de Adam e olhamos para o lado, vendo a gangue e as meninas se aproximando com um sorriso no rosto. Nathaniel já tinha se estabelecido em Nova York e acertado o que era necessário na empresa de Dylan, então já está trabalhando lá em tempo integral junto a Adam.

— Que bom que estão aqui — Dylan fala para eles, que nos cercam em uma rodinha.

— Espera, mas antes. — Peter levanta um dedo e ele revira os olhos. — Me ligaram do jardim de infância mais cedo, a professora quer a fantasia de volta.

— Você é ridículo — Dylan fala.

— Eu acho que você deveria usar isso no Natal, as renas do papai Noel vão adorar você, cenourão — Nate diz arrancando uma gargalhada de Adam e Peter, que pulam e vibram pela piada. Esses quatro precisam de um estudo, e rápido.

Olho para as meninas, que escondem o riso a todo custo. Eu coloco as mãos na cintura por cima da roupa de brócolis.

— Vocês têm alguma piadinha para mim? — pergunto a elas.

— Claro que não, somos adultas — Rubi nega.

— Com certeza — Emily concorda. — E por mais que eu ache hilário você estar parecida com a garota propaganda de um filme pornô vegetariano, eu não vou fazer piada sobre isso.

Me enganei, são as meninas que precisam de estudo.

— Pornô vegetariano? O que diabos você anda assistindo? — Rubi sussurra para ela.

— Entra no jogo, Rubiane — ela diz à Rubi pelo apelido que a batizou.

— Não sei se vocês sabem, mas surgiram boatos que meu relacionamento com Lisa é falso — Dylan diz e

eles rápido se espantam.

— Mas... não é — Adam diz.

— Não, não é, mas era antes e agora todos os jornalistas da cidade estão atrás de provas para nos desmascarar.

— Com qual finalidade? — Rubi pergunta.

— Ganhar dinheiro — Nate responde, fazendo-nos encará-lo. — Eu tiro isso do ar se você quiser, sabe que posso fazer isso.

— Seria ótimo, acabe com esses rumores — Dylan diz e ele concorda em seguida.

— Assim? Tão fácil? — Emily franze o cenho.

— O poder do dinheiro, loirinha — Peter responde e ela suspira com o apelido.

Ficamos em silêncio analisando a situação e conversando sobre o que aconteceu.

— Acha que foi Susie? — Emily pergunta e eu nego.

— Não acho — respondo vendo o cenho franzido de Rubi. As duas ainda não se conhecem. Na verdade, ela não conhece ninguém além de Emily e eu.

— Quem é Susie? — Nate pergunta com os braços cruzados em cima do peito forte. Certo, eu preciso ressaltar como a beleza desse homem é de outro planeta? Porque é.

— É nossa amiga, vocês ainda não conhecem, mas ela não pôde vir hoje, está resfriada — respondo.

— Será que há escutas em algum lugar? — Peter pergunta e nós olhamos para ele com uma sobrancelha erguida.

— Onde você acha que está? Em um filme do James Bond? — Dylan ironiza.

— Não, mas eu acredito na capacidade da mídia sedenta por fofoca. — Peter põe as mãos no bolso da calça social.

Uma eternidade de silêncio depois, Adam se aproxima de Dylan parando ao seu lado e o encara da cabeça aos pés. Vejo perfeitamente o biquinho irritado na boca do meu namorado.

— Nunca tinha visto uma camisinha laranja antes — Tinker brinca com a morte quando passa a mão no topo da cabeça de Dylan. — Será que ela aperta?

— Seu filho da... — Dylan ameaça ir para cima dele, que corre para cima de Peter, escondendo-se atrás dele.



Saio do chuveiro com a água escorrendo pelos cabelos e os esfrego com a mão antes de colocar uma toalha em volta para ajudá-los a secar. Enxugo o corpo com outra, depois de vestir o roupão azul marinho de Dylan. Em seu quarto, eu procuro por ele, que tinha tomado banho antes que eu, acho que a fantasia de cenoura já estava irritando sua pele.

Desço as escadas ainda com o roupão no corpo e a toalha branca na cabeça. Meus pés tocam o azulejo frio e eu caminho pelo apartamento vazio com os lábios entre os dentes. Na sala de estar, eu olho em volta, desfocando na televisão e no sofá maior que um trem. Encaro a porta da sua biblioteca e estreito os olhos antes de caminhar até o lugar.

Eu ainda não tinha entrado aqui, em específico, já estive muito no seu escritório, mas na biblioteca não. Abro as duas portas de madeira escura e entro no espaço mais bonito que coloquei meus olhos, simplesmente lindíssimo! As estantes todas embutidas nas quatro paredes com os livros de todos os gêneros, uma escada

com rodinha para facilitação de altura e um sofá preto parecido com aqueles de terapeuta, perto da escada em formato de caracol, porque a biblioteca é dividida em duas partes.

— Uau... — sussurro me aproximando mais. Ando em cada lado da parede passando os dedos nos livros com um sorrisinho. Olho para a mesa de vidro no centro e até acho que combina com o lugar, que não é clássico, apenas moderno.

Vou de uma parede para a outra e encaro os livros um por um, porque sinto uma deliciosa curiosidade de saber o que Dylan gosta de ler. Passo por uma fileira de livros de economia e empresas. Chego na parte de ficção e até fico surpresa. Ele gosta mesmo de ler, penso. Até que eu vejo um livro, que com certeza não é de leitura comum. Pego ele da prateleira e o folheio silenciosamente.

— Que porra é... — Não termino de mostrar minha surpresa, porque ouço um barulho na porta e rápido o livro está escondido atrás das minhas costas.

Droga. Por que eu estou ofegante?

As portas se abrem em um todo e Dylan entra na biblioteca com o celular no ouvido e logo coloca os olhos em mim. Ele olha para os meus braços atrás do corpo e levanta uma sobrancelha.

— Você tem certeza de que esse é o horário, Adam? — ele pergunta se aproximando lentamente de mim e mesmo assim eu consigo sentir o cheiro gostoso de banho fresco que vem dele.

— Por que eu estou duvidando de você? Por que será, seu bastardo? Da última vez você me disse o horário errado e eu fui parar em um evento sadomasoquista por sua causa! — Dylan esbraveja e eu acabo rindo internamente ao imaginar isso acontecendo.

A voz de Tinker Bell soa do outro lado da linha.

— *Você devia ter deixado a mulher bater na sua bunda com aquela raquete...*

— Adeus, Adam. — Dylan desliga depois da frase do loiro e eu acabo rindo com ele na minha frente.

Ele me encara por alguns segundos, descendo o olhar pelo meu roupão. Eu continuo com as mãos para trás.

— O que ele queria? — pergunto.

— Nos informar o horário do baile beneficente da Center Tech, é amanhã.

— Oh, sim. Rubi estará lá?

— Provavelmente.

Ele suspira.

— Você parece preocupado — falo.

— Estou, não gosto de ser ameaçado por jornalistas.

— Esqueça isso, Dylan.

— Não, eu quero saber quem levantou esses rumores e por que só agora. Já estamos juntos há quase três meses.

— Eu entendo sua preocupação, mas você lida com isso há mais tempo que eu, não é sempre assim? Eles trazem algo ridículo à tona só para conseguir ter mais dinheiro com a história?

Ele torce os lábios antes de concordar.

— Sim, mas não gosto deles bisbilhotando, principalmente porque é a verdade. Mas aí você me enfeitou com os alegres bons dias de manhã e falando nomes de frutas antes me tocar.

Dou um sorriso pequeno.

— Não gosto que eles bisbilhotem também, espero que nunca encontrem nada do meu passado. — Olho para baixo com os ombros encolhidos.

— Isso é impossível — ele diz me fazendo encará-lo.

— Como assim?

— Eles não podem achar nada sobre você, eu enterrei aquilo tão fundo que nem as maiores escavadeiras poderiam desenterrar.

Franzo o cenho e ele logo continua.

— Eu estava protegendo você, sei que deseja que nada daquilo apareça novamente e de jeito nenhum eu deixarei aqueles abutres se aproveitarem da sua história — ele diz e eu engulo em seco. — Tudo bem?

— Sim. — Olho para ele agradecida. — Obrigada por isso.

Ele sorri me encarando. Eu estou aliviada.

— Mas mudando de assunto, o que você tem aí nas mãos?

Acho que ele percebeu que eu estou escondendo algo, porque meus olhos se arregalaram sem que eu conseguisse controlar.

— Eu estava... hum...

— Pela sua expressão, parece que encontrou uma coleção pornô? — Eu quase rio disso, porque a situação não é tão diferente. — Só para deixar claro, eu não tenho uma.

— Não é nada, eu só entendi que você gosta mesmo de ler, certo? — pergunto e ele acena com a cabeça.

— Sim...

— Você deve amar esse, então. — Mostro para ele.

O livro que eu tenho nas mãos é Kama Sutra, aquele livro de sexo com mais de cem posições sexuais para experimento. Por que diabos ele tem isso? Na verdade, não quero saber, mas que é engraçado é, principalmente pela sua expressão confusa.

— Isso não é meu — ele se defende.

— E o que esse livrinho mágico estaria fazendo aqui, então?

— Eu não sei, talvez você tenha trazido. — Ele pega da minha mão.

— Eu? Que piada.

— Ei, você quem está dizendo que eu tenho um livro de posições sexuais. — Ele folheia o livro, levantando a sobancelha de vez em quando.

— Você parece ter gostado, senhor Venturelli — digo pegando sua atenção e ele passa a língua nos lábios negando.

— Não gostei. — Ele fecha o livro. — Não preciso de um manual de sexo, gosto das coisas da minha maneira.

Ele olha para o meu roupão de novo e depois para meus olhos como se buscasse confirmação para fazer algo que queria muito. Dou isso a ele e o vejo levantar o livro até a abertura do roupão, no meu peito. Ele afasta o pano com a ponta do Kama Sutra, liberando minha clavícula e parte do meu peito a ele. Dylan observa minha respiração mudando e se aproxima dando um passo e me olhando a todo momento, antes da sua cabeça se afundar no meu pescoço. Engulo em seco, olhando para cima, quando seus lábios pousam abaixo da minha clavícula em um beijo suave.

Ele continua indo em linha reta ao meu peito e olha para mim no exato momento em que dou um grunhido apertando as coxas. Dylan sobe o livro pela minha perna e eu dou um leve pulo quando ele bate na minha bunda com ele. Acabo rindo e ele larga o livro no chão, tocando no cinto do roupão e desfazendo-o em míseros segundos. Os olhos verdes me comem nua antes dele também tirar a toalha da minha cabeça.

Dylan demorou duas semanas para transar comigo depois do que contei a ele e fui eu quem precisei tomar iniciativa, porque em algum lugar na mente dele, o pensamento de não transar comigo frequentemente deve ter passado, não por nojo ou algo assim, ele só

estava preocupado de como agir comigo. Eu falei para ele fazer o que fazia antes, porque eu gostava. Foi como tirar o homem da jaula, porque ele me escutou atentamente.

Suas mãos tocam nos meus braços, descendo lentamente para a minha cintura, e eu acho que posso escutar seu resmungo excitado. Seus dedos sobem pela minha barriga tirando minha respiração e eu mordo os lábios ao sentir os dedos torcendo o bico de cada seio meu. Ele me tortura por alguns segundos antes de subir os dedos curiosos para passar no meu rosto e depois nos meus lábios. Encaro-lhe assim que minha língua toca na ponta do seu dedo.

Dylan suspira e tira as mãos de mim se abaixando. Pisco ao ver o cinto do roupão em suas mãos e um olhar excitado no rosto.

— Vire-se — sua voz sai mais rouca do que eu esperava. Apenas obedeço com a garganta seca.

Ele segura meus braços, trazendo-os para trás, e sinto meus pulsos sendo amarrados com firmeza, mas impossíveis de me machucar. Minhas mãos descansam acima da minha bunda e eu sinto seus lábios no meu ouvido, fazendo-me fechar os olhos momentaneamente.

— Eu vou mostrar minhas maneiras a você. — Ele toca na minha nuca, descendo os dedos pela minha coluna em um claro gesto de provocação. — Acho que você vai gostar.

Ele beija meu ombro esquerdo e eu sou puxada pelo nó nos pulsos até o sofá preto que vi antes. Dylan me leva até parar na frente do braço, que é a parte mais elevada. Eu solto um resmungo baixo assim que ele me inclina para baixo, apoiando-me lá.

Mexo os braços de forma inútil, sentindo-o atrás de mim a todo momento. Olho para trás ofegante e o vejo passar as mãos nas minhas costas em silêncio. Seu tanquinho sai da minha visão assim que seus joelhos

dobraram. Ele está no chão. Franzo o cenho olhando para frente e quando menos espero, um gemido contido quase escapa ao sentir um beijo gostoso em cima do meu clitóris. Fecho os olhos em seguida, abrindo a boca e apertando os dedos com a língua quente me lambendo e provando como um sorvete.

Dylan aperta a minha bunda com as mãos e faz a língua girar dentro de mim. Escuto seus grunhidos roucos e mexo meu quadril procurando mais do que ele está me dando. Meus seios se esfregam no coro do sofá e minha cabeça cai no estofado parecendo pesada demais para receber toda aquela sensação gostosa.

Sinto os dedos da mão esquerda se esfregando lentamente pela minha pele e rápido estão no meu ponto sensível, que lateja. Sinto ele vibrar com o contato e me empurro mais para Dylan, que me chupa sem parar. Ele chega a morder a parte interna das minhas coxas e se foca em esfregar os dedos com força. Relaxo, sentindo o orgasmo perto a cada minuto, e grito ao sentir o tapa forte no meio das minhas pernas, mandando-me gozar. Oh, meu Deus.

— Merda — gemo baixinho, mexendo os braços sem conseguir ficar parada.

— Eu quero ver você gozar antes de eu foder você, Lisa. — Nem percebo que ele está de pé e com o corpo inclinado sobre o meu para pôr seus lábios no meu ouvido. — Quer fazer isso para mim?

— Sim...

— Você está pulsando. — Ele morde o lóbulo da minha orelha. — Goze para mim.

Os dedos se mexem mais rápido e eu não aguento, revirando os olhos com força. A respiração está tão escassa que meus gemidos saem com lufadas rápidas de voz. Minhas pernas tremem enquanto eu sinto minha excitação descendo pela minha perna esquerda.

Dylan sorri no meu pescoço com as gotas de suor descendo pelo meio dos meus seios.

Desnorteada, eu tenho leves deslumbres dele se sentando no sofá, enquanto eu não mexo um músculo. Meus olhos que estão quase se fechando e se abrem para vê-lo sentado perto de mim. Eu ainda me encontro inclinada no braço do sofá.

Dylan passa os dedos pelo meu rosto e eu vejo quando ele se inclina, dando-me um selinho nos lábios. Quando o encaro de novo, eu observo enquanto a calça moletom sai da sua cintura lentamente. Mexo os pulsos e olho para o seu colo, que logo está livre da calça, mostrando-me sua ereção quase perto do meu rosto, já que ele está sentado na minha frente.

— Quer me chupar, meu amor? — Ele tira uma mecha do meu cabelo que caia no meu rosto e me vê acenar com entusiasmo.

Olho para o seu pau ereto e abaixo a cabeça até passar a língua na ponta. Dylan aspira o fôlego e o segura para mim, já que minhas mãos estão presas. Ele leva até minha boca de novo e dessa vez eu o engulo por completo. Dylan geme, olhando lentamente para cima enquanto fecha os olhos. É uma cena tão excitante que tenho que apertar as coxas.

Subo e desço a boca, concentrando-me em chupar a ponta, porque é área mais sensível. Eu olho para ele de vez quando, mantendo contato visual. Sua mão livre passa pelo meu cabelo, prendendo-o, e eu chupo forte, dando gemidos baixinhos com ele investindo devagar na minha boca.

— Eu adoro a sua boca — ele sussurra, duro como nunca.

Deixo que ele assuma o controle e que foda a minha boca. Dylan faz isso com as pupilas dilatadas e os dedos firmes no meu cabelo, mantendo-me no lugar enquanto somente seu quadril se mexe contra mim.

Começo a choramingar e ele geme, olhando-me. Sinto ele inchar na minha boca antes de descansar o próprio quadril no estofado.

— Venha aqui. — Ele me solta e eu me levanto do braço do sofá. Caminho com os braços para trás e paro na sua frente, sentindo as mãos subirem pelas minhas panturrilhas, provocando-me. — Monte em mim antes que eu perca o controle.

Mordo o lábio e o joelho direito é o primeiro a posar ao lado da sua coxa e logo depois o outro, ficando em cima dele. Dylan admira meu corpo, ainda com as pupilas dilatadas, e me olha nos olhos antes de pegar seu pau e esfregar no meu clitóris, quase me fazendo cair para trás. Um gemido soa pela biblioteca e logo depois um grito, assim que ele me penetra devagar.

— Abra-se para mim, Lisa — ele ordena e eu afasto minhas pernas mais um pouco. Ele entra por completo e eu abro os olhos lentamente. — Boa garota.

Dylan agarra a minha cintura e me movimenta em cima dele com facilidade. Parte disso é porque eu estou encharcada demais para ter problemas. Ele geme comigo, apertando-me sempre que me sentia apertar seu pau. Eu acho que quase tenho uma convulsão ao sentir seus dentes no bico dos meus seios quando ele se inclina para tal coisa. Jogo a cabeça para trás, indo para frente e voltando em um ritmo delicioso.

As mãos deslizam para a minha bunda e me apertam forte até subir pelas minhas costas, agarrando meu ombro para fazer mais rápido. Grito e ele não para um minuto sequer, cada vez mais forte e com a medida necessária para me manter molhada a cada passo. Essa é a sua maldita maneira.

CAPÍTULO 30

Lisa Morris

“Eu estou caindo, então estou aproveitando meu passeio”

Coloco o smoking nas costas e sigo caminho pelas longas ruas da cidade. É sábado de manhã e eu estou sendo a secretária excelente que eu sou e amo ser, principalmente quando seu chefe é o meu namorado. Não estou dizendo que tudo são flores, mas também há suas vantagens escondidas.

Bebo meu *latte vanilla*, que eu tinha acabado de pegar no Starbucks com meu cartão ilimitado, e sorrio para o nada. Melhor coisa que eu fiz no meio desse acordo todo foi garantir meu café. Desvio de pessoas apressadas e leio as fachadas de hotéis enquanto arrasto a roupa de Dylan para o baile de hoje na empresa Center Tech, de Jayden Ford. A cada ano, essa festa é dada por empresas diferentes de Nova York.

Meu vestido já está separado e eu não vejo a hora de colocá-lo no meu corpo e vê-lo acentuado no espelho com a cor vermelha, dando-me todas as dicas de que estou uma gostosa. Sinto algo pingar na minha testa e franzo o cenho ao olhar para cima, notando as nuvens de chuva se formando.

Ando mais rápido pela avenida e de repente sinto meu celular vibrar do bolso do meu sobretudo. Tiro

rapidamente, levando o aparelho até o ouvido.

— Alô.

— *Baby?* — A voz de Dylan chega até os meus ouvidos.

— Bom, sim. Há outra?

— *Eu não sou burro a esse ponto* — ele responde, fazendo-me sorrir com os lábios entre os dentes.

— O que quer, meu arrogante gostoso?

— *Onde você está?*

— Fui pegar seu smoking na lavanderia.

— *Você... por quê? Outra pessoa poderia fazer isso.*

— Mas sou eu que sempre faço isso. — Levanto uma sobancelha. — Você contratou outra secretária e não me disse.

— *Engraçadinha, arraste essa bunda bonita para cá.*

— Sim, senhor. Vou usar meu poder de teletransporte agora mes...

Paro de falar abruptamente com o choque forte que meu corpo leva e eu vejo meu celular indo para o chão quase que em câmera lenta. A pessoa que quase tinha me derrubado não tem a decência de parar e se desculpar pelo ato. Com as sobancelhas juntas, eu me firmo em cima do salto e olho para trás, vendo o sujeito seguindo seu caminho como se não tivesse feito nada. Eu não posso ver seu rosto ou seus braços, já que ele está de capuz cinza, com uma camisa de mangas longas e calças de moletom cobrindo todo seu corpo.

— Ei — grito, só não entendo por quê.

O cara para de andar, ficando de costas e eu pisco engolindo em seco. Suas mãos estão dentro do bolso da camisa e ele vira a cabeça devagar, mostrando-me parcialmente a ponta do seu nariz. Ele não diz nada antes de continuar andando a passos duros para longe com pingos de chuva caindo sobre seus ombros.

Olho para baixo, pegando meu celular do chão e checo se Dylan ainda está na linha. Ele está.

— *Lisa* — ele chama, sabe-se lá quantas vezes.

— Oi, desculpe. Um cara esbarrou em mim, quase caio do salto.

— *Vou ter que comprar novos, que te deixem em cima deles?*

— Você é um idiota. — Escuto sua risada e continuo andando para o apartamento dele.



Termino de passar o óleo gostoso nas pernas e olho para a porta quando percebo uma presença grande parada ali, com as mãos tapando os olhos. Levanto as sobrancelhas e sorri cruzando os braços.

— Por que está cobrindo os olhos? — pergunto a ele, que está o smoking. Eu já o vi assim um milhão de vezes, mas sempre parece melhorar a cada vez.

— Porque sua beleza pode me cegar — ele responde com passos na minha direção e coloco minhas mãos em seus ombros.

— Pode olhar para mim, prometo não o machucar.

— Na verdade, estou com medo de não me controlar e arrancar esse vestido antes de irmos.

Agarro suas mãos com firmeza, tirando-os do caminho da sua visão. Ele logo encara meu rosto, descendo pelo meu peito lentamente, até abrir os lábios, olhando para o meu corpo. Dylan faz uma expressão engraçada de satisfação e coloco as mãos na cintura exibindo o presente que ele me deu algumas semanas atrás. É de algum estilista famoso que tem como marca

registrada desenhar os melhores vestidos com a cor de ouro branco e pedras pequenas de diamantes pelo tecido.

— Você está... foda — ele grunhe e eu franzo o cenho.

Foda?

— Sim, era esse o meu objetivo desde cedo — ele ri, agarrando-me pela nuca até seus lábios tocarem os meus em selinhos reconfortantes.

— Você está foda também — sussurro.

— Ninguém precisa dizer isso, somente olhar para mim.

— Convencido.

— Eu tenho um presente.

— Outro?

— Sim e eu juro que dessa vez não é um carro de um milhão de dólares.

Ele realmente ia me dar um carro, mas esqueceu que eu não sei dirigir, então ele me deu Bryant, o que para mim vale mais do que um milhão.

— O que é?

— Vire-se.

Semicerro os olhos.

— Você não vai tirar a minha calcinha.

— Santo Deus! Não é nada disso. — Ele gira meus ombros, fazendo-me ficar de costas e impossibilitada de ver o que ele está fazendo. Apenas escuto-o mexendo em algo. Logo depois observo seus braços passando acima da minha cabeça e logo um lindo colar de diamante ser descansado no meu peito. Abro a boca chocada com a beleza daquilo e levanto o cabelo para que ele pudesse colocar.

— Isso...

— Está na minha família há gerações — ele me interrompe.

Abro mais a boca. Ele está me dando algo precioso demais naquele momento, não estou falando sobre ser um diamante enorme e, sim, porque provavelmente passou de geração em geração na sua família e é a mim que ele está presenteando.

— Dylan...

Ele me vira para ver como ficou e um sorriso sincero aparece em seus lábios.

— Está perfeito em você.

— Você... está me dando isso? Eu não posso aceitar.

— Minha mãe me disse para dar à mulher que eu amo quando a encontrasse, eu achei e estou dando. Sou um bom menino.

Ele desliza os dedos pelo meu rosto e eu abro um sorriso animado concordando.

— Você me ama mesmo — digo.

— Não, faz tudo parte do teatro, agora devolva.

— Ele estende a mão querendo o colar de volta e depois gargalha quando eu bato em seu peito com o meu punho. — É claro que eu amo você, Lisa Morris. Não sou tolo.

— Uau, vai ganhar uns beijos depois dessa. — Pisco.

— Só se for na cabeça do meu pa...

— Ok! Você é um bom menino, lembra? — dou um riso nervoso, agarrando seu braço para puxá-lo até a saída do quarto. Seguimos para o baile beneficente.

A viagem não é demorada e, no caminho dela, eu descubro que a festa seria em uma das inúmeras mansões que essa cidade tem, Bryant abre a porta para mim quando chegamos e Dylan me leva pela cintura, passando pelo corredor das fotos para o evento importante desta noite. Vamos até o grande salão e eu vejo várias mulheres com um sorriso forçado no rosto e homens se entupindo de whisky sempre que podiam.

Olho em volta e todos estão bem elegantes e arrumados. Os garçons são diferenciados apenas por usar uma margarida no bolso do paletó. Um deles passa por nós e eu pego uma taça de espumante, levando-a até à boca. Acabo com a minha sede e olho para Dylan que está deslizando a mão pela minha cintura.

— Não vai beber nada? — pergunto para ele.

— Não, só depois, no seu corpo. — Engasgo-me com a sua frase e ele ri baixo, dizendo que estava brincando. Eu não queria que ele estivesse brincando, mas tudo bem.

Quando dou outro gole na bebida o nome de Dylan é chamado.

Um homem de mais ou menos quarenta anos o chama para perto e eu claramente não sou convidada, já que a roda é formada somente por homens, como se estivessem na quinta série de novo. Dylan sorri para ele e me dá um beijo na testa dizendo que já voltaria.

Assisto-o se afastar e devolvo a taça vazia para a bandeja do garçom, que passa na hora.

Sinto uma mão tocar o meu ombro e me viro devagar. É uma mulher de mais ou menos vinte e cinco anos usando um vestido verde com um decote grande e frágil, já seus peitos quase batem no meu rosto.

— Sim?

— Você é a noiva de Dylan Venturelli?

— Sou Lisa Morris. — Estendo minha mão e ela a olha por alguns segundos antes de aceitar.

— Me chamo Alice Drummond, sou a noiva de Carlos Drummond, o dono desse lugar. — Ela parece muito orgulhosa pelo seu posto.

— Bom, diga que a mansão é esplêndida. — Aceno com a cabeça.

— Por que usa Morris ao se apresentar? Ninguém nunca ouviu falar de alguém com esse sobrenome.

Eu juro que minha expressão está paralisada, não é possível que eu esteja em um assunto tão fútil.

— É porque não é um sobrenome importante — digo o óbvio, recuperando-me do choque.

Ela dá de ombros.

— Você precisa ser esperta, garota.

— E você precisa sumir daqui. — Olho para o lado vendo Rubi parar o meu lado e voltando a falar. — Ela não está com ele por causa de dinheiro e com certeza não é uma parasita como você.

— Rubi Mendoza — ela a reconhece e depois dá um sorrisinho. — É claro que vocês são amigas, o que eu estava esperando?

— Eu não sei, mas estou esperando você ir embora. — Rubi balança os dedos, espantando-a. A mulher faz uma careta de nojo, indo embora logo depois.

Olho para a empresária poderosa ao meu lado.

— O que foi isso?

— Ela é uma sanguessuga e não gostou quando eu comprei o último colar de rubi com ouro branco e platina na América.

— Que por acaso é esse que você está usando? — pergunto e ela concorda passando os dedos na peça brilhante em seu pescoço.

— Mas vamos falar do seu. — Ela toca no meu colar. — Eu nunca tinha visto um diamante assim antes, é perfeito.

— Está há gerações na família de Dylan, ele me deu hoje.

Ela me olha com um sorriso.

— Isso é muito, muito importante.

— Você acha que eu não sei disso?! — Quase grito e ela ri, segurando meus braços e fingindo me acalmar, enquanto eu finjo surtar.

— Qual o próximo passo? Morar juntos?

— Bom, eu tenho uma escova de dentes ao lado da sua — digo e ela abre a boca.

— Garota, você está com tudo — ela diz e eu jogo meu cabelo me gabando.

Nós duas começamos a rir e logo nos locomovemos para a mesa de aperitivos. Comemos sem medo e eu rio das coisas estranhas que ela fala. Rubi é tão inteligente e sagaz que sabe conduzir qualquer conversa com qualquer um. Depois de um tempo, percebemos um rapaz se aproximar com um gravador nas mãos.

— Boa noite, senhoritas. Me chamo Fernando Muniz, sou do jornal de publicidade de Nova York e tenho algumas perguntas para você, senhorita Mendoza, poderia me ceder um pouco do seu tempo?

Ele sorri galanteador para ela, que acena um pouco relutante, dizendo um "claro". Ele começa a gravar e olha para ela.

— Foi anunciado alguns dias atrás por Dylan Venturelli que uma das maiores empresas de tecnologia irá fazer uma fusão com a sua, um pouco incomum, você não acha? — ele pergunta.

— Não, não acho. Na verdade, eu só vejo um grande potencial e aumento de renda no mercado.

— É o que vocês prometem trazer?

— Se você checar as duas empresas, entenderá do que eu estou falando — ela responde e ele meneia a cabeça parecendo curioso.

— Eu chequei e li sobre uma quase falência — ele diz e Rubi aperta o próprio maxilar, mudando totalmente a sua postura. — Parece que você foi roubada pelo seu... ex-noivo? Isso é verdade?

Arregalo os olhos e olho para ela, vendo-a desconcertada. Eu não sabia disso. Rubi mantém a vida pessoal dela a quase sete chaves e, a julgar pela sua

expressão, ela ainda não está pronta para falar sobre isso.

— Que tal fazer perguntas somente sobre o trabalho dela? A vida pessoal não importa — digo a ele que me encara, depois acena olhando para a Rubi.

— Qual será o seu cargo na empresa? — ele pergunta a ela.

— Eu... serei a designer de interfaces, fora outras coisas, já que sou dona de quase da metade da empresa agora. — Ela passa a língua nos lábios e aos poucos vai voltando a sua postura impenetrável novamente.

— Isso significa que trabalhará muito com os presidentes. Será com Dylan?

— Não, será...

— Comigo — Adam surge atrás de Fernando, interrompendo Rubi. O jornalista que se vira rapidamente, dá espaço para Tinker e seu belíssimo smoking se juntarem a nós.

— Adam Venturelli! — Fernando o saúda.

— Em alguns meses você verá nossos nomes em contratos milionários. — O loiro pisca.

— Isso é uma promessa? — O jornalista levanta uma sobancelha.

— Isso é um fato. — Adam olha para Rubi. — Você ainda não trabalhou ao meu lado, mas logo vai entender como as coisas funcionam comigo.

Ela sorri e o jornalista desliga o gravador agradecendo os minutos e indo embora logo depois.

— Não vejo a hora de descobrir essa sua nova versão e você a minha — ela diz para Adam, piscando como ele fez antes. Logo depois para de sorrir e olha para mim. — Vou pegar um drink, cinco segundos do lado desse cafajeste e já estou entediada.

Rio do que ela diz e a vejo passar por Adam como se ele nem existisse. O mesmo passa a mão no

cabelo e observa quando ela vai para longe dele, quase que correndo. Ele me olha e aponta.

— Ela está caidinha por mim — ele diz e eu aperto os lábios.

— Eu acho que não, Adam.

— Pode ser que não, mas vamos ver por quanto tempo.

— O que aconteceu entre vocês dois?

— Nada demais. — Ele desvia o olhar e esse “nada demais” é uma grande mentira.

Ouçó Dylan me chamar e alguns olhares curiosos estão em mim novamente. Ele está rodeado de executivos importantes, mas diferentes dos que haviam o chamado.

Depois de horas e horas, eu estou exausta, é assim que eu me sinto.

Eu ando tanto em círculos, que acho que tem algumas pegadas minhas coladas no chão por aí. Metade daqueles homens e mulheres param para falar com Dylan e eu sempre sou apresentada. Olhares ternos, maliciosos e invejosos são distribuídos para mim e para ele no decorrer desse baile.

Dylan e eu dançamos uma música lenta e somente nessa hora eu me sinto bem com ele. Rubi eu não vejo mais e Adam muito menos.

Peter e Nate chegam na festa praticamente na metade e parecem putos por ter que estar aqui. Eles não ficam por muito tempo e logo vão embora. As bebidas e comidas estão ótimas, mas tem alguma coisa que está me incomodando, é como se eu estivesse sendo observada a cada maldito segundo.

Há algo fazendo minha pele se arrepiar e eu acho que tinha comido algo que não me fez bem, é a única explicação para esse sentimento estranho.

— Você está bem? — Dylan pergunta olhando dentro dos meus olhos, percebendo minha inquietação.

— Sim, só estou com dor nos pés.

Ele se aproxima de mim, coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e me beija gentilmente.

— Se você quiser ir embora, nós vamos agora mesmo e eu posso fazer uma massagem em você.

— Isso é tentador, mas me deixe ir ao banheiro primeiro.

— Claro, vou com você.

Sorrio para ele e concordo. Dylan me guia pelo salão, acenando e apertando a mão de alguns sócios que estão aqui. Vamos para a escada, já que os banheiros disponíveis estão no andar de cima. Eu piso no primeiro degrau esperando que ele faça o mesmo, mas ele não o faz assim que uma mulher toca em seu ombro, fazendo-o ficar. Seguro meu vestido para não embolar e olho para ela. Eu sei quem de quem se trata, de uma das clientes mais antigas da empresa, que com certeza ele não daria as costas.

— Magna Beline — ele a saúda e ela sorri o abraçando. Olho para o seu cabelo branco preso em um coque e sorrio quando ela olha para mim. Aviso a Dylan que estou subindo e ele concorda dizendo que vai me esperar aqui.

Continuo meu caminho pela escada quase interminável e ando pelo corredor reto à procura de um banheiro. Quando o acho, admiro o branco neve no lugar enorme, tudo é muito luxuoso e fino, o papel higiênico parece ser de seda e a banheira é quase do tamanho de um carro.

Faço minhas necessidades de forma sossegada e me limpo. Vou até à pia e lavo minhas mãos com um sabonete extremamente cheiroso, dentro de um recipiente dourado. Ajeito meu vestido e escuto passos do lado de fora, até que eles param em frente à minha porta.

A batida forte me assusta e eu enxugo as mãos em uma toalha preta.

— Está ocupado — digo.

A pessoa bate de novo e eu suspiro sabendo que terei de sair mesmo. Ando até à porta girando a maçaneta dourada e escuto um ruído baixo sair dela. Eu a abro por completo e levanto meu olhar para pessoa que está diante de mim. Imediatamente eu sinto todo o sangue do meu corpo ser drenado, minha boca fica seca e minhas pernas amolecem, deixando-me imóvel. Arrepio-me dos pés à cabeça quando escuto aquela voz grossa se apossar dos meus ouvidos.

— Olá, Angel.

Ele está ali na minha frente! O homem que me desmoronou psicologicamente e fisicamente está bem ali me encarando com deboche no rosto e com o mesmo sorriso psicopata que sempre teve.

De maneira desengonçada e sem acreditar, meu corpo vai para trás no banheiro e eu sem querer tropeço, chegando perto da banheira. Minha cabeça gira enquanto ele entra fechando a porta. Eu estou ofegante sem realmente ter feito algo. Eu sei que estou pálida e meu coração não consegue se acalmar.

— Não. — Balanço a cabeça. — Você não está aqui, eu estou delirando.

Coloco as mãos no rosto e ainda posso ouvir seus passos na minha direção, mas, no fundo da minha mente, eu desejo estar alucinando.

— Olhe para mim — ele ordena com a mesma voz autoritária e perigosa de sempre. Tiro as mãos do rosto lentamente e olho para ele com as lágrimas já querendo me dominar. Quando vejo a lateral do seu rosto com uma cicatriz de queimadura, eu tenho total certeza de que não estou alucinando.

— Como você...

— Está vivo? — Ele abaixa as mãos tão rápido que eu não posso impedir o toque forte no meu rosto, fazendo-me ficar de pé. Sinto o cheiro de baunilha e quase vomito nele. — Eu achei você, sua puta.

— Não...

Ele me aperta mais forte e eu fecho os olhos querendo correr e me jogar da primeira janela que encontrar.

— Sim, sim, sim! — Ele ri descendo as mãos pelo meu corpo e eu bato nele tentando me afastar, mas claro que não é tão fácil. — Eu tive que sair do inferno para vir atrás de você.

— Bob. Me solta! — Não sei como, mas eu consigo empurrá-lo para trás e tentar correr para fora, mas a mão no meu cabelo me puxa e logo minhas costas estão no seu peito.

Desespero corre pelas minhas veias.

— Por que seu cabelo está grande? Você sabe que eu não gosto. — Ele o cheira e eu me debato em seus braços.

— Socorro! — grito alto apenas para ele pôr a mão a minha boca.

— Percebi que você se divertiu bastante enquanto eu estava fora, seu rosto está estampado em toda Nova York. — Fecho os olhos com as lágrimas escorrendo. Foi assim que ele me encontrou. — Dylan Venturelli, não? Espero que tenha se despedido, porque eu vim pegar você e não vou embora sem te levar comigo.

Eu já estou desesperada e depois dessa frase o sentimento se triplica. Grito de novo e faço de tudo para ele me soltar. Bagunço toda a sua camisa preta e tento pisar no seu pé. Bob apenas ri das minhas investidas e me cheira como se eu fosse um perfume. Eu odeio cada minuto!

— Bravinha do jeito que eu me lembro — ele diz, descendo a boca até o meu pescoço.

Mordo um dos seus dedos e ele me solta dando um gemido de dor. Corro até à porta, mas ele consegue me alcançar novamente. Dessa vez ele me coloca de frente, com socos sendo distribuídos em seu rosto.

— Seu filho da...

Paro de falar quando ele descarrega um tapa forte em meu rosto, calando-me. Olho para ele, que suspira, quase que de prazer. Eu coloco a mão no meu rosto, sentindo-o arder.

— Eu ainda tenho a sua camisola de seda e o sabonete de coco. Você lembra do nosso ritual? — Ele puxa meu vestido tentando me tirar dele e eu apenas nego, querendo sumir. — É bom que você lembre, você vai tirar o atraso que me deve.

Eu estou nas garras dele mais uma vez.

CAPÍTULO 31

Lisa Morris

*“Quando o mundo louco se tornar o inferno na
terra,
eu vou ser o seu amor”*

— SOCORRO! — grito quando ele menos espera e em troca sou prensada no espelho com força, isso faz o mesmo trincar atrás de mim. Bob parece afoito e frenético ao mexer no meu cabelo, eu sabia que ele não gostava de vê-lo assim.

— Você não mudou nada, só o seu corpo que está melhor do que antes. — Ele me toca e eu tento impedir. — Você deve estar uma delícia.

Ele abre um sorriso doentio e aperta minhas bochechas com a sua mão. Gemo de dor.

— Depois que Elisa morreu, eu procurei por você, sua estúpida, mas você já estava na faculdade vivendo sua vidinha patética. Eu fiquei muito irritado por não conseguir mais a sua guarda, Angel.

Ele passa a outra mão no meu cabelo e lágrimas de ódio começam a cair do meu rosto enquanto eu tento arquitetar um plano para sair dali. Todas as pessoas estão lá embaixo, então é óbvio que ninguém iria me escutar.

— Você é tão nojento, que me deixa doente — falo para ele, que aperta o maxilar, obviamente contrariado. Acho que nessa cabeça idiota ele pensa que é normal o que faz comigo. — Você fez sexo comigo durante meio ano, conseguiu o que queria, você deveria estar morto!

Bob empurra o seu corpo contra o meu, fazendo-me sentir sua ereção. Eu fecho os olhos com força. Automaticamente tento me desviar dela, mas ele me prende mais forte.

— Não me lembre do que aquela vadia da Elisa fez.

— Eu não sou a garota assustada de antes, Bob.

— Não? Então por que você está tremendo?

Ele ainda me olha antes da sua boca avançar para a minha e começa a me beijar violentamente. Aproveito o momento de distração e dou uma joelhada com toda minha força no meio das suas pernas. Ele grunhe alto com a dor o dominando. Ele se afasta minimamente, colocando as mãos em cima, e eu pego um vaso de vidro que há ali, aproveitando a chance para quebrar na cabeça dele, que cai no chão como o merda que é.

— Vai se foder!

— Eu vou atrás de você, sua vagabunda!

Ele grita antes de eu sair do banheiro. Rapidamente corro pelo corredor como se a minha vida dependesse disso e, de fato, depende, porque um maluco psicótico está atrás de mim, pois foder com a minha adolescência não foi suficiente para ele.

Desço as escadas com os olhos cheios de lágrimas e olho para frente, encontrando Dylan, que está no mesmo lugar de antes, conversando com a mulher. Corro em sua direção e o abraço apertado, interrompendo a conversa dos dois. Ele não entende no

início, mas me abraça forte, dizendo à mulher que conversariam depois.

Sei que ela foi embora e me afasto, olhando para ele. Seu cenho se franze e ele imediatamente toca no meu rosto.

— Quem fez isso com você? — Ele muda completamente ao ver a vermelhidão que minha bochecha deve estar.

— Eu... encontrei ele. — Aponto para cima ofegante. — Ele...

— Ele quem, Lisa? — Dylan pergunta irritado, tentando me entender.

— O Bob — digo com o último sopro de coragem que tenho para lidar com ele.

Dylan pisca surpreso e olha para cima antes de olhar para mim de novo. Acho que esse é o momento que ele pensa que eu estou delirando, mas assim que suas mãos me soltam, ele corre pela escada e eu sei que ele acredita em mim.

— Dylan! — grito e logo depois vou atrás quando ele não dá indício de parar. No corredor, eu vejo-o abrindo todas as portas como se estivesse checando. Eu me aproximo dele quando chegamos na porta do banheiro.

Dylan abre a porta com força e entra. Eu que estou prendendo a respiração, solto-a quando percebo que ele não está mais lá. Bob Davis se foi. Entro devagar, procurando mais a fundo e olho para ele, que está ofegante e com o cenho franzido.

— Ele estava aqui, ele me ameaçou e... disse coisas horríveis — falo a ele que suspira alto.

Seus olhos verdes encaram os cacos quebrados da jarra que quebrei na cabeça de Bob e logo depois ele desvia para o espelho trincado na parede. Ele olha para mim e avança para perto como um leão. Dylan me vira, mexendo na minha cabeça e eu resmungo, sentindo dor

quando ele toca na parte de trás. Viro-me em seguida e olho para os seus dedos, vendo sangue da minha cabeça no seu indicador.

Coloco a mão na boca, voltando a chorar. Logo ele me abraça em uma tentativa de me acalmar. Seguro-me nele como se fosse a única coisa no planeta que eu tenho. Seu ombro fica molhado e ele apenas sussurra palavras para me fazer parar de tremer.

Eu estou muito assustada, Bob deveria estar bem longe de mim. Eu pensei que ele tivesse sido morto naquele incêndio, eu lembro de ler sobre a autópsia e o legista confirmado que era ele! Mas obviamente eu estava errada.



Já no apartamento de Dylan, nós subimos para o seu andar e eu me sento no sofá, repassando tudo o que aconteceu anos atrás. Cada toque indesejado, cada tapa, cada ameaça, tudo isso provocado por aquele homem. Coloco as mãos no rosto e Dylan se senta ao meu lado no sofá, visivelmente preocupado.

Sua mão alisa minhas costas e eu acabo me assustando e me afastando dele rapidamente. Ele levanta as mãos, dizendo-me que está tudo bem. Eu engulo em seco antes de me aproximar dele lentamente de novo.

— Como ele...

— Eu não sei — respondo antes mesmo dele terminar a pergunta.

— O que ele disse para você?

Olho para baixo.

— Que vai me levar com ele. — Dylan me encara.

— Nunca.

— Ele ainda é obcecado, Dylan. Mas ele parece mil vezes mais perigoso do que antes, os olhos... sem vida nenhuma, a queimadura no rosto, ele me lembrou do ritual.

— Que ritual?

Esfrego meus dedos e Dylan agarra minhas mãos, juntando-as às suas.

— Ele só fazia aquilo comigo se eu estivesse usando uma camisola de seda, cabelo curto e cheirando a coco — digo. Pelo olhar de Dylan, ele está tão enjoado quanto eu.

— Doente desgraçado. — Ele põe as mãos no meu rosto e balança a cabeça. — Vamos descobrir tudo, ok? Não vou parar até pô-lo na cadeia.

Concordo com a cabeça e ele se aproxima beijando minha testa. Dylan se levanta em seguida, caminhando para longe. Eu apenas encaro meus braços, que doem pela força que Bob usou na minha pele. Quando ele volta, eu vejo o celular perto do seu ouvido e uma compressa de gelo na outra.

Ele se senta ao meu lado de novo e eu vou pegar a compressa da sua mão, mas ele a afasta, pondo-a no meu rosto. Deixo que ele cuide de mim e fico encarando seu rosto em silêncio enquanto fala por telefone.

— Não, Eduardo. Eu quero tudo, quero saber de tudo, quero saber o horário que ele vai ao banheiro e o horário que come a merda do jantar.

Ele olha para a minha bochecha antes de pôr a compressa novamente, olhando nos meus olhos.

— Ele deveria estar morto, mas está vivo. — Ele desvia o olhar para os meus braços. — É claro que eu suspeito, o filho da puta deve ter subornado o legista.

Engulo em seco.

— Ele apareceu para Lisa hoje e eu preciso me garantir que ele não faça isso nunca mais — Dylan

continua falando por telefone até que eu me assusto quando ele se levanta gritando e jogando a compressa no sofá.

— Eu não quero saber, porra! Eu vou mandar aquele bastardo para a cova que ele deveria estar e se você não me trazer essa merda de papelada em dois dias, eu juro que vou tirar tudo o que você tem. — Ele desliga a chamada com os ombros tensos e logo depois eu prendo a respiração, quando ele joga o celular na parede mais próxima. O aparelho se quebra em um milhão de pedaços.

Fecho os olhos por alguns segundos e o encaro de novo. Vejo suas mãos na sua cintura, a respiração descompassada com a cabeça baixa.

— Você não vai andar sozinha, não vai falar com estranhos e vai se mudar para cá — ele diz de costas para mim e eu junto meus joelhos perto do rosto.

— Mas...

— Não estou pedindo, estou mandando. — Ele caminha para frente, indo até o mini bar e se servindo uma dose consideravelmente grande.

— Emily e Jon vão questionar isso, Dylan.

— Que se foda.

— Pare com isso.

— Não! — Ele me encara e eu pisco quando ele se aproxima com passos duros, ficando na altura do meu rosto. — Tem um lunático atrás de você, Lisa. Pedir para eu parar é tão inútil quanto pedir para você não ficar com medo.

Não falo nada. Dylan se ajeita bebendo o whiskey e depois coloca-o na mesinha de centro, tirando o paletó e a gravata. Ele esfrega o rosto e depois o cabelo. Está um completo silêncio na sala de estar.

— Eu vou contratar seguranças para você, vou cancelar toda entrevista, viagem ou evento que teríamos nos próximos meses e você ficará aqui comigo.

Ele bebe novamente e agora de uma vez. Dylan põe o copo na mesinha e olha para cima de olhos fechados.

— Eu preciso fazer ligações e colocar gente atrás dele. — Seu rosto se desvia para a biblioteca quando ele entende que não vou falar nada. Dylan suspira novamente e eu vejo quando ele entra na biblioteca batendo a porta com força, deixando-me sozinha na escura sala de estar.

Choro mais uma vez naquela noite, mas dessa vez é por um vazio dentro do peito e a esquisita sensação de que muita coisa ainda me espera. Nada no mundo pode me fazer abandonar essa sensação.

Subo para o quarto, não querendo ficar ali sozinha. De vez em quando eu escuto os gritos de Dylan no quarto. Visto-me com uma camisa dele depois do banho e me deito na cama me cobrindo por inteira. Olho para a lua através da vidraça e respiro fundo pensando em quando esse pesadelo vai me abandonar. Eu não acredito que ele esteve escondido todo esse tempo.

Meu corpo vai amolecendo no colchão e por um momento me sinto com mais de cem quilos nas costas. Estou exausta. Fecho os olhos tentando descansar, mas eu sei que sonharia com ele e teria outra noite aterrorizante, como tive na noite em que fiquei encolhida no chão desse mesmo quarto.

E mesmo assim eu durmo em meio aos lençóis brancos.

Só acordo pela madrugada com o pesadelo na minha mente e minhas mãos machucadas por causa das minhas unhas que feriram minha palma. Sento-me ofegante e procuro por Dylan, mas ele não está ao meu lado. Respiro fundo passando as mãos no meu cabelo e me sirvo um copo de água da jarra ao meu lado.

Bebo em longos goles e cubro minhas pernas que estão à mostra. Ouço a porta do quarto sendo aberta e

olho para ela lentamente, com a postura aflita ao pensar que poderia ser Bob, mas a minha paranoia morre ao ver Dylan passando por ela somente com a calça social e o rosto cansado.

Ele me vê acordada e joga a camisa, que está no seu ombro, direto no chão. Ele tira os sapatos e anda na minha direção até subir na cama. Observo suas ações e um sorrisinho pequeno sai dos meus lábios quando ele enterra o rosto no meio da cama relaxando os músculos.

— Me desculpe — diz ele.

— Pelo quê?

— Por ter deixado você sozinha lá embaixo. — Ele me olha. — Eu não consigo pensar no quão difícil isso está sendo para você.

Deixo o copo onde estava anteriormente e o chamo com a mão. Dylan se aproxima com a expressão neutra e se deita ao meu lado, puxando-me para o seu peito. Encosto-me nele beijando sua bochecha e fecho os olhos por alguns segundos.

— Só esteja aqui quando eu acordar.

— Não vou a lugar nenhum.

Passo o resto da madrugada sem pesadelos e consigo descansar o que é necessário para pelo menos não parecer um zumbi vagando pela terra. De manhã, Dylan está ao meu lado na cama e eu deixo-o descansar, indo direto para o banheiro tomar uma ducha. Quando termino, não o vejo mais deitado e em lugar nenhum.

Arrumo-me com algumas peças que eu tinha deixado no seu apartamento e sigo pelo corredor, mandando uma mensagem para Emily e Jon dizendo que preciso muito conversar com os dois. Tomei a decisão de que iria contar a eles tudo o que aconteceu, não incluindo detalhes sórdidos, mas sim o suficiente para eles entenderem o que eu passei. Eu não posso arriscá-los por aí, Bob é imprevisível e de jeito nenhum eu vou deixar meus amigos expostos a algum perigo por minha

causa, então não posso protegê-los sem contar o que diabos está acontecendo.

Desço as escadas pondo o celular no bolso do short jeans e cruzo os braços em cima da camiseta branca. Meus pés estão descalços, então não fazem barulho. Quando chego na cozinha, deparo-me com quase dez homens de terno me olhando de volta, como se eu fosse a nova atração do circo.

No meio deles, eu vejo Bryant e Dylan conversando entre si no cantinho da cozinha. O motorista nota minha presença primeiro e aponta para mim com a cabeça, fazendo-o me olhar. Encaro os demais que ainda estão me olhando e eu não tenho outra saída a não ser simpática, por mais que ache estranho tudo isso de homem aqui dentro.

— Bom dia — saúdo com a cabeça e eles fazem o mesmo. Dylan passa no meio, vindo na minha direção. Eu toco nos seus braços quando ele me dá um selinho rápido.

— Bom dia — ele diz. Sua roupa está diferente e o cheiro gostoso que vem dele denuncia um banho.

— O que está acontecendo? Está montando uma *boy band*?

— Essa *boy band* é sua — responde.

Faço uma careta.

— Não gosto muito de cantar, mas obrigada.

— São seus seguranças, Lisa.

Preciso me segurar nele para não tropeçar no meu próprio pé e eu não estou andando agora.

— Sete? SETE?!

— Oito, se contar Bryant.

— Meu Deus, você pirou. — Dou um peteleco na sua testa e ele pisca várias vezes sussurrando um “*Ouch*”.

— É necessário, você andar com todos eles.

Olho para os seguranças, todos de terno com equipamento de segurança saindo até pelo... enfim.

— Não acha que vai ser estranho eu caminhar pela cidade com sete marmanjos atrás de mim? Isso deveria ser discreto — digo e ele aperta os lábios.

— Eu não me importo.

— Dylan, você não está pensando. Se a imprensa vir uma coisa dessas, vai despertar o resto da curiosidade dela em nós dois e aí você vai ter outro problema para lidar.

Ele cruza os braços visivelmente contrariado.

— O que você sugere?

Coloco as mãos na cintura e suspiro.

— Dois seguranças apenas.

— Nem fodendo.

— Ok, que tal dois seguranças? — tento de novo.

Ele semicerra os olhos e olha para Bryant como se buscasse conselhos do motorista.

— Você terá dois seguranças, mas... — Ele levanta um dedo. — Vai usar um negocinho.

— O quê? — Franzo o cenho.

— Decidido. — Dylan bate uma palma e olha para os outros na cozinha, que param de falar entre si para encará-lo. — Vou ficar apenas com dois, que são os mais recomendados pela empresa.

Dylan aponta para dois no meio do grupo e eu os vejo se aproximando com passos firmes para a frente. Levanto uma sobrancelha ao perceber que eles são gêmeos idênticos. Só espero que o nome não seja tão igual também.

O restante que está na cozinha é escoltado para fora por Bryant, que os guia para o elevador. Fiquei na cozinha com os meus novos seguranças e Dylan, que me leva para perto deles.

— Estes são Jotta P e P Jotta. — Ele aponta para os irmãos e eu pisco, rezando para nunca me confundir.

Ambos são negros, com o cabelo cortado no estilo militar, bombados e com uma marca bonitinha na testa, acho que é sinal de nascença. Dylan tem uma dessas em formato de ancora, assim como Adam, e ainda é exatamente no mesmo lugar.

— Oi. — Dou um sorriso pequeno. Eles apenas acenam profissionalmente.

— Se dirijam a Bryant, ele dará o resto do equipamento e vocês a acompanharão para onde ela for.

— Eu... — Olho para Dylan. — Irei para o meu apartamento em vinte minutos.

— Por quê?

— Vou conversar com Jon e com Emily — digo e ele franze o cenho encarando meus olhos. Parece que ele tem a resposta, porque logo entende. Ele concorda e logo em seguida dispensa os seguranças, deixando-nos sozinhos.

— Vai mesmo fazer isso? — pergunta colocando as mãos na minha cintura.

— Não acha uma boa ideia?

— Você quem tem que achar isso, qualquer decisão sua terá meu apoio. — Ele sobe as mãos pela lateral do meu corpo e eu estremeço quando chega no meu pescoço.

— Eu amo essa versão do Dylan sensível e amoroso. — Beijo seus lábios com um sorrisinho besta.

— Só você tem acesso a ele. — Ele me dá um tapinha na bunda e depois me puxa para sentar na mesa posta com o café da manhã. Eu não tinha notado ele ali antes. — Aproveite e pegue alguns pertences pessoais para deixar aqui.

Cerca de vinte e três minutos depois, eu estou saindo do apartamento com Pj e Jp grudados nas minhas costas. Dylan tinha designado um carro para me locomover e um dos dois gêmeos iria dirigir agora. No banco de trás, eu repasso mentalmente tudo o que

falaria para meus amigos. Limpo as mãos na minha camiseta quando me dou conta de que estou suando.

Saímos do carro quando ele para. Os dois me escoltam para dentro sendo atenciosos comigo. Aceno para o porteiro, que me reconhece rapidamente. Subimos pelo elevador em um silêncio estranho. Andamos no corredor e eu ia pôr a minha chave na porta, quando sinto a mão no meu ombro, puxando-me para trás. Um deles me segura e o outro bate na porta duas vezes antes de colocar a mão na cintura, onde a arma está sendo carregada.

Meus olhos quase saem da face.

A porta se abre e eu vejo o sorridente rosto de Jon, que vai sumindo quando ele encara dois desconhecidos na frente dele.

— Minha nossa, já é Natal? — ele pergunta com o ar divertido e eu posso ver a interrogação na cabeça de cada um.

— Ele é meu amigo. — Solto-me dos braços que me seguram e ando até Jon, que me abraça de volta quando o faço. — Oi.

— Oi... o que está acontecendo?

— Vamos entrar — peço e ele concorda, levando-me para a sala de estar, que é onde Emily está sentada com pantufas rosas e um copo de whiskey. Seu sorriso aparece e logo depois morre ao ver os seguranças entrando e olhando tudo de forma minuciosa. Um deles fala por código e sai andando pelos quartos e banheiro.

— O que... oh, meu Deus! — Emily corre para o banheiro quando vê o cara afastando peças de roupas no chão, checando. — Não pise nisso! É a lingerie mais cara que tenho.

Ela junta do chão e ele acena se desculpando. Jp, ou Pj, volta-se para o lado do irmão. Eles trocam poucas palavras antes de um deles sair do apartamento, enquanto o outro se mantém no lugar, pondo as mãos na

frente do corpo e olhando para frente como um soldado da Inglaterra.

— Mas o que diabos é isso? Dylan ficou louco de vez? — Jon pergunta me encarando. Suspiro.

— São meus seguranças.

— E são lindos — Emy sussurra perto dele, que apenas olha para frente.

— Não comece a dar em cima do Jp, Emily — digo.

— Sou o Pj, senhora — ele me informa e eu dou um sorrisinho sem graça.

— Certo, poderiam esperar do lado de fora? Eu quero ter uma conversa em particular — peço e ele meneia a cabeça parecendo contrariado. — Por favor, não irá demorar muito.

— Ok, eu estou ficando preocupado. — As sobancelhas de Jon se juntam.

— Eu tenho ordens explícitas de não deixar você a sós com ninguém além do senhor Venturelli.

— Ei. — Emy estala os dedos pegando a atenção dele. — Saia do meu apartamento.

Ela cruza os braços na frente dele, que olha para o seu corpo minúsculo comparado ao seu. Posso jurar que vejo um sorrisinho de canto nos lábios dele. Sua atitude parece diverti-lo.

— Eu não posso fazer...

— Se você não fizer isso, eu juro que vou jogar uma frigideira na sua cabeça e te amarrar na minha cama — ela diz séria antes de dar um sorrisinho de lado. Jp parece surpreso ao arregalar os olhos e logo se recompõe.

— Prometo que será rápido, pode esperar com Pj lá fora — digo a ele, que suspira concordando. Ele traz a lapela do terno para perto da boca e fala algumas coisas antes de sair.

Sento-me na mesinha de centro com Emily e Jon no sofá à minha frente. Esfrego os dedos sob olhares curiosos e impacientes. Tenho que respirar duas vezes antes de começar a contar.

— Agora me diga: o que está acontecendo e por que você tem seguranças gostosos agora? — Emy pergunta.

— Vocês se lembram do Bob? — Os dois piscam confusos por segundos antes de parecer lembrar.

— Bob Davis? Eu odiava aquele idiota, sempre me chamando de bichinha na frente dos meus pais. — Jon revira os olhos.

— Ele era marido de Elisa. O que tem ele? — Emy meneia a cabeça.

Encaro-a de um jeito como se eu pudesse perfurá-la. Conto para os dois exatamente tudo o que aconteceu quando eu tinha dezessete anos. Conforme as palavras vão saindo da minha boca, a dor é palpável no meu tom de voz. Emy está em estado de choque, parecendo até uma rocha. Jon está com os olhos marejados, apertando os dedos, como se escutar o que eu digo doesse fisicamente nele.

Depois de contar tudo a eles e o choque permanecer pelo que parece uma eternidade, eu vejo Jon levando as mãos para o rosto e Emily avançar para cima de mim, dando-me o abraço mais apertado que já me deu. Naquele momento eu me arrependo de nunca ter contado isso a eles. O resto do peso que ressoa nas minhas costas vai me deixando a cada choro e palavra de conforto que aparece nos minutos seguintes. Emily me abraça forte e Jon beija meu rosto dizendo que sentia muito.

Eu sinto também.

— Meu Deus! Eu sinto muito, Lisa. Eu não acredito que nunca percebi ou...

— Você não tinha como saber, Emy. Eu fui obrigada a esconder tudo e manipulada em todos os sentidos.

— Aquele filho da puta. — Jon enxuga as lágrimas. — Droga.

— Eu não podia contar, ele ameaçou vocês dois se eu fizesse e eu juro por Deus, Emy, ele faria o que fosse preciso para me atingir — digo sentada no sofá em meio aos dois.

— Isso acabou quando você estava na faculdade?

— Sim, eu pude sair da nossa cidade e ficar livre dele. Semanas depois, nós recebemos a notícia de que...

— Ele tinha morrido em um incêndio com Elisa — Emy completa e eu aceno.

— Céus. — Jon balança a cabeça chocado.

— Como aquele idiota teve coragem de fazer isso? Eu quero cortar aquele pinto fora e dar para ele comer — ela diz irritada.

— Tudo isso durou nos nossos últimos meses na escola e eu fiz de tudo para esconder até o final do ano letivo. — Engulo em seco. — Eu pensei que passaria rápido e poderia esquecer toda aquela merda, mas eu não tinha noção de nada.

Os dois seguram as minhas mãos.

— Ele batia em você? — Jon pergunta.

— Mais do que você imagina — respondo. — Ele também machucava Elisa enquanto ela estava dormindo, quando eu me recusava a fazer algo que ele queria.

— Oh, meu Deus, eu vou vomitar. — Jon fecha os olhos. — Desgraçado.

Olho para Emily, que parece pensativa ao encarar a televisão. Logo depois ela olha para mim.

— Uma vez eu vi seu braço roxo, mas a blusa era de manga, então conseguia esconder. Eu fui abraçar você, levantei a blusa sem que você percebesse e vi

aquele negócio horrível no seu braço. Você me disse que tinha batido sem querer. Era ele, não era?

Aceno confirmando e segurando as lágrimas.

— Por um momento, eu pensei em contar a vocês o que estava acontecendo, mas minha mente sempre me dizia que eu iria encontrá-los mortos no dia seguinte. Meu psicológico era aterrorizado e ainda é. — Jon enxuga minha lágrima solitária.

— Você não precisa se explicar, nunca.

— Ele está certo, estamos aqui com você. — Emily me abraça de lado e eu suspiro me sentindo exposta, mas estranhamente confortável perto dos dois. Meu segredo tinha finalmente saído do baú.

— Mas espera. — Jon franze o cenho. — Isso ainda não explica os seguranças.

Aperto o maxilar.

— Ele não morreu — digo e eles arregalam os olhos.

— Não...? — Emy já está negando antes mesmo de eu falar.

— O encontrei naquele baile beneficente e ele disse que viria atrás de mim.

— Mas nem pelo inferno.

— Por isso a segurança, porra. — Emy põe as mãos na boca.

— Me diga que Dylan está pondo gente atrás desse estúpido — Jon pede e eu concordo.

— Ele está pondo meio mundo. — Eles parecem aliviados. — Mas Bob é tão...

Eles me encaram, esperando-me terminar.

— Eu vi de perto o que ele pode fazer, ele controla, usa e manipula as pessoas quando quer algo. Não acho que será tão simples — digo com a expressão preocupada. — E, para piorar, ele é dado como morto, ninguém consegue achá-lo.

— A polícia, você precisa ir à polícia — Emy diz.

— Ela está envolvida, mas Dylan contratou outra gente por fora só para garantir — digo sem saber muito.

— Vão achar ele, Lisa. E ele vai para a cadeia ter a sentença de morte — Jon me tranquiliza e eu concordo abraçando os dois.

— Só peço que não andem sozinhos por aí até ele ser pego, tudo bem?

— Claro — eles falam ao mesmo tempo.

Escutamos o barulho da porta e em seguida vemos os gêmeos entrando com uma caixa branca de papelão na mão. Eles se aproximam sorrateiramente, pondo a caixa em cima da mesinha de centro.

— Desculpe atrapalhar, isso foi deixado aqui pelo porteiro — Jp diz e eu franzo o cenho me ajeitando no sofá. — Nós iremos abrir primeiro, senhorita.

Confirmo e ele pega na tampa da caixa com o irmão levando as mãos para cintura. Olho para dentro e eu mesma tiro alguns papéis picados de cima, sem conseguir me segurar. Vejo um envelope amarelo e uma tesoura de cortar cabelo. Eu gelo na mesma hora.

— Uma tesoura? — Jon levanta uma sobrancelha.

— Quem mandou isso? — Emily pergunta tirando a tesoura das minhas mãos.

— Eu acho que... — Engulo em seco, abrindo o envelope. Respiro fundo antes de tirar tudo o que tem lá dentro.

A primeira coisa que noto é uma cópia de um e-mail anônimo enviado para alguns jornais da cidade. Minha boca vai secando quando eu leio cada palavra que diz com todas as letras que eu estou em um relacionamento falso com o CEO mais famoso de Nova York.

Oh, meu Deus, Bob está espalhando toda essa merda pela cidade.

Emily pega o papel da minha mão quando me vê tremendo. Ela lê junto a Jon. Olho para a caixa de novo e

franzo o cenho ao ver uma minicâmera ligada lá dentro. Resgato-a de lá e viro o aparelho algumas vezes até notar que tem um vídeo na tela. Sem pensar duas vezes, eu clico.

“Ele não é meu noivo de verdade e você sabe, em alguns meses isso acaba”.

Minha voz ecoa na sala e eu pisco surpresa me assistindo de um ângulo como se a câmera que me gravasse estivesse escondida. Dá para enxergar o meu rosto e logo o de Emily, que aparece na minha frente. Coloco a mão na boca quando percebo que é o nosso apartamento e que isso aconteceu há meses!

— Merda! — Emy xinga e eu deixo a câmera cair no tapete, levantando-me em seguida.

— Dylan, chame Dylan. — Aponto para Jp, que me vê afoita e logo acata minha ordem.

— Porra, isso... ele sabe de tudo — Emy está tão chocada quanto eu.

— Há câmeras aqui, ele está monitorando tudo o que você faz. — Jon se levanta, pegando a câmera do chão. Ele olha para o vídeo, andando pela sala e parecendo procurar de onde ela vem.

— Ele me achou há meses! Por que só agora? — Esfrego as mãos no cabelo.

— Lisa. — Emy me olha assustada. — Ao que tudo indica, ele sempre teve um plano.

Pisco mais atordoada que antes e vejo Jp voltando para a sala de estar em um acenar positivo de cabeça. Olho para o sofá, vendo o envelope, e me aproximo novamente até virá-lo de cabeça para baixo. Quatro fotos acabam caindo no chão e eu me abaixo para buscá-las.

Viro cada uma e quase tenho um infarto com o que eu vejo na primeira. Trata-se de Emily usando a mesma roupa que está agora e andando pelo central Park com um caderno na mão.

— Meu Deus... — sussurro e ela se levanta vindo para perto. Emily fala um palavrão ao se ver na foto e a arranca de mim.

— Isso foi tirado de manhã — ela sussurra.

Vejo a próxima e arregalo os olhos ao perceber que ela está com Caleb e os dois estão fazendo sexo. Ela se aproxima de mim e põe as mãos na boca, quase caindo para o lado. Viro a foto procurando por algo a mais e leio a frase que está estampada.

— Não brinque comigo — leio em voz alta e Jon se aproxima. Pego a primeira foto da mão de Emy que também tem uma mensagem. — Tenho controle de tudo.

— Lisa... — Ela tira suas fotos da minha mão, analisando-as, e engole em seco.

As outras duas são de Jon na academia e a outra abraçado a Josh em algum restaurante. Ele olha para elas e depois me encara visivelmente preocupado. Em suas fotos também há mensagens, que eu leio em voz alta novamente.

— Estou de olho em você. — Engulo em seco lendo a última. — Espere por mim, *Angel*.

Olho para frente, dando as fotos para Jon, que as observa em silêncio. Emily faz o mesmo. Ando pelo apartamento sabendo que há câmeras e escutas por todo esse lugar.

— Não...

Esfrego os dedos antes de abraçar a mim mesma.

— Me deixa em paz! — grito com a voz embargada e olho para os lados.

Meus joelhos enfraqueceram e eu caio no tapete com o rosto cheio de aflição e medo.

— Por favor... me deixa em paz — sussurro rezando para ele ter piedade e compaixão, mas homens como Bob Davis não podem entender isso.



Eu balanço minhas pernas freneticamente e inquieta no meu lugar. Eu estou esperando em silêncio enquanto Jon e Emy estão do outro lado da sala de estar me encarando com pesar. Eu odeio aquele olhar, mas não posso culpá-los, minha vida está fodida.

— Lisa!

Ouvimos a porta ser aberta e Dylan passar por ela com a sua "ganguê". Mas o que é composto por quatro, está só com dois. Dylan passa primeiro e logo depois vem Adam, também afoito, assim como o irmão.

Levanto-me e vou até Dylan, que me abraça apertado e beija castamente.

— O que aconteceu? Você está bem? — Ele passa as mãos pelos meus braços e eu aceno concordando.

— Olá, Adam — cumprimento e ele acena com um sorriso pequeno.

— Ele teve que me trazer — Dylan explica e eu olho para o loiro, que dá de ombros.

— Não podia deixar ele dirigir do jeito que estava quando desligou o celular — explica. — Ele estava pálido.

— Se fosse a sua garota, você entenderia — Dylan rebate.

— Droga, eu sabia que não deveria ter dirigido tão rápido, a culpa é minha por você ter batido a cabeça sem querer, agora está fantasiando aí — Tinker lamenta.

— Me conte o que aconteceu. — Dylan desvia o olhar para me encarar e eu começo a contar tudo a ele junto à Emily e Jon, que completam a minha versão. Dylan parece surpreso e me conforta, pedindo para

Adam resolver. O loiro faz uma breve ligação pelo celular do meu namorado.

Cerca de trinta minutos depois e algumas xicaras de café, Adam recepciona dois homens de jaquetas pretas e calças jeans. Os dois seguram maletas, passando pela inspeção de Jp e Pj, que checam se eles estão armados ou não. Eles passam no teste, cumprimentando os irmãos Venturelli. Dylan acena para eles começarem.

Sem entender nada, eu me aproximo de Dylan, que está sentado no banquinho da cozinha. Dou a ele minha xicara de café preto, mas ele nega na mesma hora.

— Eu não gosto — ele diz e eu franzo o cenho

— O quê? — Olho para a bebida e depois suspiro me lembrando que ele não gosta de café preto. — É verdade, desculpa.

Faço uma expressão cansada e ele me puxa pelos braços até me manter no meio de suas pernas. Dylan beija minha têmpora carinhosamente.

— Eu odeio ver você assim — ele sussurra. — Você nunca erra sobre o meu café.

Dou um sorriso pequeno.

— Vou tentar ser uma secretária mais eficiente na próxima — digo e ele passa as mãos pelo meu cabelo. — Quem são eles?

— Amigos. Vão tirar as escutas e câmeras daqui.

— Eu estou preocupada com Jon e Emily. — Olho para ele.

— Não fique, vou colocar seguranças para cuidarem deles, tudo bem? — Ele levanta meu queixo e eu concordo piscando lentamente.

— Faria isso?

— O que eu não faria por você? Tente procurar a resposta e falhe, senhorita Morris.

Ele me dá um selinho em seguida e eu suspiro novamente.

— Adam sabe?

— Não, ele só sabe que tem um homem ruim atrás de você — ele me tranquiliza.

— Então, acharam alguma coisa? — Adam pergunta olhando para eles, que aparecem na sala novamente.

Os dois acenam e colocam alguns objetos na mesa, que mais parecem botões de tão pequenos. O homem alto e de olhos pretos, que parece ser o líder deles, começa a falar.

— Estava cheio de escutas no seu quarto. — Ele aponta para mim. — Duas microcâmeras estavam na cômoda e a outra no banheiro de frente para o box.

Emy arregala os olhos e eu continuo olhando para ele.

— No seu quarto. — Ele aponta para Emy. — Tinham duas escutas, mas sem câmeras.

— Na parte da sala havia apenas uma câmera e uma escuta muito bem escondida dentro daquilo. — Ele aponta para o meu potinho.

— Meu potinho? — pergunto.

— Sim. Se foi mesmo esse tal homem que instalou todas essas coisas aqui, eu afirmo com total certeza de que ele sabia o que estava fazendo Trabalho nesse ramo há anos e é muito difícil essas coisas passarem por mim, mas pela primeira vez eu fiquei impressionado com a perfeição que as coisas foram escondidas — ele diz e Dylan me abraça por trás.

— Senhor Venturelli, vamos conseguir as câmeras de segurança do prédio e tentar descobrir alguma coisa.

Dylan assente e eles se despedem, saindo pela porta rapidamente como se nem estivessem parados ali alguns segundos atrás.

— Você vai sair daqui. — Olho para Emily, que acena. — Pode ficar conosco...

— Eu vou ficar algumas semanas com Rubi — ela diz. — É perto do meu trabalho e ela não vai fazer muitas perguntas.

— Um segurança ficará com você — Dylan fala para ela, que apenas diz que sim. — Você também, Jonathan.

CAPÍTULO 32

Lisa Morris

*“E através de toda a preocupação,
ainda ouço sua voz”*

Já faz uma semana desde que eu saí do meu apartamento e vim morar com Dylan na fortaleza que ele se esconde. Tudo aparenta estar tranquilo ao nosso redor e os boatos do relacionamento falso tinham perdido as forças. Estamos fora de sites e jornais, porque tornamos nossa vida privada e sumimos, quase não saímos de casa enquanto a busca por Bob está a todo vapor e as coisas estão ficando tensas por causa disso.

Ficar trancafiada dentro de um apartamento é quase um castigo. Mesmo morando com um gostoso e Deus do sexo, às vezes eu fico estressada, mas logo me lembro porque estamos fazendo isso.

Minha menstruação desceu nessa semana, mas já se foi graças, a Deus. Eu comecei a tomar anticoncepcional para evitar uma surpresinha que possa vir.

Emy está morando com Rubi em um apartamento superseguro, deixando-me bem aliviada. Nós três sempre nos ligamos por vídeo e conversamos sobre coisas extremamente aleatórias. Jon passa a semana trabalhando longe e quando volta está sempre escoltado por um segurança que Dylan designou para ele. Claro que muitas, muitas perguntas estão sendo

feitas por pessoas ao nosso redor e desculpas são ditas toda hora.

Não tive mais nenhuma notícia de Bob, ele simplesmente evaporou com os joguinhos idiotas dele, mas isso não está me cheirando bem. Bob é um estúpido compulsivo e eu sei que ele está planejando alguma coisa.

O detetive de Dylan não achou absolutamente nada sobre o caso do incêndio de anos atrás e, para polícia, Bob está morto, um verdadeiro fantasma. Só o que sabemos é que seu corpo foi cremado e que muito provavelmente ele subornou o legista, que morreu ano passado de câncer, para colocar outro corpo no lugar.

Só piorando a situação.

— Senhor Venturelli, os seguranças já estão em suas posições — diz Bryant, girando o volante da BMW enquanto nos olha pelo retrovisor.

Estamos no carro a caminho da empresa para mais um dia de trabalho. Dylan está ao meu lado lendo algo super entediante e eu estou contando as árvores que passam pelo caminho.

— Certo — ele responde e eu sinto seu olhar no meu rosto. Encaro-lhe de volta quando ele se aproxima e passa os dedos em meu rosto. — O que acha de jantarmos fora hoje?

Eu acho que começo a brilhar.

— Sério? — Não consigo conter o sorriso e ele dá de ombros.

— Eu fecho o restaurante para nós dois.

— Sim, sim, sim! — Dou pulinhos no banco e ele ri antes de eu beijá-lo com euforia.

— Isso... — ele sussurra beijando meu rosto. — Sorria para mim, baby.

— Sempre, senhor Venturelli. — Beijo-lhe de novo com o corpo quente de felicidade.

— Eu tenho uma reunião às cinco da tarde, quando eu acabar passo na empresa para pegá-la.

— Tudo bem, você quer que faça algo antes?

Ele dá um sorriso malicioso e eu reviro os olhos.

— Eu vou manter minha peça íntima no lugar — aviso.

— Porra — ele finge reclamar e eu acabo rindo assim que o carro para na frente da empresa. Saímos veículo e eu aceno para Jp e Pj, que estão com as mãos na frente do corpo, esperando por nós. Dou bom dia e seguimos para o andar da presidência.

Nas primeiras horas da manhã, eu passo a agenda de Dylan e todos os seus compromissos do dia, até vamos à uma reunião, no prédio mesmo, e eu sempre olho para trás, vendo os gêmeos com os olhos grudados em mim. Às vezes, é sufocante tê-los eles sempre no meu pé, mas é por um bom motivo.

Depois do almoço, Dylan sai, e eu sei que ele só voltará de noite. Mexo no meu celular, mandando uma mensagem no grupo que tenho com as meninas. Susie pede para marcarmos um almoço e Rubi apoia. Emily dá para trás a cada convite e eu sei que ela só está tentando me dar apoio, porque eu não posso circular pela cidade como se nada estivesse acontecendo. Respiro fundo, desligando o celular, e o jogo dentro da gaveta.

Brinco com um clipe enquanto mexo no computador e ouço uma conversa do lado de fora. Olho pela porta, vendo Jp conversando com um homem alto de boné e uma camiseta preta. Ele está segurando uma caixa de papelão e diz que tem uma entrega.

Jp não está convicto em deixá-lo entrar até que eu autorize. Faço sinal para o homem se aproximar e ele passa pela porta dando um riso falso para Jp.

— Em que posso ajudar?

Ele para na minha frente e pega um cartão que está em cima da caixa.

— Você é Lisa Morris?

— Sim, sou eu. — Franço o cenho, pois as encomendas sempre são no nome de Dylan.

— Tenho essa entrega para você.

Ele coloca a caixa na minha mesa e dá de costas, indo embora enquanto eu leio o cartão. Desisto depois de perceber que não está escrito absolutamente nada. Pj me encara estranho enquanto eu corto a fita adesiva e abro a porra da caixa com a tesoura. Ela está cheia de bolinhas de isopor, o que dificulta eu pegar o que quer que seja que tem aqui dentro. Sinto algo diferente e o puxo para cima com um sorriso por ter conseguido.

Assim que olho exatamente para o que é, eu congelo. Meu sorriso morre e apenas uma angústia me sobe, como se fosse vomitar.

Jogo aquilo para longe e acabo derrubando tudo no chão. Jp entra na sala e franze o cenho, vendo-me assustada e ofegante.

— O que houve? — ele pergunta olhando para o chão.

— Eu não sei, ela apenas abriu a caixa e a jogou longe segundos depois — Pj explica com as mãos na frente do corpo.

— Tirem isso daqui! — Minha voz sai mais alta do que o planejado, enquanto eu aponto para a ridícula camisola de seda que eu sempre fui obrigada a usar.

— Tem certeza, senhorita? — Pj pergunta e eu aperto o maxilar.

— TIRA DAQUI! — grito e Jp pega a caixa rapidamente, entregando na mão do irmão, que sai pela porta. Ele se aproxima de mim, checando se estou bem, e eu só balanço a cabeça atordoada.

Eu não acredito que ele guardou essa peça de roupa. Filho da puta.

— Eu vou atrás do entregador. Pj está do lado de fora e...

— Não! — impeço. — Você não vai achar nada, é melhor ficar aqui.

Ele concorda, relaxando os ombros, e depois sai da sala, deixando-me sozinha com bolinhas de isopor em volta da minha mesa. Nunca pensei que veria aquela merda de novo, deveria estar queimada, destruída e no fundo dos infernos, assim como Bob Davis e seus malditos olhos pretos cheio de escuridão.

As horas se passam e nesse meio tempo eu recebo uma ligação de Emy dizendo que tinha brigado com Caleb e os dois não estão mais se falando. Caleb quer um relacionamento com ela, mas minha amiga não quer um namorado agora e talvez até pelos próximos anos.

Continuo fazendo meu trabalho e acabo indo na sala de Adam duas vezes para entregar a ele alguns documentos que eu havia esquecido de entregar mais cedo.

Olho no relógio da parede e já são 18:30. Vejo a cabeça de Pj na porta e espero ele falar.

— O carro espera por você lá fora — ele diz e eu franzo o cenho.

— Dylan chegou?

— Acabei de falar com ele por telefone.

— Porque ele não me... — Paro de falar ao lembrar que tinha jogado meu celular na gaveta. Tiro ele de lá enquanto junto minhas coisas, guardando-as na bolsa, e o ligo a caminho do elevador com os dois seguranças me guiando.

As portas se abrem liberando o saguão e caminhamos com os meus olhos procurando pelo carro. Minhas sobrancelhas se juntam quando não vejo nada e rapidamente mando uma mensagem para ele.

“Onde você está? Estou do lado de fora”

Paramos na calçada com o trânsito a todo vapor. Continuo procurando a merda do carro.

“Como assim? Do que está falando?”

Assim que termino de ler a mensagem dele, meu coração quase sai da boca. Levanto a cabeça lentamente, olhando para Pj, que me encara de volta com um olhar que faz meu corpo inteiro se arrepiar.

— Cadê o carro, Pj? — seu irmão pergunta olhando em volta e depois olha para o irmão, que dá um sorrisinho de lado.

— Não tem carro — ele diz e eu dou passos para trás começando a entender o que está acontecendo.

— Não... — sussurro virando os calcanhares, correndo de volta para dentro da empresa, mas a mão forte no meu cabelo me faz voltar e minhas costas colidem no peito de Pj, que tira a arma da cintura, apontando-a para o irmão, que surpreso, faz o mesmo.

— O que você está fazendo, Pj? — ele pergunta irritado. Os braços de Pj me apertam com força.

— Me solta! — grito furiosa.

— Eu preciso levá-la — Pj diz e eu arregalo os olhos.

— Solta ela! Eu não quero atirar em você, seu idiota!

— Se você atirar, eu atiro nela. — Ele aponta arma para a minha cabeça e eu me arrepio inteira sentindo o cano dela.

— SOLTA ELA AGORA! — Jp grita.

— Você é um estúpido, por isso eu não quis te envolver no plano, eu sabia que você optaria por mantê-la salva, Jp. — Pj me carrega do chão quando eu tento pisar nele para me soltar. Tento dar cotoveladas na sua costela, mas ele se desvia.

— Você tem cinco segundos — Pj destrava a arma e eu fecho os olhos com força. Meu Deus, isso não está acontecendo.

Jp, que segura o cano na minha cabeça, também destrava a arma e um resmungo alto sai da minha boca pela possibilidade de morte cada vez mais próxima.

— Abaixa isso ou eu vou explodir essa linda cabecinha. — Ele faz mais pressão com a arma na minha cabeça.

— Não faz isso — sussurro com os olhos cheios de lágrimas.

— Abaixa a arma, Jp! — ele grita novamente — Está duvidando?

A arma sai da minha cabeça apenas para ele apontar para o chão e atirar perto do meu pé, fazendo-me dar um pulo de susto. Jp arregala os olhos e sai um pouco da postura. A arma ainda está levantada, mas não aponta para nós. Ele me olha como se perguntasse se ele tinha atirado em mim.

— Cara, se Dylan Venturelli te encontrar... você será um homem morto.

Pj mira no ombro do irmão e dispara, fazendo a bala atravessar o seu ombro e sangue manchar seu terno claro. Ele leva a mão até o ombro e geme de dor. Dou um grito alto, vendo minha única opção de sair desse cenário cair no chão com o ombro ensanguentado. Pj me carrega novamente e eu tento bater nele com toda a minha força. Grito e esperneio o máximo que posso, mas ninguém parece ouvir.

O barulho de carro aparece atrás de mim e eu juro que era Dylan, mas não é. Pj me arrasta até uma espécie de van enquanto eu tento escapar de qualquer forma. Tento bater nos países baixos ou pisar no pé, mas nada funciona. Ele me coloca na van, fechando a porta enquanto Jp está no chão com sangue saindo do seu ombro. Ainda consigo ver os seguranças do prédio correndo em nossa direção, mas tendo que se esconder, porque Pj começa a atirar para todo lado até a Van dar partida, levando-nos para fora dali.

Ainda olho uma última vez pela janela quando sinto algo forte bater na minha cabeça, fazendo-me desmaiar instantaneamente.

Eu sou sequestrada pelo meu próprio segurança e sei exatamente para quem ele está me levando.



Dor. Eu estou com muita dor na cabeça e tenho quase certeza de que ela está sagrando.

Abro os olhos com um cuidado excessivo, querendo acreditar que nada tinha passado de um sonho e a única coisa que eu consigo focar é em um painel de carro. Olho para as janelas e vejo as árvores em todo lugar, mas sem prédios ou casas. Parece ser o meio do nada.

Não, eu não estou sonhando.

Olho para a frente e a luz do sol está no meu rosto. Já amanheceu? Vou levantar minhas mãos para cobrir meus olhos, mas eu não consigo.

Tenho algemas me prendendo na porta do banco do passageiro e tento puxar minhas mãos inutilmente. Elas fazem um barulho tão irritante, que faz minha cabeça latejar.

— Bom dia, Angel.

Paro de mexer nas algemas rapidamente. Eu apenas encaro um ponto fixo sem olhar para quem está ao meu lado, tentando me convencer de que tudo era a minha imaginação. Mas quando eu o olho e vejo aquele sorriso amarelo que me dá vontade de vomitar, eu sei que aquilo é real.

— Não, não, eu estou alucinando. — Fecho os olhos e depois os abro de novo.

— Por que sempre acha que está alucinando quando está perto de mim?

— Porque você devia estar no inferno! — falo mexendo as mãos e gritando a pleno pulmões por socorro, o que é inútil, mas eu estou desesperada.

— Não force muito os pulsos, você vai acabar se machucando — ele fala calmo e eu tenho vontade de quebrar sua cabeça no volante do carro.

— Bob, para com isso. — Puxo as algemas com força. — Me deixa ir embora!

Ele ri alto e me lança um olhar doentio.

— Você sempre foi o meu sonho, desde que você completou seus treze anos de idade e estava linda naquela fantasia de abóbora.

— Oh, meu Deus... — sussurro. — Seu obsessivo de merda, me solta!

Ele aperta o maxilar.

— Eu consegui te tirar daquele estúpido que só te manteve naquela fortaleza maldita, você acha que vou te devolver logo agora que consegui? Pensei que fosse mais inteligente do que isso, Lisa.

Olho para a janela e as cenas de mim sendo sequestrada invadem minha mente com força. Eu não acredito que Pj tenha traído a confiança de Dylan e atirado no próprio irmão.

— Pj... você... ele estava com você todo esse tempo?

— Não, eu o convenci há alguns dias. Você sabia que ele tem uma dívida enorme no cassino de *Atlantic City*? — Bob sorri. — Foi muito útil, confesso.

— Você é um estúpido! — digo e logo depois me arrependo.

Bob olha para mim e cerra os dentes antes de pisar no acelerador com toda a força. Eu posso ver o

velocímetro aumentando a cada segundo. Ele está tão rápido, que preciso me segurar nas algemas, encostar a cabeça no meu braço e torcer para não morrer.

— Para com isso! Você vai nos matar — falo sobre o som dos pneus que queimam na estrada.

Ele acelera ainda mais, fazendo uma curva extremamente perigosa. Não há ninguém na estrada, apenas nós dois e o barulho daquele carro que ecoa no meu ouvido. Quando a curva é feita e o carro deixa o rastro dos pneus, eu levanto a cabeça assustada e ele está com a respiração ofegante ao meu lado.

— Olhe para mim — ordena.

Eu estou olhando para a janela, recusando-me a encará-lo e dar o contentamento de me ver assustada.

— Eu disse para você olhar para mim, porra!

Bob puxa meu cabelo, fazendo-me gemer de dor, apertando-me mais forte quando me ouve.

— Aí está — ele diz e pega na algaema. — O olhar assustado.

Ele aperta minhas mãos até as machucar dentro da algaema, fazendo-me dar um pulo em seu aperto. Ele solta meu cabelo e logo depois minha mão, enquanto eu o encaro com ódio nos olhos.

— Espero que tenha se despedido do seu falso noivo, porque agora. — Ele me olha sorrindo. — Você não o verá mais.

Ele começa a dirigir novamente e eu fecho os olhos sentindo cada milímetro do meu corpo apavorado.

— Para onde você está me levando? — pergunto com a voz baixa.

— Para a minha casa onde fiquei escondido todos esses anos.

Para casa dele? Pensei que ele fosse me levar para um galpão abandonado ou esses lugares que sequestradores sempre levam suas vítimas, mas estamos falando de Bob, é claro que não seria nada disso.

— Minha casa é um verdadeiro refúgio, os únicos que sabem que ela existe são meu filho e eu.

Arregalo os olhos.

— Você tem filhos? — pergunto encolhida.

— Somente um, mas ele está tentando salvar a prostituta da mãe dele — ele revira os olhos. — Ele é um bonzinho de merda, não seguiu a linha dos homens Davis.

Como Bob tem filhos? Quando ele estava com Elisa, eu nunca soube de algum filho que eles viessem a ter.

— Ele não é filho de Elisa, engravidei uma prostitua e ela quis ter a merda do bebê. Fiz de tudo para intervir, mas ela acabou dando à luz. Elisa nunca soube, porque eu não queria que ela o envenenasse com toda aquela bondade de merda que ela tinha.

— Você é doente — sussurro, mas ele não me ouve.

— Ele não sabe que estou levando você para a casa, na verdade, ele não sabe que você existe.

— Por que você está me levando para sua casa?

Eu nem sei por que eu estou fazendo perguntas ao meu sequestrador, mas no fundo da minha mente eu penso que saber essas coisas pode ser útil, caso eu tenha uma chance de escapar.

— Pela segurança, ninguém sabe daquele lugar, não há pistas para aviões pousarem ou barcos para navegarem, a única opção é ir de carro. As estradas são vazias, apenas com alguns hotéis de quinta categoria. Ninguém acharia você.

Respiro fundo.

— Você ficará comigo, Angel. Mas dessa vez... você não vai embora.

Engulo em seco e aperto meus dedos fortemente. Eu não consigo acreditar que vai acontecer

tudo de novo, Meu Deus! Eu nunca me senti tão vazia como estou me sentindo agora.

Ele já está dirigindo por horas e, cada vez que vejo um hotel, eu tento fazer algum aceno com a cabeça ou grito para que alguém me veja, mas sem sucesso. Bob apenas ri de mim e depois revira os olhos.

— Você está tão linda.

— Foda-se.

— Olha a boca! — Seu tom de voz muda de uma hora para a outra.

— Foda-se, eu vou continuar fazendo de tudo para escapar de você — digo e ele me olha com raiva.

— Espero que lembre do nosso ritual, porque hoje eu vou tirar o atraso desse tempo todo, sua vadia — ele diz irritado.

Ficamos em silêncio e a todo minuto eu sinto como se ele fosse um predador prestes a dar o bote.

— Como você colocou câmeras e escutas no meu apartamento? — pergunto.

Eu não estou mais aguentando aquele filho da puta olhando a cada cinco segundos para os meus peitos e suspirar frustrado. Se eu começar a puxar assunto, talvez ele foque em outra coisa.

— Conheço ótimas pessoas que vendem essas coisas, só esperei você e a aquela maluquinha da sua amiga saírem do apartamento para colocá-las.

Suspiro.

— Bob, por favor. Não faça isso, você vai parar na cadeia.

Ele sorri.

— Você está muito confiante, acha que ele vai achar você?

Fico em silêncio com a garganta seca.

— Você acha, não é? — Ele ri. — Como você é ingênua, meu amor.

Apoio a cabeça no banco e fecho os olhos por alguns segundos.

— Como você está vivo e não cremado?

— Já chega de perguntas.

Abro os olhos e olho para ele antes de suspirar. Sua mão sai do volante e eu percebo quando ele a coloca na minha coxa, apalpando-a. Cerro os dentes afastando minhas pernas e ele a segura firme, olhando-me irritado.

— Não tente lutar contra, quer ver seus amigos mortos? Aposto que Jon deve estar no trabalho fingindo não ser uma bicha. — Ele afunda as unhas na minha pele e eu resmungo alto. — E Emily? Será que a vagabunda já saiu da Modus?

— Eu não tenho mais medo de você — falo com os dentes cerrados e ele fecha os olhos irritado, antes de me soltar.

— Porra.

— Não sou mais uma adolescente assustada, seu idiota.

— Estou vendo — ele sussurra olhando para frente e acelera com o carro. — Você gostou do meu presente?

— Não.

— Não? Pensei que você ia sentir uma maravilhosa nostalgia.

— Vai se foder.

Ele para o carro tão rápido, que faz meu corpo ir para frente, estica o braço para pegar algo no banco de trás e logo eu vejo que é uma corda amarrada com um nó na ponta. Lembra-me aquelas cordas suicidas. Ele coloca a mesma no meu pescoço, apertando-a com força, fazendo-me engasgar e sentir falta de ar.

— Meu pai me ensinou a fazer esse nó e a ser homem. Se eu quero uma coisa, eu pego e ponto final. — Ele me balança. — Se falar assim comigo de novo, vai viajar no porta-malas! Entendeu?

Balanço a cabeça em concordância e tusso um pouco antes dele se afastar e voltar a dirigir como se nada tivesse acontecido.

O celular dele começa a tocar e ele me olha rapidamente antes de atender.

— Fala — ele diz enquanto minhas mãos estão em meu pescoço.

Enquanto ele ouve a outra pessoa falar, eu procuro pelo carro alguma coisa que possa me ajudar a tirar essas algemas. Fico a ligação inteira tentando achar algo e bufo irritada quando não consigo. Olho para o meu reflexo na janela e meus olhos vão até à presilha que tem no meu cabelo. Porra, é isso.

Não é como se eu soubesse usar para abrir uma algaema, mas não custa tentar. Pego-a rapidamente sem ele perceber. Alguns minutos depois, ele desliga o telefone com um sorriso no rosto.

— Parece que o seu noivo está cuspidando fogo. — Bob desliga o celular e depois abre a janela, jogando-o para fora do carro.

Suspiro derrotada. Dylan deve estar fazendo até o impossível para me encontrar e espero que ele consiga.

— A polícia está atrás de você e não duvido que o FBI também esteja. — Por um momento, meu peito se enche de esperança, mas ele acaba com ela segundos depois. — Uma pena que seja em vão, quase ninguém conhece esse lugar.

Olho pela janela e uma lágrima escorre pelo meu rosto. Em apenas algumas horas, Bob tenta me matar duas vezes.

Não sei o que vai acontecer nas próximas horas, mas eu espero sair viva.

CAPÍTULO 33

Lisa Morris

*“Não para de chover,
e eu preciso do sol pra lembrar seu calor”*

— Preste atenção, eu vou colocar gasolina no carro e se você fizer alguma gracinha eu vou colocar fita na sua boca e prender seus pés também, você me entendeu?

Bob está dirigindo enquanto diz isso. Ainda estamos na estrada e ele tem que parar o carro para pôr combustível. Acho que fazer aquela estupidez de acelerar o carro só fez o idiota perder gasolina.

— Tudo bem.

— Ótimo, gosto de você assim, calminha.

Mando-lhe se foder em silêncio.

Ele assente e entra com o carro no posto de gasolina que tem uma pequena conveniência quase abandonada. Ele tira o cinto e chacoalha minhas mãos na intenção de saber se eu realmente estou presa. Quase solto o grampo de cabelo, mas consigo segurá-lo a tempo.

Bob sai do carro indo até a máquina para colocar a gasolina e eu rapidamente tento me soltar daquela merda. Os vidros são escuros, então ele não me veria e, conseqüentemente, ninguém também me veria.

Ouço um barulho de carro se aproximando e parando ao lado do nosso para abastecer. Bob os cumprimenta normalmente. Quem está no volante é um homem de mais ou menos uns quarenta anos, com uma mulher do lado, que eu creio que seja a esposa.

Tento tirar aquela algema o mais rápido possível, mesmo não sabendo o que estou fazendo. Suspiro frustrada. Coloco o grampo na boca e me inclino na porta, forçando o grampo no botão até a janela abaixar.

Coloco de volta na mão quando consigo.

O homem ainda está no carro parecendo procurar alguma coisa, até que começo a gritar como uma louca.

— Socorro! Ele me sequestrou!

Chamo a atenção deles. Bob arregala os olhos quando me vê e olha para o casal em seguida.

— Por favor! Sou Lisa Morris, fujam e chamem a polícia — grito alto.

Volto a tentar me livrar daquilo, enquanto o casal está aparentemente confuso, mas rápido ligam o carro novamente. Continuo tentando até conseguir me soltar. Bob tira uma arma da cintura e aponta para eles, que gritam e pisam no acelerador do carro, saindo do posto com urgência. Bob ainda dispara balas na direção deles, mas eles já estão longe, fazendo a tentativa ser inútil.

Livre, eu abro a porta e saio correndo. Eu até posso tentar ligar o carro, mas a chave está com ele e eu preciso distraí-lo para não seguir o casal na estrada e impedi-los de me ajudar. Começo a correr na direção oposta de onde o casal está e ouço Bob gritar irritado, sem saber se vai atrás do casal ou se vem me pegar. Ele aponta a arma para mim e depois volta para o casal. Eu sabia que ele viria atrás de mim e assim eles conseguiriam fugir.

E é o que acontece. Escuto seu grito irritado e olho por cima do ombro, vendo seus passos apressados

na minha direção, enquanto eu corro descalça pelo asfalto quente.

— Merda, Lisa!

Começo a chorar compulsivamente enquanto corro.

Olho brevemente para trás novamente e vejo e Bob se aproximar cada vez mais. Tento entrar na floresta, mas as mãos dele me agarram e me jogam no asfalto, fazendo com que eu caia no chão.

— Sua estúpida! — Ele chuta minha barriga, fazendo-me ficar sem ar, e eu percebo minhas mãos tremendo. — Eu disse para você não fazer nenhuma gracinha.

— Me deixa ir embora!

— Não, porra! — Ele se abaixa e sobe em cima de mim, prendendo meus braços acima da minha cabeça. — Você é minha, sempre foi. Eu fui o seu primeiro e serei o último.

— Você vai me matar, Bob, eu sei que vai — eu digo chorando, quase aceitando a merda do meu destino.

— Eu vou te matar, sua puta. — Ele rasga minha blusa revelando meu sutiã e eu grito tentando afastá-lo. — Mas antes disso acontecer, eu vou me satisfazer, Angel.

— Não, não, por favor!

Ele ri antes de levantar minha saia preta.

— Tentando chamar ajuda com desconhecidos? Você precisa ser castigada.

Ele abre a fivela da calça dele jeans no seu quadril e a puxa para baixo.

— Aposto que sentiu falta. Vou fazer você esquecer Dylan Venturelli rapidinho.

— Não! Bob, por favor, por favor! Eu me rendo a você, eu me rendo a você.

Ele está quase rasgando o resto das minhas roupas e para imediatamente, encarando-me com a

sobrancelha levantada. Volto a falar.

— Não vou mais tentar fugir ou lutar contra, serei sua até que não me queira mais, só não faça isso aqui no meio da pista.

É óbvio que estou mentindo! Eu nunca iria parar de lutar. Por agora, eu preciso tirar ele de cima de mim e rezar para o casal ligar para a polícia. Para isso, eu preciso estar viva e fingir ser dele para ter mais liberdade.

Ele agarra meu pescoço com as mãos e se aproxima do meu rosto.

— Eu quero você agora.

— Eu sei... — Coloco as mãos em seus ombros. — Mas o asfalto está nos queimando, vamos para a casa, para uma cama.

Ele semicerra os olhos por alguns segundos, antes de aliviar a expressão, encarando-me com um olhar apaixonado. Eu luto para não desviar o olhar do seu.

— Se você estiver mentindo, eu mato você na primeira oportunidade e depois me mato, você entendeu?

Balanço a cabeça confirmando, já que não consigo falar com as mãos dele apertando meu pescoço.

— Boa menina, vou levantar você agora e vamos embora. Essa cena apenas me deixou ansioso para estar dentro de você. — Ele larga meu pescoço. — Você vai se entregar a mim por livre e espontânea vontade?

— Sim.

Claro que não, seu idiota!

— Bom, isso vai tirar um pouco a graça, porque eu gosto de ouvir você gritando, mas aceito por ora — ele diz e eu abro os lábios, enjoada de novo.

Ele se levanta e ajeita a calça na cintura, tirando-me do chão me puxando pelo braço. Vamos até o carro e eu olho em volta, percebendo que infelizmente já está

escurecendo. Entro no veículo e ele entra em seguida, sorridente. Bob coloca as algemas, prendendo-me de novo, e dá a volta para nos colocar de volta na estrada.



Está chovendo!

Já está escuro e a pista muito molhada e escorregadia. O único som que se escuta é do para brisa limpando o vidro do carro.

— Merda! Merda! Merda! — Ele bate no volante frustrado.

— O que houve? — pergunto.

— Não vamos conseguir chegar, a pista está escorregadia demais, vamos sofrer um acidente se continuarmos.

Ele aperta o volante e olha para mim.

— Vamos ficar em um hotel até a chuva passar.

Aceno em concordância e vejo uma ótima chance aparecer para mim novamente, mas fico apavorada também, porque é um hotel e ele vai abusar de mim. Ele dirige por mais alguns minutos e chegamos até o lugar com o nome "Marquise Motel".

Bob estaciona o carro, desligando-o em seguida e virando para mim.

— Vou alugar o quarto, não saia daqui.

Aceno antes de vê-lo sair do carro e rápido olho para todos os lados no carro, para ver se tenho sorte de achar as chaves da algema. Olho para cima, vendo-o ir até a recepcionista por baixo de chuva. Ele fica lá por longos minutos.

Minha mente começa a imaginar o que vai acontecer em seguida e a imagem de Bob me

estuprando no quarto de um hotel me deixa angustiada. Como eu sei que ele vai me querer completamente entregue, eu preciso fazer parecer que estou indisposta.

Encosto a cabeça no banco e finjo dormir, rezando para que ele caia nessa. Bob nunca tocou em mim estando desacordada, porque ele sempre quis me ouvir gemer de dor ou olhar no fundo dos meus olhos.

Depois de minutos, ouço ele entrando no carro e faço minha melhor interpretação de sono. Percebo seu olhar em mim e um suspiro sair da sua boca. Caralho, ele caiu!

Bob sai do carro novamente, dando a volta. Eu o vejo pegar uma blusa no porta-malas e vir até mim, que rápido fecho os olhos novamente. Bob me livra das algemas e me carrega para fora do carro, colocando a blusa na minha cabeça e cobrindo-me.

Vamos até o quarto, que é em frente à recepção.

— Estão em lua de mel? — a recepcionista pergunta.

— Quase isso — Bob responde e ela ri, desejando felicidades a nós dois.

Reviro os olhos por de baixo da blusa e me seguro para não fazer o que fiz no posto de gasolina, porque agora Bob me mataria, mataria a recepcionista e todos que estão nesse hotel de estrada.

Ele entra no quarto e me coloca na cama, tirando a blusa de cima. Ele tira minha blusa rasgada, deixando-me só de sutiã, e sai pela porta. Espio o quarto rapidamente antes dele voltar com uma mala e colocar em cima da cama, tirando uma nova blusa de dentro e vestindo-a em mim.

Ele suspira tirando as roupas e se trocando enquanto deita ao meu lado. Bob respira fundo e eu sei que ele está me encarando.

Um resmungo soa e logo depois ele começa a falar, mas é não qualquer coisa que ele está falando, Bob

está me contando o que havia acontecido naquele incêndio cinco anos atrás.

Eu não faço ideia do porquê ele estar me contando isso agora, eu jamais vou entender esse homem.

— No dia que você foi para a faculdade, foi um dos piores dias da minha vida, Angel. Eu perdi você e Elisa descobriu tudo o que eu fazia com a filhinha dela, ela pegou a fita de gravação que eu tinha feito de nós dois e assistiu pensando que era um show de comédia.

Ela descobriu!

Viro-me de costas para ele e me aconchego na cama, colocando uma palma da mão na minha bochecha e escutando atentamente.

— Você está acordada?

Fico em silêncio e espero ele continuar, quando percebesse que eu estou entre aspas dormindo.

— Você lembra dessa fita, não lembra? Nós assistimos juntos algumas vezes. — Fecho os olhos. Eu odiava aquilo. Toda sexta-feira ele me fazia assistir antes de fazer o que tinha que fazer comigo. Era desesperador e torturante, mas ele precisava ter toda a minha mente assustada antes de ter o meu corpo.

Ele suspira e se mexe um pouco antes voltar a falar.

— Ela descobriu um dia depois que você foi embora, eu lembro dela jogando a fita na minha cara e me ameaçando de ir até à polícia. Não demorou muito para eu não a deixar sair da cama, ela precisava apanhar por estar muito atrevida.

Percebo ele curvar uma perna e começar a rir.

— Semanas depois, você não estava mais lá eu voltei para casa depois do trabalho no banco. A mulher estava com uma arma me esperando na cozinha, dá para acreditar? O fogão estava fedendo à gasolina e eu sabia que ela iria botar fogo naquilo e matar nós dois.

Oh, meu Deus!

— Nós discutimos por longos minutos, eu nem sei como ela arranjou forças para me enfrentar, já que eu tinha dado uma bela surra para ela não levantar durante meses, mas a filha da puta atirou em mim, acertando meu ombro em cheio, provavelmente mirando na minha cabeça, mas errou. Elisa sempre teve péssima mira, assim como você.

Aperto o maxilar.

— Eu lutei com ela, mas como eu disse, ela tinha arranjado forças para conseguir ficar com a arma e apontar para o fogão cheio de gasolina. Eu me levantei rápido e me joguei pela janela quando ela disparou a merda da bala, explodindo a casa, matando-a instantaneamente. Ela quase me matou para proteger você, Lisa Morris. Ela sempre te considerou uma filha e eu só queria te comer o máximo que pudesse.

Seguro-me para não soluçar enquanto ele fala o que aconteceu com a única mulher que me ajudou de verdade.

— Ela queria vingar você, Angel. E por pouco conseguiu, mas eu ainda estava vivo, precisei colocar um corpo na casa e lidei com um legista ganancioso para conseguir sair disso. Fiz de tudo para fecharem o caso e sumi do mapa por anos, até que vi seu lindo rostinho na porra da minha televisão.

Acabo dando um soluço alto demais e ele se inclina na minha direção.

— Você está acordada não é, Angel?

Ele puxa meu corpo e me encara.

— Abra a porra dos olhos se não quiser que eu toque em você como da primeira vez — diz irritado.

Abro os olhos lentamente e ele sobe em cima de mim.

— Não foi fácil, mas com dinheiro você pode tudo. — Ele cheira meu pescoço e eu desvio a cabeça. —

Não era para você ter escutado isso.

Ele desce as mãos pelas minhas coxas e me encara.

— Era para você ficar com a ilusão de que você tinha a matado ao ir embora por mim e não ela ter tentado se vingar por você, a doce e amorosa Elisa.

— Por que você faz isso? Qual o seu problema?
— pergunto com a voz embargada.

Ele se esfrega em mim e vai subindo a minha blusa. Eu estou abalada pelo que ele acabou de me dizer que nem consigo formular as palavras direito.

— Eu gosto — ele responde. — Desde que vi você naquele jantar da cidade, você estava encolhida com os seus pais esperando as luzes da árvore de Natal se ligarem. Eu amava sua inocência, eu teria você, só precisava esperar.

— Eu só tinha treze anos na época, Bob. Você não percebe o quanto isso é doente e nojento?

Ele aperta o maxilar irritado, como se eu tivesse dado um tapa na sua cara com palavras. Nunca diga para uma pessoa doente que ela é doente.

— Você é um filho da puta desgraçado que vai queimar no inferno — digo com tanta frieza que até eu me assusto.

— Cala essa boca! — Ele me dá um tapa forte e eu sinto minha bochecha arder logo depois.

— Eu já disse, se você morrer, eu também vou morrer...

Ele para assim que ouve um barulho vindo do lado de fora. Ele sai de cima de mim rapidamente e vai até à janela que tem luzes coloridas invadindo a pequena brecha. Sento na cama e arregalo os olhos ao ouvir sirenes.

Não acredito.

— Merda!

Ele corre até mim e me puxa pelo braço me machucando. Bob abre a porta e corre até o carro, praticamente me arrastando, enquanto eu luto para não sair dali, mas é difícil. Uma luz branca vem do céu e eu olho para cima, vendo um helicóptero sobrevoar o hotel. Dou um sorriso de felicidade.

Ele me joga dentro do carro depois que me carrega e começa a dar ré para sair dali, mas três carros da polícia apareceram, cercado-o.

— Você está cercado! — Um policial grita no megafone.

— Lisa? — Ouço a voz de Dylan e meu peito se aperta quando um resmungo aliviado sai da minha garganta.

— Dylan. — Inclino-me para frente e tento olhar para fora, mas Bob me empurra para o banco de volta.

— Está tudo bem, baby. Vamos salvar você! — Sua voz é um conforto.

Ouço o homem ao meu lado bufar irritado.

Bob olha para os lados e vê uma pequena brecha, acelerando. Ele acaba conseguindo se desviar dos policiais e voltar à estrada em uma rapidez incrível. Ele pisa no acelerador e assim inicia-se a perseguição. A chuva já tinha parado, mas as pistas ainda estão molhadas, dificultando a direção de Bob e dos policiais.

Ficamos longos minutos naquilo e o olhar dele é tão assustador, que me faz arrepiar inteira.

— NÃO! NÃO! NÃO!

Ele bate no volante enquanto pisa fundo no acelerador.

— Bob, se entrega por favor, eles já acharam a gente, não temos para onde ir.

Ele me olhou com tanto ódio, que penso que vai me matar ali mesmo.

— Você quer voltar para ele, não é? Para o seu namorado idiota.

— Bob... por favor, para o carro.

— Cala a boca! A culpa é toda sua. — Ele limpa o nariz com a costa da mão e eu ouço algo apitar. Uma luz azul pisca no meu brinco e eu franzo o cenho olhando pela janela.

— Que merda é essa? — Ele arranca o brinco da minha orelha, machucando-me. Eu vejo sangue escorrendo no meu ombro. Bob avalia aquilo, ainda se mantendo na estrada, e depois solta um palavrão.

— Um rastreador, ele colocou um rastreador em você? — Bob solta mais um grito irritado, mas com ele mesmo. — Como não pensei nisso? Caralho!

— Ai meu Deus! — Seguro-me no banco depois de colocar o cinto de segurança. Ele acelera como um louco. Olho pelo retrovisor, vendo os carros atrás, e engulo em seco, rezando baixinho para que isso acabe o quanto antes. Não tem como ele fugir, não há ruas ou carros, apenas uma estrada sem fim.

— Para o carro! — grito assustada.

Ele joga o brinco longe e olha para mim com as duas mãos no volante. Pela sua expressão, ele entende que perdeu e que o resto da sua vida seria gasto na merda da cadeia. Bob me olha com fúria e cerra os dentes.

— Se eu não posso ter você. — Ele olha para frente. — Então ele também não pode.

Bob pisa no acelerador até seu pé afundar e começa a dirigir em direção à uma árvore enorme. Porra!

— O que você está fazendo? Você vai nos matar. — Ele olha para mim e vai até o meu quadril, tirando meu cinto de segurança que eu tinha acabado de colocar.

Arregalo os olhos e, quando estou tentando botar o cinto de volta, percebo que naquele carro não tem *airbag* do meu lado, somente o dele tem. Ele vai me

matar! Sinto o impacto tão forte, que vou para frente, fazendo minha cabeça colidir em algo duro e forte.

Desmaio imediatamente.

Dylan Venturelli

Corro para o estacionamento no limite de velocidade que um ser humano pode ter. Largo a reunião no meio, deixando cinco homens de terno e gravata confusos e sem tempo de me perguntar por que estou partindo com urgência.

Tem algo errado, malditamente errado.

— Vamos voltar para a empresa — dou a ordem para Bryant, que está encostado no carro e logo depois entra no banco do motorista. No banco de trás, eu ligo para Lisa pela milésima vez, apenas para ouvir a caixa postal de novo.

— O que houve? — ele pergunta.

— Acione Jp e Pj.

Ele acena, mexendo no painel controle do carro. Segundos depois, balança a cabeça em negativa.

— Porra. — Passo a mão no cabelo frustrado. — Acelere essa merda.

Bryant corta o caminho e dirige da maneira que eu preciso. Escuto buzinas furiosas e palavrões sendo direcionados para o Audi preto e nada disso me distrai das cenas prováveis que estão passando na minha cabeça. Meu coração bate com uma frequência alta e minha perna não para de bater no carpete do carro.

Quando finalmente chegamos na empresa, eu salto do veículo com Bryant ao meu alcance, tendo as mãos na cintura onde sua arma está apoiada. De longe, eu vejo uma pequena multidão circulando alguém e meu coração, que bate como um louco, para momentaneamente. Continuo correndo com a voz de Bryant no meu ouvido, mas não paro.

Passo pelas pessoas, pedindo por tudo que é mais sagrado que não seja ela jogada no chão. Afasto o máximo que posso e fecho os olhos com as mãos no rosto, quando confirmo que não é ela. Meu Deus.

Coloco a mão na boca ao perceber que é o segurança estirado no chão com o ombro ensanguentado. Franzo o cenho e me aproximo dele, que ainda não está inconsciente. As pessoas gritam dizendo que a ambulância já está chegando.

— Chefe... — ele diz e eu me aproximo, tentando reconhecer se é Pj ou Jp. — Sou o Jp.

— Onde está...

— Ele a levou — ele resmunga com uma leve careta de dor e minhas sobrancelhas se juntam.

— Que merda você está falando? — pergunto. Bryant para o meu lado antes de começar a afastar as pessoas.

— Pj, ele a levou. — Sua voz está embargada. — Ele nos traiu.

Meu maxilar se aperta e eu vejo meu motorista tirar a arma da cintura, apontando para Jp, que tosse balançando a cabeça.

— Eu não fiz nada — ele se defende.

— Exatamente — digo e Bryant destrava a arma enquanto eu coloco as mãos na cintura. Eu preciso arrancar uma coisa dele antes de ir atrás de Lisa, até no inferno se fosse preciso. — Aonde seu irmão está indo?

Ele franze o cenho.

— Eu não sei...

Olho para Bryant, que levanta o cano da arma até parar na testa dele, que respira com dificuldade.

— Sei que ele é seu irmão, mas ele levou a mulher que eu amo e só sobre o meu cadáver que eu vou deixá-lo impune. — Abaixo-me, olhando para Pj com o ar sério. — Diga para onde ele está indo, eu sei que você sabe.

Ele pisca algumas vezes e eu coloco sua mão livre sobre o seu ombro para estancar o sangue. Ele fecha os olhos ofegante e eu o espero trair o irmão, como o próprio fez.

— Ele tem um carro de fuga em um galpão no Brooklyn, provavelmente vai pegá-lo antes de ir embora. — Levanto a mão para Bryant, que vai abaixando a arma. — Era do nosso pai antes dele morrer.

Dou um sorriso pequeno.

— Obrigado — digo e ele acena como se tivesse uma bola de lã na garganta. Acho que isso foi difícil para ele. — Eu pagarei todas as suas despesas médicas, sei que fez o necessário para mantê-la aqui.

— Eu tentei, senhor Venturelli, me desculpe.

— Está tudo bem. — Dou uma batidinha no seu braço bom. — Espero que lembre da última feição do seu irmão, porque você não o verá de novo.

Levanto-me em seguida e me viro para Bryant, que acena para a ambulância que se aproxima. Os paramédicos correm até Pj e o colocam na maca com cuidado antes de levá-lo para o hospital.

Quando meu motorista se aproxima de novo, eu afrouxo a gravata sobre seu olhar compreensivo.

— Você está bem?

Afirmo com a cabeça e depois neguei, quase caindo no chão. Ele me segura e eu fecho os olhos esperando a porra da minha pressão voltar.

— Lisa... ache-a.

— Ela está com o rastreador, Dylan. Vai ficar tudo bem.

— Mande alguém para ir atrás de Pj e... chame os meninos.

Bryant acena, mantendo-me no lugar. Eu respiro fundo não acreditando que esse pesadelo está rondando minha realidade.



— Se acalme, assim você não vai conseguir resolver nada!

Meu irmão grita para mim, mas estou quase dando um soco no seu rosto para tentar acalmar meus ânimos. Eu estou morrendo por dentro, Lisa havia sido levada pelo próprio segurança e eu não faço ideia para onde. A porra do rastreador está com algumas interferências, para o meu grande azar, estamos esperando-o estabilizar.

Esperando... esperando... essa palavra nunca foi tão desesperadora como agora.

— Cara, nós vamos achá-la, mas você precisa se acalmar — Peter diz.

Estamos no meu apartamento e já está escurecendo de novo. Nathaniel e Adam concordam com Peter e eu esfrego as mãos no rosto, pensando nela e o que aquele filho da puta pode estar fazendo com ela e que eu não estou lá para quebrar todos os seus dentes. A veia na minha testa está quase saltando.

— Toda Nova York sabe que ela foi sequestrada, alguém alguma hora vai vê-la — diz Nate.

Eu ando de um lado para outro extremamente puto. Adam acha melhor colocar nos jornais e qualquer

meio de comunicação que Lisa havia sido sequestrada, porque assim as chances de encontrá-la seriam multiplicadas. Todos as pessoas próximas de nós estão chocadas e desesperadas.

Emily não sai da delegacia esperando notícias, Jon sai de rua em rua em uma fraca tentativa de encontrá-la, Rubi e Susie estão vagando pela cidade com uma foto dela... querendo desesperadamente encontrá-la.

Esse é de longe o pior dia da minha vida.

— A polícia já está a par de tudo e já acharam aquele segurança traidor — diz Peter.

— Mande-o para o inferno! — falo alterado e ele concorda, não querendo entrar nesse tópico de segurança de novo, se entrasse, eu bateria em alguém.

Adam e Peter apenas arrancam dele com quem ela está, confirmando meu pensamento. Lisa está com o cara que a estuprou diversas vezes e eu não posso fazer caralho nenhum. Passar mais uma noite sem ela beira a ser sufocante.

— Eu preciso saber onde ela está... eu preciso...
— Coloco a mão no rosto e me seguro para não chorar na frente deles. Meu peito dói tanto, que penso estar fazendo algum tipo de cirurgia sem anestesia.

— Alguma coisa, Bryant? — Adam olha para ele, que está sentado no sofá com um MacBook na sua frente e os dedos se mexendo copiosamente.

— O sinal está ruim, mas... tenho uma pista — ele diz e eu corro até ele.

— O quê?

— O último status aparece perto de hotéis de estrada, é uma passagem quase invisível.

— Onde fica? — Adam pergunta e ele olha para todos nós.

— No sul do Bronx, nunca fui até o local, mas não parece um lugar de residências — ele explica e eu passo

a mão na barba.

— Vamos até lá — digo.

— Dylan...

— O quê? — interrompo Peter. — Não acha que eu vou ficar aqui esperando ou acha?

Ele não responde, porque meu celular começa a tocar e eu rápido atendo, já que ele está na minha mão. Coloco o aparelho no ouvido antes de atender.

— *Senhor Venturelli, temos uma pista sobre sua noiva.* — Meu coração acelera como se voltasse à vida. — *Um casal estava de viagem para fora de Nova York quando parou para abastecer e viu sua noiva aos gritos com um homem.*

— Onde?

— Não temos um endereço certo, mas sabemos a redondeza. É longe e a pista está molhada por causa da chuva, mas chegaremos o quanto antes.

— Eu irei.

O delegado fica em silêncio e eu não espero um consentimento antes de desligar o celular.

— Acharam ela. — Levanto-me como uma bala.

O MacBook começa a apitar e Bryant olha para ele por alguns segundos antes de dar um sorrisinho de alívio.

— Ela está em um hotel, o nome é Marquise.

— Eu estou indo — aviso pegando meu paletó da poltrona e vestindo com os meninos avançando para cima de mim.

— Ei, Dylan! Espera! — Adam grita e rápido me viro.

— Eu não posso.

— Calma, vamos pensar. — Peter toca no meu ombro e eu bato na sua mão na mesma hora. Nate o puxa para trás.

— Eu estou saindo e nada vai impedir, entenderam? — pergunto de forma retórica, mas mesmo

assim eles concordam com a cabeça.

— Mas vamos com você — Adam diz. — Eu não sei o que esse cara fez para ela, mas coisa boa não foi, então... quando você o vir, me prometa que vai desfigurar a cara dele.

Concordo já imaginando quando eu colocar as mãos naquele cara, ninguém vai me tirar de cima dele quando seu rosto estiver sujo de sangue.

— Você não achou que ia sozinho, achou? — Peter me encara e eu nego sutilmente.

Respiro fundo e ligo para o homem que está à frente sobre o sequestro de Lisa. Informo-lhe que temos um helicóptero, pois Peter se disponibiliza para emprestar o seu.

— Você fica e liga para Emily informando o que aconteceu, ela contará ao resto — Adam diz para Nate, que apenas acena concordando.

— Qualquer coisa é só telefonar — ele diz e nós concordamos antes de começar a caminhar para a porta.

— Mande as atualizações para o meu celular, Bryant. — Aponto para ele, que responde com o polegar levantado e os olhos concentrados no computador.

Depois de me encontrar com os policiais e a equipe de segurança, eu percebo que a chuva já tinha cessado e que os polícias dirigem com maestria na pista molhada, se eu estivesse dirigindo, esse carro provavelmente já teria matado todo mundo. Peter e Adam estão ao meu lado, o detetive no banco do motorista e o homem que é acostumado a dirigir por pistas perigosas ao seu lado.

Eu olho em volta e a única coisa que vejo são árvores e algumas luzes, que são de hotéis de quinta. O canalha a arrastou para o meio do nada.

Ouçõ um barulho e vejo o detetive falar em uma espécie de rádio o parecem ser códigos. Ele fala com motorista, que apenas acena e depois olha para mim,

que falo o hotel onde eles estão, dando a localização com exatidão para o detetive que o guia com mais autonomia.

— Quanto tempo até chegarmos lá? — Peter pergunta.

— Cerca de dez minutos — o detetive responde.

— Cinco minutos — corrige o motorista e pisa fundo. Agradeço-lhe mentalmente.

A estrada ainda está escorregadia e eu posso ouvir o barulho do helicóptero se aproximando. Eu pensei que o helicóptero chegaria mais rápido, mas os policiais conseguiram alcançá-lo. Agora somos três carros de policiais e um helicóptero acima de nós.

De longe, eu posso ver a grande placa escrito "Marquise Motel", então suspiro.

O detetive fala novamente no rádio.

— O alvo está a cerca de um metro, preparam-se para uma possível perseguição.

Outros homens respondem e eu percebo que ele está falando com os outros dois motoristas

Aproximamo-nos e é aí que eu a vejo.

Meu coração se enche novamente, apenas por saber que ela está viva. Lisa olha para cima vendo o helicóptero e um sorriso brota em seus lábios, mas morre assim que o homem a joga dentro do carro e entra em seguida. Nós o cercamos e o detetive fala com ele por um megafone.

Puxo o megafone da sua mão e falo com ela, mesmo sabendo que não obteria resposta. Quando falo que iria salvá-la, o tal Bob consegue sair de onde está por uma pequena brecha e entra na estrada.

O detetive grita e os três carros começam a segui-lo. Aquela perseguição dura minutos com o meu peito batendo freneticamente. Eu não consigo ficar quieto no banco de couro.

Meus olhos seguem cada movimento daquele carro.

E, de repente, tudo acontece muito rápido. O carro que eles estão se direciona para fora da pista e bate em uma árvore enorme. Quando eu vejo o carro sendo esvaquiado, eu não contendo um grito de desespero.

Eu respiro com dificuldade quando o nosso carro para a alguns metros de distância. O helicóptero se posiciona para pousar ali mesmo e graças a Deus há paramédicos lá dentro.

Desço do carro rezando para que ela não morra. Ela não pode morrer!

O vento se torna intenso por conta do helicóptero e eu o assisto pousar. Algumas pessoas vestidas de branco saem do mesmo com uma maca amarela. Respiro fundo e começo a andar até ela com a expressão amedrontada, mas ouço um barulho de porta sendo aberta. É Bob. Ele sai do carro com dificuldade, jogando-se no chão. Os pingos de chuva começam a cair novamente.

A raiva é instalada em mim.

Bob se levanta e seus olhos se fixam nos meus. Aperto o punho quando vejo ele sorrir de lado com sangue escorrendo da sua cabeça. Ele tem pouco cabelo branco e olhos que fazem meu sangue ferver. Eu não estou interessado na sua aparência, eu só quero matá-lo.

Ele anda até entrar na estrada novamente e para, ficando de costas para as pessoas que ajudam a tirar Lisa do carro. É como se essa fosse a sua última tentativa de me impedir de chegar até ela.

Ela é tirada do carro e vejo que está inconsciente. Desvio meu olhar para Bob e travo o maxilar mais irritado do que antes. Ele não parece ter acabado de sofrer um acidente e, quando faz um sinal me chamando, eu sei que vou desfigurar todo o seu rosto.

Escuto os policiais querendo se aproximar com as armas apontadas para ele e eu rápido os impeço, olhando para Adam e Peter, que vão até o detetive. Quando olha para frente de novo, eu sei que ele é todo meu.

Eu sei que todos os policiais que estão ali têm armas potentes apontando para nós dois, mas eu não me importo.

Vou me aproximando dele, que começa a andar até mim. Os pingos de chuva ainda estão caindo sobre meus ombros quando eu tiro meu paletó, jogando-o no chão. Assim que estamos perto o suficiente, ouço a sua voz ecoar nos meus ouvidos. É como se a minha vista tivesse sido borrada.

— Olha se não é o riquinho de merd...

Não o deixo terminar a frase quando dou um soco tão forte no seu rosto, que ouço algo se quebrar. Eu só quero fazer de novo e de novo. A raiva começa a me dominar por completo e só aumenta quando ouço ele rir. Pego-lhe pela camisa e começo a socá-lo com toda minha força, enquanto ele geme de dor.

Bob consegue me empurrar e nesse vacilo me dá um soco no rosto. Ouço as armas atrás de nós fazendo um barulho, mas sem disparar. Bob dá uma joelhada na minha barriga e logo depois no meu rosto. Apoio a mão no chão para me firmar, enquanto ele limpa embaixo do nariz com a mão esquerda.

Isso dá tempo de ele abrir a boca.

— Eu disse a ela, Dylan. Se eu não posso tê-la, então você também não pode e agora ela está morta.

Encaro-lhe me levantando.

— Eu estou tão ansioso. — Abro um sorriso irônico.

— Para que, babaca?

— Para contar que você está morto.

Ele estreita os olhos e vem para cima de mim de novo. Agarro seu punho quando ele levantou e soco seu rosto em seguida. Ele se inclina e eu aproveito para dar uma joelhada em sua cabeça e jogá-lo no chão. Ele cospe sangue e eu me aproximo, continuando a socá-lo. O rosto de Bob está ensanguentado, mas as suas mãos ainda tentam me impedir. A chuva cai sobre nós enquanto eu nele bato sem dó. Parece cena digna de filme.

— Para! Para! — ele grita quase sem ar.

— Era isso que ela gritava para você? — Levanto chutando seu estômago e ele tosse, como o verme que ele é. — Você a machucou tanto, seu desgraçado.

Agarro seu cabelo, fazendo-o me encarar. Seus olhos pretos param em mim e eu assisto ele quase à beira da morte.

— Isso... olhe nos meus olhos — sussurro e ele aperta o maxilar sem forças. — Olhe para a pessoa que está prestes a acabar com a sua vidinha patética e que vai te mandar para o buraco que você não deveria ter saído.

— Lisa... é minha — ele fala com a pouca voz que lhe resta.

Dou um último soco antes de me afastar e quase sentir prazer ao ouvir ele resmungando como um animal ferido. Minha respiração está bastante desregulada e Bob leva as mãos ao rosto assim que paro.

— Eu mudei de ideia, não vou matar você, Bob. — Ele me olha assustado e com as mãos tremendo. — Seu destino vai ser o mesmo que você traçou ao abusar de uma menina de dezessete anos.

— É melhor me matar...

— Não, você vai provar do próprio veneno. — Respiro ofegante. — Todo dia vai ter alguém para foder essa bunda nojenta.

Agacho-me na sua frente e lanço meu olhar assustador.

— Boa estadia no inferno, filho da puta.

Seu olhar morre aos poucos.

— Vai se foder! — ele grita.

Os policiais se aproximam, apontando as armas em sua direção, e Bob levanta as mãos em forma de rendição. Afasto-me para deixá-los fazer o que têm que fazer e olho para o lado, vendo Lisa, com uma espécie de tubo no rosto, sendo colocada no helicóptero. Corro em sua direção e vejo alguns cortes no seu corpo e marcas no seu pulso e pescoço. Ela parece ter batido a cabeça com muita força.

Deus... por favor, não nos abandone, não a tire de mim.

— Lisa... — Toco em seu rosto e uma lágrima descontrolada cai em sua bochecha.

— Precisamos ir para o hospital agora. Você vai com ela? — O homem me pergunta e eu olho para o lado onde Bob está sendo algemado, enquanto seu rosto está inchado. Vejo ele entrando no carro de polícia e Peter e Adam acenarem para mim.

Concordo com a pergunta do homem e os ajudo a colocar a maca no helicóptero de Peter. Sento-me ao lado dela e sinto mais lágrimas molharem o meu rosto.

CAPÍTULO 34

Dylan Venturelli

“Você é uma boneca, você é impecável, mas eu mal posso esperar para que o amor nos destrua”

— Senhor, você não pode entrar aqui! — Uma enfermeira chama minha atenção enquanto eu tento passar por ela para chegar até Lisa, que está do outro lado da sala sendo examinada.

— O caralho que eu não...

— Dylan! — Ouço a voz de Nate e me viro rapidamente.

— Senhor, o médico voltará com mais notícias sobre a paciente, mas por ora você precisa se sentar e esperar.

Ela diz isso enquanto Nathaniel se aproxima com Emily, Rubi e Jon do lado.

— Cadê ela? Ela está bem? — Emy pergunta olhando para a enfermeira que tenta acalmar todo mundo.

— Ela está sendo examinada, por favor, vocês não podem vê-la agora — a mulher diz e eu fecho os olhos passando a mão no rosto.

— Vem, vamos nos sentar — Nate diz, puxando-me pelo ombro, e eu vou a contragosto até à sala de espera. Sento-me atordoado no banco e coloco os cotovelos na minha perna com as mãos na cabeça.

Eu estou destruído, meu peito está cheio de medo e ansiedade.

— Ela vai ficar bem — Jon diz com a mão no meu ombro. — Lisa é muito forte, sempre foi.

Levanto a cabeça e vejo ele sorrindo, mas com o semblante apavorado.

— É Susie — Emily diz quando seu celular começa a tocar e ela se afasta para o canto sobre o olhar de Nate. Ele tem um semblante curioso, que depois o desfaz quando olha para mim. Ele ainda não a conhece.

— Dylan! — Ouço a voz da minha mãe e do meu pai. Trato de encontrá-los.

Levanto-me e olho para o lado, vendo os dois correrem em minha direção com uma rapidez ótima para um casal de quase sessenta. Quando se aproximam o suficiente, eu os abraço apertado.

— Meu filho — minha mãe diz, fazendo carinho no meu cabelo. — Eu sinto muito.

Uma lágrima desce pelo meu rosto enquanto eu tento me manter de pé.

— Ela está bem? — meu pai pergunta quando nos afastamos.

— Ela está viva — digo e percebo minha mãe chorando baixinho, com as mãos agora na boca.

— Vai ficar tudo bem — meu pai diz, dando-me outro abraço e eu suspiro, sentindo-me melhor.

— Obrigado por nos ligar, Nate — minha mãe o agradece.

Ela dá um sorriso triste e cumprimenta as meninas e Jon. Começo a sentir frio e só agora percebo que minhas roupas estão praticamente encharcadas. Nathaniel pega uma sacolinha da mão de Rubi e me entrega logo depois, dizendo que há roupas secas para mim, para Adam e para Peter.

— Rubi trouxe a sacolinha — ele diz e eu olho para ela dando um aceno agradecido.

Direciono-me até o banheiro do hospital e trato de tirar aquelas roupas molhadas.

Algum tempo já tinha se passado desde que chegamos, Peter e Adam trocaram de roupa assim que chegaram ao hospital, mas ninguém chegou depois deles e eu percebo que nós que estamos ocupando praticamente toda a sala de espera.

Conto a eles o que aconteceu desde que achamos Lisa e os olhares chocados estão presentes.

— Tomara que ele apodreça na cadeia — Rubi dá um grunhido de raiva.

Todos aqui sabem que Bob é um desgraçado, mas eles não sabem com toda a clareza do mundo o que realmente ele fez. Talvez suspeitem, mas não há nada confirmado e eu acho que Lisa prefere assim, por enquanto.

Meus pensamentos se voltam para todos os momentos em que eu estive ao lado dela, as risadas, as piadinhas sem graça, as brigas idiotas que eu daria tudo para estar tendo uma nesse exato momento. Merda, eu queria até mesmo estar comprando aqueles sapatos Louboutins com ela.

Respiro fundo fechando os olhos e, quando os abro de novo, vejo o médico com uma prancheta na mão e um estetoscópio em volta do pescoço. Levanto-me, parando na sua frente, e os outros também levantam ansiosos. O médico olha para nós e levanta uma sobrancelha.

— Vocês todos são acompanhantes de Lisa Morris?

— Sim — respondemos todos ao mesmo tempo.

O médico pisca várias vezes e volta a olhar para a prancheta. Ele mexe em uns papéis antes de qualquer coisa.

— Bom, a senhorita Morris tem alguns hematomas no pulso e na clavícula, ela sofreu um corte

no braço esquerdo, mas nada profundo — ele explica.

— Ela vai ficar bem, não é? — Rubi pergunta.

— Ela ainda está observação, mas tenho algumas suspeitas pela minha experiência.

O médico olha para mim e suspira.

— Eu sinto muito — ele diz e eu franzo cenho.

Que merda isso significa?

— Como assim sente muito? Ela está bem ou não? — Quase grito.

— A paciente bateu a cabeça muito forte e teve uma hemorragia em torno do cérebro, causando sintomas de sonolência prolongada.

Eu sinto minhas mãos suarem e minha boca ficar seca. Pisco várias vezes tentando acreditar no que ele está me falando.

— Sua noiva está em coma, senhor Venturelli.

Aquela última frase é o suficiente para eu levar a mão até a nuca e repetir para mim mesmo que o médico está mentindo, mas ele não está.

— Em coma? — Emy pergunta chocada.

— Em casos de acidentes graves, a concussão cerebral é um fator comum, não há como fugir disso. Uma lesão como essa afeta a função cerebral do paciente o levando a um estado de coma.

Emy abraça rubi e começa a chorar descontroladamente. Olho para o médico, que está com o rosto sem expressão, como se fazer isso fosse apenas algo comum em uma quinta-feira. Olho para o meu irmão e o meu melhor amigo, que piscam confusos. Nathaniel está apenas de cabeça baixa.

Minha mãe está com a cabeça na curva do pescoço do meu pai e chora baixinho. Jon se senta no banco, parecendo não acreditar.

Coloco a mão na minha testa e, na minha vida inteira, eu nunca senti a dor que estou sentindo agora, parece que a minha felicidade foi tirada de mim e

realmente foi, a mulher da minha vida está na porra de uma cama de hospital em coma.

Deus! Eu preciso vê-la.

— Eu posso vê-la? — pergunto olhando para o médico.

— A enfermeira irá chamá-lo quando for a melhor hora.

— Eu quero vê-la agora.

— Senhor Venturelli...

— Você não me escutou? Me deixe vê-la, por favor, eu estou implorando. — Coloco minhas mãos em seus ombros e ele faz uma expressão de pesar.

— Certo, somente cinco minutos — Concordo. Melhor do que nada.

Durante o trajeto todo, eu olho para o chão, sentindo-me destruído e fraco. O médico abre a porta para mim e eu entro, olhando o cômodo e para ela. Lisa está ligada a aparelhos. Há uma faixa enrolada em sua cabeça e em seu braço esquerdo. Seu dedo indicador está preso por um pequeno objeto.

Aproximo-me da cama, parando ao seu lado quase que em câmera lenta. Não seguro a angústia ao vê-la daquele jeito e solto um soluço baixo.

— Baby... — digo, segurando o choro quando pego em seu dedo.

A única coisa que se pode ouvir no quarto, é o barulho da máquina e minha respiração desconcertada.

— Eu sinto muito. — Inclino-me sobre ela, beijando sua testa. — Você não merece isso, não merece...

Desço os lábios até a sua mão. Não consigo segurar o choro.

— Vamos sair dessa. — Passo o dedo na maçã do seu rosto. — Você vai voltar para mim, eu sei que vai.

Sento-me em um banco que tem ali e encosto meu nariz na sua bochecha, dando um pequeno beijo em

seguida. Eu não consigo parar de tocá-la.

— Eu amo tanto você, tanto. Não desista de mim.



Eu paro no tempo.

Eu não sei o dia ou as horas, eu não sei qual é o tempo desde que descobri que ela está em coma. E, de acordo com o médico, isso demoraria meses ou até anos. Fico louco quando soube disso, mas infelizmente essa é a minha realidade.

Lisa já não tem mais a faixa na cabeça e o braço está cicatrizando. O barulho da máquina é a única coisa que reina nessa sala. Eu estou aqui com ela, não é como se alguém conseguisse me tirar daqui, de qualquer maneira. Essa sala vem se tornando minha segunda casa, eu raramente vou para empresa e não me alimento direito.

Eu só quero ficar com ela.

— Posso entrar?

Ouçõ uma voz perguntar da porta e aceno para o meu pai com um sorriso de lado. Ele anda até a poltrona onde eu estou e olha para Lisa.

— Você parece doente fisicamente. Está bem? — pergunta.

— Sim — minto, como venho mentindo há semanas quando essa pergunta é feita.

Sorriso de forma quase inexistente e ele aperta meu ombro como se quisesse dizer que ele está ali para me apoiar. Eu sou grato por isso.

— Ela vai ficar bem.

— Eu preciso dela, pai. — Encaro seu rosto angelical e a imagino sorrindo para mim.

Gregório acena e ouço um sorriso orgulhos. Meus pais nunca me viram com nenhuma mulher com quem eu realmente quisesse um relacionamento sério. Era tudo apenas sexo casual, mas claro que ela mudou isso.

Ela mudou tudo quando me disse sim para ser a minha noiva. Maldito acordo que me trouxe o que eu não tinha vontade de ter. Amor.

— Você a ama? — pergunta.

— Não consigo imaginar o dia que não amarei. — Suspiro. — E afirmo que esse dia nunca chegará.

Ficamos em silêncio e eu apenas desejo que ela acorde logo para arrastá-la a um altar e fazer dela a mulher mais feliz do mundo.

— A empresa... — meu pai diz e se senta no sofá atrás de mim.

— Não estou com cabeça — digo e olho para ele. — Sinto muito.

— Tudo bem, eu entendo — ele diz e passa a mão no cabelo. — Vim aqui para lhe falar algo.

Peço para ele continuar.

— Adam ficará na presidência até que você esteja em condições de assumir seu cargo novamente — ele diz e eu concordo de imediato. — A fusão ainda vai acontecer.

Eu realmente não estou com cabeça para fazer nada naquela empresa, se eu continuasse trabalhando, provavelmente colocaria contratos em risco com a minha falta de paciência e ignorância e eu não funciono sem a minha secretária.

— Tenho certeza de que Adam se sairá bem — falei a ele, meu pai cruza as pernas.

— Colocarei outra pessoa para trabalhar com Rubi, já que seu irmão estará na presidência e bem ocupado — ele diz.

— Vai ficar tudo bem — digo e me levanto. — Eu não estou apto a conduzir uma empresa agora.

Meu pai concorda e se levanta, também me dando um abraço apertado.

— Ela vai acordar, filho. — Ele dá dois tapinhas na minha costa. — Eu sei que vai.

— É o que eu espero — digo e ele sorri de lado.

— Bom, eu já vou, sua mãe está me esperando.

Ele sorri ao falar da esposa e, eu por um momento, imagino a cena de Lisa esperando para jantar comigo com um grande sorriso nos lábios.

Gregório aperta a mão de Lisa antes de sair e eu me aproximo dela alisando seu cabelo preto. Eu não sei se ela consegue me ouvir, mas espero que sim. Eu converso com ela todos os dias. Mesmo que não obtenha resposta, isso me acalma.

Saber que qualquer dia ela pode acordar para que eu possa olhar seus olhos tão lindos é a motivação necessária para eu sempre estar ao lado dela.

No dia seguinte, eu acordo no sofá do quarto e resmungo com dor nas costas. Levanto-me indo ao banheiro do quarto e jogo água no rosto antes de escovar os dentes. Saio do quarto na tentativa de beber algo na cafeteria do hospital, entro na fila e tiro alguns dólares do bolso, entregando à atendente. Peço algo forte e ela anota na máquina.

— Batgirl!

Franzo o cenho e depois reviro os olhos ao olhar para o lado, vendo Adam quase em cima de mim. Pego o copo que a mulher me entrega e me viro para ele.

— Você deveria estar na empresa agora — bebo um gole da bebida. Porra, é café preto. Eu não gosto, mas estou tão desgastado, que não me importo e bebo mesmo assim.

— Sim, mas primeiro eu queria ver como você está.

— Estou indo. — Aponto para atrás dele e desvio ao passar pelo seu terno italiano.

— É eu sei... Dylan! — Ele se vira, correndo para me alcançar.

Entro no quarto de Lisa novamente e Adam vem falando todo o trajeto. Ele fecha a porta atrás de si e eu vou até à janela, encarando a rua movimentada de Nova York.

— Você está magro — ele observa com um tom fraco na voz.

Viro-me para ele e suspiro.

— Não estou comendo muito bem.

— Você deveria, quando Lisa acordar...

— Se, se ela acordar — interrompo-o antes de beber outro gole de café.

Dói dizer aquilo, mas é uma possibilidade.

— Ela vai acordar. — Ele se aproxima parando na minha frente.

— Você não sabe disso — digo e ele bufa.

— Você está sendo muito pessimista.

— Me desculpe se estou sendo pessimista, mas a mulher da minha vida está nessa porra de cama sem se mexer, sabe Deus quanto tempo, e todo dia que passa, eu me iludo nessa estupidez de ter esperança. Essa merda não existe!

Meu peito sobe e desce. A dor está me dominando novamente, eu sinto cada nervo meu implorar para que ela acorde, mas quando nada acontece, minhas esperanças vão diminuindo. Eu estou me tornando um fraco.

— Eu não acredito que você disse isso. — Sua expressão está séria.

Ótimo! Adam quase nunca fica sério.

— Bom, acho que eu e você não estamos acreditando em muitas coisas ultimamente.

— Pare com isso — ele pede ao ver meus olhos marejados.

— Eu não posso fazer nada, Adam. Eu sempre fiz tudo, nada nunca me parou, mas isso... — Aponto para ela. — Eu não consigo fazer nada.

— Não há nada que você possa fazer, Deus está cuidando...

— Foda-se isso. — Jogo o copo no chão com lágrimas descendo dos meus olhos. — Deus não está aqui!

Acho que é a primeira vez que vejo Adam desconcertado comigo, sem saber o que fazer. Eu também não sei lidar comigo e toda essa frustração em meu peito.

— Não perca a sua fé — ele sussurra para mim e eu balanço a cabeça. Depois pega em meus ombros tentando me reerguer. — Você pode não ter nada, Dylan. Você não tem a mulher que ama e nem o conforto no peito, mas você não pode perder a sua fé. Nunca.

Seus olhos azuis atravessam minha alma enquanto eu penso nas palavras dele. Olho para baixo, envergonhado pelo meu pequeno surto.

— Lisa nunca a perderia se essa situação fosse o inverso, ela estaria aqui dizendo a todos que você vai acordar, então lute por ela e acredite que ela estará conosco novamente.

Concordo e ele suspira, dando-me um abraço de urso da dona Monica. Adam é o irmão mais novo, mas eu sempre admirei esses breves momentos de reflexão e maturidade que ele possui.

— Obrigado — digo e ele bagunça meu cabelo.

— Quando precisar, maninho. — E aqui está o Adam que eu conheço.

— Vou para a empresa, alguém precisa estar à frente daquilo tudo — ele diz e ajusta o terno azul claro.

— Eu soube que você e Rubi ainda não vão trabalhar juntos — digo e ele acena cruzando os braços. A notícia parece frustrá-lo, mas ele nunca admitiria isso.

— Ela se livrou, não?

— Acho que posso escutar ela comemorando daqui.

— Espero que ela aproveite, não irei facilitar.

— Adam, não seja mal com ela.

Ele sorri malicioso.

— Mas essa é a minha intenção, Batgirl.

— Cafajeste — falo.

Ele fica por mais alguns minutos e até conversa com Lisa antes de nós nos despedirmos. Ele sai porta a fora e eu me joga no sofá tentando dormir mais um pouco, já que não dormi quase nada na noite anterior.

Fecho os olhos e, por incrível que pareça, pego no sono com rapidez. Toda aquela conversa com Adam pareceu devolver minhas energias e eu sentia a fé sendo devolvida para as minhas veias. Não sei quanto tempo se passa na minha soneca e se eu continuaria dormindo se não fosse por uma voz feminina cantarolando Rihanna.

Escutei essa música mais do que deveria nos últimos tempos, acabei decorando.

Abro os olhos lentamente e vejo Emily cantando para Lisa. Eu até acharia bonito se ela não estivesse falando de paus e como eles são grandes para a minha namorada. Aconchego-me no sofá e observo em silêncio até ela parar de cantar. Emy pega na mão dela e suspirou antes de falar.

— Adivinha, Jon está namorando com Josh! Pois é... nosso amigo desencalhou e eu aqui encahada.

Emy sorri para a amiga que não mexe um músculo.

— Não é como se eu quisesse todo esse lance meloso com corações. — Ela faz uma careta. — Se eu namorar um dia, pode bater na minha cara, eu permito, deixo até você filmar e postar no Youtube.

Ela passa o dedo na testa de Lisa tirando seu cabelo dali.

— Aposto que quer ver isso, certo? — Ela suspirou triste. — Acorde logo, por favor.

— Ela vai — digo do nada e Emily quase cai do banco. Ela me olha assustada e parece brigar comigo mentalmente.

— Quer me matar?

— Desculpe — falo rindo e ela me analisa lentamente.

— Caralho, você está horrível — diz ela.

— Nossa, obrigado.

— Se você quiser, eu posso trazer um barbeador para deixar aqui e um perfume. — Ela balança a mão na frente do rosto com uma careta.

— Eu não estou fedendo, Emily!

— Estou brincando, menos na parte do barbeador. — Ela ri e olha para Lisa em seguida.

— Eu dispenso, mas...

— Ai meu Deus — ela me cala, dando um salto do banco. Eu olho alarmado quando ela aponta para Lisa. — Você viu isso?

— Isso o quê? — pergunto confuso, andando até ela.

— Ela se mexeu, o dedo dela... você não viu? — ela pergunta eufórica dando pulos em volta da cama.

— Eu não vi nada — falo...

— Barbudo e cego — ela diz me encarando e anda até Lisa, pegando na mão dela. — Eu vi o dedo indicador dela levantar.

— Emy...

— Se você falar que eu vi coisas, eu vou bater em você com a minha bolsa.

Por que Emily é tão amorosa?

— Será que ela está escutando a gente? — ela pergunta.

— Os médicos dizem que sim.

— Mucura, se você estiver escutando, eu quero dizer que eu te amo muito e eu sei que você morre de medo quando assiste American Horror Story comigo, mas é engraçado ver a sua cara de assustada.

Emy sorri.

— Seu molhador de calcinhas está horrível, só para você saber.

Molhador de calcinhas? Meu apelido é esse?!

— Eu tenho que ir — ela diz e ajeita a bolsa que está no seu ombro.

Emy dá um beijo na testa da amiga e acena para mim antes de ir embora.

Inclino-me na direção de Lisa e beijo sua bochecha.

— Prefiro arrogante gostoso, baby.

CAPÍTULO 35

Dylan Venturelli

3 meses depois...

*“Não desista de mim, por favor não desista
De mim, eu pertenço a você e somente você,
amor”*

Adentro em meu apartamento e apenas joga minha jaqueta no sofá. Subo para o meu quarto tirando todas minhas roupas e entrei no box para tomar um longo banho.

Quando sinto a água cair no meu corpo, eu relaxo instantaneamente. Essa é uma das boas sensações que eu tenho no dia, a outra é quando eu saio daqui e volto para ela. Eu nunca desisti ou fiquei um maldito dia sem ir até Lisa, passamos feriados no hospital, comemorações e até o seu aniversário no dia. Nunca vou esquecer a cena do relógio na parede girando para o primeiro segundo do dia 25 de agosto, soprar a vela no seu pequeno bolo e depois olhar para ela, que mantinha os olhos fechados para mim.

Doeu como o inferno. E apenas continuou quando o meu aniversário foi uma semana antes do seu, e ela ainda estava em coma, foi a primeira vez que comemorei em um frio hospital, espero ser a última.

Eu estava no hospital quando Peter, Adam e Nate me forçaram a vir para casa e tomar um banho decente e comer algo que não seja barra de cereal e tomar café preto, que eu aprendi a gostar. Discutimos um pouco, mas eu sabia que eles só queriam meu bem, então cedi. Bryant me traz até aqui e fica me encarando pelo retrovisor de cinco em cinco minutos. Eu estou quase para demiti-lo.

Nesses últimos três meses eu me tornei uma pessoa fria e ignorante, eu já quase não sorria e muito raramente eu era educado, como era antes. Eu sei que ninguém tem culpa do que está acontecendo, mas fodase, eu não me importo.

Peço atualizações sobre Bob a cada semana e Bryant diz que ele está aguentando até firme demais. Pj está preso por conspiração e eu fodi com qualquer possibilidade de ele voltar a ser segurança. Quanto ao seu irmão, eu fiz questão de “promover”, colocando-o em outro patamar na agência em que trabalha e cuidando de uma boa moradia, já que ele vivia de favor em um apartamento minúsculo no Queens.

Suspiro desligando chuveiro e encosto a cabeça no box de vidro. Eu sinto tanto a falta dela, que chega a ser sufocante ao ponto de faltar oxigênio. Eu nunca amarei alguém como eu amo Lisa, nunca. E eu não quero amar ninguém além dela.

Enrolo-me na toalha, apoiando-a na minha cintura, e com outra enxugo meu cabelo, enquanto ando até o espelho. Meu corpo magro denuncia que eu não como direito, as olheiras nos meus olhos são visíveis e minha barba está enorme. Às vezes eu tiro, mas ela logo cresce e eu tenho preguiça de tirar de novo.

Saio da frente do espelho deixando a minha imagem acabada para trás e entro no closet para vestir algo. Coloco minha cueca boxer, uma calça moletom preta e uma blusa cinza de mangas compridas. Desço as

escadas secando meu cabelo e vou procurar algo para comer.

Paro na frente da geladeira e vejo uma travessa de lasanha que Benta tinha feito na noite anterior e levou para mim no hospital, que eu mal toquei. Pego a travessa, colocando-a em cima da mesa.

Busco um prato e coloco um pedaço para mim. Levo-o até o micro-ondas e espero ele esquentar.

Apoio as mãos na mesa e olho para o interruptor. Cenas do dia em que eu fiz um jantar para ela aparecem na minha mente e um sorriso de lado brota nos meus lábios quando lembro da sua expressão quando comeu a lasanha que eu fiz e claro, o momento desastroso que tive nessa cozinha.

Desperto dos meus pensamentos quando ouço o micro-ondas apitar. Vou até ele e tiro a lasanha de dentro, sentindo o cheiro que se espalha pela cozinha e abre um pouco meu apetite. Pego o garfo e me sento para comer.

Quando dou a primeira garfada, ouço meu celular tocar. Largo o garfo, que faz um barulho irritante e caminho até a minha jaqueta onde está o bendito aparelho.

Vejo o nome de Adam na tela e suspiro.

— O que é?

— Dylan...

— O que é? — pergunto impaciente.

— Lisa.

Aperto o aparelho quando ouço ele falar o nome dela e na mesma hora minha mente entra em alerta.

— O que tem ela? — pergunto receoso.

— Ela... acordou.

Meu coração bate mil vezes mais rápido e minhas pernas travam, assim como o celular no meu ouvido. Pisco várias vezes, tentando acreditar, mas todos

os dias eu pedia para que ela acordasse e ela nunca acordava, mas agora... ela acordou?

O celular cai no chão com um estrondo e mal percebo quando meus olhos se enchem de lágrimas, e minhas mãos deslizam pela minha cabeça, como se o alívio fizesse de tudo para me dominar.

Eu não estou acreditando, eu preciso ver com os meus próprios olhos.

Desligo o celular e corro até à porta. Entro no elevador e aperto o botão do térreo tantas vezes, que eu acho que o quebro. Pego meu primeiro carro que vejo e começo a dirigir até o hospital em uma velocidade incrível.

Minha mente trabalha em apenas vê-la. Provavelmente estou acima da velocidade permitida, mas que se foda, minha mulher acordou. Sorri como um idiota aliviado, mas paro quando penso na possibilidade dela ter perdido a memória.

E se ela não se lembrar de mim?

O médico me disse que tinha uma possibilidade dela não se lembrar de nada devido ao dano no seu hipocampo, que foi um pouco grave, mas só saberíamos quando ela acordasse.

Putá que pariu! Eu não vou aguentar se ela não se lembrar de mim, ela tem que se lembrar.

Entro na garagem do hospital e praticamente corro até o andar em que ela está. Depois do elevador demorar uma porra de eternidade, eu entro na sala de espera, vendo Adam e Emily trocando algumas palavras. Os dois me notam por causa da minha euforia.

— Dylan. — Adam caminha até mim e eu começo a andar para o quarto dela.

— Ela está no quarto? — pergunto um pouco mais alto do que eu gostaria.

— Ela está com o médico — Emy diz. — Ainda não a vimos.

— Vou vê-la — afirmo.

— Dylan! — Adam me chama, mas ignoro. — Ela está sendo avaliada, não podemos entrar.

Passo pelos corredores desviando das pessoas e das macas que transitam rotineiramente por ali, eu posso escutar o barulho do meu coração quase que em câmera lenta e os meus passos que parecem pegar fogo a cada segundo. Chego na frente da porta e puxo respiração para os meus pulmões quando a voz dela chega até os meus ouvidos.

Ela... Lisa!

Abro a porta abruptamente, chamando atenção do doutor, que me olha torto pela intromissão. Meus olhos focam nela e minha respiração ofega enquanto eu me apoio na porta. Lisa me encara e um turbilhão de sentimentos me dominam. Minhas mãos tremem e uma pequena gota de suor escorre da minha testa. Meu coração parece querer sair do peito quando escuto sua voz de novo.

— Dylan...

Lisa Morris

— Água.

A rouquidão na minha voz é notável. Olho ao redor e pisco repetidamente, tentando entender onde eu estou. O que... aconteceu? Eu estou morta? Fecho os olhos novamente e pequenos flashes de memórias do que aconteceu comigo voltam com tanta força, que minha cabeça lateja.

Levanto as mãos para tocar na minha cabeça e rápido sinto uma dor forte nos meus braços. Olho para o aparelho no meu dedo e depois para a máquina que apita de maneira irritante do meu lado. Os flashes continuam aparecendo na minha cabeça e eu resmungo de dor, tentando fazer parar.

Bob,
Acidente,
Helicóptero,
Ele...
Dylan.

Abri os olhos e vejo uma agulha enfiada na minha mão direita. Há alguns balões e ursos em um sofá no canto do quarto, dando um ar mais alegre. Não posso deixar de notar o balão desejando feliz aniversário. Desespero-me por alguns segundos e logo depois me acalmo, por não conseguir mexer um músculo direito. Descanso minha cabeça na cama e olho para cima antes de fechá-los. Meu Deus, ele ia me matar, não que eu duvidasse disso, mas realmente sentir a morte passando na sua frente não é a melhor experiência do mundo.

Que ele esteja preso, que ele esteja preso, que ele esteja preso e bem longe de mim.

Meus olhos pairam sobre a porta que está sendo aberta. Tento falar alguma coisa, mas a minha voz não sai, acho que forcei minhas cordas vocais quando falei "água". Observo Rubi entrando no quarto e mexendo na própria bolsa. Eu fico meramente confusa quando vejo as feições no seu rosto. Eu me lembro dela, mas há algo subentendido no ar, como se me dissesse que ela tinha mudado um pouco fisicamente.

— Oi! Eu trouxe outro ursinho para você — Rubi diz tirando um pequeno ursinho azul de dentro. — Eu sei que já trouxe muitos, mas olha... eu não me importo. — Ela ri e anda até o sofá, colocando o ursinho entre os outros.

Ela se aproxima de mim me encarando com um sorriso amigável e se senta no banco alto ao meu lado. Fico olhando para ela, que cruza os braços me olhando de volta. Franzo o cenho quando eu acho que ela entende que eu estou acordada. Rubi arregala os olhos e fala um palavrão antes de literalmente cair para trás do banco como se fosse uma fruta madura. Vejo se esborrachando no chão e um gritinho grave sai da minha garganta.

Ela pula se levantando e me encara de novo. Ela aproxima o rosto do meu e eu desvio para o lado quando ela para praticamente em cima de mim. Rubi coloca o indicador no meu rosto e eu levanto uma sobrancelha quando ela o afunda.

— Eu estou alucinando?

Levanto minha mão e sinto menos dor que antes. Agarro seus dedos e seus olhos se arregalam novamente.

— Puta que pariu! — ela grita cambaleando para trás. Por um momento, penso que ela irá desmaiar.

Ela corra até mim de volta e parece atordoada.

— Ai, meu Deus! — Ela me abraça e eu acabo sorrindo quando ela beija minha bochecha. — Você está bem? Você está acordada, você está acordada!

Franzo o cenho.

Afastamo-nos e ela fica me encarando como se o que visse não fosse real. Aponto para a minha boca e ela franze o cenho, mas depois entende.

— Água?

Aceno.

— Ah sim, me desculpe, — Ela sai em disparada do quarto e quase tropeça no processo, pegando a sua bolsa que está no chão. Alguns minutos depois, uma enfermeira e um homem de jaleco branco entram no quarto, mas Rubi não está com eles. A mulher para na minha frente, dando um sorriso acolhedor e quase de alívio.

A enfermeira me entrega a água e sai logo depois. Bebo com vontade, deixando o copo vazio.

— Olá. — O médico tira uma espécie de mini lanterna do bolso, mira no meu olho esquerdo e depois no direito. — Vou te fazer algumas perguntas e quero que pisque se a resposta for sim ou pisque duas vezes se a resposta for não, você entendeu?

Pisco uma vez.

— Ótimo! Você se lembra do que aconteceu?

Pisco outra vez.

— Você sabe por quanto tempo está aqui?

Pisco duas vezes. Eu não sei, mas não acho que seja muito, já que provavelmente algumas horas atrás eu estava com Bob.

— Você estava em coma, ficou desacordada por exatos três meses.

Arregalo os olhos e pisco confusa, uau, que direto.

— Coma? — pergunto finalmente. Meu mundo parece virar de cabeça para baixo naquele instante. Olho para os presentes no sofá e para o balão de aniversário. Oh, meu Deus, não...

Olho para outro ponto e algumas cenas de mim correndo pela praia e escutando várias músicas com Dylan ao meu lado pairam na minha mente. Aqueles momentos foram "sonhos"?

— Como você se sente? — o doutor pergunta.

— Perdida, eu não... — Balanço a cabeça e depois faço uma careta. — Meu corpo dói.

Ele acena.

— Você está com comprometimento muscular, normal em casos de coma e...

O doutor para de falar quando a porta é aberta rapidamente. Ele olha para a mesma irritado. Eu paro de encarar seu jaleco branco e lentamente olho para a porta. Meu coração que não parecia bater, começa a

acelerar quase trezentas vezes mais do que já bateu um dia. Olhos verdes me encaram e parecem transmitir tantas coisas ao mesmo tempo, que é impossível identificar.

— Dylan...

— Lisa.

Ele dá um passo à frente e eu suspiro baixinho. Ele não está perto de mim, mas eu posso sentir o calor que seu corpo emana.

— Dylan... — Acabo sorrindo e ele faz o mesmo.

— Lisa. — Meu nome sai da sua boca como alívio e ele começa a correr na minha direção com tanta convicção, que faz meu peito apertar. Três meses...

Dylan está diferente fisicamente, ele parece bem mais magro e sua barba por fazer o faz envelhecer dez anos. As olheiras nos seus olhos são notáveis e eu posso notar por alto o que ele vem passando durante esse tempo.

Ele está me alcançando quando o médico levanta, ficando na sua frente. Dylan não tira os olhos de mim em momento nenhum.

— Ela se lembra de tudo, senhor Venturelli. Pode ainda estar confusa, e com dores musculares então... não use muita força.

— Deus, saia da minha frente e deixe-me ver a minha mulher — ele diz para o médico, que acena com a cabeça e vai para o lado, deixando-o andar até mim. Sinto seu cheiro e uma familiaridade me toma. Lembro-me dos seus dedos no meu rosto, do seu sorriso e até das nossas provocações, tudo vinha muito rápido na minha cabeça.

Ele coloca as mãos na minha bochecha lentamente e seu toque me faz fechar os olhos.

— Eu não consigo acreditar — ele sussurra, deslizando os dedos pela maçã do meu rosto e eu o encaro quando ele ergue meu rosto, olhando cada

centímetro dele. Vejo seus olhos marejados e as palavras escassas no momento.

Ele passa a mão no meu cabelo como se quisesse se convencer de que eu estou ali. Dylan deixa uma lágrima cair no meu rosto e eu engulo em seco sem saber o que dizer a ele.

— Eu pensei que tinha perdido você — ele diz e eu pego no seu braço, balançando a cabeça de forma negativa.

— Eu não... três meses? Como... o acidente... Bob, ele...

Não termino de tentar entender, porque sinto seus lábios tocarem minha testa e ouço ele repetir "obrigado" várias vezes. Eu posso sentir toda a sua felicidade com um simples toque, enquanto ele faz de tudo para não me tocar com força demais. Deus, eu não acredito que fiquei desacordada por três meses!

Ele se afasta, colando nossas testas, como ele sempre faz, e um sorriso sai dos meus lábios. A pupila de Dylan dilata e ele sorri também. Logo em seguida olha para o médico e suspira.

— Quando eu posso levá-la para casa?

— Ela acabou de acordar, precisamos fazer alguns exames e discutir algumas fisioterapias — ele diz e Dylan me encara novamente.

— Você está bem? — pergunta alisando meu cabelo.

— Eu quero ficar — digo e ele acena concordando.

— Você irá, farei o que for preciso. — Ele desce as mãos pelos meus braços, olhando-me atentamente. — Eu te amo tanto! Fiquei morrendo de medo de que você não acordasse, eu não sei o que faria sem você...

Ele respira fundo e seus braços me envolvem em um abraço confortador. Seu coração acelerado batendo contra meu peito e a respiração desconcertada são o que

me fazem sentir viva. Eu amo isso, mas preciso saber de uma coisa.

— Onde ele está? — pergunto e Dylan me encara.

— Onde ele tem que estar, na cadeia e sem colocar ameaças na sua vida. Você nunca mais vai precisar vê-lo e isso é uma promessa. — Ele me encara de maneira firme, dando entonação à sua palavra. — Não se preocupe com ele voltando, porque ele não vai, eu garanto isso.

Solto um suspiro aliviado e ele me abraça de novo. Fecho os olhos com força e agradeço baixinho, com o seu cheiro entrando pelas minhas narinas.

— Eu te amo — digo e ele se afasta me encarando.

— Eu sabia que ouviria isso de novo. — Ele sorri, fazendo-me sorrir novamente em seguida.



— LISA!

Paro de comer a sopa que me foi servida para o almoço e a coloco de volta na bandeja, encarando a mulher parada na porta, que me olha como se eu fosse de um planeta muito, muito distante.

— Meu Jesus! Você está com os olhos abertos! — Ela corre até mim, capturando-me nos seus braços com um animo enorme. Dói um pouco, mas não interrompo a felicidade genuína dela. — Porra! Finalmente, mucura.

— Emily. — Aperto-a com mais força.

— Você está bem? Você continua linda. — Ela me olha nos olhos quando nos afastamos.

— Estou bem, e que bom que ainda estou bonita, mas eu adoraria comer algum cheeseburger agora e isso com certeza não seria nada bonito. — Ela ri alto e eu até pisco quando ela joga a cabeça para trás com exagero. — Pare, não foi tão engraçado assim.

Ela para de rir na hora e depois me encara.

— É, não foi. Mas eu posso trazer alguns na minha bolsa.

Sorrio de lado.

— Eu te amo.

— Interesseira do caralho.

— Ei! Eu acabei de sair...

— Eu sei, eu sei, vou tentar ser gentil.

— Obrigada.

Continuamos conversando e ela aproveita para me atualizar de tudo o que aconteceu nesses meses, claro que com intervalos de cinco em cinco minutos para me abraçar. Dylan está no seu apartamento para pegar algumas roupas para mim. Emy me conta a surra que ele deu em Bob e como esses dias vem sendo difíceis para ele, que dormiu todas as noites no sofá do canto e se recusava a voltar para a empresa. Isso é tão surreal, minha mente parece girar a todo momento e eu ignoro a voz na minha cabeça que diz que eu perdi muito estando deitada nessa cama de hospital. Meu consciente está tão abalado.

— Já estou de volta ao nosso apartamento — ela diz. — Ele está limpo, Dylan mandou fazer uma nova varredura lá dentro.

— Ainda bem — digo.

— Então... Jon desencalhou, Rubi e eu estamos super felizes por ele e por Josh — ela diz e eu bebo um pouco de água que tinha na bandeja. — Ele deve estar chegando daqui a pouco, pediu folga do trabalho.

Concordo, ansiosa para vê-lo.

— Ah! Você sabia que Susie já conhecia Rubi?

Franzo o cenho.

— Como assim?

— Lembra quando Susie nos contou que teve um trabalho aqui em Nova York? — Aceno e ela continua. — Era na antiga empresa de Rubi, as duas nunca conversaram naquele tempo, mas se lembram uma da outra, nos aproximamos muito nesses últimos meses, e não só por sua causa, mas porque o destino pareceu nos unir de forma forte, o que é estranho.

Emily ri.

— Isso é ótimo. — Sorrio para ela, que continua me atualizando.

— Adam continua o mesmo cafajeste de sempre e aquele tal de Nathaniel é um verdadeiro Deus grego. — Ela se abana.

— E o Peter?

— Está vivo — ela diz e coloca a mão no queixo parecendo pensar na próxima pessoa que iria falar.

Balanço a cabeça.

— Os pais do seu namorado sempre vêm aqui nos finais de semana e parecem mesmo gostar de você. — Aceno com a expressão meiga. Monica e Gregório nunca me destratarem, nem mesmo quando souberam a verdade sobre o noivado.

— Eu estou muito feliz que você tenha acordado. — Ela beija minha testa. — Convença o seu namorado a tirar aquela barba, pelo amor de Deus. O vi na frente do hospital na semana passada e joguei uma moeda no copo de café dele.

Rio baixo enquanto ela se levanta.

— Eu preciso ir, tenho que voltar para o infern... quer dizer, trabalho. — Ela ri e pega sua bolsa da cadeira. — PORRA! MINHA MELHOR AMIGA ESTÁ ACORDADA!

Ela surta, pondo as mãos no rosto, e depois dá um gritinho jogando o cabelo para trás. Emily acena para

mim antes de passar pela porta do quarto, deixando-me para trás. Olho para a máquina e o tédio me bate. Começo a mexer no aparelho que tem no meu dedo indicador.

— Para que isso serve? — pergunto para mim mesma.

Tiro o negócio do meu dedo, ouvindo um barulho irritante que vem da máquina. Rápido trato de colocá-lo de volta, fazendo o barulho cessar.

— Graças a Deus — digo baixinho.

A porta do meu quarto abre, liberando um corpo feminino de franja e o rosto angelical. Sorri para Susie, que se aproxima de mim meio cautelosa. Óbvio que sua reação foi mil vezes melhor do que Rubi, acho que ela ainda está surtando por aí. Susie me encara por alguns segundos e depois levanta dois dedos.

— Quantos dedos tem aqui? — ela pergunta e eu levanto uma sobrancelha.

— Dormi por tanto tempo que esse virou o novo “olá” universal?

— Lisa! — Ela ri animada, aproximando-se. Eu recebo seu abraço caloroso, que estranhamente me acalma. A áurea de Susie é tão gostosa, que ela pode te acalmar em segundos, acho que até mesmo afugentar seus demônios. — Você parece bem.

— Sim, eu estou. Preciso... me reerguer, mas me sinto bem fisicamente.

Susie se senta na cadeira e tira um urso branco com um laço vermelho no pescoço, escrito “bem-vindo de volta”. Ela me presenteia e eu seguro o ursinho no colo enquanto conversamos.

— Eu não sei muito bem o que houve, mas fico feliz que você esteja bem. — Ela toca na minha mão. — Que você esteja viva.

Abro os lábios para falar algo, mas me calo, ela tem razão, eu estou viva e tenho todos que eu amo em

volta de mim. Este é o meu melhor presente e, desde os meus pais, eu achei uma nova coisa para qual lutar, meus amigos.

— Você é uma ótima amiga, Susie — digo e ela sorri.

— Nunca tive amigas antes, estou feliz por ter.

Susie continua comigo até o final da tarde e conversamos bastante. Sua história é recente e triste, mas nem por isso ela deixa de sorrir e ser alegre. Comparo-me com ela em algumas situações e escuto seus conselhos de forma atenta. Ela começa a me mostrar o que eu tenho e que eu poderia ter mais na vida, que tudo o que aconteceu não pode sair da minha memória, mas eu posso exercitar esse lado para continuar caminhando nos trilhos da minha vida, que eu posso ter controle e agora... de forma livre. Eu estou livre dele.

— Eu adoraria continuar aqui conversando com você, mas a boate vai abrir daqui a algumas horas e eu preciso estar lá — ela diz e se levanta, pondo a bolsa no ombro.

— Claro, vamos marcar algo quando tudo se normalizar.

Ela me abraça e se vira para ir embora. Na porta, sua mão puxa a maçaneta para dentro e ela acaba vindo com força, porque a pessoa do outro lado que quer entrar no quarto, acaba fazendo o mesmo. Susie dá passos para trás deixando a porta se abrir e continua olhando para o chão.

O rosto de Nathaniel surge no quarto e seus olhos focam na pessoa à sua frente, seu semblante muda por alguns segundos e um sorriso que eu conheço muito bem surge. Esse é o sorriso cafajeste dos Venturelli, eu sei, porque via um desses quase toda hora.

— Me desculpe — Nate diz a ela, que mal o olha, apenas balança a cabeça.

— Não tem problema.

Susie se desvia do seu corpo passando pela porta, ignorando completamente o moreno que está com o cenho franzido, como se tal coisa fosse quase impossível.

— Ela... você viu isso? — ele pergunta olhando para mim.

— Vi o quê?

— Ela me ignorou?

Reviro os olhos.

— Ela não sabe quem você é.

— Quem é essa mulher? — Ele olha para a porta e depois para mim.

— Susie Jones.

Nate abre os lábios parecendo reconhecer o nome que tanto citamos na sua presença sem realmente ela estar presente. Ele olha para a porta novamente e depois cruza os braços caminhando na minha direção.

— O quê? Não são todas que caem no charme dos Venturelli — digo e ele levanta uma sobrancelha.

— Você é engraçada — ele diz e eu reviro os olhos.

Ele sorri para mim e depois anda até o sofá antes de começar a ajeitar os ursinhos que Rubi trouxe, deixando-os espremidos no canto do sofá. Ele parece organizar tudo.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Eu vim com Dylan, ele me pediu para arranjar um lugar para pôr algumas coisas pessoais suas.

— Onde ele está?

— Deve estar subindo com as duas caixas.

— Duas caixas? Eram só algumas roupas.

Ouçõ um barulho da porta e o vejo com uma caixa em cada mão. Ele coloca no sofá, ocupando metade dele, e ele se vira para mim, deixando-me ver

que a barba grande tinha saído do seu belo rosto. Emily vai solta confetes em algum lugar de Manhattan.

— Eu trouxe tudo o que você precisa — ele diz.

Corrigindo, ele trouxe o apartamento.

— Blusas, vestidos, shorts, sutiã, calcinh... — Ele olha para Nate, que tem uma expressão engraçada. — Enfim, também trouxe um celular novo e aquela camisa que você gosta.

— A do crepúsculo?

— Essa mesma.

Sorri de lado.

Ouvimos o celular de Nate apitar e ele olhar para a tela parecendo ler uma mensagem.

— É Adam, tenho que ir — ele diz e se despede de nós dois, saindo pela porta em seguida.

Olho para Dylan e não posso deixar de comentar sobre a sua barba recém tirada.

— Ainda bem que você tirou isso aí, Venturelli.

— Você não gostava da minha barba grande, baby? — ele anda até mim e depois se inclina apoiando as mãos na cama. Ele me dá um selinho demorado e no meu estômago aparecem aquelas malditas borboletas.

Ele se afasta minimamente, encarando-me nos olhos, e depois engole em seco, avançando para o meu pescoço em seguida. Dylan me beija ali e eu faço uma expressão quase que de dor, não que eu estivesse sentindo nessa região, mas o toque dos lábios parece me fazer derreter. Ele aspira meu cheiro de sabonete, já que eu tinha tomado banho mais cedo, e desce os lábios para o meu peito. Aperto seu cabelo e ele resmunga com as mãos descendo pelos meus braços, quase tocando nos meus seios.

Até que para.

Ele se afasta ofegante e eu o encaro quase intoxicada.

— Desculpe — ele sussurra.

— Eu sei o que está passando na sua cabeça.

Ele engole em seco.

— Pergunte, Dylan.

— Ele tocou em você?

— Ele tentou — respondo, vendo-o bufar. — Mas não conseguiu fazer o que queria realmente.

Ele parece aliviado por mim.

— Eu sinto muito por tudo isso.

— Eu não estou dizendo que estou bem ou que tudo vai voltar ao normal do dia para noite, mas eu estou disposta a fazer isso acontecer aos poucos.

— Eu também estou, eu quero retomar nossa vida de onde paramos.

— Eu quero isso também, só tenha paciência comigo.

Ele sorri se aproximando de novo. Seus dedos levantam meu queixo para me fazer encará-lo.

— Por você? Eu faço qualquer coisa. — Ele me beija de novo e depois me encara.

— Você é incrível — sussurro e ele cola a testa na minha.

— Eu sei.

Sorrio de lado e ele coloca uma mecha do meu cabelo para trás.

— Posso falar algo?

— Diga — respondo.

Seus olhos me encaram de maneira firme, tentando transmitir tudo o que ele quer ao me falar a frase que me faz fechar os olhos.

— Você não precisa necessariamente de um passado para ter um novo futuro. — Sua voz atravessa minha alma e eu continuo de olhos fechados. Quando os abro de novo, ele não está mais no quarto.

CAPÍTULO 36

Lisa Morris

“Deixe eu te mostrar como estou orgulhosa de ser sua”

Ando pelo estacionamento do hospital sorridente.

O médico havia me dado alta depois de ter feito os exames e fazer fisioterapia por dias e dias. O processo foi demorado com a águia do meu namorado monitorando tudo e se certificando que eu esteja realmente bem. Conversei com profissionais do hospital, que fizeram questão de examinar a minha saúde mental. O que conversei com Dylan está se cumprindo, estamos avançando aos poucos e tudo parece ir se encaixando.

Eu já não sinto mais dores musculares e me sinto muito bem. Ainda estou tomando alguns antibióticos recomendados pelo médico, mas tudo com o maior cuidado possível. Nesse meio tempo, eu matei a saudade de todos, até da família de Dylan, que voou de Chicago até aqui para me ver. Marcus e Beatrice, o casal da gincana amorosa veio prestar compaixão por nós dois. Jonathan me manda mensagem todos os dias e às vezes Josh rouba o celular dele para falar comigo, os dois juntos são a coisa mais fofa e romântica que já vi, eles são perfeitos um para o outro! Bryant, que nunca tinha sorrido tanto, sorriu ao me ver de pé comendo um cheeseburger. Ele me abraçou forte e me trouxe Pj, meu segurança do bem, que insistiu em falar comigo. Ele se

desculpou e eu apenas o abracei, dizendo que estava tudo bem.

— Você precisa de ajuda? — olho para o meu arrogante gostoso, que está com os olhos brilhantes. Sorri de lado.

Ele abre a porta do Audi preto e eu entro no carro com Dylan me escoltando. Digamos que nesses últimos dias ele está bastante protetor. Compreensível. Ele dá a volta, entrando no mesmo, e dá partida. O carro vai para a saída e eu abro a boca chocada ao ver uma pequena roda de pessoas com câmeras apontadas para nós dois e cartazes desejando forças. Isso estranhamente me faz sorrir.

— O que...

— Eu não gosto da mídia, não mais, porém, eu gosto disso. — Ele aponta saindo do hospital e as pessoas começam a bater palma comemorando. Abaixo o vidro do carro e eles acenam me dizendo para ficar bem.

Dylan sorri agradecendo e depois arranca com o carro. Encaro-lhes pelo retrovisor e meu peito se aquece com aquilo.

— Eles tiveram compaixão pela nossa história. — Olho para Dylan. — Somos queridinhos de novo, baby.

Rio disso e encosto a cabeça no vidro, suspirando aliviada. Tudo tinha acabado. Bob está na cadeia, onde é o lugar dele, e agora eu finalmente estou em paz. Não posso descrever a sensação boa em meu peito.

Olho para frente e vejo que todos os carros passam por nós, alguns buzina irritados, fazendo-me franzir o cenho e olhar para trás querendo entender. Uma moto passa do nosso lado meio furiosa e eu encaro as casas que vão passando lentamente

Encaro o velocímetro do carro e levanto uma sobancelha.

— Dylan? — chamo.

— Sim?

— Por que você está indo a trinta quilômetros por hora?

Ele dá de ombros e suspira em seguida.

— Eu não sei.

Aperto o lábio um no outro e coloco a mão na sua perna. Ele me encara e depois suspira.

— Está tudo bem, está com medo?

— Eu não estou com medo — ele diz e depois completa. — Só estou tomando cuidado.

— Certo, tome cuidado a sessenta quilômetros por hora, porque esse é o limite da pista — digo dando um tapinha na sua perna e ele sorri de lado.

— Eu senti falta dessa boca esperta, querida.

— Ainda bem que você a tem novamente.

Dylan sorri antes de aumentar a velocidade para sessenta quilômetros por hora e assim chegamos bem mais rápido no apartamento. Ele briga comigo sobre me carregar até o quarto e no início acho exagero, mas aceito mesmo assim. Ele me coloca na cama e, quando se afasta, eu o puxo pelo braço, fazendo-lhe ficar em cima de mim. Não sei por que faço isso, mas uma necessidade estranha me faz querê-lo perto.

— Lisa... — Seu tom é de repreensão.

— O quê? — Meus dedos vão para seu cabelo enquanto ele estuda meu rosto. Por que é tão sedoso?

— Você é tão linda — diz ele, o cara mais bonito do planeta.

Ele beija a ponta do meu nariz, forçando-se para frente. Minha respiração se desregula levemente ao senti-lo tão perto. Sexo é uma das últimas coisas que eu estava pensando no hospital e todo o meu processo lá dentro. Mas, estando aqui, no seu apartamento com todas as coisas em volta, faz-me ter memórias que estavam adormecidas. Foi bem ali que ele me pediu em namoro, foi na sala que assistimos filmes pela primeira

vez, na biblioteca que tivemos o sexo mais intenso do nosso relacionamento até agora. Dylan tem tudo de mim e isso me lembra o tanto que eu confio nele.

— More comigo — ele pede e eu saio dos meus pensamentos rapidamente.

— O quê?

— Venha morar comigo, eu quero você aqui.

Um sorriso aparece nos meus lábios.

— Vai continuar me dando bons dias alegres?

— E café da manhã na cama às vezes.

— Oh, que tentador.

— Aceite — ele sussurra beijando minha bochecha carinhosamente.

— Eu já aceitei há muito tempo, só estava te enrolando.

Ele sorri antes de me encarar.

— O que eu faço com você, senhorita Morris?

Desço minhas mãos pelos seus braços e ele pisca algumas vezes quando chego no seu peito. Inclino-me querendo beijá-lo com a vontade acumulada, mas ele se afasta tão rápido, que não consigo concluir meu ato. Vejo-o de pé e me apoio nos cotovelos.

— Vou pegar as suas coisas lá embaixo.

— Agora?

Ele sai em disparada pela porta, deixando-me atirada na cama sem uma reposta. Respiro fundo, caminhando para o banheiro, quando me dou conta de que ele não vai voltar agora. Tiro as roupas, tomando uma ducha refrescante, e aproveito para cuidar da minha pele, já que meus produtos de higiene ainda estão todos aqui. Depilo-me cantando uma musiquinha baixa da Rihanna e passo shampoo no meu cabelo quando termino a rápida depilação.

Enrolo-me na toalha quando o banho chega ao fim e caminho para o quarto, vendo Dylan passando pela porta. Ele me analisa em silêncio e eu ando até o closet,

tirando a toalha no caminho. Sinto os olhos queimando minha pele e eu o encaro por cima do ombro quando ele se concentra nas minhas pernas, até parar na minha bunda.

Seus lábios separados me indicam que não sou eu que tenho um problema com sexo, é ele.

Alguns dias depois...

Estico os pés no sofá e começo a trocar os canais para achar algo interessante. Está no período da tarde, quase que escurecendo. Dylan tinha ido até a empresa para acertar algumas coisas com Adam, já que o loiro tinha ocupado seu cargo durante o tempo em que estive no hospital. Minhas coisas já estão no apartamento e agora, de forma oficial, nós estamos morando juntos.

Desde o dia em que voltamos, Dylan e eu não tivemos nenhum tipo de contato sexual, não que eu estivesse desesperada, eu só queria entender mais a fundo, pois toda vez que eu me aproximo, ele se afasta, dando uma desculpa qualquer. Por um momento, eu pensei que talvez ele tivesse me traído e agora está com peso na consciência, mas Rubi e Emy me asseguraram que isso não é provável, já que o mesmo não saiu do meu lado em nenhum momento, apenas no dia em que eu acordei. Eu acreditei nelas e eu acredito que não seja isso, Dylan não faria tal coisa comigo e, se fizesse, eu cortaria suas bolas e venderia em algum mercado ilegal.

Desligo a televisão e jogo o controle para o lado. Levanto-me e subo para o quarto com uma corridinha rápida ao passar pelos degraus. No quarto, eu me olho no espelho, vendo meu corpo mais magro do que antes, mas eu sei que aos poucos vou ganhar mais alguns quilos. Vou para o closet atrás de alguma roupa para exercício físico. Acabo de decidir que está na hora de estrear a mini academia que ele tem aqui dentro.

Se andar um pouquinho por aí, talvez ache uma agência do FBI.

Passo meus dedos pelas roupas femininas e levanto uma sobrancelha ao perceber que muitas roupas ali não são minhas. Bom, não eram minhas antes e pelo tamanho e cores, Dylan havia comprado para mim. Como não notei elas anteriormente?

Passo pela parte final vendo roupas de academia e abro um sorriso, é claro que tem. Tiro minha camisa do crepúsculo e meu short jeans, ficando só de calcinha e com os seios aparecendo. Pego uma legging preta e um top... oh, meu Deus, o que é isso?!

Eu puxo uma gaveta super diferente dali e me deparo com calcinhas minúsculas e sutiãs menores ainda. Pego uma calcinha vermelha com babadinhos, levantando-a na altura do rosto, e faço uma expressão surpresa.

Certo, eu com certeza vou colocar isso.

Tiro a que estou usando e a visto, admirando-me no espelho que vai até o teto. Dou uma voltinha, ajustando os babados, e acho o sutiã que faz par com ela. Dou um sorriso, colocando-o em mim. Mordo o lábio, sentindo-me com a autoestima elevada. Porra, perfeito. Vejo a leve cicatriz no meu braço quando me aproximo do espelho e passo o dedo por cima. Eu não me lembro muito bem, mas o vidro da janela se quebrou quando o carro bateu na árvore e acabou entrando na minha pele. Apesar de viver tudo aquilo com Bob antes da faculdade, nunca tive cicatrizes, mas eu tenho uma agora e me sinto vencedora por não sentir aversão quando eu olho para ela.

Tiro os dedos dali, descendo pelo meu corpo, e passo a língua nos lábios quando eles tocam no meio das minhas pernas de forma leve. Engulo em seco sem a intenção de fazer isso, mas não posso negar o friozinho que sobe na minha barriga. Olho para os meus pés e

pisco algumas vezes com a ponta da minha unha afastando a calcinha vermelha, entrando para me tocar.

Não consigo fazer nada, porque em um minuto meu corpo está na frente do espelho e logo depois sinto uma mão forte na minha nuca, arrastando-me para o lado até fazer minhas costas baterem na parede do closet.

— O que droga você está fazendo?

Assusto-me quando ouço sua voz grossa perto do meu rosto e olho para Dylan e seus olhos irritados. Ele está vestindo seu famoso terno de três peças e está magnífico pra caramba. Oh, meu Deus.

Ele desce o olhar pelo meu corpo, vendo-me ofegante na sua frente e estranhamente excitada. Eu não consigo parar de esfregar minhas pernas com ele me olhando desse jeito.

— Eu não sei... — sussurro com as mãos na parede ao lado da minha cintura e sua mão se arrasta até o meu pescoço. Ele fecha os olhos por alguns segundos e aproxima o nariz da minha bochecha, aspirando meu cheiro de uma maneira tão forte, que ele resmunga em seguida. — Dylan...

— Quieta. — Ele beija meu rosto, colando-se em mim. Eu o abraço com as mãos, querendo senti-lo mais. — Merda...

— Por que você não me toca?

— Lisa...

— Você cansou de mim? É isso? — Ele me encara na mesma hora com os olhos ligeiramente arregalados.

— O quê? É claro que não.

— Ainda sente desejo por mim? — Aliso suas costas, subindo para a sua nuca, enquanto subo minha perna lentamente, fazendo meu pé se esfregar na sua calça o caminho inteiro até a sua cintura. Ele fecha os olhos, apertando-me mais forte. Eu mordo o lábio de

novo, sentindo sua ereção me tocando furiosamente e respondendo minha pergunta.

— Eu não quero machucar você — sussurra.

— O quê?

— Eu não quero machucar você — ele diz em bom e alto tom.

Franzo o cenho confusa.

— Você saiu do hospital esses dias, eu não quero te machucar. Você ainda está sensível a tudo isso...

— Não, não, não. — Ele me encara. — Não faça isso comigo, não você, você é o único que não me olha como se eu fosse um bichinho indefeso por causa de tudo, eu confio em você, então não faça isso comigo. Você pode me tocar, eu sou sua, Dylan.

Ele resmunga colocando os dedos no meu maxilar e eu respiro com dificuldade quando ele se esfrega em mim de novo, deixando-me sentir tudo o que é meu.

— Você não está ajudando.

— Eu não quero ajudar. — Coloco minha mão no meio de nós dois e ele cerra os dentes quando o aperto por cima da calça social. Abro o botão sem ele me impedir e coloco a mão lá dentro, tocando-o lentamente. Dylan geme baixo me encarando e eu passo a língua nos lábios, sentindo o quanto ele está duro e quente. Eu senti falta dele a cada minuto desde que abri os olhos naquela cama.

— Porra — ele grunhe soltando-me e se afasta um pouco para eu tocar melhor. Puxo a calça mais para baixo, tocando no seu pau. Ele tira o paletó enquanto eu beijo seu pescoço, soltando respirações curtas de ansiedade. Masturbo-o mais rápido e ele morde meu pescoço desfazendo os botões do colete.

Dylan toca na minha mão, afastando-me e eu olho para ele, que dá um sorriso pequeno, abaixando as alças do meu sutiã em seguida. A peça está fora e ele

admira meus seios enquanto desce as mãos até a cintura da minha calcinha, puxando-a para baixo. Fico nua na sua frente e ele respira fundo com os lábios secos.

— Eu quero ver você, dê uma volta para mim.

Ele manda com os dedos no botão da camisa social, tirando-a segundos depois. Encaro seu peito antes de girar lentamente, deixando-o ver meu corpo com o olhar mais predatório que ele tem. De costas, eu passo as mãos na minha bunda, encarando-o por cima do ombro, que está me virando para ficar de frente para ele de novo. Ele me carrega do chão tão rápido, que até me assusto.

Dylan me leva para o quarto, nosso quarto...

Dou um sorriso ao lembrar disso.

Ele me coloca na cama de uma forma nada delicada e sobe em cima de mim logo em seguida. Ele beija meu pescoço antes de parar na minha boca. Sua língua me explora enquanto suas mãos agarram meus pulsos, pondo-os acima da minha cabeça. Logo depois, ele desce à direita no meio de nós dois e eu jogo a cabeça para trás quando ele põe a pontinha no meu sexo antes de levá-la para o meu clitóris. Ele esfrega ali com força e eu dou um gemido alto, mais ofegante do que nunca.

— Era isso que estava fazendo antes de eu chegar? — ele sussurra a pergunta e meu corpo se arrepia a cada segundo.

— Eu não consegui termi...

— Sim ou não? — ele me interrompe quando sua mão se fecha no meu sexo.

Putá merda.

— Sim — respondo e ele dá um sorrisinho passando a língua no meu lábio inferior. Tudo muito quente para mim.

Ele muda a posição da mão e eu fecho os olhos com minhas costas se arqueando na cama. Ele beija

meus seios, cheirando a minha pele e me assistindo gemer e contorcer embaixo dele.

— Você é tão sensível, eu sempre gostei disso — ele sussurra contra os meus seios e eu abro os olhos com dificuldade. — Eu senti tanto a sua falta.

— Você está me torturando.

— Quer me experimentar de novo, baby?

— É o que eu quero.

— É o que você terá. — Dylan beija meu queixo antes de levar a mão para a calça social e me dar o que eu quero. Ele o tira de lá e me encara, mandando eu colocar minhas pernas em seu quadril.

Vejo quando ele se direciona até mim e respiro com dificuldade, mantendo minhas mãos acima da minha cabeça. Mordo os lábios quando o sinto no início. Ele fecha os olhos momentaneamente e se move entrando mais um pouco, mantendo os olhos agora no meu rosto e vendo minhas expressões, que mudam cada vez que ele entra mais.

Mordo seu ombro ao senti-lo todo e o encaro ofegante. Ele me beija e geme junto comigo assim que se move para trás e depois para frente lentamente. Ele põe a mão na lateral da minha cabeça e aperta o lençol da cama a cada investida contra meu quadril. Eu sei que ele está se segurando para não fazer mais rápido e me dar tempo para me acostumar com ele de novo.

— Continue, por favor — sussurro e ele engole em seco concordando.

Dylan se move para frente e para trás de uma forma lenta e sensual, como se estivesse aproveitando cada momento para me sentir. Seu corpo se chocava no meu e eu ouço gemidos abafados saírem dele junto a um controle sobrenatural. Aos pouquinhos, eu vou me acostumando novamente e ele me deixa ainda mais molhada ao esfregar os dedos no bico dos meus seios.

— Lisa... — Ele geme, fazendo um pouquinho mais rápido. Eu coloco minhas mãos nas suas costas, arranhando sempre que posso.

Aperto minhas pernas ao redor dele e subo uma mão para a sua nuca, incentivando-o a aumentar a velocidade. Ele parece contrariado, mas o faz depois de insistência minha. Grito sobre o barulho alto dos nossos corpos se chocando e ele grunhe em cima de mim, observando meu corpo e rosto a todo momento.

Suas mãos apertam meu corpo até chegar na cintura, onde ele pega impulso para me foder mais forte. Reviro os olhos forçando a cabeça para trás com gemidos saindo da minha boca sem parar. Eu quase esqueço de como ele consegue me fazer sentir confortável no sexo.

— Goze comigo, vamos fazer juntos — ele diz perto do meu rosto e eu concordo enquanto ele beija meu maxilar, indo até o meu pescoço. Ele geme abafado e eu seguro seu braço quando sinto aquela sensação me pegando.

— Dylan... — Ele me olhou nos olhos, como se mandasse meu prazer chegar ao limite, e me assiste gozar como o assisto fazer o mesmo. Com olhos presos um no outro, eu sinto uma gostosa sensação e nossos corpos relaxando praticamente juntos na cama. Seu suor se mistura com o meu e eu acabo sorrindo quando ele belisca meu seio direito.

— Eu não acredito que deixei você me arrastar para a cama.

Abro a boca chocada.

— Desculpe, acho que foi você que me carregou até aqui, seu mentiroso.

— Porque você estava com a mão no meu pau. Como eu vou pensar de jeito?

— Seu bobo. — Dou um tapa no seu braço com uma risada.

— Eu amo você — ele diz de repente e meu sorriso aumenta.

— Eu também amo você.

Ele levanta um pouco o rosto e me dá beijo casto nos lábios. Minhas mãos vão para o seu cabelo e ele aprofunda o beijo, mas para, olhando-me sério.

— O que foi? — pergunto.

— Nós não usamos camisinha — diz.

Franzo o cenho, mas logo depois arregalo os olhos. Ai, meu Deus!

Jogo-o para o lado rapidamente e ele começa a rir. Levanto-me e vou até o banheiro atrás de um roupão. Voltei para onde ele está e quase jogo o abajur em cima dele.

— Para de rir, Dylan! — falo irritada.

— Baby, você vai engravidar — ele diz com os olhos brilhantes.

Qual o problema desse cara?

— Por que você não lembrou da camisinha? — pergunto com a sobancelha levantada. Por que eu não lembrei da camisinha?

Suspiro alto e ele sorri de lado.

— Você não toma anticoncepcional há meses, já que você estava... — ele diz e eu aceno. — Então...

— Eu estou tomando antibióticos, então mesmo que se eu tomasse as pílulas, o efeito seria cortado.

Mesma coisa séria com a pílula do dia seguinte, o efeito ainda seria cortado. Vou ter um mini Dylan? Oh, Deus, não.

— Você não fez isso de propósito não é, Venturelli?

Agora é ele quem quase joga o abajur em mim.

— Claro que não, eu estava tão desesperado quanto você que nem percebi que precisava disso.

Seu sorriso aumenta ainda mais e eu jogo um travesseiro na sua cabeça.

— O que você acha de Daniel? — pergunta tirando o travesseiro do rosto. — O apelido será Danny.

— Danny?

— Nosso filho, Lisa, preste atenção. — Ele estala os dedos como se eu fosse maluca. — E se for menina? Você poderia escolher.

— Cristo!

Reviro os olhos e ele me puxa pela mão, fazendo-me deitar ao seu lado e me encarando

— Se você realmente engravidar, eu vou ser o homem mais feliz do mundo. Você não sabe o quanto eu quero que isso aconteça.

— Mas... pensei que você não quisesse filhos.

— Eu não queria, mas como você fodeu com todos os meus planos de ser solteiro para sempre...

— Idiota.

— Aceite que eu quero ter tudo com você, droga.

— Ele me enche de beijos como se fosse um castigo e apenas dou risada afastando sua boca beijoqueira de mim.

— Gosto de Danny — digo e seus olhos brilham como estrelas para mim.



A fusão das empresas é feita! Somos oficialmente *Technology and Desing company*. Não há apenas o sobrenome Venturelli no topo do prédio, a palavra Mendoza é tão chamativa quanto e mostra a grande parceria que está revolucionando o mercado. A potência parece ter dobrado e Rubi está trazendo tudo o que o seu talento pode permitir. Ela traz uma equipe com

ela e parece estar decolando ao trabalhar com Nate, que ainda está no lugar de Adam.

Tinker Bell está na presidência junto a Dylan, os dois estão resolvendo as últimas pendências há quase um mês. Esse é o tempo desde que saí do hospital e estou assistindo Dylan retornar às suas atividades comigo no meu posto de secretária e administradora. A empresa nunca esteve tão boa quanto agora.

Nesse último mês, eu tenho me dedicado a novos prazeres que eu não sabia que tinha tanto. Tinha desenhado a sala de estar do apartamento com móveis novos e agora estou fazendo uma mini reforma com mais flores e vida. O apartamento do Batman está ficando mais alegre. Mostro o esboço para Dylan e ele me dá autonomia para mudar algumas coisas e colocar mais de mim mesma aqui dentro.

— Não, não, o sofá vai ficar no meio. — Aponto para os dois homens que seguram o sofá e me ajudam a ajustar os móveis.

Vejo eles carregando para o meio da sala de estar, que está com cores novas e mais classe. Mantenho os quadros e algumas partes na tonalidade preto, porque eu sei que Dylan as ama. Dou um jeito de unir as coisas que nós dois gostamos e dá certo.

— Que tal deixar ali perto da lareira? — pergunto à arquiteta que está ao meu lado folheando os esboços. Ela concorda comigo. Eu estou caminhando para orientar os homens, quando sinto alguém puxar fraco no meu braço até o elevador.

Pisco ao ver meu lindo namorado colar o corpo no meu com um sorriso caloroso. Dylan levanta uma venda preta na altura do seu rosto e eu franzo o cenho.

— O que você está aprontando?

— Infelizmente não é nada como cinquenta tons de cinza.

— Você assistiu aos filmes? — pergunto rindo.

— Isso é culpa sua, não consigo parar de assistir filmes. — Ele me dá um selinho rápido. — Pelo menos entendo todas as suas referências.

— Para que a venda, então?

Ele aperta os lábios.

— Esqueci como você é curiosa, mas me deixe fazer uma surpresa você.

Rio baixo concordando e pego a venda da sua mão. Coloco a mesma nos meus olhos e ele a amarra, soltando um risinho travesso.

Dylan pede minha mão e eu a estendo, percebendo-o me levar até o elevador. Ele fala com a arquiteta e com Benta, que está ajudando nesse belíssimo fim de tarde de sábado, e diz que iríamos voltar de noite. Quando chegamos no estacionamento, ouço a porta de um carro ser aberta e Dylan praticamente me jogar lá dentro.

Delicado como sempre.

Fico esperando-o entrar no carro, mas ele não o faz. Fico segundos, que pareciam horas, dentro do carro. Quando vou chamá-lo, o babaca aparece.

— Desculpe, amor. — Ele liga o carro. — Estava procurando uma coisa.

— Contanto que não seja uma mordação, estamos bem.

Ele ri antes de dar partida e eu peço para ligar o rádio. Como eu estou vendada, não posso contar as árvores, então fico imaginando o que as pessoas da rua pensariam se me vissem com uma venda preta nos olhos no banco de um carro. Sorrio com o pensamento.

— Ainda falta muito? — pergunto.

— Nós literalmente acabamos de sair de casa.

— Certo. — Viro a cabeça para ele sem poder vê-lo mesmo e estico a mão tocando na sua barba bem-feita. Ele beija minha mão com o carinho e eu desço-a

pelo seu ombro, tocando na camisa preta. Sinto o corpo forte e dou um sorriso para mim mesma.

Eu o amo tanto. Que droga, não consigo lembrar por que o odiava tanto, acho que no fundo sempre fui caidinha por ele.

Minutos depois, Dylan faz uma pequena curva no carro e puxa o freio de mão. Ouço ele sair do mesmo, abrindo a porta para mim em seguida, ajudando-me a descer. Ele me guia até uma espécie de calçada e uma brisa fria sopra meu cabelo com um barulho de mar no fundo. Por que estamos em uma praia?

— Tire os sapatos — ordena.

Tiro-os com a sua ajuda e fico em silêncio querendo saber o próximo passo.

— Você vai pôr primeiro o pé direito e depois o esquerdo.

Faço o que ele diz e sinto a areia no meu pé direito e depois no esquerdo. Sorrio abertamente quando ele envolve minha cintura e começamos a caminhar de forma reta. Eu já estou ficando mais ansiosa do que eu realmente estava.

— Por que não me disse que estávamos vindo à uma praia? Eu teria trazido um biquini — digo.

— Venha. — Ele solta minha cintura e pega nas minhas duas mãos, ajudando-me a subir em uma espécie de degrau e parando na minha frente. Sua respiração se junta com a minha antes dele me dar um beijo terno nos lábios.

— Preparada? — pergunta.

— Desde que saímos do apartamento.

Dylan desliza a venda para fora dos meus olhos e eu continuo com os olhos fechados querendo manter mais um pouco o suspense.

— Pode abrir os olhos, baby.

Abro meus olhos lentamente e logo em seguida pisco encantada. É uma pequena tenda com uma mesa

de jantar posta em frente ao mar com panos brancos que caem ao redor dela. Olho para trás e vejo um enorme tapete vermelho com pequenas luminárias clássicas no lado.

— Jesus... — sussurro.

— Você gostou?

— Se eu gostei? Você está brincando?

Ele sorri parecendo satisfeito pela minha reação, enquanto eu mexo em tudo bastante animada pelo gesto romântico.

— Você fez tudo isso? — pergunto curiosa.

— Tive ajuda de uns três babacas usando terno por aí. — Ele dá de ombros. É claro que ele está falando da gangue. Adam, Nate e Peter capricharam.

Dylan pega uma garrafa de champanhe, que está em um balde com gelo, e despeja nas duas taças uma pequena quantidade apenas para brindarmos por alguma coisa. Mentalmente, eu puxo as datas para saber se é nosso aniversário de namoro ou alguma data comemorativa que eu havia esquecido, mas não é nada disso.

— Eu fiz esse jantar para você com a intenção de mostrar o quanto te amo, você me ensinou que o amor é uma constante demonstração e quando você ama de verdade, quer fazer isso o tempo todo.

— Você é um aluno dedicado.

— Eu sempre fui. — Ele pisca, colocando a garrafa de volta no balde de gelo, e me faz sentar na cadeira com um lindo estofado vermelho.

— Você se lembra quando me disse que não recusaria ser minha noiva se um dia pedisse de novo? Estávamos em Chicago — ele pergunta e eu semicerro os olhos concordando.

Eu sempre leio nos livros ou assisto nos filmes as protagonistas tendo seu final feliz em praias. Eu acho tão

romântico e um pouco clichê, mas quem não gosta de um? A Emy, talvez.

Foco minha atenção no meu arrogante gostoso, que parece nervoso.

— Nós passamos por muita coisa nesses últimos meses. — Encolho os ombros com uma expressão quase que de alívio. — Mas... conseguimos enfrentar tudo juntos.

Ele engole em seco.

— E é isso que eu quero, Lisa, enfrentar tudo com você ao meu lado para o resto da minha vida. — Dylan ainda está de pé quando nossas mãos se unem e ele respira com dificuldade.

Seu nervosismo está me deixando nervosa.

— Você me contou tudo sobre você e a cada palavra que foi saindo da sua boca, eu fui te amando mais. Eu só pensava... essa mulher vai ser tudo o que eu não sabia que precisava, e você é tudo o que eu preciso.

Ele se abaixa, ficando de joelhos, e o sorriso que eu tenho no rosto simplesmente some. Meu estômago é tomado pela ansiedade quando ele pega uma caixinha aveludada do bolso e estende na minha frente um anel de diamantes muito maior do que o anterior, do nosso noivado falso, que eu não uso mais a pedido dele.

— Você aceita se casar comigo?

Arregalo os olhos.

Nos primeiros cinco segundos, eu fico estática o encarando e continuaria, se não fosse por ele apertar minha mão, chamando-me de volta para a terra. Tenho a sensação de que eu ficar quieta por segundos com ele de joelhos já tinha acontecido antes.

— Lisa! Pelo amor de Deus, mulh...

— Sim! — Quase grito.

Ele para de falar quando escuta minha resposta e um sorriso enorme cresce nele e em mim praticamente ao mesmo tempo.

— Sim, quantas vezes fosse preciso eu diria sim para você. Você quer em outra língua? Sí.

Ele ri alto, fazendo seus olhos se iluminarem. Ele se levanta, dando-me um abraço apertado e me tirando da cadeira. Afasto meu rosto e ele me beija docemente.

Eu estou noiva! Agora de verdade e com o mesmo cara do falso! Incrível.

— Porra! Eu nunca fiquei tão nervoso em toda minha existência — ele diz beijando-me freneticamente. — Graças a Deus que eu só vou fazer isso uma vez na vida.

— Você já tinha feito antes.

— Não chegou aos pés disso e agora é de verdade.

Dylan coloca o anel no meu dedo e dá um beijo em cima do mesmo.

— Nós vamos nos casar.

— Com véu e tudo?

— Com véu, bolo, padrinhos e madrinhas, essa coisa toda.

Sorrio de lado.

— Eu te amo — digo.

— Para sempre — ele completa.

CAPÍTULO 37

Lisa Morris

*“Eles dizem que é melhor ter amado e perdido
do que nunca ter amado antes”*

Já estamos voltando para o apartamento para comemorar no estilo de Dylan Venturelli. Ele pega a venda do chão e eu ajeito um pouco a mesa depois de termos jantado. Saímos da praia com o seu braço no meu ombro e minha mão no seu quadril. Chegamos até o carro e ele começa a procurar meu sapato. Ele parece irritado.

— Foi você quem jogou — digo.

— Obrigado pela observação, minha querida noiva — diz e olha debaixo do carro. — Achei! — Ele levanta o par de sapato no ar e joga para mim, que calço em seguida.

— Vamos, estou louco para tirar essas roupas de você — ele diz e eu bato no seu ombro com o meu.

Entramos no carro e ele começa a dirigir de volta para o apartamento, sua mão direita na minha perna me apertando de vez em quando e eu sorrindo abertamente para o anel cravejado de diamantes no meu dedo. Nunca fui tão feliz como estou sendo ao lado desse homem, o homem que eu amo.

— Um mês — ele diz.

— Um mês?

— Vamos nos casar em um mês? — ele pergunta.

— Dylan, acho que é mui...

Paro de falar quando sinto meu estômago embrulhar e alguns pontos pretos embaçarem minha visão. De repente eu sei que preciso vomitar. Céus, o que está acontecendo?

— Para o carro — mando com a mão na barriga.

— Tudo bem se você não quiser, Lisa. Não precisa mandar eu parar o...

— Para o carro!

Ele suspira e para o carro no acostamento da rua. Abro a porta rapidamente e corro para longe do mesmo, não aguentando por muito tempo sem conseguir colocar tudo para fora.

— Lisa! — Ouço ele me chamar, mas ignoro.

Boto a mão nos joelhos e inclino meu corpo para frente, vomitando tudo o que eu havia comido no jantar.

— Merda — Ouço a voz de Dylan e segundos depois ele está ao meu lado segurando meu cabelo e alisando minhas costas. Eu nunca tinha vomitado tanto em toda minha vida.

Quando me levanto e percebo que já tinha colocado tudo para fora, eu limpo a boca com a costa da mão e encaro Dylan, que está sério até colocar as mãos na barriga rindo histericamente. Cruzo os braços na altura do peito e o encaro com a sobrelanceira levantada.

— Você está grávida! — ele diz rindo, alegremente.

Arregalo os olhos e confesso que aquela possibilidade não passou despercebida pela minha mente em nenhum momento, só teve uma vez que transamos sem camisinha depois que eu saí do hospital e já faz semanas desde então. Bom, minha menstruação ainda não desceu, mas eu fiz um teste de farmácia com ele e deu negativo!

— Não se encha de esperanças, talvez tenha sido algo que eu comi no jantar. — Dou de ombros.

Dylan e eu conversamos sobre ter filhos e ele deixou bem claro que me queria grávida, mas ele também precisa ficar consciente de que talvez eu não esteja... e isso me desanima.

— Nós fizemos aquele teste e deu negativo...

— Isso já faz semanas, talvez não desse para ver ainda e esses testes não são confiáveis.

— Como você sabe tanto sobre isso?

— Eu andei pesquisando. — Ele dá de ombros.

— Sério? Vai fazer meu parto também?

— Sua sorte que não dá tempo para eu me formar em medicina. — Ele aponta para mim e eu bato na sua mão.

— Eu não estou grávida!

— Vamos fazer assim, se você não estiver grávida, vamos nos casar no tempo que você quiser.

Ele cruza os braços e me olha sério.

— Mas se você estiver, nos casamos no tempo que eu quero, ou seja, em um mês. Até porque daqui a alguns meses você vai estar com uma barrigona e não vai caber no vestido. — Ele faz um gesto com as mãos sobre a barriga.

— Isso é uma aposta? — pergunto franzindo o cenho.

— Oh, pode crer que sim.

— Você está fazendo uma aposta sobre o nosso filho que nem sabemos se está aqui dentro? — Aponto para a minha barriga.

Ele dá de ombros e eu balanço a cabeça o repreendendo.

— Eu aceito. — Estendo minha mão, que ele aperta sorridente balançando para cima e para baixo.

Nós somos loucos?

— Ótimo, vá escolhendo o vestido o quanto antes — ele diz e eu solto sua mão.

— Quero ver se eu não estiver com um bebê aqui dentro — digo e ele semicerra os olhos — Vou fazer você...

— Lisa... — ele me interrompe. Dylan olha para o carro e depois para frente agarrando minha mão. — Vem.

— Vamos para o apartamento?

Ele nega quando entramos no carro.

— Vamos para o hospital.



A porta do elevador abre e entramos na grande sala branca com vários médicos e enfermeiras andando apressados pelo espaço. Olho para o meu noivo, que dá um grande sorriso e começa a andar, mas eu o impeço segurando seu braço direito.

— Dylan...

— O que foi? Está sentindo alguma coisa?

Sorrio de lado e nego.

— Vamos comprar outro teste, não precisávamos vir até um hospital.

— É melhor termos algo mais eficaz, você não acha? — Ele fica de frente para mim me vendo confirmar.

— E eu não vou esperar até amanhã.

— Olha, não acho que seja tão fácil assim...

— Para mim é. — Pisca.

Ele começa a andar novamente e pede para eu esperar um pouco, porque ele iria conversar com alguém da recepção. Vou até o bebedouro e me sirvo de um pouco de água. Do lado, tem uma pequena mesa com algumas balas de menta, que eu aproveito e como algumas.

As balas são boas.

Então como mais.

Estou distraída roubando um pouquinho das balas, quando ouço Dylan me chamar. Deixo as balinhas em cima da mesa, já planejando pegá-las na volta e ando até ele.

— Vamos lá — ele diz e coloca a mão no meu ombro.

— Já? — pergunto e ele confirma. — Quanto?

— O suficiente.

Entramos em uma salinha aconchegante e esperamos alguém aparecer. Dylan fica em pé parado na porta e eu fico sentada em uma poltrona mexendo nos meus dedos freneticamente. Minutos depois, uma médica entra com uma prancheta colocando o jaleco branco, ela me vê e sorri para mim.

— Lisa Venturelli?

Olho para Dylan, que olha para mim também. Sorrio antes de confirmar.

— Sim, sou seu.

Ela cumprimenta Dylan com um aperto de mãos e se volta para mim.

— Você está aqui para descobrir se está realmente grávida, certo?

Aceno e ela anota algo na prancheta.

— Vou fazer algumas perguntas para você, tudo bem?

— Claro.

Ela se senta em uma cadeira e cruza as pernas.

— Você tem tido enjoos ultimamente?

— Hoje ela teve um — Dylan diz e ela olha para ele concordando.

— Antes disso? — ela pergunta me encarando.

— Há alguns dias eu fiquei bastante enjoada, mas não vomitei — digo e Dylan coloca a mão na cintura.

— Por que você não me disse isso? — pergunta irritado.

— Eu pensei que tivesse comido algo que não me fez bem, não achei que fosse algo alarmante — digo cruzando os braços.

— Ah, claro! Você estar possivelmente grávida não é alarmante — ele diz e cruza os braços também.

— Não foi isso que eu quis dizer, babaca. Eu nunca experimentei esses sintomas, eu nunca fiquei grávida antes — digo e ele bufa.

— Está tudo bem... vamos continuar — a médica diz e eu me foco nela.

— Você tem se sentindo diferente esses dias?

— Bom...

— Mal-humorada, com certeza — Dylan sussurra e eu lanço um olhar mortal para ele.

— Eu não estou mal-humorada! — grito e ele coloca a mão no peito ofendido.

— Continue — a médica pede com um sorrisinho.

— Eu estou sentindo meus seios doloridos e algumas cólicas.

— Certo. — Ela anota algo e se vira para mim novamente. — Vamos fazer um exame laboratorial. Como o senhor Venturelli pediu o resultado logo... temos uma opção rápida.

— Qual? — pergunto.

— É o Beta HCG quantitativo, um exame de gravidez que utiliza uma amostra de sangue coletada da pontinha do seu dedo. — Ela aponta para mim. — A lauda sai em quinze minutos,

— Isso é ótimo — digo e ela concorda sorrindo.

— Temos uma equipe no hospital que vai atendê-los, em alguns minutos virá alguém para coletar o sangue e lhes dar o laudo. — A médica levanta olhando para nós dois. — Espero que o resultado atenda suas expectativas.

— Obrigado — Dylan a agradece enquanto ela sai da sala e eu me aconchoo na poltrona cruzando os

braços, ele se aproxima de mim se sentando no braço dela e me encara.

— Está pronta? — pergunta.

Eu estou pronta? Ter um filho requer inúmeras responsabilidades e muita dedicação, mas eu me sinto animada para isso, porque eu sempre quis ter uma família de novo, ter aquela gostosa sensação de estar sentada e olhando para as pessoas que você mais ama no mundo sabendo que faria de tudo por elas.

— Você não está com medo? — pergunto.

Ele sorri de lado e acaricia minha bochecha.

— Estou, mas eu sei o que eu quero e o que eu quero é construir uma família com você. Quer isso também?

Dou um sorriso de lado pegando na sua mão e a aperto, confortando-o.

— É claro que sim, esse é o nosso recomeço.

Dylan sorri antes de beijar minha cabeça e gira o anel no meu dedo de forma casual até um homem entrar no quarto com um equipamento pequeno e de luvas. Ele nos cumprimenta se sentando na cadeira que tem uma mesa na frente. Ficamos olhando para ele, que me chama com gentileza na voz. Dylan me observa em silêncio e eu me sentei na outra cadeira. O homem mexe no aparelho que é estranho e tira uma espécie de pinça do próprio, levando-a até o meu dedo indicador. Eu resmungo quando ele o fura, vejo meu sangue sendo coletado e pressiono o papel no meu dedo quando acaba. Ele mexe em algo que não sou capaz de detectar o que seja, porque estou chupando meu dedo como uma criança de um ano.

Dylan troca algumas palavras com ele antes de vê-lo saindo pela porta e eu me levanto da cadeira caminhando até o meu noivo, que me abraça de lado alisando minhas costas. O tempo passa enquanto

estamos sozinhos e eu o escuto cantarolar uma musiquinha chata.

— O que está cantando?

— Uma canção de dormir.

— Eu não estou com sono, mas obrigada. — Faço um carinho na sua barba agradecida.

— Não estou cantando para você.

Franzo o cenho e olho em volta da sala.

— Tem outra pessoa aqui dentro?

— Estou praticando para o bebê, Lisa.

Juro que eu quase explodo de fofura pela forma como ele disse a frase e pelo significado dela. Não consigo me derreter em seus braços e dou pulinhos animados com as mãos no seu rosto.

— Você é perfeito, que droga. Por que não me pediu para ser sua noiva de mentira antes?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Desculpe, estava ocupado combatendo o crime em Gotham City.

Reviro os olhos.

— Com licença. — Nós dois olhamos para o dono da voz e vemos o mesmo homem que fez meu teste se aproximando. Dylan e eu nos ajeitamos com as expressões ansiosas e agarro sua mão lentamente até ele cruzar nossos dedos

— Está com o resultado? — Dylan pergunta a ele enquanto o homem folheia um pequeno masso de folhas. Meu coração parece que vai sair correndo.

— Sim, o teste constatou que o resultado apresenta mais de 25 mIU/ml.

Ele fica em silêncio enquanto Dylan e eu lutamos para entender.

— O que isso significa?! — Quase grito e Dylan coloca a mão no meu ombro pedindo para eu me acalmar. O homem quase vai para trás e eu tenho que segurar o riso me desculpando.

— Ela está grávida ou não?

O homem passa a mão no peito antes de sorrir para nós dois.

— Sim, ela está grávida.

Minha boca se abre lentamente enquanto eu processo a confirmação de que tem um ser humano crescendo na minha barriga e que a minha vontade de ter uma família está cada vez mais perto de se concretizar. Olho para Dylan, que está olhando para ele e logo em seguida vira a cabeça para mim tão devagar, que eu quase desmaio com a espera.

Ele olha para a minha barriga engolindo em seco e sobe até o meu rosto. Dylan passa a mão na barba enquanto seus olhos ficam marejados e eu acho que posso escutar sua respiração se descontrolando.

— Recomendo que façam o pré-natal desde...

O homem para de falar quando Dylan e eu nos aproximamos tão rápido para um abraço que ignoramos qualquer coisa que estivesse acontecendo no mundo agora. Ele me aperta forte ofegante, assim como eu, que choro emocionada no seu pescoço. Sinto beijos no meu ombro e cabelo até ele chegar nos meus lábios de forma carinhosa com as mãos grandes no meu rosto.

— Eu amo você, caramba — sussurra me fazendo sorrir.

— Vamos ter um filho — digo e ele concorda com um sorriso grande.

— Obrigado, obrigado, obrigado — ele repete algumas vezes, voltando a beijar meu rosto todo e arrancando uma gargalhada de mim.

Dylan coloca a mão na minha barriga e nós olhamos para lá ao mesmo tempo.

— O NOME VAI SER BATMAN! — ele grita.

— O nome não vai ser Batman! — falo séria e ele faz uma expressão fingida de irritação.



Ainda estamos no hospital ansiosos demais para contar a novidade, sem tempo para planejar surpresa ou algo assim, porque agora temos muitas coisas a fazer. Dylan tinha ligado para os meninos e eu para as meninas, Jon não atendeu o celular, o que indica que ele deve estar dormindo ou ocupado com Josh. Contarei a ele assim que possível.

Mas agora estão todos aqui para eu dar a notícia da minha gravidez.

— Eu deixo vocês explicarem — Adam diz e eu sorrio de lado de mãos dadas com Dylan.

— O que aconteceu? Por que vocês estão em um hospital? — Susie pergunta arrumando a bolsa no ombro.

— Bom, primeiro...

— Filho!

Dylan franze o cenho virando o rosto para o lado contrário e avista sua mãe e seu pai correndo até nós de uma forma desengonçada. Por que eles estão com roupas de banho?

— Mãe? — Ela o abraça apertado e depois seu pai faz o mesmo. Eles vêm até mim me apertando e alisando minhas costas. Dylan tem que tirar Monica de cima de mim quando percebe que ela está dando o abraço de urso.

— Vocês estão bem? — Gregório pergunta segurando o rosto de Dylan. Ele sorri para o pai, acenando com a cabeça.

— Estou, o que vocês estão fazendo aqui? — Dylan pergunta.

— Seu irmão nos ligou dizendo que você estava no hospital — Monica diz.

Dylan olha para Adam, que finge olhar pro lado com a expressão mais cínica do planeta.

— Adam? — Monica o chama.

— Foi mal, eu só disse que você estava no hospital e ela desligou. — Ele aponta para a mãe.

— Vai ficar sem esse dedo, Adam Drew Venturelli — ela diz com a sobrancelha levantada.

Dylan começa a rir e Adam olha feio para ele.

— Está rindo do que, Alexander? — ele pergunta cruzando os braços e Dylan para de sorri.

O nome do meio de Dylan... como eu me esqueci disso? Deveria ter usado contra ele tantas vezes, não acredito que perdi as oportunidades.

— Certo, eu ia contar para vocês também, então que bom que já estão aqui — Dylan diz aos dois.

— Gente, estou fora da casinha aqui — Rubi diz confusa e Emily concorda ao lado dela.

— Temos notícias — digo.

Todos nos olham curiosos.

— Espera aí, cunhada. — Adam levanta o dedo e olha para os pais. — Por que vocês estão com roupas de banho?

— Oh, nós estávamos no iate quando Adam nos ligou — Gregório explica.

Pois é, Dylan realmente deu o iate para a mãe por ter batido no meu ex-namorado enganador e idiota, ela ganhou a replica exata do iate que usou na cabeça de Tristan. Por um momento, até pensei que ele estava brincando quando me contou da compra, mas como ele disse, aposta é aposta.

— Até agora? — Dylan pergunta.

— Sim, qual o problema? Fomos namorar um pouquinho, seu pai não quis ir de manhã, então fomos de noite, mesmo o iate não saindo do lugar — Monica diz.

— Obrigado, filho — Gregório diz olhando para Dylan e depois olha para a mulher malicioso.

Dylan acena fazendo umas caretas engraçadas e Adam ri baixinho.

— Contem logo! — Peter diz, paciente como sempre. Ele está com o braço apoiado em Nate, que tem os olhos concentrados no celular.

— Vamos nos casar! — Dylan e eu falamos ao mesmo tempo depois de olhar um para o outro.

Todos ficam em silêncio por vários e vários segundos, mas depois todos eles vêm correndo nos abraçar, felicitando Dylan e a mim com o máximo de felicidade que podem dar naquele momento. Todos falam ao mesmo tempo e sorrisos estão presentes no rosto de todos nós. Rubi, Emy e Susie me abraçam apertado e logo depois os outros fazem o mesmo.

— Esse momento é lindo! — Adam diz e limpa uma lágrima invisível.

— Eu vou desenhar seu vestido — Emy praticamente grita e eu concordo sorridente.

— Espero que faça isso em um mês — Dylan diz e Emy para de sorrir.

— O que você disse aí, projeto de beleza sofisticado? — Dylan levanta uma sobrancelha para ela.
— Um mês?

— Vamos nos casar em um mês — falo e ela arregala os olhos se segurando em Rubi antes de cair no chão.

— Um mês? — Peter pergunta e olha para mim.
— Se você estiver com problemas, pisque duas vezes, Lisa.

Dylan faz uma cara de tédio enquanto os meninos riem baixo.

— Vamos no casar em um mês e essa é a outra notícia — digo.

— Outra? Estamos com tudo hoje. — Nate guarda o celular no bolso antes de cruzar os braços.

— Mãe, esse biquíni verde com essa saída branca ficou ótimo em você — Adam fala para a mãe dele, que dá um sorriso manhosa.

— Eu sei. — Monica passa as mãos no corpo. — Ele é tão confortável e é todo revestido em algodão...

— Podemos voltar ao assunto? — Dylan pede.

— Foi mal, continuem. — Adam balança as mãos.

— Eu estou grávida! — falo de uma vez.

A única coisa que se pode escutar é o barulho do ar-condicionado. As meninas estão paralisadas olhando para a gente, enquanto os meninos estão com os olhos arregalados. Gregório e Monica estão sorrindo abertamente, encarando-me como se eu fosse a melhor coisa do mundo.

— Você acha que eles estão bem? — Dylan pergunta sussurrando para mim.

— Eu não sei, devemos fazer alguma coisa? — sussurro de volta.

— Eu não acredito, EU VOU SER VOVÓ — Monica grita a última parte antes de me dar um abraço de urso novamente. Com isso, todos parecem despertar e avançar para cima de Dylan, abraçando-o e depois vêm até mim acariciando minha barriga.

Todos que passam pela sala de espera do hospital sorriem com a cena. Um mês atrás, estávamos em um desses com a notícia triste que mudou minha vida e de Dylan, que teve que me assistir em coma por meses e mesmo assim continuou comigo. Agora estamos dando uma notícia boa, uma que não mudaria nossas vidas por meses e sim para sempre.

Tudo isso porque a Batgirl aqui colocou um bebê na minha barriga.

— Titia vai amar muito! — Emy diz alisando minha barriga.

— Vamos levar para a Disney! — Rubi levanta os braços e eu acho que os olhos de Susie brilham.

— Calma, o bebê ainda não nasceu — acalmo as três que começam a pular pelo hospital.

— Caralho! E se for menina? — Nate pergunta olhando para Peter.

— Dylan vai morrer do coração! — Peter diz rindo e meu noivo revira os olhos.

— Cala a boca! Não vou ser um pai ciumento — Ele diz cruzando os braços.

— Ah, tá — Adam e Peter falam ao mesmo tempo, fazendo Nate sorrir de lado.

Sorrio para Dylan, que está carrancudo.

— Estamos tão felizes por vocês dois — Gregório toca no ombro do filho.

— Vocês vão sentir uma das melhores sensações do mundo, e eu sei que vocês dois são destinados um para o outro. — Monica passa a mão no meu cabelo. — A sensação vai ser mil vezes melhor, eu prometo.

— Obrigada — agradeço, abraçando-a em seguida. — Principalmente por não me odiar depois de saber a verdade.

— É claro que não, Lisa. Você é uma mulher forte e meu filho vê isso em você, assim como eu. Você e esse bebê são minha família. — Ela me aperta mais e eu sinto meu coração se aquecer.

Continuamos conversando sobre o casamento e o bebê. Meu casamento eu deixarei metade das coisas nas mãos de Emy, Rubi e Susie. Sei que elas farão um bom trabalho. Marcarei meu pré-natal o quanto antes para o meu bebê. Deus! Eu estou tão feliz.

Sinto uma mão me puxar um pouco para longe e me viro para ele, que sorri alegre e me dá um leve beijo nos lábios, envolvendo os braços na minha cintura.

— Preparado, papai? — pergunto e seus olhos brilham.

— Oh, meu Deus, quase desmaiei agora.

Rio alto antes de beijar suas bochechas algumas vezes.

— Eu soube que as grávidas têm inúmeros desejos — digo e ele aperta minha cintura. — Sem falar no mau humor constante.

— Vou me preparar para isso e os desejos... espero que os sexuais entrem nessa lista. — Ele me dá um sorriso malicioso.

— Você é muito pervertido.

Ele ri antes de me beijar com selinhos demorados.

— Ei! Respeita o Ricardo — Adam grita e nós paramos de nos beijar.

— Quem é Ricardo, Tinker Bell? — Emy pergunta e Adam aponta para mim.

— Tinker Bell! — Rubi começa a rir histericamente tentando se controlar ao descobrir o apelido dele e, quanto mais Adam a olha irritado, mais ela ri. — Puta merda.

— Acabou, princesa? — Adam pergunta a ela que para de sorrir na hora. Ele dá um sorriso vitorioso.

— Nem pense nisso. — Ela levanta um dedo para ele, que morde o lábio travesso.

— Ricardo? Claro que não. — Susie diz e olha pra mim. — Respeitem a Cloé.

Ela diz e os meninos negam na hora.

— Não vai ser uma menina — Peter diz e Susie olha feio para ele, mas de uma maneira muito fofa. Todos já familiarizados uns com os outros. Já não é estranho estarmos juntos por todos os lados, já que Dylan e eu somos o pivô para deixá-los juntos. Viraram amigos em comum.

— É claro que vai, uma linda menina — Emy diz e cruza as mãos sorridente.

— Eu acho que vai ser um menino — Nate diz e Adam ergue a mão batendo na dele.

— Não vai, não, vai ser uma menina — Rubi diz e faz o mesmo ato com Susie.

Os seis se encaram de uma maneira mortal e eu rio baixinho com Dylan.

— Não acredito que eles estão discutindo sobre o sexo do nosso bebê — digo e Dylan balança a cabeça sorridente.

— O que vier está ótimo — ele diz e eu concordo.

Ficamos alguns segundos em silêncio vendo os seis discutirem. Até Monica e Gregório entram na discussão.

— Cem dólares que vai ser menino — Dylan diz do nada para mim.

Encaro-lhe com uma sobrancelha erguida e ele sorri de lado dando de ombros.

— Fechado — falo agarrando sua mão e balançando para cima e para baixo. Eu não acredito que acabei de apostar o sexo do meu filho! Meu Deus. Não sei o que é pior, eu apostar ou ser a segunda vez que eu faço isso no mesmo dia.

CAPÍTULO 38

Dylan Venturelli

***“Te amarei de janeiro a janeiro.
Até o mundo acabar”***

É hoje! Hoje eu vou ver meu filho! Mesmo que ele seja tão pequeno, eu não poderia estar mais feliz de saber que ele está ali, crescendo e sendo mimado desde já, junto a mãe, que pelo visto adora um banho de banheira.

Jogo água no seu pescoço enquanto ela descansa as costas no meu peito com as mãos apoiadas na beirada da banheira enquanto uma música suave toca no fundo. Lisa está me contando sobre alguma coisa que eu não estou prestando muita atenção, porque só consigo olhar para o seu rosto e pensar o quanto eu sou sortudo. Merda, praticamente ganhei na loteria.

Eu não consigo mudar minha expressão, nem quando eu a enxugo dos pés à cabeça enquanto ela fala pelos cotovelos. Trago-a para o closet, balançando a cabeça de vez em quando, e passo os cremes que ela gosta no seu corpo. Não perco a oportunidade de deslizar os dedos pela sua barriga que ainda está crescendo.

Coloco o vestido branco confortável nela e depois calço seus sapatos percebendo que ela está sorrindo de toda a minha dedicação, porque é o que ela merece, é o

que ela merece desde o instante em que a conheci. Eu a farei feliz a cada minuto da minha vida.

— Jon ficou tão feliz, ele comprou duas roupas de grávida para mim com estampas de melhor mamãe do mundo! — Ela está animada e eu sorrio, ficando de pé na sua frente, vendo-a vestida.

A consulta é às nove da manhã e está fazendo um lindo sol na cidade. Primeiro eu iria com ela e depois iria para empresa terminar os últimos ajustes com Adam, que ainda trabalha ao meu lado. Ele permanecerá na presidência, já que eu irei me casar e ficar fora por um mês inteiro na lua de mel com Lisa. Pelo visto o loiro ainda não vai trabalhar com Rubi, no final das contas.

Escovo o cabelo seco de Lisa antes de amarrar para cima enquanto ela move os dedos pelo meu peito sem camisa, já que eu estou na sua frente. Ajeito o decote do vestido e olho para ela, que está pronta para irmos.

— Acabou? — pergunta.

— Sim, você está linda. — Ela sorri depois da resposta. — O que não é surpresa, já que eu que arrumei você.

— Mas a beleza é minha. — Ela levanta um dedo e eu meneio a cabeça.

— Ok, você ganha essa. — Dou um tapa na sua bunda, caminhando até a minha parte do closet. Tiro a toalha da minha cintura e procuro uma roupa, sentindo o olhar curioso dela no meu corpo.

Olho-a por cima do ombro com um sorrisinho e coloco a cueca boxer preta, tapando sua visão da minha bunda nua. Ela cruza os braços em cima do peito e depois reclama quando aperta os próprios seios sem querer.

— Droga — resmungo.

— Estão ficando maiores — falo.

— Você acha?

— Baby, eu conheço todo o seu corpo. — Ela me olha e eu pisco antes de voltar a me vestir.

— Faltam algumas semanas para nos casarmos — ela diz enquanto eu fecho o cinto na minha cintura.

— Eu sei disso, se quiser pular fora, a hora é agora — brinco a olhando e ela sorri de lado.

— Então está bem, tchau, tchau. — Ela se vira correndo para fora e eu quase perco o fôlego gritando para ela voltar. Lisa aparece na porta de novo com o rosto travesso e eu aponto para ela irritado.

— Porra, quer me matar?!

— A sua cara... impagável — Ela ri com a mão na barriga e eu bufo colocando a camisa social preta de botões.

— Vamos logo, eu quero vê-lo — digo e ela concorda me estendendo a mão. Alcanço-lhe e nós caminhamos para fora do quarto. Descemos as escadas em direção à cozinha onde Benta está fazendo suas deliciosas panquecas, dou bom dia a ela, que sorri alegre como sempre. Quando contei que Lisa está grávida, ela ficou extremamente feliz por nós dois, dava até pulinhos batendo palmas, foi adorável.

Lisa come algumas panquecas antes de caminarmos até o elevador e ela chama o mesmo. Ainda a encaro, vendo-a chupar os dedos da panqueca. Pisco algumas vezes e ela sorri dando de ombros.

Esse se tornou o evento mais importante de toda a minha vida.

Bryant nos leva para a obstetra de Lisa, que me foi recomendada por ela ser a melhor de Nova York, então não perdi tempo em acioná-la. É claro que a cidade toda está sabendo que ela está grávida, ainda se pode ver nós dois em algumas bancas de jornais e sites de fofoca. A verdade é que Lisa e eu nos acostumamos com isso e felizmente isso não é mais um problema, visto que

ganhamos a admiração de várias pessoas por aqui. Somos quase... famosos? É, surreal.

Na clínica, eu falo com a recepcionista, que nos direciona para uma sala privada e pede para nos acomodar. Ajudo Lisa a sentar em uma cadeira ginecológica que a faz abrir as pernas rapidamente. Ela brincou sobre não abrir as pernas só para mim e eu reviro os olhos rindo internamente. Acho que estamos em um ponto que só nós dois rimos das nossas piadas um para o outro.

Minutos se passam e eu balanço o pé impaciente, enquanto ela mexe no próprio celular jogando um jogo de fazenda que cuida de porquinhos.

— Por que eu não estou ouvindo meu filho? — pergunto sem paciência para esperar demais.

— Talvez seja porque a médica ainda não fez o exame?

Suspiro e olho para uma máquina branca ao lado dela e depois para uma televisão enorme na parede. Curioso, eu me aproximo da máquina que tem aparelhos pendurados, que eu não faço ideia para que servem. Olho para um botão e jogo a cabeça para o lado.

— O que será que isso faz? — pergunto levando meu indicador até ele.

— Não mexe aí... — ela avisa, mas eu já tinha apertado.

Ouvimos um barulho sair da mesma e eu arregalo os olhos, clicando no botão novamente com a intenção de fazer o barulho parar. Clico várias vezes e começo a ficar desesperado enquanto ela ri da minha cara.

— Lisa! — chamo-a.

— Desliga isso — ela diz rindo.

— Estou tentando! — Mexo no botão do lado dele e respiro aliviado quando o barulho cessa. Lisa coloca a mão na boca me vendo ofegante e eu balanço a cabeça.

— Pensei que estava brincando sobre fazer meu parto.

— Engraçadinha. — Belisco sua bochecha e ela sorri me puxando pelo braço. Dou-lhe selinhos demorados até ouvir a porta da sala sendo aberta e a médica entrar sorridente. Ela nos cumprimenta e caminha até a cadeira vazia ao lado de Lisa.

— Como estão?

— Ansiosos — Lisa responde.

— Bom, vamos ver o bebê? — Acenamos ao mesmo tempo, fazendo-a sorrir. — Bom, Lisa, entre a sexta e oitava semana, que é um mês e duas semanas a dois meses, que é o seu tempo de gestação, o embrião tem entre 5 e 6mm, podemos vê-lo e ouvir os batimentos cardíacos.

— Ai, meu Deus, sim, mande ver. — Ela aponta para a própria barriga e médica ri baixo preparando alguns equipamentos estranhos.

Tudo que estiver na barriga de Lisa vai aparecer na tela grande da televisão à nossa frente. A médica mexe na minha noiva por alguns minutos e eu levanto uma sobancelha quando ela coloca uma camisinha em um negócio fino e depois coloca lubrificante. Quase infarto.

— Desculpe, o que você está fazendo? — Interrompo-a quando ela para no meio das pernas de Lisa. — Já é o parto e eu não estou sabendo?

Percebo a mulher segurar a risada, tentando ser profissional.

— O exame é realizado assim, senhor Venturelli. A gestação ainda está no início... quero confirmar o tempo e a posição do feto.

— Você vai colocar isso nela? — Aponto para o negócio que é semelhante a um microfone, porém bem mais fino.

— Dylan — Lisa me chama e eu levanto uma mão dizendo que tenho tudo sobre controle.

— Sim, mas é indolor. Não se preocupe. — Ela dá uma batidinha no meu braço, pedindo-me para ficar tranquilo. Eu, desconfiado, dou passos para o lado de Lisa novamente, que bate a mão na testa me repreendendo.

O quê?! Fiquei preocupado.

A mulher faz o que tinha que fazer e depois volta para a sua cadeira mexendo na máquina por alguns segundos. Olho para Lisa, que está com a mão na minha me encarando. Não demora muito para olharmos para a televisão e um borrão preto e branco aparecer. Franzo o cenho.

— Aquele pontinho ali é o bebê — ela diz.

Semicerro os olhos e tento enxergar o pontinho sobre o qual ela se refere. Lisa se inclina para frente para também tentar enxergar, assim como eu.

— Vocês estão conseguindo visualizar? — pergunta.

— Claro! — digo tocando no nariz e é claro que Lisa sabe que eu estou mentindo.

— Você acha que eu não conseguiria ver meu próprio filho? Claro que não — Lisa diz com a voz mais fina do que o normal.

A médica se vira olhando para nós dois e levanta uma sobancelha.

— Vocês não estão vendo, não é?

— Não! — falamos ao mesmo tempo.

Ela ri.

— Está aqui. — Ela marca na máquina que aparece na televisão em seguida. Conseguimos visualizar o pontinho e sorrimos alegremente, não é muito grande, mas nosso amor por ele é grande até demais.

— É tão pequeno — Lisa diz sorrindo.

— Os batimentos estão normais e fortes — a médica diz e depois mexe na máquina dando algumas informações sobre a minha gravidez.

O som de batimento cardíaco surge na sala e eu sinto meus olhos encherem de água rapidamente. Aperto a mão de Lisa, que está emocionada, assim como eu, e me inclino beijando a costa da sua mão, vendo-a limpar a lágrima que desce pela sua bochecha. Sorrimos com o barulho alto e rápido do coração batendo. O coração que é resultado do amor que temos um pelo outro e agora será parte de nós para sempre.

Minha vida não pode ficar melhor.

Horas depois...

— Lisa! Esse já é o terceiro — digo com a voz preocupada e ela me ignora mordendo outro pedaço do croissant.

— Dylan, eu estou com fome — diz irritada.

Estamos em uma cafeteria perto da empresa e eu a assisto devorar metade dela. Todos os funcionários daqui falam com ela como se fossem amigos de anos e eu rápido me lembrei que ela devia tomar café aqui todos os dias com o cartão ilimitado de Starbucks que dei a ela.

— Quando você não estava grávida, já comia suficiente para um batalhão, imagina agora que está — comento.

Ela larga o croissant e faz uma expressão irritada na minha direção.

— Então você achava que eu comia demais? Por um batalhão, pelo visto.

— Não exatam...

— O quê? Vai me dizer agora que está me achando gorda?

— O quê? Não, não é nada disso... porra, Lisa, você está chorando? — Inclino-me para frente, afagando suas costas. Ela pisca várias vezes com os olhos cheios de lágrimas antes de jogar o cabelo para trás e depois ficar... normal, como se nada tivesse acontecido! Confuso, eu me afasto e cruzo os braços quando ela volta a comer normalmente.

— Que porra foi essa?! — pergunto e ela dá um sorrisinho culpado.

— Desculpe, estou muito emotiva. — Ela me agrada com os dedos no meu rosto e eu a olho por canto de olho.

— Certo...

Lisa abre um sorriso e olha para o seu copo de suco dando alguns goles. Sinto meu celular vibrar dentro do bolso e o tiro de lá vendo o nome do meu detetive na tela. Suspiro antes de atender.

— Venturelli.

— *Eu tenho notícias sobre Bob Davis que me pediu para atualizá-lo.*

— Diga-me.

— *Ele foi encontrado morto esta manhã na própria cela.*

— Motivo?

— *Hum... — Eduardo limpa a garganta. — Ele foi estuprado pelos detentos quando descobriram o que ele fez, fizeram pela madrugada e depois o mataram.*

Pisco algumas vezes olhando para Lisa, que está distraída, e respiro fundo antes de agradecer Eduardo pela informação. Desligo a chamada e vejo que seus olhos azuis estão em mim.

— O que houve? — pergunta.

Olho-a pensativo como se estivesse decidindo se deveria contar ou não. Quando ela insiste demais e começa a ficar nervosa, eu decido contar.

— É Bob.

Sua expressão muda drasticamente e por alguns segundos eu tenho que segurar sua mão para tranquilizá-la. Eu quase posso escutar seu coração batendo como um louco quando ela leva a outra mão até sua barriga, descansando-a ali.

— Baby... — Coloco minha mão sobre a dela. — Não é o que está pensando.

— O que tem ele?

— Ele foi encontrado morto na cela, os guardas o viram agora de manhã.

Eu sei que é quase impossível para ela conter o suspiro aliviado que a domina completamente. A expressão dela vai se suavizando antes dela fechar os olhos e se inclinar para frente me abraçando. Abraça-a de volta, beijando seu ombro, e sussurro que está tudo bem.

— Ele nunca mais voltará, eu prometo.

— Eu sei, eu só estou aliviada. — Ela me encara pondo as mãos na barriga. — Por ele... pelo bebê.

— Estamos bem. — digo, com um sorriso antes de beijá-la carinhosamente nos lábios.

— Fique comigo — ela sussurra o pedido.

— Vamos para casa.

Lisa entrelaça meus dedos nos seus e saímos da cafeteria sorridentes com o sol de Nova York batendo em nossos rostos.

Lisa Morris

Sinto braços me apertarem e sorrio de lado extremamente feliz. Abro os olhos devagar, sentindo uma respiração no meu pescoço, e me viro para encarar Dylan, que está com os olhos fechados. Mexo em alguns fios do seu cabelo e traço um caminho com meus dedos até o seu queixo.

Ele se remexe um pouco antes de abrir os olhos e sorrir para mim com o sorriso de molhar calcinhas. Oh, Deus.

— Bom dia — sussurro.

Ele passa a mão no meu cabelo e beija a minha testa.

— Bom dia, querida.

Sorrio e me aninho no seu peito enquanto ele mexe no meu cabelo. Eu estou ótima e aproveitando o momento com o meu noivo, que daqui algumas horas será meu marido, quando eu vejo uma cabeça loira adentrar o quarto, mas infelizmente não é da Lady Gaga que eu estou falando.

Adam entra no quarto sorridente e eu agradeço a Deus por Dylan e eu não estarmos fazendo nada sexual agora.

— Está limpo — ele grita e alguns segundos depois Peter e Nate entram no quarto com um pacotinho de confete.

— Ei! E aí? Preparados para aguentar a cara um do outro nos próximos anos? — Peter pergunta jogando um pouco de confete para cima.

— Você vai limpar isso aí — Dylan adverte.

— Casamento... cruzes. — Nate faz uma careta e depois sorri sem graça. — Digo, estou feliz por vocês, muito.

Dylan revira os olhos e eu rio baixinho, deslizando minha mão pela barriga e dando bom dia ao bebê.

— Já estou com tudo que você precisa, maninho — Tinker fala.

— O que vocês estão fazendo aqui mesmo? — Dylan pergunta.

— Viemos pegar você, é o dia do seu casamento, você não se lembra? — Adam pergunta com a mão na cintura.

— É a idade — Peter diz e Adam concorda.

— Está falando do que, seu idiota? Você é mais velho que eu — Dylan retruca.

— Só três anos. — Peter caminha até ele e dá um tapa na sua testa. — Levanta, Batgirl.

— Peter Pan está certo — Nate diz e Adam cai na gargalhada com a careta de Peter. Ótimo, mais um apelido. — Você tem que se levantar.

Dylan suspira e me olha suplicante. Sento-me na cama, amarrando meu cabelo em um coque. Ele e eu não tivemos despedida de solteiro, eu estava mais a fim de comer um pouco e fazer sexo à beça, então eu acho que essa foi a despedida de solteiro ideal para Dylan, que concordou em fazermos uma festa apenas para nós dois.

Olho no relógio e já são nove da manhã. Ainda bem que as meninas não chegaram, se elas me vissem dormindo...

— Mucuraaa!

Olho para Dylan suplicante ao ouvir a voz alta de Emily e ele dá de ombros sorrindo. Idiota vingativo.

Por incrível que pareça, Rubi entra primeiro no quarto e vem sorrindo, mas, assim que vê todos nós, ela para de sorrir.

— Emily, ele ainda está aqui — ela grita para a minha amiga, que parece estar na escada.

— O quê? Por quê?

— Eu moro aqui, lembra? — Dylan grita e eu tenho certeza de que ela revira os olhos.

— Minha nossa! — Ouço a voz surpresa de Susie.
— Essa escada tem diamante? DIAMANTES?!

Não são diamantes, só para deixar claro.

— Peter e Adam também estão aqui — Rubi grita novamente.

— Ah, está de sacanagem? — Emily finalmente aparece na porta e com ela vem Susie com um gorro na cabeça e olhos arregalados por causa dos detalhes do apartamento.

— Certo. Dylan, fecha os olhos e vocês três não o deixem abrir — Emy pede a eles.

— Ah, claro, como vamos impedir isso? — Peter pergunta.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Seu vestido está aqui fora. — Emy aponta com a cabeça para a porta.

— Fecha os olhos — digo olhando para Dylan.

— É sério? Baby, isso é só...

— Fecha logo! — eles gritam e eu também.

Dylan fecha os olhos e eu coloco minhas mãos sobre eles. Rubi e Susie ajudam Emy a passar com o vestido branco para o banheiro, trancando a porta em seguida. Tiro minhas mãos dos seus olhos e Adam faz um sinal com o dedo o chamando.

Dylan olha para mim.

— Te espero no altar.

— Vou estar de branco — sussurro perto dos seus lábios. — E com uma miniatura sua na barriga.

Ele ri e me dá um beijo suave antes de descer o rosto para minha barriga, onde alisa levemente.

— Até depois, cuide da mamãe.

Ele se levanta me deixando com um sorriso apaixonado no rosto e a gangue sai porta a fora, deixando as meninas, que se jogam na cama animadas.

— Preparada? — Emy me pergunta.

Sorriso antes de responder.

— Não vejo a hora.

CAPÍTULO 39

Lisa Morris

“Eu sinto nossas almas queimando quando eu estou dentro de você e eu vou deixar uma marca, só para lembrá-la, o seu lugar”

— Cadê os sapatos? — Emy pergunta irritada.

Depois que os meninos saíram, eu tomei um banho de banheira que Rubi preparou para mim com rosas com sabonetes perfumados e bolhas, eu adorei! Faço minha refeição da manhã com tudo que eu tenho direito e agradeço à Susie, que tinha preparado, fazendo-me sentir mil vezes melhor. Emy dá alguns retoques no vestido enquanto eu tomo banho e Rubi está encarregada de falar com os três maquiadores e os cabeleireiros que haviam chegado algum tempo depois.

Depois de horas fazendo minha maquiagem e mais uns bons minutos fazendo meu cabelo, eu estou quase pronta, só falta colocar o vestido e achar o sapato. As meninas também já estão prontas. Elas só precisam colocar os vestidos de madrinhas e *voilà*.

— Veja se está debaixo da cama. — Rubi olha para ela.

Emy fica de quatro no chão do quarto procurando pelo bendito sapato.

— Aqui!

Ela se levanta e coloca em cima da cama, andou até mim e pega nas minhas mãos.

— Vamos colocar o vestido! — diz animada.

Meu vestido é um sonho de princesa, eu fiquei encantado por ele desde o primeiro dia que eu o vi. O mesmo consiste com poucos detalhes rendados e com as costas não muito nuas, um decote muito bonito na parte da frente com o tecido que modela minha cintura e as mangas que caem sobre os meus dedos, deixando-o com um ar mais elegante.

— Me ajuda aqui, Susie — Emy a chama e ela corre até mim de uma forma desengonçada. As duas me ajudam a colocar o vestido branco e batem palmas depois que conseguem. Olho-me no espelho e levo a mão até à boca.

— Caralho — digo e as três gritam animadas.

— Você está deslumbrante — Rubi diz com as mãos na bochecha.

— Porra, eu sou incrível — Emily diz balançando a cabeça, olhando para o vestido e depois nos meus olhos. Ela limpa a garganta e nega antes de apontar para mim. — Você é incrível.

— Obrigada por desenhá-lo para mim — digo e ela pisca antes de jogar um beijo.

— Falta o véu, onde está? — Rubi pergunta revirando algumas caixas em cima da cama.

— Está naquela sacola ali — Emy aponta e Rubi vai até ela praticamente correndo. Não sei o que os dias de casamentos têm, mas parecem ter sempre a energia caótica e maravilhosa ao mesmo tempo, que eu estou adorando experimentar.

— Vamos colocar nela. — Susie pega da mão de Rubi e ajeita no meu cabelo de forma estratégica para ficar perfeito.

— Vocês são incríveis — digo.

— Sabemos disso — Rubi diz.

— Bom, vamos ficar ainda mais com os nossos vestidos de madrinhas. — Emy coloca as mãos na cintura enquanto as três me analisam.

— Estão esperando o quê? Vão se trocar — falo.

— Calma, temos tempo, ainda faltam... — Rubi diz olhando no relógio de pulso e depois olha para gente sorrindo. — Trinta minutos.

Nós quatro travamos no chão de olhos arregalados e eu acho que vejo duas quase se engasgando com a própria saliva

— Merda! — Emy xinga e elas correm para o banheiro, indo se preparar para o casamento. De longe eu vejo-as tirando dois vestidos da cor bege, que têm uma pequena fenda na perna esquerda e um decote favorável na parte da frente.

Pelo menos já estão maquiadas e com lindos peteados.

E mesmo assim elas demoram uns bons minutos para se trocar. Finalmente estamos todas prontas, elas estão lindas.

Pego o celular o ligo para Bryant dizendo que já estamos descendo.

— Dez minutos para chegar na igreja — Rubi avisa.

— Não acredito que vocês me atrasaram para o meu próprio casamento, preciso de novas amigas — digo andando rápido com elas pelo corredor do apartamento.

— Ei! — Susie reclama.

— Ah, qual é, só vamos nos atrasar um pouquinho — Emy diz e junta o indicador com o polegar deixando uma pequena distância visível.

— Esse pouquinho é suficiente para Dylan correr da igreja e vir até aqui — digo.

Ela revira os olhos e as três me ajudam com o vestido para descer as escadas. Chegamos no andar de baixo e caminhamos até a porta, mas eu sinto um cheiro delicioso que me faz parar na mesma hora e olhar para os lados. Jesus!

— Que cheiro é esse? — pergunto semelhante a um cachorro procurando um pedaço de bife.

— Temos que ir — Rubi diz quase me arrancando do chão e me levando no ombro.

— É cheiro de bolo — Susie diz, abanando a mão como se quisesse puxar o cheiro para o seu nariz. — Caramba, é gostoso.

— Onde? Onde tem bolo? — pergunto eufórica.

— É sério isso, Lisa? — Rubi pergunta, clicando no botão do elevador.

— Mucura, não temos tempo para isso — Emy diz.

— Emily, esse cheiro, só está me deixando com mais desejo. — Quase salivo.

— Depois do casamento você come bolo, tem um enorme esperando por você — ela diz.

Faço uma careta e entramos no elevador. Cruzo os braços em cima do peito e olho para elas, que estão ajeitando-me a todo momento para me deixar perfeita. Minha mente está no bolo.

— Eu só queria um pedaço — reclamo para mim mesma.

— Ok — Rubi diz, ignorando-me.

— Espero que meu filho não nasça com cara de bolo — digo e as três reviram os olhos, parecendo cogitar colocar o véu na minha boca para me fazer parar de falar.

O elevador chega no estacionamento e eu saio dele com elas caminhando ao meu lado. De longe, eu posso ver Bryant me encarando com um sorriso orgulhoso, que eu retribuo, igualmente sorrindo.

— Vamos — Emy diz.

Nessa hora, um homem muito lindo sai do elevador um pouco mais à frente do nosso, mas, no nosso caminho até o carro, ele parece ter saído de uma revista masculina e o melhor, o cheiro do bolo chega até

o meu nariz. Ele segura um pote de plástico com o bolo lá dentro! Céus, é o meu dia de sorte!

As três olham para ele encantadas e eu só encaro o bolo. Será que é de chocolate?

— Dizem que é pecado deixar uma grávida sem comer o que ela quer — digo olhando para o bolo na minha última tentativa de tê-lo. As minhas amigas parecem despertar.

— Quando foi que você ficou tão chata? — Emy pergunta, limpando a baba da boca.

Faço cara feia.

— Tudo bem, me esperem no carro — Rubi diz.

— Espera, o que você vai fazer? — Susie pergunta.

— Você quer mesmo aquele bolo? — ela me pergunta e rápido, eu confirmo.

— Diga para Bryant deixar o carro ligado, vejo vocês lá.

Entreolhamo-nos curiosas e eu apenas concordo, correndo para o carro com as meninas. Susie se senta no banco da frente e Emily abre a porta do carro para mim. Apenas dou o comando para Bryant deixar o carro ligado, enquanto Rubi ajeita o cabelo e o decote, caminhando quase que sensualmente na direção do cara do bolo.

Os vidros estão abaixados e eu posso ouvir minimamente a conversa.

— Olá, querido — Rubi diz e ele rápido olha para ela, deixando de mexer no guidom da sua moto. Ele a encarou dos pés à cabeça e dá um sorriso safado.

— Uau. — Ele levanta as sobrancelhas.

— Eu sei, mas veja, você já conheceu alguma grávida?

O rapaz franze o cenho.

— Bom, não? — ele responde.

— Que sortudo — ela resmunga e eu mostro meu dedo do meio para ela, que ignora se aproximando dele

mais um pouco, que parece recebê-la bem. — Eu preciso desse bolo.

Ele levanta uma sobrancelha como se estivesse em dúvida se tinha entendido ou não.

— O quê?

— Você é muito, muito gato e eu preciso desse bolo.

Vejo perfeitamente quando ela pega o pote da mão no homem e corre a passos largos até nós de uma forma que não dá para conter a risada. Abro a boca e Emy começa a rir histericamente com Susie. O homem está no mesmo lugar com a mão no ar, olhando-a com a boca aberta como se não acreditasse.

Rubi abre a porta e entra no carro igual uma bala.

— Dirige Bryant, dirige.

Bryant nos olha pelo retrovisor e sorri de lado ao dar partida no carro. Com um incentivo ao cantar pneus pelo estacionamento, rimos mais.

— Ei! — o rapaz grita.

— Desculpa, gatinho! — Rubi grita com a cabeça na janela e ele sorri para ela balançando a cabeça.

— Maluca! — ele grita, parecendo se divertir com ela.

Rimos novamente e Bryant sai do prédio a caminho no meu novo futuro. Rubi me entrega o bolo, que é de chocolate e tem um cheiro delicioso. Pego-o, agradecendo a ver o garfo lá dentro, tendo tudo planejado para ele ser meu.

— Eu não acredito que você fez isso! — Emy fala sorridente com a música da Selena Gomez, explodindo no carro e nos fazendo dançar. Susie pega o chapéu de Bryant, pondo-o na cabeça, e Rubi usa a mão como microfone cantando alguns trechos antes de responder.

— Madrinhas são para isso — ela diz, fazendo-nos cair na gargalhada.

Começo a comer o bolo e gemo com o gosto, que é divino. As três dançam animando o carro e eu posso ver o sorriso de Bryant pelo retrovisor, acho que ele até canta alguns trechos com a gente.

— Isso está ótimo. — Aponto para o bolo.

— Não vai deixar cair no seu vestido — Emy diz e eu concordo.

— Pelo menos seu filho não vai ter cara de bolo — Rubi diz.

— E qual seria a cara de um bolo? — Susie pergunta, olhando para nós três.

Olho para elas, que estão em silêncio formulando alguma resposta.

— Esquece — falamos ao mesmo tempo.

Depois de alguns minutos pelas ruas e eu terminar meu bolo limpando os dentes com o enxaguante bucal que Emy carrega na bolsinha, a voz de Bryant surge:

— Chegamos.

Olho para a igreja e respiro fundo. Chegou a hora de me casar.

Desço do carro com o coração palpitando bastante e caminhamos até à porta da igreja, sendo escoltadas por Bryant, que afasta alguns fotógrafos do caminho. Quando olho para as grandes portas fechadas, vejo Jon ali me esperando. Quase caio no choro, mas seguro firme.

Corro até ele, jogando-me em seus braços, e ele ri, alisando minhas costas. Jon me parabeniza e depois faz um carinho da minha barriga quase que inexistente.

— Você está linda. — Ele balança meu vestido. — Eu quero me casar com um desses.

Rimos juntos.

— Eu empresto o véu — sussurro e ele balança os ombros, fingindo animação, ele beija minhas bochechas

enquanto as meninas vão fazendo uma fila indiana para entrarem na igreja logo.

Pego o buquê de rosas vermelhas da mão de Jon quando ele me oferece. Eu escolhi essas rosas, porque eram as favoritas da minha mãe e pensei que, desse jeito, eu estaria mais perto dela de alguma maneira.

Eu sei que ela e meu pai estão me vendo de algum lugar, eu posso sentir.

O som da marcha nupcial é anunciado e as portas são abertas ao mesmo tempo para mim. Junto meu braço direito ao esquerdo de Jon, que sorri orgulhoso e me conduz pela igreja. Eu estou nervosa, meus dedos apertam o buquê e o clima parece estar muito quente. Levanto o olhar e vejo todos os nossos amigos e familiares de pé, encarando-me de volta.

Respiro fundo e desvio o olhar lentamente, caindo no dele de forma inevitável. Dylan está com um terno cinza claro e com uma pequena flor vermelha no bolso do paletó. Seu sorriso perfeito é direcionado a mim e é impossível não sorrir de volta, acalmando-me consideravelmente. Começo a andar em sua direção mais rápido e Jon tem que me acompanhar. Esqueço tudo que está à nossa volta. Quando estou próxima, percebo-o sussurrar um "você está foda". Repreendo-o com o olhar por estarmos em uma igreja e ele apenas ri.

Chego ao seu alcance e Jon acena para Dylan sorridente, pedindo para ele cuidar de mim. Ele acena antes de pegar na minha mão e me trazer para o seu lado no altar. Ficamos de frente um para o outro e eu não consigo parar de sorrir.

— Você sempre me surpreende — ele diz.

— Você fica bem de terno claro.

— Se eu estivesse usando o seu vestido, eu estaria bem também.

Faço uma cara de tédio e ele sorri antes de beijar minhas mãos carinhosamente.

O padre dá início ao casamento e nós viramos de frente para ele. O discurso matrimonial começa, mas eu não presto muita atenção no que ele diz, porque estou encarando meu futuro marido, que me encara sorridente.

Permito-me olhar para os lados segundos depois, então vejo Rubi, Emily e Susie ao meu lado e Adam, Peter e Nate ao lado de Dylan. Jon e Josh estão sentados nas primeiras fileiras sorridentes e acenando super empolgados. Vejo a família de Dylan no meio da igreja e aceno casualmente para todos que vieram de Chicago. A que chama mais atenção ali é Jane com o bebezinho no colo. É uma linda menina que puxou todos os traços do pai.

Dylan entrelaça nossos dedos e eu percebo que é a famosa fala do padre.

— Dylan Venturelli, é de livre e espontânea vontade que você aceita Lisa Morris como sua companheira em matrimônio?

Ele olha para mim antes de responder.

— Sim, eu aceito.

Sua mão direita aperta a minha em forma de conforto e carinho.

— Lisa Morris, é de livre e espontânea vontade que você aceita Dylan Venturelli como seu companheiro em matrimônio?

Respiro fundo e mordo o cantinho da boca antes de encher o peito para responder.

— Sim, eu aceito.

O padre acena, encarando-nos antes de sussurrar.

— Vocês mesmos fizeram os votos ou...

— Nós fizemos — Dylan diz e ele concorda.

— Agora os votos dos noivos.

Todos se ajeitam na igreja e eu agarro as mãos de Dylan nas minhas quando ficamos um de frente para o outro novamente. Eu começo.

— Dylan, eu nunca iria achar palavras corretas para te dizer agora, mas eu sei que eu não preciso delas para provar o quanto eu te amo. Apesar de não enxergar isso no início, eu entendi que você sempre foi o homem da minha vida, você me deu amor, alegria, risadas e situações que nenhuma outra pessoa no mundo me faria passar. E eu estou falando das coisas embaraçosas, Santo Deus!

Ele ri, encarando-me, e eu continuo.

— Mas, apesar disso, essa foi a nossa história e eu estou tão orgulhosa de nós dois, nós evoluímos juntos e passamos por coisas que nos tornaram grandiosos. Obrigada por estar ao meu lado, eu sei que você será um ótimo marido, *baby*.

Ele sorri, dando-me aquele olhar de bobo apaixonado que eu adoro.

— Eu prometo te amar até o fim dos nossos dias e ser sua para toda a eternidade, meu... arrogante gostoso — sussurro a última parte e ele sorri abertamente enquanto o padre arregala os olhos com o apelido.

Dylan passa o dedo pela minha bochecha e começa a falar.

— Lisa, não tem nenhum outro lugar do mundo em que eu queria estar a não ser aqui, me casando com você. Todos os dias quando eu acordo eu agradeço por ter feito aquele acordo idiota — ele diz e o padre balança a cabeça. Tadinho.

— Quando você concordou com aquilo, eu realmente pensei que não mudaria nada na minha vida, mas você... caramba, você a mudou para sempre me fazendo enxergar que eu sempre fui apaixonado por você, seus olhos, seu sorriso e até seu ato de nervosismo.

Ri baixo, negando, e ele balança a cabeça, concordando antes de suspirar.

— Quero que as pessoas saibam que eu sou o maior magnata de Nova York porque eu tenho a pessoa mais incrível ao meu lado, você é o meu braço direito, e eu quero ser lembrado todos os dias, mas quero ser lembrado com você.

Isso atingiu meu coração em cheio.

— Só você poderia despertar algo em mim que eu nunca senti na vida, só você poderia olhar no fundo dos meus olhos e mentir sobre comprar um potinho para as suas chaves — ele diz e eu solto uma gargalhada alta na igreja. Ponho a mão na boca sabendo que quase ninguém ali está nos entendendo, mas estão sorrindo. — E é por isso que eu amo você, sua autenticidade e o péssimo domínio na mentira fizeram-me cair aos seus pés. Eu amo você, *baby*.

Eu quero me jogar nele agora, mas me contenho.

— A troca de alianças — o padre diz.

Nate vem até nós com uma caixinha de veludo azul e entrega a Dylan.

— Lisa, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha esposa e minha melhor amiga. Receba-a e saiba que eu te amo. — Dylan coloca a aliança no meu dedo anelar da mão esquerda.

Fiz o mesmo procedimento com ele segundos depois.

— É com grande alegria que vos declaro casados.
— O padre encara Dylan. — Pode beijar a noiva.

Dylan acena sorridente e se aproxima de mim. Ele coloca suas mãos no meu rosto e beija minha testa primeiro e depois olha nos meus olhos.

— Bem-vinda ao nosso futuro, senhora Venturelli.

Sorrio na sua direção e seus lábios tocam os meus suavemente depois da frase que me arrepiava por inteira. Ouço as palmas ao nosso redor e alguns gritinhos de Emy.

Separamo-nos depois que ele faz uma pose dramática, inclinando-me para baixo no beijo que sela nosso casamento. Olhamos para trás vendo os convidados aplaudindo de pé.

Dylan me encara e sorri divertido.

Eu estou casada com o meu babaca de terno!

—

— Aos noivos! — A voz de Rubi ecoa no salão de festas. Todos viram as taças de champanhe e eu viro a minha de suco de laranja.

— Me concede essa dança, senhora Venturelli? — Olho para ele, que estende a mão para mim.

Sorri para meu *marido*.

— Você vai me chamar assim até quando? — pergunto sorridente.

— Até à lua de mel. — Ele se aproxima para sussurrar no meu ouvido. — Porque a única que vai gritar meu nome, vai ser você, meu amor.

Semicerro os olhos e ele sorri lascivo.

Dylan agarra minha mão e vamos até o centro do salão onde outros casais também dançam. Sua mão direita agarra minha cintura e a sua esquerda se junta à minha. Dançamos devagar e eu coloco minha cabeça no seu peito, absorvendo o cheiro maravilhoso que vem dele. Suas mãos alisam minhas costas enquanto eu brinco com a flor vermelha no seu terno.

— Eu me sinto tão feliz, nunca pensei que me sentiria assim de novo — sussurro e ele beija o topo da minha cabeça.

— Você merece tudo, eu darei o que estiver ao meu alcance.

Ajeito-me para encará-lo, colocando meus braços em volta do seu pescoço.

— Preparada para a lua de mel? — ele pergunta.

— Para onde vamos?

— Itália será nossa primeira parada.

— Primeira parada? E depois disso?

— Não sei, você pode escolher.

— Que perigoso! — digo e ele ri baixo, subindo as mãos pelas minhas costas.

Continuamos dançando e sorrindo para os convidados que nos felicitam. Depois de alguns minutos, eu me sinto cansada e com fome.

— Estou com fome — digo a Dylan.

— Vamos comer algo. — Caminhamos até uma mesa onde tem variados doces e petiscos de casamento. São a melhor parte de festas, com toda certeza!

Como bastante enquanto Dylan conversa com algumas pessoas. De longe, vejo Rubi, Emy e Susie se aproximando.

— E aí, Mucura?

— Olá, meninas e ladra de bolo. — Semicerro os olhos para Rubi, que aperta os lábios.

— Está se sentindo bem? — Susie me pergunta.

— Estou ótima, só um pouco cansada.

Sorrio para tranquilizá-las, o que parece não ter funcionado.

— O carro está aí fora caso vocês queiram ir embora, nós três damos tomamos conta daqui.

Rubi alisa meu braço e eu sorrio agradecida.

— É, mucura, você está grávida e precisa descansar sempre que pode.

— Relaxem, estou grávida, não doente. Além do mais, eu ainda quero bolo.

Elas se olham e reviram os olhos depois.

— Quanto tempo ficará fora para a lua de mel? Só para eu não morrer de saudades. — Emily me encara.

— Um mês — respondo, fazendo Emy arregalar os olhos.

— Um mês? Quando eu me casar, quero uma lua de mel com tanto tempo assim — ela diz.

— Pelo que eu entendi, não vamos ficar em um lugar só — digo.

Elas sorriem com os olhos semicerrados, olhando uma para as outras.

— Bom, só traga meu sobrinho de volta — Emy diz, alisando minha barriga.

— Uau, não vejo a hora de saber o sexo — Susie vibrou ao meu lado.

— Sim, mas isso ficará para outra história. — Pisco antes de olhar para Rubi, que franze o cenho ao ver Adam se aproximando de nós.

— E aí, meninas? — ele cumprimenta e para ao lado de Rubi com um sorriso enorme. — Princesa!

— Não me chame assim — ela ordena, fazendo-o sorrir ainda mais.

Dylan chega, parando ao meu lado e me dando um beijo na bochecha, e eu olho para trás, vendo o resto da gangue se aproximando.

— Foi tudo tão lindo! — Peter bate palmas e Nate para ao lado dele, concordando.

— É verdade, eu acho que vi você chorando metade da cerimônia — Nate diz e Peter nega.

— Eu não choro — ele se gaba.

— Sério? E aquela vez que você perdeu uma aposta e teve que usar cueca com cola na praia — Adam diz e Peter trava o maxilar irritado. — Posso jurar que vi você lacrimejando enquanto tentava tirar areia da bun...

— Você jurou nunca tocar nesse assunto, Tinker Bell traidora! — Peter aponta para ele, fazendo os meninos rirem nostálgicos. Às vezes, tenho a impressão de que esses quatro têm as histórias mais absurdas escondidas entre eles.

— Bom, já que vocês estão aqui. — Dylan aponta para Adam e Rubi. — Por favor, não se matem na

empresa enquanto eu estiver fora, tudo bem? É pouco tempo.

— Do que você está falando? Nos damos bem — Adam diz e Rubi se engasga com uma risada antes de pôr a mão na boca.

— Super sutil — ele debocha e ela revira os olhos.

— Enquanto isso... Nate ficará com você — Dylan diz para Rubi, que agradece com as mãos para cima.

— Melhor notícia que recebi hoje. — Ela faz um coração com a mão.

— É pouco tempo, logo a Tinker Bell é toda sua — Dylan diz e ela para de sorrir, colocando uma expressão desanimada no rosto.

— Você vai amar! — Adam faz um coração com a mão para ela.

— Por que vocês não se gostam? — Nate pergunta e eles dois travam o maxilar na mesma hora.

— Porque ele é um babaca!

— E ela uma mimada que o papai protege de tudo.

— Falei com a sua mãe ontem e ela me disse a mesma coisa de você — Rubi diz com um sorriso provocador e Adam bufa indo na direção dela, mas Peter o puxar de volta pelo braço.

— Isso vai ser ótimo! — Emily vibra, encarando os dois.

— Obrigado por me dar mais tempo longe dela, é por isso que eu te amo, Dylan — Adam fala.

— Imbecil — Rubi sussurra e eu dou uma risada baixa. Não faço ideia do porquê desses dois se odiarem tanto, mas acho que não vai demorar muito para isso se transformar em algo mais forte do que ódio. Além do mais, o amor caminha de mãos dadas com ele, não é? Dylan me mostrou isso aos pouquinhos.

— Que tal cortamos o bolo? — Susie diz e todos concordamos.

Adam e Rubi saem se encarando com um olhar mortal e os demais seguem para lugares opostos. Dylan e eu cortamos o bolo e muitas fotos são tiradas na hora. A festa segue normalmente e já quase no final chega a hora de jogar o buquê. As mulheres fazem uma roda no meio do salão enquanto eu me preparo para jogá-lo. Rubi, Emy e Susie estão em uma parte distante e eu planejo jogar nelas propositalmente. Depois da contagem do três e eu tê-las enganado fingindo que jogaria, finalmente o faço.

O buquê de rosas vermelhas cai na mão de Rubi, que rápido passa para Emy, que o joga, caindo na mão de Susie, que acaba jogando longe. É uma sequência incrível e eu juro que sinto um friozinho atrás da nuca. Olho para elas com uma sobrancelha erguida, que apenas dão de ombros, gritando um: “Deus me livre”.

Desço do pequeno palco e ando até o centro, procurando por Dylan. Ele está conversando com alguns homens de terno e cada movimento seu parece ser em câmera lenta. Suas mãos se movem calmamente e seu sorriso perfeito está à mostra. Seus olhos verdes brilhantes, que estão focados no homem, logo se direcionam a mim como um ímã.

Ele para de conversar com eles, pedindo licença, e sai de lá andando até mim, ainda sorrindo.

Eu o amo tanto, que tudo o que ele faz é hipnotizante para mim, eu acho que nunca vou me cansar desse homem. Definitivamente, sinto-me feliz ao lado dele e não existe outro lugar no mundo em que eu estaria agora a não ser aqui, nesse salão, vestida de noiva e assistindo sua caminhada para mim.

Sou a secretária eficiente e ele o chefe mulherengo que tinha tudo para dar errado, mas, graças a um acordo de casamento, tudo deu certo no final. Se

você me perguntasse se valeu a pena, eu diria sim, que faria tudo de novo e mais uma vez. Eu nunca me cansaria de me apaixonar por ele e o ver comer bolinhos de frutas no café da manhã.

Meu coração pertence a Dylan Venturelli e às vezes, parece pequeno demais para todo o amor que sinto por ele. Nunca pensei que pudesse amar alguém tanto quanto eu o amo, mas a vida é repleta de surpresas.

E hoje eu percebo que ter feito um acordo com um babaca foi a melhor decisão que eu tomei, porque eu não sei se conseguiria continuar sem ele.

Não me arrependo de ter experimentado o amor verdadeiro.

EPÍLOGO

Assusto-me ao sentir o toque no meu pulso e a minha mão esquerda ser posta na frente do meu rosto. Pisco olhando para Dylan, que está sorridente.

— Sabe o que é isso? — ele pergunta e eu olho para os meus dedos

— Unhas?

— Não, você está casada comigo!

— Oh, eu sinto muito por mim, então.

Ele faz uma expressão de tédio e eu rio antes de beijar meu anel de casamento, que chama atenção dos astronautas. Acho que até recebi uma mensagem de marte enquanto dormia no avião a caminho daqui.

Estamos na Itália! Em Roma, mais especificamente. Eu estou descobrindo como é a cidade natal do meu querido marido, que faz questão de me apresentar por onde passa. Vamos à mansão dos Venturelli e eu conheço alguns parentes, que obviamente falam em italiano. Eu só balanço a cabeça, fingindo entender. Passamos por restaurantes famosos e eu me acabo em todo espaguete ou pizza que eu vejo na minha frente.

Faz três dias desde que saímos da nossa festa de casamento e viemos para a cidade eterna. Hoje é o dia de conhecer alguns pontos turísticos. Estamos no Coliseu admirando a belíssima vista com um *gelato* delicioso de

baunilha, enquanto Dylan Venturelli comemora que estamos casados.

— Eu tenho uma também. — Ele me mostra a aliança no seu dedo e eu me aproximo, beijando em cima. É nítido o quanto ele está feliz.

— Isso é bom, prometa nunca a tirar.

— Ela durará para sempre, se depender de mim. — Ele beija no canto da minha boca. — A não ser que eu engorde e ela fique apertada demais, aí eu tiro sem pensar duas vezes.

Rio baixo, beijando seus lábios, e ele geme ao sentir o gosto do *gelato* na minha boca.

— Qual a próxima parada? — pergunto.

Ele me encara.

— *Vamos à Fontana di Trevi.*

Quase tenho um orgasmo quando ele termina a frase.

— Piazza Navona — ele diz, vendo-me engolir em seco antes de sorrir de lado. Por que sotaques são tão... gostosos?

— Ok, pare. — Balanço a mão. — Vamos para os museus do Vaticano.

— Certeza? Podemos voltar para a casa que comprei para você e... — Ele beija minha bochecha, arrastando os lábios até os meus. — Colocar você sentada no meu colo... — Aperto meus dedos no cone do *gelato* que eu seguro. — E sussurrar as coisas que eu pretendo fazer antes de fazer, minha querida esposa.

Encaro-lhe quase que lentamente e reprimo a vontade de passar a língua nos lábios secos. Dylan analisa meu rosto com o nariz no meu e eu acho que o *gelato* está derretendo o suficiente para ele cair no chão como se não fosse nada. Vou compará-lo às minhas pernas agora.

— Eu... — começo.

— Você...

Sinto os dedos subindo pelo meu braço até à minha nuca.

— Vaticano — digo e ele dá um sorrisinho de tirar os nervos.

— Como você quiser, baby.

Merda, isso não vai acabar bem.

Cerca de minutos ou horas, eu não tenho certeza, nós estávamos dentro do museu histórico do vaticano, contemplando as melhores artes do mundo, enquanto um guia leva um pequeno círculo de dez pessoas por toda aquela glória dos séculos passados. Dylan está na minha frente olhando para o teto revestido em alguma pintura, que eu tenho certeza de que ele conhece, mas reage estar vendo tudo pela primeira vez como se isso fosse deixar minha experiência mais animada.

Ele coloca as mãos dentro da calça jeans e para de andar, fazendo-me parar instantaneamente, deixando o círculo de pessoas se afastarem. Ele aprecia o lugar com um sorriso pequeno e eu apenas o aprecio com esse sobretudo preto. Céus, por que estou sentindo esse incômodo no meio das pernas?

Ele atçou você.

Posso escutar a voz na minha cabeça e levanto uma sobrancelha, concordando com ela. Quem diria que todo o papo de pontos turísticos e o sotaque italiano me faria derreter como o *gelato*? Sorrio de lado antes de passar por trás de Dylan, com os dedos fazendo uma trilha de um ombro para o outro, pegando sua atenção enquanto eu caminho graciosamente para um lugar mais afastado. Ele meneia a cabeça curioso e eu levanto uma mão, chamando-o com o dedo para me seguir.

Acho que nunca o vi sorrir tanto.

Seus passos são apressados na minha direção e eu desvio das poucas pessoas ali até passar pela porta que me leva para uma sala vazia e mal iluminada. Deixo

a porta entreaberta para deixar um único fleche de luz entrar e o assisto se aproximando e abrindo a porta mais um pouco até entrar. Não espero muito para puxá-lo pela lapela do sobretudo até colar o seu corpo no meu.

Ele sorri ao ver o meu rosto e eu olho para os seus lábios antes de atacá-los com ferocidade. Dylan coloca a mão livre no meu rosto e me beija de volta, esfregando-se em mim naquela parede que está fazendo um ótimo trabalho em me apoiar. Ele suspira quando eu aperto seu cabelo e logo depois, suas mãos estão apertando minhas coxas por baixo do vestido verde e branco que eu estou usando.

Sua respiração se une à minha antes dele morder meu pescoço e eu soltar uma risadinha ao perceber as mãos batendo na minha bunda depois de beliscá-la. Sorrio com o rosto no seu pescoço e nos encaramos ofegantes depois de uma mini sessão de amassos.

Apoio minha cabeça na parede e ele beija meu queixo.

— Eu comprei uma coisa — ele sussurra.

— O quê?

Dylan leva a mão para o bolso do sobretudo e tira de lá algo embrulhado com uma fita vermelha. Ele coloca no meio de nós dois e eu o pego curiosa. Ainda olho nos olhos verdes antes de desfazer a fita e puxar o pequeno laço para cima. Viro o saquinho de cabeça para baixo e sinto algo macio encostar na minha mão. Tiro o saquinho, dando-o ao Dylan, e abro a boca com o que vejo.

— Dylan...

Olho para ele, que está sorrindo de lado.

— É lindo — elogio o sapato branquinho de algodão, que cabe perfeitamente na minha palma de tão pequeno que é.

— É o primeiro sapatinho — ele diz e eu trago o objeto até o nariz, inalando o cheiro gostoso de bebê.

— Ai, meu Deus. — Sinto uma onda grande de emoção e faço uma expressão de choro. Que droga!

— Não, não chore. — Ele balança a cabeça. — Não comprei para você chorar.

— É tão pequenininho! — Jogo a cabeça para trás, rolando em lágrimas e lhe ignorando.

— Jesus. — Ele coloca as mãos ao lado do meu rosto. — Não chore, baby. Fique excitada de novo.

Ele beija meu pescoço, descendo os lábios até o meu peito, e eu só olho para o sapato, até ele chegar nos meus seios e morder os bicos, fazendo-me gemer baixinho. Coloco os braços nas suas costas e olho para cima ao sentir a respiração quente subir do meu peito até o pescoço. Dylan me olha nos olhos e beija onde as lágrimas descem. Ele ri para mim e eu rio de volta.

— Vamos embora? — pergunto.

— Para onde quer ir agora?

— Eu não me importo — respondo. — Eu iria até o fim do mundo com você.

Dylan me olha com tanto carinho, que é impossível não retribuir o olhar. Ele me beija e depois me abraça, levantando-me do chão.

— Eu amo você — falo.

Ele me olha antes de responder:

— Para sempre.

AGRADECIMENTOS

Este é o meu primeiro livro, foi ele quem me fez mergulhar no mundo literário, e sou grata por isso.

Também sou grata à minha persistência e às boas vozes na minha cabeça, que me ajudavam a matar as ruins nos momentos de comparação.

Sou grata ao que o livro me deu, leitores de todo lugar do Brasil e até mesmo do exterior.

Sou grata à minha equipe editorial, que fez de tudo e mais um pouco para atender meus pedidos e me incluir nisto com carinho.

Obrigada aos leitores do Wattpad, vocês são meus maiores incentivadores.

Acompanhe-nos em nossas redes sociais:

Instagram: @frutoproibidoeditora

Site: www.editorafrutoproibido.com
